

v.12 jul-dez
n. 24 2024
issn 2318-3888

dossiê

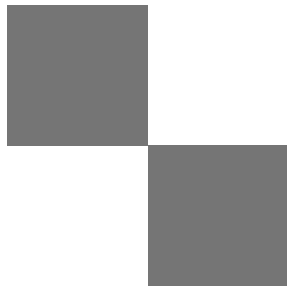
futebol
perspectivas
antropológicas
e sociais



Ambivalências

revista de antropologia do ppga-ufrs

v.12 jul-dez
n.24 2024
issn 2318-3888



Ambivalências

revista de antropologia do ppga-ufs

Programa de Pós-Graduação em Antropologia
Universidade Federal de Sergipe



Ambivalências © 2024 | Programa de Pós-Graduação em Antropologia – PPGA

Universidade Federal de Sergipe

Prédio da Didática II, Sala 104

Av. Marcelo Deda Chagas, s/n, Bairro Rosa Elze

CEP 49107-230 – São Cristóvão/SE

Secretaria PPGA: (79) 3194-6840 | E-mail: revista.ambivalencias@gmail.com

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE – UFS

Reitor: Valter Joviniano de Santana Filho

Vice-Reitor: Rosalvo Ferreira Santos

Pró-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa: Lucindo José Quintans Junior

Programa de Pós-Graduação em Antropologia

Coordenador: Frank Nilton Marcon

Coordenadora Adjunta: Patrícia Rosalba Salvador Moura Costa

CONSELHO EDITORIAL

Eliane Sebeika Rapchan – *Universidade Estadual de Maringá, Brasil*

Ernesto Seidl – *Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil*

Francisca Helena Marques – *Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil*

Frank Nilton Marcon – *Universidade Federal de Sergipe, Brasil*

Hippolyte Brice Sogbossi – *Universidade Federal de Sergipe, Brasil*

João Pacheco de Oliveira Filho – *MN/Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil*

Jorge Mpodozis Marin – *Universidad de Chile, Chile*

José Lindomar Albuquerque – *Universidade Federal de São Paulo, Brasil*

Laura Guimarães Corrêa – *Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil*

Laura Moutinho – *Universidade de São Paulo, Brasil*

Leonardo Leal Esteves – *Universidade Federal de Pernambuco, Brasil*

Lívia de Resende Cardoso – *Universidade Federal de Sergipe, Brasil*

Luciana de Oliveira Chianca – *Universidade Federal da Paraíba, Brasil*

Marcelo Alario Ennes – *Universidade Federal de Sergipe, Brasil*

Marcos Ribeiro de Melo – *Universidade Federal de Sergipe, Brasil*

Maria da Conceição Pereira Ramos – *Universidade do Porto, Portugal*

Maria Elena Collado Sánchez – *Antropólogos Iberoamericanos en red, Espanha*

Maria Helena Santana Cruz – *Universidade Federal de Sergipe, Brasil*

Maria Margarida Moura – *Universidade de São Paulo, Brasil*

Maria Rosário Gonçalves de Carvalho – *Universidade Federal da Bahia, Brasil*

Oswaldo Mario Serra Truzzi – *Universidade Federal de São Carlos, Brasil*

Paulo Sérgio da Costa Neves – *Universidade Federal do ABC, Brasil*

Pille Bunnell – *Royal Roads University, Canadá*

Raoni Valle – *Universidade Federal do Oeste do Pará, Brasil*

Rodrigo Constante Martins – *Universidade Federal de São Carlos, Brasil*

Rubén Gómez Soriano – *Universitat Autònoma de Barcelona, Espanha*

Sérgio Lopez – *State University of New York, EUA*

Silvina Ines Jensen – *Universidad Nacional del Sur, Argentina*

Sueli Siqueira – *Universidade Vale do Rio Doce, Brasil*

Susana de Matos Viegas – *Universidade de Lisboa, Portugal*

Tassiana Moura de Oliveira – *University at Albany, EUA*


Ulisses Neves Rafael – *Universidade Federal de Sergipe, Brasil*

Wilton Carlos Lima da Silva – *Universidade Estadual Paulista, Brasil*

Ambivalências © 2024 | PPGA-UFS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia, v. 12, n. 24, jul-dez 2024

Dossiê **Futebol: perspectivas antropológicas e sociais**

 <https://doi.org/10.21665/2318-3888>

EDITOR RESPONSÁVEL

Beto Vianna

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Julio Gomes de Siqueira

EDITORES ADJUNTOS

Ana Marinho

Eder Cláudio Malta Souza

Leonardo Leal Esteves

Ugo Maia Andrade

REVISÃO

Daniele Francisca Martins do Nascimento

REVISÃO/INGLÊS

Julia Vasconcelos Gonçalves

REVISÃO/ESPAÑHOL

Maria Caroline dos Santos Fonseca

EDITOR GERENTE

Allisson Gomes dos Santos Goes

Apoio:



Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia
Estudos do Futebol Brasileiro

FICHA CATALOGRÁFICA

A492 Ambivalências – Revista de Antropologia do PPGA-UFS, Universidade Federal de Sergipe – São Cristóvão-SE: PPGA/UFS [v. 12, n. 24, jul-dez 2024]. PDF. 9.969 KB; 371p.

Periódico Semestral
E-ISSN 2318-3888

1. Antropologia. 2. Ciências Sociais. I. Programa de Pós-Graduação em Antropologia. II. Universidade Federal de Sergipe. III. Título.

CDD: 301
CDU: 390

Os conceitos emitidos nos artigos são de absoluta e exclusiva responsabilidade dos respectivos autores, não exprimindo, portanto, o endosso do Conselho Editorial da revista Ambivalências.

Esta revista integra a Plataforma dos Periódicos Eletrônicos da UFS (<https://periodicos.ufs.br>).



Os trabalhos publicados pela Ambivalências são distribuídos sob os termos da licença **Creative Commons CC BY (Atribuição) 4.0 Internacional**.

BASES INDEXADORAS



7 | **Editorial**

9 | **Apresentação**

Dossiê Futebol: perspectivas antropológicas e sociais

Artigo

13 | **Abusos y violencias por motivos de género en el fútbol argentino:** claves para analizar la problemática desde las ciencias sociales
– *Julia Hang*

35 | **O “chefe para a vitória”:** narrativas sobre Paulo Machado de Carvalho em três jornais brasileiros durante a Copa de 1958
– *Filipe Fernandes Ribeiro Mostaro e Ronaldo Helal*

57 | **Categorias do torcer e participação feminina em uma torcida *chopp* carioca**
– *Ana Caroline Lessa*

71 | **¿Gol de los aztecas? Uso y representación de elementos arqueológicos en el fútbol mexicano moderno**
– *Alexis Fernando Oliveroz Osorio*

89 | **Vilania, futebol e representação:** análise de uma série de reportagens sobre violência e torcidas organizadas
– *Juliana Nascimento da Silva*

105 | **El árbitro como objeto de violencia y desahogo:** las problemáticas del fútbol base andaluz
– *Miguel Carretero Salazar*

123 | **“Mes que un club”:** o valor de uma celebridade futebolizada e as produtividades de sua dominação carismática nos campos ideológicos e de poder
– *Rodrigo Koch e Carlos José Rodrigues*

149 | **O povo é a alegria do futebol:** um olhar antropológico sobre cidadania e democracia em clubes brasileiros
– *Vinicius Teixeira Pinto*

173 | **Con el cuerpo y con el espíritu:** trayectorias deportivas de Maldonado en la era Tabárez
– *Diego Alsina e Bruno Mora*

197 | **Os racismos nas legislações das federações de futebol sul-americanas:** análise dos códigos de ética e regulamentos das primeiras divisões masculinas
– *Danilo da S. Ramos, Bernardo J. Gomes, André S. Gomes e Alysson dos A. Silva*

- 217 | **O futebol no Piauí:** práticas de sociabilidade nos estádios Albertão e Lindolfinho
– *Mariane da Silva Pisani e Marina de Mattos Dantas*
- 241 | **Contradições narrativas, tradições inventadas:** Clube do Povo x Clube de Elite na rivalidade Avaí x Figueirense em Florianópolis – SC
– *Vitor Henrique Tontini Steurer e Alexandre Fernandez Vaz*
- 265 | **Apontamentos sobre o preconceito com o futebol feminino no Brasil**
– *Geovana Silva Medeiros, Isabella Caroline Belem e Meire Aparecida Lôde-Nunes*
- 285 | **O preço de estar na vitrine do futebol brasileiro:** uma análise da Copinha sob a ótica do sacrifício
– *Laura Martins e Cristina Teixeira*
- 303 | **Futebol como questão social:** etnografia junto a coletivos LGBTQIA+ durante a pandemia
– *Wagner Xavier Camargo*
- 325 | **Da Lei Bosman ao *sportswashing*:** a racionalidade neoliberal no futebol global
– *Renan Augusto Carvalho e Pablo Emanuel Romero Almada*

Resenha

- 343 | **As fronteiras entre futebol e política nas ditaduras latino-americanas**
– *Luiza Brazuna, Pedro S. C. M. Milheiro e José Paulo Florenzano*

Entrevista

- 351 | **“O futebol coloca em pauta e dá visibilidade a temas importantes para o país”:**
conversa com Carmen Rial
– *Carmen Rial, Cristiano Mezzaroba e Daniel Machado da Conceição*



A *Ambivalências* chega à sua 24ª edição (e 12º aniversário), a segunda vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFS, com um fôlego apreciável. Superando todos os recordes do número anterior, recebemos, de 15 de maio a 15 de agosto deste ano, mais de 40 trabalhos, a maioria de ótima qualidade, 18 dos quais sobreviveram ao processo de avaliação e estão disponíveis, na presente edição, para as leitoras e leitores da revista.

Mas números não caem do céu. Tivemos a satisfação de contar com a parceria do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia - Estudos do Futebol Brasileiro (ou INCT-Futebol), que, através de seus representantes, apresentou a proposta e organizou o dossiê “Futebol: perspectivas antropológicas e sociais”. Os organizadores – Cristiano Mezzaroba, da UFS, Daniel Machado da Conceição, da UFSC, Antonio Jorge Soares, da UFRJ e Silvio Ricardo da Silva, da UFOP – fizeram um belo trabalho acionando sua rede de autores e pareceristas e, principalmente, mantendo uma comunicação permanente com a editoria da *Ambivalências*, o que garantiu celeridade e qualidade na seleção e avaliação dos textos.

Dado o volume inédito de trabalhos ligados às abordagens socioantropológicas do futebol, decidimos dedicar toda a edição ao dossiê, que conta com 16 artigos, uma resenha e uma entrevista, assinados por 34 pesquisadoras e pesquisadores de várias instituições do Brasil, Argentina, Uruguai, México, Espanha e Portugal. Uma edição genuinamente ibero-americana, em acidental homenagem aos boleiros daqui e d’além mar.

Outra conquista importante foi o número de pareceristas que se somaram, nesta edição, ao time da *Ambivalências*. Com a demanda sempre grande por pareceres, resolvemos usar as redes sociais para estender o convite, e a resposta surpreendeu. Ao lado do serviço prestado por nosso quadro de pareceristas, e pelos convidados do INCT-Futebol, contamos com a afluência de vários novos avaliadores, o que foi decisivo para aumentar a qualidade dos textos publicados.

Em meio a anunciadas mudanças no Qualis, e os desafios da crescente presença da IA na cadeia produtiva dos periódicos científicos (que fazem o plágio parecer brincadeira de criança), a revista vem se comportando bem, apostando, menos que nas inovações tecnológicas, na conversação constante entre editores, leitores, autores, diagramadores, pareceristas e revisores. É à dedicação da equipe técnica, à elaboração e envio de bons textos e à participação do público, que dirigimos nossos especiais agradecimentos. O trabalho em equipe e o incentivo (e a crítica) da torcida fazem, a cada jogo, a bola da revista rolar.

Aracaju e Recife, 15 de novembro de 2024

Beto Vianna e Leonardo Leal Esteves
Comissão Editorial



Dossiê Futebol: perspectivas antropológicas e sociais

Com a criação do INCT – Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Estudos do Futebol Brasileiro em 2023, as Ciências Humanas e Sociais passaram a contar com uma rede nacional capaz de mobilizar, aglutinar e reunir pesquisadores de diversas regiões e instituições do Brasil, com o objetivo de investigar o futebol brasileiro sob diferentes perspectivas interdisciplinares.

Este dossiê temático, articulado às linhas de pesquisa “Mídias, torcidas e movimentos antirracistas” e “Clubes, formação, carreira e migração de futebolistas”, teve como foco fortalecer a criação e a consolidação de redes de contato e ações integradas, abrangendo atividades de pesquisa, ensino e extensão. Ao explorar os múltiplos significados do futebol no Brasil, a iniciativa também buscou fomentar a interação e o estabelecimento de parcerias com instituições da sociedade civil vinculadas ao universo do futebol, abrangendo as diferentes regiões do país.

A chamada deste dossiê representou um marco para o INCT Futebol, ao evidenciar a abrangência da rede e a força das conexões consolidadas ao longo desse período. Idealizada em março de 2024, a proposta foi aceita pela revista *Ambivalências*, e, a partir de então, um trabalho intenso de organização e diálogo entre os editores e a equipe foi essencial para o resultado apresentado à comunidade acadêmica.

Como evidenciado na abordagem adotada, que inclui artigos empíricos, ensaios, resenhas e uma entrevista com Carmen Rial, Coordenadora Geral do INCT Estudos do Futebol Brasileiro, o futebol é abordado em suas múltiplas dimensões – antropológica, sociológica, pedagógica, econômica, midiática, entre outras. Esse dossiê contribui para uma compreensão mais ampla e profunda desse fenômeno que mobiliza diversos coletivos sociais e diferentes sociedades.

Amplamente presente e intensamente vivido no cotidiano brasileiro e em várias partes do mundo, o futebol configura-se como um terreno fértil para expectativas, pertencimentos, identidades, ideologias, interesses (econômicos, políticos, midiáticos etc.), comportamentos, controvérsias, associações e rupturas. O dossiê reúne uma rica variedade de abordagens sobre o tema, destacando sua multiplicidade de significados e impactos sociais.

Julia Hang analisa abusos e violências por motivos de gênero no futebol argentino, enquanto Alexis Fernando Oliveroz Osorio discute o uso de elementos arqueológicos no esporte mexicano em contextos de nacionalismo e globalização. Filipe Fernandes Ribeiro Mostaro e Ronaldo Helal investigam as narrativas sobre Paulo Machado de Carvalho na Copa de 1958, enquanto Juliana Nascimento da Silva examina a estigmatização das torcidas organizadas pela mídia. Miguel Carretero Salazar aborda as dinâmicas de violência no futebol de base andaluz, enquanto Ana Caroline Lessa analisa a participação feminina em torcidas organizadas do tipo “chopp”. Vinícius Teixeira Pinto reflete sobre os processos de elitização e arenização do futebol brasileiro pós-Copa de 2014, enquanto Rodrigo Koch e Carlos Rodrigues exploram o papel da celebridade no futebol contemporâneo.

Luiza Brazuna e coautores apresentam uma resenha de *Condor F.C.: o uso político do futebol nas ditaduras da América Latina* (Neme; Bellé, 2022), enquanto Danilo da Silva Ramos e sua equipe investigam o tratamento do racismo nas legislações das federações de futebol sul-americanas. Diego Alsina e Bruno Mora analisam as trajetórias de formação de jogadores no Uruguai, e Mariane da Silva Pisani e Marina de Mattos Dantas exploram as práticas de sociabilidade nos estádios do Piauí. Laura Martins e Cristina Teixeira investigam os desafios financeiros e logísticos enfrentados por equipes da Copa São Paulo de Futebol Júnior, enquanto Wagner Xavier Camargo realiza uma etnografia sobre coletivos LGBTQIA+ durante a pandemia.

Vitor Henrique Tontini Steurer e Alexandre Fernandez Vaz problematizam as narrativas históricas que contrapõem Avaí e Figueirense como “Clube de Elite” e “Clube do Povo”, respectivamente, enquanto Geovana Medeiros e coautores discutem os desafios históricos enfrentados pelo futebol feminino no Brasil. Renan Augusto Carvalho e Pablo Romero Almada analisam o impacto do neoliberalismo no futebol global, abordando a Lei Bosman e a prática do *sportswashing*. Por fim, Carmen Rial e colaboradores apresentam uma entrevista sobre o papel interdisciplinar e interinstitucional do INCT Estudos do Futebol Brasileiro.

Aproveitamos esta oportunidade para expressar nossos agradecimentos e parabenizar a cada pesquisador(a) que confiou em nosso trabalho e na chamada da *Ambivalências* – revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Nosso reconhecimento especial vai a Beto Vianna, que recentemente assumiu como editor responsável do periódico e aceitou, no início de 2024, a proposta deste dossiê. Seu apoio na condução dos trabalhos foi essencial para que, agora, possamos celebrar a finalização e publicação desta edição especial.

Por fim, esperamos que este seja apenas o primeiro de muitos dossiês a serem produzidos pelas diversas linhas de pesquisa do INCT Estudos do Futebol Brasileiro nos próximos anos. Nosso objetivo é continuar mobilizando a academia e a ciência bra-

sileira, bem como as variadas instituições sociais envolvidas com o universo do futebol, contribuindo para ampliar as compreensões sobre os significados, sentidos e práticas sociais que este fenômeno engloba. Acreditamos que o futebol nos ajuda a refletir sobre o nosso tempo, nosso modo de vida e nossa cultura, desempenhando um papel central na análise das dinâmicas contemporâneas.

Desejamos a todos uma leitura instigante e proveitosa!

Cristiano Mezzaroba – UFS/INCT/Bolsista PDE/CNPq

Daniel Machado da Conceição – NEPESC/UFSC/INCT

Antonio Jorge Soares – UFRJ/UFRN/INCT

Silvio Ricardo da Silva – UFOP/INCT



Abusos y violencias por motivos de género en el fútbol argentino: claves para analizar la problemática desde las ciencias sociales

Julia Hang¹  

Universidad Nacional de La Plata

Resumen

El presente artículo indaga en la relación entre abusos, fútbol y violencia por motivos de género en Argentina a partir de presentar una serie de claves para el abordaje de tales situaciones. Para ello se recuperan aportes que desde el campo de las ciencias sociales han problematizado tanto el fútbol como las violencias por motivos de género. Por tratarse de una problemática compleja y multicausal, no se procurará brindar explicaciones lineales ni recetas para el abordaje de la problemática, sino más bien presentar una serie de pistas para rodearla cuando se trate de analizar un caso en particular. El artículo repone en primer lugar el contexto en el cual la violencia por motivos de género se constituye en un problema público en Argentina. En segundo lugar, procura precisar los significados de la categoría violencia por motivos de género diferenciándola de otros tipos de violencias. En tercer lugar, se propone identificar algunos aspectos del campo del fútbol en Argentina y el modo en que se promueve una socialización masculina que valora ciertos aspectos de la masculinidad, los cuales son a su vez valiosos para aquellos jugadores que buscan vivir del fútbol profesionalmente. Cuarto, aborda el modo en que el crecimiento del fútbol femenino en Argentina en un contexto de avances de los feminismos implicó el cuestionamiento a violencias y desigualdades naturalizadas. Y finalmente, reflexiona sobre los espacios de género en los clubes argentinos y la importancia de los protocolos de acción institucionales para prevenir y abordar las violencias.

Palabras clave

Violencia por motivos de género. Fútbol. Abusos. Clubes.

1. Licenciada en Sociología y Doctora en ciencias sociales (Facultad de Humanidades y Ciencias de la educación, Universidad Nacional de La Plata). Investigadora de CONICET con lugar de trabajo en IdIHCS-UNLP.

Abuse and gender-based violence in Argentine football: keys to analyze the issue from social sciences perspective

Abstract: This article delves into the relationship between abuse, football, and gender-based violence in Argentina by presenting a series of keys that must be considered when addressing such situations. To do so, I will draw on contributions from the field of social sciences that have problematized both football and gender-based violence. Given the complexity and multifactorial nature of the issue, I will not attempt to provide linear explanations or solutions for addressing the problem. Instead, I will present a series of clues to navigate it when analyzing a particular case. The article firstly contextualizes the public emergence of gender-based violence in Argentina. Secondly, it seeks to clarify the meanings of the category of gender-based violence, differentiating it from other types of violence. Thirdly, it aims to identify some aspects of the football environment in Argentina and how it promotes a masculine socialization that values certain aspects of masculinity, which are also valuable for those players seeking a professional football career. Fourthly, it addresses how the growth of women's football in Argentina, within a context of feminist advances, has led to a questioning of normalized violence and inequalities. Finally, it reflects on gender spaces within Argentine clubs and the importance of institutional action protocols for preventing and addressing violence.

Keywords: Gender-based violence. Football. Abuse. Clubs.

Abusos e violências por motivos de gênero no futebol argentino: chaves para analisar a problemática a partir das ciências sociais

Resumo: Este artigo explora a relação entre abusos, futebol e violência por motivos de gênero na Argentina, apresentando uma série de chaves que devem ser consideradas ao lidar com tais situações. Para isso, se buscou contribuições do campo das ciências sociais que problematizaram tanto o futebol quanto a violência por motivos de gênero. Dada a complexidade e natureza multifatorial do problema, não foram fornecidas explicações lineares ou soluções para abordar tal problemática. Em vez disso, foram apresentadas uma série de pistas para navegar quando se analisa um caso específico. O artigo contextualiza primeiro a emergência pública da violência por motivos de gênero na Argentina. Em segundo lugar, busca esclarecer os significados da categoria de violência por motivos de gênero, diferenciando-a de outros tipos de violência. Em terceiro lugar, visa identificar alguns aspectos do ambiente do futebol na Argentina e como ele promove uma socialização masculina que valoriza certos aspectos da masculinidade, os quais também são valiosos para os jogadores que buscam uma carreira profissional no futebol. Em quarto lugar, aborda como o crescimento do futebol feminino na Argentina, dentro de um contexto de avanços feministas, levou a um questionamento da violência e das desigualdades normalizadas. Finalmente, reflete sobre os espaços de gênero nos clubes argentinos e a importância dos protocolos de ação institucionais para prevenir e lidar com a violência.

Palavras-chave: Violência por motivos de gênero. Futebol. Abusos. Clubes.

Introducción

En los últimos años en Argentina han tomado visibilidad una serie de hechos vinculados al mundo del fútbol² que nos invitan a prestar atención a la relación entre fútbol, abusos y violencias por motivos de género: jugadores de primera denunciados

2. Cuando hablamos de “mundo del fútbol” nos referimos al sentido que adquiere esta categoría en el debate público: todo lo que sucede en relación a diversos actores del fútbol masculino (jugadores, entrenadores y dirigentes), en relación al fútbol femenino (jugadoras) y personas vinculadas a los clubes en general (trabajadores/as, hinchas, socios/as).

por violencia de género y violencia sexual, jugadoras que denuncian a entrenadores por abusos, trabajadoras de clubes que declaran haber sufrido acoso por parte de otros trabajadores y casos de jugadores juveniles víctimas de abusos por parte de hombres adultos en la pensión de un club³. Se trata de casos que, si bien comparten ciertas características, también poseen particularidades que es preciso tener en cuenta para su análisis.

En este artículo presentaré una serie de claves para el abordaje de tales situaciones. Para ello recuperaré aportes que desde el campo de las ciencias sociales han problematizado tanto el fútbol como las violencias por motivos de género. Además, recuperaré algunas preguntas que han surgido en talleres y actividades llevadas adelante en el marco del Proyecto de Extensión de la Universidad Nacional de La Plata “Hacia Clubes Inclusivos”⁴, donde trabajamos por la prevención de las violencias con deportistas y dirigentes de clubes de La Plata, Berisso y Ensenada, como así también algunos interrogantes de periodistas que me han contactado para pensar el fenómeno. Por tratarse de una problemática compleja y multicausal, no procuraré brindar explicaciones lineales ni recetas para el abordaje de la problemática, sino más bien presentar una serie de pistas para rodearla cuando se trate de analizar un caso en particular.

1 ¿Hay más denuncias o hay más casos? La violencia de género como problema público

En marzo de 2024 cuatro jugadores de fútbol del club Atlético Vélez Sarsfield fueron denunciados por abuso sexual a una periodista. En esa fecha, se encontraba próximo el juicio por abuso sexual al ex entrenador del plantel femenino de fútbol de Boca Juniors, Jorge Martínez. Fui consultada sobre estos casos por un periodista que inició la transmisión de su programa relatando durante varios minutos una serie de casos de abusos y violencias en el ámbito deportivo, que enunciados, uno tras otro, impactaban. Entre ellos había situaciones de violencia sexual, otras de abuso de poder, otras de violencia física o simbólica, otras que pueden ser enmarcadas bajo la categoría violencias por motivos de género y otras que no.

“¿Hay más denuncias o hay más casos?” preguntó el periodista. Para responder esta pregunta, considero que el primer punto a tener en cuenta es el contexto en el cual el problema de las violencias por motivos de género aparece en la agenda pública y me-

3. Como en este artículo no ahondaré en los casos particulares evitaré poner referencias sobre los mismos salvo que lo requiera el análisis.

4. Para ampliar la información sobre el proyecto se puede consultar el sitio web de la Facultad: <https://www.fahce.unlp.edu.ar/facultad/secretarias-y-prosecretarias/extension/proyectos/programas/hacia-clubes-inclusivos-jugar-gestionar-entrenar-y-dirigir-con-perspectiva-degenero-para-erradicar-las-violencias>.

diática en Argentina. Según Natalucci y Messori (2023), entre 2015 y 2020 tiene lugar el ciclo de movilización feminista conocido como la “marea verde”. Durante esos años la violencia por motivos de género se constituye como problema público (Ingrassia, 2020) y se extiende masiva y transversalmente a toda la sociedad. Desde esta perspectiva la violencia machista o por motivos de género no es un problema nuevo, sino que logra un status de problema público, distinguiéndose de un problema privado o personal.

En las primeras décadas del siglo XXI han tenido lugar una serie de transformaciones a nivel social que dieron lugar a mayores derechos para las mujeres y las diversidades sexo genéricas. En Argentina se materializaron en leyes y normativas orientadas a garantizar una mayor igualdad entre los géneros, tales como la Ley de Educación Sexual Integral – ESI - (2006), Ley de matrimonio igualitario (2010), Ley de identidad de género (2012) y la Ley de Acceso a la Interrupción Voluntaria del Embarazo (2020). Al mismo tiempo, la sanción de la ley 26.485, de “Protección Integral para prevenir, sancionar y erradicar la violencia contra las mujeres en los ámbitos en que desarrollen sus relaciones interpersonales” en el año 2009 apuntaba a garantizar una creciente protección ante múltiples tipos de violencias que se manifiestan en diversos ámbitos: sexual, laboral, social, político, entre otros. De la mano de esta legislación, situaciones que anteriormente eran consideradas como “normales” y del ámbito privado, pasaron a ser abordadas bajo la noción de violencia, la cual se volvió el “significante amo para caracterizar acciones que reclaman ahora nuevos abordajes” (Trebisacce, 2018, p. 187). Para entender esta transformación, podemos ejemplificar con la mutación de la noción de “piropo”⁵ en “acoso callejero”: algunas investigaciones evidencian que lejos de ser halagos, estos constituyen un tipo de violencia que “se trata de un acto unidireccional, que utiliza el poder y la imposición para asegurar su aceptación, lo que produce malestar tanto psicológico como social, emocional, simbólico, y hasta físico” (Garrido *et al.*, 2017, p. 128). Esta transformación impactó en la mencionada ley 26.485, que en su modificatoria del año 2019 incorporó al acoso callejero como un tipo de violencia hacia las mujeres en el espacio público⁶.

Estas transformaciones, acompañadas por el pujante movimiento de mujeres y de los feminismos han conllevado a cambios culturales que tienden a desnaturalizar la dominación masculina en todos los ámbitos de la vida. A su vez, durante este período se extiende el cuestionamiento al patriarcado como sistema de dominación (Natalucci; Messori 2023). Además, la implementación de la ESI en el ámbito educativo, aun con sus resistencias, contribuyó a la visibilización y reconocimiento de múltiples violencias y desigualdades por motivos de género. En efecto, un estudio del Ministerio Público

5. Con este concepto referimos a los comentarios, silbidos o chistidos que las mujeres reciben en la vía pública.

6. <https://servicios.infoleg.gob.ar/infolegInternet/anexos/320000-324999/322870/norma.htm>.

Tutelar (MPT) de la Ciudad de Buenos Aires reveló que entre el 70 y el 80 por ciento de los niños, niñas y adolescentes de entre 12 y 14 años que pasaron por la Sala de Entrevistas Especializada del organismo pudieron comprender que fueron abusados después de recibir clases de ESI⁷. Esta ley, que establece el derecho de los estudiantes a recibir educación sexual integral tanto en las escuelas de gestión pública como privada, tiene como objetivos “asegurar la transmisión de conocimientos pertinentes, precisos, confiables y actualizados sobre los distintos aspectos involucrados en la educación sexual integral; promover actitudes responsables ante la sexualidad; prevenir los problemas relacionados con la salud en general y la salud sexual y reproductiva en particular y procurar igualdad de trato y oportunidades para varones y mujeres” (Barrena *et al.*, 2024, p. 8). Dentro de esta perspectiva, como así también en los debates masificados por los feminismos, el trabajo en torno a la noción del consentimiento, el que debe entenderse como acuerdo mutuo, voluntario, reversible y continuo, implicó la revisión de una multiplicidad de prácticas y fue central para desnaturalizar múltiples violencias y abusos.

En este contexto, el primer #NiUnaMenos, la gran movilización de mujeres que tuvo lugar el 3 de junio de 2015 para manifestarse en contra de la violencia machista en todo el país a partir del aumento de los femicidios, significó un punto de quiebre al reconvertir demandas históricas del feminismo en problemas públicos que adquirieron legitimidad, masividad y transversalidad en otros sectores sociales (Natalucci; Rey, 2018, p. 28). El fenómeno tuvo una gran visibilización a partir del uso de las redes sociales y medios de comunicación, que contribuyeron a la instalación de la demanda en la agenda pública, y la consiguiente ocupación de las calles por las mujeres en todas las ciudades del país.

Con el #NiUnaMenos como punto de quiebre se produjo una ampliación de la categoría “violencia de género” llevando a un corrimiento de los umbrales de aquello que la sociedad tolera como “normal” o aceptable. Prácticas que otrora fueran aceptables o, moralmente, indiferentes, van siendo calificadas de “violentas” a medida que son alcanzadas por la censura moral (Garriga Zucal; Noel, 2010, p. 100)⁸. Hay más casos, podemos sostener, porque hay un mayor conocimiento de lo que significan los abusos y las violencias por motivos de género, al tiempo que existe una mayor legitimidad para denunciar, como así también, como veremos en los próximos apartados, más espacios para denunciar o asesorarse, inclusive al interior de los propios clubes de fútbol.

7. <https://www.pagina12.com.ar/240771-la-esi-permitio-que-el-80-por-ciento-de-los-ninos-y-ninas-ab>.

8. Desde una perspectiva crítica la jurista italiana Tamar Pitch indica que, para el caso italiano, la categoría violencia de género ya se imponía hacia fines de los años 80 en reemplazo de aquello que las feministas en los 70 denunciaban como opresión. Este desplazamiento llevó según la autora al abordaje de estas situaciones desde una mirada predominantemente punitiva, al situar a la mujer como víctima y al varón como victimario.

2 ¿De qué hablamos cuando hablamos de violencias por motivos de género?

¿Cómo analizamos los casos de abusos sufridos por jóvenes futbolistas varones en la pensión del club Atlético Independiente? “¿Se trata de casos de violencia por motivos de género?”, preguntó el periodista. Para empezar a comprender de qué hablamos cuando hablamos de violencias por motivos de géneros en su singularidad vale la pena adentrarnos previamente en la categoría de violencia. Si bien se trata de un concepto polisémico y cuyos sentidos varían de acuerdo al contexto social e histórico (Garriga Zucal; Noel, 2010), para el análisis que aquí nos compete podemos sostener que la violencia consiste en el ejercicio de poder que tiene por finalidad producir un daño e imponer la propia voluntad anulando la voluntad del otro. Ahora bien, cuando nos referimos a las violencias por motivos de género, hacemos alusión a los actos dañinos dirigidos contra una persona o un grupo de personas en razón de y como primer motivador la identidad de género (Ruiz; Pérez, 2007). El ejercicio de este tipo de violencias se basa en una relación de poder asimétrica y desigual que perpetúa la subordinación y la desvalorización de las mujeres e identidades LGTBIQ+ a “lo masculino”. Si nos guiamos por la ley 26.485, encontramos que en su artículo 4, atiende únicamente a la violencia hacia las mujeres, que es el tipo de violencia por motivos de género más extendido en nuestra sociedad. Allí refiere a “toda conducta, acción u omisión, que, de manera directa o indirecta, tanto en el ámbito público como en el privado, basada en una relación desigual de poder, afecte su vida, libertad, dignidad, integridad física, psicológica, sexual, económica o patrimonial”¹⁰. Hoy, los debates en torno a las violencias por razones de género se han ampliado de la mano del proceso de lucha de muchos colectivos que hizo visible que las violencias por razones de género también se extienden a las identidades LGTBIQ+. De este modo, podemos distinguir que “violencias por razones de género” no es sinónimo de “violencias contra las mujeres”, sino que es un concepto más amplio e incluye a todas las violencias por razones de género que se ejercen contra las mujeres y personas con identidad LGTBIQ+¹¹.

9. En el año 2018 se hicieron públicos una serie de abusos a jugadores de fútbol de las inferiores del Club Atlético Independiente que vivían en la pensión del club. Para conocer más sobre este hecho consultar en: <https://www.lanacion.com.ar/seguridad/resolucion-condenaron-a-penas-de-entre-10-y-12-anos-de-prision-a-cuatro-acusados-por-los-abusos-a-nid29122023>.

10. Ley 26.485: <https://www.argentina.gob.ar/normativa/nacional/ley-26485-152155/texto> (link consultado el 5 de junio de 2024).

11. Para profundizar en los tipos y modalidades de las violencias por motivos de género se puede indagar en la Ley 26.485. En el siguiente sitio se puede acceder al texto completo de la norma <https://www.argentina.gob.ar/normativa/nacional/ley-26485-152155/texto>.

En algunos talleres en el marco del proyecto de extensión mencionado más arriba con dirigentes de clubes, entrenadores y deportistas se nos ha consultado, de modo similar a la pregunta que introdujo el periodista en relación a los juveniles, si los varones pueden ser víctimas de violencias por razones de género. Para contestar a esa pregunta, y de acuerdo a la definición antes dada, debemos reflexionar si ese tipo de violencia daña a la persona por su condición de género y si apunta a sostener un sistema de desigualdad y opresión en relación al género. Entonces, a partir de esa reflexión, y reconociendo que las violencias por razones de género son aquellas que se ejercen como forma de reforzar, reproducir y sostener la dominación masculina, llegamos a la respuesta negativa cuando se trate de varones cis heterosexuales. Ahora bien, es innegable que muchas veces esta población se encuentra en situaciones de violencia o pueden ser violentados de otros modos, pero ellos no están incluidos ni en la definición conceptual ni en la legislación de violencia por razones de género, porque esas situaciones no son consecuencia de una desigualdad y asimetría históricas en cuanto a su género, como sí lo son las mujeres y las personas LGTBI+. Algunas características de la masculinidad contribuyen a que el ser varón represente un peligro no solo hacia las mujeres, niñas, niños y LGTBI+, sino también entre varones y para el varón mismo, porque son los principales destinatarios de los mandatos de socialización. Esto, según Kaufman se denomina “tríada de la violencia” (1999, p. 66), y estaría ligada a la construcción e interiorización de las masculinidades dominantes en la mayor parte de las sociedades conocidas.

Al mismo tiempo, varias especialistas coinciden en destacar una lectura sociológica sobre este tipo de violencia destacando su carácter estructural (Segato, 2016; Barrancos, 2018). Esto significa no sólo que la violencia de género atraviesa todos los ámbitos sociales, sino también que tiene sus raíces en el patriarcado como sistema de opresión total, donde es en la socialización en la cultura donde se aprende a ser varón o mujer, y donde se atribuyen diferentes propiedades a cada género. Se espera que los varones sean fuertes, provean a sus familias, tomen decisiones importantes, sean valientes. Todo ello es lo que comúnmente se conoce como “mandato de masculinidad”. Inés Oleastro (2023) indica que este mandato habilita y legitima la expresión de ciertas emociones como la ira y el enojo, funcionando como un modelo a seguir para obtener ciertos privilegios. Sin embargo, sostiene la autora, es preciso comprender estos roles y estereotipos de género de modo situado. No todos los grupos sociales actúan del mismo modo, pero sí podemos ver que esto se presenta con mucha fuerza en el ámbito del fútbol, como así también otros deportes masculinos. Pasemos entonces a pensar las masculinidades en el ámbito del fútbol.

3 ¿Qué pasa con el fútbol? ¿Es más violento que otros ámbitos?

Para pensar las violencias en el fútbol es preciso atender a su configuración histórica en nuestro país. En primer lugar, en Argentina el fútbol ocupa un lugar privilegiado: es parte de nuestra cultura popular y lo que sucede en el fútbol (masculino) nos importa muchísimo. Pablo Alabarces sostiene que la sociedad y la cultura argentina se han futbolizado (1997; 2000). Las sociedades modernas, indica el autor, han atravesado un proceso de deportivización. El deporte es la principal mercancía massmediática, el género de mayor facturación de la industria cultural, el espectáculo de mayor audiencia (Alabarces, 2000, p. 17) y en Argentina el lugar preponderante lo ocupa el fútbol¹². Por eso, vemos en el fútbol problemáticas que tienen lugar también en otros ámbitos de la vida social, pero cuando suceden en el fútbol cobran mayor visibilidad. Ahora bien, también debemos reconocer que el fútbol tiene lógicas específicas, una cierta autonomía relativa que hace que estos problemas que se expresan a través del fútbol tengan una forma específica de ser. En este sentido, es importante tener en cuenta que en nuestro país el ámbito del fútbol se ha constituido como un espacio casi exclusivamente masculino que ha tendido a promover una forma de valorar este deporte compatible con la exacerbación de ciertos atributos masculinos. El antropólogo Eduardo Archetti (2003) mostró que en el fútbol se produce un mundo varonil, del cual es preciso excluir a los no-hombres: los niños y los homosexuales. De aquí, por ejemplo, se desprende que los cantos de cancha se asocian a la masculinidad que es definida por asumir un rol activo en el acto sexual, frente a un rival que es sometido y humillado. Algunos investigadores han denominado esto como “la cultura del aguante” (Alabarces *et al.*, 2005). Se trata de un mandato moral que organiza las prácticas de todos los actores del mundo del fútbol y que sostiene como legítimas ciertas violencias ancladas en dicha concepción de la masculinidad.

En Argentina los clubes son los lugares en los que se forman los futbolistas como atletas de alto rendimiento. Algunas investigaciones han mostrado que los clubes actúan como “instituciones totales” que abogan la gestión total de la vida de los niños y adolescentes aprendices de futbolistas. Gestionan sus carreras deportivas, su alimentación, su educación, su preparación física, sus valores y su vivienda (Murzi; Czesli, 2016). Además, la sociabilidad que allí tiene lugar se da casi exclusivamente entre varones. En su tesis de maestría la psicóloga Débora Majul se pregunta por el modo en que se

12. Este lugar preponderante del fútbol en la sociedad argentina ha sido puesto de manifiesto por estudios que toman a las audiencias televisivas de partidos y programas sobre fútbol (Binello *et al.*, 2000; Alabarces; Duek, 2010), como así también al lugar que ocupa en la prensa escrita en relación a otros deportes (Moreira; Araoz Ortiz, 2016) Por otro lado, si tomamos los datos de la última encuesta nacional de actividad física y deporte encontramos que el fútbol se confirma como el deporte más practicado en Argentina (Hijós; Murzi, 2023). Más allá de esto, la futbolización de la cultura, indica Alabarces (2000), implica que ningún enunciado es posible fuera de la gramática futbolística.

configuran las subjetividades de jóvenes varones futbolistas que habitan el albergue del club Instituto de la ciudad de Córdoba a partir de las experiencias de tránsito por la institución deportiva. Sostiene que entre ellos opera con fuerza el estereotipo de “varón jugador de fútbol exitoso como aquel que es responsable, humilde, maduro, es luchador, va detrás de sus sueños a costa de cualquier sacrificio, es dominante, paternalista con sus compañeros, y tiene que ser sexualmente activo por instinto” (2021, p. 62). Por su parte Federico Czesli, investigador que ha trabajado sobre la formación de futbolistas en Argentina, indica que en el fútbol podemos encontrar rasgos generalizados de la masculinidad asociados a la búsqueda competitiva de reconocimiento por parte de otros varones. El antropólogo sostiene que:

la sexualidad y el papel intermediario de las mujeres son centrales. La masculinidad está para los jóvenes futbolistas asociada a la potencia sexual y comparten fotos de pibas con las que estuvieron o las muestran en sus redes sociales. También hay un imaginario muy fuerte sobre los roles de género tradicionales, donde muchos aspiran a tener una familia como la de Messi. Este ideario se comparte con otras expectativas, que no suelen expresarse abiertamente, sobre otras relaciones con las mujeres más vinculadas a las fiestas, los excesos, que tiende a promover la complicidad entre varones (Conversación personal. 21 de marzo de 2024).

Por su parte, Rafael Crocinelli (2021) estudió el modo en que se configura entre futbolistas de dos equipos platenses un imaginario atravesado por una matriz que define y selecciona cuáles son los jugadores valiosos para “ser vendidos afuera”: aquellos que responden a las cualidades de un biotipo que denomina como hegemónico, atravesado por la búsqueda de la independencia económica y los sacrificios necesarios para llegar a ella, la heterosexualidad como mandato obligatorio y una estética corporal asociada a la virilidad. Para pensar esta matriz, podemos traer a colación el concepto de Kimmel (1997) de “aprobación homosocial” que implica que los varones se encuentran “bajo el cuidadoso y persistente escrutinio de otros hombres. Ellos nos miran, nos clasifican, nos conceden la aceptación en el reino de la virilidad” (1997, p. 7). Tal como indica Oleastro (2023) se trata de una competencia donde los varones se esfuerzan por miedo a ser avergonzados y dominados por otros que se adecuen mejor a aquellos parámetros de las masculinidades en un contexto social.

Al prestar atención al modo en que se dan las relaciones entre los jóvenes en los ámbitos donde se forman como futbolistas, estos trabajos llaman la atención sobre la forma en que en su socialización como varones en los clubes se esfuerzan por alcanzar aquellos símbolos culturales y atributos que se constituyen como “hegemónicos” o deseados, y que en el fútbol adquieren los sentidos específicos aquí abordados.

4 ¿Por qué no denunció antes? ¿Las víctimas buscan fama?

Una de las violencias más extendidas que han tenido lugar en relación al fútbol y que tomaron estado de notoriedad en los medios son las violencias sexuales¹³. Inés Hercovich (2019) analiza por qué las mujeres permanecen en silencio después de un ataque sexual y menciona que una de cada cuatro mujeres es víctima de violencia sexual. Solamente el 10% de los ataques sexuales son denunciados. De ese 90% restante, se calcula que la mitad no denuncia porque el hecho ocurre en el seno de la propia familia o con una persona conocida. Mientras que el resto no habla por temor a que no les crean. Esa no credibilidad se debe a que cuentan cosas que no esperamos escuchar y por esa razón nos perturban. Muchas veces, ni las víctimas ni los victimarios se corresponden con la forma en que nos los representamos: al violador como un depravado de clase baja y a la víctima como una mujer joven y atractiva. Si seguimos el argumento de Hercovich para analizar los casos de jugadores acusados de violencia sexual, podemos preguntarnos: ¿cómo nos representamos a los futbolistas en nuestro país? ¿y a las mujeres que denuncian? Podemos hacer el ejercicio de indagar en los comentarios en redes sociales en torno a estos hechos, y vamos a ver que es común encontrar argumentos que se representan a la mujer que denuncia como alguien que busca fama y dinero, y al jugador o a los jugadores denunciados como personas que no necesitan abusar de nadie porque tienen todo: fama, dinero y belleza. En nuestro país, los futbolistas representan modelos de masculinidad y moralidad (Archetti, 2003) y se constituyen como los héroes modernos. Por eso, siguiendo el razonamiento de Hercovich, no podemos procesar estas situaciones cuando no responden a los ideales que tenemos como sociedad de cómo debería ser una víctima y cómo un victimario. Según la socióloga, todos tenemos esos argumentos en la cabeza, incluidos víctimas y victimarios, por lo que suele suceder que muchas veces la víctima tarda en reconocer que ha sufrido abuso. En las formas en que nos imaginamos cómo deberían ser víctimas y victimarios, la prensa ha tenido un rol central. Un artículo pionero de las antropólogas brasileras Carmen Rial y Miriam Grossi analiza el caso de cuatro futbolistas del club Gremio de Porto Alegre que en 1987 fueron acusados de violar a una niña de 13 años en Suiza. La prensa no sólo acusó a la víctima de “exagerar” lo que había sido una “pequeña travesura” por parte de los futbolistas, además de culpabilizar a ésta por haber ido a “provocar” a los jugadores, sino que en su regreso al país fueron recibidos en el aeropuerto como héroes (Rial; Grossi, 1987).

13. La violencia sexual refiere a cualquier acción que implique la vulneración en todas sus formas, con o sin acceso carnal, del derecho de la mujer a decidir voluntariamente acerca de su vida sexual y/o reproductiva. Esta puede llevarse a cabo a través de amenazas, coerción, uso de la fuerza o intimidación, incluyendo la violación dentro del matrimonio u otras relaciones vinculares o de parentesco, exista o no convivencia, así como la prostitución forzada, explotación, esclavitud, acoso, abuso sexual y trata de mujeres.

Por lo tanto, para identificar este tipo de violencias, es preciso atender a ciertos mitos que opacan su comprensión: no sólo en relación a cómo nos imaginamos a sus protagonistas, sino también en torno al carácter de las mismas. En primer lugar, según las investigadoras Maritano y Bard Wigdor (2023), la violencia sexual produce una indignación social que contribuye a ocultar que esta proviene con frecuencia del entorno íntimo, fortaleciendo discursos que biologizan, patologizan y estigmatizan a los sujetos involucrados. Además, la violencia de género, especialmente las formas más extremas de violencia como las violaciones y los femicidios, son violencias expresivas (Segato, 2016, p. 18). Para Segato las violaciones son crímenes que expresan el poder masculino, donde lo central no es un deseo sexual sino el poder; el varón se reposiciona en un lugar de poder ante sus interlocutores que son -fundamentalmente- otros varones frente a quienes construye su masculinidad. Como venimos mencionando en apartados anteriores, llegar a ser hombre es un camino que se construye a partir de la mirada de otros hombres y a través del uso de los cuerpos de las mujeres como territorio de dominio, uso y expresión de virilidad (Segato, 2016). Desde esta perspectiva los varones son subjetivados en el mandato de potencia como capacidad de dominio de otras y otros, por lo que son impulsados a controlar, conducir, organizar y gobernar sobre el cuerpo de las mujeres. A su vez, no es extraño que las violencias por medios sexuales se ejerzan en grupos porque la masculinidad tiende a ser validada como tal por otros varones (Maritano; Bard Wigdor, 2023).

Si bien la violencia configura un tipo de masculinidad que podemos pensar como hegemónica o dominante, esta no es determinante ni universalizable a todos los varones. Como sostienen Maritano y Bard Wigdor (2023) es una potencialidad, un efecto del continuum de violencias al que nos somete la estructura social. A esto nos referimos cuando hablamos de que las violencias por motivos de género son estructurales, y esta advertencia es fundamental para pensar abordajes que apunten a la raíz de la problemática. Inclusive, la jurista y socióloga italiana Tamar Pitch tiende a criticar el uso extensivo de la categoría de violencia, término que se aplica para ella a todos los actos de opresión y de reproducción del sexismo, generando que todas las respuestas que se piensen y se pretendan agenciar estén teñidas de reclamos de respuesta penal y/o punitiva con abordajes individuales (2014, p. 20). Más allá de estas tensiones, lo que es importante reconocer es que los feminismos han comprendido que la violencia por medios sexuales es afín a un orden sistémico y no individual, por eso el tratamiento y la contención del daño que produce la violencia se reclama al estado y las instituciones.

5 ¿El fútbol femenino es más propenso a los abusos?

Durante muchos años, las ciencias sociales realizaron una homologación entre la violencia que tenía lugar entre hinchas de fútbol y violencia en el deporte, que ha sido tempranamente cuestionada por investigadoras feministas. Marta Antúnez (2009) señala que esta asociación tendió a opacar el análisis de otras violencias que tienen lugar al interior de las instituciones deportivas, como así también aquellas vividas por las deportistas, a las que las ciencias sociales debieran prestar atención. En los últimos años, un conjunto de investigaciones que abordan el campo del deporte en su relación con los géneros se ha abocado a indagar en estas violencias que quedaban por fuera de los estudios iniciales. Parten de cuestionar el desigual acceso de las mujeres al campo deportivo (Garton, 2019; Ibarra, 2021), inequidad que habilita una multiplicidad de violencias sufridas por deportistas mujeres tales como violencia mediática (Ibarra, 2021), sexual (Garton, 2019), económica (Garton, 2019), política (Hang, 2020) o simbólica (Moreira y Álvarez Litke, 2019).

Las investigaciones periodísticas y del campo de las ciencias sociales muestran que las mujeres que juegan al fútbol en Argentina han sido estigmatizadas, silenciadas e ignoradas (Garton, 2019; Pujol, 2019). Y las que han cuestionado o solicitado mejoras de sus condiciones de entrenamiento y deportivas, han sido disciplinadas de diversas maneras sufriendo costos profesionales y personales: se las excluye del equipo o se las tilda de “quilombras” y “desagradecidas” que no reconocen los cambios en el fútbol y continúan pidiendo mejoras (Garton; Moreira, 2021, p. 6), lo que hace que otros equipos no quieran contar con ellas. En los últimos años en nuestro país el fútbol femenino ha crecido y mejorado exponencialmente. En el contexto del #NiUnaMenos y de la mano de la semi profesionalización del fútbol femenino anunciada en 2019, las futbolistas comenzaron a reconocer y a poner en común que esas situaciones que aparecían como problemas individuales, en verdad eran colectivos: lo que le había pasado a una, le pasaba a muchas de ellas, dando cuenta de un problema mucho mayor, estructural. Si bien la violencia machista no es exclusiva del ámbito deportivo, en los últimos años aparece fuertemente interpelado por las deportistas, que cuestionan que para desempeñarse en el alto rendimiento haya que soportar cualquier tipo de abuso, entre ello, abusos sexuales. Y ponen en el centro la cuestión del consentimiento, comenzando a visibilizar y a poner en palabras los abusos sufridos, que se inscriben en la desigual relación de poder y de vulnerabilidad en que se encuentran muchas jugadoras. Garton *et al.*, sitúan estas demandas en un proceso de “concientización” por parte de las futbolistas (2022, p. 13) que luchan por reconocimiento material y simbólico y en un contexto caracterizado por el avance del movimiento de mujeres y feminismos. En los últimos años, además,

se han hecho públicas denuncias a entrenadores por parte de futbolistas¹⁴. Algunas especialistas coinciden en señalar que cuando hay relaciones muy desiguales de poder, como ocurre entre una joven deportista y un entrenador, existen mayores posibilidades de que ocurran prácticas de abuso (Antúnez, 2009). Allí aparece en el centro la cuestión del consentimiento: ¿cómo es posible decir que no a la persona que después va a elegir si yo juego o no el partido? Además, está ocurriendo algo novedoso en el ámbito femenino a partir de la profesionalización, que es la búsqueda de poder vivir del fútbol, lo que vuelve a las futbolistas más dependientes de aquellos que ocupan posiciones de poder en el ámbito del fútbol. Garton señala que lejos de garantizar la independencia financiera de las jugadoras, la profesionalización “a medias” las coloca como beneficiarias de “políticas sociales” de la federación dejándolas en un lugar subalterno en el mundo del fútbol, que no solo les niega el protagonismo, sino que además les exige el reconocimiento de la bondad de los dirigentes y se les prohíbe el cuestionamiento (2020, p. 85).

Finalmente, no podemos dejar de mencionar que un tipo de violencia ejercido hacia las mujeres futbolistas es la violencia digital. En 2023 las jugadoras de la selección argentina fueron hostigadas y agredidas en redes mientras participaban en la IX Copa del Mundo de fútbol femenino FIFA en Australia y Nueva Zelanda. Si bien las agresiones en redes hacia los deportistas en general es un problema extendido en todo el mundo, el ensañamiento con las jugadoras responde a una modalidad de agresión a mujeres con voz pública, que un informe de ONU describió como ataques sistemáticos (Beck *et al.*, 2022 p. 28). No se trata de hechos aislados, sino que responden a una estructura común en la que hay ataques reactivos –a un posteo, una cobertura, una nota– y hay otros que se perciben como azarosos, “porque sí”, que pueden llegar en cualquier momento (p. 26).

Estos ataques tienen un objetivo claro, y muchas veces lo logran: silenciar a las mujeres y expulsarlas del espacio público. La violencia en línea, dice el informe, traspasa la virtualidad: tiene consecuencias concretas y visibles en las personas que la padecen. Las futbolistas pidieron abiertamente que por favor detengan el hostigamiento.

Considerar a las futbolistas como mujeres con voz pública implica reconocer que sus acciones tienen un impacto en la transformación del orden de géneros hacia uno mucho más igualitario. Martín Álvarez Litke (2023) evidencia que la existencia de mujeres jugando al fútbol, en una cultura como la nuestra donde el fútbol fue una de

14. Podemos citar la denuncia al entrenador de la selección argentina juvenil (<https://www.infobae.com/deportes/2021/05/06/grave-denuncia-en-el-futbol-femenino-argentino-jugadoras-presentaron-una-demanda-por-acoso-sexual-contr-un-entrenador>) o al ex entrenador del club Deportivo Español (<https://www.infobae.com/deportes/2023/04/19/condenaron-a-9-anos-de-prision-al-ex-tecnico-de-deportivo-espanol-por-abuso-sexual-a-una-futbolista-menor-de-edad/#:~:text=Este%20martes%2C%20Carlos%20Javier%20Torres,n%C3%BAmero%20de%20Capital%20Federal>).

las arenas a través de la cual se constituyó la masculinidad hegemónica, constituye un acto “revolucionario” que contradice aquello que se ha construido históricamente como femenino: la pasividad y la docilidad. La presencia de las futbolistas incomoda porque corre los límites de lo socialmente esperado para las mujeres. El avance del fútbol femenino es un proceso de disputa de poder real en Argentina. Si las mujeres argentinas a lo largo de la historia fueron excluidas del mundo del fútbol primero a través de mecanismos institucionales basados en argumentos biomédicos como la fragilidad de sus cuerpos y el peligro que representaba para la maternidad, único destino para las mujeres y luego a partir de los estigmas de “machona”, “marimacho” y “lesbiana” (Moreira y Garton, 2021) hoy podemos pensar que los ataques en redes sociales constituyen uno de esos mecanismos de exclusión.

6 ¿Sirven los protocolos ante casos de violencia de género en los clubes? ¿Y la comisión de género que hace?

Una de las preguntas que suelen hacerse cuando tiene lugar un hecho de violencia que involucra al mundo del fútbol es si los protocolos ante casos de violencia de género que tienen los clubes funcionan. Al mismo tiempo, se suele cuestionar la respuesta de la “comisión de género”, que muchas veces no tiende a conformar los deseos punitivos de la opinión pública. A continuación, analizaré qué son y para qué sirven los protocolos, y qué puede y no hacer una comisión de género en un club.

A partir del año 2017, los clubes deportivos formaron espacios específicos para abordar las llamadas “cuestiones de género”: áreas, secretarías o comisiones desde las cuales crearon e implementaron protocolos de acción contra la violencia de género. También algunas ligas y federaciones han avanzado en la implementación de estos espacios. Estos son espacios permanentes donde se abordan las cuestiones de género, y depende de cada club el formato específico que se le da. Entre las tareas que se llevan adelante desde estos espacios podemos pensar en la activación de una agenda institucional en clave de género, la fiscalización de la igualdad en la toma de decisiones, la promoción de charlas, talleres o actividades de sensibilización con la comunidad del club.

También suele ser el lugar desde el cual se gestiona y redacta el protocolo de actuación ante situaciones de violencia de género en caso de que lo hubiera. Si bien la construcción de espacios de género es una política tendiente a garantizar buenas prácticas institucionales para crear instituciones libres de violencias, no es la única opción. Que el club no tenga un espacio de género, no significa que la transversalización de la perspectiva de género no pueda promoverse. Si hay voluntad política

se puede avanzar en la capacitación y en la redacción de protocolos desde diversos espacios institucionales, como pueden ser las mismas comisiones directivas, los comités de éticas o las diversas subcomisiones que existieran en los clubes. Como en Argentina los clubes son asociaciones civiles sin fines de lucro, y se gestionan a partir del trabajo voluntario de sus socios, vale la pena mencionar que quienes trabajan en los espacios de género también lo hacen de modo voluntario. Son hinchas, socias y trabajadoras feministas de los clubes, que “militan” el club (Hang, 2020). A su vez, de acuerdo al organigrama de cada club, los espacios de género pueden constituirse como subcomisión, o inscribirse bajo el ala de alguna subcomisión en particular (como puede ser la de cultura en algunos clubes).

Un Protocolo de acción institucional ante situaciones de violencia por motivos de género es una herramienta que permite a los clubes abordar casos de violencias. Llegar a la redacción de un protocolo implica un proceso de sensibilización, de reflexión, de debate, de discusión institucional en torno a cuestiones que antes estaban naturalizadas y que ahora están siendo puestas en tela de juicio. Ahora bien, ¿qué es y para qué sirve un protocolo? Podemos pensar que los protocolos son acuerdos institucionales sobre modos de actuar ante situaciones de violencia y discriminación por motivos de género. Son herramientas que estandarizan procedimientos de actuación frente a una situación específica en un ámbito determinado. Conforme a los marcos legales vigentes, definen cómo abordar las situaciones, cuáles son las sanciones aplicables y qué medidas cautelares tomar para evitar o reducir daños.

La adopción de protocolos sobre violencia de género es una medida preventiva que busca garantizar fundamentalmente, un espacio de escucha respetuoso a la víctima y una serie de procedimientos basados en principios básicos como la confidencialidad y la no revictimización. Si bien cada protocolo es único de acuerdo a la institución, podemos encontrar algunas regularidades en torno a sus contenidos: en ellos se define el ámbito de aplicación (por ejemplo los espacios físicos del club y/o espacios virtuales relacionados con actividades institucionales y actividades organizadas por la institución), los sujetos a quienes aplica el protocolo, las conductas comprendidas, los dispositivos de intervención, los principios rectores (no-revictimización, respeto y privacidad, celeridad del procedimiento y confidencialidad) los procedimientos según se trate de personas menores o mayores de edad, la aplicación de sanciones de acuerdo a la conducta denunciada. Este tipo de herramientas suelen tener dos grandes ejes: uno vinculado a las sanciones y otro a la prevención. Este doble carácter del protocolo se encuentra en todos los protocolos de los clubes que se conocen hasta el momento, y presenta a su vez grandes similitudes con los protocolos de otros espacios como son las universidades nacionales (Bagnato, 2021).

Los protocolos son acuerdos institucionales que reflejan un consenso entre diversos actores institucionales, en un momento dado, por lo que son producto de una relación de fuerzas, donde no siempre se logra satisfacer la voluntad de todas las personas que participan en su redacción. Por eso, no son recetas que funcionan de una vez y para siempre. Además, como la vida social es dinámica y las violencias tienen múltiples causas y deben abordarse de modo situado, la institución debe mostrarse abierta a trabajar sobre esos protocolos, modificarlos si fuera necesario y adaptarlos a las nuevas realidades¹⁵.

En definitiva, tanto los espacios de género como los protocolos se han constituido en herramientas clave para el abordaje de las violencias por motivos de género en los clubes, instituciones sumamente importantes en la vida social de nuestro país. Los clubes son las instancias donde millones de niñxs se forman como deportistas, donde sus familias se involucran en el sostenimiento de los mismos, donde gran parte de nuestra sociedad pasa muchísimo tiempo de sus vidas. A su vez, como decíamos, los jugadores de fútbol son ídolos populares y modelos de masculinidad. Entonces, que las instituciones reconozcan la necesidad de abordar la problemática de las violencias por motivos de género es producto de un proceso de discusión y sensibilización, que significa que ahora las víctimas tengan un lugar donde acudir y ser escuchadas de modo respetuoso y confidencial. Significa también que las instituciones se comprometen en el abordaje de un problema que como decíamos es estructural, y en pensar políticas institucionales que aborden y prevengan las violencias por motivos de género. No se trata de culpabilizar o singularizar una institución, sino de reconocer que la violencia por motivos de género es un problema social, que se manifiesta de modos que muchas veces tenemos naturalizados y por lo tanto el compromiso de la institución en revisar sus propias prácticas es indispensable para la prevención y abordaje de las violencias.

Conclusiones. ¿Qué hacer?

Este artículo se propuso recorrer una serie de preguntas para rodear el abordaje de la problemática de los abusos y violencias por motivos de género en el fútbol argentino. Ninguno de los ítems desarrollados explica por sí solo el fenómeno de las violencias, ni en conjunto agotan las causas de las violencias por motivos de género. El objetivo fue identificar algunos rasgos estructurales, que es preciso combinar con un abordaje que tenga en cuenta no sólo la situación particular que se quiera analizar, sino también la comprensión del mundo desde el punto de vista de aquellos que forman parte del uni-

15. Para un análisis detallado del proceso de creación de un protocolo, y de las dimensiones que se incluyen en él sugiero la lectura de Hang (2022).

verso que queremos comprender. Por eso, gran parte de las investigaciones recogidas del campo de las ciencias sociales que analizan el fútbol y las violencias desde diversas aristas, incluyen el punto de vista de futbolistas, dirigentes, mujeres víctimas de violencias o de quienes disputan por construir un deporte libre de violencias. Esta perspectiva es indispensable para pensar políticas que aborden y prevengan las violencias. A modo de ejemplo, en una investigación anterior trabajé con deportistas, dirigentes y mujeres hinchas que formaron los espacios de género de los clubes. Allí encontré que, si bien todos estos actores tenían un compromiso y una preocupación genuina por la problemática de las violencias, no todos entendían lo mismo por violencia. Del mismo modo, se encontraban en tensión los criterios de justicia. ¿Qué debemos hacer ante un caso de violencia de género? ¿Existe algún tipo de sanción que repare el hecho? ¿Puede el club privar de su fuente de trabajo a quien ejerce violencia si no hay una sentencia? ¿Es posible pensar en dispositivos de acompañamiento también hacia las personas denunciadas? Actualmente no existen consensos en las instituciones en torno a estas preguntas.

A partir de lo trabajado en este texto, sostengo que es importante fortalecer los espacios institucionales dedicados a la prevención y abordaje de las violencias, con recursos económicos y equipos interdisciplinarios que puedan responder a esta problemática de un modo situado y que permita desarmar los mitos que existen en las instituciones. Cuando hablamos de la violencia por motivos de género, hablamos no sólo de una categoría cuyos sentidos están en disputa, sino de un problema complejo que no tiene una única causa, por lo tanto las maneras de abordarla son también complejas.

A lo largo de este texto podemos ver que no hay una receta, pero sí indicios. Podemos comenzar por identificar los mitos que operan en torno a las violencias, reflexionar sobre cómo funcionan en nuestras instituciones, cómo las reproducimos en nuestras acciones cotidianas. Atender a estos aspectos nos invita a pensar abordajes orientados a la prevención antes que a la punición. Para ello vale la pena mencionar que una herramienta fundamental con la que cuentan algunas provincias es la Ley Micaela en el Deporte que establece la obligatoriedad en las capacitaciones en temáticas de género y violencia contra las mujeres para autoridades y personal de los clubes y entidades deportivas de la provincia¹⁶. Dada la importancia que los clubes tienen en el entramado

16. Por ejemplo, en Buenos Aires, La Ley Micaela en el deporte (Ley 15.189) fue sancionada por la Legislatura el 10 de septiembre de 2020. Otro conjunto de normativas e instrumentos legales especificamente orientados a prevenir la violencia y desigualdad en el deporte son: la Carta Internacional de la educación física, la actividad física y el deporte de la UNESCO, que en su artículo 1 indica que “todo ser humano tiene el derecho fundamental de acceder a la educación física, la actividad física y el deporte sin discriminación alguna, ya esté ésta basada en criterios étnicos, el sexo, la orientación sexual, el idioma, la religión, la opinión política o de cualquier otra índole, el origen nacional o social, la posición económica o cualquier otro factor”; La Declaración de Brighton 1994 sobre la Mujer y el Deporte cuyo objetivo señala incrementar la participación femenina en el deporte, en todas las funciones, a todos los niveles y en todos los papeles, y que cuenta con la adhesión del Comité Olímpico Argentino; la Ley

social, no sólo como espacios en los cuales una importante proporción de la población pasa gran parte de sus vidas, sino también como instancias de formación de deportistas, es que se vuelve primordial la construcción de espacios deportivos libres de violencias y es a partir de reconocer todas las dimensiones abordadas en este artículo y con el compromiso de las instituciones que es posible avanzar en la prevención y erradicación de las violencias por motivos de género en el fútbol.

Referencias

ALABARCES, Pablo *et al.* El 'aguante' y las hinchadas argentinas: una relación violenta, **Horizontes Antropológicos**, v. 14, n. 30, 113-136, 2008.

ALABARCES, Pablo *et al.* **Hinchadas**. Buenos Aires: Prometeo, 2005.

ALABARCES, Pablo. ¿De la heteronomía a la continuidad? Las culturas populares en el espectáculo futbolístico, **Punto de vista**, n.57. p. 43-48, 1997.

ALABARCES, Pablo. Los estudios sobre deporte y sociedad: objetos, miradas, agendas. *In:* ALABARCES, Pablo. (Org.) **Peligro de Gol. Estudios sobre deporte y sociedad en América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2000. p. 11-30.

ALABARCES, Pablo; DUEK, Carolina. Fútbol (argentino) pela TV: Entre o espetáculo de massas, o monopólio e o Estado; **Logos**, v. 17, p. 16-28, 2010.

ÁLVAREZ LITKE, Martín. **En la cancha como en la vida. Fútbol, género y feminismo en la Villa 31**. Tesis para optar por el título de doctor de la Facultad de Filosofía y Letras. Universidad de Buenos Aires. 2023.

ANTÚNEZ, Marta. Deporte: De los podios que ocultan violencia a la cancha propia. **I Jornadas del Centro Interdisciplinario de Investigaciones en Género**. La Plata: Argentina, FaHCE, 2009.

ARCHETTI, Eduardo. **Masculinidades. Fútbol, tango y polo en la Argentina**. Buenos Aires: Antropofagia, 2003.

BAGNATO, María Laura. Protocolos. Debates, tensiones y desafíos de los Feminismos en las universidades Nacionales. *In:* LOSIGGIO, Daniela; SOLANA, Mariela. (Org.). **Acciones y debates feministas en las universidades**. Florencio Varela: UNAJ, 2021.

Nacional n° 20655 del Deporte; La Ley N° 27202 del Deporte (que modifica la Ley N° 20655, vigente desde 1974), sancionada en el año 2015, que establece entre sus principios generales “la igualdad de oportunidades en términos de género de participar e intervenir a todos los niveles de adopción de decisiones en el deporte y la actividad física”; la Resolución N° 5/2020, conjunta del Ministerio de Turismo y Deportes y el Ministerio de las Mujeres, Géneros y Diversidad, mediante la cual se crea un “Programa Interministerial para la Prevención de la Violencia y la Promoción de la Igualdad en el Deporte”.

BARRANCOS, Dora (2018). Es la primera vez que el feminismo hace un feminismo de enorme sororidad. **Marcha**. Disponible en <https://marcha.org.ar/dora-barrancos-es-la-primera-vez-que-el-feminismo-hace-un-movimiento-de-enorme-sororidad/> Acceso en: 6 jun. 2024.

BARRENA Agustina *et al.* Educación Sexual Integral: ¿de qué hablamos cuando hablamos de ESI? En ALESSI, Verónica *et al.* **ESI en la secundaria. Hacia una educación sexualmente justa y placentera**. Universidad Nacional de La Plata: EDULP. 2024.

BECK, Ingrid *et al.* **Violencia de género en línea hacia mujeres con voz pública**. Impacto en la libertad de expresión. Alianza Regional por la Libre Expresión e Información, ONU Mujeres. 2022. Disponible en: https://lac.unwomen.org/sites/default/files/2023-03/Informe_ViolenciaEn-Linea-16Mar23.pdf . Acceso 20 ago. 2024.

BINELLO, Gabriela *et al.* Mujeres y fútbol: ¿territorio conquistado o a conquistar? *In: Peligro de Gol. Estudios sobre deporte y sociedad en América Latina*. Buenos Aires: CLACSO, 2000, p. 33-53.

CROCINELLI, Rafael. **Cuerpos que [no] importan. Masculinidades, cuerpo y biotipo del jugador de fútbol profesional**. La Plata: Malisia, 2021.

GARRIDO, Javiera *et al.* ¡Tu ‘piropo’ me violenta! Hacia una definición de acoso sexual callejero como forma de violencia de género. **Revista Punto Género**, v. 7, p. 112-137, 2017.

GARRIGA ZUCAL, José; NOEL, Gabriel.: Notas para una definición antropológica de la violencia: un debate en curso. **Publicar**, v.8, n. 9, p. 97-121, 2010.

GARTON, Gabriela *et al.* No nos callamos más: A Turning Point in Women’s Football and Women’s Rights in Argentina. In **Women’s Football in Latin America: Social Challenges and Historical Perspectives** Vol 2. Hispanic Countries (pp. 11-34). Cham: Springer International Publishing, 2022.

GARTON, Gabriela. **Guerreras. Fútbol, mujeres y poder**. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2019.

GARTON, Gabriela. La profesionalización del fútbol femenino argentino: entre la resistencia y la manutención del orden; **Ensamble**, n. 12, p. 72-86, 2020.

HANG, Julia. Deporte y Violencia (s): Disputas de sentido en torno a la categoría “Violencia de Género” en el fútbol argentino. **Cuestiones criminales**. v. 5, n. 9, p. 76-99, 2022.

HANG, Julia. Feministas y triperas. Mujeres y política en el área de género del club Gimnasia y Esgrima La Plata. **Debates en Sociología**, n. 50, p. 67-90, 2020.

HERCOVICH, Inés (25 abr. 2019). **Negociar sexoporida**. Apple Podcast. <https://podcasts.apple.com/br/podcast/negociar-sexo-por-vida-in%C3%A9s-hercovich/id1368017834?i=1000550695427> (fecha de consulta: 6 jun. 2024).

HIJÓS, Nemesia; MURZI, Diego. Hábitos deportivos y práctica de actividad física en la última década en Argentina. Análisis a partir de las Encuestas Nacionales de Actividad Física y Deporte de 2009 y 2021. **Educación Física y Ciencia**, v. 25, n. 4, p. 1-19, 2023.

IBARRA, Mariana.: **“Somos futbolistas”:** Disputas de sentidos en torno al fútbol en la ciudad de Salta durante los años 2014-2020. (Tesis para optar por el grado de Doctora en Ciencias Sociales). Universidad Nacional de Jujuy. 2021.

INGRASSIA, Paola. La constitución de la violencia de género como problema público y los frames sobre aborto. **Austral Comunicación**, v. 9, n. 2, p. 519-551, 2020.

KAUFMAN, Michael. La construcción de la masculinidad y la triada de la violencia masculina. En: VV. AA. **Violencia doméstica**. Cuernavaca-Morelos (México). Cidhal, PRODEC, Centro de Documentación Betsie Hollants, p. 52-69, 1999.

KIMMEL, Michael. Homofobia, Temor, Vergüenza y Silencio en la Identidad Masculina. In: Valdés, Teresa; José. Olavarría (Org.) **Masculinidades. Poder y crisis**, v. 24, ISIS Internacional, FLA-CSO-Chile, Santiago. 1997.

MAJUL, Débora. **Entre sueños y gloria. Una aproximación a las experiencias de jóvenes varones jugadores de fútbol. El caso del albergue del club Instituto de Córdoba.** Tesis de Maestría en Intervención e Investigación Psicosocial (UNC). 2021.

MARITANO, Ornella; BARD WIGDOR, Gabriela. Masculinidades y violencias por medios sexuales: Entre abordajes punitivos y justicias feministas. **Revista Humanidades**, v. 13, n. 1, p. 139-159, 2023.

MOREIRA, Verónica; ALVAREZ LITKE, Martín. Un análisis de las representaciones mediáticas y las desigualdades estructurales en el fútbol de mujeres en Argentina. **Fulia**, v. 4, n. 1, p. 98-116. 2019.

MOREIRA, Verónica; ARAOZ ORTIZ, Leandro. Prensa deportiva en Argentina: Construcciones identitarias y estilos discursivos del deporte en el diario Olé. **La trama de la Comunicación**, v. 20, n. 2, p. 111-124, 2016.

MURZI, Diego; CZESLI, Federico. De la humildad a lo mental. El proceso de formación de futbolistas profesionales en Argentina y en Francia. **Apuntes de Investigación del CECYP**, v. 28, p. 162-182, 2016.

NATALUCCI, Ana. y REY, Julieta. ¿Una nueva oleada feminista? Agendas de género, repertorios de acción y colectivos de mujeres (Argentina, 2015-2018). **Revista de Estudios Políticos y Estratégicos**, v. 6 n. 2, 14-34, 2018.

NATALUCCI, Ana; MESSORE, Florencia. El feminismo de masas: la movilización de las mujeres y diversidades en el ciclo de la marea verde (Argentina, 2015-2020). **Revista Punto Género**, v. 20, p. 178-205, 2023.

OLEASTRO, Inés. (2023). **Masculinidades en el deporte**. Clase 4 del Curso para formadores y formadoras en Ley Micaela con orientación al deporte. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación (UNLP) y Ministerio de las Mujeres, Políticas de género y Diversidad sexual de la Provincia de Buenos Aires.

PITCH, Tamar. La violencia contra las mujeres y sus usos políticos. **Anales de la cátedra Francisco Suárez**, v. 48, p. 19-29. 2014.

PUJOL, Ayelén. **¡Qué jugadora!**. Ariel Argentina. 2019.

RIAL, Carmen; Grossi, Miriam. Os estupradores que viraram heróis. **Mulherio**, n. 32, p. 3-4, out. 1987.

RUIZ, Eva; PÉREZ, Miguel. Violencia de género: reflexiones conceptuales, derivaciones prácticas. **Papers. Revista de sociología**, v. 86, p. 189-201, 2007.

SEGATO, Rita. **La guerra contra las mujeres**. Madrid: Traficante de sueños. 2016.

TREBISACCE, Catalina. Habitar el desacuerdo. Notas (nunca urgentes) para un elogio de la precariedad política, **Mora**, v. 24, p. 185-190, 2018.



O “chefe para a vitória”: narrativas sobre Paulo Machado de Carvalho em três jornais brasileiros durante a Copa de 1958

Filipe Fernandes Ribeiro Mostaro¹  

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Ronaldo Helal²  

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo

O fenômeno esportivo é um ambiente fértil para a produção de narrativas sobre modelos de sociedade. Eventos como a Copa do Mundo de futebol masculina, especificamente no Brasil, possuem uma relação intrínseca com os meios de comunicação. Suas narrativas indicam as disputas constantes na sociedade. Este artigo vai apresentar o que consideramos a embrião da narrativa do gestor no esporte como alguém fundamental para organizar o talento e as ações dos atletas dentro de campo. Na Copa do Mundo de 1958, quando a seleção brasileira conquista o seu primeiro título, vamos, através da análise crítica de narrativa de três periódicos brasileiros, indicar qual foi o papel do “chefe” Paulo Machado de Carvalho no mundo criado pelos jornais. Escolhemos os jornais *O Globo*, *Folha da Manhã* e *Jornal do Brasil* pela relevância na produção de narrativas no contexto brasileiro daquela época. De maneira mais específica os dois primeiros por também se constituírem com porta-vozes da elite nacional. Da estreia da seleção até o dia do desembarque da delegação no Brasil, selecionamos todas as reportagens que abordam o tema seleção brasileira e as contabilizamos, chegando ao total de 401. Em seguida, contabilizamos as menções aos membros da comissão técnica da seleção, de forma mais específica: Paulo Machado de Carvalho (19) e Vicente Feola (85).

Palavras-chave

Futebol. Copa do Mundo 1958. Seleção Brasileira. Gestor.

1. Professor adjunto da Faculdade de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É coordenador do Audiolab da Uerj e pesquisador do Prociência/Uerj.

2. Professor titular da Faculdade de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. É pesquisador 1 do CNPq, da Faperj (Cientista do Nosso Estado), e do Prociência/Uerj.

The “Boss for victory”: narratives about Paulo Machado de Carvalho in three Brazilian newspapers during the 1958 World Cup

Abstract: The sporting phenomenon is a fertile environment for the production of narratives about models of society. Events such as the men’s soccer World Cup, specifically in Brazil, have an intrinsic relationship with the media. Their narratives indicate the constant disputes in society. This article will present what we consider to be the embryo of the narrative of the manager in sport as someone fundamental to organizing the talent and actions of the athletes on the pitch. At the 1958 World Cup, when the Brazilian team won its first title, we will use a critical analysis of the narratives in three Brazilian newspapers to indicate the role of “boss” Paulo Machado de Carvalho in the world created by the newspapers. We chose the newspapers O Globo, Folha da Manhã and Jornal do Brasil because of their relevance in the production of narratives in the Brazilian context at that time. More specifically, the first two were also spokespeople for the national elite. From the national team’s debut to the day the disembarkation of the delegation in Brazil, we selected all the reports that dealt with the theme of the Brazilian national team and counted them up to a total of 401. Next, we counted the mentions of members of the national team’s coaching staff, more specifically: Paulo Machado de Carvalho (19) and Vicente Feola (85).

Keywords: Soccer. 1958 World Cup. Brazilian national team. Manager.

El “jefe para la Victoria”: narrativas sobre Paulo Machado de Carvalho en tres periódicos brasileños durante la Copa del Mundo de 1958

Resumen: El fenómeno deportivo es un entorno fértil para la producción de narrativas sobre modelos de sociedad. Eventos como la Copa del Mundo de fútbol masculino, concretamente en Brasil, tienen una relación intrínseca con los medios de comunicación. Sus narrativas indican las constantes disputas en la sociedad. Este artículo presentará lo que consideramos el embrión de la narrativa del gestor deportivo como alguien fundamental para organizar el talento y las acciones de los jugadores en el campo. En la Copa del Mundo de 1958, cuando la selección brasileña conquistó su primer título, indicaremos, mediante un análisis crítico de las narrativas de tres periódicos brasileños, el papel del “jefe” Paulo Machado de Carvalho en el mundo creado por los periódicos. Elegimos los periódicos O Globo, Folha da Manhã y Jornal do Brasil por su relevancia en la producción de narrativas en el contexto brasileño de la época. Más concretamente, los dos primeros porque también eran portavoces de la élite nacional. Desde el debut de la selección hasta el día del desembarco de la delegación en Brasil, seleccionamos todos los reportajes sobre el tema de la selección brasileña y los contamos, hasta un total de 401. A continuación, contamos las menciones de miembros del cuerpo técnico de la selección, más concretamente: Paulo Machado de Carvalho (19) y Vicente Feola (85).

Palabras clave: Fútbol. Copa del Mundo de 1958. Selección brasileña. Director.

Introdução

Em 1958 a seleção brasileira de futebol conquistou seu primeiro título da Copa do Mundo. A vitória do “escrète canarinho” consolidou uma narrativa que vinha sendo construída desde a Copa de 1938 (Sarmiento, 2013). Essa narrativa aglutinou interesses políticos, econômicos e esportivos e teve na imprensa escrita e no rádio seus maiores porta-vozes (Mostaro, 2017). Após a Copa de 1938 e o artigo Football Mulato, escrito pelo sociólogo brasileiro Gilberto Freyre, estabeleceu-se uma suposta dualidade entre improvisado e organização (Mostaro; Helal, 2018). Na interpretação de Freyre, os joga-

dores brasileiros seriam mais talentosos, baseados em estilo de “surpresa, manha, de astúcio e ligeireza”, “amigo das variações” e “inimigo dos formalismos” (Freyre, 1938, p. 4) ao passo que os europeus teriam um excesso de “ordenação que desapareceria a variação individual”, “mecanizada” e “subordinada ao todo”³. Observando esse antagonismo proposto por Freyre, sua repercussão e influência nas narrativas sobre o talento dos jogadores brasileiros, traçamos como hipótese que a figura do treinador seria esse antagonista dentro do futebol nacional. O responsável por geometrizá-lo, discipliná-lo e comandar as ações dos atletas dentro e fora de campo, inserindo-os dentro de esquemas táticos que reduziriam o improviso.

Partindo deste problema, desenvolvemos uma tese de doutorado que analisou as narrativas de três jornais brasileiros sobre os treinadores da seleção brasileira nas primeiras nove Copas do Mundo (1930-1970). Analisamos os jornais *O Globo* (1930-1970), *Folha de São Paulo* (1962-1970), *Folha da Manhã* (1930-1958), *Diário de Pernambuco* (1938), *A Noite* (1930-1934-1950) e *Jornal do Brasil* (1954-1970)⁴. Da estreia da seleção até o dia do desembarque da delegação no Brasil, selecionamos todas as reportagens que abordam o tema seleção brasileira e as contabilizamos, chegando ao total de 2.351. Em seguida analisamos aquelas que abordam a figura do treinador, totalizando 577. A ideia principal foi compreender a importância dada pela narrativa dos jornais a esta personagem no período Copa do Mundo. Seguimos a proposição de Guedes (2009) de que a Copa do Mundo é um ritual nacional. Neste ritual cada personagem teria um papel a ser cumprido no *frame* (Goffman, 2012) Copa do Mundo. Para indicar qual seria o papel do treinador no mundo elaborado pelas narrativas dos jornais, nos baseamos na proposta narrativa de Paul Ricoeur (2010) e de Luiz Gonzaga Motta, atentando para os enquadramentos lúdico dramáticos do jornalismo (Motta, 2010) através da metodologia Análise Crítica da Narrativa (Motta, 2013). Após observar os números coletados e a relação notícias sobre a seleção/notícias sobre o treinador, fizemos essa análise da narrativa, entendendo que nenhuma narrativa é ingênua, que ela cumpre de terminado propósito, é um processo e não algo acabado, como se pretende enfatizar, sempre em interação constante com cada contexto, evidenciando disputas sociais, produzindo um mundo e singularizando um mundo que é atravessado por múltiplas realidades (Ricoeur, 2010).

3. Importante destacar, que, assim como todo processo narrativo, as discussões sobre o estilo de jogo, surgem antes do artigo *Football Mulato* de Freyre. Para melhor compreensão do tema ver: Soares e Lovisolo (2003). Para a compreensão deste imaginário captado por Freyre e exposto no artigo ver: Mostaro e Helal (2018).

4. Todos os jornais citados estão disponíveis para acesso on-line. A escolha dos jornais se deu pela sua relevância no contexto de cada competição. O jornal *A Noite*, por exemplo, foi perdendo o seu impacto para o *Jornal do Brasil* a partir da Copa de 1954 e por isso foi substituído.

Neste artigo, vamos trazer os resultados obtidos na investigação sobre a Copa de 1958. Qual foi o papel do treinador na primeira conquista brasileira? Qual contexto auxiliou na elaboração do papel do técnico Vicente Feola? Entretanto, é necessário explicar por qual motivo o chefe da delegação brasileira na Suécia, Paulo Machado de Carvalho se tornou o objeto principal deste artigo e não o treinador Vicente Feola. Durante o período de análise, Paulo Machado de Carvalho, importante ator na política, no esporte e na imprensa nacional emerge, nas narrativas dos jornais, como o primeiro grande responsável por uma “gestão eficiente” do nosso futebol, o “chefe” que conduziu a comissão técnica e os jogadores ao título. Nos 28 dias de análise nos três jornais vamos indicar como os periódicos exaltaram essa organização como um fator importante para que a qualidade dos jogadores fosse organizada e evidenciada. Grosso modo: a partir de uma boa gestão deste representante da elite nacional, o talento, inerente ao jogador brasileiro, enfim, sobressaiu. Consideramos essa narrativa o embrião das proposições que permeiam o imaginário esportivo atual: uma clara aproximação entre a ideia de gestão eficiente de um especialista (Postman, 1994) com o esporte (Mostaro; De Marchi, 2021).

Seguindo a proposição de Ricouer (2010), as escolhas dos jornais sobre o que era narrado e o que não era elaborado um sentido sobre a atuação de Paulo Machado de Carvalho durante a Copa do Mundo de 1958. Essas escolhas são feitas a partir da elaboração da intriga, que pode ser entendida como a escolha de ações humanas que vão tornar a narrativa compreensível, com início, meio e fim e que lhe darão determinado sentido de acordo com o que é contado e aquilo que não é contado, através de escolhas e angulações do narrador e do contexto. O que queremos deixar claro é que o Jornalismo pega uma parte de todo o amplo processo comunicacional e das interações e o apresenta como “o real”, convidando o leitor a compactuar com essa “realidade”.

Neste sentido, sabemos que o esporte nasce no epicentro do capitalismo industrial, a Inglaterra (Melo *et al.*, 2013), e que a relação capitalismo e futebol não nasceu em 1958. Essa relação foi fruto de um processo longo e complexo que não resume a uma Copa do Mundo, mas que, no mundo criado pelos jornais, nessa escolha de uma parte sem contar e narrar o todo, a ação de Paulo Machado de Carvalho foi exaltada como inovadora e dialogava com o contexto social, político e econômico que o país atravessava. O simbolismo de, na primeira conquista brasileira, os jornais escolherem esse fato para exaltar e colocar em evidência no mundo que a narrativa cria e elabora sobre as manifestações esportivas foi um forte indício dos caminhos que essas narrativas jornalísticas teriam dali em diante. Ou seja, o processo já existia, mas os jornais prefeririam exaltar durante essa competição, o que nos motivou a trazer esse resultado de pesquisa para este artigo. Assim, o objetivo principal é mostrar como, no mundo criado pelos jornais, a ideia de gestão surge neste ritual nacional como um fator decisivo para uma vitória esportiva.

1 A gestão tecnocrata na CBD

Antes de nos aprofundarmos na gestão tecnocrata da CBD, é importante enfatizarmos o referencial teórico que apoia a nossa análise de que tanto a CBD, quanto os jornais vão produzir narrativas intrinsicamente ligadas ao desejo da elite nacional⁵. Norberto Bobbio (1992) destaca que em uma sociedade existe uma minoria que, por várias formas, é detentora do poder. Essa minoria seria um extrato da sociedade que cria condições para exercer o controle. Mosca (1975) enfatiza que este poder passa pela habilidade do controle das forças sociais que sejam hegemônicas em determinados grupos sociais. Esse extrato pode possuir membros de diferentes grupos que se alinham, ora por submissão, ora por interesses mútuos, ora por posição estratégica para produzir, manter ou ajustar a visão de mundo que seja vantajosa para esses indivíduos e seus grupos. A elite seria o resultado das complexas interações e interesses comuns entre esses extratos, por mais que sejam momentâneos, ajustados a cada contexto e, na nossa análise, interferindo no modelo pretendido de “técnico da seleção”. Assim, entendemos o conceito de elite neste artigo não apenas como relações de dominantes de dominados em cada *frame* social, e sim como a narrativa hegemônica expandida pelos meios de comunicação que molda um mundo e pretende expandir um modelo de sociedade com suas regras e a constituição da intriga escolhida por um determinado grupo.

A elite, portanto, passa a exercer uma forte influência através destes recursos, manifestando concretamente seu poder, como Weber (1987) destaca. A partir desta visão da elite se molda o imaginário nacional dentro de algumas teorias, que legitimariam o poder simbólico e justificariam decisões e imposições desta própria elite. O pensamento político brasileiro, por exemplo, passa por essa questão da elite, da formação de narrativas para definir e interpretar o Brasil, como Brandão (2007) e Souza (2015) enfatizam. Esse pensamento político está presente na CBD. Essa elite vai não só elaborar, mas fortalecer instituições sociais, como a CBD, por exemplo, legitimando-as, garantindo sua hegemonia. Essas estratégias deságuam na narrativa dos jornais pesquisados, que vai expandir este modelo de mundo para o maior número de pessoas possível, sendo a instituição porta-voz deste setor⁶: “os interesses gerais de uma classe são representados por uma instituição, na qual o objetivo é garantir a coesão da formação

5. Para melhor entendimento dessa argumentação ver Mostaro (2019).

6. Aqui nos baseamos nos resultados do projeto Manchetômetro, iniciativa LEMEP (laboratório de Estudos de Mídia e Esfera Pública), sediado no Instituto de Estudos Sociais e Políticos vinculado a UERJ. O projeto faz um acompanhamento da cobertura da imprensa nacional sobre temas de economia e política. Os resultados nos indicam que os veículos da grande imprensa projetam uma narrativa mais negativa a pessoas e partidos ligados a partidos denominados de esquerda, ao passo que é mais favorável a agentes políticos com uma ligação mais intensa com a elite nacional e de partidos denominados de “direita”. Disponível em: <http://www.manchetometro.com.br>.

social em que essa classe domina sem que ela seja um agente político consciente de seus interesses e organizado para a ação” (Perissinotto; Codato, 2009, p. 258). Ressalta-se que o nosso objeto de estudo neste artigo, Paulo Machado de Carvalho, era um agente que detinha um “capital simbólico” importante nos campos político, esportivo, social e midiático. Essa circulação amistosa influenciou diretamente na cooperação entre os agentes destes campos na formulação da narrativa encontrada nos jornais sobre a seleção brasileira nas Copas de 1958 e 1962, quando Paulo foi o “chefe” da delegação. O que inferimos nessa movimentação é que o agente não está imóvel em determinado campo, ele pode exercer influência em mais de um campo. Assim, a formatação desta elite e de seu imaginário se dá nessas interações entre indivíduos que atuam nos campos e que pode se ajustar a cada contexto.

Feita essa importante colocação, vamos fazer uma breve contextualização do cenário que proporcionou essa gestão tecnocrata da CBD durante a Copa de 1958. Getúlio Vargas, que, em seu primeiro governo (1930-1945), conseguiu agrupar as elites nacionais em torno de um projeto de nação e acreditava na simbologia seleção/nação (Souza, 2008), não pôde acompanhar o ápice de sua aspiração no campo esportivo e a concretização desta concepção nascida em 1938. Com o seu suicídio em 24 de agosto de 1954, uma pujante disputa entre diferentes grupos sociais, políticos e econômicos para redefinir o controle nacional estabeleceu dois campos distintos, adiando em 10 anos o golpe militar em curso (Barbosa, 2002). De um lado seu vice Café Filho, que assumiu o governo, incorporou elementos da UDN (partido que intensificou a narrativa de populismo para combater Vargas, tendo Carlos Lacerda como principal líder), setores considerados entreguistas e prometeu eleições para outubro de 1955. Os militares desse grupo entreguista clamavam por uma “união nacional” contra o “mar de lama”, a favor de uma “reforma do sistema político” e tinham como candidato a presidente o general Juarez Távora, ex-líder tenentista que ajudou Getúlio em 1930 e foi contra a criação da Petrobrás. De outro lado, estavam grupos políticos ligados a Getúlio e setores militares considerados nacionalistas, que defendiam a proposta de industrialização e as recentes estatais criadas por Vargas. O representante deste grupo nas eleições era o mineiro Juscelino Kubitschek, candidato do PSD com João Goulart (PTB) como vice e apoio dos comunistas (PCB) (Guterman, 2009).

Juscelino venceu. Udenistas e militares tentaram impugnar o resultado alegando “mentira democrática” e, com o infarto de Café Filho, tiveram na substituição do vice por Carlos Luz, então presidente da câmara, a chance de impedir a posse de Juscelino. O general Henrique Teixeira Lott deu um “golpe preventivo”, em 11 de novembro, para garantir a sucessão presidencial, e Kubitschek tomou posse no dia 31 de janeiro de 1956.

A busca de uma modernização do país tinha na construção da nova capital Brasília o resumo do lema de seu mandato: “50 anos em 5”. No seu “Plano de Metas”⁷, Juscelino optou pelo chamado nacional desenvolvimentismo mantendo a linha econômica varguista, mas com abertura para o capital estrangeiro. O PIB cresceu 7% ao ano entre 1955 e 1961. A recuperação da autoestima nacional seria apoiada nesta modernização e na entrada de ideias estrangeiras (Guterman, 2009). Proni (2000) destaca que é possível estabelecer um paralelo entre a vida econômica e política da nação e os chamados “anos de ouro” da seleção, que se iniciou em 1958. Em ambos os casos a modernização “implicava absorção de capital, tecnologia e padrões de produção e consumo originários da Europa e dos EUA” (Proni, 2000, p. 135). A elite nacional estava permeada por essas ideias de produção e desenvolvimento do capitalismo industrial, o que inferimos ter reflexo na construção do que seria o “perfil ideal” de liderança, simbolizado, nas narrativas dos jornais pesquisados, pelo treinador.

Tendo todo este contexto, a narrativa apresentada pelos jornais pesquisados como explicação para a derrota na Copa de 1954 era a de que tínhamos bons jogadores, mas uma organização e tática ruins. O futebol disciplinado e “científico” dos países europeus, em especial a Hungria e Alemanha (finalistas da competição em 1954), era um “case de sucesso” de como coordenar atletas de alto nível. Seria necessário buscar algo de fora, a organização não existente em nossa “essência” para sermos “campeões”. O cenário internacional alimentava essa “troca de saberes”. O considerado sucesso de público da Copa de 1954, primeira televisionada e transmitida para 33 países, intensificou a interação entre os treinadores europeus, já que com o fim da Segunda Guerra Mundial a presença de público e receitas cresceu em todo o continente⁸. “Vender a experiência dentro de campo” se tornou um negócio. Mais do que isso, seguindo a proposição de Wagg (2015), neste cenário de mercantilização mais efusiva do esporte, os treinadores vão se tornar a ponte entre capital e trabalho. O elo entre os donos dos clubes (neste caso os dirigentes da CBF, na época CBD, representantes da elite nacional (Sarmiento, 2013)) e os trabalhadores (os jogadores).

Em 1957, o clube São Paulo “compra essa experiência” com a contratação do treinador húngaro Béla Guttmann. Guttmann se considerava um especialista em futebol, alguém que sabia aplicar esse conhecimento adquirido em sua carreira e transmitia autoridade aos jogadores, com foco nos treinamentos intensivos (mais de duas horas de

7. Planejar, ter metas e cumpri-las se encaixa no perfil do gerenciamento de empresas. Interpretamos o Plano de Metas como uma influência do campo econômico no campo político, clarificando a ideia tecnocrática de Postman (1994).

8. Com a criação da Liga dos Campões dos clubes europeus em 1955, o campo esportivo europeu se reunifica. A competição vai contribuir diretamente com este intercâmbio que mencionamos. O aparato tecnológico televisivo vai interferir, assim como o rádio na década de 1930, neste aumento da popularidade do esporte.

parte física) e individualizados⁹ (treinava goleiros, zagueiros e atacantes em separado). Guttman entendia que cada um teria uma função específica e precisava treinar para isso. Esse “estrangeiro salvador”, agregado ao capital simbólico que a Hungria espalhou pelo campo esportivo no início dos anos 1950 com a conquista da medalha de ouro em 1952 e o vice-campeonato em 1954, fazia a sua contratação ser a solução para uma necessária modernização do futebol nacional. Uma posição que confrontava a tese de Freyre, que vimos anteriormente. Era alguém do centro (Europa) que ensinaria a periferia (Brasil). Essa visão “de fora” é importante para reforçar como os jornais pesquisados enfatizavam e traziam para o centro da intriga da narrativa a disciplina como algo “necessário” e “natural” para o progresso do futebol.

Entre o capital e o trabalho, Guttman propôs criar um “espírito de equipe”. O modelo de Guttman em que cada jogador sabia exatamente o que ia fazer em campo e treinava especialmente para suas funções era uma espécie de *Toyotismo* do futebol. Um modelo de produção que se baseava, dentre outros fatores, na “melhora e cobrança dos desempenhos”, por um treinamento específico para cada função e o “trabalho em equipe”. O nosso suposto “atraso”, aqui podemos dizer tanto como nação como no futebol, só seria “superado” pela organização científica do trabalho (Postman, 1994).

A concepção de Postman (1994) sobre a tecnocracia interferindo no cotidiano das pessoas, foi usada por nós para interpretar o papel que o treinador terá no esporte pós-guerra. Ele seria alguém especialista que trará eficiência e objetividade, com cálculos técnicos sobre as decisões durante um jogo. Na visão tecnocrática, os números estariam acima da capacidade de decisão humana (Postman, 1994). Qualquer tipo de técnica (tática) pode ser pensada para que os jogadores não pensem, apenas se encaixem dentro dos sistemas previamente estabelecidos, sejam obedientes dentro do campo e cumpram aquilo que foram designados. Os jogadores seriam trabalhadores dentro de regras pensadas por esses especialistas. A complexidade do jogo, subjetividade, atrapalhariam o “pensar o jogo” por especialistas. Quanto mais mecânica melhor. Tanto jogadores como as pessoas deveriam se adaptar as ferramentas inventadas na tecnocracia para o jogo/vida. Quanto mais adaptável a tais regras, melhor o jogador e o treinador.

Neste cenário, a própria função do treinador passa a ser desmembrada em outras atividades, como preparador físico, psicólogo, auxiliar técnico, que comporiam a comissão técnica. A evidente valorização do treinador nas narrativas dos jornais foi acompanhada de uma divisão de tarefas e uma narrativa de que a comissão teria o um

9. Neste tipo de treinamento, os jogadores supostamente entendiam sua função no time e assumiam papéis de confiança do treinador. A narrativa dos jornais pesquisados destaca que a presença dos atletas Mauro, Dino e de Sordi, que fizeram parte da seleção de 1958 e atuavam pelo São Paulo, foi em função de possuir este entendimento de suas funções.

peso simbólico semelhante ao seu. Dentre os membros da comissão do húngaro Bela Guttmann, estava Vicente Feola, que ocupava o cargo de auxiliar técnico. Feola já tinha sido auxiliar técnico do treinador brasileiro na Copa de 1950: Flávio Costa. No novo contexto que exaltava essa tecnicidade, Feola seria o “homem ideal” para comandar o Brasil na sexta Copa do Mundo. Mas como alguém que era auxiliar técnico “pularia” etapas e chegaria a treinar a seleção no nosso maior ritual? A intensa interação entre setores da elite nacional neste período nos ajuda a compreender a modificação no que seria o “perfil ideal” para ser o treinador da seleção.

Na interação com o campo econômico, tivemos os primeiros passos do “modelo econômico” e “gestão” do futebol no Brasil. Sylvio Pacheco, então presidente da CBD, patinava em resultados considerados “fracos” e a narrativa era de que “não se conseguira atingir o ideal de constituição de um time sólido” (Sarmiento, 2013, p. 107). Os conflitos entre campos levaram um ex-nadador do Fluminense, que participou de duas olimpíadas, filho de pai suíço e que também conhecia os bastidores das federações paulistas e cariocas, a presidência da CBD (Sarmiento, 2013). Jean-Marie Faustin Goedefroid de Havelange assumiu a presidência da CBD em 14 de janeiro de 1958 e implantou um modelo empresarial na estrutura da instituição. A ideia de renovação era clara: “a centralização da gestão esportiva sai de cena para dar lugar a um novo conjunto de gestores, com táticas e objetivos nitidamente distintos (Sarmiento, 2013, p. 108). Objetivos com uma relação muito próxima à ideia de Postman que adotamos e apresentamos anteriormente. Havelange tinha a “experiência” do campo econômico administrando a empresa rodoviária Cometa, era um especialista em gestão. O presidente da CBD inaugura oficialmente o modelo tecnocrata na administração do futebol nacional. Para auxiliá-lo neste processo, nomeou Paulo Machado de Carvalho, dono das rádios Panamericana e Record, além da TV Record, como chefe da delegação que iria a Suécia. Paulo definiu uma comissão técnica e planejou minuciosamente as ações da seleção, desde a apresentação dos jogadores até a partida final, distribuindo funções específicas aos membros da comissão. As narrativas midiáticas destacaram que jamais o Brasil havia se planejado e se preparado tanto para uma competição. Até um psicólogo foi contratado para avaliar os jogadores e tentar identificar, sem sucesso, a causa de nosso suposto destempero emocional nas decisões. A vitória só viria com a organização gerencial, tecnocrata, que cuidasse de todos os detalhes, inclusive o lado moral, como Sarmiento destaca: “encontramos embutida nesse discurso uma clara proposta civilizatória, que procurava incorporar à representação simbólica da nacionalidade um conjunto de elementos então associados à modernidade e progresso” (Sarmiento, 2013, p. 109). Com as transformações em curso, o modelo empresarial postulava Paulo Machado como chefe, um “empresário de sucesso” que forneceria o que faltava a seleção. Foi Paulo que escolheu Vicente Feola com treinador.

A escolha de Feola foi considerada uma surpresa e criticada por setores contrários ao grupo de Havelange. Feola tinha problemas cardíacos e era, como vimos, “apenas” auxiliar de Guttmann. Como Guterman enfatiza: “Feola desbancou o favorito Flávio Costa, técnico de 1950, porque tinha o perfil ideal para o trabalho em equipe que estava sendo montado” (Guterman, 2009, p. 125). O “perfil ideal” estipulado para o treinador naquela ocasião seria de alguém que aceitaria a interferência externa de uma elite que agora fazia parte da “comissão técnica” e faria a “gestão” direta do “trabalho de equipe”. Em suma, Havelange e Carvalho seriam os homens fortes, ao passo que Feola seria o coadjuvante.

2 A intriga dos jornais sobre o “chefe da vitória”

É importante destacar que, dentre as nove Copas analisadas, a de 1958 teve o segundo maior número de notícias sobre a seleção: 401. Ficou atrás apenas da Copa de 1970, que teve 625¹⁰. A intensidade do título e as atuações consideradas sensacionais reforçaram de vez o ritual nacional. O acontecimento Copa do Mundo se insere de vez como um ritual nacional, agora consolidado, com um início mítico (1938), suas tragédias e provações (1950), a grande conquista (1958) e o “final” apoteótico (1970).

Feola teve 85 menções ao longo dos 28 dias de pesquisa. A título de comparação com o *corpus* estudado sobre os treinadores, foi segundo maior em todo o período pesquisado, perdendo apenas para Zagalo na Copa de 1970, que teve 207. A maior porcentagem foi na *Folha*, 16 citações dentre as 65 reportagens sobre a seleção, resultando em 24%. O jornal paulista cumpre sua “função” de exaltar e dedicar quase um quarto das notícias sobre o primeiro título nacional a Feola, o representante da elite paulista. No *Globo* foram 46 aparições em 204 reportagens e 23 no total de 132 do *Jornal do Brasil*. Feola não recebeu nenhuma menção negativa.

Logicamente que o título influenciou, mas a ideia dos três jornais ao destacar Feola como aquele que era “paciente” e deu as condições para os jogadores “jogarem seu melhor futebol” foi, para nós, decisiva nessas menções positivas. Além disso, elogiar Feola era, indiretamente, também elogiar Havelange e Paulo Machado, representantes do modelo de gestão que representaria a ideologia defendida pela elite nacional. Foi a menor diferença entre rumos narrativos dos jornais pesquisados desde a Copa de 1930, com poucas nuances entre eles. Após a vitória sobre a URSS, os três jornais aumentaram consideravelmente a cobertura e adotaram uma narrativa de exaltação do “país do

10. Seguem os números das notícias coletadas sobre a seleção/treinador nas demais Copas: 1930 (90/18), 1934 (57/11), 1938 (256/71), 1950 (176/47), 1954 (152/45), 1962 (377/51), 1966 (217/42).

futebol”. As expressões “selecionador” e “preparador” foram mais numerosas do que em edições anteriores, com nove e cinco aparições, respectivamente. “Senhor” e “comandante” apareceram uma vez cada, indicando que, pela estrutura da CBD, o “comandar” não estava tão atrelado a Feola e sim, ao “chefe” Paulo Machado de Carvalho. Entendemos que, com a “autoridade” designada a Paulo, as categorizações “selecionador” e “preparador” expressavam melhor a posição de Feola na comissão: preparar e selecionar quem joga, ainda que fosse uma relação conflituosa, como indicaremos a seguir.

Especificamente para esse artigo, contabilizamos o número de citações dos demais membros da comissão técnica. Havelange teve seis menções positivas, sendo quatro no jornal *O Globo*, e as duas restantes divididas no *Jornal do Brasil* e na *Folha*. Os demais membros da comissão aparecem oito vezes, todas de forma positiva. Na *Folha*, Paulo Machado de Carvalho teve seis menções que seguiam a linha de exaltar a sua posição de chefe e a subordinação de Feola frente a ele: “o técnico Vicente Feola concordou com Carvalho” (*Folha de São Paulo*, 1958, p. 14). Essa intriga ressalta o “perfil ideal” de Feola, um gerente disciplinador que acatava ordens de seu chefe. No *Jornal do Brasil*, foram seis menções a Paulo Machado de Carvalho e, no *O Globo*, sete.

Foram 19 menções ao todo para Machado. Obviamente são menores que as de Feola. Entretanto, ao contextualizar e compreender a composição da intriga dessas reportagens, é nítido a exaltação e a associação do sucesso da participação da seleção a Paulo. Muitas menções a Feola são citações formais, informando, por exemplo, que ele treinou os jogadores no dia anterior. Além das menções a Feola que destacavam a sua lealdade aos “chefes”, sem mencionar Havelange e Paulo Machado de forma específica no texto, mas que deixava subentendida em função da atmosfera que permeava a competição.

Logo no primeiro dia de análise, encontramos uma narrativa no jornal *O Globo*, assinada pelo enviado especial do jornal a Suécia, Ricardo Serran, que, apesar de defender Feola, indica uma descentralização do papel do treinador, diluindo-o na comissão técnica, inclusive já familiarizando as funções e nomes aos leitores:

deve-se esclarecer ao público, que não é o técnico que escala sozinho a equipe, embora, de um modo geral, venha prevalecendo a sua opinião. Os outros, frise-se, na pior das hipóteses tem colocado o seu aval nas recomendações de Feola e se na vitória final ou parcial não estiver no “script”, tenham certeza os leitores de que a responsabilidade está dividida entre Feola mesmo, Carlos Nascimento, Paulo Amaral, José de Almeida e Hilton Gosling, com ligeiras sobras para o chefe Paulo Machado de Carvalho e alguns de seus colaboradores diretos (*O Globo*, 1958, p. 3).

João Havelange, apesar de não ter experiência no futebol, aparece como “um homem de bem” na reportagem. Serran fala que pensava-se em outros dois nomes para o cargo, Fleitas Solich e Zezé Moreira, mas Havelange encerrou as disputas apostando em Feola e sua “transbordante tranquilidade”: “nem mesmo a entidade e seus filiados acreditavam que o administrador do São Paulo fosse “the right man in the right place” (O Globo, 1958, p. 3). Interpretamos a elaboração desta intriga como uma defesa clara dessa “nova gestão”, destacando Feola como o “homem certo no lugar certo”.

O *Jornal do Brasil* seguiu a mesma linha com uma reportagem, assinada pelo enviado especial Carlos Lemos, sobre Havelange, exaltando a sua organização e a figura de Paulo Machado de Carvalho. Lemos ainda entrevistou o massagista Mário Américo, trazendo um extenso perfil do integrante da comissão técnica e, no dia seguinte, fez uma reportagem nos mesmos moldes com o preparador físico Paulo Amaral. O mundo criado pelos jornais visava “ensinar” ao leitor o que seriam essas novas funções no ritual Copa do Mundo.

Após a vitória na estreia por 3 a 0 sobre a Áustria, os “chefes” aparecem na *Folha da Manhã* comentando o jogo: “Paulo de Carvalho confiante para o jogo contra a Inglaterra” e “João Havelange manifesta-se a respeito da vitória do Brasil: a vitória pertence a todos os brasileiros” (Folha da Manhã, 10/06/1958, p. 14). O modelo empresarial aparece na frase de Feola: “O Brasil produzirá muito mais” (O Globo, 09/06/1958, p. 5). O “jogar melhor” é alterado para uma metáfora industrial: produzir mais. Na lógica capitalista, presente na elite, da mesma forma que os donos das fábricas tentavam criar ferramentas para fazer seus bens simbólicos com mais rapidez, mais perfeição e mais beleza, o técnico estaria incumbido desta tarefa no futebol. Ele seria “competente” se conseguisse inventar novas ferramentas com o objetivo de ser eficiente, padronizar, medir resultados e ir “rumo ao progresso” (Postman, 1994, p. 51). O resultado seria o mais importante e o progresso seriam as vitórias da equipe. Um dos símbolos deste “perfil ideal” da tecnocracia aplicada à profissão de treinador foi Herbert Chapman. Treinador do clube inglês Arsenal, ele foi considerado o primeiro modernizador do futebol, exatamente por utilizar ferramentas empresariais em suas táticas e condução dos jogadores. Giulianotti (2010, p. 170) usa uma expressão interessante ao resumir o treinador: “foi o Ford do futebol e seu primeiro dirigente moderno”. Davies (1992, p. 301) é mais incisivo: “sob seu ponto de vista, todos os artifícios utilizados pelo industrial para agilizar a produção de bens poderiam ser usados igualmente para agilizar a produção de gols”. Wagg (1984) destaca que Chapman buscava implantar um método para “or-

ganizar a vitória”¹¹. Pensamento que se alinha a ideia de Taylor (1990). Para o autor, os assuntos dos cidadãos são mais bem orientados e conduzidos pelos especialistas. Para tudo se chama um técnico que, com suas planilhas, vai gerir a eficiência pelos números sem analisar o todo. Esse processo narrativo de “progresso” foi aos poucos se entranhando em outras esferas sociais como a política e o esporte. Sugerimos que a narrativa que enfatizava a aproximação entre esporte e indústria torna essa metáfora possível.

Após o empate em 0 a 0 contra a Inglaterra, pela segunda rodada da competição, os jornais pautaram suas narrativas na entrada de Garrincha e Pelé no time. A notícia do *Jornal do Brasil*, no dia do jogo contra a URSS, indica o conflito existente na própria comissão para escalar Garrincha. Com o título “Chefe e técnico divergem”, Carlos Le- mos destaca:

A divergência entre o Sr. Paulo Machado de Carvalho (chefe da delegação brasileira) e o Sr. Vicente Feola (técnico da seleção) é falada e notória entre os homens que compõem a comissão técnica. Todos concordam com um ou com outro, mas, os dois, até o momento (22 hrs na Suécia) não haviam chegado a um acordo sob a equipe nacional para o jogo de logo mais. Paulo Machado de Carvalho quer Garrincha na ponta direita e Vavá no centro; Feola que Joel na ponta direita e Mazzola no comando (*Jornal do Brasil*, 15/06/1958, p. 13).

A reportagem termina com “o técnico inclina-se mais que o chefe, pelo simples fato de que Mazzola e Joel estão ligeiramente contundidos”. Mazzola e Joel não jogaram e o papel do “chefe” ficou evidente. Até aqui, a narrativa dos periódicos pesquisados seguia o rumo da exaltação a disciplina e organização, abordando a descentralização do papel do técnico neste novo modelo de gestão do esporte. Inclusive com o conflito aberto entre o “novo chefe” x “técnico”. Entretanto, a interação constante e essa disputa de imaginários durante o ritual Copa do Mundo fará a narrativa dos jornais adotar novo rumo.

Consideramos que o terceiro jogo da seleção, contra a URSS, estabeleceu um marco que vai emergir a proposição de Freyre e fazer com que a intriga, inevitavelmente, utilizasse os elementos do talento e improviso, que também floresceram e saíram

11. Entendemos o “organizar a vitória” como uma tentativa de controlar o lúdico, interferindo na “brincadeira”. Roger Caillois (2017) defende que o jogo precisa ser algo incerto, o resultado não pode ser determinado de antemão. A liberdade de inventar e mudar o rumo do jogo é uma obrigatoriedade, algo que o modelo tecnocrata no esporte tenta padronizar. Para Caillois (2017, p. 266-267) “não se joga se já existe a certeza de ganhar. O prazer do jogo é inseparável do risco de perder. Toda vez que a reflexão combinatória (em que consiste a ciência dos jogos) consegue chegar à teoria de uma situação, o interesse de jogar desaparece com a incerteza do resultado.” Já Melo *et al.* (2013, p. 8) destacam que Rottenberg (1956) apresentou uma pesquisa concluindo que a incerteza nos resultados era o “maior gerador de interesse do público que se dedicava a acompanhar e consumir as partidas e produtos esportivos.” Acreditamos que “jogar o jogo” envolve risco, algo que o mercado tenta evitar ao máximo.

de uma posição “meio esquecida” na intriga da narrativa da imprensa sobre o futebol nacional. A atuação dos jogadores, em especial Garrincha, vai levar o modelo empresarial e da comissão técnica competente para segundo plano, e fazer com que o jogador se sobreponha ao treinador de maneira muito contundente no mundo criado pelos jornais. A ideia de treinamentos e organização da comissão ainda segue, mas de forma tímida. A coluna de Célio de Barros no *Jornal do Brasil* indica o rumo que as menções a Feola terão ao longo da competição. Barros destaca que Feola reuniu os jogadores antes da partida e disse para eles jogarem o que sabiam, conforme Didi (outro jogador exaltado nas narrativas) declarou: “deveríamos ficar à vontade para resolver de pronto e como entendêssemos os lances que nos apresentassem, improvisando as jogadas como nos parecer melhor. E por isso mesmo jogamos o que sabemos e ganhamos a partida, que foi bem dura” (*Jornal do Brasil*, 17/06/1958, p. 17). O técnico, pela primeira vez em nosso *corpus*, aparece na narrativa como alguém que pediu improvisado aos jogadores e relacionando esta atitude com a vitória. Feola teria valorizado “as características personalíssimas dos nossos jogadores”. O grande planejamento e preparação dos russos teria sido desmontado pelo nosso improvisado, conforme Célio de Barros destaca:

todos os planos, relatórios e esquemas feitos com intuito de derrotar a seleção brasileira caíram por terra ante a improvisação de um Didi e de um Garrincha, a impetuosidade de um Vavá e o trabalho eficiente de um Zagalo. [...] o público sueco presente no estádio de Gotemburgo não se cansou de aplaudir o quadro brasileiro e principalmente Garrincha, que parecia jogar para a plateia” (*Jornal do Brasil* 17/06/1958, p. 17).

Os três dias de análise após o jogo contra os soviéticos foram repletos de hiperboles e que inauguram a admiração mundial pelo nosso futebol após a “estupenda vitória”. Todas as matérias sobre a partida pareciam ser “obrigadas” a vir repletas de adjetivos que pudessem “expressar a gratidão” por ter visto um jogo de futebol como Brasil x URSS. “Grande Show de Garrincha”; “Grande jogo”; “Vibrou toda a cidade com o sensacional triunfo” (*O Globo*, 16/06/1958, p. 1); “Um autêntico espetáculo de futebol”; “Vitória espetacular da seleção brasileira” (*O Globo*, 16/06/1958, p. 5). Detalhe que o jogo terminou 2 a 0 para o Brasil, mostrando que existia algo na atmosfera do jogo que os números finais do placar não traduziram e não captaram. Aqui é importante destacar que essa construção narrativa, por mais que pendesse a exaltar a gestão, não pode desdenhar de outros elementos que surgem durante a competição. Neste caso o talento de Garrincha e Pelé, exaltados pela imprensa mundial. De forma mais específica, neste jogo o de Garrincha. Captar a atmosfera de entusiasmo que envolveu a partida também é algo presente na construção da intriga, como podemos observar nessas manchetes: “dia de Garrincha”, “o homem que ridicularizou a defesa soviética”, “O ponteiro Gar-

rincha foi um dos jogadores mais cumprimentados depois do “match”, em virtude da sua incomparável atuação” (O Globo, 17/06/1958, p. 17). “É unanime a opinião em torno do ponteiro Garrincha que, com apenas uma atuação, já é considerado o maior jogador do campeonato” (O Globo, 17/06/1958, p. 18).

A narrativa se ajusta, concilia, negocia com outros aspectos para ainda manter a sua ideia de “realidade” frente aos leitores. Motta esclarece esta questão postulando que a narrativa é também construída “pelos ingredientes da situação comunicativa (quadro espaço-temporal, objetivos dos participantes, correlações de poder etc.) e pelo contexto sociocultural (representações mentais, estereótipos, modelos de mundo e memória afetiva etc.) que os interlocutores trazem para o ato da fala” (Motta, 2013, p. 21).

A vitória apertada por 1 a 0 contra o País de Gales, trouxe para os holofotes “moleque de 17 anos sacudiu o Brasil” (Jornal do Brasil, 20/06/1958, p. 17). Tanto *Globo* quanto *Folha* ressaltaram o talento de Pelé e a dificuldade encontrada na partida. As menções a Feola diminuíram durante este período. O termo mais usado passou a ser “direção técnica”, indicando a ideia de trabalho em conjunto que já destacamos.

Com Garrincha e Didi como “chaves” para o Brasil na semifinal, a *Folha* noticiou desta forma a vitória por 5 a 2: “Fogos, gritos e abraços festejaram a goleada do Brasil sobre a França” (Folha da Manhã, 25/06/1958, p. 14). Serran destacou no *O Globo*: “Mais uma noite de grande gala, exibindo todo o valor, todo o virtuosismo, toda a habilidade do futebol nacional” (O Globo, 25/06/1958, p. 18). Não se destaca a tática do time e sim a quantidade de jogadores excepcionais que a equipe teria na final da competição. Começa a ficar mais claro que a função do treinador seria “não atrapalhar o talento”, o que seria estendido aos dirigentes: “Paulo Machado de Carvalho, o vice-presidente da entidade, de quem se afirmava que apenas queria fazer movimento, é um chefe cuja virtude maior é a de não atrapalhar” (O Globo, 28/06/1958, p. 4).

O dia 29 de junho de 1958 se tornou a grande “data comemorativa” do “país do futebol”. A concretização do imaginário de “sermos os melhores do mundo” causou uma ebulição nos discursos sobre a nação que teria, enfim, “se apresentado ao mundo”. Novamente as hipérboles tentavam captar a atmosfera nacional e traduzir no mundo criado pela narrativa o “êxtase” da população: “Delirantemente comemorada a conquista do campeonato do mundo pela seleção”. “Nunca se viu tanto delírio” (O Globo, 30/06/1958, p. 1). Consolida-se a ideia na narrativa de que o “país do futebol” poderia ensinar algo a outras nações, erguendo um capital simbólico robusto: “O Brasil deu uma lição para aqueles que querem aprender” (O Globo, 30/06/1958, p. 17). O mundo criado pela *Folha* apresentava um festival de manchetes de outros países que seguia a mesma linha: o mundo se rendia ao talento dos jogadores brasileiros, em especial Garrincha e não à nossa disciplina. O que já havia começado no jogo contra a URSS se consolida

com a conquista da Copa do Mundo. A modernidade era “nossa”. O centro reconhece a periferia. Isso corroborava o imaginário que o brasileiro queria confiar e acreditar, e a Copa do Mundo, o futebol e o talento dos jogadores tornava tudo isso possível.

Apesar dessa evidente exaltação a uma narrativa que se aproxima muito da proposição de Freyre, os jornais, como porta-vozes da elite nacional, reajustam alguns pontos para destinar uma parcela desta vitória a seus membros. Após o título, Ricardo Serran deixa claro a construção da intriga que hierarquiza as posições na comissão técnica: “Paulo Machado de Carvalho, um chefe para a vitória. O “gordo” Feola. Pela ordem, Vicente Feola tem direito ao posto número dois” (O Globo, 03/07/1958, p. 30). Os três jornais destacaram a simbologia de Carvalho ser sempre um dos primeiros a sair do avião que veio da Suécia e fez uma escala em Recife, depois no Rio e terminou a saga em São Paulo. A reportagem “O chefe para a vitória” de Ricardo Serran consegue resumir o que foram os sentidos da narrativa dos três jornais sobre o “primeiro gestor do futebol brasileiro”.

Houve um plano que foi discutido e negado (a escolha de Feola para o cargo), mas que valeu por ter sido defendido pelos seus principais autores, como a valiosa presença do vice-presidente Paulo Machado de Carvalho. Durante quarenta dias, foi um chefe com todas as características de pai, sem perder os direitos que o cargo lhe conferira. Foi mais, ainda, pois presidente de uma cadeia de emissoras de rádio e televisão, colocou-se em honesta neutralidade, no terreno das informações, atendendo a todos quantos, que em cada minuto, o procuravam. Gentil no trato – o que não surpreendeu – equilibrou as diversas tendências do grupo dirigentes, impedindo o aparecimento de problemas, que, atrapalhariam o êxito da campanha. A sua ação começou muito antes da taça do Mundo, quando os horizontes não eram tão azuis como os de hoje. Mas, nunca houve tanta justiça no mundo do esporte, como agora, quando se vê o cobiçado troféu ser conquistado por uma delegação chefiada por Paulo Machado de Carvalho. [...] O lugar de Paulo Machado de Carvalho está assegurado na história do futebol brasileiro... (O Globo, 2/7/1958, p. 30).

Trazer para a intriga a destinação de um lugar assegurado na história do futebol para Paulo Machado de Carvalho é a exaltação dessa “gestão” construída pelos jornais ao longo da competição. Foi um epílogo importante na última reportagem do *corpus* que traz o nome de Carvalho. Seu papel, e, conseqüentemente, o da elite nacional, é devidamente guardado pelo mundo criado pelos jornais sobre conquista. Carvalho não entrou em campo, não fez gol, não era um exemplo do talento nacional exaltado pela concepção de Freyre, mas era o “gestor” moderno que esse suposto talento intrínseco ao brasileiro jamais teve. A intriga pretendia enfatizar que ele era tudo aquilo que o nosso futebol precisou e nunca teve. Podemos inferir a elaboração da metáfora de que o povo brasileiro e suas qualidades, quando administradas e geridas por essa elite, teriam

o sucesso entre as nações. Aqui é importante destacar que a narrativa sobre a gestão e sobre o talento estão em disputas. É importante exaltar o talento, mas com a ressalva que ele só “apareceu” por conta da “organização. A disputa será sempre constante por essa construção da identidade nacional através do futebol. A narrativa dessa vitória nos jornais evidencia essa dualidade que se fará presente em outras competições como Mostaro (2017) já indicou, principalmente na suposta dualidade entre “futebol-arte” e “futebol-força”, em uma clara continuação, em outro contexto, dessa disputa entre talento e organização.

A gestão da CBD, de Havelange e Carvalho entra na intriga elaborada pelos jornais sobre a vitória na competição: “CBD Futebol Clube Impressiona o Mundo – Nunca vimos uma seleção brasileira ser tão unida, tão coesa, como essa, que mais parece um clube” (Jornal do Brasil, 17/06/1958, p. 17). União e coesão eram as palavras mais usadas e expandem o universo esportivo para, de forma bem explícita, invadirem o campo político. Este trecho do jornal *O Globo* mostra como a relação CBD e poder era intensa: “o presidente JK está radiante com o seu colega João Havelange pela vitória do Brasil, confirmando suas declarações de que o Brasil avançaria 50 anos em cinco anos, durante seu governo” (O Globo, 01/07/1958, p. 17). O mundo criado é da relação visceral entre representante da nação e representante da seleção. A reportagem sobre a recepção do presidente no Palácio do Catete é emblemática:

com o locutor oficial dizendo que a vitória do Brasil na Copa Jules Rimet representava “a meta esportiva do governo, que não estava no programa 50 em 5”, o presidente Juscelino Kubitschek entregou às 21:13 horas de ontem, no palanque armado em frente ao Palácio do Catete, as medalhas de ouro e os diplomas ao selecionado brasileiro de futebol. O presidente entregou o primeiro diploma e a primeira medalha ao Sr. Paulo de Carvalho, chefe do selecionado. (O Globo, 3/7/1958, p. 7)

Reforçamos que, no mundo dos jornais, a imposição do talento nacional só foi possível por conta da organização da comissão (vinda da elite). Foi a “arma” desta elite ao adaptar sua narrativa a algo inegável e reconhecido pelos outros países: o talento. A coluna de Benjamim Constallat no *Jornal do Brasil* no dia seguinte à vitória aborda a ideia de mestiçagem e do talento de Freyre, porém inserindo a concepção de organização e disciplina da equipe.

O Brasil ganhou, domingo, mais do que um campeonato. Ganhou uma nova confiança em si próprio. E merecida, porque revelou não só as qualidades de sua brava raça mestiça, mostrando que atletismo não é privilégio dos arianos nem dos moços loiros. E revelou a sua capacidade de organização, de disciplina e de valor esportivo, que representam o resultado de uma tradição, que o

tempo ainda não nos deu como nas velhas nações, mas que a nossa perseverança conseguiram suprir, destruindo a nossa fama de improvisadores (Jornal do Brasil, 01/07/1958, p. 3).

Destacamos que a ideia de improviso, usada na construção do futebol como identidade nacional nos anos 1930 é aqui renegada, sugerindo a incorporação de outros sentidos como o da capacidade de organização que supostamente teria levado o time à vitória. Aqui é interessante refletirmos que, segundo a coluna, a seleção precisou desenvolver uma característica atribuída pelo próprio jornalista como típica de “velhas nações”, para conseguir vencer. Ou seja, apenas o improviso não nos levaria a conquista, foi preciso adaptar-se a outros atributos de “nações vencedoras” para chegar ao título. Atributos que a “organização” vinda da elite e aplicada pelo treinador teria nos dado.

A *Folha* também constrói este mundo em seu editorial logo após o título, contendo contribuições pertinentes a nossa investigação, como neste trecho:

O resultado final de domingo teve ainda o mérito de revelar que somamos ao apego brasileiro ao futebol e às inegáveis habilidades individuais dos nossos atletas, outros fatores indispensáveis de triunfo: disciplina, conjunto e boa organização. Sabe-se que a improvisação, o estrelismo e a rebeldia sacrificaram, numerosas vezes, as nossas aspirações ao título mundial (Folha da Manhã, 01/07/1958).

Notamos nesta passagem que o improviso é rejeitado e colocado como motivo de derrotas em outras competições, mas sem deixar de evidenciar a habilidade individual do jogador nacional. Esse improviso condenado pela matéria está associado a um individualismo exacerbado dos jogadores e a uma não adaptação, uma não obediência aos novos formatos que essa gestão destacada nos jornais visa implantar. Essa intriga indica um novo perfil a ser exaltado, aquele que pensa no grupo, no time, sem individualismo e se adapta as táticas sugeridas pelo treinador. Sugerimos que a ideia de modernidade e planejamento era vital para o imaginário que a elite nacional pretendia desenvolver.

Considerações Finais

Como mostramos, a narrativa sobre a Copa de 1958 exaltou a disciplina e organização da comissão técnica, inaugurando uma ideia de “modelo empresarial” com pessoas especializadas em cada setor, colocando Feola à sombra de dois dirigentes: Havelage e Paulo Machado de Carvalho. O último foi igualmente exaltado em 1962 com o bicampeonato conquistado no Chile. Em nossa análise, Paulo foi representante desta elite nacional e sua exaltação nos jornais se deve ao simbolismo que essa nova gestão do

esporte desejava marcar. Contudo, por mais que os trechos aqui mencionados fossem importantes e indicassem essa disputa pela narrativa existente neste ritual nacional, o volume de notícias sobre o talento sobrepôs as reportagens sobre a organização.

Consideramos este fato algo normal, já que, como destacamos, essa narrativa sobre Paulo Machado de Carvalho foi um embrião deste modelo de gestão no esporte durante uma Copa do Mundo. A narrativa é um processo e como todo processo, não surge do nada, ela é elaborada ao longo dos anos, e teve seu início de exaltação deste modelo exatamente nesta competição. Deste modo, este trabalho indicou as principais narrativas que floresceram dentro do contexto de abertura do país para capital estrangeiro e do fortalecimento do modelo de “modernização” estar atrelado ao capitalismo. O gerir vai se tornar ao longo dos anos, “apenas” alcançar lucros e no futebol “acumular vitórias”, sem levar em conta a complexidade do jogo. Grosso modo: se teve vitória foi um bom gestor, se não teve faltou gestão. Não foi por acaso que, 16 anos depois da Copa de 1958, João Havelange assume a presidência da FIFA e a torna uma grande empresa mundial. Empresa que passa a vender o futebol pelo mundo e tem na Copa do Mundo o ápice deste consumo.

A narrativa sobre Paulo Machado de Carvalho em 1958 nos mostra os caminhos que o esporte estava adentrando no pós-guerra. Atualmente, podemos traçar como hipótese que a abordagem desses gestores e a intriga da narrativa dos meios de comunicação que encontramos sobre essa personagem aumentaram de forma considerável. Reportagem sobre as táticas, sobre os balanços dos clubes são mais observadas do que narrativas sobre o talento dos atletas? Pesquisas futuras podem responder a essa questão. Acreditamos que a contribuição deste artigo é sinalizar que Carvalho, o gestor que “administrou” o talento em 1958, deu o pontapé inicial às ideias de gestão econômica das SAFs no futebol, dos grandes patrocínios e de uma gestão neoliberal que vai entender essa gestão como a única estrada para o sucesso esportivo. A própria concepção do que seria um treinador moderno será influenciada por essa ideia de gestão que aqui trouxemos. A CBF, por exemplo, possui atualmente um curso para formar e definir quem pode ser um treinador. Algumas disciplinas que integram o currículo explicitam o viés corporativo que o cargo alcançou e que teve seu início com Paulo Machado de Carvalho. São disciplinas bem similares ao currículo de um estudante de Administração: “Gestão Técnica do futebol”, “Marketing”, “Gestão Financeira”, “Gestão: liderança transformadora” e “Coaching”. Assim, concluímos que a narrativa sobre o “Chefe” em 1958 foi a pedra fundamental da gigante construção neoliberal que abraçou e tenta amarrar o esporte moderno.

Referências

- BARBOSA, A. J. O parlamento e a política externa: as relações Brasil-Portugal. **Lusíada. Revista de Ciência e Cultura**, v. 3, p. 61-66, 2002.
- BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. **Dicionário de política**. 4. ed. Brasília: EDUnB, 1992.
- BRANDÃO, Gildo Marçal. **Linhagens do pensamento político brasileiro**. São Paulo: Aderaldo e Rothschild, 2007.
- CAILLOIS, Roger. **Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- DAVIES, D. Chapman's Arsenal. *In*: Hamilton, Ian (Org.). **The Faber book of Soccer**, London: Faber e Faber, 1992.
- FREYRE, Gilberto. Foot-ball mulato. **Diário de Pernambuco**, Recife, 17 jun., p. 4, 1938.
- FOLHA DA MANHÃ. São Paulo, 07 jun.-04 jul., 1958.
- GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do Futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.
- GOFFMAN, Erving. **Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise**. Trad. Gentil A. Tilton. Petrópolis: Vozes, 2012.
- GUEDES, Simoni Lahud. Futebol e identidade nacional: reflexões sobre o Brasil. *In*: DEL PRIORE, Mary e MELO, Victor Andrade de. (Org.) **História do Esporte no Brasil: do império aos dias atuais**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país**. São Paulo: Contexto, 2009.
- JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 07 jun.-04 jul., 1958.
- MELO, Victor Andrade de. *et al.* **Pesquisa Histórica e história do esporte**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.
- MOSCA, Gaetano. **História das doutrinas políticas desde a antiguidade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1975.
- MOSTARO, Filipe. **Imprensa e o futebol-arte: as narrativas da “nossa essência futebolística”**. Curitiba: Editora Prismas, 2017.
- MOSTARO, Filipe. **Os técnicos, os campos e as Copas: imprensa, narrativa e o imaginário da elite cultural do futebol**. 2019. 298 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

MOSTARO, Filipe; DE MARCHI, Leonardo. O encantador de serpentes: Tite e a transformação da figura do treinador de futebol sob a ideologia neoliberal. **Contracampo**, Niterói, v. 40, n. 2, p. 01-14, maio/ago., 2021.

MOSTARO, Filipe; HELAL, Ronaldo. *Foot-ball Mulato* e o imaginário nacional: a atmosfera de sentidos da Copa de 1938. **ALCEU (ONLINE)**, v. 19, p. 16-35, 2018.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Enquadramentos lúdico-dramáticos no jornalismo: mapas culturais para organizar narrativamente os conflitos políticos. In: BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe (Org.). **Mídia, Representação e democracia**. São Paulo: Hucitec, 2010.

O GLOBO. Rio de Janeiro, 07 jun. – 04 jul, 1958.

PERISSINOTTO, Renato; CODATO, Adriano. Classe social, elite política e elite de classe: por uma análise societalista da política. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 2, p. 243-270, 2009.

POSTMAN, Neil. **Tecnopólio: a rendição da Cultura à tecnologia**. Trad. Reinaldo Guarany. São Paulo: Nobel, 1994.

PRONI, Marcelo Weishaupt. **A metamorfose do futebol**. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia, 2000.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

SARMENTO, Carlos Eduardo Barbosa. **A construção da nação canarinho: uma história institucional da seleção brasileira de futebol, 1914-1970**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo Rodolfo. Futebol: a construção histórica do estilo nacional. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 25, n. 1, 2003.

SOUZA, Denaldo Alchorne. **O Brasil entra em campo! Construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947)**. São Paulo: Anablume, 2008.

SOUZA, Jessé. **A tolice da inteligência brasileira: ou como o país se deixa manipular pela elite**. São Paulo: LeYa, 2015.

WAGG, Stephen. **The football world: a contemporary social history**. Harvester Press, 1984.

WAGG, Stephen. "Anjos de todos nós?": os treinadores de futebol, a globalização e as políticas de celebridade. **Anál. Social**, Lisboa, n. 179, 2006. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0003-25732006000200002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 12 abr. 2015.

WEBER, Max. **Conceitos básicos**. São Paulo: Moderna, 1987.



Categorias do torcer e participação feminina em uma torcida *chopp* carioca

Ana Caroline Lessa¹  

Universidade Estadual de Campinas

Resumo

Como estão inseridas as mulheres torcedoras em uma torcida organizada? Este artigo tem por objetivo destrinchar a inserção das mulheres na arquibancada a partir de uma torcida do tipo *chopp*. Argumento que essa modalidade de organização favorece a integralização das torcedoras em termos de segurança, conforto e acolhimento. Se por um lado o machismo e as praças esportivas ainda demasiado masculinizadas podem cercear o envolvimento das mulheres na torcida por um clube, por outro lado, torcidas como as do tipo *chopp* privilegiam a participação feminina. A partir de etnografia em dias de jogos do Botafogo de Futebol e Regatas e entrevistas semiestruturadas realizadas com a Torcida Fogoró, mais especificamente com o Alambique Feminino, discuto presença, participação, acolhimento e pertencimento entre as torcedoras-interlocutoras nas atividades e socialidades futebolísticas. Verifica-se que torcida *chopp*, muito marcada por não se envolver em episódios violentos e por ter um caráter mais familiar, colabora para atrair um público distinto do que geralmente abrange torcidas organizadas mais tradicionais, as “jovens”. Para situar estas diferenças entre modos de torcer classifico as torcidas organizadas em três categorias, *chopp*, *jovem* e *barra*, que serão apresentadas no texto.

Palavras-chave

Torcidas organizadas. Sociabilidade torcedora. Pertencimento clubístico. Gênero e esporte.

1. Mestranda em Antropologia Social (PPGAS/Unicamp), co-fundadora do Laboratório de Estudos das Práticas Esportivas e de Lazer (LAPEL/Unicamp) e bacharela em Ciências Sociais (UFRJ). Interessada em torcidas organizadas, movimentos associativos de torcedores, questões de gênero e memória no futebol.

Categories of supporting and female participation in a *torcida chopp* from Rio

Abstract: How are women fans included in a *torcida organizada*? This article aims to unravel the insertion of female supporters in the stands with a *torcida chopp*. I argue that this type of organization favors the integration of female fans in terms of safety, comfort and hospitality. If, on one hand, sexism and sports venues that are still too masculine can restrict female involvement in supporting a sports team, on the other hand, *torcidas* such as the *chopp* type favor the experience and integration of women in the stands. Based on ethnography on game days at Botafogo de Futebol e Regatas and semi-structured interviews carried out with Torcida Fogoró members, more specifically with the women's wing of the given Torcida, I discuss presence, participation, reception and belonging among these female fans-interlocutors in football activities and socialities. It appears that *torcidas chopp*, which are very notable for not being involved in violent episodes and for having a more family-friendly character, help to attract a different audience than what generally comprises more traditional, "young" organized fans. To locate these differences between forms of supporting, I classify the organized squads into three categories, *chopp*, *jovem* and *barra*, which will be presented in the text.

Keywords: Organized fans. Fans sociabilities. Club belonging. Gender and sports.

Categorías de hinchadas y participación femenina en una *torcida chopp* de Río

Resumen: ¿Cómo se incluyen las fans femeninas en una base de fans organizada? Este artículo pretende desentrañar la inserción de las mujeres hinchadas en las gradas a partir de una *torcida chopp*. Sostengo que este tipo de organización favorece la integración de los aficionados en términos de seguridad, comodidad y hospitalidad. Si, por un lado, el machismo y los recintos deportivos todavía demasiado masculinos pueden limitar la participación femenina en el apoyo a un club, por otro, hinchadas como las del tipo *chopp* favorecen la experiencia y la integración de las mujeres en las gradas. A partir de etnografía sobre los días de partido en el Botafogo de Futebol e Regatas y de entrevistas semiestructuradas realizadas con miembros de Torcida Fogoró, más específicamente con el ala de mujeres de la Torcida en cuestión, analizo la presencia, participación, acogida y pertenencia entre aficionados-interlocutores en actividades y socialidades futbolísticas. Parece que las *torcidas chopp*, que se caracterizan por no estar involucradas en episodios violentos y por tener un carácter más familiar, ayudan a atraer a un público diferente al que generalmente comprende fans organizados más tradicionales, las *jovens*. Para localizar estas diferencias entre las formas de porristas, clasifico las *torcidas organizadas* en tres categorías: *chopp*, *jovem* y *barra*, que se presentarán en el texto.

Palabras clave: Fanáticos organizados. Sociabilidad futbolística. Pertenencia. Género y deporte.

Introdução

As Torcidas Organizadas² (TOs) são tradicionais nas arquibancadas brasileiras e conhecidas no meio não-futebolístico pelas reportagens de jornais em que aparecem ocasionalmente, sobretudo envolvendo episódios violentos. Nos moldes burocráticos-militares, como sugere Luiz Henrique de Toledo (1996), as torcidas organizadas da maneira que conhecemos no presente surgem ao final dos anos 1960, ascendem na dé-

2. No presente texto 'torcida organizada' aparecerá com distintas grafias dotadas de três significados diferentes. Quando em sigla ou iniciada em caixa alta (Torcida, Torcida Organizada), me refiro à Fogoró. Quando no plural ou iniciada em caixa baixa me refiro ao conjunto de torcidas organizadas. Quando no singular, iniciada em caixa baixa, trato da torcida botafoguense de modo mais amplo – algo que evito.

cada de 1970 e têm seu *boom* de associados e simpatizantes na década seguinte. Suas características de transgressão, jovialidade e luta muito se deve ao contexto de aparecimento delas durante a ditadura militar brasileira iniciada em 1964 e aos movimentos populares, em especial estudantis, como o Maio de 1968 na França, em um contexto que poderia ser caracterizado como de crescente autonomização da juventude contra repressão política e reivindicando maior participação política e social na sociedade, de maneira geral, e especificamente na vida dos seus clubes (Toledo, 1996).

A importância juvenil sobressai pelo perfil destes torcedores organizados (Toledo, 1996; Teixeira, 2004) que em sua maioria estão na adolescência até a faixa dos trinta anos de idade e pelo próprio nome de várias das torcidas nascidas nestes primeiros períodos, inspirando outras nas décadas seguintes, como a Torcida Jovem do Botafogo (1969), Torcida Jovem do Santos (1969), Força Jovem do Vasco (1969³) e *Young Flu* (1970). Algumas destas organizadas não somente são as pioneiras em seus clubes como podem ainda ser as principais na arquibancada, assim sendo referidas como “a jovem”⁴ do seu time. *Jovem* pode ser, então, adjetivo ou nome próprio de uma Torcida.

Ser torcida *jovem* é um marcador importante entre as organizadas, como será colocado adiante. Ser (da) *Jovem* é motivo de orgulho e é tradição. Carrega-se consigo honra e responsabilidade. É preciso ter “conduta” e “responso” para manter o legado e a história da torcida. Não se é “de uma Jovem”, você é “da Jovem”. Ainda que outras torcidas do clube carreguem o adjetivo, para uma é nome próprio. O nome de cada torcida traz consigo sua identidade e sua “ideologia”, isto é, aquilo em que crê e a forma como age conforme a crença.

Há ainda um outro contexto de migrações e ocupações das cidades, particularmente nas capitais Rio de Janeiro e São Paulo. Esses deslocamentos fomentam o “ajustamento dos indivíduos” ao novo ambiente citadino e encontram no futebol um instrumento de sociabilidade, solidariedade e identificação entre os novos residentes. A Copa do Mundo de 1970, sediada no México e vencida pelo Brasil (ainda sob regime militar) é de grande importância neste momento de união e fortificação no país. Nessa década o futebol se consolida como “mania nacional” (Toledo, 1996, p. 24), movido pela competição e pelo agenciamento de interesses políticos, econômicos e sociais no fortalecimento do esporte, das práticas esportivas e da exposição na construção de estádios e surgimento de novos clubes no cenário nacional (Toledo, 1996).

3. A torcida só se fundou oficialmente no ano seguinte, em 1970.

4. Todas as palavras ou expressões que aparecem entre aspas e sem referência direta são provenientes do campo e registradas em diário de campo. O meu campo compreende jogos do Botafogo de Futebol e Regatas e os principais espaços de interlocução foram: Estádio Nilton Santos; Maracanã; sede da Torcida Fogoró.

Maurício Murad (2007, p. 17) aponta que o futebol possui em sua essência um *ethos* que perpassa o conflito e a violência a partir do ritual disjuntivo, conforme Lévi-Strauss. Um ambiente competitivo como o do esporte moderno, ainda mais no tangente a modalidades disputadas apenas entre dois adversários na praça esportiva, é permeado por ideias duais e opostas: ganhar ou perder; nós ou eles; sucesso ou fracasso; aliado ou adversário, matar ou morrer. Simbolicamente, é preciso “matar” o adversário para alcançar o objetivo da vitória (Lévi-Strauss, 2012 [1962], p. 47).

O esporte moderno cria, pela sua própria lógica competitiva, uma cisão entre os adversários, a princípio em pé de igualdade, para que ao fim da partida se distingam entre ganhadores e perdedores (Lévi-Strauss, 2012 [1962], p. 49). Todo o ritual-jogo gira em torno de estabelecer a dissociação entre os elementos participantes de modo a definir quem é superior, pela lógica da dualidade e oposição, a partir da diferença entre eles – aquele que vence.

Do mesmo modo que há um *ethos* de conflito no futebol moderno, a agressividade e o uso da força física como recurso do torcer ou da demonstração de superioridade entre torcidas tendem a seguir determinadas lógicas. Ignorar o sentido do enfrentamento para os torcedores envolvidos nos episódios é também enfraquecer o debate e deixar passar os seus sentidos e significados para os adeptos (Palhares; Schwartz, 2015).

A dualidade perpassa, similarmente, outros aspectos morais, estéticos, valorativos em um determinado grupo, como categorias de masculino e feminino, viril e frágil, forte e fraco, amigo ou inimigo, organizado ou não-organizado, ser ou não “de briga”, vencer ou perder. A (des)construção das hierarquias entre oposições se dá apenas internamente naquele grupo, não sendo possível definir ordem estática de valores uma vez que estes são subjetivos e variáveis pela lógica de cada grupo de torcedores. A título de exemplo, a categoria “de briga”⁵ não carrega necessariamente uma positiva ou negativa *a priori*. O sentido e o valor atribuído a esta categoria (ou qualquer outra envolvendo juízo de valor) é dado à nível pessoal pela experiência de cada ator envolvido. Este indivíduo-ator-torcedor tende a se conectar com outras pessoas e grupos que partilham de valores similares ou parecidos. É nesse círculo estabelecido que as convicções se sustentam e sustentam o fazer-torcer de uma torcida. O fazer-torcer e a ideologia⁶ em uma torcida organizada se alimentam mutuamente.

5. Ser ou não “de briga” também é categoria êmica e um dos principais marcadores no perfil de uma organizada.

6. “Ideologia” é um termo êmico nas torcidas que diz respeito aos seus preceitos sobre sua forma de torcer. A ideologia gera sentido ao grupo, dando uma identidade a cada TO.

1 Ideais de comportamento

Um dos últimos redutos para construção e afirmação de um ideal de masculinidade, conforme Edgar Morin (1975), o esporte moderno é dominado por exigências acerca de força e virilidade. Estes ideais versam sobre comportamentos esperados quanto a manifestação da masculinidade e não apenas se (re)produzem nas torcidas de modo a exaltá-los e instigá-los, como buscam constantemente se diferenciar e distanciar do feminino, carregando “uma série de exigências dos atores envolvidos, sejam eles atletas ou torcedores” (Bandeira; Seffner, 2013).

O distanciamento estabelece juízo de valor pela dicotomia concebida através da construção e valoração dos binarismos neste ambiente em que o masculino “ocupa um lugar privilegiado” (Bandeira; Seffner, 2013). As atitudes “ideais” seguem normas não-escritas de conduta, ainda que, hoje em dia, com maior presença, visibilidade e crítica por parte de grupos como mulheres, crianças, pessoas LGBTQIA+ e, ainda, homens “desviantes” deste perfil cujas variedades de expressões são escanteadas.

Sendo assim, para continuarmos a repetir que ‘futebol é coisa de homem’ é necessário especificar qual tipo de homem estamos falando, pois se quisermos questionar essa máxima é necessário lançar novas perspectivas e olhares em torno do nosso conceito de masculinidade na tentativa de compreendê-la como uma dimensão menos homogênea do que costumamos supor (Costa, 2006).

O ideal de masculinidade e virilidade aliado a brigas nas torcidas, choques com policiais militares e outras dimensões levaram ao auge da violência envolvendo torcedores organizados entre o final da década de 1980 (Reis, 1998; Pimenta, 2003; Costa, 2007 *apud* Silva *et al*, 2016) e o ano de 1995, marcado pela “batalha campal do Pacaembu”, que resultou em centenas de feridos e um morto dentro do estádio (Buarque de Hollanda; Medeiros, 2018).

Nesse contexto, a violência envolvendo torcidas de futebol se consolida como um problema social que gera “pânico moral” fomentado por assaz influência da mídia, mobilizando órgãos responsáveis para ações práticas de combate ao problema. Entre punições desde a proibição da entrada de materiais⁷ de torcidas envolvidas nos eventos ao banimento das organizadas em estádios por longos períodos e sentimentos de medo, desconfiança e insatisfação por parte do povão⁸, novas formas organizadas de torcer surgem.

7. ‘Material’ é o nome dado a todo e qualquer artefato de uma Torcida Organizada que exhibe símbolos e cores da torcida e do clube ao que se dedica. Dentre eles: instrumentos de percussão, bandeirões, faixas e vestimentas. A obstrução dos materiais é feita durante a revista policial a qual os espectadores de um jogo são submetidos previamente à entrada no estádio.

8. Torcedores “comuns”, isto é, torcedores “não-organizados” compõem o chamado “povão”. Os três termos entre

2 Novos moldes do torcer organizado

Desde o início dos anos 2000 outras modalidades e movimentos torcedores aparecem nos estádios. Ainda que espontâneas, algumas dessas agremiações seguramente surgem como alternativa às torcidas organizadas dominantes até então, apesar de enclausuradas ou afastadas dos estádios sob efeito de suspensões em decorrência de episódios violentos. Isso se mostra a partir de alguns dos idealizadores e fundadores desses novos movimentos serem ex-membros oriundos das TOs clássicas, as *jovens*.

Insatisfação quanto à organização e conflitos internos na sua torcida de origem, medo (de estar mais proximamente envolvido pela violência no esporte) e cansaço (as torcidas clássicas são comumente caracterizadas por torcedores mais jovens, em tese, mais dispostos física, mental e socialmente para confrontos e outras aventuras envolvendo TOs) são alguns das razões apontadas para um perfil masculino e mais velho se retirar das *jovens*. Se ainda interessados no torcer-organizado, fundam ou integram torcidas que não são “de briga”. Se não, seguem como torcedor não-organizado.

Para Reis (1998) os torcedores podem ser classificados em dois grupos: torcedores comuns e torcedores organizados. Entendo esta separação como uma das dicotomias apresentadas acima e características importantes no perfil de um torcedor. Um torcedor “comum” é aquele que não integra uma torcida organizada e, portanto, é parte de uma coletividade mais simples e menos característica. Ou, ainda, com características que facilmente identificam aquele conjunto homogêneo. Já o torcedor organizado apresenta outras características mais específicas visualmente (através de indumentária da própria Torcida, como comumente ocorre) ou pelos seus comportamentos. Estes, relacionados à ideologia já mencionada anteriormente neste trabalho.

Seguindo o caminho das diferenças entre as próprias agremiações, entendo que a categoria “torcida organizada” ainda não dá conta das diferenças e particularidades delas. Desse modo, “torcida organizada” seria, então, um termo guarda-chuva para as seguintes divisões: *jovem*, *barra* e *chopp*. Por esta razão, proponho uma subclassificação das torcidas organizadas utilizando três categorias como tipos ideais (Pilatti, 2002) a partir de quatro aspectos centrais: visual, ritmo, ideologia e perfil.

O visual trata daquilo que se vê em uma torcida. Envolve principalmente seus símbolos ou mascotes, desenhos e imagens, cores e a composição dos elementos utilizados na “festa” da torcida, como tipos de bandeiras ou faixas e frases de efeito. A seção de ritmo se refere ao conjunto musical que a banda da torcida utiliza para reger seus componentes e contagiar a arquibancada a partir do que está sendo cantando naquele momento do jogo.

aspas compõem categorias êmicas de torcedores amplamente difundidas no espaço futebolístico. Entre torcedores organizados permeia uma ideia de hierarquia e importância entre eles e os torcedores “comuns”, entendendo que se dedicam e sofrem mais pelo seu clube do coração.

O perfil trata de uma composição geral dos integrantes de uma torcida. Por fim, a ideologia envolve tudo aquilo que uma torcida defende e acredita, agindo, portanto, de acordo.

Tendo em vista que tipos ideias indicam perfis que aproximam grupos, interesses e comportamentos mais específicos e padronizados dentro deles, segue um quadro elaborado acerca das principais características dos três modelos de torcida⁹.

Quadro 1 – Modelos de torcida

	Jovem	Barra	Chopp
Visual	Bandeiras em mastros de bambu, bandeirões, faixas horizontais; símbolos com aparência agressiva ou raivosa; utilizam estritamente as cores do clube.	Influência de países sul-americanos como Argentina e Uruguai, adotando faixas horizontais em sua estética; bandeiras menores; cores do clube.	Bandeiras em mastros de bambu, faixas horizontais; símbolos simpáticos ou divertidos; além das cores do clube, uso do amarelo remetendo à cerveja.
Ritmo/instrumentos	Instrumentos de percussão mais tradicionais, como o surdo de marcação, surdo de corte, caixa, tamborim e repique. Músicas com marcação mais acelerada e letras mais objetivas. Ritmos de samba, funk e rap.	Seus “temas” são mais cadenciados e comumente versões de músicas populares. São mais longos, com letra e melodia mais complexas. Instrumentos tradicionais e murgas, características das barras. Podem ainda incluir saxofone e/ou triângulo.	Instrumentos de percussão mais tradicionais, como o surdo de marcação, surdo de corte, caixa, tamborim e repique. Músicas com marcação mais acelerada e letras mais objetivas. Ritmos de samba, funk e rap.
Perfil	Jovem e masculino, desde a adolescência até os 35 anos. Lideranças são homens mais velhos, com mais tempo de torcida e de “pista” ¹⁰ . Por isso, mais respeitados. Núcleos femininos existem e podem ser mais afastados, quase como uma torcida independente.	Jovem, masculino e branco.	Faixa etária mais abrangente, desde núcleos infantis (A Fogoró, por exemplo, tem a Foguaraná, acompanhada pelos adultos responsáveis pelas crianças) até 50 anos. Núcleos femininos mais próximos da torcida como um todo, tendo bastante influência e participação ativa nas tomadas de decisões e linha de frente das atividades da TO.
Ideologia	Apoio incondicional, inclusive pelo uso da força física, se preciso. A violência está inserida dentro de uma lógica de proteção e vingança.	“Alento” incondicional, preferivelmente sem conflitos. Perfil mais conciliador e tranquilo, ao contrário das barras de outros países.	Apoio incondicional se dá pela dedicação à torcida e ao clube, através de viagens para outras cidades e presença constante nos jogos em casa, por exemplo. Repúdio à violência e reafirmação da torcida enquanto pacífica, não “de briga”.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

9. A taxonomia proposta considera apenas o contexto das torcidas na cidade do Rio de Janeiro. Há particularidades locais e regionais que, por vezes, distinguem as modalidades de torcida. As barras gaúchas, por exemplo, possuem longo histórico de rivalidade violenta, como as barras argentinas. No contexto paulista, é comum que torcedores mais velhos migrem das torcidas “de pista” para a escola de samba da sua associação.

10. Nesse contexto, ser “de pista” consiste em um longo e consistente histórico de participação na torcida. Tendo mais bagagem e tempo, estes torcedores são mais respeitados e conhecidos. Assim, ascendem às posições de liderança. É preciso salientar também que nem todo torcedor de uma jovem é “de pista”. Deste modo, estas duas categorias não podem ser colocadas como sinônimas.

Em conversa, um interlocutor compartilha que, há um ano e meio, acompanha a Torcida Fogoró, mas que começou a frequentar estádios com uma torcida organizada “de briga” em 2007. Após mais de uma década afastado de organizada,

tinha aquela visão de que era aquela coisa de confusão [...] e quando a gente (ele e um amigo, também da Fogoró) pegou uma caravana numa torcida de *chopp*, eu e o *, a gente foi se sentindo como uma família. [...] Eles [um casal de integrantes da torcida] vão [para jogos e viagens] com os dois filhos... A gente sentiu que eles [a Torcida] não estão buscando porradaria, não tão buscando confusão.

(Trecho de entrevista realizada e transcrita pela autora)

O trecho acima indica a compreensão da Fogoró como um ambiente mais familiar e amigável, em que é possível unir o ser-organizado com a tranquilidade de uma torcida que não é hostil e que não é de “porradaria”. O não ser “de briga” é um marcador bastante presente entre simpatizantes e integrantes da Fogoró. A violência é, então, um tipo de acusação social (Misse, 2016) que distingue essa forma de torcer em detrimento de uma torcida mais violenta e “briguenta”, estabelecendo uma hierarquia entre modos de torcer. Cada grupo tem sua valoração própria acerca dos comportamentos ideais no fazer-torcer. Não é, portanto, uma medida precisa e definitiva, à medida que diz respeito à constituição de cada torcida organizada internamente.

3 O Alambique Feminino: notas sobre a participação das mulheres em ambientes futebolísticos

As mulheres sempre estiveram presentes nos *matches de football*¹¹ desde quando “senhoritas da alta sociedade [davam] uma atmosfera fidalga ao esporte bretão associando-o à elegância, tranquilidade e beleza” (Costa, 2006). Ainda que interessadas no *sport*, as *ladies* eram atreladas, sobretudo pela mídia – largamente masculina –, à beleza, leveza do ambiente e boas famílias, desconsiderando os estádios como espaços alternativos para a vivência das mulheres em relações e ambientes além do doméstico. Sendo, assim, um salto de liberdade e autoexpressão para as frequentadoras destas praças.

A existência de torcedoras-símbolo em clubes ou torcidas (inclusive nas torcidas uniformizadas, anteriores às organizadas¹²), como Dulce Rosalina (Vasco e TOV¹³) e

11. Termo em inglês que no plural designam as partidas de futebol. Tendo sua origem na Inglaterra industrial, o futebol é disseminado e tratado desde termos no idioma original até as primeiras décadas do século XX. Outros breves exemplos: *goal* (meta ou gol), *goalkeeper* (guarda-redes ou goleiro), *corner* (tiro de canto ou escanteio).

12. Ver: <https://periodicos.ufrj.br/index.php/csonline/article/view/30164>. Acesso em: 23 jul. 2024.

13. Torcida Organizada do Vasco, fundada em 1944.

Dona Elisa (Corinthians¹⁴), são só dois de vários exemplos evidenciando a presença já antiga e a importância das mulheres no âmbito do torcer, da socialidade no início do século XX e da própria representatividade de gênero.

As torcidas organizam-se por uma estrutura com presidência, vice-presidência e diretoria de setores como cadastramento, bateria, comunicação, material, financeiro. Essa organização burocrática da torcida (Toledo, 1996), até mesmo dotada de CNPJ, a constitui como uma empresa propriamente dita. Uma torcida-empresa precisa de recursos para se manter e a estrutura precisa fazer com que a manivela gire.

Há uma via de mão dupla entre o torcer (material, bateria, canto, visibilidade e presença ativa e constante nos jogos e outros eventos do clube) e a receita. Esta pode ser positiva através da venda de materiais da torcida, consumação na sede própria, rifas, organização de eventos e afins. É fundamental que haja uma estrutura organizada, transparente e ativa para que tudo funcione de forma adequada e que a torcida seja autossuficiente. A Torcida é, por fim, uma marca que não pode enfraquecer. O atual presidente da Fogoró pensa

na torcida como algo profissional. O ideal é ter alguém [de fora] que trabalhe, porque não acho justo [componente] sobrecarregar, por exemplo, família, trabalho, estudo, pra viver pra torcida e não ser remunerado por isso. Hoje tem uma pessoa que recebe um salário pra tocar a torcida, abrir a sede, ir nas reuniões, viajar, se preciso... Não aconteceu de uma hora pra outra, aconteceu depois de um tempo. É [sobre] essa questão da profissionalização [no que diz respeito à organização interna e receita] e fazer a torcida acontecer. Primeiro, estar presente em todos os jogos, e o fator fundamental que é o desempenho do time, né? Eu sempre falei pra galera que a gente precisa estar pronto, a gente precisa funcionar igual a uma empresa.

(Trecho de entrevista realizada e transcrita pela autora)

Na Fogoró, à estrutura descrita é somada a coordenação de alambiques. Os alambiques são subdivisões que funcionam como “marcadores territoriais” (Caldas, 2020, p. 130). Torcidas organizadas se subdividem por bairros, zonas, regiões, cidades ou estado, a depender de variações como número de componentes e tamanho da área. É comum que quanto mais afastada da cidade do clube, menos haja uma divisão. Por exemplo: na cidade do Rio de Janeiro, origem do Botafogo de Futebol e Regatas, há subdivisões pelas zonas da capital. Saindo dela, os alambiques se espraiam pelos municípios próximos, como pelos municípios de Duque de Caxias, Niterói, São Gonçalo e Maricá. Há ainda alambiques que aglutinam outros, como o de Nova Friburgo (município da região ser-

14. Ver: https://www.meutimao.com.br/noticia/206288/corinthians_reinaugura_memorial_em_homenagem_a_dona_elisa. Acesso em 15 jul. 2024.

rana que acolhe outras localidades menores) e o alambique Região dos Lagos. Saindo do estado, alguns alambiques representam seus estados, como o de Juiz de Fora (MG), Vila Velha (ES), Curitiba (PR) e Cuiabá (MT).

O Feminino é um dos tantos alambiques da Fogoró. Muito ativo já antes da oficialização da subdivisão, as integrantes femininas da torcida viajam para jogos em outros estados e países, organizam seus próprios eventos e ações sociais, muitos voltados a causas das mulheres (como campanhas para doação de cabelo e de absorventes), além de festas de aniversário do alambique, encontros entre elas e para acompanhar modalidades esportivas olímpicas do clube, além de categorias de futebol feminino e de base.

Com torcedoras sempre ativas na arquibancada e nas atividades da agremiação, a institucionalização desse grupo já existente e presente apenas reforçaria a participação dessas mulheres na torcida. Há bastante autonomia para promoverem suas próprias atividades, deliberar em discussões internas e atuar na diretoria, banda e outras atividades essenciais da torcida sem pedir qualquer tipo de permissão. Em outras organizadas já testemunhei episódios em que torcedoras pediam permissão ou não se sentiam confortáveis em tomar ações sem antes passar por uma figura de autoridade – masculina –, episódios que não presenciei com a Fogoró.

Uma integrante destaca diferenças acerca da participação feminina em organizada de um clube paulistano em detrimento de sua torcida

Tenho várias amigas da [censurada], só que lá, ao mesmo tempo que eles são muito progressistas pra muitas coisas, também é uma torcida que se a mulher quiser bandeirar, ela não pode colocar a mão. Se ela quiser tocar na bateria, ela não pode tocar. Eu já perguntei pra integrantes homens [por que esse tipo de impedimento] e eles ficam com desculpa esfarrapada [...]. Não [é assim], então vamos negociar. Se a integrante que já tem x anos de torcida quiser bandeirar, vai bandeirar num jogo, vai tocar na bateria. Isso, pra eles, é uma questão. Então pra mim não adianta ser tão progressista num lado e no outro ainda ser tão engessado.

(Trecho de entrevista realizada e transcrita pela autora)

Destaco dois pontos importantes no trecho anterior. O primeiro é sobre diferentes níveis de participação feminina nas TOs. Ter mulheres no quadro de componentes não garante uma atividade assídua e satisfatória para elas. Percebe-se que algumas torcidas limitam e cerceiam a atuação feminina. A presença das mulheres funciona, desta maneira, como uma tentativa de melhorar a imagem de uma torcida, sobretudo nas torcidas “de briga”, onde há mais controle sobre sua cooperação.

O segundo ponto importante, diretamente relacionado ao primeiro, é uma busca por legitimação que possibilitaria envolvimento mais ativo das torcedoras dentro da

agremiação. No trecho acima, uma possibilidade seria uma mulher poder exercer funções a partir de um tempo de participação na associação. De maneira geral, esses tipos de “teste” acerca da fidelidade da torcedora a um clube ou torcida, ou ainda a credibilidade sobre conhecimentos técnicos e históricos do futebol são comuns. Vários argumentos são defendidos por torcedores homens. No entanto, eles podem ser resumidos no esforço em perpetuar hierarquias de gênero e perpetuação de um ambiente em que o ideal de masculinidade permaneça de maneira confortável para quem ele representa.

Um espaço estritamente feminino cria um sentimento de proteção e segurança. O tom do grupo da ala feminina em rede social de mensagens instantâneas é bem diferente do grupo geral da torcida, em que estão todos os integrantes da Fogoró à nível nacional. Entre as quarenta torcedoras membros do grupo feminino é permeada a sensação de pertencimento pela proximidade da convivência entre elas, não apenas em momentos de jogos. É comum dormir umas nas casas das outras, saberem (e perguntarem) outros aspectos da vida além do futebol, sobre família, trabalho, relacionamentos. Entendo que a intimidade *online* vem primeiro da afinidade e da liberdade *offline*, forjadas nos espaços de sociabilidade a partir da Fogoró, o primeiro ou principal laço que as une.

No grupo exclusivo entre as mulheres, constantemente atualizam sobre o cotidiano e comentam sobre seu dia, enviam áudios e mandam fotos. As conversas giram menos em torno do futebol – para a temática acabam deslocando-se para o grupo principal. Preocupam-se umas com as outras. É comum perguntarem se estão bem, se chegaram bem em casa. Há muita ajuda, aconselhamento, brincadeira e piada interna, com um arsenal repleto de figurinhas umas das outras. Há também sempre lembranças de jogos ou outros eventos em que compareceram juntas através do envio de registros fotográficos ou audiovisuais das ocasiões.

Por outro lado, o grupo geral concentra-se mais sobre futebol, especialmente Botafogo e sobre a própria torcida. É através desse grupo que se trocam informações sobre a torcida, sobre viagens e ingressos de jogos, jogadores do clube, calendário das competições. Nele é comum mandar fotos trajando uniformes da Fogoró ou fotos bebendo cerveja, fazendo churrasco ou comendo petiscos. Há um tom de proximidade e intimidade ao mesmo tempo em que esta não é aprofundada. Por mais que os torcedores se conheçam, convivam e sejam próximos em dias de jogo, a intimidade é reservada para outros grupos mais específicos, como os dos alambiques e os de amigos mais próximos para além da afinidade geográfica.

A visibilidade das mulheres torcedoras na Fogoró não deixa de ser uma propaganda para a torcida: é um atrativo e convite a um ambiente familiar, amistoso e seguro para torcedoras de todas as idades. Escrevo no diário de campo que

[Na sede da torcida] há homens adultos mais velhos sozinhos, há outros em grupo. Além deles, há casais, há famílias, há adultos com crianças, há jovens. Mulheres sozinhas, com outras amigas ou acompanhadas de um homem. Digo ‘acompanhadas de’ e não ‘acompanhando a’ pois percebe-se a interação e atividade delas no espaço, conversando com outros grupos de pessoas, cumprimentando e cantando, por exemplo. (Diário de campo do dia 07/07/2024. Botafogo 3x0, Atlético-MG, Estádio Nilton Santos, RJ)

Considerações finais

As mulheres são parte do futebol tão logo ele desembarca no país de uma república ainda engatinhando. Entre jogadoras, torcedoras e moças de família, as mulheres não somente eram interessantes como eram e são interessadas nos *matches*. Com participação e presença oscilante e muitas vezes cerceada ao longo do tempo, as torcedoras cada vez mais se apropriam do meio futebolístico e reivindicam para si este espaço.

Nas torcidas organizadas “jovens” permeia um ambiente predominantemente masculino e exaltado. Entre interlocutores da Fogoró ou não-organizados, diz-se não haver mais o “pique” para acompanhar uma torcida *jovem*, indicando sua disposição e possibilidade de entregar-se integralmente à torcida, viajar para ir aos jogos, brigar e fazer outras “loucuras”. Uma torcida *chopp*, *portanto*, cumpre com seu papel de apoiar e seguir o clube, porém sem a mesma disposição para briga. Na verdade, acreditando que essa não é a maneira adequada de torcer, apoiar, se comportar.

Esse caráter tranquilo, apesar das festas, eventos, viagens e outras atividades realizadas pela torcida *chopp*, convida para o torcer-organizado, torcedores que possuem “viés de torcida” mas não se identificam com um torcer agressivo e exacerbado. Desta maneira, o perfil da torcida é mais equilibrado entre homens e mulheres, com faixa etária maior e com forte apelo entre famílias, mulheres e homens “sossegados”.

Além das atividades na torcida de maneira mais direta ou visível como estender faixas, tocar instrumentos na bateria e cantar, há outras muitas atividades por trás dos bastidores, tarefas invisíveis necessárias para a manutenção de uma organizada, como prestação de contas, cobranças de mensalidade de sócios, cadastro de novos torcedores. Entre elas existe também o ser mãe ou companheira.

Por fim, reforço que, para que os homens exerçam certas ocupações, há mulheres por trás cumprindo com outras incumbências. Para um homem tocar na bateria, uma mulher afinou o instrumento. Para um homem viajar, uma mulher gerenciou despesas e gastos e outras burocracias envolvendo uma caravana. Para um homem comparecer a uma reunião, evento, jogo em casa ou fora, uma mulher precisou cuidar das crian-

ças. Além de elas mesmas exercerem suas atividades na torcida e em outros ambientes, olhando para suas subjetividades, responsabilidades e interesses.

Referências

- ARARIPE PACHECO DE SOUZA, Eduardo. As gerações de grupos organizados de torcedores no Brasil: O caminho até as alianças. **CSONline - Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, [S. l.], n. 31, 2020.
- BANDEIRA, Gustavo; SEFFNER, Fernando. Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: Um jogo dentro do jogo. **Espaço Plural**, [S. l.], v. 14, n. 29, p. 246-270, 2000.
- BUARQUE DE HOLLANDA, Bernardo. B.; MEDEIROS, Jimmy. Escolas de samba e torcidas organizadas de futebol: análise de um caso de sincretismo no carnaval paulistano. **Mosaico**, v. 9, n. 14, p. 23-47, 9 jul. 2018.
- CALDAS, Phillipe. **O Belo e suas torcidas: As formas de torcer que cercam o Botafogo da Paraíba**. São Paulo: Editora Ludopédio, 2023.
- CAMPOS, Hugo Berlingeri; LOUZADA, Roberto. A trajetória das associações de torcedores de futebol da cidade de São Paulo: de torcidas de futebol a escolas de samba. **Maguaré**, Bogotá, v. 26, n. 2, p. 147-171, 2012.
- COSTA, Leda. O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol. **Esporte e Sociedade**, v. 2, p. n. 4, 2006.
- DAMO, Arlei Sander. Futebol e estética. **Perspectiva**, v. 15, n. 3. p. 82- 91, 2001. [online].
- DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social: Uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**. Porto Alegre/UFRGS: Ed. Universidade.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. 12. ed. São Paulo: Papyrus, 2012.
- MURAD, Mauricio. **A violência e o futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.
- MISSE, Michel. Violência e teoria social. **Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**, v. 9, n. 1, p. 45-63, 2016.
- MORIN, Edgar. **O enigma do homem**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

PALHARES, Marcelo Fadori; SCHWARTZ, Gisele Maria. **Não é só a torcida organizada: O que os torcedores organizados têm a dizer sobre a violência no futebol?** São Paulo: Ed. da Unesp, 2015.

PILATTI, Luiz Alberto. Guttman e o tipo ideal do esporte moderno. *In*: PRONI, Marcelo; LUCENA, Ricardo (Org.). **Esporte, história e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2002, p. 63-76.

REIS, Heloísa Helena Baldy dos. **Futebol e sociedade: as manifestações da torcida**. 1998. 164 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

SILVA, Carolina Fernandes *et al.* As mulheres na torcida jovem do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 8, n. 29, p. 197-204, 3 mar. 2016.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. **Os perigos da paixão: visitando jovens torcidas cariocas**. São Paulo: Annablume, 2004.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. Futebol, emoção e sociabilidade: narrativas de fundadores e lideranças dos movimentos populares de torcedores no Rio de Janeiro. **Esporte e Sociedade**, Niterói, n. 21, 2013.

TOLEDO, Luiz Henrique. A cidade das torcidas: representações do espaço urbano entre os torcedores e torcidas de futebol na cidade de São Paulo. *In*: MAGNANI, José Guilherme; TORRES, Lillian de Lucca (Org.). **Na Metrópole: textos de antropologia urbana**. São Paulo: EDUSP: 124-155.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados/ANPOCS, 1996.



¿Gol de los aztecas? Uso y representación de elementos arqueológicos en el fútbol mexicano moderno

Alexis Fernando Oliveroz Osorio¹  
Universidad Nacional Autónoma de México

Resumen

La programación del fútbol *soccer* como deporte espectáculo en el escenario mexicano no se ha privado de la reutilización de elementos materiales del pasado. Durante las últimas décadas en este país se han usado política y simbólicamente imágenes afines a culturas prehispánicas. Esta producción iconográfica no es fortuita. Por el contrario, representa una atribución de los ideales del nacionalismo en el marco temporal de un mundo globalizado que se encuentra en la constante búsqueda de símbolos y materialidades que son adoptados o negociados comunitariamente. En este tenor, el sistema económico neoliberal es una maquinaria que incorpora flujos de capitales culturales que pueden ser transformados en capitales económicos que propicien el bienestar de dicho funcionamiento sistémico. Para el fútbol mexicano contemporáneo, la unión entre Estado y capitalismo ha involucrado la producción en masa de miles de mercancías idealizadas. El empleo de elementos arqueológicos se ha reflejado en indumentarias deportivas, escudos, estadios, mascotas y utilerías. Asimismo, se ha forjado un estrecho vínculo entre aficionados, patrocinadores, medios de comunicación, empresas y clubes. En este terreno de juego no sólo se disputa el agrado o repudio de los fanáticos a tales componentes, sino la adaptación de un sistema de valores añejo a la sociedad mexicana actual. En síntesis, el objetivo prioritario de este texto es subrayar la importancia que las materialidades prehispánicas han significado en el contexto político, económico y cultural del fútbol mexicano.

Palabras clave

Fútbol. Arqueología. México. Capitalismo.

1. Maestrante en Antropología con Especialidad en Arqueología en la Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM). Es docente de Historia Universal y de México en el Colegio Nacional de Matemáticas. Ha impartido más de veinte conferencias y publicado en libros y revistas académicas.

Gol dos astecas? Uso e representação de elementos arqueológicos no futebol mexicano moderno

Resumo: A programação do futebol como esporte-espetáculo no cenário mexicano não se privou da reutilização de elementos materiais do passado. Nas últimas décadas, neste país, imagens relacionadas às culturas pré-hispânicas têm sido usadas política e simbolicamente. Essa produção iconográfica não é fortuita. Pelo contrário, representa uma atribuição dos ideais do nacionalismo no marco temporal de um mundo globalizado que está em constante busca de símbolos e materialidades adotados ou negociados comunitariamente. Nesse contexto, o sistema econômico neoliberal é uma maquinaria que incorpora fluxos de capitais culturais que podem ser transformados em capitais econômicos que promovem o bem-estar desse funcionamento sistêmico. Para o futebol mexicano contemporâneo, a união entre o Estado e o capitalismo envolveu a produção em massa de milhares de mercadorias idealizadas. O uso de elementos arqueológicos se refletiu em vestimentas esportivas, escudos, estádios, mascotes e utensílios. Além disso, forjou-se um estreito vínculo entre torcedores, patrocinadores, meios de comunicação, empresas e clubes. Nesse campo de jogo, não se disputa apenas o agrado ou repúdio dos fãs a esses componentes, mas também a adaptação de um sistema de valores antigo à sociedade mexicana atual. Em síntese, o objetivo prioritário deste texto é sublinhar a importância que as materialidades pré-hispânicas têm significado no contexto político, econômico e cultural do futebol mexicano.

Palavras-chave: Futebol. Arqueologia. México. Capitalismo.

Aztec goal? Use and representation of archaeological elements in modern Mexican soccer

Abstract: The programming of soccer as a spectacle sport in the Mexican scene has not refrained from the reuse of material elements from the past. Over the last few decades, images related to pre-Hispanic cultures have been politically and symbolically used in this country. This iconographic production is not coincidental. On the contrary, it represents an attribution of the ideals of nationalism within the temporal framework of a globalized world that is in constant search of symbols and materialities adopted or negotiated communally. In this context, the neoliberal economic system is a machinery that incorporates flows of cultural capital, which can be transformed into economic capital promoting the well-being of said systemic functioning. For contemporary Mexican soccer, the union between the State and capitalism has involved the mass production of thousands of idealized commodities. The use of archaeological elements has been reflected in sportswear, logos, stadiums, mascots, and props. Moreover, a close bond has been forged between fans, sponsors, media, companies, and clubs. In this playing field, not only the approval or disapproval of fans towards such components is at stake, but also the adaptation of an old value system to contemporary Mexican society. In summary, the primary objective of this text is to highlight the importance that pre-Hispanic materialities have had in the political, economic, and cultural context of Mexican soccer.

Keywords: Soccer. Archaeology. Mexico. Capitalism.

Introducción

Al igual que otros deportes, el fútbol es una fidedigna representación de los problemas, necesidades y logros que las sociedades e individuos atraviesan en su cotidianidad. Particularmente, el balompié es la actividad deportiva más practicada y seguida en todo el planeta. Debido quizás, a su espíritu competitivo, pero que al mismo tiempo es una práctica colectiva y a la relativa practicidad de sus normas y objetos, el *soccer* se erige como una conducta habitual humana. Pero más allá de sus características sustanciales, hay que detenerse en el análisis del fútbol como un espectáculo.

Bajo esta óptica, el *soccer* es un show disfrutado por millones de personas y que promueve una derrama económica considerable para ciertos agentes sociales. Bajo estos términos es cuestionable dirigir la mirada hacia quienes reciben y propician esas jugosas ganancias para visualizar cuáles son las tensiones que se hacen presentes en ese escenario. Dicho de otro modo “el problema no es el desarrollo de la dimensión de espectáculo que tiene el fútbol, sino si el sentido de éste se complementa o articula con otros sentidos incluidos en y ligados a la dimensión ritualística y simbólica” (Santa, 2003, p. 202).

Como es bien sabido, este deporte fue practicado oficialmente por primera vez en el emblemático encuentro entre escoceses e ingleses en 1872. En los siguientes años, el fútbol sufrió de un proceso de internacionalización mediante la migración, la colonización y el intercambio cultural. No obstante, el fenómeno de su institucionalización se concretizó hasta la Copa Mundial de 1930 en Uruguay que organizó la Federación Internacional de Fútbol Asociación [FIFA]. A partir de tal coyuntura, los Mundiales se han celebrado periódicamente cada 4 años hasta la actualidad, siendo las únicas excepciones las ediciones de 1942 y 1946 debido al desarrollo de la Segunda Guerra Mundial.

En México, como en gran parte de Latinoamérica el balompié tiene un arraigo sólido entre sus fieles seguidores. A pesar de sus antecedentes precolombinos², la historia de este deporte en territorio mexicano inició hacia las postrimerías del siglo XIX mediante migraciones europeas. En concreto, se fundó el primer club que fue el *British Club* en 1899 gracias al intercambio cultural con mineros ingleses y españoles (Esparza, 2023). Propiamente, en 1918 fue el *Atlante Fútbol Club* el primer equipo fundado por puros mexicanos y que permitió la participación de jugadores de piel morena (Alabarces, 2018).

Fue en agosto de 1922 que se fundó la Federación Mexicana de Fútbol Asociación. Tuvieron que pasar veintiún años más para la institucionalización de una liga profesional (Bañuelos, 1998). Esto sigue vigente hasta hoy en día, puesto que el fútbol mexicano varonil como deporte espectáculo es organizado en dos eventos semestrales³ en el que participan 18 clubes de Primera División⁴ para intentar ganar el campeonato local conocido como Liga BBVA MX. No fue sino hasta el Torneo Apertura 2017 que el fútbol femenino inauguró sus puertas como deporte de alta competencia (Añorve, 2019).

2. El juego de pelota prehispánico se puso en marcha hace más de 3,000 años en Mesoamérica (Taladoire, 2000). Se trata de una práctica ritual en la que dos bandos contrarios trataban de atravesar una bola de hule mediante anillos o aros angostos. Dicho drama pudo involucrar el sacrificio de los participantes, guerras y alianzas entre pueblos, así como ofrendas y peticiones a deidades por la fertilidad y el buen temporal.

3. Se conoce como Torneo Clausura al evento deportivo del primer semestre y Torneo Apertura a la fase del segundo semestre del año.

4. Desde 2020 ya no existe el ascenso, ni el descenso deportivo a pesar de la existencia de divisiones menores como la Liga de Expansión MX y la Liga Premier MX.

Incluso, aún con los estragos que produjo la pandemia por coronavirus SARS-CoV-2 el fútbol reanudó con gran interés nacional (*The Nielsen Company*, 2020). La súbita suspensión del espectáculo no supuso una crisis total, puesto que emergieron otras modalidades de entretenimiento deportivo, como los *eSports*⁵. Adicionalmente, hay un repertorio cultural basado en las prácticas y materialidades alrededor del fútbol que trascienden a los diferentes ámbitos de las relaciones humanas.

Así pues, la adaptación de elementos prehispánicos en artefactos modernos ha popularizado y trasgredido un conglomerado de nociones percibidas por la opinión popular. La creación de cualquier artículo contemporáneo que contenga alusiones a las materialidades precolombinas busca como fin primordial fortalecer la identidad colectiva de sus miembros (Angelotti, 2010). En este caso, reproducir la moda no es exclusiva cuestión de estética (Lipovetsky, 2013), sino que es una idealizada representación de culturas y personajes del pasado.

De esta manera, más adelante se realizará un breve repaso sobre los ejemplos concretos a los que nos referimos, así como sus respectivas repercusiones en el medio nacional mexicano.

1 Imágenes del pasado en el México moderno

Es un hecho que los humanos suelen recurrir a su pasado para el entendimiento de su presente y pronóstico de su futuro. Peculiarmente, el mosaico cultural mexicano es de larga data y tradición. Se tiene registro de que los primeros asentamientos humanos en México tienen más de tres milenios de existencia (Inomata, *et al.*, 2021). En los siglos consecuentes se desarrollaron múltiples y diversas comunidades y ciudades precolombinas.

La vida social de los pueblos nativos fue interrumpida a principios del siglo XVI debido al proceso de Conquista propiciada por los ibéricos en conjunto con aliados indígenas opositores al sistema de tributo originario. La colonización occidental impactó en todas las esferas sociales del continente americano, pues se introdujeron políticas fiscales, el cristianismo, el sistema de encomiendas, el trabajo de mineras, el esclavismo negro, el mestizaje y una nueva lengua dominante. Este periodo novohispano duró en México trescientos años hasta que se consumó la independencia en contra del régimen peninsular. A partir de este hecho histórico nacieron los Estados Unidos Mexicanos

5. Los Sports o ciberdeportes consisten en competencias virtuales basadas en estrategias y dinámicas de actividades deportivas.

en 1821. Sin embargo, el México como nación incipiente sufrió de una debacle política, económica y militar en la que los dos principales grupos dominantes: el conservador y el liberal se confrontaron mutuamente⁶, mientras que otros países intervinieron o tuvieron enfrentamientos bélicos en tierras y aguas mexicanas⁷.

Ya a finales del siglo XIX se instauró la dictadura del general Porfirio Díaz. A este periodo histórico se le conoció como Porfiriato y se caracterizó por la opresión de la clase trabajadora, la consolidación de un sistema latifundista, la represión militar, la crisis democrática y la modernización del Estado mexicano, mediante la extensión de redes ferroviarias, carreteras y telecomunicaciones. A pesar de que la relativa modernización parecía positiva, la realidad social mexicana era cruel. Por ello, en 1910 explotó la Revolución Mexicana que logró derrocar a Díaz y sus adeptos. En 1917 se promulgó la aún vigente Constitución Política de los Estados Unidos Mexicanos que conjuntó algunos de los grandes logros de la causa revolucionaria.

Pronto fue evidente que la reconstrucción del país después del movimiento armado iba a resultar una tarea inconmensurable. Bajo este contexto fue que el sector dirigente empleó un conjunto de herramientas y estrategias que permitieron la integración nacional. Dicho conglomerado de conjuntas públicas involucró la repartición masiva de tierras a campesinos, la aplicación de una educación libre, laica y gratuita, las expropiaciones de distintas ramas industriales y la formulación de un repertorio cultural de signos y símbolos que permitiese la consolidación de un proyecto de Estado nacional hegemónico.

Particularmente, el último criterio fue fundamental. En su momento, el repertorio cultural posrevolucionario pretendió abordar un modelo de mestizaje y asimilación. La imagenología del origen mítico de la Fundación de Tenochtitlán⁸, capital del antiguo imperio azteca, fue el eje rector sobre el que se edificó una nueva ideología: la de la mexicanidad. En este rubro se destacaron movimientos socioculturales en el país como los huapangos y sones, el muralismo, la lucha libre, el cine de oro, el estridentismo y la proyección de elementos patrimoniales arqueológicos.

6. El bando conservador fue seguidor de la religión católica, del modelo centralista dirigido por un monarca o emperador y de las antiguas tradiciones y costumbres europeas. Por otro lado, los liberales fueron partidarios del modelo republicano federal dirigido por presidentes y del laicismo.

7. Entre los enfrentamientos más populares ocurridos en la época decimonónica destacaron la Expedición Española de Isidro Barradas, la Guerra de los Pasteles en contra de Francia, la Guerra de Texas, la Guerra de Intervención contra Estados Unidos y la Segunda Intervención Francesa. Véase la **Nueva Historia Mínima de México Ilustrada** (Escalante, *et al.*, 2008).

8. El mito de la fundación de México-Tenochtitlán consiste en que, a mediados del siglo XIV, unos peregrinos fueron dirigidos por el dios Huitzilopochtli para crear una nueva ciudad en su honor. La profecía de esta deidad exponía que debían hacer una peregrinación hasta encontrar en un islote a un águila devorando a una serpiente encima de un nopal. La importancia del concepto fue tan grande que hoy es parte del escudo y bandera mexicana.

A mediados del siglo XX se crearon institutos y organismos gubernamentales que se esforzaron por ejercitar la memoria y utilizaron imágenes y símbolos del pasado prehispánico en los contextos de su cotidianidad. Ejemplo de ello fue la iconología aplicada en los timbres postales, en los boletos del transporte público y de lotería nacional, en las monedas y billetes, en anuncios publicitarios, en el escudo nacional, en los estatales y municipales, en las vestimentas y en la propaganda comercial, de espectáculos y deportiva (Oliveroz, 2023; Villalobos 2014).

Como se mencionó previamente, no fue fortuito que esta maquinaria de imágenes tomase referencia y apropiación de algunos elementos culturales de sociedades precolombinas. El objetivo político del Estado fue trazar una identidad de carácter nacional. Paradójicamente, ignoró y descartó a las comunidades indígenas contemporáneas. Incluso, en su momento se promovieron políticas públicas abiertamente discriminativas, como la educación monolingüe y la adopción del español como lengua dominante en lugar de la promoción de las lenguas nativas. Muchos otros pueblos originarios fueron reubicados, transformados, amenazados y se integraron a un homogéneo proyecto de Estado nación mexicano.

El uso y manipulación de referentes materiales e inmateriales pretéritos ha proliferado con mayor prosperidad en los últimos ochenta años. Empero, ha generado una marea de discusiones y tensiones que cuestionan el orden pragmático de un modelo estatal multicultural. Los grupos subalternos o marginados han expuesto que existe una notoria arbitrariedad en la elección de los elementos culturales que son tomados en cuenta por la agenda nacionalista. Encima, recientemente la interferencia de las grandes empresas y corporaciones ha revolucionado la conducta y moral de los mexicanos.

Esto así ha ocurrido en México y en casi todo el mundo por el efecto globalizador. Propiamente, el marco de la globalización ha conectado por intermedio de tecnologías, vías y telecomunicaciones unas relaciones humanas definidas en espacio y tiempo, pero que son superfluas y carentes de conciencia social. Además, el sistema capitalista ha aprovechado la crisis de valores de las sociedades contemporáneas para equiparar materialidades, ideas e imágenes como una banal producción de mercancías en las que se genere la mayor plusvalía.

Consecuentemente, el binomio ideológico del libre mercado y nacionalismo ha pretendido que ciertos agentes sociales mantengan una tendencia firme en la sectorización privilegiada de un mínimo acervo patrimonial. Entonces, ocurre la segregación cultural “presentándolo como simbolizador por excelencia de la totalidad de su cultura y, en última instancia, de su identidad” (Giménez, 2005, p. 178). De tal forma, que esa suerte de perversión es de mayor fuerza cuando se plasma en espectáculos de grandes masas, como lo es el *soccer*.

2 Arqueología en el fútbol mexicano

La riqueza visual de las materialidades arqueológicas estriba en que éstas dotan de identidad y de un sistema de valores y creencias al repertorio sociológico de sus fieles portadores. El caso mexicano es ilustrativo. La monumentalidad, los códices y las grandes proezas creadas por los antiguos habitantes son objeto presente de admiración. Al respecto, las disciplinas antropológicas encuentran interés en el estudio de formación de identidades colectivas. En el caso preciso de los agentes sociales y materialidades que giran en torno al fútbol, podría tratarse el asunto de manera semejante que con el concepto de nación. Es decir, ambas nociones son comunidades imaginadas (Anderson, 1993) porque ninguno de sus miembros conoce a la totalidad de sus miembros, ni con exactitud como opera el sistema y, sin embargo, existe un amplio sentido de unidad y fraternidad sustentado en símbolos, imágenes y materialidades paradigmáticos.

Asimismo, en México existe una variadísima paleta de elementos arqueológicos que son visualmente atractivos para el público general. Consecuentemente, no ha pasado desapercibida esta riqueza en deportes como el fútbol. Así que, los altos directivos y dueños de clubes mexicanos en conjunto con expertos en marketing y publicidad han diseñado piezas e íconos inspirados en elementos arqueológicos. En esta materia han sido modificados uniformes, mascotas, estadios, balones y cómics deportivos, principalmente. A continuación, se detallará una muestra representativa de algunos ejemplares. Cabe añadir, que en México una problemática común con otros deportes radica en la escueta documentación de los productos y mercancías comercializados por los clubes nacionales hasta mediados del siglo XXI (Magazine; Martínez, 2009).

3 Indumentarias deportivas

Sin duda alguna, los uniformes deportivos son las mercancías más rentables en el mercado del fútbol internacional. De acuerdo con el periodista, Iván Pérez (2021) la selección mexicana de fútbol es una de las que más genera ventas de jerséis en el mundo, tan sólo después de Argentina, Alemania y España. Además, mantiene un contrato sólido con Adidas que le retribuye cerca de 120 millones de dólares cada 4 años que se equipara a la enorme afición mexicana distribuida no sólo en México, sino en Estados Unidos.

Es de hecho, el mercado de público mexicano que reside en el vecino del norte el más redituable. La Federación Mexicana de Fútbol recibe en promedio por cada partido que juega el combinado nacional en territorio angloamericano aproximadamente 25 millones de dólares (Lozano, 2024). Sumado a la decena de marcas que patrocinan

al “Tri”⁹ o a clubes mexicanos el *merchandising* aplicado busca generar emociones, percepciones y sentido de arraigo en los aficionados. En el campo de uniformes futboleros en México han sobresalido los siguientes casos:

- *Selección Mexicana de Fútbol (1998-1999): este conjunto fue utilizado en el Mundial de Francia 98’ y la Copa Confederaciones de 1999. Tanto en el uniforme local como visitante se plasmó el emblemático calendario azteca¹⁰ en el centro. La remera local fue verde y la visitante blanca. Ambas mantuvieron el diseño icónico que fue lanzado al mercado por ABA Sport.*
- *Selección Mexicana de Fútbol (2004): esta edición fue portada por el representativo varonil y femenino en los Juegos Olímpicos de Atenas 2004. Se presentó en 3 colores con idéntico diseño: verde, blanco y rosa mexicano. En la banda izquierda tiene una representación tipo código del dios nahua, Ehécatl-Quetzalcóatl¹¹. Fue fabricada por Atlética.*
- *Selección Mexicana de Fútbol (2009-2010): dicha camiseta fue empleada para el ciclo mundialista de Sudáfrica 2010. La indumentaria local fue la prototípica tricolor, mientras que la de visitante fue negra con una franja verde y rojo en cada costado. Ambas piezas tenían trazos alusivos a las plumas del águila real¹². El diseño corrió a cargo de Adidas.*
- *Selección Mexicana de Fútbol (2012): fue en esta ocasión que el representativo varonil olímpico ganó la medalla de oro en Londres 2012. Los jerséis fueron presentados por Atlética en 3 colores: verde, blanco y rojo. Debajo de la zona del cuello se ilustró un fragmento del penacho de Moctezuma II, el emperador mexicana que recibió a los conquistadores europeos.*
- *Selección Mexicana de Fútbol (2022-2023): estas indumentarias fueron usadas en la Copa Mundial de Catar 2022 y la Copa Oro 2023. La casaca blanca visitante fue la única que se inspiró en elementos precolombinos. Un detalle no menor fue que Adidas la diseñó en asesoría con antropólogos e historiadores mexicanos. En resumen:*

9. A la Selección mexicana se le suele llamar “Tri” o “Tricolor” por los 3 colores que hay en la bandera nacional: verde, blanco y rojo. Asimismo, estos son los colores representativos en los jerséis locales en la mayoría de temporadas.

10. Aunque se conoce coloquialmente como Calendario azteca, su nombre correcto es “Piedra del Sol” y los estudios arqueológicos sugieren que se usó como altar de sacrificio (Álvarez, 2021).

11. Se trata de una de las deidades más importantes del panteón mesoamericano. Es el patrono de los vientos y la fertilidad, así como un ser cosmogónico que presume atributos como la fuerza, la destreza, la agilidad y la sabiduría.

12. El águila real es un animal emblemático en el país debido a su aparición en el origen fundacional de la antigua Tenochtitlán, capital del imperio mexicana.

Algunos de los detalles que se pueden encontrar en la camiseta es un Malinalli, que significa “la hierba que florece”, misma que subía al cosmos y que su raíz conectaba al inframundo, por lo que tenía una fuerte conexión por la vida misma. El caracol es otro de los elementos destacados que representa viento y espíritu y que solía ser ampliamente relacionado con las deidades Tlahuizcalpantecuhli, Xólotl y Quetzálcoatl. Aunado a ellos están la voluta que es la “palabra que florece” y es usada para representar la verdad y la poesía; el bastón que porta Quetzalcóatl y es interpretado como un símbolo de mando de la Serpiente Emplumada, así como el Fuego Nuevo que representa los ciclos cósmicos de 52 años (Rueda, 2022).

- *Club Universidad Nacional (2016): en esta temporada el equipo universitario contó con dos playeras con diseños idénticos, pero con colores distintos. La local fue dorada y la de visita azul. Ambas se inspiraron en el mural de la Biblioteca Central de Ciudad Universitaria en Ciudad de México y que fue proyectado por Juan O’ Gorman en 1950. Aparecen elementos del pasado prehispánico, tales como aves, peces, signos calendáricos y chalchihuites¹³. Fue producida por Nike.*
- *Club Universidad Nacional (2019): los Pumas de la UNAM lanzaron sus jerséis con imaginaria prehispánica. La local fue blanca y tenía representaciones visuales de nahui ollin, símbolo mexicana del cuarto sol que significa movimiento. La visitante fue azul rey y gotas de agua con atributos a la iconografía de Tláloc, dios mexicana de las tormentas. Nike patrocinó a los universitarios.*
- *Club Deportivo Guadalajara (2021): las Chivas rayadas de Guadalajara festejaron esta temporada con el lanzamiento de un bello jersey de local. La pieza tenía imágenes del glifo emblema de Tláloc y serpientes emplumadas¹⁴. Puma dirigió la confección del uniforme.*
- *Club de Fútbol América (2008): las Águilas del América en conjunto con Nike lanzaron una camiseta para portero que retomó algunos elementos arqueológicos. La pieza fue usada por el guardameta mexicano, Guillermo Ochoa. Contenía gráficos de malacates¹⁵ en las mangas largas, atributos del viento, movimiento, aves y caracoles mexicas en el resto.*
- *Club Tijuana Xoloitzcuintles (2022): la escuadra fronteriza lanzó el jersey local que fue*

13. Los chalchihuites son símbolos de la fertilidad, la riqueza y el agua. Visualmente se aprecian como círculos concéntricos.

14. Es una representación visual emblemática del ya mencionado dios mexicana, Ehécatl-Quetzalcóatl.

15. Son instrumentos textiles de forma radial.

rojo y presentaba un xolo¹⁶ en gran formato. La obra fue de la marca Charly.

- *Club Tijuana Xoloitzcuintles (2023): los porteros de xolos vistieron en esta temporada, tanto en rojo como en gris un bello diseño consistente en glifos calendáricos de Xólotl y Mictlantecuhtli, dioses antiguos del centro de México. De nueva cuenta, Charly elaboró estas obras.*
- *Alebrijes de Oaxaca Fútbol Club (2019): a pesar de que esta escuadra no pertenece a la Primera División, en la temporada 2019 promocionaron un interesante conjunto en su versión local y visitante. Ambos uniformes tenían trazos de grecas escalonadas de estilo mixteco, como en la arquitectura de la antigua Mitla en el estado de Oaxaca. Esta edición fue fabricada por la marca Silver Sport.*

4 Estadios

Lugares como los estadios son los escenarios en donde confluyen las acciones de los encuentros y se comparten tensiones entre fanáticos del equipo anfitrión y el visitante. Pero los estadios no sólo son espacios delimitados arquitectónicamente, sino que se trata en muchas ocasiones de lugares programados para producir arraigo e identidad por un club o país. En México, ese reforzamiento ideológico ha sido influido con el empleo direccionado de imágenes del pasado prehispánico. Los casos más notorios en México son los siguientes:

- *Estadio Azteca: este albergue histórico es el más importante del país, pues ha sido sede de los Juegos Olímpicos de 1968, los Mundiales México 1970 y 1986. Próximamente en 2026 se convertirá en el único estadio del planeta en haber hospedado en 3 ediciones distintas de la justa mundialista. El Estadio Azteca o el Coloso de Santa Úrsula fue diseñado por los arquitectos Pedro Ramírez Vázquez y Rafael Mijares. Fue inaugurado en 1966 y tiene una capacidad de más de 83 mil espectadores que lo convierte en el de mayor convocatoria nacional (Villalobos, 2006). Es la sede actual de la Selección Mexicana de Fútbol y del Club de Fútbol América. El uso de la memoria prehispánica en este caso fue electo en el nombre del monumento. Fue por consulta popular, que se escogió su actual denominación¹⁷ y que*

16. Perro de origen prehispánico. Es grisáceo y carece de pelaje.

17. De hecho, al fallecimiento del empresario futbolero, Guillermo Cañedo en 1997, la televisora mexicana, Televisa renombró a tal recinto en honor al magnate. Sin embargo, la intención no fue muy bien recibida y desde principios del presente siglo mantiene el título de Estadio Azteca.

hace referencia al imperio más poderoso hasta antes del arribo español en el Siglo XVI. El impacto de tal hecho es tan grande que hoy en día la selección mexicana de fútbol es conocida como la escuadra azteca.

- *Estadio Olímpico Universitario: abrió sus puertas en 1952. Fue sede de los Juegos Olímpicos 1968 y actualmente es casa de los Pumas de la UNAM. Asimismo, en conjunto con Ciudad Universitaria está inscrito como Patrimonio Cultural de la Humanidad de la UNESCO. Tiene una capacidad máxima para 72 mil espectadores, pero debido a una tragedia humana ocurrida en 1985, sólo se permite el acceso a 40 mil personas. En el exterior cuenta con unos bellos murales esbozados en 1949 por el artista, Diego Rivera. La obra fue bautizada como “La universidad, la familia y el deporte en México”. Contiene elementos de carácter moderno y prehispánico. Sobre estos últimos componentes se destaca una serpiente emplumada acompañada con dos milpas de maíz¹⁸ en cada extremo.*
- *Estadio Caliente de Tijuana: cuenta con una capacidad para 27, 333 fanáticos y es la casa del Club Tijuana Xoloitzcuintles desde el 2007 que fue inaugurado. El estadio de la escuadra fronteriza es único en su tipo por dos razones. Primero, porque es el único que cuenta con cancha de pasto sintético. Segundo, por su empleo y manipulación de elementos antiguos del centro del país. En este último punto, se destacan los vestidores y el pasillo del club que están inspirados en el Mictlán¹⁹. Asimismo, tiene componentes iconológicos mayas y mexicas, mezclados con modernos. Hay un calendario solar, xolos, guerreros ataviados, discos y columnas arqueológicas.*

5 Escudos

Los escudos son los portavoces de los ideales e historia de un club o selección. La minuciosa elección de los colores, iconografía, morfología y tipografía es un procedimiento esencial en la conformación de un escudo. De igual manera, en muchos de ellos se busca rescatar elementos naturales o culturales de una determinada región. Dicho esto, se enlistarán algunos ejemplos:

- *Club Tijuana Xoloitzcuintles (2007-actualidad): como lo indica su nombre, el escudo con-*

18. El maíz fue la base alimenticia de los pueblos mesoamericanos, así como una parte fundamental en la construcción de su cosmovisión.

19. En la cosmovisión de los mexicas y otras culturas del centro de México, el Mictlán era el inframundo destinado para la gente común.

tiene un perro prehispánico en el centro del escudo. El diseño es rojinegro y circular. Encima mantiene una estrella que fue colocada después de que ganase su primer y único título de Primera División en 2012.

- *Selección Mexicana de Fútbol (1986-2021): aunque con ligeras modificaciones tipográficas, el escudo de la escuadra nacional se mantuvo con un arreglo consistente y que dejó un fuerte arraigo entre la población de este país. El escudo de arriba hacia abajo contenía 3 componentes principales. En la parte superior, hay un águila real. En el centro está el calendario azteca que está sosteniendo las garras del ave. En la parte baja está un balón clásico de fútbol. Los colores dominantes son el blanco y el negro, a excepción de una guirnalda amarilla que rodea los elementos, una banda verde a la izquierda del calendario y otra roja hacia su derecha.*
- *Selección Mexicana de Fútbol (2021-actualidad): la reciente modificación de este gráfico ha causado un malestar general en los fanáticos del balompié nacional. A pesar de que se mantuvieron los 3 elementos previos [águila, calendario y balón], el estilo minimalista no ha sido bien recibido. En esta ocasión, eliminaron el detalle del emblemático calendario y el diseño del ave rapaz ya no parece necesariamente el de un águila real. En la presente representación predomina el color verde oscuro.*

6 Balones y mascotas

Sobra decir que los balones son indiscutiblemente la herramienta más importante en la práctica futbolera. Se trata de un elemento más que acompaña a jugadores y árbitros en el césped, que es visto relativamente cerca por los aficionados que asisten al estadio y que es observado a través de las pantallas por muchos más fanáticos del fútbol. Debido a que en la modernidad es posible su producción masiva, las grandes marcas deportivas optan por diseñar esféricos confortables y atractivos estéticamente para sus usuarios. Dos muestras emblemáticas en el país han sido:

- *Balón Azteca: este balón fue utilizado en la edición mundialista de México 1986. Además de tener un nombre referente a un imperio mesoamericano, presentó imágenes relativas al pasado prehispánico. En su superficie blanca se plasmaron grecas escalonadas²⁰ negras.*

20. Las grecas escalonadas son un elemento compartido en culturas mesoamericanas, como los mixes, mixtecos, totonacos y zapotecas. También se les conoce como xicalcolihqui y sobre su significado se comparte que era una posible representación del planeta Venus y de la dualidad vida-muerte.

Fue confeccionado por Adidas.

- *Loxus: este esférico se presentó en la liga mexicana durante el 2019 y 2020. Se usó una versión blanquiazul y una rojiblanca, pero con la misma iconografía. Loxus tenía estampados de aros de juego de pelota con algunos glifos calendáricos nahuas vinculados al movimiento. La elaboración de este objeto fue dirigida por Voit.*

Otras piezas notables en la fiesta futbolera son las mascotas o botargas. Más allá de ser elementos accesorios en las tribunas, las mascotas deportivas mantienen viva la tradición e identidad de un club o selección. Igualmente, son agentes de cambio social, puesto que pueden cambiar los ánimos del partido con resultados positivos, neutrales y negativos. Algunas de ellas pueden reflejar sustratos de la memoria social de los pueblos y ciudades. En México, por ejemplo:

- *Kin (2010): fue introducido por un concurso generado por el banco mexicano, Banamex en el ciclo mundialista de Sudáfrica 2010. A partir de ahí, se ha vuelto la mascota oficial de la Selección Mexicana de Fútbol. Su nombre es de origen maya yucateco y en español significa Sol. Se ha sugerido que Kin es un chamán maya. Sin embargo, su parafernalia mezcla atributos iconográficos mayas, mexicas, teotihuacanos y hasta polinesios.*

7 Tergiversando elementos culturales

A pesar de que la revisión de materialidades mexicanas del fútbol pueda contener elementos de la memoria histórica de los pueblos antiguos, es evidente una transfiguración de la realidad social de éstos. La configuración no es aleatoria. Corresponde a los ideales del nacionalismo y del libre mercado. Quizás el empleo y representación de elementos arqueológicos mexicas o teotihuacanos esté justificado en clubes de la zona centro del país, pero cuando se trata de otras coberturas geográficas surge la controversia.

Así, por ejemplo, el Club Tijuana Xoloitzcuintles utiliza en su estadio imágenes de culturas ajenas no sólo en el tiempo, sino en el espacio. El Club Deportivo Guadalajara hace lo propio y en sus jerséis ha expuesto iconografía religiosa del centro y no del occidente mexicano. Con tal acción, ambos equipos han ignorado la existencia de las tradiciones y patrimonios arqueológicos locales²¹.

Pero, sobre todo, es necesario comentar el indiscutible paradigma centralista

21. Véase: *The Archaeology Of West And Northwest Mesoamerica* (Foster, et al., 1986).

que sacude la existencia de íconos del pasado en materialidades del fútbol mexicano moderno. En las mercancías de la Selección Mexicana de Fútbol han brillado elementos alusivos a pueblos y ciudades exclusivamente de la zona media del país. Este descarte ha proporcionado una identidad nacional fragmentada (Díaz-Andreu, 2024). Por añadidura, no existe una inclusión regional de los atributos y rasgos culturales del vasto mosaico de diversidad indígena mesoamericana.

Por supuesto, algunos agentes sociales han reformulado una nueva autonomía en la propia creación de sus materialidades deportivas (Archetti, 2008). Especialmente, el fútbol al ser un deporte de amplia convocatoria conjuga intereses e inversiones que convergen y divergen en un plano de amplio espectro como es el caso mexicano. Sin embargo, el uso y manipulación de símbolos antiguos puede generar conflicto o comunión entre los practicantes y aficionados al balompié.

Por último y no menos importante, está la cuestión monetaria. Como se expuso con anticipación, el fútbol genera una gran derrama económica para las grandes marcas deportivas. En asociación con las administraciones, dueños de clubes y federación, estas corporaciones conocen la historia y dominancia del modelo centralista de representación cultural. Sucede que la construcción del vigente nacionalismo está amparada, en gran medida, en un criollismo que repudiaba a los europeos y que buscaba difundir adeptos a la corriente nacionalista mediante la comunicación de mitos, orígenes fundacionales, historias épicas y narrativas de larga data. Cabe decir, que esta coyuntura correspondía con la concentración de documentos, códices y materiales que hasta ese momento yacía principalmente, en el centro de México.

No obstante, no se puede negar que en la actualidad el conocimiento histórico que se tiene del resto del país es plausible. Por este motivo, resulta inapropiado que la mayoría de las representaciones patrimoniales pretéritas abonen sobre muy pocas tradiciones del centro. Encima, la manipulación de estas imágenes se ha descontextualizado cuando se conjuga con objetos e ideas contemporáneas. En su simplista consideración como mercancías, todos los ejemplos que se han descrito pierden una cualidad importante: su conexión con la gente (Martínez 2010). Por ende, es de crucial importancia conocer con mayor profundidad todas estas materialidades que giran alrededor de tan bello deporte.

Consideraciones finales

A diferencia de otros deportes de contacto, el *soccer* promueve el desarrollo de imágenes y memorias históricas con mayor frecuencia. El público aficionado consume objetos, ideas y espacialidades alrededor del deporte, pero también puede ser crítico con

lo que recibe. Si, por ejemplo, un balón no es aceptado por los futbolistas porque es muy pesado se retira de las canchas. Del mismo modo, cuando los ingredientes materiales no son atractivos, las ventas son bajas y el impacto mediático es menor.

En países de rica tradición cultural como México, se aprovecha tan sólo una mínima parte de ésta para generar artículos y lugares sugerentes para los seguidores del balompié. La producción de identidad es vital para la subsistencia financiera de los clubes y selecciones (Krieger, 2002). Sin embargo, la centralización del uso y representación de elementos arqueológicos en el fútbol mexicano moderno ha tenido un auge en los últimos cincuenta años. Esto representa un problema porque se comparte una percepción equivocada de homogeneidad cultural.

Por el momento, lo único que resta por decir es que es necesaria una incorporación justificada de imágenes y nombres de distintos grupos sociales. Incluso, hay que cuestionarse la nula inclusión de prácticas culturales de grupos indígenas contemporáneos en el fútbol mexicano actual. La reflexión crítica será una primera estrategia para articular un modelo más horizontal y que promueva la participación social de los habitantes de este país.

Referencias

ALABARCES, Pablo. **Historia mínima del futbol en América Latina**. Ciudad de México: El Colegio de México, 2018.

ÁLVAREZ, Celeste. **Piedra del Sol**. Ciudad de México: Instituto Nacional de los Pueblos Indígenas, 2021.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas. Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo**. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

ANGELOTTI, Gabriel. **Chivas y Tuzos. Íconos de México: identidades colectivas y capitalismo de compadres en el fútbol nacional**. Zamora: El Colegio de Michoacán, 2010.

AÑORVE, Daniel. El desarrollo del fútbol femenino en México: entre la policía y la política en los procesos de inclusión y exclusión (1970-2019). **Publicatio UEPG: Ciências Sociais Aplicadas**, v. 27, n. 1, p. 9-26, 2009.

ARCHETTI, Eduardo. El potrero y el pibe. Territorio y pertenencia en el imaginario del fútbol argentino. **Horizontes antropológicos**, v. 14, n. 30, p. 259-282, 2008.

BAÑUELOS, Javier. **Crónica del futbol mexicano: balón a tierra [1896-1932]**. Ciudad de México: Clío, 1998.

CHIRINO, Nancy. Fútbol, paisajes invisibles y en disputa: El Estadio Azteca (Coloso de Santa Úrsula Coapa). **Tesina de Licenciatura en Geografía Humana**. Universidad Autónoma Metropolitana, Iztapalapa, p. 84. 2014.

DÍAZ-ANDREU, Margarita. Nacionalismo y arqueología: el contexto político de nuestra disciplina. **Cuicuilco Revista de Ciencias Antropológicas**, v. 7, n. 20, p. 189-216, 2024.

ESCALANTE, Pablo, *et al.* **Nueva Historia Mínima de México Ilustrada**. Ciudad de México: El Colegio de México, 2008.

ESPARZA, Miguel. Historia, deporte y sociedad. El fútbol en la ciudad de México durante el Porfiriato (1892-1910). **Historia Mexicana**, v. 72, n. 3, p. 1263-1314, 2023.

FOSTER, Michael, *et al.* **The Archaeology Of West And Northwest Mesoamerica**. New York: Routledge, 1986.

GIMÉNEZ, Gilberto. Patrimonio e identidad frente a la globalización. **Patrimonio cultural y turismo. Cuadernos**, n. 13, p. 178-182, 2005.

INOMATA, Takeshi *et al.* Origins and spread of formal ceremonial complexes in the Olmec and Maya regions revealed by airborne lidar. **Nature Human Behaviour**, n. 5, p. 1487-1501, 2021.

KRIEGER, Peter. Debajo de la playera. **Revista de la Universidad de México**, n. 616, p. 79-80, 2002.

LIPOVETSKY, Gilles. **El imperio de lo efímero: la moda y su destino en las sociedades modernas**. Barcelona: Anagrama, 2013.

LOZANO, Luis. Revelan la cifra que se embolsa la Selección mexicana por jugar en Estados Unidos. **Fútbol Total**. 2024. Disponible en: <https://www.futboltotal.com.mx/futbol-mexicano/seleccion-mexicana/revelan-la-cifra-que-se-embolsa-la-seleccion-mexicana-por-jugar-en-estados-unidos/2024/06/> . Consultado el: 3 de jul. 2024.

MAGAZINE, Roger; Martínez, Samuel. El sistema de rivalidades futbolísticas en México. Reflexiones en torno al proyecto “Identidades, prácticas y representaciones de los aficionados al fútbol en México: un análisis comparativo multi-regional. **Razón y Palabra**, n. 69, p. 1-35, 2009.

MARTÍNEZ, Samuel. **Fútbol-Espectáculo, cultura y sociedad. Una revisión crítica al negocio mundial**. Ciudad de México: Universidad Iberoamericana, 2010.

OLIVEROZ, Alexis. Vigilantes del pasado: patrimonio arqueológico e histórico y participación de los jóvenes de Tlayacapan, Morelos. **Tesis de Licenciatura en Antropología**. Universidad Nacional Autónoma de México, Ciudad de México, p. 220. 2023.

PÉREZ, Iván. Selección mexicana ha vendido más de 8,800 MDP en playeras. **Var Deportivo**. 2021. Disponible en: <https://vardeportivo.com/2021/03/28/seleccion-mexicana-adidas-venta-jerseys/> . Consultado el: 3 de jul. 2024.

RODRÍGUEZ, Álvaro. La globalización del fútbol como expresión del capitalismo: el caso de la Superliga. **Sociología del Deporte**, v. 2, n. 1, p. 85-94, 2021.

RUEDA, Yael. Presume raíces prehispánicas: estos son los símbolos en el uniforme del Tri para Qatar 2022. **El Sol de San Luis**. 2022. Disponible en: <https://www.elsoldesanluis.com.mx/deportes/futbol/los-simbolos-plasmados-por-adidas-en-el-uniforme-de-mexico-para-qatar-2022-8814940.html> . Consultado el: 4 de jul. 2024.

SANTA, Eduardo. Fútbol y nacionalismo de mercado en el Chile actual. *In*: ALABARCES, Pablo (compilador). **Futbologías. Fútbol, identidad y violencia en América Latina**. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, p. 199-224, 2003.

TALADOIRE, Eric. El juego de pelota mesoamericano. Origen y desarrollo. **Arqueología Mexicana**, v. 8, n. 44, p. 20-27, 2000.

THE NIELSEN COMPANY. El regreso del futbol en México. **Nielsen IBOPE**. 2020. Disponible en: <https://www.nielsenibope.com/2020/07/09/el-regreso-del-futbol-en-mexico/> . Consultado el: 23 de jun. 2024.

VILLALOBOS, César. ¿Por qué en Sonora no hay arqueología? Nacionalismo y turismo en billetes de banco y folletos de viaje. **Región y sociedad**, v. 26, n. 59, p. 215-253, 2014.

VILLALOBOS, Roxana. **Estadio Azteca: 40 años**. Ciudad de México: Landucci, 2006.



Vilania, futebol e representação: análise de uma série de reportagens sobre violência e torcidas organizadas

Juliana Nascimento da Silva¹  

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo

O presente artigo tem como objetivo relacionar os debates entre construção de mitos no futebol pelos meios de comunicação com o processo de estigmatização das torcidas organizadas. Tendo como referencial teórico os debates sobre representação, o trabalho busca analisar as disputas discursivas visualizadas na série de reportagens veiculadas pelo Globo Esporte, programa esportivo e televisivo da Rede Globo, intitulada “Futebol em Paz”. A partir da investigação, é possível perceber a construção narrativa e representativa da reportagem sobre os torcedores organizados pela perspectiva da vilania, enquanto o público caracterizado como “família” protagoniza o heroísmo de conduta de um público desejado nos estádios.

Palavras-chave

Torcidas organizadas. Jornalismo esportivo. Representação.

1. Mestre e doutoranda em História Social pela UFRJ. Bolsista FAPERJ.

Villainy, football and representation:
an analysis of a series of articles on
violence and organized supporters

Abstract: The present article aims to connect the debates between the construction of football myths by the media and the process of stigmatization of the organized supporters. Having as a theoretical reference the debates about representation, the paper seeks to analyze the discursive disputes visualized in the series of reports broadcasted by ‘Globo Esporte’, a sports and television show, owned by Rede Globo, entitled “Futebol em Paz”. From the investigation, it is possible to perceive the narrative construction of the report about the organized supporters from the perspective of villainy, while the public characterized as “family” protagonizes the heroism of conduct of a desired public in the stadiums.

Keywords: Organized supporters. Sports journalism. Representation.

Villanía, fútbol y representación:
análisis de una serie de reportajes sobre la
violencia y la afición organizada

Resumen: Este artículo tiene como objetivo relacionar los debates entre la construcción de mitos en el fútbol por parte de los medios de comunicación con el proceso de estigmatización de los aficionados organizados. Tomando como referencia teórica los debates sobre la representación, el trabajo busca analizar las disputas discursivas observadas en la serie de reportajes transmitidos por Globo Esporte, programa deportivo y televisivo de la Rede Globo, titulado “Futebol em Paz”. A partir de la investigación, es posible percibir la construcción narrativa y representativa del reportaje sobre los aficionados organizados desde la perspectiva de la villanía, mientras el público caracterizado como “familiar” protagoniza el heroísmo de conducta de un público deseado en los estadios.

Palabras clave: Afición organizada. Periodismo deportivo. Representación.

Introdução

O entendimento sociológico do futebol enquanto esporte moderno, segundo Ronaldo Helal (1990), tem como pré-requisito a compreensão da relação intrínseca entre a referida prática esportiva com as dramatizações sociais na vida cotidiana. Isto é, a presença do futebol moderno no entrecruzamento das esferas individual e coletiva é algo socialmente construído e capaz de interpretar os fatos da sociedade.

Mais que mero objeto de estudo, o futebol se faz presente nas trajetórias individuais e coletivas, demarcando uma presença conjunta na vivência da sociedade. Portanto, torna-se matriz de análise não apenas de sua prática, mas da extrapolação de seus significados, das suas representações, e das relações construídas em torno e a partir do esporte. Na esteira das contribuições de Clifford Geertz (1989), “pode-se dizer que compreenderemos algo sobre a cultura brasileira – dos homens, especialmente – observando o comportamento em torno do campo, da mesma forma que se observa a rinha de galos em Bali” (Damo, 2001, p. 98).

Os debates que delinearam a consolidação do campo nas pesquisas acadêmicas estiveram alicerçados na perspectiva do futebol enquanto prática significativa das múltiplas “esferas da vida social” (DaMatta, 1982, p. 26) e enquanto veículo de narrativas construídas e passíveis de interpretação sociológica. No entanto, a percepção da relação

intrínseca entre futebol moderno e sociedade extrapolou as balizas acadêmicas e se tornou metáfora para análises em outras esferas, como a mídia.

Isto posto, o futebol se tornou uma ferramenta de análise e de interpretação dos dramas e dos fatos sociais, bem como “uma importante via de acesso às avaliações sobre o povo brasileiro” (Guedes, 1998, p. 21). Da exaltação à objeção, o futebol enquanto lupa social encontrou solo fértil entre os meios de comunicação, que deram tonalidades profundas e coletivas às derrotas e às vitórias vivenciadas dentro das quatro linhas.

1 Entre a estética e o vínculo

No diálogo entre modernidade e ciência moderna, a racionalização se configura enquanto um conceito-chave para o entendimento do projeto de civilização ocidental. Pautada em princípios como individualismo e progresso, a modernidade ocidental se caracteriza por um processo de desencantamento do mundo em detrimento da perspectiva de calculabilidade das distintas esferas da vida. Em interlocução com tais prerrogativas, o futebol moderno tem como pressupostos do desencantamento os conceitos de secularização e racionalização (Helal, 1990).

Enquanto características dialógicas, secularização e racionalização compõem o processo de fixação do futebol na modernidade a partir do afastamento do domínio religioso concomitante à imersão nas lógicas da calculabilidade, ancoradas em análises de desempenho quantificadas sob o pressuposto do progresso. A partir dessa perspectiva, uma questão pairou no campo acadêmico: se há um afastamento dos aspectos lúdicos e criativos do futebol, por que é um esporte que provoca tanto fascínio?

Movido por esse questionamento, Hans Ulrich Gumbrecht (2007) realizou a leitura do fascínio pelo futebol a partir do impacto estético dos corpos em disputa no campo. Na investigação das possibilidades de encantamento do esporte no mundo moderno, o autor alemão elencou como aspectos para este fenômeno a percepção dos atletas enquanto semideuses, pelo vislumbre da utilização do corpo para além dos usos corriqueiros; pela expectativa vivenciada entre os torcedores no que diz respeito à “emergência de belas jogadas” (Gumbrecht, 2007, p. 14); pela sacralização do estádio e a consequente ritualização de comportamentos; e, por fim, uma relação de gratidão aos atletas.

O deslumbre pelo futebol, segundo Gumbrecht, se dá na medida em que “a emoção e a felicidade promovem a formação de um ‘corpo comum’ entre ‘espectadores comuns’” (Gumbrecht, 2007, p. 15) alicerçados na vivência de uma experiência estética, em que o objetivo da disjunção – próprio do futebol – ocupa um espaço secundário. Desse modo, as possibilidades de reencantamento do referido esporte ignoram tanto a complexidade do mesmo enquanto objeto social, quanto a relação instituída entre

torcedores e clubes. O enfoque na dimensão da estética nos esportes na literatura de Gumbrecht relega aos torcedores o papel passivo de espectador, invisibilizando a sua transmutação de indivíduo à *persona* e a aderência a um conjunto simbólico existente de acordo com seu vínculo clubístico (Damo, 2005).

1.1 Autoria torcedora

A complexidade do futebol, no entanto, não está restrita às práticas corporais e disjuntivas estabelecidas entre duas equipes dentro de estádios. Segundo definição de Toledo (2000) e adaptação por Arlei Damo (2005), a matriz espetacularizada do futebol é composta por uma divisão de trabalho composto por profissionais, especialistas, torcedores e dirigentes. Extrapolando as balizas da estética, o futebol é multiplicado através da construção de redes de interdependência entre os agentes da divisão do trabalho, desde jornalistas até torcedores, evidenciando uma relação complexa e preenchida por distintos símbolos:

Fosse esta uma posição isolada talvez não valesse a pena, mas na medida em que ela suscita uma dada mirada estética para o espetáculo, convém dar-lhe atenção. A questão central de Gumbrecht é a seguinte: “Por que os atletas apreciam competir e por que nós, espectadores, apreciamos assistir-lhes?” Estou de acordo com ele quando rejeita a hipótese de que o prazer resulte da obediência às regras, da realização do esforço físico por parte dos atletas (catarse, em si mesma) ou da concentração dos espectadores no desenlace do jogo. Porém não posso estar com ele quando arrasta o debate para o campo da epifania. [...] O fato de que as epifanias sejam apreciadas não implica que elas sejam o fundamento estético do futebol como espetáculo. Daí porque a interpretação de Gumbrecht tem seus limites quando ela própria, depois das críticas aos essencialismos, tenta impor a chave do sublime. Então, por que Gumbrecht tem de ser retomado? Exatamente para mostrar como a sua investida é arriscada. Não se pode tentar decifrar o enigma estético olhando-se tão somente para o jogo (Damo, 2005, p. 58-59).

Para além da dimensão da estética, o fascínio do futebol no Brasil, dentre diferentes explicações, está associado ao estabelecimento de vínculos, uma vez que “a força motriz do futebol como espetáculo reside nas arquibancadas, onde se dramatizam os pertencimentos” (Damo, 2005, p. 63). O elo estabelecido entre torcedores e seus clubes implica em um investimento simbólico e em uma adesão a um sistema complexo de rituais, crenças, valores, indumentárias e signos consonantes com a instituição futebolística. O tornar-se *persona*, para além de indivíduo, requer um capital afetivo das pertencas e das rejeições compartilhadas, em que uma *forma-representação* (Toledo, 2000) do modo de torcer é instituída de acordo com as prerrogativas identitárias dos clubes. Isto

posto, observa-se a transposição do objetivo de disjunção da prática futebolística para as relações torcedoras como orientação de um torcer que dialogue com a identidade clubística. Desse modo, as pertencas são dramatizadas de modo a adotar um conjunto simbólicos que caracterize o engajamento e o diferencie – em uma lógica de superioridade – em uma perspectiva relacional de oposição com um torcedor de clube rival:

Portanto, pode-se definir um espetáculo futebolístico como um evento poli-fônico no centro do qual ocorre uma disputa regrada entre duas equipes que representam comunidades afetivas, sendo que essas podem-se fazer presentes, co-participando da disjunção, ou acompanha-la à distância, na medida em que uma das características desse espetáculo é a sua recriação midiática (Damo, 2005, p. 402-403).

Os valores manifestados através da formulação de conjuntos simbólicos, chamados por Damo de “clubismo” (Damo, 2005, p. 61), pode ser traduzido sob a perspectiva de atuação ativa dos torcedores no futebol enquanto matriz espetacularizada. Na relação com seus clubes e demais torcedores – seja pelo compartilhamento do vínculo, seja pela lógica diacrítica –, os símbolos e suas disjunções promovem novas realidades que atualizam os ritos que compõem o esporte:

Sem a disjunção, os espetáculos esportivos muito provavelmente não sobreviveriam, sequer existiriam ou teriam de ser reinventados. A disjunção produz realidade; ela põe o totemismo clubístico em movimento. [...] A disjunção em relação ao “outro” implica na conjunção do “nós”, e ainda que isso não opere mecanicamente, pode-se ao menos afirmar, sem riscos, ser a produção simultânea de identidade e alteridade uma das razões pelas quais os espetáculos futebolísticos são absorventes, tal qual outros ritos agonísticos (Damo, 2005, p. 404).

2 Formação de mitos no futebol brasileiro

A formulação de mitos e seus ritos são operações simbólicas da linguagem. A narrativa mitológica é amparada na constituição de características e modelos exemplares que estão em consonância com a representação e coesão de determinada história. Isto posto, há um pressuposto de esforço de comunicação através da formulação e consolidação de mitos e seus rituais como “tentativas simbólicas de solucionar problemas da vida social” (Rodrigues, 1982, p. 78).

Com o objetivo de analisar a imagem de Edson Arantes do Nascimento, Pelé, maior ídolo do futebol brasileiro, à época de sua despedida do selecionado nacional nesse ritual de passagem, José Carlos Rodrigues expõe três operações básicas para iden-

tificar os objetivos da construção de mitos. Na figura de herói ou de vilão, a formulação de mitos e ritos na sociedade está em diálogo com a construção de representações que pretendem comunicar determinadas expectativas e valores. Portanto, é necessário se questionar quanto à problemática que o rito pretende resolver, quanto aos objetivos de uma fala em sentido figurado e quanto à esfera coletiva do mesmo (Rodrigues, 1982, p. 80). Isto é, a construção de mitos e ritos é atravessada por interesses sobre determinados problemas sociais e coletivos e, assim, constrói um modelo exemplar dos valores a serem expressos por meio desta imagem, seja ela como modelo ideal, seja execrável inserida num padrão de oposição dialético.

2.1 O que querem dizer os heróis e os vilões do futebol?

Alicerçada no conceito de “transfiguração” manejado por Hans Ulrich Gumbrecht, Leda Costa (2021) mobiliza as figuras dos jogadores de futebol sob a perspectiva da distinção entre os demais, tanto a partir da glória quanto da desfortuna. A transfiguração do atleta se dá na medida em que o personagem ordinário ganha protagonismo com a representação cimentada na complexa elaboração de heroísmo e vilania.

A produção de dicotomias a partir da elaboração de mitos sociais atravessa a construção de heróis e vilões, que operam como personagens modelos de comportamento e valores, sob o signo da recusa ou da idealização. No âmbito do futebol, dado o intrínseco encadeamento do esporte com os distintos domínios que compõem a sociedade, as tipologias dos personagens elencados como heróis e vilões extrapolam o limiar das quatro linhas, almejando expor valores em numa perspectiva arrojada.

O formato e a veiculação das narrativas de figuras de idolatria no futebol brasileiro associam a figura do ídolo ao do herói (Helal, 2003), que é concebido sob perspectivas consonantes com as peculiaridades do referido esporte no Brasil. Ao analisar duas biografias de ídolos do futebol brasileiro, Helal comparou as diferentes caracterizações dos jogadores, bem como suas recepções e significações na relação com um suposto estilo brasileiro de jogar. Elencados como personagens de trajetórias opostas, Romário e Zico, dois grandes jogadores do futebol brasileiro, têm suas imagens de ídolos construídas sob distintos vieses, em que Zico é qualificado através da dedicação e do esforço, enquanto Romário pela malandragem, talento e irreverência, qualificações que se aproximam mais com um ideal de jogo no país.

Na comparação entre as narrativas, a imagem de Zico é atrelada à dedicação e, por isso, a caracterização de Romário, alicerçada na habilidade inata e em um jogar malandro, é tida como a representação da nação e, mais que isso, como modelo de resgate “da “brasilidade” da seleção” (Helal, 2003, p. 30). As projeções feitas a partir dos debates do heroísmo operam na medida em que se propõem a estimular valores e modelos com-

portamentais desejados não apenas para a esfera futebolística, como para a sociedade mais ampla. Do mesmo modo ocorre a formação de vilões: são projetadas sobre eles características reprováveis no meio social, relegando-os uma alteridade negativa.

A formação da imagem dos vilões é atravessada pela construção de uma lógica homogeneizadora composta por estereótipos. Sua caracterização é baseada na exposição do desarranjo entre suas características com as expectativas e valores sociais, constituindo uma presença ilegítima diante da comunidade. Desse modo, os vilões representam a oposição em relação aos elementos constitutivos dos heróis, expondo uma relação dialética cimentada na rejeição de seus atributos. Tornam-se, portanto, modelos daquilo que não deve ser seguido, tem que se trabalham não apenas idealizações, mas narrativas de combate à sua figura e suas pulverizações.

Apesar das caracterizações pejorativas atribuídas aos vilões, tais personagens representam potencialidades de exploração melodramática, que encontram na mídia terreno fértil para a exposição de suas narrativas. A relação dos meios de comunicação com as figuras vilânicas se dá de forma dual: ao mesmo tempo em que estas oferecem possibilidades de benefício em função de seu rendimento dramático, a mídia criou espaço fecundo na esfera futebolística para a emergência de heróis e vilões com a processual espetacularização do futebol.

Em vista disso, as estratégias narrativas do jornalismo esportivo muito se aproximam do melodrama (Costa, 2021). Ao “folhetinizar a notícia” (Costa, 2021, p. 77), isto é, construir narrativas respaldadas na imaginação e no excesso, a cobertura midiática quase se aproxima da espetacularização dos fatos narrados:

Os jogos são convertidos em histórias repletas de dramatizações em que o tom superlativo prepondera na tentativa de provocar os afetos do leitor, fomentando identificação fácil e imediata. No jornalismo esportivo, as notícias costumam transcender “as suas funções tradicionais de informar e explicar” (DARDENNE, 1999, p. 265) e caminham na direção do entretenimento (Costa, 2021, p. 83).

As estratégias narrativas do jornalismo esportivo, apesar de produzir identificação, impulsiona também a formulação de estigmatizações sobre determinados atores sociais. Ao corroborar com a construção de figuras de heroísmo e de vilania no futebol, a circulação das notícias passa a significar também o reforço de determinadas posições sociais a partir de aproximações e rejeições. Transposto para a esfera torcedora, a formulação de heróis e vilões se dá de modo dicotômico, ao relegar as torcidas organizadas a posição do indesejável, do reprovável e do ilegítimo. Estigmatizadas sob o aspecto da violência, as representações das torcidas organizadas pelos meios de comunicação na concomitância com o processo de modernização do futebol, intensificado a partir de

1987, foram circunscritas às práticas contendoras, dando à sua existência a tonalidade do inconveniente. Deste modo, as torcidas organizadas ocupam o papel de vilão do futebol, enquanto torcedores comumente chamados de “família” são tidos como modelo ideal, como heróis.

3 As torcidas organizadas como as vilãs das arquibancadas

Figura-símbolo das torcidas organizadas no Rio de Janeiro, Jaime de Carvalho é nome expoente do processo de formação e disciplinarização de torcidas nos estádios entre os anos 1930 e 1970. Sua liderança à frente da Charanga Rubro-Negra expunha a afinidade entre suas perspectivas com a “esfera disciplinar e a esfera festiva” (Hollanda, 2012, p. 101) do *Duelo de Torcidas* organizado pelo jornalista Mário Filho. Com o pressuposto de privilegiar o investimento no aspecto visual e festivo das torcidas em detrimento das práticas contendoras, o *Duelo de Torcidas* atesta compatibilidade com o aspecto *carnavalizado* (Hollanda, 2012) das primeiras torcidas organizadas do Brasil.

As características basilares das primeiras torcidas organizadas do Brasil estavam alicerçadas em pressupostos do torcer incondicional e abnegado através de seus instrumentos musicais, em consonância com o auxílio às autoridades no que diz respeito à formulação de condutas disciplinadas dentro dos estádios, que a partir de 1940 ganham novas magnitudes com o aumento da capacidade de público. A conduta ao mesmo tempo festiva e disciplinada das torcidas organizadas, que à época de suas fundações constituíram-se enquanto as únicas representantes de seus clubes, tinha como princípio norteador a lógica amadorística. Seus membros eram majoritariamente formados por sócios de clubes, o que justificava a ausência de críticas direcionadas ao corpo institucional de seu time.

A hegemonia das primeiras torcidas organizadas ancoradas na lógica da liderança a partir de um chefe e no apoio incondicional e isento de críticas é impactado por um discurso de ruptura emergente da década de 1960. Sob justificativas de afastamento de tais líderes e da vontade de contestação, novas torcidas surgiram como dissidência no final da década alicerçada em uma crise representativa dos modos de torcer. Desse modo, em finais dos anos 1960, emergem novos agrupamentos cimentados na ruptura com o padrão de torcer estabelecido, inaugurando uma performance ativa, contestatória e vinculada à símbolos representativos. Substitui-se a liderança única pela organização e burocracia grupal, em que a alcunha “Jovem” é utilizada para identificar o novo parâmetro de torcer construído. Inicia-se, desse modo, a passagem da perspectiva da *carnavalização* para a *juvenilização* (Hollanda, 2012) no âmago da formulação do conjunto simbólico das Torcidas Jovens, que se instituem como mote da coesão grupal, mas também pela prerrogativa diacrítica em relação às demais:

Os símbolos de uma torcida constituem, portanto, sua marca. Ao serem eleitos, tornam-se um sinal coletivo, indicador de sua identidade, estando seu significado referido, não neles mesmos, mas nas associações que possibilitam. É como se possuíssem uma aura capaz de evocar sentimentos e valores que animam a imaginação com visões retrospectivas e prospectivas que reafirmam a coesão coletiva destes agrupamentos.

O conjunto de símbolos de cada torcida é compartilhado por seus membros como verdadeiros sinais de distinção expressos em todo o material que produzem. Dentre eles, as camisas, as faixas, as bandeiras e os bandeirões, são elementos centrais, altamente valorizados pelos torcedores por garantirem reconhecimento e visibilidade, delimitando espaços nos estádios e reiterando identidades ao demarcarem diferenças, não somente entre as próprias organizadas, mas, especialmente, sua distância simbólica dos torcedores comuns (Toledo, 1996 *apud* Teixeira, 2006, p. 9)

As estratégias representativas manejadas pelo padrão de torcida organizada inaugurado a partir do final da década de 1960 dialogam com os objetivos de recepção (Zumthor, 2005) da estruturação de seu conjunto simbólico, consolidando a intenção de comunicação a partir de sua performance com seus interlocutores. Essa relação, no entanto, não se dá de forma homogênea: há diferentes interesses no trato das representações, que são elencadas a partir do ensejo da distinção, mas são elaboradas sob uma lógica complexa a depender de seu destinatário. Os signos constitutivos do conjunto representativo das agremiações torcedoras são pensados no diálogo com diferentes esferas. Portanto, não se pode restringir suas práticas a características unívocas, pois suas atuações são ancoradas em complexas lógicas de reconhecimento.

No entanto, a representação não se dá de forma simples: existem disputas no que tange a veiculação de imagens de determinados atores sociais e, no caso das torcidas organizadas, os meios de comunicação emergem como poderosos agentes no reforço de posições sociais. Desse modo, apesar de existir objetivos representativos e de recepção com o manejo dos signos dos agrupamentos, a mídia se coloca “decisivamente na mediação entre o público e o espetáculo” (Guedes, 1998, p. 45).

3.1 O alcance dos meios de comunicação

A partir da década de 1980, os debates referentes às práticas contendoras entre torcedores ganham destaque entre os meios de comunicação. A abordagem jornalística passa a enfatizar menos o caráter festivo das agremiações em detrimento do conflituoso, em uma perspectiva da irracionalidade no trato das interpretações das torcidas (Holland, 2010). Com ênfase no fenômeno dos hooligans na Europa, a violência se sedimentou enquanto mote do tratamento midiático em relação ao associativismo torcedor no Brasil.

A ênfase na cobertura da contenda relacionada aos torcedores organizados é incrementada com a veiculação de “nomenclatura sintomática do enquadramento corporativo marginal” (Hollanda, 2010, p. 32), reforçando a estigmatização das agremiações sob a lógica da violência a partir da ideia de incompatibilidade com os valores da modernização do futebol brasileiro. A consolidação da ilegitimidade das práticas das torcidas organizadas perante a sociedade é lastreada no final da década de 1980 e ao longo do decênio posterior, com o assassinato do líder da torcida Mancha Verde, do Palmeiras, e da chamada batalha campal do Pacaembu em 1995.

A construção do estigma é concomitante a formulação de uma idealização de torcedor, ancorado em ideais pacíficos e familiares pensados a partir da presença de pais e filhos nos estádios. A dicotomia vislumbrada no trato dos torcedores é baseada na ideia de uma “corrosão de caráter” (Hollanda, 2010, p. 29) entre os líderes de torcida – que se expande aos demais componentes da agremiação, em que suas figuras são associadas a interesses monetários e não ao torcer abnegado.

Isto posto, a pauta torcedora é cooptada sob o formato de um problema a ser resolvido, em que a mídia constantemente reforça a ideia de necessidade de civilização sob os moldes europeus. Desse modo, “o futebol, no modo como ele é apresentado cotidianamente no Brasil pela imprensa esportiva, demonstra, à larga, a permanência da tese da imaturidade e a necessidade de orientação” (Guedes, 1998, p. 35) quando expõe as trajetórias tidas como de sucesso a partir de exemplos provenientes de casos da Europa.

As representações, por conseguinte, estão imersas em uma dinâmica de disputa de veiculação de seus significados que, embora não seja definitiva, é sobressalente quando o agente é a mídia devido à capacidade de alcance:

Como resultante da dinâmica entre diferentes forças sociais em conflito, a hegemonia nunca é definitiva; os significados e representações estão sempre sendo rearticulados de acordo com o processo social. Na medida em que a hegemonia é conquistada através do conflito entre forças sociais pela articulação consensual dos significados, a veiculação de representações torna-se um elemento-chave neste processo, pois o poder de propor representações torna-se numa larga medida o poder de propor “definições” acerca da realidade: o tal “poder da mídia”. Neste sentido, a mídia representa um elemento poderosamente eficaz na constituição de uma “versão dominante” na cultura de uma sociedade. Não existe determinação neste processo, mas influência. Uma influência poderosa, mas que também se encontra ela mesma em plena luta entre diferentes ideologias, significados e versões concorrentes da realidade, competindo entre si para permanecer ou tornar-se o significado predominante, visando à hegemonia (Gastaldo, 2013, p. 36).

Apesar de a hegemonia não ser definitiva, como menciona Gastaldo, a visibilidade dada aos confrontos entre torcedores organizados a partir da década de 1980 pelos meios de comunicação reforçou a representação social dos agrupamentos a partir da lógica da violência, circunscrevendo o fenômeno às suas práticas. Por outro lado, inicia-se a idealização de torcedores sob o aspecto do pacifismo, criando dicotomias entre modelos de comportamento dentro dos estádios, que associados à presença de organizadas, estavam revestidos “com a imagem do perigo e da barbárie” (Lopes, 2015, p. 126).

3.2 A série de reportagens “Futebol em Paz”

Em setembro de 2006 foi ao ar, por meio do Globo Esporte, programa de jornalismo esportivo que pertence à Rede Globo, a série de reportagens “Futebol em Paz”. Composta por quatro episódios, a série buscou tratar da problemática da violência no futebol, seus impactos e possibilidades de resolução. “Clubes estão pagando pelo mal que ajudam a criar: as torcidas organizadas”, “As providências que a CBF está tomando para acabar com a violência no futebol”, “As medidas que estão sendo tomadas para impedir a ação de torcedores violentos” e “Como a Europa conseguiu deixar a violência em níveis minimamente toleráveis” são os títulos de cada capítulo, que já anunciam a atribuição da autoria da violência no futebol às torcidas organizadas. Das quatro partes da série, apenas três estão disponíveis no sítio eletrônico do Globo Esporte. Por isso, a análise se restringiu ao material disponível.

Na descrição da reportagem, a definição dos objetivos da matéria se dá da seguinte forma:

As reportagens alertaram para o crescimento da violência nos estádios brasileiros. Nos últimos anos, o cenário onde os craques da bola deveriam dar show, virou lugar de confronto entre torcidas rivais. Muitas dessas confusões violentas contam com a cumplicidade e com a omissão dos clubes. Ingressos que não são vendidos, acabam sendo distribuídos para as torcidas e vão parar nas mãos de vândalos. Outro ponto abordado na série Futebol em Paz apontou para as dificuldades de punir os agressores e restringir a frequência destes conflitos. No primeiro episódio da série, foram entrevistados sociólogos e presidentes de clubes, que analisaram a relação entre clube e torcida organizada. Outra questão que os repórteres abordaram foi o afastamento dos brasileiros dos estádios, naquela época, por causa das brigas que impossibilitavam a presença de crianças, famílias e todos que gostam de futebol (Globo, 2006).

Produzida em meados da década de 2000, a série se constitui a partir da interlocução com episódios crescentes de confrontos entre torcidas organizadas no Brasil e no Rio de Janeiro, com o aumento também do quantitativo de vítimas fatais relacio-

nadas a jogos de futebol. Dados coletados pelo pesquisador André Luís Nery (2012) apontam para cerca de 133 mortes associadas ao futebol brasileiro desde a década de 1990, tendo como marco final da pesquisa o ano 2012. O microcosmo torcedor, por sua vez, demonstrava a intensidade das lógicas de rivalidades e de alianças entre as torcidas organizadas que, a partir de 2006, assistiram ao processo de construção de novos projetos do torcer coletivizado, com agremiações emergentes abdicando do termo “torcida organizada” em sua constituição.

A escalada dos conflitos entre torcedores em âmbito nacional associada ao incipiente debate a respeito da problemática incide na estigmatização das torcidas organizadas a partir dos pressupostos de vilania. Assim, elementos como políticas públicas e estratégias de policiamento no tratamento de tais episódios se ancoram em experiências externas, especialmente na inglesa, caracterizada pelos anseios neoliberais. Desse modo, o tratamento destinado aos *hooligans* na Inglaterra e a alteração nos estádios alicerçadas em perspectivas modernizantes e restritivas são incorporadas ao debate brasileiro e, em especial, na arguição da reportagem citada.

O primeiro episódio é iniciado com a exposição de imagens de confrontos entre torcedores acompanhada da fala do repórter George Guilherme: “ônibus da torcida palmeirense depredado. 8 feridos, 1 preso. Assustadora rotina. E o pior: há criminosos infiltrados nas torcidas organizadas”. Com a participação de convidados, a lógica da criminalização das torcidas organizadas é reforçada sob a justificativa do impacto financeiro que a violência produz, além do afastamento de torcedores dos estádios. Termos como “criminosos” e “delinquentes” são utilizados para caracterizar os componentes das agremiações torcedoras, que são somados à conclusão do repórter: “Uma deformação que nasceu com a ajuda dos próprios clubes”.

O decorrer da reportagem se compromete com a exposição da demonstração do prejuízo financeiro que as torcidas organizadas oferecem aos seus clubes, seja pela distribuição de ingressos, seja pelo afastamento do público pagante, atrelada ao efeito a longo prazo: “além do impacto aqui nas bilheterias, e por tabela nos cofres dos clubes, a violência também atinge o futuro do esporte. Por causa dela, o futebol pode estar perdendo uma geração de torcedores”. Ao mesmo tempo, a reportagem evidencia a vinculação entre clubes e torcidas organizadas, transformando os clubes em “cúmplices” e “coniventes” pela distribuição gratuita de ingressos às agremiações.

A utilização de dados provenientes da pesquisa do sociólogo Maurício Murad, que sinalizam que cerca de 78% das pessoas que deixaram de ir aos estádios responsabilizam a violência das torcidas organizadas como principal fator abre o debate sobre o aspecto financeiro debatido no episódio. Em fala de um dos participantes da série, a comercialização de produtos emerge como argumentação do entrave promovido pelas agremiações

torcedores: “Se você não pode usar a camisa do teu clube para ir ao jogo, quando você vai usar? Então se você tem que ser um torcedor oculto, você não vai adquirir produtos desse time”. A cena seguinte é uma entrevista a um jovem torcedor de 15 anos que estava pela primeira vez no estádio Mário Filho, o Maracanã, sob a justificativa de nunca ter ido por ser algo perigoso, com o intuito de evidenciar os impactos futuros do contexto violento nos estádios em detrimento da presença e da atuação das torcidas organizadas.

O segundo episódio versa sobre as medidas tomadas pelas autoridades futebolísticas no combate à violência. Sem mencionar nominalmente as torcidas organizadas, todo o pano de fundo da reportagem é construído com a exposição de imagens de torcedores em confrontos. Por outro lado, as condições de ida e permanência nos jogos são citadas pelo repórter Gustavo Araújo de Moraes de modo a expor a falta de conforto nos estádios de futebol brasileiros: “A maioria dos estádios do Brasil não dá conforto e nem segurança, com uma área livre para a selvageria”.

Com as falas de nomes como Ricardo Teixeira, à época presidente da Confederação Brasileira de Futebol, e Dunga, treinador do selecionado nacional, as torcidas organizadas são tidas como grande ameaça à tentativa de sediar a Copa do Mundo no Brasil no ano de 2014. O repórter responsável pelo episódio expõe a problemática: “E o pesadelo pode custar um sonho. Copa do Mundo. O Brasil planeja sediar a de 2014, mas o futebol brasileiro sabe. Antes que a festa aconteça, será preciso combater a violência no futebol”. A frase, seguida de imagens de confrontamentos, é reforçada por Teixeira e Dunga, respectivamente: “Acho que é importante na medida em que se você raciocinar que no mundo todo tem havido esse tipo de problema (fazendo menção às brigas entre torcedores) que tem sido corrigido aos poucos. A gente tem que atacar o problema, porque é um problema” e “Essa coisa atinge níveis exorbitantes, níveis incontroláveis, claro que isso pode até dificultar a nossa candidatura. Para que ela seja homologada pela FIFA”.

O encadeamento da reportagem se propõe a oferecer possibilidades de resolução da problemática a partir de exemplos europeus, especialmente da Alemanha, como o cadastramento de torcedores. No entanto, o cadastro seria restrito aos torcedores organizados, que são os considerados violentos. O episódio é concluído com a fala do jornalista, após exibir o valor de 3,2 bilhões de reais que a Alemanha investiu em segurança nos estádios: “Um investimento que traz paz e torcedores aos estádios. Que pode render frutos que durarão muito mais que uma Copa do Mundo”.

O terceiro episódio – e último a ser analisado no presente artigo – segue com a temática de medidas a serem tomadas para tratar do problema da violência no futebol. Em proposição, o sociólogo Maurício Murad fala sobre a identificação dos torcedores, além da responsabilidade estratégica policial durante os jogos de futebol: “Uma outra medida fundamental é o aumento do efetivo policial. Não pode a autoridade policial

sair desmoralizada porque dez policiais brigaram contra duzentos, trezentos torcedores”. O cadastramento de torcedores permanece como pauta, somado à ideia de um público desejável, reforçada, inclusive, pelo presidente do Fluminense à época. Como forma de reduzir as práticas de violência, o jornalista aponta “a volta das famílias aos estádios”, discurso acompanhado pelo seu entrevistado, que complementa: “Quem vai acompanhado ao Maracanã de criança ou com a namorada ou com a esposa não briga. É raro brigar. Ainda mais com criança. Porque o cara quer paz. Pra mostrar que aquilo ali é legal”. A matéria é concluída com a exibição da imagem de uma mulher acompanhada de uma criança.

A série “Futebol em Paz”, desse modo, instiga, a partir da veiculação, a circunscrição da violência no futebol às práticas das torcidas organizadas. A exposição encadeada da problemática, dos possíveis impactos e de medidas de solução estão ancoradas em uma estrutura narrativa de construção de um problema social. Ao mesmo tempo em que demonstra a imagem das torcidas organizadas restritas à contenda, a série evidencia um oposto desejado: a família, principalmente composta de mulheres e crianças, dando a tonalidade da pacificação a partir de tais figuras.

Mais que isso, a série posiciona as agremiações torcedoras enquanto descaracterizadas como torcedores. Ao mencionar que houve “afastamento dos brasileiros dos estádios”, bem como a impossibilidade da presença de famílias e crianças, os torcedores organizados são imbuídos pelo estereótipo da violência e de terminologias criminalizantes, em que até mesmo sua nacionalidade é esvaída em função do estigma. A construção da legitimidade e da urgência de tal narrativa é fortalecida com a ideia de que todo o corpo social pode ser negativamente impactado, ou seja, todos são “vítimas potenciais” (Lopes, 2012, p. 55) das agências de torcedores organizados: “As torcidas organizadas seriam, portanto, para o jornal, as grandes ‘vilãs’ nos incidentes de violência. Estes incidentes ‘vitimizariam’ principalmente a família brasileira, que seria o público legítimo do futebol e também um instrumento de pacificação dos estádios” (Lopes, 2012, p. 149).

Considerações finais

A construção de narrativas sobre representações no cosmo futebolístico é investida de disputas de interesses. São imbuídas de intencionalidades por vezes ocultas. O papel da mídia na formulação de mitos e ritos no futebol, vislumbrados no presente artigo sob a forma de heróis e vilões, alcança o microcosmo das torcidas organizadas. Imersos na lógica espetacularizada do referido esporte, a produção de trajetórias de idolatrias, heroísmo e vilania, como anteriormente apontado, se traduz em modelos exemplares de comportamentos e valores desejáveis ou reprováveis.

No caso das torcidas organizadas, vislumbrada na série “Futebol em Paz”, a construção discursiva sobre as práticas torcedoras se alicerça em dicotomias, estabelecidas entre associativismo torcedor e famílias. Os aspectos burocráticos e complexos da estrutura interna das torcidas organizadas, bem como a construção de signos de seu conjunto simbólico são invisibilizadas em função da exposição de um modelo execrável, com a proposição de uma solução traduzida na família.

Ancorados nos discursos de racionalidade, os meios de comunicação, em consonância com a lógica do futebol espetáculo, se colocam como veículos no processo de estigmatização dos agrupamentos torcedores. A fundamentação se dá na medida em que se almeja a construção de um público no estádio que esteja alinhado com os ideais de pacifismo e, por conseguinte, de potencial consumo:

Os crescentes apelos em conter e inibir as modalidades mais autônomas do torcer são difundidas por discursos e ações que deliberadamente impõem critérios orientador por uma racionalidade que se quer universalizar e que diz respeito a necessidade em transformar o torcedor em consumidor de um espetáculo, tornando-o, de certo modo, desenraizado de uma vivência mais densa em significados (Toledo, 2000, p. 268).

Desse modo, a estruturação da série “Futebol em Paz” dialoga com os intentos da elaboração de mitos no futebol. Através da construção de heróis e vilões, isto é, de modelos a serem seguidos ou rejeitados, calcados na dicotomia, as torcidas organizadas protagonizam a vilania e o público considerado “família” é imbuído de heroísmo, capaz de trazer a paz aos estádios. São evidenciados, de forma complementar, os lucros e os reveses de cada personagem, em consonância com a estratégia discursiva da potencialidade da condição de vítima à toda população.

Referências

BARROS, José D’Assunção. História cultural e a contribuição de Roger Chartier. **Diálogos**, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005.

DA COSTA, Leda Maria. **Os Vilões do Futebol: Jornalismo Esportivo e Imaginação Melodramática**. Editora Appris, 2021.

DAMATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982. p. 19-42.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

- DAMO, Arlei Sander. Futebol e estética. **São Paulo em Perspectiva**, v. 15, p. 82-91, 2001.
- GASTALDO, Édison. Publicidade e imaginário esportivo na televisão. *In*: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *et al.* **Olho no lance: ensaios sobre esporte e televisão**. Rio de Janeiro, v. 7, 2013.
- GEERTZ, Clifford. Um jogo absorvente: notas sobre a briga de galos balinesa. *In*: GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, Guanabara, 1989. p. 278-321.
- GUEDES, Simoni Lahud. **O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro**. Editora da Universidade Federal Fluminense, 1998.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. “Perdido numa intensidade focada”: esportes e estratégias de reencontamento. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, v. 15, n. 1, p. 11-19, 2007.
- HELAL, Ronaldo. A construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro. **Revista Alceu**, v. 4, n. 7, p. 19-36, 2003.
- HELAL, Ronaldo. **O que é sociologia do esporte**. Editora Brasiliense, 1990.
- HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.
- LOPES, Felipe Tavares Paes. **Discursos sobre violência envolvendo torcedores de futebol: ideologia e crítica na construção de um problema social**. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- LOPES, Felipe Tavares Paes; CORDEIRO, Mariana Prioli. Futebol, visibilidade e poder: lógicas da violência nos espetáculos futebolísticos. **Revista Comunicação Midiática**, v. 10, n. 3, p. 119-134, 2015.
- RODRIGUES, José Carlos. O rei e o rito. **Revista Comum**, v. 1, p. 16-29, 1982.
- TEIXEIRA, Rosana da Câmara. Torcidas jovens cariocas: símbolos e ritualização. **Revista Esporte e Sociedade**. Niterói, n. 2, 2006.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas no futebol**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. São Paulo: Ubu Editora LTDA-ME, 2018.



El árbitro como objeto de violencia y desahogo: las problemáticas del fútbol base andaluz

Miguel Carretero Salazar¹  
Universidad de Granada

Resumen

Este trabajo, consta de la investigación de 10 partidos de fútbol base en la ciudad de Granada, en España. Donde se analizarán las diferentes violencias que se ejercen durante estos encuentros de jugadores entre edades comprendidas desde los 8 a los 16 años. Además, se analizarán porque surgen estas violencias en categorías donde los participantes son menores de edad. Por otro lado, la realización de un análisis en profundidad de las entrevistas a los agentes participantes como entrenadores, directivos, árbitros y padres nos ayudará a poder comprender más de cerca situaciones que se observan cada fin de semana en los diferentes campos de fútbol en categorías formativas.

Palabras clave

Violencia. Árbitro como educador. Menosprecio. Desvalorización profesional. Fútbol base.

1. Graduado en Antropología Social y Cultural por la Universidad de Granada (Granada). Máster en Antropología Urbana, Migraciones e Intervención Social por la Universitat Rovira i Virgili (Tarragona).

The referee as an object of violence and relief:
the problems of Andalusian grassroots football

Abstract: This article consists of the investigation of 10 grassroots soccer matches in the city of Granada, in Spain. Where the different violence that is exercised during these encounters between players between the ages of 8 and 16 will be analyzed. Furthermore, it will be analyzed why this violence arises in categories where the participants are minors. On the other hand, carrying out an in-depth analysis of the interviews with participating agents such as coaches, managers, referees and parents will help us to better understand situations that are observed every weekend on the different football fields in categories. formative.

Keywords: Violence. Referee as educator. Contempt. Professional devaluation. Grassroots football.

O árbitro como objeto de violência e alívio:
os problemas do futebol de base andaluz

Resumo: Este artigo consiste na investigação de 10 partidas de futebol de base na cidade de Granada, na Espanha. Onde serão analisadas as diferentes violências que se exercem nesses encontros entre jogadores de 8 a 16 anos. Além disso, será analisado porque esta violência surge em categorias onde os participantes são menores. Por outro lado, a realização de uma análise aprofundada das entrevistas aos agentes participantes como treinadores, dirigentes, árbitros e pais ajudar-nos-á a compreender melhor as situações que se observam todos os fins-de-semana nos diferentes campos de futebol das categorias.

Palavras-chave: Violência. Árbitro como educador. Desprezo. Desvalorização profissional. Futebol de base.

Introducción

A menudo, vemos noticias en la prensa sobre agresiones en estadios de fútbol, agresiones entre jugadores, invasiones al terreno de juego y lo más común en los últimos años, agresiones a los árbitros, las cuales en la gran mayoría de los casos se suplen con una sanción económica casi irrisoria para el agresor, pero que causa un temor horrible cada fin de semana para el agredido. En este caso, nos centraremos en las agresiones verbales o físicas, que cada fin de semana los árbitros de categorías de fútbol base de España, tienen que escuchar o casi huir para que estos no sean agredidos.

Pero lo principal que debemos preguntarnos a la hora de investigar estos sucesos es: ¿Por qué el fútbol vuelve violento a los padres y madres cuando van a ver a sus hijos jugar un partido?, ¿Por qué la profesión de árbitro de fútbol es la que más insultos puede recibir en su día de trabajo?, ¿Cuáles son los factores determinantes para que un partido tranquilo, pase a un partido agresivo? ¿Deberían las federaciones imponer sanciones más restrictivas tanto a clubes como a jugadores por los sucesos cometidos por familiares? ¿Es el fútbol base un deporte formativo o deja de serlo cuando la competición se superpone a la formación? Todas estas preguntas y más que surgirán a lo largo de esta investigación suponen un estudio exhaustivo y minucioso para intentar entender algunos de estos sucesos o incluso acciones que puedan ayudar a prevenirlos.

En otros países los aficionados violentos que agreden a otros aficionados o incluso a sus jugadores, además de utilizar canticos discriminatorios y vestirse de forma parecida se les llaman Hooligan (Olivares, 2012) en España, los partidos de fútbol pro-

fesional este tipo de aficionado es denominado como Ultra² de un equipo (Díaz, 2003). Mayoritariamente estos individuos no tienen familiares en ninguno de los equipos que está disputando el encuentro, en ocasiones a sus canticos se les unen el resto de los aficionados del encuentro ya sea para reclamar a las directivas o a los jugadores o entrenadores, pero también para insultar a los árbitros.

Pero, realmente los padres y madres que van a ver a sus hijos debemos adscribirlos a algunos de estos términos anteriormente definidos, ya que en pocas o nulas ocasiones realizan canticos para animar a sus equipos, esto se debe a que animan de forma individual y pocas veces colectivamente. En escasas ocasiones los padres agreden verbal o físicamente a un jugador rival o a un aficionado rival y mucho menos insultan a los entrenadores. Pero en su gran mayoría, a veces por errores arbitrales, otras por la condición física de la persona o incluso por la tensión del encuentro, quien recibe estas agresiones a menudo es el árbitro del partido.

El fútbol y la violencia son dos términos que desgraciadamente son vinculados habitualmente. De hecho, el deporte y en especial el fútbol base como agente formativo, está ligado a la construcción de identidades de género, siendo un factor socializador muy importante en las edades de los deportistas. Respecto a esto, nuestro interés se basa en la investigación de porque se producen estos sucesos en categorías de fútbol formativo, explorando la masculinidad y la violencia en el fútbol (Martín Cabello; García Manso, 2011), considerando como la violencia en el deporte ayuda a construir la identidad masculina. El artículo, finalizará, entorno a la violencia simbólica se ejerce desde un ámbito antropológico, con respecto a los poderes ejercidos en el terreno de juego por los diferentes de los equipos y aficionados e incluido el árbitro del partido.

1 Contexto sociocultural

Granada es una de las 8 provincias que pertenecen a la Comunidad Autónoma de Andalucía, situada cerca de las costas del Mediterráneo, su clima, su sierra y sus playas la hacen una ciudad muy atractiva para que personas de diferentes ciudades y países la visiten cada año. Esto genera una gran multiculturalidad de personas y grupos humanos muy diferentes, pero que a su vez conviven en la misma ciudad.

El fútbol, como deporte rey de la ciudad y con la representación del equipo de la capital el Granada CF, que participará la próxima temporada en LaLiga Hypermotion, hace que miles de jugadores de edades comprendidas entre los 8 años y los 16 puedan

2. Son grupos de iguales con ideologías radicales, extremistas y violentas, que influyen negativamente a los jóvenes que se encuentran con cierta vulnerabilidades, quienes encuentran una identidad y un poder que nunca antes experimentaron.

alcanzar a formar parte de la cantera de este club, con el objetivo de poder firmar un contrato profesional o incluso poder ser visto por otras canteras de equipos de fútbol de nuestro país. Esto genera un éxtasis e ilusión tanto para las familias, como para los clubes de los pueblos de alrededor de la ciudad, ya que uno de sus canteranos acabe jugando en una liga profesional repercutirá económica y notoriamente en la reputación de su pueblo, club o familia.

Últimamente, se ha visto incrementado las agresiones físicas en los terrenos de juego de toda España e incluso en Granada a uno de los colectivos más importantes y que hace que el desarrollo de los partidos sea posible, gracias a la figura del árbitro. Él es la persona sancionadora disciplinariamente las diferentes acciones que pueden generar, una lesión para el rival o para la persona que la realiza la acción, aquellas acciones que tienen que ver con la discriminación hacia el rival u el árbitro del encuentro, ya sean jugadores u entrenadores y dirigentes técnicos que estén inscritos en Acta³. El pasado año, la Real Federación Española de Fútbol, junto a las federaciones territoriales, pusieron en marcha un protocolo, tras lo sucedido en un partido de fútbol entre el Valencia-Real Madrid, donde uno de los jugadores del equipo visitante fue insultado por un sector de la grada, de manera peyorativa y xenófoba. Este protocolo de violencia verbal es una herramienta, que, en este caso, el árbitro puede usar a su favor, para suspender temporal o definitivamente un partido, si se dirigen a él o a cualquier jugador o técnico desde sectores de la grada.

En otras ocasiones, esta violencia que se produce es física, quizás es menos habitual que la violencia verbal, pero, es interesante, ver el aumento de casos que se producen con este tipo de violencia tanto a los árbitros de fútbol como entre los propios jugadores o padres de los equipos que disputan los partidos. El comportamiento agresivo puede conllevar acciones de carácter físico o verbal, que supone un malestar emocional o físico a la otra persona. Es importante remarcar que se debe diferenciar la violencia entre jugadores y la violencia en la grada o alrededores de los terrenos de juego (González-Oya, 2007), incluso de la violencia que se ejerce sobre el árbitro desde la grada o de parte de los jugadores y técnicos. Por ello, la violencia en los campos de fútbol es contemplada como un rito a la masculinidad y a la sociabilización con un grupo de iguales, llegando a ser como un símbolo de virilidad y valentía (Martín Cabello; García Manso, 2011).

Por otro lado, debemos tener en cuenta que estas agresiones, tanto físicas como verbales, se producen delante de niños menores de edad, donde principalmente en los

3. Documento de carácter oficial, que es rellenado por el árbitro de un partido, donde anota goles, tarjetas amarillas y rojas, nombre y apellidos de jugadores y dirigentes y técnicos, hora de comienzo del partido, lesiones, sustituciones y otras incidencias.

partidos que disputan estos chicos, se consume alcohol en muchas de las cantinas y kioscos de los campos municipales, siendo esto un atenuante ya que el alcohol inhibe las capacidades de sus consumidores y esto provoca que estos aficionados de los partidos de fútbol base, creen desencuentros entre los diferentes padres, entrenadores e árbitros llegando a intimidarlos o insultarlos durante el partido e incluso agredirlos físicamente. La frustración de ver a los hijos perder un partido por errores arbitrales, por fallos en las tácticas utilizadas por el entrenador o incluso por la propia competición deportiva (Bakker *et al*, 1993). Otro de los motivos donde se ha incrementado los actos violentos en fútbol base son las provocaciones verbales con respecto al género, a compañeras árbitras de fútbol. Este tipo de violencia suele ser más tácita, es decir, cuando la agresión verbal se hace de forma subliminal o es más “tolerada” por el resto de las personas. Los estereotipos y estigmas atacan de forma individual y directamente a las mujeres en cualquier ámbito deportivo, siendo esto a veces un obstáculo para su continua participación en estas actividades, llegando a considerarse este tipo de agresión como violencia de género (Paim, 2006).

A la hora de referirnos a las reglas de competición, debemos tener en cuenta las 17 reglas oficiales del reglamento de la competición y una extraoficial, que nunca aparece en dichos reglamentos, pero que desde el colectivo se lleva a cabo. Dentro del colectivo arbitral esta es la Regla 18, conocida como Sentido Común. Con esta regla nos estaríamos refiriendo a que cada una de las anteriores reglas tiene su interpretación propia dependiendo de los diferentes factores que suceden en un partido. Un ejemplo de esto es cuando en un partido donde ambos equipos están cometiendo muchas infracciones, el árbitro tiene la autoridad de detener en más ocasiones el encuentro e intentar tranquilizar advirtiendo verbal o disciplinariamente a los jugadores, otra de las situaciones acontecidas pueden ser un partido denominado de alto riesgo por amenazas de los jugadores al árbitro anteriormente a los protocolos actuales, pues el árbitro decide continuar el encuentro hasta finalizar el partido, pero él en el acta refleja que el encuentro había finalizado en la primera parte por las constantes amenazas recibidas de afición y jugadores.

El fútbol es un agente vinculante que refuerza la cohesión grupal de los individuos, combinando elementos racionales e irracionales, como placer, dolor, entusiasmo, alegría, tristeza, con aspectos propios de la naturaleza del ser humano que encuentran expresión en el mismo, siendo el deporte competitivo un factor que puede desencadenar actos como los que se describen en este trabajo.

2 Marco teórico

2.1 La agresividad en el deporte

Todos los deportes que exigen cierta competitividad a nivel de equipo y donde suele haber contacto físico entre sus jugadores suelen conllevar confrontaciones entre sus participantes o sus aficionados. González-Oya (2007) refiere que “La agresividad en el deporte es un aspecto complejo, en el que influyen demasiadas variables” (p. 30). Sin embargo, en este artículo abordamos como las violencias surgen dentro de los partidos de niños con edades comprendidas entre los 8 años hasta los 16, donde el fenómeno se observa que varía dependiendo la situación del encuentro. La práctica deportiva en una competición lleva en sí de forma implícita una normativa o un reglamento de juego (Gimeno *et al.*, 2007), sin embargo, con el no cumplimiento de estas reglas de juego puede llegar a causar menosprecio al rival o faltas de consideración que en ciertos deportes pueden poner en peligro tanto la integridad física del oponente como la tuya.

Los valores del deporte suelen ser positivos, ya que se intenta educar u enseñar, teniendo a los profesionales como referencia. Pero de igual forma, puede pasar todo lo contrario, donde se use la picaresca, la trampa o incluso la humillación de un rival. Por ello, los profesionales tienen una gran responsabilidad como personas influyentes en los jóvenes deportistas (Arroyo del bosque *et al.*, 2015). En el fútbol formativo es cada vez más habitual encontrarnos con actos u comportamientos poco deseables por parte de los padres o incluso de los entrenadores (De Marziani, 2008), de hecho, según Ayala Cuadrado (2017) afirma que: “La violencia verbal causa severos daños psicológicos afectando directamente en la dignidad y autoestima de la víctima” (p. 27-28).

2.2 El árbitro como figura ejemplar

El árbitro es uno de los agentes más importantes, ya que es el encargado de hacer cumplir las reglas de juego. En el fútbol este además ejerce funciones sancionadoras de carácter técnico, las cuáles surgen fortuitamente por lances de juego, pero en otras ocasiones son provocadas por la disputa y la tensión del partido. Es interesante ver como en partidos de categorías de fútbol base se suceden este tipo de conductas agresivas, de lo que se permite al margen del reglamento (Gimeno *et al.*, 2007, p. 105). Ellos son los jueces de los encuentros y además ejercen una figura muy importante como es el Árbitro-Educador. Esta teoría es llevada a cabo por el árbitro principalmente durante la duración del encuentro con los jugadores principalmente, de hecho, ellos son considerados el espejo de la deportividad, realizando una pedagogía deportiva y no limitándose a la señalización de infracciones (Serrano-Durá; Devís-Devís, 2020). Los árbitros mayoritariamente destacan que el potencial educativo no descansa en el deporte, si no que se

desarrolla en un conjunto de agentes participativos en el contexto deportivo que se produce. De hecho, las conductas antisociales de los padres y madres como malos ejemplos para la educación de sus hijos e hijas (Serrano-Durá; Devís-Devís, 2020, p. 242).

En la investigación el árbitro en lo que se refiere es la figura más importante para que el desarrollo de la competición sea posible. De hecho, el árbitro puede distinguirse con 3 facetas muy distintivas: a) Juez, b) Educador y, c) Deportista. Las funciones principales del árbitro son velar por el desarrollo de la competición, pero en el momento donde se produce algún desorden o altercado, deberá tener un protagonismo notorio a la hora de controlar la situación con las sanciones técnicas (Dosil, 2003). Al respecto a lo que Coca (1975) se refirió a que un árbitro debe ser como un hombre, como juez y como pedagogo, tras casi 50 años de esta referencia, el árbitro actual no tiene género ya siendo hombre o mujer respectivamente y esta inclusión se realiza desde fútbol formativo o base, hasta fútbol profesional. Por otro lado, las funciones del árbitro juez actualmente son mantenidas por los comités técnicos y por sus colegiados y, por último, prefiero llamar la faceta de educador, ya que es una forma más transversal y con la cual los jóvenes y niños conocen mejor esta faceta ya que la viven día a día en sus institutos u colegios.

Por otro lado, la figura del árbitro al igual que la del entrenador y la del jugador, es una figura que tiene un progreso positivo en tanto a la formación que reciben, ya que estos realizan pruebas físicas y técnicas. Llevando sus aprendizajes de forma satisfactoria, el rendimiento de estos se verá incrementado y los resultados se percibirán en el terreno de juego (González-Oya, 2005).

2.3 La violencia en el fútbol base

El concepto de violencia en el fútbol base se fundamenta mayoritariamente por la competitividad de los clubes en categorías de formación, por la “profesionalización” de los niños y niñas, en querer conseguir que sean fichados por una cantera de equipo profesional, lo cual hace que los menores intensifiquen en muchas ocasiones esa picardía e intensidad en el juego, además de la presión ya soportada por el jugador. Es así, que la profesionalización del fútbol base lleva consigo insultos, agresiones, protestas hacia el árbitro, restándole a este deporte el papel educativo y fomentando en muchas ocasiones valores inadecuados (Dosil, 2003).

La poca información académica y científica respecto a las violencias que se perciben en el fútbol base lleva al estudio y profundización de analizar los cambios de paradigmas que se producen dentro del deporte, que nos sugiere también unos cambios importantes en los jóvenes jugadores, los cuáles son influenciados por sus padres en realizar unos actos u otros. Esto significa que los progenitores, en numerosas ocasiones, son responsables de las conductas violentas y/o agresivas que se dan en las gradas

(Adam, 2017). Sin embargo, los jóvenes que son apoyados por sus progenitores, y no presionados por ellos, presentan un mejor rendimiento deportivo y unos valores educativos inculcados hacia el respeto. De hecho, los agentes vinculados al deporte que buscan constantemente la victoria a cualquier precio aportan un ejemplo que puede conducir a la violencia en múltiples ocasiones (Borras *et al*, 2020). En los equipos más modestos del fútbol andaluz, se puede observar como la cantera se utiliza para animar al equipo, ya que sus miembros comparten canticos, ritos e incluso violencias como formas de comunicación, que les ayuda a construir identidades colectivas (García *et al*, 2021). Aguilar Gómez afirma que:

La violencia en el fútbol se manifiesta en un espacio urbano específico: el estadio. En este entorno, convergen diversos factores que pueden llevar a desenlaces trágicos, como la construcción ineficiente de los estadios para albergar de manera segura a grandes multitudes de espectadores, la falta de un protocolo de seguridad eficaz por parte de los responsables y la proliferación de grupos ultras entre las aficiones europeas que asisten a los estadios (2024a, p. 450).

Este aspecto es de carácter significativo en los organismos formativos de fútbol base. Esto se debe, a que los jóvenes futbolistas se encuentran en etapas críticas donde se produce un desarrollo cerebral y son más sensibles a las influencias dependiendo los contextos (Benítez *et al*, 2023). Con respecto a los factores que cobran mayor protagonismo, los comportamientos de los padres y madres en el fútbol formativo exhibe diferentes conductas. Por otro lado, se advierte que:

Los comportamientos de violencia verbal destacaban como los más problemáticos, manifestándose con gritos desde las gradas, comentarios desagradables hacia los entrenadores o insultos dirigidas a los árbitros (Aguilar Gómez, 2024c, 390).

3 Método

A la hora de analizar todo tipo de violencias, se ha tenido en cuenta un total de 10 actas de fútbol base, en la temporada 2023/2024 durante los meses de Marzo a Junio, de diferentes encuentros dirigidos por el mismo árbitro de fútbol. Los partidos corresponden a categorías formativas como benjamín (8 y 9 años), alevín (10 y 11 años), infantil (12 y 13 años) y cadete (14 y 15 años), siendo las categorías principales del fútbol base. Todos los partidos analizados son encuentros entre equipos que compiten en la ciudad de Granada (España) y sus municipios que han sido catalogados por el árbitro como partidos conflictivos por los sucesos de gravedad que han ocurrido en estos, teniendo en cuenta las edades de los jugadores.

3.1 Recogida de información

A la hora de realizar de esta investigación, se han tenido en cuenta las diferentes plataformas de búsqueda bibliográfica en línea como son *Scopus*, *Google Scholar* o Revistas sobre conductas deportivas, psicológicas y antropológicas del deporte. De esta gran búsqueda, se han ido seleccionando los diferentes artículos de carácter académico, que aparecen a continuación en el trabajo, ya que aportan al objeto de investigación.

Los entrevistados para este trabajo de investigación se corresponden a una muestra de diferentes actores que intervienen en el desarrollo de los partidos, que se disputan en la provincia de Granada, identificándolos como entrenador, árbitro y directivo de club. De esta forma, podemos obtener diferentes puntos de vista sobre como gestionan, interactúan y reflexionan sobre las diferentes conductas desde las posiciones y cargos de los entrevistados. Durante estas entrevistas, los participantes han realizado un ejercicio de reconocimiento de aquellos recuerdos y sucesos por los que se les ha ido preguntado para obtener diferentes resultados de las cuestiones preguntadas, esto ha generado ciertas emociones que se deben tener en cuenta para esta investigación.

3.2 Procedimiento

Para la realización de las entrevistas, se tuvo en cuenta que las personas participantes debían firmar un consentimiento informando, autorizando la participación en dicha grabación y su posterior publicación académica. La grabación de entrevistas se ha llevado a cabo, por la plataforma de *Google Meet*, además todas las entrevistas han sido transcritas gracias a programas como *Riverside.fm* o *Tactiq*, que es una extensión de la *web Google Meet*, que sirve para la transcripción de entrevistas, generando directamente un portfolio o documento con la entrevista y el desarrollo argumental con las personas participantes. Para el análisis de estas entrevistas se ha utilizado el *software Atlas Ti*. Analizando las diferentes respuestas de los entrevistados con el objetivo de comprender de forma más generalizada, así como observar los puntos de vista de los diferentes participantes y su implicación en dichas respuestas respecto a las preguntas que se les realizaron. Este proceso metodológico junto a la realización de entrevistas e interpretación de los resultados para dar finalmente con el trabajo que se presenta, desde el mes de Marzo hasta el mes de Junio del año 2024, donde se ha contado con la participación expresa de los participantes y el análisis etnográfico en primera persona como árbitro de fútbol del autor de esta investigación.

3.3 Guion de la entrevista

Para llevar a cabo el desarrollo de las preguntas que se realizaran a los entrevistados, se ha tenido en cuenta los objetivos de esta investigación para la elaboración de un guion que establezca unas pautas a la hora de la realización de dichas entrevistas. Estas entrevistas constan de unos datos genéricos como son: edad, sexo país de procedencia y función/actor. Este guion se divide en diferentes bloques para abordar cada uno de los objetivos que se plantean en esta investigación. El bloque 2 se plantea con el fin de analizar cuáles son los roles en el deporte tanto en la infancia como la juventud, el bloque 3, buscamos interactuar y comprobar cuáles son las interacciones entre las diferentes personas y actores que interactúan en el terreno de juego o fuera, el bloque 4 está enfocado en descubrir cuáles son los principales actos o agresiones que se producen en los terrenos de juego, y por último, el bloque 5, pretende como gestionar o manejar dichas situaciones agresivas, incluso proponiendo la eliminación de estas.

3.4 Perfil de los entrevistados

El perfil de los participantes pertenece al ámbito del fútbol granadino, con edades comprendidas entre los 22 años y los 42 años de esta forma intentamos que la muestra obtenida pueda darnos unos resultados en según qué aspectos diferentes a las distintas funciones que ejercen nuestros participantes, con respecto a las violencias que se ejercen en el fútbol base desde la perspectiva de un árbitro o un entrenador. Durante la realización de las entrevistas se ha tenido en consideración las diferentes funciones que ejercen cada uno de los participantes, para observar los resultados en los diferentes aspectos mencionados en los bloques de la entrevista que anteriormente menciono. Por último, la muestra en la que se basa la investigación es en cuatro actores que intervienen de forma directa en el desarrollo de los partidos, durante la temporada 2023/2024 en Granada. En la tabla 1, podemos observar a modo resumen las siguientes características.

Tabla 1 – Perfiles de los jóvenes entrevistados

Sexo	Edad	País de procedencia	Actor
Hombre (Entrevistado 01)	22	España	Árbitro
Hombre (Entrevistado 02)	25	España	Entrenador
Hombre (Entrevistado 03)	38	España	Directivo
Hombre (Entrevistado 04)	42	España	Padre/Aficionado

Fuente: Elaboración propia a partir de entrevistas en profundidad.

4 Resultados

A la hora de analizar los resultados, podemos diferenciar aquellos que se han extraído directamente de los partidos de fútbol base analizados, como aquellos resultados obtenidos directamente de las entrevistas con los diferentes agentes que participan en un encuentro habitualmente.

4.1 Análisis violencia en partidos de fútbol base

En primer lugar, diferenciar los diferentes tipos de violencias verbales las cuales van dirigidas al árbitro, después diferenciar aquellas donde los niños se sienten presionados y en ocasiones provocan que ejerzan ciertas violencias contra el árbitro o contra un contrario y por último, revisar las sucesiones de violencias que se acontecen debido a los resultados del encuentro.

Como observamos en la *Tabla 2*, las agresiones verbales se dan más desde los sectores del público en categorías del fútbol base con un 31%, esto sugiere en repensar el papel que toma el fútbol base como educativo o competitivo, donde los padres inculcan valores y comportamientos negativos a los jóvenes, sin que los estos sean conscientes de dichas acciones que cometen e incluso toleradas y legitimadas (Arroyo del bosque *et al*, 2015), de hecho, deben ser un modelo de actitudes y conductas para los niños (Cubero Pérez *et al*, 2018). Normalmente, la violencia verbal es la más utilizada en este caso por los aficionados y casi siempre va dirigida en partidos de estas categorías al árbitro, ya sea por una equivocación de este o incluso por lo bien que lo haga. Por ello, este tipo de violencia se expresa culpabilizando o humillando (Portos Martínez *et al*, 2023).

Por otro lado, vemos que la relación entrenador-jugador se ve afectada en ciertos momentos durante los partidos, por lo menos eso nos muestran las estadísticas representadas en la *Tabla 2*, con un 25,8% de los resultados analizados, donde más allá de haber una función entrenador-educador (Jaenes Sánchez y López-Muñiz, 2023), nos sugiere que suelen ser los entrenadores los más problemáticos a la hora de interactuar con sus jugadores. Este modelo pedagógico es el que debe transmitir a los jugadores durante los entrenamientos y los partidos.

Por último, el entrenador debe ser la persona encargada de ejercer una función de mediador e instructor deportivo dando un acompañamiento formativo y educativo a los jugadores (Merino Orozco *et al*, 2019). Es por ello por lo que tanto las protestas al árbitro (20,69%), como las agresiones verbales entre jugadores del mismo equipo o adversarios (13,9%), observamos que estas agresiones serían tipificadas como conductas agresivas no violentas (Gimeno *et al*, 2007). Todo esto hace pensar si es posible que el fútbol base se pueda desarrollar sin violencia (Santa Medina y Alonso Sánchez, 2023) donde con programas

de intervención socioeducativa en los clubes se pongan en contexto ciertas situaciones a las que se exponen los equipos con los padres, jugadores y entrenadores. Pudiendo así prevenir la violencia y sancionar aquellos que incumplan desde los clubes las normativas.

Tabla 2 – Frecuencia y porcentaje de los comportamientos agresivos y violentos durante los partidos.

Contenidos de Ítems	SUMA	%
Agresión verbal de padres al árbitro	18	31,04%
Protestas de jugadores al árbitro	12	20,69%
Instigación verbal de padres a jugadores		11,8%
Agresión verbal entre padres de ambos equipos		11,8%
Instigación verbal del entrenador al jugador o jugador al entrenador	15	25,86%
Protestas de entrenadores al árbitro	3	5,18%
Agresión verbal entre jugadores	8	3,9%

Fuente: Elaboración propia a partir del análisis de los partidos.

4.2 Análisis de la percepción de los diferentes agentes participantes

En este apartado de los resultados, daremos voz aquellas intervenciones que se han tenido en cuenta a la hora de realizar esta investigación con el fin de descifrar y aclarar cuales son los problemas que podemos encontrar en el fútbol base andaluz en la actualidad. Para ello, nos basaremos en el análisis de las entrevistas realizadas a cuatro agentes participantes en los encuentros de fútbol base: Un entrenador, un árbitro, un directivo de club y finalmente con un padre.

Los deportes colectivos son una muestra del resultado en muchas veces del trabajo en equipo, es por ello, que, si algo no funciona bien, comienza a desquebrajarse poco a poco, hasta terminar rompiéndose. En este caso, el entrenador de un club nos habla de una situación que vivió en especial con uno de sus jugadores, el cual se vio afectado por una situación de rechazo u amenaza por parte de su grupo de iguales:

He tenido hace poco tiempo un caso de un niño que se llevaba muy bien con cuatro compañeros de equipo y al parecer hubo algún problema entre ellos, dejando de lado en este caso al chico del que te hablo, por así decirlo, pues lleva una semana preocupado ya que él no quería venir a entrenar, ya que pensaba que le iban pegar o humillar.

Como vemos el deporte une lazos entre compañeros y amigos, pero también crea desencuentros en otras ocasiones, es por ello muy importante la función integradora en este caso del entrenador con las funciones educadoras que este ofrece, ya que existen ciertas creencias basadas en la simple participación en el fútbol, es suficiente

para que transmita valores positivos a sus participantes, como puede ser el juego limpio (Anderson, 2008). De hecho, la responsabilidad que debe ejercer un entrenador dentro de su equipo para que no se den casos de violencia, ya que el potencial educativo de estos chicos recae principalmente en su figura (Serrano-Durá; Dévis-Dévis, 2020). El entrenador José comenta otra situación donde la responsabilidad del entrenador se pone en cuestión: “*Me lo dijo el niño casi llorando [...]te dije que estaba malo con la alergia, pero no, me ha pasado el problema de tener los compañeros y tenía miedo de ir a entrenar*”. Él afirma que en muchas ocasiones intenta solucionar estos problemas, pero con tan pocas horas de entrenamiento no le da lugar a poder realizar estas laborales pedagógicas con sus jugadores.

En el caso vivido por un árbitro de fútbol nos cuenta diferentes circunstancias sucedidas en el entorno del fútbol base. Mario es árbitro asistente de 3ºRFEF, y tras años ha vivido momentos incómodos en diferentes partidos de categorías de niños entre 8 y 16 años. En algunas ocasiones menciona que él ha vivido momentos en el arbitraje duros, sobre todo en pueblos más rurales o barrios que cuentan con bajos recursos y donde principalmente los factores socioculturales juegan un factor determinativo. Dentro de sus experiencias nos habla de una en especial, la anterior temporada en un partido de niños de 7 y 8 años:

Recuerdo como por una decisión que tomé de un gol, en ese mismo instante un padre saltó la valla que rodeaba el terreno de juego y vino corriendo hacia mí. El juego estaba detenido por esos momentos y el padre se situó a menos de un metro de mí. Y comenzó a darme voces, en ese momento, yo sinceramente pensé que me iba a agredir. Fue unos instantes donde sentí miedo hasta que los delegados se lo llevaron fuera del campo.

Como observamos, en muchas ocasiones las acciones que se ven en los partidos de fútbol profesional con las hinchadas de los equipos donde tiran botellas a los árbitros o jugadores, saltan a los terrenos de juego, etc. Este hecho se sucede de igual forma en el fútbol base, pero con consecuencias mucho menores para los implicados (Portos Martínez *et al*, 2023). Sin embargo, algunos autores hablan sobre la falta de conocimientos profesionales de los árbitros o acusan que sus decisiones generan conflictos (Liu; Zheng, 2017). Con respecto a estas afirmaciones, debemos saber que los árbitros al igual que los jugadores se van formando y el fútbol base para los jóvenes colegiados que en su mayoría muchos abandonan el colectivo en los primeros años, es debido a los juicios y violencias verbales que se exponen cada fin de semana ante los padres y madres de los niños que juegan en dichas categorías. Sin embargo, cuando nos referimos a la prevención de la violencia en el deporte, en relación con la ética competitiva frente al juego, centraremos nuestra visión en los programas de *Fair Play* (Aguilar Gómez, 2024b). En otros casos,

el ayuntamiento de Barcelona ha generado iniciativas y programas de comportamiento éticos en el deporte base, sirviendo para convertir el club en un referente (Del Águila, 2021, p. 80). Esto sería llevado a cabo mediante una Comisión Ética⁴, promoviendo la formación deportiva y el desarrollo integral de los jóvenes jugadores.

Los directivos son los máximos responsables de los clubes tanto a nivel profesional como a nivel del fútbol formativo. Ellos, en muchas ocasiones, son los encargados de la contratación de los entrenadores tanto para el primer equipo como los equipos de las categorías inferiores. Esto significará que la base de unos buenos valores pasa primeramente desde el rango más alto a la hora de contratar a un entrenador lo bastante bien formado y que además inculque valores positivos y educativos en estas edades principalmente. Con respecto al fútbol en España, respecto al Fútbol en Latinoamérica, los hinchas ultras no tienen permitido el acceso en la mayoría de los campos de fútbol de Europa, sin embargo, por ejemplo, en Chile o Argentina, he tenido oportunidad de ver como las barras bravas son permitidas gracias a la libertad otorgada por sus directivas (Olivares, 2012). Sin embargo, según nos comenta Cristian, uno de los directivos de un club de Granada, hablando sobre formas para intentar mejorar los problemas con la violencia que se ejercen en el fútbol base tanto a jugadores como árbitros:

Nosotros como directivos, deberíamos tener la obligación de poner medios, para aquellos jugadores que estén pasando por problemas familiares con la contratación de un psicólogo deportivo, otra de las opciones, que queremos implementar esta temporada es que el colectivo arbitral realice una charla y les inculquen a los jóvenes los valores y el trabajo a diario por el cual un árbitro puede pasar cada fin de semana con este tipo de agresiones.

Esto significa que lo que no se debe tolerar que un padre o un directivo, tenga impunidad de insultar o ejercer violencia contra un árbitro e incluso mucho peor, que esto se permita ante jugadores y árbitros menores de edad (Suarez Armas, 2018).

Finalmente, en la entrevista con Jorge, uno de los padres aficionado a asistir a ver a su hijo jugar los partidos de este, e incluso que este ejerce una función de delegado de equipo en el club donde compite su hijo, nos comenta lo siguiente: *Como padres, deberíamos quitarles esa presión a nuestros hijos y que el fútbol para ellos sea un entrenamiento más que una competición, que exista deportividad entre los equipos.* Esto significa que la figura parental, puede ser un elemento primordial en el desarrollo deportivo del menor, pero este según los valores que se inculquen puede favorecerle o

4. Encargada de realizar la intervención mediante la revisión semanal de indicadores en las actas de los encuentros deportivos, la comunicación directa con los miembros del club (técnicos, familiares y jugadores) para reflexionar y mediar cuando es necesarios, así como a través de la formación y difusión del proyecto SES (Del Águila, 2021, p. 82).

ser un obstáculo en su desarrollo como deportista (Cubero Pérez, 2018). Sin embargo, hay clubes que no sancionan a aquellos padres que se realizan agresiones verbales tanto al árbitro como a los jugadores:

En una jugada fortuita entre un jugador nuestro y otro del equipo adversario, de alguna manera en un lance del juego, nuestro jugador le daría un manotazo a un niño del otro equipo contrario, sangrando este por la nariz, pues el delegado del equipo rival se dirigió al árbitro en términos como si fuera mi hijo, el que tiene sangre te arranco la cabeza.

Esta violencia, como observamos, se instaura en lugares tan complejos y ante situaciones a veces inevitables, no es necesario incluso que haya una intencionalidad, siendo esto parte de la agresión verbal que arremete contra el árbitro, siendo un impulso emocional del momento del partido o una recriminación de lo sucedido (Londoño-Galeano *et al*, 2020).

Conclusiones

Tras la realización de este trabajo de investigación, sobre los tipos de violencias que podemos observar en el fútbol base en la ciudad de Granada y con los resultados obtenidos de ambos análisis, podemos concluir esta investigación centrando nuestro trabajo en los siguientes aspectos:

El árbitro, es uno de los agentes más criticados e agredido verbalmente desde categorías de fútbol base, hasta las categorías profesionales. En ocasiones, estos momentos son vividos por árbitros que no alcanzan la mayoría de edad o incluso por aquellos que tienen más experiencia en dicha labor. En pocas ocasiones observamos como el equipo que pierde un partido felicita la labor del árbitro sobre todo en categorías de fútbol base, lo que significa un hecho estremecedor ya que, a futuro, el deporte en edades formativas tendrá una función más competitiva que lúdica. Por otro lado, el árbitro puede ser un apoyo pedagógico en el terreno de juego o en la enseñanza del juego limpio y la deportividad a los jugadores, siendo estos valores esenciales en estas edades.

Por otro lado, la realización de las entrevistas a los diferentes agentes ha permitido reforzar la idea de que el fútbol base necesita un cambio desde los equipos más pequeños hasta las instituciones y estamentos profesionales. Se ha visto que el principal motivo de los clubes en determinadas categorías, a los jugadores se les prepara únicamente con el objetivo de competir a toda costa y lo que significa una presión mayor para él, que sitúa a realizar determinadas actuaciones de forma agresiva tanto con los contrarios como, árbitros u entrenadores.

Por último, se deben realizar más campañas de sensibilización contra la violencia tanto en categorías de fútbol base como profesional, ya que lo que ocurre casi todos los fines de semana en estas divisiones formativas, se está normalizado, que un árbitro o un niño, sufra un tipo de violencia verbal por parte de un padre o un entrenador, como los que se han comentado a lo largo de esta investigación, por lo que, las federaciones deben fomentar acciones que deriven en el respeto y aplicar sanciones más ejemplarizantes tanto para los clubes que no respeten a los árbitros, como a los padres, jugadores o técnicos, que realicen estos tipos de violencias.

Referencias

ADAM, A. La violencia en el deporte base. Una reflexión sobre su etiología. **Gaceta internacional de ciencias forenses**, v. 23, p. 10-14, 2017. Disponible en <http://hdl.handle.net/10550/58894>.

AGUILAR GÓMEZ, A. Aproximación conceptual de las violencias en el fútbol. **Retos: nuevas tendencias en educación física, deporte y recreación**, v. 56, p. 449-464, 2024. Disponible en <https://doi.org/10.47197/retos.v56.104015>.

AGUILAR GÓMEZ, A. Revisión de Programas de Antiviolencia o Valores en el Fútbol. **Retos: nuevas tendencias en educación física, deporte y recreación**, v. 56, p. 546-553, 2024. Disponible en <https://doi.org/10.47197/retos.v56.104017>.

AGUILAR GÓMEZ, A. Prevención terciaria de la violencia en una entidad deportiva de fútbol: un estudio de caso. **Retos: nuevas tendencias en educación física, deporte y recreación**, v. 58, p. 384-393, 2024. Disponible en <https://doi.org/10.47197/retos.v58.104018>.

ANDERSON, E. "I used to think women were weak": Orthodox masculinity, gender segregation, and sport. **Sociological Forum**, v. 23, n.2, p. 257-280, 2008. Disponible en: <https://dx.doi.org/10.1111/j.1573-7861.2008.00058.x>.

ARROYO DEL BOSQUE, R., *et al.* Evaluación de la violencia y deportividad en el deporte: un análisis bibliométrico. **Cuadernos de Psicología del Deporte**, v. 15, .1, p. 211-222, 2015. Disponible en: <https://dx.doi.org/10.4321/S1578-84232015000100020>.

AYALA CUADRADO, E. **Concienciación de la violencia verbal a través de comunidades de aprendizaje**. Tesis de Grado, Grado en Educación Infantil, Departamento de Didáctica y Organización Educativa - Universidad de Sevilla. Sevilla, pág. 77. 2017. Disponible en: <https://idus.us.es/bitstream/handle/11441/63059/TFG%20ELENA%20AYALA%20CUADRADO.pdf?sequence=1>.

BAKKER, F. C., WHITING, H. T. A. & VAN DER BRUG, H. **Psicología del deporte: Conceptos y aplicaciones**. Madrid: Morata, 1993.

BENÍTEZ, M. A., DÍAZ ABRAHAM, V., y JUSTEL, N. R. Influencia del contexto en el desarrollo cognitivo infantil: revisión sistemática. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v. 21, n. 2, p. 99-125, 2023. Disponible en <http://dx.doi.org/10.11600/rlcsnj.21.2.5321>.

BORRÁS, P. A., *et al.* Preocupación deportiva, percepción de apoyo parental hacia el deporte y disposición al engaño y astucia en el deporte base. **Journal of Sport and Health Research**, v. 12, n. 2, p. 169-178, 2020. Disponible en: <https://recyt.fecyt.es/index.php/JSHR/article/view/80815>.

COCA, S. **El árbitro: juez y persona**. Barcelona: Gráficas Martorell, 1975.

CUBERO PÉREZ, R., *et al.* (2018). “Entrenando a familias”. Evaluación de un programa de optimización de actitudes parentales en un club de fútbol. **Revista de Psicología del Deporte**, v. 27, n. 3, p. 37-39, 2018. Disponible en: <https://doi.org/10.12795/11441/154089>.

DE MARZIANI, F. Fútbol juvenil. ¿Es una obra? ¿Está conectado con la diversión? ¿Requiere esfuerzo? ¿Da placer? ¿Es una competición o es un juego? ¿Está relacionado con el dolor o con la gloria? **Educación Física y Ciencia**, v. 10, p. 29-44, 2008. Disponible en http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.3695/pr.3695.pdf.

DEL ÁGUILA, R. Incidencia de sanciones por comportamientos antiéticos después de la aplicación de un Sello de Garantía Ética en un club de fútbol base. **FairPlay, Revista de Filosofía, Ética y Derecho del Deporte**, v. 19, p. 78-97, 2021. Disponible en <https://raco.cat/index.php/FairPlay/article/view/386742>.

DÍAZ, Á. R. Los jóvenes ultras del fútbol andaluz. **Anduli: revista andaluza de ciencias sociales**, v. 2, p. 107-124, 2003. Disponible en <http://dx.doi.org/10.12795/anduli>.

DOSIL, J. La función educativa del árbitro y juez deportivo. **Psicología del arbitraje y el juicio deportivo**. p. 133-160, 2003.

GARCÍA, J. G., LÓPEZ PAREDES, M. V., y YÁNEZ BALAREZO, S. W. Identidad juvenil y fútbol: la ritualidad convertida en violencia. **Razón Y Palabra**, v. 24, n. 109, p. 581-604, 2021. Disponible en <https://doi.org/10.26807/rp.v24i109.1285>.

GIMENO, F., *et al.* Deportividad y violencia en el fútbol base: un programa de evaluación y de prevención de partidos de riesgo. **Revista de Psicología del Deporte**, v. 16, n. 1, p. 103-118, 2007. Disponible en <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=235119232007>.

GONZÁLEZ-OYA, J. L. Reflexiones sobre la formación del árbitro: El papel de la psicopedagogía en el sistema educativo arbitral. **Revista Galego-Portuguesa de Psicoxía e educación**, v. 10, n. 12, p. 187-194, 2005 Disponible en <http://hdl.handle.net/2183/7022>.

GONZÁLEZ-OYA, J. L. Aproximación a la violencia en el fútbol y en el arbitraje. **Revista de iberoamericana de psicología del ejercicio y el deporte** v. 1, n. 2, p. 29-44, 2007. Disponible en <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=311126251003>.

JAENES SÁNCHEZ, J.C., y LÓPEZ-MUÑIZ, G. Disposición al engaño y astucia en deportistas universitarios andaluces de deportes colectivos. **Revista de Psicología Aplicada al Deporte y al Ejercicio Físico**, v. 8, n. 2, p. 1-12, 2023. Disponible en: <https://doi.org/10.5093/rpadef2023a10>.

LIU, J., & ZHENG, S. El Fútbol en España, ¿Pasión o Violencia? **Revista Humanidades**, v. 7, n. 2. 2017. Disponible en: <http://dx.doi.org/10.15517/h.v7i2.29580>.

LONDOÑO-GALEANO, D., ARBOLEDA-ARIZA, J. C., y PROSSER BRAVO, G. Las violencias desde el espectador de fútbol: habitus del aficionado, el hincha y el barrista. **Quaderns de psicologia**, v. 22, n. 3, p. 1-25, 2020. Disponible en: <http://dx.doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1533>.

MATÍN CABELLO, A., y GARCÍA MANSO, A. Construyendo la masculinidad: fútbol, violencia e identidad. **Revista de Investigaciones Políticas y Sociológicas**, v. 10, n. 2, 73-95, 2011. Disponible en <https://revistas.usc.gal/index.php/rips/article/view/828>.

MERINO OROZCO, A., JARIE, L., y USÁN SUPERVÍA, P. Referentes formativo-deportivos en el fútbol base español: un escenario socioeducativo complejo. **Educación Física y Ciencia**, v. 21, n. 2, 2019. Disponible en: <https://dx.doi.org/https://doi.org/10.24215/23142561e078>.

OLIVARES, M. O. Fútbol, Barras y Violencia. **Actualidad en el deporte: Investigación y aplicación**, p. 52-65, 2012.

PAIM, M. C. **Violência contra a mulher no esporte sob a perspectiva de gênero**. Tese de Doutorado (Faculdade de Psicologia, Programa de Pós-graduação em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 121. 2006. Disponible en <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/689>.

PORTOS MARTÍNEZ, R. I., *et al.* Factores que generan violencia en el fútbol infantil: Violence factors in children's soccer. **LATAM Revista Latinoamericana De Ciencias Sociales Y Humanidades**, v. 4, n. 2, p. 1493-1501, 2023. Disponible en: <https://doi.org/10.56712/latam.v4i2.699>.

SANTA MEDINA, S; ALONSO SÁNCHEZ, J.A. Fútbol formativo sin violencia, propuesta de evaluación del proyecto Plataforma 090. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v. 45, n. 1, p. 1-7, 2023. Disponible en: <https://doi.org/10.1590/rbce.45.e20230043>.

SERRANO-DURÁ, J; DEVÍS-DEVÍS, J. El pensamiento de los árbitros sobre el carácter educativo del fútbol base y su posible rol en el juego. **Ágora para la Educación Física y el Deporte**, v. 22, p. 235-252, 2020. Disponible en: <https://doi.org/10.24197/aefd.0.2020.235-252>.

SUÁREZ ARMAS, C. **La violencia en el fútbol base en Tenerife: instituciones, clubes y padres**. Tesis de Grado, Grado en Periodismo, Universidad de La Laguna. Tenerife, 2018. p. 71. Disponible en: <http://riull.ull.es/xmlui/handle/915/12249>.



“Mes que un club”: o valor de uma celebridade futebolizada e as produtividades de sua dominação carismática nos campos ideológicos e de poder

Rodrigo Koch¹  

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

Carlos José Rodrigues²  

Universidade de Aveiro

Resumo

Este texto discute o valor e o tamanho de uma celebridade futebolística no cenário contemporâneo pós-moderno, analisando que importância jovens aficionados atribuem ao ícone no atual circuito mercantilizado e espetacularizado da modalidade. O estudo está baseado nas produtividades do fenômeno da *futebolização* e apresenta dados coletados no Rio Grande do Sul (Brasil), em 2023, e na Comunidade Valenciana (Espanha), em 2021. Para a coleta de dados, foram utilizados formulários impressos e online aplicados com indivíduos na faixa etária entre 13 e 30 anos de idade, previamente identificados como futebolizados, além de observações participantes e entrevistas semiestruturadas. A análise desta investigação é feita a partir dos dados apresentados e dos discursos produzidos pelos jovens, tendo desdobramentos o conceito de dominação carismática de Weber, perpassando por discussões inspiradas no pensamento marxista, visando saber mais sobre a complexa ligação entre poder, classe e ideologia. Percebe-se que há situações ambíguas no futebol contemporâneo, que mesclam condições modernas e pós-modernas, sólidas e líquidas, individuais e coletivas.

Palavras-chave

Futebolização das juventudes. Rio Grande do Sul. Comunidade Valenciana. Marx. Weber.

1. Pós-doutor em Sociologia (Universitat de València); Doutor em Educação (UFESM); mestre em Educação/Estudos Culturais (Ulbra); Licenciado em Educação Física (Ulbra); Professor Adjunto da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

2. Professor Associado do Departamento de Ciências Sociais, Políticas e do Território da Universidade de Aveiro; Diretor do Mestrado em Estudos Chineses; Coordenador do Centro de Estudos Asiáticos.

"Mes que un club": the value of a football celebrity and the productivity of his charismatic domination in ideological and power fields

Abstract: This text discusses the value and size of a football celebrity in the contemporary post-modern scenario, analyzing the importance young fans attribute to the icon in the current commodified and spectacularized circuit of the sport. The study is based on the productivity of the *footballization* phenomenon and presents data collected in Rio Grande do Sul (Brazil), in 2023, and in the Valencian Community (Spain), in 2021. For data collection, printed and online forms were used, with individuals aged between 13 and 30 years old, previously identified as football fans, in addition to participant observations and unstructured interviews. The analysis of this investigation is based on the data presented and the speeches produced by young people, with developments in Weber's concept of charismatic domination, going through discussions inspired by Marxist thought, aiming to learn more about the complex connection between power, class and ideology. It is clear that there are ambiguous situations in contemporary football, which mix modern and post-modern, solid and liquid, individual and collective conditions.

Keywords: Youth *Footballization*. Rio Grande do Sul. Valencian Community. Marx. Weber.

"Mes que un club": el valor de una celebridad del fútbol y la productividad de su dominio carismático en los campos ideológicos y de poder

Resumen: Este texto analiza el valor y el tamaño de una celebridad del fútbol en el escenario posmoderno contemporáneo, analizando la importancia que los jóvenes aficionados atribuyen al ícono en el actual circuito mercantilizado y espectacularizado de este deporte. El estudio se basa en la productividad del fenómeno de la *futbolización* y presenta datos recolectados en Rio Grande do Sul (Brasil), en 2023, y en la Comunidad Valenciana (España), en 2021. Para la recolección de datos se utilizaron formularios impresos y en línea, con individuos de entre 13 y 30 años, previamente identificados como aficionados al fútbol, además de observaciones participantes y entrevistas no estructuradas. El análisis de esta investigación se basa en los datos presentados y los discursos producidos por los jóvenes, con desarrollos en el concepto weberiano de dominación carismática, pasando por discusiones inspiradas en el pensamiento marxista, con el objetivo de conocer más sobre la compleja conexión entre poder, clase e ideología. En el fútbol contemporáneo existen situaciones ambiguas, que mezclan condiciones modernas y posmodernas, sólidas y líquidas, individuales y colectivas.

Palabras clave: *Futbolización* de la juventud. Rio Grande do Sul. Comunidad Valenciana. Marx. Weber.

Notas introdutórias

Qual o valor de uma celebridade do futebol, para os jovens aficionados, no cenário contemporâneo do esporte? Para, inicialmente, responder tal questionamento vamos nos valer de um pequeno trecho do discurso de Narcis de Carreras, proferido em 17 de janeiro de 1968, quando este assumiu a presidência do FC Barcelona: "*Mes que un club*" (em português, "Mais que um clube"). A frase, após a virada do milênio, foi reutilizada como slogan na campanha de marketing e revitalização do time catalão, liderada pelo então vice-presidente econômico do FC Barcelona, Ferran Soriano Compte. Neste texto utilizamos tal frase, fazendo esta analogia, no intuito de demonstrar aos leitores que no cenário contemporâneo as celebridades do futebol apresentam, pelo menos para as juventudes, valor maior que boa parte dos próprios clubes. Portanto, defendemos que uma celebridade do futebol na pós-modernidade vale mais que um clube. Vale destacar

que as juventudes observadas e investigadas nesta pesquisa são aquelas diretamente vinculadas ao futebol, sem distinção de classe social, gênero ou religião.

Este trabalho de investigação avalia o comportamento de jovens aficionados pelo futebol no Rio Grande do Sul (Brasil) e na Comunidade Valenciana (Espanha), convocados pelo processo pós-moderno da *futebolização* (Koch, 2018; Koch, 2020), sendo motivados pelas trocas de clubes que as celebridades fazem neste circuito mercantilizado e espetacularizado. Diante deste cenário pós-moderno, foi estabelecida uma agenda de pesquisa, justamente, a fim de observar estas “migrações” que as juventudes futebolizadas fazem por clubes, seguindo celebridades e, ao mesmo tempo, criando e alimentando processos de (des)(re)construções identitárias próprios, tanto individuais como coletivos. Além das intensas trocas de clubes pelas quais passaram as principais celebridades (Lionel Messi e Cristiano Ronaldo) da modalidade desde 2017. Outro fato que contribuiu para a aceleração do processo da *futebolização* da juventude foi a pandemia de Covid-19, que acabou por afastar ainda mais os jovens dos estádios, aumentando a relação deles com o futebol através de artefatos midiáticos. Inicialmente descrevemos, de forma breve, o fenômeno pós-moderno da *futebolização* para situar o leitor.

1 A *futebolização* na pós-modernidade

A *futebolização* – fruto da globalização e do futebol espetacularizado e mercantilizado, principalmente a partir dos anos 1990 – está imersa em um campo fluído que apresenta variações de tempos em tempos (sem que haja uma norma para cada período temporal) e, por isso, se transforma e se transfigura em cada espaço que penetra e a cada instante, adquirindo também contornos locais. Portanto, na construção do conceito ou na descrição do fenômeno globalizador, foram utilizados referenciais teóricos de Zygmunt Bauman (2001) a respeito da modernidade líquida, de Gilles Lipovetsky (2016) sobre o mundo leve e, de Stuart Hall (1997), referente ao fenômeno da globalização, para contextualizar a sociedade contemporânea; de Nestor Garcia Canclini (2003), sobre hibridação, na tentativa da construção dos indivíduos que constituem tal sociedade; e de Guy Debord (2005) sobre a sociedade do espetáculo. Há também outros conceitos desses mesmos autores e outros autores que contribuem para descrever o processo pós-moderno da *futebolização*; pois, se não há um esporte pós-moderno, no mínimo há um esporte neomoderno que requer novas e constantes análises.

A *futebolização* não é um conceito e sim um fenômeno e/ou processo. Ela pode também ser considerada uma *pedagogia cultural*. Desde a emergência dos Estudos Culturais – em Birmingham, na Inglaterra –, a pedagogia passou a ser entendida como um mecanismo de ensinamento ou difusão de modos de ser e pensar, ou seja, a pedagogia não

se limita a práticas escolares explícitas ou institucionalizadas: ela está na TV, em filmes, jornais, revistas, anúncios, videogames, aplicativos, brinquedos e também nos esportes (Steinberg, 1997). O conceito ganhou espaço em pesquisas acadêmicas nas áreas de educação e comunicação e mais recentemente também na sociologia. Andrade e Costa (2015), ao buscarem elementos sobre a emergência do conceito de *pedagogias culturais*, destacam que uma das principais características do imperativo pedagógico contemporâneo é a existência de relações de ensino e aprendizagem em diferentes espaços sociais regulados pela cultura. Em resumo, uma *pedagogia cultural* pode ser qualquer mecanismo midiático ou social capaz de ensinar algo para alguém. Os exemplos mais comuns na contemporaneidade seriam os programas de TV, os aplicativos de smartphones e o vasto repertório de canais próprios de influenciadores digitais em plataformas *streaming* acessados sob demanda. Portanto, o fenômeno da *futebolização* também se encaixa no conceito de *pedagogia cultural*, pois ele está imerso na cultura e, sem dúvida alguma, produz seus ensinamentos.

O futebol se tornou, no último século, o principal esporte de massa do mundo, tendo espaço de destaque nos diversos canais da mídia em vários países, fato que ajudou e provocou a construção do próprio termo *futebolização*. De acordo com Giulianotti (2010), o futebol é uma das grandes instituições culturais, como a educação e a mídia, que formam e consolidam identidades nacionais no mundo inteiro. As infâncias e juventudes futebolizadas circulam, exibem e desfilam pelas vias urbanas e redes sociais com os escudos, as marcas, os valores e os nomes estampados das celebridades deste futebol pós-moderno. Sem que percebam, celebram e difundem esses valores entre os pares, criando alquimias identitárias e de consumo, sendo peças de uma certa dominação carismática exercida pelos ídolos que, por sua vez, provoca desdobramentos nas complexas relações de poder, classe e ideologia.

2 Aspectos metodológicos

Esta pesquisa trata-se de um **estudo descritivo de uma cultura juvenil**, com suas linguagens e hábitos, como também das manifestações materiais de suas atividades. Ao longo de todo o processo de investigação, foram utilizados questionários e entrevistas como ferramentas de pesquisa. Segundo Gaskell (2002), as entrevistas podem ocorrer com um único respondente (em profundidade), ou com vários respondentes (grupo focal). Neste estudo, portanto, foram utilizadas as duas possibilidades, com maior ênfase na segunda. Seguindo orientações que o autor destaca, foram realizadas “conversações continuadas menos estruturadas, porém com inspirações na observação participante, ou etnografia, onde a ênfase é mais em absorver o conhecimento local e a cultura por um período de tempo mais longo” (Gaskell, 2002, p. 64).

Os dados apresentados neste texto são de 2021, quando foram aplicados 189 formulários impressos com jovens de 12 a 18 anos, tanto do gênero masculino como feminino, que estavam frequentando escolinhas de futebol na Comunidade Valenciana, Espanha; e de 2023, por questionário online enviado por e-mail, com 213 jovens de ambos os gêneros na faixa etária entre 15 e 30 anos que frequentavam o Ensino Médio e o Ensino Superior no Rio Grande do Sul, Brasil. As coletas e investigações, vinculadas à Universitat de València e à Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, foram aprovadas pelos respectivos comitês de ética e contaram com termo de consentimento para divulgação dos dados, sem identificação dos indivíduos pesquisados. Anteriormente à aplicação dos questionários foram realizadas observações e, posteriormente entrevistas semiestruturadas com alguns indivíduos selecionados a partir de seus comportamentos identitários múltiplos com fortes vínculos nas celebridades do futebol.

Nas análises dos achados da pesquisa, utilizamos a análise de discurso – prática e campo da linguística e da comunicação especializada em analisar construções ideológicas presentes em um contexto. A análise textual discursiva, utilizada em áreas como a comunicação, a psicologia, a educação e o serviço social, pode ser compreendida como um processo de auto-organização, de construção e de compreensão em que novos entendimentos emergem de uma sequência recursiva de três componentes: desconstrução dos textos (ou discursos) do *corpus*, a *unitarização*; estabelecimento de relações entre os elementos unitários, a categorização; e o captar do novo emergente em que a nova compreensão é comunicada e validada (Moraes, 2003).

Finalmente, avaliamos as influências das celebridades do futebol sobre os jovens pela ótica do conceito de dominação carismática, de Weber, e como esta produz as complexas relações de poder, classe e ideologia em uma breve discussão inspirada no pensamento marxista.

3 Quem são os futebolizados?

No mundo contemporâneo nos defrontamos diariamente com identidades mutantes, que apresentam variadas formas de acordo com os sujeitos que nelas trafegam ou que simplesmente são respingados ou contaminados pelas suas condições virais das sociedades conectadas e desconectadas. Falar, por exemplo, de identidade nacional na contemporaneidade pode ser algo penoso e complicado para muitos. Tal identidade tinha (ou tem) como objetivo traçar as fronteiras entre “nós” e “eles”. No entanto, a tarefa é árdua, pois diante dos processos e fenômenos globalizadores as essencialidades ditas puras caem por terra e, as identidades cada vez mais parecem “colchas de retalhos” que carregam as marcas das vivências e experiências de cada indivíduo, com as afiliações

selecionadas ou indicadas para cada um de nós. Os grupos que tentamos encontrar ou estabelecer tendem a ser eletronicamente mediados, como frágeis totalidades virtuais, em que é fácil entrar e ser abandonado. O patriotismo, um dos ativos mais preservados pelas nações em épocas passadas, foi transferido para as forças de mercado e por elas remodelado. As instituições (marcas, clubes, empresas, religiões, partidos políticos, clubes esportivos e outros) perderam espaços para as celebridades midiáticas (influenciadores digitais, subcelebridades e estrelas da moda, da música e dos esportes). Hoje é possível, por exemplo, através da compra de uma camiseta ou de qualquer artefato futebolizado adquirir uma cidadania catalã ou árabe e, em poucas horas ser um torcedor do FC Barcelona, do Al Nassr FC ou do Al Hilal SFC como qualquer cidadão mundial. Assim se sucede em outras categorias e continuará a se suceder também no futebol sempre que algum clube ou celebridade estiver em evidência.

Bauman (2005) se refere às comunidades “guarda-roupa”, ou seja, grupos que “vestem” determinados fenômenos culturais por curtos instantes. Um dos exemplos citados pelo autor são as empolgantes partidas de futebol. Esses grupos que se formam por alguns momentos fugazes nos mais variados espaços de convivência (ruas, bares, festas, escolas, redes sociais, plataformas digitais etc.) não apresentam qualquer relação afetiva-emocional que os una fora daquela circunstância. São “nações” imaginadas movidas por qualquer evento espetacular ou escandaloso; construídas, desconstruídas e, por vezes, reconstruídas mais rapidamente do que são agrupadas. Apesar de muitos membros individuais diferirem, todos compartilham atributos essenciais que constituem sua identidade de “nação”; neste ponto, a igualdade supera a diferença. Após vivenciar a sensação do momento unificador, cada elemento retoma sua identidade individual para posteriormente – seja de forma imediata ou não – buscar uma nova identidade coletiva. “A comunidade é imaginada porque a maioria de seus membros nunca se conheceu, porém nas mentes de cada um vive uma imagem de comunhão” (Anderson, 2008, p. 32). No entanto, isto não significa que não haja comunidades “verdadeiras”, que podem se justapor sobre as imaginadas. Tal fenômeno também causa suas angústias e sofrimentos, pois a facilidade do desengajamento e do rompimento não reduz os riscos, apenas os distribui, junto com as ansiedades que exalam não só nos adultos, mas principalmente em jovens e em crianças.

Não só o futebol tem evoluído nas últimas décadas, mas também – e principalmente – os torcedores, as torcidas e os aficionados em geral. De uma atividade familiar de finais de semana, os atos dos agrupamentos se transformaram em festas competitivas através das torcidas organizadas; manifestações de poder, violência e status social; e, mais recentemente, foram (re)significadas pela condição do torcedor-consumidor. Atualmente, torcer não é considerado apenas o ato de acompanhar uma equipe e apoi-

á-la contra o adversário. Torcer também é consumir a mercadoria futebol; e esta mercadoria são as celebridades e os próprios grupos de aficionados. No futebol talvez não exista mais a necessidade da identificação local, e parece muito mais interessante para os jovens adquirir a identidade dos seus ídolos, que hoje estão espalhados pelo mundo. Portanto, passou a ser comum enxergarmos mais camisetas de clubes de futebol internacionais – na grande maioria europeus, mas agora também americanos e árabes – do que de equipes locais circulando pelas ruas e praças em diversas metrópoles e cidades médias e pequenas, e isso indica que os jovens estão mais vinculados a personagens, celebridades, ídolos do futebol e grandes e ricos clubes estrangeiros da atualidade.

Dentro dos processos globalizadores – nos quais se encontra a *futebolização* – e que tentam estabelecer padrões (ou generalidades) mundiais, é necessário marcar estas questões mais especificamente, pois o futebol faz parte da cultura local e nacional em diversos países e da condição social da leveza-distração. Paradoxalmente, na contemporaneidade, a maioria absoluta dos torcedores somente acompanha o espetáculo futebolístico pela mídia e muitos são mais fiéis aos seus ídolos do que os que têm a possibilidade de estarem *in loco* observando todo o movimento cultural gerado pelo esporte. É possível identificar, através das manifestações culturais produzidas pelo esporte mais popular do mundo, grupos extremamente ligados por valores semelhantes e que se comportam de maneira similar mesmo a distância, sem que nunca tenham tido contato direto.

Para aqueles que ainda acreditam e defendem uma certa fidelidade clubística no futebol, vale lembrar que condições modernas e pós-modernas se confundem em tempos contemporâneos, líquidos e leves. [...] “nem todos os que se declaram torcedores de futebol são do tipo ‘fanático’, ‘doente’, ‘maluco’, enfim, aqueles para quem o clubismo efetivamente importa” (Damo, 2015, p. 88). Vejamos como a circunstância é tratada por outros estudiosos da temática das identidades no futebol. Giulianotti (2012) dividiu os aficionados do futebol em quatro categorias de torcedores na contemporaneidade: fanáticos, fãs, seguidores e *flâneurs*. Não queremos aqui determinar qual dessas categorias está em maior número e muito menos apontar qual desses comportamentos seria o mais adequado. O que chama atenção nesses apontamentos é que encontramos sujeitos mais vinculados à modernidade e, outros em transição ou aderidos aos processos pós-modernos. Portanto, de acordo com Giulianotti (2012), as características dos torcedores contemporâneos são as seguintes:

Fanático: torcedor clássico, com investimento pessoal e emocional de longo prazo; demonstra apoio a seu clube de múltiplas formas; o indivíduo possui uma relação com o mesmo que se assemelha a relação com a família; torce por um único clube a vida inteira;

Seguidor: torcedor/telespectador que segue mais de um clube, mantendo o hábito do futebol; tem diversas ligações para manter sua paixão pelo esporte;
Fã: vivencia o clube, suas tradições, e seus maiores jogadores à distância, com relações baseadas no mercado; a relação com o clube é autenticada através do consumo de produtos a ele relacionados; são motivados a produzir relações não recíprocas;

Flâneur: interações com o futebol através da mídia (especialmente televisão e internet); busca uma multiplicidade de experiências no futebol; adota postura afastada aos clubes; lealdades nacionais podem ser trocadas com base no sucesso competitivo ou na identificação mediada com grandes celebridades; seu habitat natural é a 'arena virtual', buscando sensações do futebol representadas pela televisão, internet e, também pelos games; há ocasiões em que se congregam, simulando a paixão pelo clube de futebol parecendo fanáticos; a identidade é baseada no movimento constante, cada vez mais em termos virtuais, mudando de clube como se muda de canal de televisão; buscam sensações, excitação, e assim observam diversos clubes, jogadores e nações.

Os apontamentos de Giulianotti (2012) são ratificados pela pesquisa *Fan of the Future: Defining Modern Football Fandom*, publicada pela *European Club Association*, em agosto de 2020. O relatório ouviu cerca de 14 mil torcedores de sete mercados, sendo cinco europeus: Inglaterra, Espanha, Alemanha, Holanda e Polônia; e dois fora deste eixo-geográfico: Brasil e Índia. O perfil do fã mais jovem mostra que ele assiste futebol de forma diferente do torcedor das décadas de 1970-80, ou das anteriores. Frequentemente torce para mais de um clube, se interessa pelo estilo de jogo do time e busca identificar seus valores nos clubes que segue. Portanto, este torcedor pós-moderno espera mais do seu clube do que apenas ser um time de futebol. Segundo esta pesquisa os torcedores contemporâneos se dividem em:

Moderados: seguem o futebol de forma próxima, mas não se identificam como grandes seguidores;

Fãs de Grandes Eventos: que se mantêm informados sobre o futebol cotidianamente e cujo interesse aumenta nos grandes jogos e torneios;

Fãs de Ocasão: que têm pouco envolvimento emocional e intelectual e seguem interesses de amigos e familiares;

Torcedores Fiéis: que têm uma longa relação emocional com seus times do coração, altamente engajados e se identificam com o clube;

Fanáticos: com forte engajamento emocional, que entendem que o futebol oferece um senso de comunidade e é a chave para sua felicidade;

Imitadores de Ídolos (ou seguidores de celebridades): preferem jogar e assistir futebol e cujo interesse vai de moderado a grande, mas cuja motivação está associada a jogadores específicos, grandes ídolos, muito mais do que a clubes.

Há certas transformações nos torcedores pós-modernos, transitando nas categorias de *Fãs Moderados* para as de *Fãs de Ocasão* e *Imitadores de Ídolos*; assim como há certo crescimento da última categoria definida por Giulianotti (2012), dos *flâneurs*, onde a maioria dos jovens torcedores se insere na atualidade. Vivemos em sociedades de torcedores múltiplos, ou seja, com várias categorias mescladas, mas talvez em poucos anos poderemos ter uma parcela maior de *flanadores* e *seguidores de celebridades*. Giulianotti (2010) também utiliza o termo “torcedores nômades” para definir esta condição. Esses novos comportamentos estão conduzindo o mercado do futebol para fortes mudanças. Portanto, partindo do princípio de que uma torcida de futebol constitui uma “nação” – palavra corriqueiramente convocada pela mídia para definir o agrupamento de aficionados por uma mesma agremiação esportiva –, discutimos as novas configurações de “nações” *futebolizadas* na pós-modernidade, com especial atenção para os *flâneurs* e *seguidores de celebridades*, que chamamos de *futebolizados*.

Nenhum torcedor de futebol encontra-se hermeticamente fechado, de modo a impedir a entrada do novo sistema de marketing. A complexidade das relações econômicas do futebol significa que todos os torcedores estão vinculados a esse processo de mercantilização. [...] As classes operárias e as classes médias baixas são ligadas às práticas culturais e identidades (inclusive o time de futebol da comunidade) ‘locais’. As classes médias e as altas tendem a ser mais móveis, geográfica e intelectualmente, e mais ‘cosmopolitas’ em seus compromissos, sustentando um interesse em times de futebol grandes, mas movendo-se para outros lados quando convém (Giulianotti, 2010, p. 138-139).

Podemos considerar uma torcida de futebol como mais uma das tantas “nações imaginadas” da pós-modernidade. Outras manifestações grupais da sociedade contemporânea, como a religião e a política – com as diversas igrejas e partidos – também assumem configurações de “nação” em tempos pós-modernos. Porém, em tempos de crises políticas acentuadas e de um enorme sincretismo religioso, o futebol parece – ainda que artificialmente – dar mais solidez e esperança ao indivíduo que persegue uma identidade e sente necessidade de fazer parte de uma “nação”. Na contemporaneidade, o vínculo com o clube vem ocorrendo pela força midiática dos ídolos. Os melhores exemplos das últimas décadas e ainda da atualidade são Cristiano Ronaldo, Neymar Jr. e Lionel Messi, que provocaram “ondas” de novos torcedores do Real Madrid CF, do FC Barcelona, da Juventus FC, do Paris Saint Germain FC e, agora, do Al Nassr FC, do Al Hilal SFC e do Inter Miami CF, independente das cidades onde residem esses novos aficionados. O comportamento do

torcedor é algo difícil de justificar e está ligado não só ao jogo em si, mas também à identificação que cada um tem com seu clube ou celebridade, ainda que esta não possa ser considerada essencial ou pura. A identificação com uma equipe ou ídolo ocorre por questões e fatos que passam despercebidos naquele instante “mágico” de união – pretensamente – eterna.

Na pós-modernidade, o torcedor está determinado a um circuito de consumo, em que o futebol é o último elo dessa cadeia. Os jovens torcedores do futebol pós-moderno apresentam comportamentos renovados em relação aos posicionamentos que estávamos acostumados há menos de trinta anos, ou seja, até fins da década de 1980. Para ser torcedor de um time era necessário um vínculo identitário local, que remetesse aos costumes regionais, frequentar o estádio em dia de jogos, ter a camiseta do time, conhecer os ídolos do presente e do passado, enfim, participar *in loco* das atividades desta “nação”. Hoje, é possível ser um torcedor apaixonado de qualquer clube do mundo sem nunca ter pisado no estádio da agremiação, ou nem mesmo ter uma camiseta do time escolhido. Os vínculos surgem como consequência da intensa midiaticização do futebol, com canais de tevê especializados na modalidade e que transmitem diariamente jogos, principalmente dos torneios europeus. Também há inúmeros artefatos ao alcance de crianças e jovens, como *games*, produtos esportivos – que se tornaram moda infantil e juvenil –, miniaturas de jogadores e outros acessórios *futebolizados*. A globalização proporcionou o surgimento de novas torcidas nos mais longínquos cantos do planeta. Camisetas dos mais diversos clubes de futebol circulam pelas grandes metrópoles e até pelas pequenas cidades interioranas, ainda que seja num passo mais lento e desigual.

As identidades futebolísticas não são mais fixas. Assim, temos hoje torcedores de não só um clube, mas de vários clubes, ou seja, indivíduos que adotam múltiplas identidades no futebol, e que se permitem adotar lados contraditórios a cada semana ou a cada rodada de campeonato. Como destaca Hall (2010), é pouco provável que a globalização destrua as identidades nacionais. É mais provável que produza, simultaneamente, novas identidades *globais* e novas identidades *locais*. Os torcedores, agora, são vistos como consumidores. O alvo principal das grandes marcas do futebol internacional passou a ser as torcidas ou torcedores infieis, modelo no qual se encontram as categorias dos *flâneurs*, dos *fãs moderados*, dos *fãs de ocasião* e dos *imitadores de ídolos*. Diariamente o público infantil e juvenil está em contato com mensagens e enunciados espetacularizados pela mídia que produz as mais variadas sensações de pertencimento ou distanciamento, emoção ou aflição, simpatia ou antipatia, entre outros sentimentos, relacionados às celebridades e marcas. O futebol – sendo um

desses espetáculos midiáticos da contemporaneidade e ainda um espaço de demarcação de fronteiras, significados e pertencimento identitário – exerce forte presença e se apresenta como difusor de valores no cotidiano dessas crianças e jovens. Não podemos nos surpreender e não devemos mais exigir que as juventudes tenham um amor profundo por este ou aquele time de futebol como ocorria há cerca de 30 anos atrás ou mais. Entre a nova geração, a troca constante das preferências clubísticas através dos ídolos já está ocorrendo e, provavelmente, irá se intensificar. Prova disso são os comportamentos de crianças e jovens que a cada dia escolhem a camiseta de um clube, de uma seleção, ou de uma celebridade que melhor lhes convém, ainda que mantenham simpatia por um time local, mas sem a necessidade de manter um “*laço eterno*” com qualquer um destes.

4 O valor das celebridades

Antes de entrarmos especificamente na discussão em torno dos ídolos dos jovens futebolizados, vale destacar alguns aspectos deste grupo geracional que utiliza o futebol como “pano de fundo” para demarcar suas (des)(re)construções identitárias. Estamos analisando um segmento social que acompanha futebol essencialmente pela mídia (tv, plataformas *streaming*, canais exclusivos, e outras formas), ou seja, frequenta pouquíssimas ou raras vezes os estádios de futebol. Há muitos que nunca estiveram em uma arena esportiva. Desses jovens, a maioria (cerca de um terço na média geral) assiste de uma a três partidas de futebol por semana, não necessariamente do mesmo campeonato, clube ou celebridade.

Entre os artefatos mais consumidos pela juventude futebolizada estão as camisetas oficiais dos clubes e celebridades; bolas; e os conteúdos das plataformas *streaming* e da mídia de um modo geral. Neste quadro de consumo, também merecem destaque os jogos eletrônicos, com preferência maior entre os meninos, assim como chuteiras e/ou tênis. O segmento feminino se destaca nos itens camisetas alusivas e demais acessórios.

Os dados seguintes (de 2021 na Comunidade Valenciana, Espanha; e de 2023 no Rio Grande do Sul, Brasil) são bastante interessantes e profícuos para as análises deste estudo. Naturalmente os clubes de preferência das juventudes futebolizadas são as equipes locais. Há ainda – em alguns espaços geográficos do planeta – uma identidade vinculada aos “clubes da terra”, mas esta condição que no passado era motivo de orgulho para os familiares, na contemporaneidade já pode ser e vem sendo subvertida. Encontra-se uma parcela de jovens futebolizados que acompanham e se

identificam com times locais, mas também nutrem certa simpatia por clubes de outros pontos do país e do mundo. Vale destacar que estes índices oscilam, portanto, há períodos em que a fidelidade é colocada à prova, como por exemplo quando o “time do coração” é rebaixado de divisão e o aficionado migra para um clube vencedor ou com mais chances de obter conquistas. Dentre as multiplicidades do torcer há o fato curioso daqueles que acompanham clubes antagônicos, seja em território nacional, seja internacional. Provavelmente são jovens futebolizados que trocam de time a cada semana ou rodada de campeonato; sendo este comportamento mais uma das condições marcantes da *futebolização*. Aqui o que chama atenção são características cada vez mais próximas do torcedor pós-moderno e afastadas da condição moderna. O estudo da *European Club Association* aponta que os fãs mais jovens demonstram forte tendência em torcer por clubes que não sejam de seu próprio país, numa proporção que alcança 36% na faixa etária entre os 16 e os 24 anos.

Neste cenário, com exceção dos clubes locais que mantêm seus índices em certa medida consolidados, observamos que os demais clubes de preferência oscilam seus índices de acordo com as conquistas que obtém e/ou com as celebridades que vestem suas camisas. Os espanhóis Real Madrid CF e FC Barcelona que dominaram o mercado por quase duas décadas perderam terreno nos últimos anos para os clubes ingleses, o FC Bayern Munich e – principalmente – o Paris Saint Germain FC. O caso do clube parisiense é curioso, pois a “onda” de “novos torcedores” – impulsionada pela série de contratações feitas nos últimos anos – do PSG foi global, mesmo que o clube nunca tenha tido uma grande conquista internacional. Nos caminhos investigativos percorridos nos últimos anos, havia camisas – principalmente – e demais artefatos do clube francês desfilando pelas vias urbanas desde Pelotas e Porto Alegre (Rio Grande do Sul, Brasil), até em muitos espaços da Europa, como em Lisboa (Portugal), Valência (Espanha), Milano (Itália), cidades suíças e alemãs, Amsterdam (Holanda), cidades belgas, Budapeste (Hungria), cantos da Croácia e, naturalmente, na França. No entanto, de forma significativa – por conta das recentes transferências dos já veteranos Lionel Messi, Cristiano Ronaldo e Neymar Jr – começam a circular pelas ruas crianças e jovens com as camisas do norte-americano Inter Miami CF e dos árabes Al Nassr FC e Al Hilal SFC. Os três clubes já são citados com índices que superaram tradicionais equipes sul-americanas e europeias. Consideramos tais condições juvenis, como típicos comportamentos do torcedor *flâneur*, na busca por uma multiplicidade de experiências no futebol, onde as lealdades nacionais podem ser trocadas com base no sucesso competitivo ou na identificação mediada com grandes celebridades.

A *futebolização*, portanto, apresenta ainda mais esta característica e condição marcante. Há uma boa parcela na contemporaneidade de seguidores, aficionados, torcedores e futebolizados de celebridades e não de clubes. Quando seu ídolo de preferência troca de equipe ele migra conjuntamente para a nova agremiação. Este fato explica o grande número de seguidores de Real Madrid CF e FC Barcelona quando CR7, Messi e Neymar Jr ainda estavam por lá e os dois clubes espanhóis dominavam as competições na Europa, bem como o rápido crescimento de seguidores do Paris Saint Germain FC e em menor medida da Juventus FC quando os astros se transferiram para lá, e agora a recente emergência do Inter Miami CF e dos times árabes. Não há dúvidas que uma celebridade futebolística tem um peso enorme no circuito do futebol pós-moderno. Os dados comprovam tal afirmação, pois há estrelas do futebol que para as juventudes representam mais que alguns clubes. Vejamos estes comportamentos na Comunidade Valenciana (2021) e no Rio Grande do Sul (2023), quando os jovens puderam listar quantas equipes e celebridades seguem e acompanham no circuito futebolizado da contemporaneidade, ao serem questionados sobre suas preferências clubísticas e quais ídolos admiram.

Na Comunidade Valenciana, há uma forte ligação com o principal clube local, o Valencia CF e também – em grande medida – com a seleção espanhola; diferentemente do Brasil, onde a seleção nacional vem perdendo a cada ano prestígio e interesse entre crianças e jovens. O outro clube local da cidade de Valência, o Levante UD, tem tido campanhas errantes nos últimos anos entre a primeira a segunda divisão do futebol do país e, portanto, não apresenta tantos seguidores e aficionados como o Valencia CF. Na Comunidade Valenciana, em 2021, Messi estava somente atrás de Valencia CF e da Seleção Espanhola em nível de importância para os jovens entrevistados. FC Barcelona e Real Madrid CF ocupavam postos de destaque nesse levantamento, não só por serem clubes espanhóis – ou seja, nacionais para os valencianos –, mas também pelo seu destaque internacional nas duas primeiras décadas do milênio e, especialmente, pela reunião de estrelas que promoveram nesse período. Ainda assim, Cristiano Ronaldo – que rivaliza ou divide as preferências de crianças e jovens futebolizadas com Lionel Messi – aparecia à frente dos seus próprios clubes nos últimos anos: Real Madrid CF, Juventus FC e Manchester United FC. Para os jovens valencianos, o fenômeno mundial do Paris Saint Germain FC também apresentou suas produtividades, bem como a emergência e preferência de aficionados por clubes ingleses. Mbappé e Neymar Jr – que em 2021 estavam no PSG – também aparecem em destaque nesta lista, juntamente com os ídolos locais do Valencia CF, Soler e Gayà, sendo o primeiro também transferido ao clube francês na temporada seguinte.

Quadro 1 – Comparativo entre equipes e ídolos preferidos pelos jovens na Comunidade Valenciana

Equipes X Ídolos	
Valencia	47,6
Seleção da Espanha	29,2
Messi	25,4
Barcelona (Espanha)	22,1
Cristiano Ronaldo	21,7
Real Madrid (Espanha)	18,3
Levante	17,5
Paris Saint Germain (França)	16,2
Atlético de Madrid (Espanha)	10,4
Betis (Espanha)	9,7
Manchester United (Inglaterra)	8,6
Manchester City (Inglaterra)	7,8
Liverpool (Inglaterra)	7,3
Chelsea (Inglaterra)	7,1
Mbappé	5,8
Neymar	4,8
Soler	3,7
Gayà	3,7
Griezmann	3,2

Dados em percentuais. **Fonte:** Koch, 2021.

No Rio Grande do Sul, em uma comparação, com as médias de três anos de coletas, em 2023 Messi ficava atrás somente de Grêmio FBPA, SC Internacional e Real Madrid CF. Neymar Jr, com exceção da dupla Gre-Nal, estava à frente de qualquer clube brasileiro e, Cristiano Ronaldo, que oscilou tecnicamente nos últimos anos quando passou por Juventus FC e Manchester United FC, vinha novamente recuperando seu espaço de preferência mesmo com quase 40 anos de idade e próximo do fim da carreira. Neymar Jr – que defendeu o FC Barcelona até 2017 antes de passar pelo Paris Saint Germain FC e, agora vestindo a camiseta do Al Hilal SFC – continuou sendo o craque brasileiro preferido entre os jovens, mesmo não atuando em território nacional desde 2013. Portanto, provavelmente os jovens são seguidores dos atletas, e não dos clubes em si. Esta situação fica evidente quando essas “estrelas do futebol” se transferem de clubes. Os jovens em sua maioria que optavam, até então, pelos espanhóis Real Madrid CF e FC Barcelona – por estes clubes concentrarem os principais atletas da modalidade até recentemente – apresentaram uma rápida mudança nos últimos anos para outros clubes que despontaram no cenário internacional ou que adquiriram as estrelas do futebol. Os ídolos de Grêmio FBPA (Luis Suarez) e SC Internacional (En-

ner Valencia), em 2023, estão em destaque na tabela, bem como alguns que tiveram períodos profícuos recentemente em ambas as equipes. É provável que em uma próxima coleta, eles não estejam mais entre os citados ou sejam pouco lembrados.

Quadro 2 – Comparativo entre clubes e celebridades preferidas pelos jovens no Rio Grande do Sul



Clubes X Celebridades	
Grêmio	53,5
Internacional	46,7
Real Madrid (Espanha)	32,8
Messi	29,8
Suarez	28,6
Barcelona (Espanha)	26,2
Neymar Jr	23,9
Cristiano Ronaldo	20,4
Manchester City (Inglaterra)	14,6
Liverpool (Inglaterra)	13,2
Enner Valencia	11,6
Bayern Munique (Alemanha)	11,6
Paris Saint Germain (França)	11,1
Manchester Utd (Inglaterra)	10,9
Juventus (Itália)	9,5
Geromel	8,2
Vini Jr	7,1
Kannemann	7
Chelsea (Inglaterra)	6,8
Inter Miami (Estados Unidos)	6,5
Borussia Dtd (Alemanha)	6,1
Flamengo	5,8
Luan	5,7
Milan (Itália)	5,6
Arsenal (Inglaterra)	5
River Plate (Argentina)	4,9
D'Alessandro	4,6
Marta	4,2
Al Nassr (Arábia Saudita)	4,2
Al Hilal (Arábia Saudita)	4,2
Rochet	4,1
Boca Juniors (Argentina)	4
Palmeiras	3,7
Mbappe	3,5
Holland	3,4

Dados em percentuais. **Fonte:** Koch, 2023.

Fica aqui aberto o debate para a questão da identidade. Sem dúvida há falta de atrativos no futebol local tanto na Comunidade Valenciana como no Rio Grande do Sul para “capturar” os jovens, que em busca de referências vitoriosas e bem-sucedidas acabam preferindo os valores que são difundidos pelas grandes celebridades e pelos clubes estrangeiros. Inegavelmente, a cada ano, o futebol local tem perdido seu status de décadas anteriores junto ao público jovem; na contemporaneidade muito mais exigente, provavelmente impulsionado pelos artefatos midiáticos que

permitem o acesso a outras competições esportivas e formas de entretenimento pouco ou quase inacessíveis no passado. O fato é que a exigência da juventude por um bom espetáculo, seja esportivo, seja cultural, parece ter aumentado na mesma proporção em que os atrativos locais perderam significado para a mesma. Ídolos do futebol pós-moderno que apresentam uma certa solidez – ainda que se transfiram de equipes fugazmente a cada temporada –, e que não são produtos perecíveis, dão aos jovens pontos de ancoragem para a formação das suas identidades, diferente da grande maioria dos clubes de futebol – engendrados na modernidade – que a cada ano perdem seu status de um passado recente, mas que não retorna mais. A inversão dos valores na pós-modernidade, coloca cada vez mais celebridades – como Messi e Cristiano Ronaldo – acima das instituições. Logo – devido o avançar da idade e a proximidade do fim das carreiras de ambos – os mesmos serão substituídos, como já vem ocorrendo em pequena escala. No entanto, vale uma série de reflexões e análises em torno destas celebridades que dominaram o mercado futebolístico por mais de duas décadas e, que certamente tiveram um peso muito maior entre os jovens do que os próprios clubes. Prova disso são os números de seguidores que Messi e Cristiano Ronaldo reúnem em plataformas digitais e redes sociais, alcançando índices muito maiores que clubes centenários. Portanto, há e haverá celebridades futebolísticas que são e serão “mais que um clube”. Os números do Instagram, de novembro de 2023, comprovam que Cristiano Ronaldo e Messi têm infinitamente mais seguidores que qualquer um dos grandes clubes. Por amostragem, listamos abaixo alguns dos clubes e celebridades citados neste texto.

Quadro 3 – Número de seguidores na rede social Instagram

Cristiano Ronaldo	612 milhões	Suárez	47,9 milhões
Messi	492 milhões	Al Nassr FC (KSA)	21,6 milhões
Neymar Jr	216 milhões	Inter Miami CF (USA)	15,4 milhões
Real Madrid CF (ESP)	149 milhões	Al Hilal SFC	10 milhões
FC Barcelona (ESP)	124 milhões	Grêmio FBPA (BRA)	3 milhões
Mbappé	110 milhões	SC Internacional (BRA)	2 milhões
Paris Saint Germain FC (FRA)	65,7 milhões	Enner Valencia	1,4 milhões
Manchester United (ENG)	63,1 milhões	Valencia CF (ESP)	1,2 milhões
Juventus FC (ITA)	59,8 milhões	Soler	552 mil
Manchester City (ENG)	49,4 milhões	Levante UD (ESP)	277 mil

Dados de novembro de 2023. **Fonte:** Instagram/Koch, 2023.

Cristiano Ronaldo, sozinho, tem mais que o dobro de seguidores dos dois principais clubes de Espanha. Lionel Messi é outra celebridade que está com larga vantagem no comparativo com muitas das principais equipes do cenário futebolístico mundial. O quadro ainda nos mostra, que não somente CR7 e Messi têm mais prestígio que vários times, pois há outros ídolos que desfrutam da condição de terem mais valor nesta plataforma do que os clubes. Vale destacar que os times árabes e o Inter Miami CF deram um salto no número de seguidores depois da chegada de grandes estrelas – mesmo já veteranas – na última janela de transferências. O mesmo fenômeno projetou o francês PSG no último quinquênio.

5 A dominação carismática de ídolos do futebol e as produtividades ideológicas

Conforme já destacamos, as celebridades e ídolos do futebol na contemporaneidade são pontos de ancoragem para as (des)(re)construções identitárias de crianças e jovens no circuito da *futebolização* pós-moderna. Ao rever alguns textos de Max Weber percebemos que muitas ações deste contexto estão inseridas no conceito de dominação carismática, que é exercida pelas grandes estrelas do esporte sobre as infâncias e juventudes. Este conceito weberiano faz parte do conjunto dos três tipos puros de dominação legítima (dominações racional-legal, tradicional e carismática) discutidos pelo sociólogo alemão na virada dos séculos XIX para o XX. Segundo Weber, na dominação carismática

Seus tipos mais puros são a dominação do profeta, do herói guerreiro e do grande demagogo. [...] Obedece-se exclusivamente à pessoa do líder por suas qualidades excepcionais e não em virtude de sua posição estatuída ou de sua dignidade tradicional; e, portanto, também somente enquanto essas qualidades lhe são atribuídas, ou seja, enquanto seu carisma subsiste (Castro, 2014, p. 64).

Evidentemente Weber não pensou nesta discussão relacionando a mesma com o futebol, até porque no seu tempo o esporte ainda estava em seus primeiros movimentos e só viria a produzir grandes ídolos após sua morte. Vale lembrar que a primeira Copa do Mundo de Futebol foi disputada em 1930 e talvez os primeiros jogadores com algum renome internacional tenham sido os uruguaiois bicampeões olímpicos da década de 1920 e posteriormente também campeões do mundo: Nasazzi, José Leandro Andrade, Scarone e Pedro Cea, entre outros. Fazendo uma analogia da citação anterior do pensamento weberiano com o futebol pós-moderno, podemos pensar nas grandes celebridades futebolísticas contemporâneas como heróis guerreiros, que exercem posições de líderes durante os períodos nos quais estão em evidência por suas qualidades técnicas e conquistas individuais, bem como pelas contribuições que dão aos times e clubes pelos

quais passam nos triunfos coletivos. Sendo assim, a “obediência” dos fãs e seguidores se dá a partir do carisma que é atribuído ao ídolo. Tal “obediência” tem conduzido crianças e jovens para circuitos pós-modernos de consumo vinculados aos grandes clubes e celebridades do futebol, em sua maioria no continente europeu e, agora, também em territórios árabe e norte-americano.

A mitologia desenvolvida em torno desses grandes jogadores, de talento inato que triunfa determinadamente sobre a debilidade física, sem dúvida, pertence ao reino do heroico. É sinal também, para os torcedores de futebol, de como esses jogadores são pessoas comuns, e que eles mesmos com seus físicos igualmente inapropriados, teriam possibilidade de se juntar a esses heróis. [...] Os jogadores heroicos personificam os valores do ambiente em que são os melhores. [...] Heróis verdadeiros são vulneráveis à derrota na batalha: a natureza também tem efeito sobre seus poderes (Giulianotti, 2010, p. 147-154).

Sem querer “demonizar” tal condição, vamos exemplificar para tornar a analogia do pensamento weberiano ao futebol contemporâneo mais palatável e visível aos olhos dos leitores. Usaremos neste exemplo os jogadores que mais exerceram dominação carismática nas últimas décadas: Lionel Messi e Cristiano Ronaldo. Quando o argentino e o português defendiam, respectivamente os espanhóis FC Barcelona e Real Madrid CF, uma onda de novos torcedores (fãs, seguidores e – especialmente – consumidores) infantis e juvenis dos clubes catalão e madrileno surgiu em diversos cantos do planeta. Este grupo de aficionados por Messi e CR7 passou a adquirir camisetas de FC Barcelona e do Real Madrid CF e todos os demais produtos vinculados aos ídolos (ou anunciados por eles) e aos clubes que estavam defendendo. Quando os mesmos trocaram de clubes, este movimento consumista migrou rapidamente para artefatos da Juventus FC, do Paris Saint Germain FC e do Manchester United FC. Atualmente, ‘novos torcedores’ do Inter Miami CF e do Al Nassr FC povoam desde metrópoles até pequenas cidades e, estão tingindo as ruas, quadras esportivas e campinhos de praças e bairros de rosa e amarelo. “Os jogadores atraentes fisicamente são recrutados pelas lojas de moda, pelo mundo dos negócios e pelos meios de comunicação de massa para serem modelos, relações públicas e apresentam programas de entretenimento” (Giulianotti, 2010, p. 147). Mas não é só bens tangíveis como camisetas ou qualquer objeto futebolizado que crianças e jovens consomem a partir da dominação carismática de seus ídolos sobre si. Consomem também hábitos comportamentais e estilos de vida. Vide o exemplo de quando Neymar Jr ainda defendia o Santos FC e, cortou o cabelo ao estilo moicano. Pelo Brasil afora, um exército de pequenos moicanos invadiu escolas e demais espaços públicos. Este são apenas breves exemplos de muitos. Na dominação carismática, todos os gestos e falas dos líderes se tornam de suma importância e passam a ser seguidos. “A produtividade criativa desses

entretenedores é mercantilizada e reempacotada como um produto cultural fantástico para ser comprado por qualquer consumidor” (Giulianotti, 2010, p. 155).

Avançando mais um pouco nesta discussão, Max Weber alerta que “A autoridade carismática baseia-se na ‘crença’ no profeta ou no ‘reconhecimento’ que encontram pessoalmente o herói guerreiro, o herói da rua e o demagogo, e com eles cai” (Castro, 2014, p. 65). Portanto, mais uma vez analogicamente, os “heróis das ruas” (jogadores de futebol) perdem gradativamente seu carisma na medida em que reduzem suas qualidades técnicas e físicas – deixando de serem vencedores – e também são substituídos por jovens e novos ídolos no circuito da *futebolização*. Evidentemente, alguns poucos – como será provavelmente os casos de Lionel Messi e Cristiano Ronaldo, assim como David Beckham, Zidane e Ronaldo – seguirão exercendo suas dominações carismáticas no mercado consumidor pós-moderno; mas uma enormidade de atletas vai perder sua condição de liderança e conseqüentemente sua influência sobre crianças e jovens. Portanto, a liderança exercida por ídolos do futebol na dominação carismática é individual e passageira, ou seja, não há herança a ser recebida ou transmitida.

A discussão do valor de mercado dos jogadores de futebol já foi debatida e analisada neste texto. Nas análises de Bitencourt (2009), “[...] o jogador, a despeito de não se resumir ao estatuto de coisa, pois não é uma posse, estabelece sua relação com o clube através do dinheiro, do qual a implicação mais evidente é o fato de ter que render (ou jogar bem) pelo salário recebido. Entretanto, lembrando aquilo que caracteriza o moderno em Simmel, a saber, o individualismo e a indiferença, além da circulação e da transformação dos meios em fins, tanto os clubes quanto os jogadores acabam, em reciprocidade, numa associação efêmera” (Bitencourt, 2009, p. 587).

Acrescentando outras temáticas weberianas ao futebol, citamos o trabalho de Amstel e Marchi Júnior (2021), no qual os autores discutiram a aplicação dos pensamentos de Max Weber à Sociologia do Esporte. Segundo os pesquisadores, “Ao afirmar a diferenciação entre os tipos de conflito, Weber destaca os confrontos pacíficos, os quais permitem enquadrar uma aproximação com o esporte” e, se arriscam a analisar que “[...] Weber já adianta, ainda que de maneira pouco aprofundada, uma noção do esporte que seria profundamente esmiuçada na *Teoria do Esporte* de Norbert Elias e Eric Dunning, os quais defendem um processo histórico e sociológico de pacificação dos costumes e controle da violência dentro das práticas esportivas” (Amstel; Marchi Júnior, 2021, p. 510). Amstel e Marchi Júnior, concluem que o esporte pensado por Weber em tipos ideais distingue o grau de violência envolvido entre os diferentes contextos; portanto, através da categoria sociológica do tipo ideal para entender o esporte, Weber demonstrou como compreender os sentidos das ações sociais referentes às práticas esportivas, em temporalidades muito diversas, tanto no Ocidente quanto no Oriente.

Conforme já alertou Perina (2021), provavelmente Marx dividiria as questões econômico-políticas do futebol entre os detentores dos meios de produção e poder (dirigentes-proprietários, clubes e federações) e, os que vendem o seu trabalho e são explorados (jogadores de futebol e torcedores). No entanto, na contemporaneidade as relações de trabalho apresentam novos contornos que ainda mantêm traços muito fortes da Modernidade, mas que ao mesmo tempo já trafegam pelo mundo pós-moderno com certas liberdades que podem causar determinadas angústias. Há diversas categorias entre os jogadores de futebol, ou seja, há aqueles capazes de produzirem suas próprias mercadorias e agregarem valor ao seu talento esportivo, com ganhos superiores ao contrato de trabalho com o clube ou liga – casos de Cristiano Ronaldo e Messi, por exemplo, entre outras estrelas do futebol – mas também há uma grande parcela de futebolistas que vendem os seus serviços de desempenho esportivo por valores baixos e, que disfrutam de contratos temporários e com pouquíssimas garantias em caso de lesão ou invalidez. Portanto, são – como tantos – trabalhadores explorados pelo interesse próprio da classe dominante e, somente poderão reverter tal processo com uma consciência de grupo baseada no bem coletivo. Tal condição já foi observada por vezes, em países nos quais os sindicatos de atletas são fortes e capazes de promover greves, com objetivos de mudar as relações de trabalho até então estabelecidas. No entanto, são movimentos ainda bastante isolados e incapazes de promover revoluções globais. Ainda assim, já houve episódios individuais nos quais os produtores de “mais-valia” saíram vencedores, como Jean Marc Bosman em 1995. “O caminho para a verdadeira compreensão passa por uma revolução social, não metodológica” (Bauman, 2022, p. 67).

Vale também destacar que as relações entre clubes e federações, ou seja, entre os detentores dos meios de produção não é tão amistosa assim. Portanto há em grande medida uma concorrência pelo poder, gerando crises frequentes, que atenuam ou exterminam uma pseudo solidariedade burguesa no futebol. Vide o caso atual, no qual os grandes clubes europeus e mundiais estão travando uma guerra política contra a Uefa e a Fifa, na tentativa de criar uma Superliga, também como mecanismo para barrar o crescimento dos clubes e ligas árabes e asiáticas – livres de restrições de investimentos – que resolveram entrar de forma agressiva no mercado futebolístico mundial e, passaram a atrair atletas ainda no auge de suas carreiras. O mercado do futebol contemporâneo, mais do que nunca, é baseado no liberalismo econômico, algo que certamente seria criticado e condenado por Marx.

[...] sempre que uma instituição social aparece numa forma abstrata, como uma entidade em si, levando aparentemente sua própria existência e sujeitos a leis autônomas, podemos suspeitar que por trás dela se encontra o ato histórico da alienação, da transformação de uma parte da capacidade humana força que se opõe ao seu fundamento natural (Bauman, 2022, p. 73).

Ainda, neste circuito da *futebolização*, não esqueçamos dos aficionados – também divididos em múltiplas categorias de torcedores, fãs e seguidores – que ainda apresentam condições sólidas da modernidade, mas, ao mesmo tempo, podem trazer aspectos líquidos do novo milênio, como a troca constante de preferências clubísticas baseada nas transferências das celebridades do futebol a cada nova temporada. Há uma multiplicidade de crianças e jovens que preferem seguir atletas no cenário contemporâneo do futebol a se afiliarem por algum clube e pelo mesmo terem a cobrança familiar e social de uma fidelidade eterna. Em alguma medida, criadores estão prestes a inclinarem-se diante de suas próprias criações. Conforme alertava o revolucionário socialista, “A maneira como os homens produzem seus meios de existência depende, antes de mais nada, da natureza dos meios de existência já encontrados e que eles precisam reproduzir” (Castro, 2014, p. 13). De acordo com Marx, devemos partir de homens em suas atividades reais, e não do que é dito, imaginado ou representado. Sobre o caráter fetichista da mercadoria, vinculada aos jogadores de futebol, vale destacar que “o que interessa na prática, antes de tudo, a quem troca produtos, é a questão de quantos produtos estranhos ele vai adquirir com seu próprio produto, ou seja, em quais proporções os produtos se trocam” (Castro, 2014, p. 18). Fazendo uma analogia com o mundo da bola, podemos pensar com quais valores econômicos estas mercadorias (jovens jogadores de futebol) deixam a América Latina, são transformadas e adquirem “mais-valia” em mercados externos (Europa e, agora, Oriente Médio) e, após perderem seu valor de uso, retornam à origem como moeda de troca por novas matérias-primas. Sem dúvida, a publicidade, a midiaticização e o fetichismo dos mercados europeu – e mais recentemente –, asiático e norte-americano do futebol transforma objetos tangíveis (acessíveis) em intangíveis (inacessíveis), criando paralelamente estilos de vida e percepções de status a serem admirados e seguidos.

Considerações finais

Os sujeitos na pós-modernidade ao construírem, desconstruírem e reconstruírem suas identidades quantas vezes lhes convierem estão cada vez mais individualistas, ou seja, há um afastamento ou descaso com as preocupações sociocoletivas de décadas passadas ou até recentes. No entanto, ambigualmente, as identidades somente se constituem a partir das possibilidades de identificação e diferenciação de grupos. Portanto, movimentos coletivos – ainda que sejam fugazes, voláteis, tribais e momentâneos – são necessários na constituição identitária.

O futebol, neste cenário, dispõe de uma condição ímpar. Mesmo permitindo que cada indivíduo livremente escolha seu(s) clube(s) e seu(s) ídolo(s) de preferência e por ele(s) demonstre uma paixão e um amor profundo, há em torno dessa situação a formação de agrupamentos de – no mínimo – seguidores das agremiações e celebridades, pois o ato de torcer torna-se coletivo, mesmo quando estamos sozinhos diante da tevê ou de qualquer artefato midiático assistindo a qualquer jogo de futebol, ou ainda quando adotamos uma celebridade para idolatrar. Há um amálgama em torno daquela “nação ritualizada instantaneamente”. Portanto, a torcida de qualquer time de futebol ou grupo de seguidores de uma estrela da modalidade – sendo efêmera ou não – torna-se um reduto de coletividades, e essas identidades coletivas vinculadas ao futebol – mesmo passageiras – ainda apresentam muitos traços e exigências das identidades modernas. A chegada ou a presença de processos identitários pós-modernos – como é o caso da *futebolização* – não representa o abandono por completo de condições identitárias modernas. Vale lembrar que Giulianotti (2012) aponta a existência de quatro categorias de torcedores na contemporaneidade: fanático, fã, seguidor e *flâneur*; os dois primeiros com características e mais próximos da condição moderna e os dois últimos com vínculos maiores nas sociabilidades da pós-modernidade. Igualmente o relatório da European Club Association apresenta categorias diversificadas de fãs do futebol, que convivem no mesmo espaço temporal. O alerta fica por conta do crescimento de categorias que apresentam torcedores com vínculos líquidos e fugazes, ou sem vínculos; fato que poderá alterar consideravelmente o cenário contemporâneo e futuro dos torcedores ou aficionados do futebol.

Este estudo vem sendo desenvolvido com jovens aficionados por futebol, portanto se trata, também, de identidades mutantes ou em constantes transformações e adaptações ao meio. Existem maneiras diferentes e diversificadas de crianças e jovens acompanharem, participarem, contextualizarem e dimensionarem o futebol em suas vidas, identidades e/ou fragmentações identitárias. Destaca-se, ainda, que este estudo é um recorte da Comunidade Valenciana (2021) e do Estado do Rio Grande do Sul (2023), portanto, poderemos ter variações em outros territórios e/ou períodos. Enfim, é possível concluir que a *futebolização* da(s) juventude(s) – por ser um fenômeno pós-moderno – é um processo em constante movimento, assim como outros elementos contemporâneos que contribuem nas fragmentações identitárias desta fase da vida. Ironicamente, o FC Barcelona, que utilizou o slogan “*Mes que un club*”, teve em seu elenco um atleta (Messi) com valor superior ao próprio clube.

Karl Marx poderia dizer que as dificuldades econômicas impedem a maioria das pessoas de encontrar conforto e felicidade verdadeira e que estas esperanças seriam transferidas para o futebol com falsas perspectivas pela verdadeira felicidade ou pelo

possível triunfo sobre o mais forte no campo esportivo, mas isto poderia ser alienante. Então, apesar de oferecer conforto e alegria, o futebol seria o suspiro da criatura oprimida. A síntese do pensamento do sociólogo alemão não alteraria: as pessoas se reúnem em grupos com os quais compartilham interesses sociais e econômicos contra aqueles que estão em conflito por tais interesses. Quando os meios de produção se alteram, há revoluções e a classe dominante é substituída por outra. Ou seja, provavelmente Marx enxergaria a luta de classes sendo reposicionada no futebol, como de fato ocorreu em diversos períodos históricos no planeta.

Referências

- ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ANDRADE, Paula Deporte, & COSTA, Marisa Vorraber. Usos e possibilidades do conceito de pedagogias culturais nas pesquisas em estudos culturais em educação. **Textura**, Canoas, v.17, n. 34, p. 48-63, 2015.
- AMSTEL, Narayana Astra Van; MARCHI JUNIOR, Wanderley. Possíveis contribuições de Max Weber para uma Sociologia do Esporte. **Em Tese**, Florianópolis, v. 18, n. 1, p. 505-522, jan./jun., 2021. Universidade Federal de Santa Catarina.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. **Hermenêutica e ciência social: abordagens da compreensão**. Tradução por Fernando Santos. São Paulo: Editora Unesp, 2022.
- BITENCOURT, Fernando Gonçalves. Simmel e o futebol: da comunidade de afeto a equivalência abstrata do dinheiro. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, EDUFSC, v. 43, n. 2, p. 573-588, out. 2009.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas**. São Paulo: EDUSP, 2003.
- CASTRO, Celso. **Textos básicos de Sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- DAMO, Arlei Sander. Futebol, engajamento e emoção. *In*: HELAL, Ronaldo; AMARO, Fausto. (Org.). **Esporte e mídia: novas perspectivas: a influência da obra de Hans Ulrich Gumbrecht**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2015.
- DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Lisboa: Edições Antipáticas, 2005.

EUROPEAN CLUB ASSOCIATION. **Fan of the future: definig modern football fandon.** Nyon, Switzerland: ECA, 2020.

GASKELL, Georg. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol:** dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. Tradução Wanda Nogueira Caldeira Brandt e Marcelo de Oliveira Nunes. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

GIULIANOTTI, Richard. Fanáticos, seguidores, fãs e flâneurs: uma taxonomia de identidades do torcedor no futebol. **Recorde: Revista de História do Esporte**, v. 5, n. 1, p. 1-35, 2012.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, 1997.

HALL, Stuart. **Sin garantías: trayectorias y problemáticas en estudios culturales.** Lima: IEP, 2010.

KOCH, Rodrigo. **Marcas da futebolização na cultura e na educação brasileira.** Dissertação (Mestrado em Educação) – ULBRA, Programa de Pós-Graduação em Educação, Canoas/RS, 2012.

KOCH, Rodrigo. **Identidades em construção:** um olhar sobre a Futebolização da juventude no Ensino Médio. Tese (Doutorado em Educação) – UFSM, Programa de Pós-Graduação em Educação, Santa Maria/RS, 2018.

KOCH, Rodrigo. **FUTEBOLIZAÇÃO:** identidades torcedoras da juventude pós-moderna. 1. ed. Brasília: Ministério da Cidadania - Secretaria Especial do Esporte / Trampolim Editora, 2020.

KOCH, Rodrigo. Identidades culturales de niños y jóvenes aficionados al fútbol en la Comunitat Valenciana. **Ludopédio**, São Paulo, v. 151, n. 2, 2022.

KOCH, Rodrigo. **Cultura, Identidade e Futebolização:** na Europa Contemporânea. 1. ed. Chisinau, Republic of Moldova: Novas Edições Acadêmicas, 2022.

KOCH, Rodrigo. Futebolização da juventude no Rio Grande do Sul em 2023 (parte 2): competições, clubes, celebridades e fidelidade. **Ludopédio**, São Paulo, v. 173, n. 1, 2023.

LIPOVETSKY, Gilles. **Da leveza:** rumo a uma civilização sem peso. Barueri, SP: Manole, 2016.

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela Análise Textual Discursiva. **Ciência & Educação**, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.

"Mes que un club": o valor de uma celebridade futebolizada e as produtividades de sua dominação carismática nos campos ideológicos e de poder

PERINA, Fabio. Reflexões marxistas sobre futebol e violência. **Ludopédio**, São Paulo, v. 147, n. 23, 2021.

SORIANO, Ferran. **A bola não entra por acaso**: estratégias inovadoras de gestão inspiradas no mundo do futebol. São Paulo: Larousse do Brasil, 2010.

STEINBERG, Shirley. Kindercultura: a construção da infância pelas grandes corporações. *In*: SILVA, L. H.; AZEVEDO, J. C.; SANTOS, E.S. (Org.). **Identidade Social e a Construção do Conhecimento**. Porto Alegre: SMED, 1997.

THORPE, Christopher *et al.* (Ed.). **O livro da Sociologia**. Tradução de Rafael Longo. 2. ed. São Paulo: GloboLivros, 2016.



O povo é a alegria do futebol: um olhar antropológico sobre cidadania e democracia em clubes brasileiros

Vinícius Teixeira Pinto¹  
Universidade Federal de Pelotas

Resumo

Uma década após a Copa do Mundo FIFA de 2014, é possível avaliar, a partir de uma relevante variedade de estudos, pesquisas e abordagens multidisciplinares, a “elitização” e a “arenização” como consolidadas do futebol brasileiro em seus níveis principais. Aqui, a proposta é esmiuçar alguns dos efeitos desse processo que provocou radicais transformações nas cidades brasileiras e na fruição dos esportes por parte dos torcedores. Nossa ênfase recairá, em especial, ao que denominamos “efeitos colaterais” da arenização, isto é, mobilizações de agrupamentos e coletivos de torcidas que aparecem como reações – seja pela crítica, seja pela recusa, seja pela negociação – e que impactam efetivamente a política tanto dentro de seus clubes como também para fora deles. O ponto de partida advém de pesquisa realizada com grupos do Sport Club Internacional em Porto Alegre, principalmente da atuação de um coletivo chamado O Povo do Clube. Desde abordagem antropológica, pensaremos, principalmente, como noções de democracia e cidadania estão sendo incorporadas ao universo futebolístico no período posterior à remodelação do estádio Beira-Rio.

Palavras-chave

Democracia. Cidadania. Torcidas de futebol. Antropologia política.

1. Cientista Social formado pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) com mestrado (PPGAS/UFSC) e doutorado (PPGAS/UFRGS) em Antropologia Social. Atualmente é professor substituto do Departamento de Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Pelotas (DAA/UFPel).

The people are the joy of football: an anthropological approach to citizenship and democracy in Brazilian clubs

Abstract: A whole decade after the 2014 FIFA World Cup, a wide variety of studies, research and multidisciplinary approaches have made it possible to assess the “elitisation” and “arenisation” of Brazilian football as consolidated at its main levels. Here, the objective is to scrutinise some of the effects of this process, which has caused radical changes in Brazilian urban centres and in supporters’ experience of sport. Our emphasis will be on what we call the “collateral effects” of the “arenisation”, i.e., the mobilisations of supporters’ groups and collectives that appear as reactions – whether through criticism, refusal or negotiation – and that have an effective impact on politics both within their clubs and outside them. The starting point comes from research carried out with Sport Club Internacional groups in Porto Alegre, mainly the activities of a collective called O Povo do Clube. From an anthropological approach, we will think principally about how notions of democracy and citizenship are being incorporated into the football universe in the period following the remodelling of the Beira-Rio stadium.

Keywords: Democracy. Citizenship. Supports groups. Political Anthropology.

La gente es la alegría del fútbol: una mirada antropológica hacia la ciudadanía y la democracia en los clubes brasileños

Resumen: Toda una década después de la Copa Mundial de la FIFA 2014, una gran variedad de estudios, investigaciones y enfoques multidisciplinares han permitido evaluar la “elitización” y la “arenización” del fútbol brasileño, tal y como se ha consolidado en sus principales niveles. Aquí, el objetivo es examinar algunos de los efectos de este proceso, que ha provocado cambios radicales en los centros urbanos brasileños y en la experiencia deportiva de los aficionados. Ponemos énfasis en lo que denominamos “efectos colaterales” de la “arenización”, es decir, las movilizaciones de grupos y colectivos de hinchas que aparecen como reacciones – ya sea a través de la crítica, el rechazo o la negociación – y que tienen un impacto efectivo en la política, tanto dentro de sus clubes como fuera de ellos. El punto de partida procede de la investigación realizada con grupos del Sport Club Internacional de Porto Alegre, principalmente las actividades de un colectivo denominado O Povo do Clube. A partir de un enfoque antropológico, pensaremos principalmente en cómo las nociones de democracia y ciudadanía se están incorporando al universo del fútbol en el período posterior a la remodelación del estadio Beira-Rio.

Palabras clave: Democracia. Ciudadanía. Hinchadas de fútbol. Antropología Política.

Introdução

Futebol não é alegria do povo. O povo é a alegria do futebol².

No esporte, 2020 não foi apenas o ano em que a pandemia de um novo vírus modificou drasticamente a rotina das competições esportivas ao redor do mundo, interrompendo-as inicialmente, e retomando-as com restrições do acesso das assistências. Em diferentes capitais do Brasil, esse ano foi marcado também pelo inesperado protagonismo das torcidas de futebol – em especial as antifascistas – que, à medida que o vírus saía de controle, deixaram suas diferenças de lado e atuaram em conjunto nos

2. Cartaz fotografado no estádio do Corinthians quando do retorno do público aos jogos de futebol durante a pandemia da Covid-19.

protestos contra o governo de Jair Bolsonaro e as formas como a pandemia vinha sendo gerida – ou mal-gerida no país. Entre as palavras de ordem empregadas não apenas por torcidas, a que mais se destacou foi a defesa da “democracia”³. Da noite para o dia, os holofotes tanto da análise de conjuntura político-partidária quanto dos pesquisadores acadêmicos se voltaram a esses torcedores, ora recordando como futebol e política se relacionam, ora vislumbrando caminhos para as esquerdas⁴.

Nesse mesmo ano, acompanhamos, em escala local, um evento, de impactos ainda difíceis de mensurar dada a pequena preocupação de análise, cujo interesse público foi ínfimo quando comparado com a ascensão das torcidas antifascistas. Em Porto Alegre, o Sport Club Internacional (em diante, Inter) realizou as maiores eleições já vistas em um clube de futebol brasileiro, consagrando o movimento “O Povo do Clube” (PdC) como uma das principais forças eleitorais em sua instituição. Embora esse grupo de associados não tenha tido chances de vitória na corrida presidencial, obteve o maior número de representantes no Conselho Deliberativo do clube. O coletivo não é exatamente uma torcida, mas antes um “movimento” de acordo com as regras da política eleitoral do clube. Isto é, trata-se de um coletivo de associados, ligados ou não a torcidas organizadas ou outros grupos, que se reúne com o propósito fundamental de concorrer nas eleições, tanto ao Conselho Deliberativo quanto à Presidência. Sua peculiaridade em relação aos demais movimentos do clube é que tem sido ligado aos hoje ilustres torcedores “antifas”, a movimentos sociais e partidos à esquerda do espectro político, além da luta por um “futebol popular”, por “democratização” em clubes e estádios e ainda pelos “direitos de torcer”. Sua consolidação indica a relevância adquirida por uma certa noção de democracia no universo do futebol.

O processo eleitoral do Inter, dentro de um contexto em que as torcidas discutem e reivindicam direitos de participação em seus clubes de futebol, suscita uma série de questões e debates. Poderíamos indagar, antes de tudo, como a categoria “democracia” e dadas noções de “direitos”, que originalmente são exógenas ao mundo do futebol, têm se convertido em alguns dos principais eixos de atuação de algumas dessas torcidas ao redor do país. Que trajeto teria traçado esta categoria para que, decorridos quase cem anos da profissionalização deste esporte, haja chegado ultimamente aos estádios brasileiros e inclusive às esferas formais das instituições que organizam e disputam o jogo no terreno esportivo? De que modo categorias como estas podem ter agenciado a formação ou a reorganização de coletivos torcedores nos anos recentes? O que estes grupos têm

3. Ver “Torcidas Antifascistas assumem linha de frente da mobilização contra Bolsonaro e atraem oposição”, disponível em <https://brasil.elpais.com/esportes/2020-06-01/torcidas-antifascistas-assumem-linha-de-frente-da-mobilizacao-contra-bolsonaro-e-atraem-oposicao.html> (acessado em 27 de julho de 2024”.

4. Cf. Oliveira (2021), Souza Jr (2020), Fernandes (2020), Barreto (2020), Said (2020), Ronchete (2021).

feito, a partir do manejo de ideias relativas à democracia, com seus clubes de futebol e – como vimos em protestos contra o governo Bolsonaro – com demais contextos sociais e políticos em que se inserem?

Nas páginas a seguir, proponho uma análise da reivindicação recente da democracia no futebol brasileiro a partir do caso colorado. Tendo por referência uma antropologia da democracia que busca avaliar a categoria enquanto experiência contingente, vivida localmente e elaborada no cotidiano de diferentes grupos e pessoas (Paley, 2002), darei especial ênfase ao contexto do surgimento de torcidas de futebol que hoje mobilizam tal categoria, considerando a natureza associacionista dos clubes de futebol e o contexto das transformações passadas por este esporte no século XXI, com ênfase sobre os megaeventos esportivos e suas reverberações políticas com a aparição de coletivos contestatórios. Para analisar como noções de cidadania e democracia incidiram desde a última década no universo esportivo, amparo-me essencialmente em um projeto de doutorado conduzido com a participação de diferentes grupos de torcedores do Inter em Porto Alegre e além. Neste conjunto, inclui-se o diálogo em integrantes de torcidas organizadas, de Consulados⁵, do Conselho Deliberativo e dos movimentos políticos do clube. São inserções de campo que não se restringem a um grupo em específico e, não raro, apanham os interlocutores em suas diferentes facetas, afinal alguns(mas) são vinculados(as) a mais de um desses grupos⁶. Assim, embora a ênfase inicial da pesquisa não tenha sido direcionada exatamente ao PdC, encontrei, tanto nas torcidas organizadas quanto nos Consulados, pessoas que, em que pese suas diferenças de classe social, gênero, etnia/raça e formas de participação torcedora, vinculavam-se a este movimento político. Dada a amplitude de abordagem, mais do que uma etnografia da formação do PdC, enquanto grupo ou totalidade coesa e autocontida, interessa-nos antes o processo de transformação do futebol e dos clubes no recorte temporal da última década. Assim, deixo um pouco de lado métodos e ritos deste coletivo para priorizar um olhar mais afastado e em diacronia preocupado precisamente com definições do político (Candea, 2011) no contexto esportivo.

Bem sabemos – e há densa literatura a respeito – como os esportes eram, em seus inícios, exclusivos às elites urbanas locais, tanto no que concerne à prática como à

5. Consulados são grupos de torcedores que – reconhecidos formalmente por seus clubes – atuam como representantes em localidades afastadas. Esta forma de organização torcedora é destacada em Inter e Grêmio que possuem, cada um, cerca de 1.000 representações distribuídas em diferentes países.

6. A pesquisa resultante do projeto é ampla no que diz respeito às inserções etnográficas e às experiências do pertencimento clubístico a partir do Rio Grande do Sul. Devido à proposta fundamentalmente comparativa muitas vezes, e é o caso aqui, as minúcias situacionais são deixadas em segundo plano, dado o privilégio à abordagem processual. Para um debate metodológico mais detalhado sobre como este trabalho resulta de uma das partes do projeto, cf. Teixeira Pinto, 2022, p. 53-69.

fruição (Malaia, 2012; Melo, 2001; 2012; Mascarenhas, 2014). No caso porto-alegrense, foram sobretudo os clubes germânicos, que, com práticas de associação em clubes, consolidavam valores identitários étnico-nacionais, as frações sociais que, ainda no século XIX, desenvolveram as modalidades do remo, do ciclismo e, já no século XX, do futebol (Damo, 1998; Mazo, 2003; Horn; Mazo, 2009; Karls, 2017). Como veremos aqui, esses clubes esportivos eram espaços de difícil acesso, impedindo a filiação de quem eventualmente não compartilhasse pertencas de grupo étnico, de classe social e de gênero⁷. Somente após a popularização do futebol e, principalmente, depois da profissionalização nos anos 1930, foi possível identificar diversidades sociais e raciais nos campos de futebol. Isso não ocorreu sem conflitos e não sem que as elites reservassem a si novos espaços exclusivos: o dirigismo de clubes, de associações e de ligas esportivas, em um processo que vem sendo descrito como “democratização funcional” (Leite Lopes, 1995). Um século depois da chegada do futebol, a esmagadora maioria dos clubes manteve a política interna acessível a somente uma mínima parcela de seus torcedores, algumas centenas de sócios que cumprem requisitos para a participação política e acessam esferas como conselhos de gestão ou conselhos deliberativos, o que vale também para alguns dos clubes que se tornaram Sociedade Anônimas de Futebol (SAF), pois, embora a venda do clube tenha limitado o futebol ao governo de um proprietário ou de uma companhia privada, muitos desses clubes conservaram a sociedade civil com poderes para negociar com a SAF, mas sem poderes para interferir na gestão do futebol. Na contramão disso, uns poucos, e é o caso dos clubes porto-alegrenses, abriram a participação a qualquer associado, o que, desde a última década, tem proporcionado disputas eleitorais para colégios eleitorais do tamanho de cidades de porte médio, inaugurando uma arena da política esportiva que está agora ao alcance de dezenas de milhares de sócios.

Para analisar como noções de cidadania e de democracia estão incidindo contemporaneamente sobre o universo esportivo do futebol brasileiro, procederemos através de três etapas. No primeiro momento da exposição, avaliaremos a composição dos clubes de futebol desde um olhar em diacronia. Ao recuperar a mitologia de fundação do Inter, em especial a partir da rejeição sofrida por seus fundadores no Grêmio, discutiremos como a herança associacionista é essencial para concepções enraizadas a respeito do clubismo brasileiro. Não se trata de afirmar que os modelos de clube atuais refletem os clubes de outrora, mas espera-se pensar como o associacionismo enquanto ideologia moderna incide sobre os modos como torcedores se relacionam atualmente

7. Embora as mulheres frequentassem os clubes sociais, faziam-no na condição de dependentes de seus pais ou de seus maridos. O caso da filiação da primeira mulher do quadro social do Inter em 1918 (ver Teixeira Pinto, 2022, p. 99-107) não iniciou uma abertura geral e irrestrita para o reconhecimento de mulheres como iguais, mas, ao contrário, consistiu em uma exceção a reforçar a regra.

como seus clubes. Em seguida, adentraremos o Estatuto Social do Inter – que é o documento que regula a vida política do clube e cuja reformulação aconteceu em 2020 –, observando sua inspiração em noções do Estado de Direito, ao reproduzir sobretudo concepções da participação no quadro social à imagem da cidadania e da democracia. Por fim, trataremos detidamente sobre a consolidação do movimento colorado PdC, sua agenda e pautas, no decorrer do avanço de tendências de “reelitização” do futebol. Tal qual o cartaz levado por um torcedor e fotografado no arenizado estádio corintiano, em que se lê que é o povo a alegria do futebol e não o oposto, como imagina o senso comum, argumentamos que concepções de democracia e cidadania, mediadas pela defesa do “povo”, uma concepção marcada por raça e classe social que representa as frações afetadas diretamente pela elitização, aparecem como efeitos políticos colaterais da reorganização urbana e esportiva posterior aos megaeventos da década passada.

1 A herança associacionista nos clubes sociais de futebol de Porto Alegre

Para uma avaliação do atual momento da relação entre clubes, associados e torcedores, seria útil dar um passo atrás a fim de contextualização do futebol em um país em que o regime predominante das equipes que disputam o jogo segue sendo o associacionista (Frydenberg, 2017). Estamos tratando de um esporte que, diferentemente de outros, ainda é praticado majoritariamente por associações sem fins econômicos e de propriedade social, regidas por estatutos políticos aos moldes da vida civil e democrática:

[...] clubes de fútbol funcionan con un estatuto social donde se detallan las maneras de llevar a cabo los eventos formales tales como la elección de los dirigentes (quiénes votan, cómo deben hacerlo, cuáles son los requisitos para presentarse como candidatos o electores), la constitución de las asambleas de socios o las reuniones de la comisión directiva. [...]. Los socios participan en distintos eventos políticos y/o acuden a la sede social de sus clubes cada dos, tres o cuatro años para elegir a los dirigentes (presidente, vicepresidentes, secretarios, vocales). El asociacionismo condiciona favorablemente el despliegue de prácticas políticas en las entidades con fútbol profesional (Moreira, 2018, p. 140).

Ao redor do mundo há diferentes legislações locais e diretrizes específicas para as instituições esportivas. Inglaterra, Itália, Espanha e Portugal transformaram muitos de seus antigos clubes de futebol em sociedades anônimas geridas por empresários ou fundos de investidores. Na Alemanha, por exemplo, há uma legislação específica, da propriedade mista, em que os clubes podem ter suas ações

vendidas, desde que a associação mantenha o controle societário em relação à parte empresarial⁸. No Brasil, embora a Lei Pelé, sancionada em 1998, tenha permitido a mudança de regime, os principais clubes se mantiveram enquanto associações civis. Mais atualmente com a promulgação da Lei nº 14.193/2021, a “lei das SAFs”, houve aceleração da chamada “privatização dos clubes”, quando estes deixam de ser associações civis, sendo adquiridos quase sempre por companhias estrangeiras, algumas delas multinacionais do futebol, como é o caso do City Group e da Red Bull, grupos empresariais que têm atuado pela aquisição de clubes em diferentes ligas nacionais.

Ainda assim, uma melhor compreensão do que são os clubes associativos – tenham sido convertidos em SAF ou não – e suas tramas políticas depende de uma retomada da história da chegada do futebol ao Brasil e dos processos de popularização e profissionalização do jogo. Recordemos que a invenção deste esporte, na Inglaterra da segunda metade do século XIX, figura no contexto da institucionalização e modernização dos jogos populares da Europa Medieval, um processo que introduziu os regulamentos formais e a restrição à violência (Elias; Dunning, 1992) e que é usualmente descrito como “esportivização”. Na conversão dos jogos em esportes, eles rapidamente passaram a cumprir também o papel de criar identificações coletivas à medida que, no contexto das universidades britânicas, proliferaram associações estudantis orientadas pelo gosto esportivo, o que foi determinante tanto para a produção de afinidades, quanto para a materialização de oposições entre pessoas. Afinal, representadas pelo intermédio de equipes e times, as agremiações viabilizavam espaço de sociabilidade para dentro do grupo social e, mais do que isso, um enfrentamento regulamentado entre estas pessoas e grupos (Damo, 1998, p. 26).

No Brasil, o futebol e os esportes também foram vistos como signos da modernidade europeia a serem desejados pelas elites locais na virada para o século XX (Franco Junior, 2007), e foram absorvidos em meio a outros hábitos e costumes disseminados no contexto do imperialismo britânico (Malaia, 2010, p. 15-32)⁹. Não por acaso, os estrangeiros pertencentes às elites locais que receberam tal influência, reproduziram, durante esse processo, o modelo associacionista, formando prestigiosos clubes sociais (Damo, 1998, p. 41-49). Vejamos o exemplo do Rio de Janeiro:

8. Sobre os diferentes regimes jurídicos e suas consequências, cf. Simões (2020; 2022), Moreira (2018).

9. Sem desmerecer a influência exercida pelos ingleses enquanto referência do “mundo civilizado”, cf. também a análise detalhada de Mascarenhas (2014, p. 39-53) quanto às particularidades da difusão do futebol no país, considerando que o território nacional era vasto, fragmentado e minimamente urbanizado.

Com a introdução e a posterior confirmação das práticas esportivas como parte integrante do que Norbert Elias chamou de “Processo Civilizador”, pelo qual passavam algumas cidades do Brasil em finais do século XIX e início do século XX, a formação de clubes passava a ser o passo seguinte para a disseminação dos esportes entre a alta sociedade carioca. Os clubes formados pelos membros da elite da cidade criaram uma estrutura para serem espaços de distinção social. Essa estrutura incluía a cobrança de duas taxas extremamente altas, a joia e a mensalidade. [...]. Além dessas taxas, os estatutos desses clubes impunham normas rigorosas para a aceitação de novos associados (Malaia, 2010, p. 33).

A rápida popularização do futebol teve como consequência indesejada para as elites a inserção de grupos não pertencentes aos estratos mais abastados de princípios do século XX. A seletividade de determinados clubes fez com que, em pouco anos, pululassem clubes-equipas, menos rigorosos na adesão de novos membros e clubes de fábrica, não constituídos pela livre iniciativa de sócios fundadores, mas pelo incentivo de industriais (Damo, 1998). A transmissão do futebol das elites para as demais classes sociais nas primeiras décadas do século passado ocorreu tanto aqui, como em outros países (Frydenberg, 2017). Fundado em 1909 na capital gaúcha, o Inter aparece quando o futebol começava sua popularização e capilarização no Rio Grande do Sul a partir do advento de novos clubes (Damo, 1998, p. 92). Embora não fosse um expoente das elites porto-alegrenses, o clube tampouco surgia das classes mais subalternas. Sua fundação, segundo as fontes oficiais da instituição, se deve aos irmãos Poppe: Henrique Poppe Leão, José Eduardo Poppe e Luiz Madeira Poppe. Estima-se que esses três irmãos, oriundos de São Paulo, tenham chegado à cidade em 1908. Eles eram filhos de um imigrante italiano, tinham vínculo com atividades de comércio e serviço público e já praticavam o esporte que então se tornara febre nas maiores cidades do país (Arquivo Histórico do Sport Club Internacional, [s.d.]).

O futebol em Porto Alegre era jogado, à época, principalmente por dois clubes de imigrantes alemães: o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense (Grêmio) – ainda existente e atualmente o maior rival dos colorados – e o Fuss-Ball Club Porto Alegre. O pioneirismo desses imigrantes pode ser atribuído à tradição associacionista da comunidade teuto-brasileira, à ascensão econômica imediata, à presença geográfica na cidade e ainda à manutenção de uma conexão com sua pátria de origem que permitisse se manterem a par dos modismos europeus (Damo, 1998, p. 90). Consta que os recém-chegados tinham o desejo de praticar o futebol nos clubes locais. Eles, contudo, não foram admitidos devido à seletividade e ao rigor daquelas sociedades esportivas:

Os irmãos Poppe realmente foram barrados no Grêmio, por razões bem compreensíveis se levarmos em conta o processo de admissão de novos sócios na época. Como outros clubes de natureza associativa e, como tal, imbuídos na preservação da identidade entre seus membros, os gremistas usavam critérios rígidos para admitir novos associados. Os neófitos precisavam de uma espécie de “ficha corrida” que atestasse a boa índole dos mesmos e, para tanto, dependiam da indicação de sócios mais antigos (Damo, 1998, p. 93-94).

Sem adentrar os pormenores que impediram a presença dos irmãos Poppe nos clubes mais elitizados, é inegável que o evento viabilizou o nascimento do Internacional, também dentro dos moldes do associacionismo. O novo *club* foi fundado em abril daquele ano, em uma reunião organizada na Rua da Redenção – atualmente Avenida João Pessoa – com a presença de cerca de 40 sócios-fundadores, onde se definiu José Leopoldo Seferin, que havia cedido sua casa para o encontro, como o primeiro presidente da entidade (Damo, 1998, p. 93). Tal rejeição sofrida pelos irmãos Poppe, além disso, é referida até hoje como o atestado de que o clube dos colorados nasceu – à despeito da política de discriminação na origem do gremismo – para brasileiros e estrangeiros (Arquivo Histórico do Sport Club Internacional, [s.d.]). É pertinente dizer que as rivalidades clubísticas são alimentadas pela produção de antagonismos simbólicos (Bromberger, 1995). No caso gaúcho, questões de classe social e raça são frequentemente mencionadas para distinguir os dois clubes. O Grêmio, cujo processo de profissionalização do futebol foi mais lento, passou a admitir tardiamente a admissão de jogadores negros. Além disso, é associado à branquitude e às elites. Suas torcidas historicamente mobilizaram contra adversários categorias de cunho racista (Bandeira, 2019). O Internacional, por sua vez, nomeia-se orgulhosamente o “Clube do Povo” do Rio Grande do Sul. Em suas torcidas, aparece ainda o vínculo com o carnaval e a figura do “coreano”, o mítico torcedor dos setores mais populares do estádio anterior às reformas e “elitização”¹⁰. Assim, no contexto dessa rivalidade, é comum que os gremistas sejam acusados de racistas e, historicamente, ela se alimenta de dois momentos fundamentais: a demora gremista em passar do amadorismo para o profissionalismo e, com isso, passar a utilizar jogadores negros; e na rejeição aos irmãos Poppe, fundadores do Inter.

De qualquer modo, é possível perceber a importância do associacionismo para a formação das equipes de futebol do período, fator que não pode ser minimizado para uma análise da política nos clubes de futebol. Decorrido mais de um século, esses dois

10. Como o setor mais barato do Beira-Rio se chamada “coreia”, dava-se ao seu frequentador a denominação “coreano”. Equivalente ao que em outros estádios chamava-se “geral”, a “coreia” era o setor mais próximo do campo de jogo, situado abaixo das arquibancadas inferiores, oferecia uma visão bastante restrita do jogo. A precariedade se refletia no preço dos ingressos, que custavam poucos trocados, mas não nas performances torcedoras, afinal a “coreia” é lembrada pela participação lúdica e entusiasmada de seus frequentadores.

principais clubes de Porto Alegre saíram da cena cidadina do futebol de então e ganharam projeção estadual, nacional e, por fim, continental. Superaram a marca dos cem mil sócios e, embora tenham assumido proporções inimagináveis para seus fundadores, seguem operando enquanto associações civis esportivas. Embora seja pouco pertinente equiparar essas duas épocas e inferir que os clubes de então são os mesmos que os de hoje, não trataremos dos meandros desse processo histórico. Contudo, a partir do momento de surgimento do futebol no Brasil, importa-nos considerar a presença e a permanência ideológica do regime associacionista no Inter e seu entorno esportivo.

2 “Todo o poder emana dos associados”¹¹: os sujeitos políticos do coloradismo

A política colorada e as eleições acompanhadas em 2020, quando um movimento que demanda “democracia” foi tão bem-sucedido, devem ser tratados, por certo, tendo ciência da herança associacionista, mas não apenas. No primeiro artigo de seu Estatuto Social, reformado em 2020, o Internacional se define como associação sem fins econômicos, fundada em 04 de abril de 1909 e destinada a atividades desportivas, sociais e culturais. No seguinte artigo, determina que: “Todo o poder emana dos associados, que o exercem por meio de seus representantes eleitos ou diretamente”. Nesse ponto, é impossível não notar a semelhança com a Constituição Federal de 1988, a “Constituição Cidadã”, que afirma, em parágrafo único do artigo primeiro: “Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente”.

Mencionando direitos e deveres, o referido estatuto parece indicar que o sócio colorado é uma espécie de cidadão no futebol. Não chega a ser uma novidade a ideia de que os clubes se imaginam enquanto Estados Nacionais, formando comunidades de sentimento, adotando símbolos e mitos fundacionais. Não parece, portanto, descabido considerar que seus regimentos estejam influenciados por certas noções de cidadania e democracia, balizadas, neste caso, pela Estado de direito. Como efeito notável da ideologia associacionista, obtém-se, em lugar de um cliente consumidor, um sujeito político no seio do clube de futebol, o associado.

Considerando os esforços antropológicos na compreensão da cidadania, há uma série de estudos que trataram a respeito das maneiras pelas quais a categoria é vivida e transformada em diferentes contextos. Adjetivando a cidadania, demonstraram a diversidade da experiência do cidadão. Por outro lado, talvez tenham achatado a noção, subentendendo uma categoria sem necessidade de explicação:

11. Frase presente no Estatuto Social do Sport Club Internacional, Art. 2.

Um dos resultados dos recentes desenvolvimentos na antropologia da cidadania foi a proliferação de novos conceitos que funcionam acrescentando um adjetivo qualificativo ao termo cidadania. Os pesquisadores têm estudado a cidadania biológica, a cidadania flexível, a cidadania agrária, a cidadania insurgente, a cidadania terapêutica, a cidadania urbana, a cidadania farmacêutica, a cidadania formal e substantiva etc. O adjetivo qualificativo é importante, porque reconhece a diversidade da cidadania atual e reconhece que a cidadania liberal é uma forma entre muitas. No entanto, pela proliferação de adjetivos, corremos ainda o risco de assumir que sabemos o que é a cidadania em si, que a chave é o seu aspecto “biológico”, “urbano”, “diferenciado”, e que a cidadania não precisa de ser explicada como um conceito em si mesmo. Na realidade, devemos desconfiar de todos os essencialismos e reconhecer que a “cidadania liberal” deve ser ela própria plural, como atestam as variedades de liberalismo, tanto na realidade histórica como no pensamento político (Lazar, 2016, p. 9, tradução livre)¹².

Isso posto, mais interessante do que pensar em uma espécie de “cidadania esportiva”, seria perceber como determinadas noções de cidadania ou de democracia estão norteando tanto os clubes de futebol como seus associados e torcedores. No caso do Internacional, manifestam-se noções de universalidade e direitos do associado. Segundo o Estatuto Social, não há limitação do número de membros e tampouco restrições em função de “nacionalidade, gênero, religião, classe social, opção política, capacidades ou limitações individuais”¹³. São “direitos”, garantidos, participar da Assembleia Geral do clube; votar e ser votado; acessar as dependências do clube, consideradas as condições pessoais em caso de pessoa com deficiência; solicitar convocações extraordinárias de Assembleia Geral, Conselho Deliberativo e Conselho Fiscal; demitir-se. Entre os “deveres” discriminados, espera-se a adimplência das obrigações sociais; o cumprimento do Estatuto; a atualização dos dados cadastrais¹⁴. Além disso, o clube conta ainda com um complexo sistema político. Sua instância máxima de deliberação é a Assembleia Geral, “constituída pelos associados maiores de 16 anos, no gozo dos direitos estatutários, com voto pessoal e unitário”. A Assembleia é universal e deve se reunir de três em três anos

12. Original: “One of the results of recent developments in the anthropology of citizenship has been a proliferation of new concepts which work by adding a qualifying adjective to the term citizenship. Scholars have studied biological citizenship, flexible citizenship, agrarian citizenship, insurgent citizenship, therapeutic citizenship, urban citizenship, pharmaceutical citizenship, formal and substantive citizenship, etc. The qualifying adjective is important, because it recognises the diversity of citizenship today and acknowledges that liberal citizenship is one form among many. However, in the proliferation of adjectives we still risk assuming that we know what citizenship itself is, that the key is the ‘biological’, ‘urban’, ‘differentiated’ aspect, and that citizenship does not require explanation as a concept in its own right. Indeed, we should be wary of all essentialisms and acknowledge that ‘liberal citizenship’ must itself be plural, as attested by the varieties of liberalism both in historical reality and political thought”.

13. Estatuto Social do Sport Club Internacional, Art. 7.

14. Cf. Capítulo 3 do Estatuto, artigos 11 e 15.

para as eleições do Internacional, quando deve eleger o Conselho de Gestão e os membros do Conselho Deliberativo. Extraordinariamente deve ser reunida para aprovar ou reprovar alterações estatutárias, destituir integrantes eleitos do Conselho de Gestão ou quando convocada pelos associados. Abaixo da Assembleia Geral, estão o Conselho Deliberativo, constituído pelos conselheiros do clube; e o Conselho de Gestão, composto por Presidente e Vice-Presidentes da instituição. A este último compete administrar o clube, enquanto ao primeiro, fiscalizar. Ambos são definidos pela via eleitoral através da concorrência entre chapas, que são as facções formadas pelos diferentes movimentos políticos internos à instituição.

No quadro social do Internacional, há distinções em função dos diferentes planos adquiridos pelos sócios. Isso, porém, diferentemente de outros clubes, não acarreta desigualdade de direitos políticos. Nem sempre, no entanto, foi assim. No começo deste século, o clube, assim como os demais, flexibilizou suas normas para associação e aumentou substancialmente seu quadro, o que incrementou em significativas receitas. Esse foi o momento da aparição da figura do “sócio-torcedor” (Toledo, 2012), um associado que adquiria vantagens de consumo através de uma contribuição regular, mas que era impedido de participar da vida política da instituição. No caso colorado, esse processo coincidiu com o sucesso esportivo do começo do Século XXI, quando o clube, em menos de uma década, passou dos cerca de 10 mil sócios para mais de 100 mil, o que ensejou o sonho de certos dirigentes verem o estádio Beira-Rio acessível somente mediante associação (Teixeira Pinto, 2022, p. 287-293). Embora a ideia fosse elitizante, sobretudo quando somada ao fechamento da “coreia” e ao aumento do preço dos ingressos, o “estádio só para sócios”, de fato, chegou a ocorrer em certas ocasiões. Nas partidas mais atrativas, em jogos qualificados como decisivos e aguardados, a venda de ingressos sequer abre para torcedores não associados.

Ainda no caso colorado, há uma particularidade dos clubes de Porto Alegre em relação aos demais brasileiros. Apesar da incontestável elitização do Beira-Rio e do Olímpico (posteriormente da Arena do Grêmio) nas duas últimas décadas, houve ampliação de direitos políticos entre associados de todas os planos e categorias. Ao estenderem os direitos políticos aos novos associados, Internacional e Grêmio foram pioneiros em romper com um modelo de associação generalizada que era explicitamente inspirado em modalidades de fidelização do consumidor:

Ainda no ano 2000, numa ação arrojada, o Sport Club Internacional decide que seus sócios torcedores, mesmo os ligados aos planos mais baratos, passariam a ter direito a votar para presidente e eleger membros para o Conselho Deliberativo. Com a criação de planos acessíveis nos anos seguintes, o Inter passou a ter o maior quadro social do país, alcançando 42 mil sócios, e re-

alizando eleições com quase 17 mil eleitores. Anos depois, em meio a uma grande crise, o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense seguiu os passos do rival, reformando o estatuto para que o sócio pudesse ter participação na escolha do presidente e do conselho deliberativo do clube (Simões; Santos, 2018, p. 254).

O sócio-torcedor ajuda a desvelar aspectos elementares dos clubes inseridos em uma tradição associacionista. Se seguirmos com a análise do Estatuto Social do Internacional, veremos que o “torcedor” é uma figura forânea à entidade (cf. Teixeira Pinto, 2022, p. 116-118). Como sujeito, trata-se de uma pessoa não possui direitos nem deveres, e só é mencionado indiretamente no capítulo que trata das funções da Ouvidoria da instituição, definida como “órgão autônomo de comunicação entre o Clube e o torcedor”. Embora pertença à comunidade de sentimento, o torcedor não necessariamente faz parte da comunidade política – terreno por excelência dos associados. Dito de outro modo, o sujeito torcedor compartilha da experiência de pertencimento clubístico com os demais, assiste aos jogos e inclusive frequenta o estádio, porém não participa da política institucional. Toledo (2012, p. 150), no começo da década passada, já identificava nos novos planos sociais a formação de uma modalidade torcedora esvaziada da política e ancorada em uma nova disciplina do torcer. Essas transformações seriam exemplares da entrada dos agenciamentos mercadológicos do futebol de espetáculo a partir do último quarto do século XX, contexto que priorizou “seguidores” e “fãs” do esporte¹⁵ em detrimento dos “torcedores fanáticos” (Oliveira Jr, 2017; Simões, 2017). Há uma dualidade na hifenização “sócio-torcedor”: o primeiro termo ligado ao político; o segundo, ao consumo. Diferentemente do associado, a comunidade política por excelência do torcedor é a torcida em que faz parte. Ali participa, protesta, atua, briga etc. (Toledo, 1996; Hollanda, 2008).

A particularidade de Inter e Grêmio é que, à medida que a participação política foi estendida a toda a comunidade dos quadros sociais, não importando as relações pessoais que o sócio possa ter ou não, tampouco importando os valores da mensalidade de sua modalidade, a noção “sócio-torcedor”, que funciona tão bem para imensa maioria dos clubes da elite do futebol brasileiro, perde sentido. Ora, se a participação política foi ampliada sem restrições, mesmo os associados que não pertencem a grupos tradicionais podem, se reunidos em coletividades, adentrar os salões privativos, intrometer-se na tomada de decisões e – quando bem-sucedidos – incidir eleitoralmente sobre os movimentos e as plataformas de campanha eleitas para o governo do clube. O PdC, um movimento sócios que se sobressaiu ao defender direitos do torcedor, um sujeito político inexistente na institucionalidade do clube, está em meio a um processo que é

15. Para uma melhor compreensão dessas modalidades torcedoras, cf. a taxonomia proposta por Giulianotti (2002).

profundamente dual nos últimos tempos: é bem verdade que o processo de “sócio-torcedor” contribuiu para o encarecimento de ingressos e para a exclusão dos mais pobres; por outro lado – e isso se aplica melhor ao Inter e ao Grêmio conquanto tenham expandido a participação do quadro social –, fez com que a política clubística deixasse de ser exclusividade de suas classes dominantes, facilitando a intrusão de conselheiros(as) e dirigentes cuja trajetória pessoal tenha se dado principalmente nas arquibancadas, na condição de torcedor(a).

3 Da arquibancada ao conselho: arenização e efeitos colaterais na política clubística

Durante minha pesquisa com torcedores organizados (Teixeira Pinto, 2022), escutei com alguma recorrência que as torcidas não são grupos políticos e que tampouco há algo de “política” nas torcidas organizadas convencionais. Ao mesmo tempo, acompanhei o surgimento de grupos que se autodefiniram enquanto políticos. O contexto da “arenização”, excludente quanto a classe e raça, foi também o cenário da efervescência das torcidas LGBTQIAP+, queer, livres, antifascistas, autistas, entre outras (Anjos, 2018; Pinto, 2017; Pinheiro, 2020; Lopes; Dias; Penteado, 2022; Caldas; Andrade; Souza Jr, 2022), cujas fundações estiveram relacionadas à reivindicação do “direito de torcer” e da “democracia”. Este é um conjunto de coletividades extremamente diverso e seria equivocado entender que tal multiplicação de torcidas seguiu mesmos critérios, lógicas e categorias em suas autodefinições e atuações. Os antifas, por exemplo, podem ser divididos entre aqueles que criaram torcidas organizadas próprias com dada orientação política; aqueles que formaram células ou pequenos grupos dentro de torcidas organizadas já existentes; e, ainda, aqueles que se agrupam mas não necessariamente fazem parte de uma torcida, nova ou já existente (Lopes; Dias; Penteado, 2022, p. 3). De qualquer sorte, mais do que mapear todas estas formas de agrupamento, aqui, pode ser mais interessante pensar, conforme sugeriu Candea (2011), o que revela a determinação do “político”, desta vez, no caso do futebol. Enquanto na maioria das torcidas organizadas argumentava-se que, dada a ausência de ligações com partidos políticos, ideologias ou com movimentos sociais fora do futebol, não havia política, nos grupos contestatórios, como os citados, compreendia-se que o próprio pertencimento clubístico é também o terreno do político.

Em 2019, as dependências sociais do Inter, mais precisamente no Parque Gigante, receberam o evento “Encontro Nacional Direito de Torcer”, organizado em conjunto por diversos coletivos torcedores do país, incluindo a participação decisiva e engajada de associados pertencentes a grupos políticos do clube, além de pesquisadores do futebol e das torcidas organizadas. Foram três dias de um congresso acadêmico e não

acadêmico em que os representantes dessas torcidas se reuniram. Nele, debateu-se a propriedade e a democracia nos clubes de futebol, o encarecimento dos ingressos e os planos de sócio-torcedor, a diversidade nos estádios, o governo Bolsonaro e as frentes antifascistas ligadas ao futebol no país.

Seguindo com uma abordagem antropológica da democracia (Paley, 2002; Dullo; Hatzikidi; Cesarino, 2023), antes do que definir desde nossa perspectiva teórica no que consiste tal categoria ou outras como “cidadania” e “povo”, buscamos avaliar como elas aparecem etnograficamente para nossos interlocutores e quais são seus efeitos e implicações. No contexto do futebol brasileiro, a palavra “democracia” não surgiu nos anos recentes. Não podemos ignorar a experiência corintiana, na derrocada da ditadura militar durante os anos 80, quando dirigentes, jogadores e torcedores encamparam a luta pelo fim do regime ditatorial (Florenzano, 2009). A reivindicação atual da democracia e dos direitos também aparece como efeito de questões macropolíticas e econômicas, e sugerimos que podem ser pensados a partir da arenização dos estádios para a Copa do Mundo FIFA. Os novos estádios de futebol – bem como a remodelação de estádios antigos, alguns tidos como templos esportivos (Gaffney, 2008) como o Maracanã, o Mineirão e o Beira-Rio – produziram novas práticas do torcer e, por consequência, novos sujeitos torcedores. Quando surgem, no começo da década passada, as denominadas “torcidas politizadas” se utilizam das redes sociais, reunindo-se em grupos e páginas online, mas nem sempre apareciam identificadas nos estádios, configurando às vezes um pejorativo “ativismo de internet”. O cenário que se apresenta inicialmente é de pulverização torcedora: coletividades pequenas, diversificadas, efêmeras, desterritorializadas. Grupos minoritários quando comparados com as torcidas organizadas do mesmo período.

Esse momento, porém, é profundamente paradoxal. Enquanto novos sujeitos torcedores se inserem nos estádios e se organizam em coletivos, devemos nos lembrar do quadro de ampla insatisfação com a chegada da Copa do Mundo de 2014, cujos efeitos seriam sentidos inclusive nas Jornadas de Junho em 2013, sob gritos de “Não vai ter Copa!” e cartazes de “FIFA Go Home!”, “Queremos hospitais padrão FIFA” e muitos outros (Pinto, 2017; Curi, 2014; Barbieri, 2015; Damo, 2020). Os protestos que ocorreram em simultâneo com a Copa das Confederações, evento-teste que antecipou a Copa do Mundo, representaram um alargamento do futebol, desta vez projetado sobre a política partidária nacional – posto que, vistas como teatro (Balandier, 1982) ou como ritual político (Tambiah, 1996; Das, 1995; Peirano, 2001), as manifestações de 2013 tomaram os estádios e os megaeventos como símbolos de fracasso político e governamental.

No legado das jornadas de 2013, avaliou-se uma tendência de “conservative return” (Dullo, 2022; Hatzikidi; Dullo, 2021), considerando o avanço do bolsonarismo, presente nas ruas e convertido eleitoralmente em governo federal em 2018. Além

de palavras-chave como “Deus”, “pátria” e “família”, não podemos ignorar que, nas manifestações da extrema direita, um importante item oriundo do universo esportivo teve protagonismo ao criar coesão à tendência conservadora: a camisa da seleção brasileira de futebol. Os protestos de rua que, antes apresentavam diversidade de cores e cânticos de diferentes partidos políticos e movimentos sociais, em sua versão bolsonarizada teriam a “amarelinha” como seu uniforme (Guedes; Silva, 2019; Resende, 2024). Nos estádios de futebol, porém, parece ter ocorrido efeito inverso. Após 2013, os grupos de torcedores “politizados” e engajados na defesa de suas noções de democracia cresceram significativamente e, em casos como o Colorado, se converteram em forças políticas institucionalizadas.

O PdC é exemplar desta tendência. Não se trata de uma torcida ou de um coletivo “antifa” que atua no futebol. É, na verdade, uma coletividade formada especificamente para participar, concorrer, disputar posições políticas no Inter: um “movimento”, para usar o termo da política colorada. É fácil, no entanto, entender como o PdC angariou apoio de torcidas organizadas, construiu ligações com coletividades antifascistas ou “politizadas”, além de conquistar a simpatia de sócios e torcedores colorados ligados a grupos políticos de esquerda. Criado em 2012, seu surgimento ocorreu justamente no ano em que o estádio Beira-Rio era utilizado em meio às obras para a Copa, apesar de entulhos e escombros interditar o uso de alguns setores. Cabe dizer que a remodelação do estádio foi questão central de disputas entre dirigentes e associados, tendo sido inclusive o principal motivo da fragmentação do Movimento Inter Grande (MIG), então o principal grupo dirigente do clube¹⁶. Congregando pessoas oriundas de movimentos sociais, partidos políticos, sindicatos e outras formas de ativismo à esquerda do espectro político-partidário, o PdC criou um espaço inovador para a oposição à elitização do futebol (Oliveira Jr, 2017, p. 117). Enquanto via-se, aqui e em outros países, a manifestação de arquibancada contrária ao chamado “futebol moderno” (Simões, 2017; 2020; 2022; Dyal, 2018; Lopes; Hollanda, 2018) mais como manifestação estética do que propriamente inferindo grandes efeitos nas políticas esportivas, o insurgente movimento de sócios colorados colocou candidatura aos cargos políticos de um clube de milhares de sócios e milhões de torcedores, tendo surpreendente êxito nas eleições do conselho deliberativo do clube.

A atuação desta coletividade se manteve em crescimento desde então. Seu desenvolvimento tem sido abordado e documentado por pesquisas (Oliveira Jr, 2017; Teixeira Pinto, 2022) desde a obtenção dos primeiros assentos no conselho deliberativo do clube

16. Este tema já foi discutido em outros momentos (Teixeira Pinto, 2022) e não vamos adentrar aqui os detalhes da controvérsia entre dirigentes colorados. Importa mencionar que, como defendiam modelos divergentes de reforma do estádio, o ex-presidente Vitório Piffero rompeu a aliança com o então presidente Giovanni Luigi, provocando relevante mudança de rumos na política colorada.

até a participação recente em cargos oferecidos pela gestão, afinal, rapidamente o PdC se tornou em um dos movimentos mais votados nas eleições que participou. Para nossos interesses aqui, importa considerar que palavras-chave empregadas em suas campanhas são a noção de “democracia” e a defesa do “povo colorado”, que inclusive dá nome ao movimento. Embora, o PdC consiga atrair a simpatia de torcedores e associados interessados no combate às discriminações de gênero, de sexualidade, de deficiências, entre outras, o mote principal de sua atuação se direciona à redução das desigualdades raciais e de classe no clube. Isso pode ser percebido em suas principais conquistas dentro do “parlamento” colorado.

A mais destacada delas foi a implementação de uma modalidade de associação voltada para a inclusão de pessoas de baixa renda, chamada “Academia do Povo”¹⁷. Ela não consiste precisamente em uma ação afirmativa de reparação racial, embora seja fundamentada na ideia de que pessoas de classes subalternas e pessoas pretas tenham sido alijadas do estádio após a recente elitização. Outra conquista do PdC se deu em apoio às torcidas organizadas com a reivindicação de um setor sem cadeiras nos estádios, atendendo às demandas de grupos que valorizam uma dada participação performativa durante o jogo¹⁸. Quanto às reparações de gênero e sexualidade no ambiente esportivo, no entanto, não se verificam ações específicas com o mesmo alcance¹⁹.

Valendo-se do Estatuto do clube, em que a participação política é direito assegurado a qualquer modalidade de pertencimento ao quadro social, não sendo privilégio das classes estabelecidas no dirigismo esportivo, o PdC, em lugar de um conjunto pulverizado de torcidas, propiciou um espaço formalizado para o debate da diferença, agregando, ao longo dos anos, novas bandeiras à sua luta por um “futebol popular” e “democrático”. No caso do Inter, e possivelmente de outros clubes brasileiros, este grupo teve origem durante a fase de remodelação do estádio colorado e encarecimento dos ingressos. A Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos no período dos megaeventos foram ponto de partida para críticas que se originaram fora do mundo esportivo, desestabilizando radicalmente a política partidária no país e abrindo terreno para a ascensão

17. Para ter direito a esta modalidade, basta ser beneficiário de programas sociais ou comprovar baixa renda. O valor da mensalidade social é de R\$ 10,00. Ela permite a aquisição de ingressos também pelo valor unitário de R\$ 10,00.

18. Após a reforma do Beira-Rio, para adequar-se ao padrão *all-seated* que prescreve que todos os lugares devem ser ocupados por cadeiras numeradas, torcidas organizadas e alguns sócios, especialmente do PdC, pressionaram para que a direção do clube reservasse um setor sem cadeiras. Argumentam inclusive que isso seria benéfico para o desempenho esportivo do time, visto que contribuiria para melhorar o “ambiente de jogo”. Atualmente, o Portão 7 é este setor, seu ingresso é mais barato do que o de outros setores e é ocupado pela barra Guarda Popular, a torcida mais numerosa vinculada ao Inter.

19. As pautas eleitorais mais recorrentes do movimento, neste aspecto, dizem respeito normalmente à reivindicação de investimentos e manutenção no time de futebol da modalidade feminina. Não obstante, é preciso dizer que o movimento é bastante enfático em afirmar o apoio à garantia de direitos de mulheres, pessoas LGBTQIAP+ e PCDs.

de grupos conservadores. Na direção contrária – para dentro dos estádios –, porém, se converteram, como efeitos colaterais da arenização, em críticas ao avanço das novas formas de segregação oriundas da elitização e da reconfiguração racial do futebol brasileiro no século XXI.

Considerações finais

Clubes de futebol, compostos como sociedades civis no início do século XX, deram origem, no Brasil, a comunidades de sentimento vastas e diversas, gerando, com isso, um conjunto amplo de associações derivadas. As torcidas organizadas são as mais conhecidas entre elas, mas podemos recordar agora as coletividades de torcedores e de associados que se reúnem em torno de seus interesses e desejos de participação política em seus clubes. Há hoje uma literatura cada vez mais detalhada e pormenorizada dos estudos do futebol. Sabemos que os anos 1960 e 1970 foram décadas marcadas pela multiplicação de torcidas jovens e independentes no futebol brasileiro (Hollanda, 2008; 2012; Teixeira, 1998; Anjos, 2018); a década de 2000 viu, por sua vez, o surgimento de barras e ultras, modalidades de organização torcedora que renovaram regionalmente as formas de torcer (Rodrigues, 2012; Pinheiro, 2020); mais atualmente torcidas femininas, feministas, livres e LGBTQIAP+, antifas, entre outras têm aportado formas de mobilização que se ancoram tanto em espaços online como nas arquibancadas (Teixeira Pinto, 2022; Pinheiro, 2020; Anjos, 2018; Pinto, 2017). Neste último conjunto, há uma diversidade de formas de atuação – que se dirigem simultaneamente para dentro e para fora dos clubes – a ser explorada.

Como procuramos demonstrar, os clubes de futebol sempre foram caracterizados por formas de desigualdade, discriminação e segregação historicamente variáveis. Em que pese sua forte inspiração em ideais e noções de pessoa do liberalismo associativo do século XIX, a igualdade em clubes sociais apenas se deu em espaços restritos de sociabilidade: primeiro a igualdade entre os *sportsmen*, poucos homens pertencentes a elites econômicas e raciais, depois entre um quadro mais seleto ainda, o dos dirigentes e dos conselheiros, uma elite dentro da elite, que se mantém em muitos clubes que não estenderam direitos de participação política a todo o quadro social. Sem participação política, torcedores comuns e sócios-torcedores, ficaram à margem durante a fase de arenização.

O caso colorado, desde os últimos anos, aponta na direção inversa. O Povo do Clube é um grupo político de atuação institucional que se origina posteriormente à implementação das estratégias de marketing que baratearam e popularizaram os planos de associação ao Internacional ao mesmo tempo em que encareceram o preço dos ingressos, restringindo o acesso ao Beira-Rio. A trajetória desse movimento, “das arqui-

bancadas para o Conselho Deliberativo”, nos coloca frente ao que, ao menos em teoria, poderia ser um reordenamento das classes dirigentes desse clube de futebol por meio do aumento dos quadros sociais e do conseqüente alargamento dos colégios eleitorais: de um lado, elitização do estádio, de outro, extensão de quadro social, colégio eleitoral e eventual possibilidade de novos perfis sociais no “parlamento” do clube. Definições de “democracia”, conforme aportadas ao futebol por movimentos políticos como aqueles que hoje estão consolidados no Inter, ligam-se ao entendimento de que a “elitização” dos estádios, que criou novas arenas e remodelou “templos” do futebol, beneficiou a presença de determinados públicos em detrimento de outros, resultando no embranquecimento de estádios, como o Beira-Rio, historicamente associado às classes subalternas. Por isso, conceitos como “democracia” e “direitos” do torcer estão sendo associados à marcada segregação de cunho racial e social, que alijam o chamado “povo” da fruição futebolística e o Inter de sua identidade popular. Não sendo razão, a arenização impõe reordenamentos do coloradismo, uma ideologia clubística em que a famosa alcunha “O Clube do Povo do Rio Grande do Sul” foi eternizada a partir do dirigente Vicente Rao depois da incorporação do carnaval às arquibancadas do Estádio do Eucaliptos e do memorável time do “Rolo Compressor”, protagonizado por jogadores que, devido à barreira racial, não seriam permitidos nos demais clubes de elite de Porto Alegre.

Referências

ANJOS, Luiza Aguiar dos. **De “são bichas mas são nossas” à “diversidade da alegria”**: uma história da torcida Coligay. Tese (Doutorado em Ciência do Movimento Humano) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 388. 2018.

BALANDIER, Georges. **O poder em cena**. Brasília: Ed. UNB, 1982.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. **Uma história do torcer no presente**: elitização, racismo e heterossexismo no currículo de masculinidade dos torcedores de futebol. Curitiba: Appris, 2019.

BARBIERI, Alexia. **Do FIFA go home ao “Fora Dilma”**: uma etnografia dos protestos de rua em Porto Alegre (2013-2015). Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 77. 2015.

BARRETO, Tulio. As recentes manifestações de torcidas antifascistas no Brasil. **Ludopédio**, São Paulo, v. 132, n. 26, 2020. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquibancada/torcidas-antifascistas/>. Acesso em: 18 set. 2024.

BROMBERGER, Christian. **Le match de football**: ethnologie d’une passion partisane à Marseille, Naples et Turin. Paris: Édition de la Maison des Sciences de l’Homme, 1995.

CALDAS, Philipe; ANDRADE, Marianna; SOUZA JR, Roberto. Entre torcidas organizadas e torcidas antifascistas: considerações sobre as políticas do torcer e suas resistências. **FuLiA/UFMG**, v. 7, n. 1, p. 52-81, 2022.

CANDEA, Matei. Our division of the universe. Making a space for the non-political in the Anthropology of Politics. **Current Anthropology**, v. 52, n. 3, p. 309-334, 2011.

CURI, Martin. Vem pra rua: as manifestações durante a Copa das Confederações 2013. **Projeto História**, v. 49, p. 237-257, 2014.

DAMO, Arlei Sander. A tragédia que a Copa legou ao Brasil - as Jornadas de Junho e a efervescente anticorrupção. **Interseções**, v. 22, n. 2, p. 167-200, 2020.

DAMO, Arlei Sander. **Para o que der e vier**: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 255. 1998.

DAS, Veena. **Critical Events**. An Anthropological Perspective on Contemporary India. Dehli: Oxford University Press, 1995.

DULLO, Eduardo. A political ritual without closure: serial liminality and the escalation of conflict in Brazil's Street Demonstrations. **Bulletin of Latin American Research**, v. 41, n. 5, p. 695-709, 2021.

DULLO, Eduardo; HATZIKIDI, Katerina; CESARINO, Letícia. Por uma antropologia da democracia - e seus desafios. **Horizontes Antropológicos**, v. 29, n. 65, e650201, 2023.

DYAL, Mark. **Hated and proud**: ultras contra modernity. London: Arktos, 2018.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Tradução de Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: DIFEL, 1992.

FERNANDES, Hevilla. Um recado às esquerdas: é preciso parar de rebaixar o futebol e ocupar as arquibancadas. **Ludopédio**, São Paulo, v. 136, n. 33, 2020. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/archibancada/um-recado-as-esquerdas/>. Acesso em: 18 set. 2024.

FLORENZANO, José Paulo. **A democracia corintiana**: práticas de liberdade no futebol brasileiro. São Paulo: Educ FAPESP, 2009.

FRANCO JUNIOR, Hilario. **A dança dos deuses**: futebol, cultura, sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FRYDENBERG, Julio. **Historia social del fútbol**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores Argentina, 2017.

GAFFNEY, Christopher. **Temples of the Earthbound Gods**. Stadiums in the Cultural Landscapes of Rio de Janeiro and Buenos Aires. Austin: University of Texas Press, 2008.

GIULIANOTTI, Richard. Supporters, Followers, Fans, and Flaneurs. A Taxonomy of Spectator Identities in Football. **Journal of Sport & Social Issues**, v. 26, n. 1, p. 25-46, 2002.

GUEDES, Simoni Lahud. O segundo sequestro do verde e amarelo: futebol, política e símbolos nacionais. **Cuadernos de Aletheia**, v. 3, p. 73-89, 2019.

HATZIKIDI, Katerina; DULLO, Eduardo. **A Horizon of (Im)Possibilities**. London: University of London Press, 2021.

HOLLANDA, Bernardo Buarque de. A festa competitiva: formação e crise das torcidas organizadas entre 1950 e 1980. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque de *et al.* **A torcida brasileira**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012. p. 85-122.

HOLLANDA, Bernardo Buarque de. **O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro (1967-1988)**. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, p. 771. 2008.

HORN, Lucas; MAZO, Janice. Um estudo histórico sobre a torcida do “Gremio Esportivo Renner” de Porto Alegre/RS (1945-1959). **Pensar a prática**, v. 12, n. 2, p. 1-13, 2009.

KARLS, Cleber. **Modernidades sortidas: o esporte oitocentista em Porto Alegre e no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: UFRJ, p. 186. 2017.

LAZAR, Sian. Citizenship. In: **The Cambridge Encyclopedia of Anthropology**. [S.l.]: [s.n.], 2016. p. 1-11.

LEITE LOPES, Jose Sergio. Esporte, Emoção e Conflito Social. **Mana**, v. 1, n. 1, p. 141-166, 1995.

LOPES, Felipe; DIAS, Camila; PENTEADO, Claudio. Torcedores de futebol e ativismo esportivo: uma análise da agenda política e das formas de atuação do Bloco Tricolor Antifa. **Record**, v. 15, n. 2, p. 1-23, 2022.

LOPES, Felipe; HOLLANDA, Bernardo Buarque de. “Ódio eterno ao futebol moderno”: poder, dominação e resistência nas arquibancadas dos estádios da cidade de São Paulo. **Tempo**, v. 24, n. 2, p. 206-232, 2018.

MALAIÁ, João Manuel. **Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e a inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)**. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 501. 2010.

MALAIÁ, João Manuel. Torcer, torcedores, torcedoras, torcida (bras.): 1910-1950. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque de *et al.* **A torcida brasileira**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012. p. 53-85.

MASCARENHAS, Gilmar. **Entradas e bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

MAZO, Janice. **A emergência e a expansão do associativismo desportivo em Porto Alegre - Brasil (1867-1945): Espaços de representações da identidade cultural teuto-brasileira**. Dissertação (Doutoramento em Ciência do Desporto) – Universidade do Porto. Porto, p. 376. 2003.

MELO, Victor. **Cidade Sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

MELO, Victor. Sportsmen: os primeiros momentos da configuração de um público esportivo no Brasil. *In: HOLLANDA, Bernardo Buarque de et al. A torcida brasileira*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012. p. 21-52.

MOREIRA, Verónica. Fútbol, modelos jurídicos y mercado: el dilema de los clubes en Sudamérica. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 116, p. 135-154, 2018.

OLIVEIRA JR, Ricardo. **A reviravolta dos “fanáticos”**: arenização, agenciamentos mercadológicos e novos movimentos políticos a partir do Sport Club Internacional. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 287. 2017.

OLIVEIRA, Eric. O ópio do povo? O futebol e as manifestações políticas no Brasil entre 2013 e 2020. **Sociedade E Cultura**, v. 24, p. 1-39, 2021.

PALEY, Julia. Toward an anthropology of democracy. **Annual Review of Anthropology**, v. 31, p. 469-496, 2002.

PEIRANO, Mariza. Rituais como estratégia analítica e abordagem etnográfica. *In: PEIRANO, Mariza (Org.). O dito e o feito*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001, p. 17-42.

PINHEIRO, Caio. **As ondas que (se) movem (n)o mar das torcidas: das charangas à guinada antifascista na Ultras Resistência Coral (1950-2020)**. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 424. 2020.

PINTO, Celi. A trajetória discursiva das manifestações de rua no Brasil (2013-2015). **Lua Nova**, v. 100, p. 119-153, 2017.

PINTO, Mauricio R. **Pelo direito de torcer: das torcidas gays aos movimentos de torcedores contrários ao machismo e à homofobia no futebol**. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 126. 2017.

RESENDE, Marcio. **A amarelinha é de quem?** Narrativas midiáticas para o “dessequestro” da camisa da seleção brasileira de futebol. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p. 171. 2024.

RODRIGUES, Fabricio. **Amizade, trago e alento. A Torcida Geral do Grêmio (2001-2011) da rebeldia à institucionalização: mudanças na relação entre torcedores e clubes no campo esportivo brasileiro**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense. Niterói, p. 140. 2012.

RONCHETE, Nathalia. Ciberativismo das torcidas antifascistas nas eleições de 2018: uma análise quantitativa. **FuLiA/UFMG**, v. 6, n. 1, p. 6-27, 2021.

SAID, Gabriel. De carrinho no fascismo: o antifascismo e o futebol. **Ludopédio**, São Paulo, v. 132, n. 5, 2020. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquibancada/de-carrinho-no-fascismo-o-antifascismo-e-o-futebol/>. Acesso em: 18 set. 2024.

SIMÕES, Irlan. (Org.). **Clube empresa**: abordagens críticas globais às sociedades anônimas no futebol. Rio de Janeiro: Corner, 2020.

SIMÕES, Irlan. **Clientes versus Rebeldes**: novas culturas torcedoras nas arenas do futebol moderno. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2017.

SIMÕES, Irlan. **O Clube no século XXI e o fator “supporter”**: estudos sobre poder, negócio e comunidade no futebol-espetáculo. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p. 369. 2022.

SIMÕES, Irlan; SANTOS, Anderson. Democracia torcedora versus vantagens consumistas. **Mosaico**, v. 9, n. 14, p. 246-261, 2018.

TAMBIAH, Stanley. **Leveling Crowds**: Ethnonationalist Conflicts and Collective Violence in South Asia. California/London: University of California Press, 1996.

TEIXEIRA PINTO, Vinícius. **Sociedades do torcer - uma etnografia da política e dos faccionalismos a partir de clubes de futebol no Brasil**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 408. 2022.

TEIXEIRA, Rosana da Camara. **Os perigos da paixão**: filosofia e prática das Torcidas Jovens Cariocas. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p. 221. 1998.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Políticas da corporalidade: socialidade torcedora entre 1990-2010. In: HOLLANDA, B. B., *et al.* **A torcida brasileira**. Rio de Janeiro: 7letras, 2012. p. 122-158.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas organizadas de futebol**. São Paulo: ANPOCS/Autores Associados, 1996.



Con el cuerpo y con el espíritu: trayectorias deportivas de Maldonado en la era Tabárez

Diego Alsina¹

Universidad de la República

Bruno Mora²

Universidad de la República

Resumen

Este artículo propone indagar en el proceso de formación de futbolistas varones de Maldonado y sus posibles trayectorias para incorporarse a equipos de fútbol profesional a partir de la denominada “era Tabárez”. Se realizó un trabajo etnográfico que involucró observaciones participantes en entrenamientos de algunos equipos de fútbol del Departamento de Maldonado (Uruguay), entrevistas a entrenadores y análisis de fuentes periodísticas y escritas. En este sentido, se propone estudiar cómo en el proceso de formación deportiva de los futbolistas, en el cual intervienen múltiples variables entre las que se destacan la influencia de fuerzas históricas, sociales, económicas y culturales que prefiguran una determinada concepción del fútbol en Uruguay, vinculadas discursivamente con las nociones de alto rendimiento deportivo y con la idea de que los futbolistas son “proyectos familiares” que implican la posibilidad de recuperar a “viejos valores nacionales” y a la “salvación familiar”, que mediante una formación deportiva acorde, representarán y mantendrán el espíritu deportivo de un territorio y de la nación.

Palabras claves

Fútbol. Era Tabárez. Formación deportiva.

1. Licenciado en Educación Física por el Instituto Superior de Educación Física (Universidad de la República), Magíster en Educación Física por el Instituto Superior de Educación Física (Universidad de la República) Docente del Departamento de Educación Física y Deporte del Instituto Superior de Educación Física en el Centro Universitario Regional Este (Universidad de la República). Integrante del Grupo de Estudios Sociales y Culturales sobre Deporte.

2. Licenciado en Educación Física por el Instituto Superior de Educación Física (Universidad de la República), Magíster en Ciencias Antropológicas por el Programa de Posgrados en Ciencias Humanas de la Facultad de Humanidades (Universidad de la República) Docente del Departamento de Educación Física y Deporte del Instituto Superior de Educación Física (Universidad de la República) Integrante del Grupo de Estudios Sociales y Culturales sobre Deporte.

With the body and the spirit: Maldonado's sporting careers in the Tabárez era

Abstract: The aim of this article is to investigate the training process of male football players from Maldonado and their possible pathways to professional football teams after the so-called 'Tabárez era'. An ethnographic study was carried out, which included participant observation in training sessions of some football teams in the Department of Maldonado (Uruguay), interviews with coaches and analysis of journalistic and written sources. In this sense, it is proposed to study how the process of sports training of football players, in which multiple variables intervene, among which the influence of historical, social, economic and cultural forces that prefigure a certain conception of football in Uruguay stand out, is discursively linked to the notions of high sporting performance and the idea that football players are 'family projects' that imply the possibility of recovering 'old national values' and 'family salvation', which, through appropriate sports training, represent and maintain the sporting spirit of a territory and the nation.

Keywords: Football. Tabárez era. Sports training.

Com o corpo e o espírito: as carreiras desportivas de Maldonado na era Tabárez

Resumo: Este artigo tem como objetivo investigar o processo de formação de jogadores de futebol masculino de Maldonado e suas possíveis trajetórias para ingressar em times de futebol profissional após a chamada "era Tabárez". Foi realizado um estudo etnográfico que envolveu observações participantes em sessões de treinamento de alguns times de futebol do Departamento de Maldonado (Uruguai), entrevistas com treinadores e análise de fontes jornalísticas e escritas. Nesse sentido, propõe-se estudar como se dá o processo de formação esportiva dos jogadores de futebol, no qual intervêm múltiplas variáveis, entre as quais se destaca a influência de forças históricas, sociais, econômicas e culturais que prefiguram uma determinada concepção de futebol no Uruguai, discursivamente vinculada às noções de alto rendimento esportivo e à ideia de que os jogadores de futebol são "projetos familiares" que implicam a possibilidade de recuperar "antigos valores nacionais" e a "salvação familiar", que, por meio de um treinamento esportivo adequado, representarão e manterão o espírito esportivo de um território e da nação.

Palavras-chave: Futebol. Era Tabárez. Formação desportiva.

Introducción

Los estudios sociales sobre las trayectorias deportivas vienen creciendo en la región. Así lo demuestran algunas producciones de Brasil (Guedes, 2018), Argentina (Murzi; Czesli, 2023) Colombia (Cortéz Díaz; Galak, 2021), Chile (Soto-Lagos; Cortes-Varas, Freire-Arancibia; Martínez-Vallejo; Jiménez-Fuentes, 2022), México (Castillo-Girón, 2022), y Uruguay (Benítez, 2019), entre otros. Para los estudios sociales en deporte, una trayectoria deportiva implica múltiples experiencias institucionales y personales atadas a dos relaciones. Una es la relación del deporte con las diferentes formas de ingreso económico de la disciplina (profesionalismo- amateurismo, becas, trabajo, zafra, franquicia, etc), que condicionan las estrategias de los grupos, comunidades, clubes, familiares y del deportista para sostener el nivel competitivo. La segunda depende de cómo se configuran los procesos de formación deportiva en instituciones que buscan el alto rendimiento, dado que los deportistas de divisiones formativas se proyectan con la esperanza de llegar a la profesionalización, no solamente para tener un

sustento individual, sino que, en muchos casos, conseguir el mejor ingreso salarial de la familia, logrando un estado de bienestar que sería imposible de otro modo (Murzi; Herbella; Sustas, 2000), (Rigo; Silva; Rial, 2022). La formación deportiva es una actividad estructurada en base a un alto grado de especialización, por pretender una eficacia productiva donde la organización-club despliega procedimientos y rutinas que tienen como objetivo principal el rendimiento corporal, a partir de la transformación de los cuerpos, lo que implica la modificación de hábitos y conductas a pesar de entregarse en muchas de las ocasiones a un futuro incierto (Murzi; Czesli, 2016). Por ello los deportistas se involucran a tal grado en los ciclos competitivos del alto rendimiento, que su ciclo vital (Arendt, 2009) se comienza a cronometrar por sus ciclos o períodos deportivos (Matveev, 2001): de preparación, de competencia y de reposo, microciclo, mesociclo, macrociclo, y en algunos casos morfociclo (Saja, 2014). Estos ciclos tienen un régimen sumamente exigente donde los deportistas se ven forzados a demostrar a sus entrenadores, compañeros, familias, barrios, fans y contrincantes, que invertir en estos cuerpos, su tiempo, su trabajo y su dinero, tendrá una retribución.

Este trabajo fue financiado por el programa de Iniciación a la Investigación (2023-2024) de la Comisión Sectorial de Investigación Científica (CSIC) de la Udelar, a partir del proyecto titulado: “El proceso de formación de futbolistas varones de Maldonado. Posibles trayectorias de incorporación a equipos de fútbol profesional a partir de la “era Tabárez”. Busca conocer y debatir sobre las tensiones que se producen, legitiman y/o reproducen en los espacios y prácticas de los futbolistas a partir del estudio de caso sobre las trayectorias deportivas de las denominadas “divisiones formativas” de fútbol en Maldonado. De esta manera, indagar en distintos espacios, con distintos actores y en distintas prácticas basadas en creencias y resoluciones institucionales; permite reconocer el carácter performativo del conocimiento sobre la trayectoria deportiva, lo que permite pensar en la existencia de diferentes formas de abordar e interpretar los procesos identitarios en la cultura (Grimson et al, 2011). La obra de Rosana Guber (2001) es la referencia de corte metodológico de este trabajo, ya que toma a la etnografía como una vía de conocimiento para comprender los fenómenos desde la mirada de los actores directamente involucrados en él, y cómo esto se relaciona con los procesos de reflexividad de quien investiga (Guber, 2001). Es decir, la forma en que las personas se relacionan entre ellas, y las formas en que estas relaciones se relacionan con las configuraciones culturales (Grimson et al, 2011) que a la vez definen un contexto social, histórico y político (en el que están inmersas), denotando ciertas moralidades y ciertas formas estéticas particulares. El objetivo es también detectar las situaciones en las que se expresan y generan los universos culturales y sociales en sus complejas articulaciones y relaciones en donde observar a los futbolistas

listas y sus prácticas cotidianas. También sirve para intentar comprender cómo de su impregnación histórica y comunitaria que constituyen su reciprocidad entre procesos y proyecciones estructurales e institucionales en la trayectoria deportiva.

En una primera etapa se realizó una búsqueda de antecedentes, así como de fuentes escritas, como ser leyes, decretos nacionales (ley del deporte, programa gol al futuro, decretos departamentales, que se hará referencia más adelante) y reglamentaciones de las competiciones. Luego la caracterización de la “era Tabárez”, en donde se realizó una búsqueda de fuentes escritas como ser el “proyecto Tabárez”, pero principalmente periodísticas como el artículo “Fin de la era Tabárez, el maestro que devolvió brillo a la Celeste” de la Redacción 180 de Radio del Sol³ y el artículo de la Diaria⁴ de Gerardo Caetano sobre el fin de la era Tabárez⁵, ambos medios de comunicación uruguayos. También se realizaron entrevistas a entrenadores y a directivos del fútbol de Maldonado. Por último, se buscó reconocer cómo repercutieron las políticas deportivas de la “era Tabárez” en el fútbol de Maldonado y cuál es el contexto particular del fútbol mencionado. En esta etapa se realizaron entrevistas a entrenadores, observaciones en distintos entrenamientos y partidos, con la intención de entender cómo están planteadas las trayectorias de los varones futbolistas del Departamento y qué significados se le otorgan (Grimson *et al.*, 2011), al intentar indagar el impacto de la era Tabárez.

Este trabajo se organiza a partir de contextualizar a) el fútbol de Maldonado, la conformación de la Liga Mayor de Fútbol de Maldonado (en adelante LMFM), b) cuáles son las opciones de los futbolistas al egresar del fútbol infantil y comenzar sus procesos juveniles, c) cómo se organizan las competencias y las posibilidades que tienen en el Departamento en las competencias de la Asociación Uruguaya de Fútbol (en adelante AUF). Luego intentamos caracterizar la noción de “era Tabárez”. Es decir, teorizar sobre el concepto de era, para luego traer algunos datos bibliográficos en relación a la discusión sobre la identidad nacional uruguaya y su vínculo con el deporte. Y, por último, presentar algunas fuentes vinculadas a la idea de “era Tabárez”, y con ello problematizar esta noción nativa y poder convertirla en objeto teórico. En el tercer apartado nos proponemos discutir la noción de trayectoria deportiva, a partir de lo que entendemos que implica este concepto, sus elementos y significados, y cómo se vieron afectadas estas trayectorias dentro de los parámetros de la “era Tabárez” y dentro de la perspectiva de modernización del deporte. En el último apartado, a partir de datos del campo traba-

3. Información extraída del sitio web oficial de la AUF. <https://www.auf.org.uy>.

4. Ganando un partido será campeón del campeonato.

5. Información extraída del Reglamento de competiciones de LMFM 2022. <https://www.ofi.org.uy/news>.

jamos la distinción entre clubes de barrio y clubes con formato de academia, y con ello problematizamos la noción de formación deportiva, la cual venimos discutiendo en la interna del Grupo de Estudios Sociales del Deporte⁶ (GESOCUDE).

Partimos de la hipótesis de que en las trayectorias deportivas persiste la noción de “espíritu deportivo”, articulada con el “espíritu emprendedor” para el caso de la era Tabárez, dado que la denominada era pretendió conciliar en las formativas de las selecciones, la relación entre la tradición futbolera uruguaya y los modos neoliberales en que el alto rendimiento deportivo está produciendo a los cuerpos de los deportistas. Por tanto, y a través de la noción del cuerpo como una realidad histórica, construida e interpretada por la cultura, permite preguntarse cuál es el tipo de cuerpo modelado por los procesos deportivos contemporáneos, y cómo la realidad actual de los contextos deportivos implica de la misma manera pensar los procesos de formación de los futbolistas vinculados a la vida de los jugadores y a la vida de sus familias.

1 El contexto del fútbol masculino juvenil en Maldonado

La Liga Mayor de Fútbol de Maldonado se fundó gracias a la unión de la Liga Carolina de Fútbol (en adelante LCF) y la Liga Capital de Fútbol de Maldonado (en adelante LCFM) el 28 de abril de 1995 en sesión de comisión de la Liga. La creación de la Liga se dio a partir de la disolución de las Ligas Federadas de Maldonado (LFM), estas incluían la LCF y la Liga de Fútbol de Zona Oeste (en adelante LFZO), que da paso a la creación de la LMFM⁷.

La LMFM está compuesta por equipos de Maldonado, Punta del Este y San Carlos, con un total de 26 equipos divididos en dos divisionales – A y B –. Los equipos son:

Inter Academy (A), Lobos Rugby Club (B), Artigas Juniors Fútbol Club (A), Central Molino Fútbol Club (B), Centro Cultural Democrático Punta Del Este (A), Club Alianza 5 (B), Club Atlético Barrio Rivera 33 (B), Club Atlético Fernandino (A), Club Atlético Ituzaingo (A), Club Atlético Libertad (A), Club Atlético Neptuno (B), Club Atlético Peñarol de San Carlos (A), Club Atlético San Carlos (A), Club Atlético San Lorenzo (B), Club Atlético San Martín (B), Club Barrio Perlita (A), Club Charruas De Maldonado (A), Club Defensor de Maldonado (B), Club Deportivo Gardel (B), Club Hipódromo el Peñasco (B), Club Kennedy (B), Club Nacional De Fútbol de San Carlos (B), Club Social y Deportivo Punta Ballena (A), Colon Fútbol Club (A), Institución Atlético Juveniles Del Campito Peñarol Fernandino (A).

6. Pertenece a la Organización de Fútbol del Interior (OFI).

7. <https://www.youtube.com/watch?v=8vMEpG7PnWg>.

Los equipos compiten en categorías juveniles y categorías de mayores: en sub 14, sub 15 y sub 17 en juveniles, sub 20 o tercera especial y mayores. También existen selecciones juveniles sub 14, sub 15 y sub 18, y la selección mayor. Las categorías juveniles juegan la copa de la LMFMM organizada en apertura y clausura. En la divisional “A” participan los 12 equipos marcados por una “A” anteriormente, en donde se enfrentan entre sí todos los equipos. En la clausura se juegan dos copas; en la copa de Oro juegan los 6 primeros equipos de la general (la suma de los puntos de las tres categorías –sub 14, 15 y 17–) y la de Plata los últimos 6, en las cuales juegan dos ruedas enfrentándose todos entre sí. El campeón de la copa de plata juega contra el campeón de la de oro (desde acá es por categoría), el ganador juega contra el campeón de la apertura, y el ganador juega contra el campeón de la anual (puntos de la apertura + puntos de la clausura). En caso que sea el mismo equipo tendrá ventaja deportiva⁸ el campeón de la tabla anual. Las categorías juveniles juegan la copa de la LMFMM organizada en apertura y clausura. La divisional “B”, participan los demás equipos marcados anteriormente con una “B”. El campeonato se organiza en apertura y clausura por categoría, en donde se enfrentan todos los equipos entre sí. El campeón de la apertura juega la final del campeonato contra el campeón de la clausura, en donde el campeón de la anual tendrá ventaja deportiva. Los primeros dos equipos de la anual por clubes (suma de todos los puntos de las tres categorías) de la divisional “B” ascienden a la “A” y los dos últimos equipos de la “A” descienden a la “B”⁹.

Existen otros dos cuadros que son del departamento, el Club Deportivo Maldonado y el Club Atlético Atenas de San Carlos, afiliados a la AUF. Ambos clubes tienen todas las categorías juveniles: sub 14, sub 15, sub 16, sub 17 y sub 19, y Deportivo Maldonado tiene las categorías tercera y primera en mayores, mientras que Atenas solo primera. Las categorías juveniles y las categorías mayores del primer equipo mencionado compiten en la división A o primera división profesional y en el segundo equipo, la primera compete en la división B o segunda división profesional y las categorías juveniles en división A. Ambos equipos se afiliaron al fútbol profesional Deportivo Maldonado en el año 1995 y Atenas en el 2001, y en la actualidad ambos equipos están gestionados por una asociación anónima deportiva (en adelante SAD).

8. Forma nativa de decir trabajar.

9. Forma nativa de decir que algo está exagerado.

La forma de disputa del campeonato de la divisional A de juveniles¹⁰ es a partir de un campeonato de apertura, la copa de oro, la copa de plata, una tabla anual por categoría y otra por club. La apertura tiene 20 equipos, mientras que la copa de oro (posicionados en el apertura del 1 al 10) y la copa de plata (posicionados en el apertura del 11 al 20) 10 equipos cada una. Es decir, cada equipo juega un mínimo de 28 partidos, a los que se pueden agregar las finales de los campeonatos, de uno hasta cuatro partidos, con posibilidades de jugar hasta 32 partidos en el año. Cabe destacar, que están activos aproximadamente cuatro mil jóvenes en los distintos clubes. Descienden los últimos tres clubes de la copa anual de plata y ascienden los tres primeros de la tabla anual de la copa de oro de la divisional B. Sumado a ello, los jóvenes tienen la posibilidad de ser citados en las selecciones juveniles sub 15, sub 17 y sub 20, y en los últimos años se están desarrollando selecciones sub 16 y sub 18 para acompañar más los procesos de selección y para poder captar generaciones más relegadas.

Los jóvenes en Maldonado tienen una amplia oferta en lo que corresponde a la posibilidad de jugar en un equipo de fútbol. En este escenario los adolescentes pueden optar/intentar jugar en un equipo de Montevideo, en Deportivo Maldonado o Atenas de San Carlos, o en algún equipo de OFI. Cualquiera de las decisiones que pueda tomar o en aquellas que tenga posibilidades de acceder, tendrá distintas repercusiones para sus trayectorias y condiciones familiares. Jugar en Montevideo implica alejarse de su familia y grupo de amigos, cambiar de barrio, de liceo, irse a vivir solos o a alguna pensión de los clubes, o cómo posibilidad viajar desde Maldonado todos los días (comunicación personal, 28 de febrero del 2023). En más de una de las entrevistas realizadas con entrenadores de fútbol de Maldonado, señalaron un desacuerdo y disconformidad en relación al funcionamiento del consejo de la LMF. Señalan que a la mayoría de los clubes no les importa las categorías juveniles, un ejemplo fue cuando: “votaron para que la sub 14 no sea obligatoria” (comunicación personal, 28 de febrero del 2023), a continuación, sostuvo, “por suerte, se sostuvo que para la general sumaban las tres categorías” (comunicación personal, 28 de febrero del 2023). Esta decisión provoca que los clubes que tienen todas categorías conformen la divisional “A” y los clubes que no, conformen la divisional “B”, pasando a haber una diferencia en cuanto a la cantidad de partidos disputados en el año (comunicación personal, 28 de febrero del 2023). Hay otras problemáticas asociadas a las fechas que comienzan las competencias, al tiempo de inactividad, los procesos de selecciones juveniles, entre otras, asociadas al desarrollo del fútbol juvenil en Maldonado.

10. Archetti (1985) pensaba al deporte como una “arena pública”, que habilitaba a pensar ciertos elementos que la sociedad y la cultura ponen en escena mediante el deporte. Permitía estudiar, en clave de geertziana, las formas que los actores perciben, actúan y manipulan el mundo en el que habitan. Las zonas libres permiten estudiar cuestiones vinculadas a la construcción de identidades locales, la violencia, la nación, las relaciones sociales y de jerarquía; y particularmente en los límites de la cultura, en los lugares más periféricos, donde el vínculo con el cuerpo y las prácticas corporales es donde se puede analizar los procesos por las cuales estas identidades se construyen.

2 “Era Tabárez” - ¿mito fundante de una identidad renovada?

En el planteo de Achugar y Caetano (1993) y Alabarces (2002) se define al fenómeno deportivo, y específicamente al fútbol, como hecho significativo en la construcción del imaginario nacional. Las victorias de la selección uruguaya de fútbol masculino de 1924, 1928, 1930 y 1950, así como la obtención en varias oportunidades de la Copa América; permitió generar un relato de excelencia, que fundamentó sus victorias por “el corazón y por ser más hombres”, al tomar como base discursiva principal de esas glorias, al mito de origen de esta comunidad imaginada (Anderson, 2021), que denominamos Uruguay: la garra charrúa. Esta fue la denominación en la que el espíritu deportivo o “tradición hecha carne” (Beltrán, 2006), fue incorporado a la identidad uruguaya. Para el autor, el espíritu deportivo se edifica en el *fair play*, que es un rasgo estructural y clasista - varonil del mito de origen del deporte británico, creado a partir de los rudos y desregulados juegos locales (Beltrán, 2006).

Para ese proceso de distinción, los jóvenes de las escuelas elitistas inglesas debieron crear una nueva tradición, que combinaba un reglamento de competición estricto con una interpretación civilizatoria y refinada para una confrontación de “maneras más finas” (Beltrán, 2006). Este fue un modelo de distinción de cuerpos y de prácticas, ya que la burguesía se identificaba con la habilidad y la especialización, en contraposición al dominio de la fuerza de otros grupos sociales plebeyos. Distinción que se materializaba en la protección de la filosofía defensiva de sus modos de estar en el campo denominada *fair play*, o “nuevo espíritu de la modernidad”, que en la actualidad refiere a la lealtad, la igualdad, el respeto y la búsqueda de la victoria (Beltrán, 2006, p. 5). De este modo, la imagen de algunos héroes futbolísticos provenientes de la clase trabajadora uruguaya, como ser Obdulio Varela y Ghiggia, construyeron un relato por el mandato de hombría, bajo el sentido común deportivo (Quiroga et al, 2020) que sostiene al fútbol como un espacio en el que “no hay lugar para flojos”, “no se puede hacer bulla”, “no achicarse”, “hay que dejar la vida en la cancha”, “hay que poner la pierna fuerte”. Coincide con un imaginario histórico de añoranza por el “Uruguay de los milagros” (Alsina; Mora, 2018). En esta misma línea, Achugar y Caetano (1993), mencionan que la identidad uruguaya estaba en crisis debido a la última dictadura cívico-militar (1973-1984), sumada a diversas crisis económicas, y particularmente en el fútbol debido a las escasas victorias del seleccionado nacional desde 1950 a la época. En esta etapa los relatos de victorias y de nuevos héroes deportivos fue casi nula, perdiendo la exponencial identificación con el fútbol metonímico nacional, así como la visibilidad del país a nivel mundial por medio de sus logros y deportistas. La etapa que comienza con Óscar Tabárez como entrenador de la selección uruguaya mayor de fútbol masculino, se conoce

como la “era Tabárez”, el cual intenta, además de los resultados deportivos, reconstruir estas expectativas y recuperar las discursividades sobre “lo nacional”.

Como ejercicio para esta investigación, fue un desafío la teorización de la categoría “era Tabárez”, que aparecía en el discurso nativo de diversas fuentes periodísticas y en redes sociales. Algunas de esas fuentes, fueron el libro “El camino es la recompensa” (2012), de Horacio “Tato” López, escritor y ex basquetbolista uruguayo; el artículo “Fin de la era Tabárez, el maestro que devolvió brillo a la Celeste” de la Redacción 180 de Radio del Sol; el artículo de la Diaria de Gerardo Caetano sobre el fin de la era Tabárez y el artículo de este mismo periódico titulado “Plan Maestro” (2017) de Agustín Lucas, poeta, escritor y ex futbolista uruguayo. Ambos trabajos, lejos de ser materiales académicos, traen algunas concepciones vinculadas a la “era Tabárez” y de la misma manera, las pautas principales de la propuesta deportiva del entrenador de la selección uruguaya mayor de fútbol masculino.

A su vez, algunos análisis de la era Tabárez, realizados por deportistas y periodistas. El proyecto de Tabárez, documento escrito y presentado que le brinda nombre a la era, tenía ciertas pretensiones explícitas, como ser: a) volver a poner a las selecciones juveniles y mayores de Uruguay en el primer nivel de la órbita mundial, y con ello, retomar el protagonismo en las competencias; b) propuso recuperar a los héroes futbolísticos que estaban olvidados en etapas pasadas; c) organizar los procesos juveniles, resaltando los valores del compañerismo, respeto, el orden y la disciplina; d) también instó a que las selecciones sean procesos educativos, lo que implicó la concepción de “formación integral” en todos los planteles, proceso que requirió profesionales de diferentes áreas; e. supuso la proyección a infraestructuras modernas en la competencia y en los entrenamientos (López, 2012). Por otra parte, en una entrevista realizada el 3 de noviembre del 2017, para el noticiero uruguayo del canal 10 de la televisión nacional, subrayado¹¹, el entrenador señala que estos procesos deben ser educativos para las familias también, debido a que los hijos son en muchas de las situaciones, parte del proyecto familiar, en donde aparece la carrera futbolística como la única posible para “rescatar” a las familias. Otro aspecto que señala en esa entrevista es la posibilidad de que la selección uruguaya recupere su visibilidad y credibilidad, que “los héroes” sean reconocidos a nivel mundial. Pero también que los equipos uruguayos mejoren su nivel, al buscar como consecuencia de ello, una mejora valorización de mercado (López, 2012).

Mencionado en otra de las entrevistas con entrenadores, y que además apareció en casi todas las entrevistas, es que el principal aporte que le hace al fútbol uruguayo la era Tabárez es la “modernización” (comunicación personal, 22 de marzo del 2023). En

11. Grupo de Investigación inscripto en el Departamento de Educación Física y Deportes del ISEF, CSIC #882942.

este sentido, pensar las relaciones de los futbolistas juveniles con los cuerpos deportivos implica tener en cuenta la posibilidad de configuración de los capitales corporales (Wacquant, 2006), para este caso, cómo confluyen el capital cultural (deportivo - identitario) con el capital social (histórico y colectivo) y con el capital económico. Desde esta perspectiva podemos entender las trayectorias deportivas como espacios de producción y reproducción de significados culturales, en donde circulan emociones, procesos de significación corporales, relaciones de poder, entre otras (Bandeira, 2017), y que, para el caso particular del fútbol, implica una de las grandes contradicciones del sistema deportivo de élite. Por un lado, la recuperación de la fascinación de las masas a través de emociones y significaciones corporales que remiten en muchos de los casos, a símbolos nacionales y recuperación de tradiciones populares. Por otro, la obligada adaptación del cuerpo para obtener un rendimiento que logre vencer en un margen de élite cada vez más existente, y que se actualiza de forma permanente al deporte global.

La “era Tabárez” comienza en su segundo período como entrenador de la selección masculina de fútbol de Uruguay, de Oscar Washington Tabárez, desde 2005 hasta el 2021. En estos años significó para escritores como Agustín Lucas (2017) la transformación de “la selección uruguaya de una organización en perpetua improvisación a un proceso ordenado y exitoso”. Para lograrlo, se propuso diversos cambios en la conformación de los planteles, de los cuerpos técnicos, en la conformación de las competencias, en los relacionamientos con los jugadores, en la planificación, en la imagen de los jugadores, en la educación, y en la constitución de héroes deportivos nacionales de la selección uruguaya de fútbol masculino. En su proyecto también aparece el concepto de “formación integral” del deportista, que atiende a características normativas, táctico-técnicas y disciplinarias del fútbol, a lo que denomina educación en valores y conductas socialmente adecuadas (López, 2012). El “proceso” tendió a recuperar el sentido de “pertenencia, adhesión y solidaridad” (Lucas, 2017); al control de su educación curricular y a la ampliación de los universos culturales; comprendió la formación profesional de los futbolistas, al atender exigencias y limitaciones del fenómeno deportivo; por interpretarlo como fenómeno masivo, cultural y social.

De esta manera, el proceso Tabárez, producto de un proyecto que se propone de su autoría, pasó a denominarse “era Tabárez”, lo que se concibió como una política deportiva nacional, cuyas discusiones llegaron a la Comisión Especial de Deporte del Parlamento uruguayo. Buscó impactar en el rendimiento y la educación de los futbolistas de formativas, a partir de concepciones, corporalidades y discursos, que vinieron a llenar las convicciones sobre una identidad uruguaya en supuesta “crisis” debido a que no ha habido éxitos o hitos, y no se reconocen fuertes héroes deportivos desde 1980 (Achugar; Caetano, 1993). Estos aspectos funcionaron como fuertes herramientas

sociales y culturalmente compartidas y aceptadas. En este caso, en relación a lo que es moralmente aceptable o estéticamente agradable, o lo contrario; que puede así usarse para promover, proteger o legitimar intereses y discursos particulares con los cuales identificarse y diferenciarse. En este sentido, pensar la “era Tabárez” como un momento particular del fútbol uruguayo. Una “era”, según Bloch (1982) es marcada por una fuerza particular, es decir, a partir de un hecho, personajes o suceso de hechos que pautan la necesidad de transformación. Una era, marca el dominio de un personaje, hecho, grupo o procesos. Estas transformaciones se pueden dar por fenómenos económicos, políticos, sociales, culturales o tecnológicos (Bloch, 1982). Así como una era marca un “antes” y un “después” no necesariamente cronológico, sino atribuido a otros fenómenos al decir de Bloch (1982), estos cambios quedan impregnados en la historia del campo al cual nos referimos. El discurso nativo en esta investigación, da cuenta de que la solución a la crisis de identidad en la sociedad uruguaya que fue planteada por Achugar y Caetano (1993), tiene como solución a la era Tabárez, dadas las características de visibilización y competitividad. El relato construido, señala al proceso como exitoso, principalmente por el proceso que supuso una “reforma del fútbol uruguayo”, y que devino según los actores en el reconocimiento de héroes futbolísticos a escala mundial, en donde señalan la modernización de los procesos de selección.

Entonces, la intención de identificar y poder construir la noción de “era Tabárez”, permite inaugurar una perspectiva para comprender a las políticas desarrolladas por las instituciones dedicadas a apoyar a las trayectorias deportivas, que en esta investigación tienen particular abordaje en las trayectorias de los jugadores de fútbol del interior. Por ello se propone identificar los valores deportivos en este proceso, la idea de formación corporal y formación deportiva, que permitirán reconstruir estas trayectorias. Como parte de esta iniciativa, consideramos ineludible recabar la perspectiva de los profesionales que fueron parte de estas trayectorias de los varones futbolistas en Maldonado.

3 Las trayectorias deportivas de los futbolistas de Maldonado en el marco de la “era Tabárez”

Las trayectorias deportivas de los futbolistas implican el análisis sobre períodos de la vida del deportista, donde intervienen diversos actores, espacios y prácticas, las cuales están impregnadas de distintos significados, en donde encontramos los procesos de subjetivación de los deportistas, es decir, podemos observar procesos de educación corporal para identificar y para analizar esta producción de subjetividades (Focault, 1990). Siguiendo la línea del autor, podemos identificar la adquisición de capitales corporales, referidas a las relaciones de los sujetos con sus cuerpos (Focault, 1990). En don-

de podemos encontrar los modos de cuidarlo, las motricidades, los gestos deportivos, las formas de relacionarse con los distintos actores del campo. Esta relación de los deportistas con sus cuerpos se configura a partir de la inserción en un sistema deportivo, el cual está atravesado por reglamentaciones, políticas, aspectos culturales y sociales, sensibilizaciones, significados, entre otros. Es decir, a través de sus trayectorias deportivas podemos observar cómo de maneras explícitas, y en ocasiones imperceptibles, se modifican los esquemas corporales de los futbolistas, cómo entienden la lógica deportiva y cómo se aprehenden parámetros sociales de convivencia, a lo que denominamos faceta subjetiva de la formación deportiva.

Muy distante del juego, pertenecer a las categorías juveniles del interior implica sostener procesos de entrenamiento en la combinación de a ciclos competitivos y ciclos vitales, basados en estímulos que devengan en el aumento del rendimiento corporal cuyo principal parámetro es el profesionalismo, por ser una salida laboral, pero también como parte del reconocimiento del campo del fútbol y como parte del negocio del sistema deportivo (Brohm, 1992). En la medida que se asciende de categoría, los jugadores pueden pasar por múltiples instituciones deportivas y educativas durante su trayectoria, tanto por el afán de las instituciones de captar a los mejores jugadores, como porque si su rendimiento no es el ansiado, los jugadores pueden ser dejados “libres” por parte de los clubes. El aumento de categoría etárea - ciclo de vida - aumenta la exigencia, y por ello el ciclo competitivo comienza a cronometrar la vida de los jóvenes en base a los entrenamientos y partidos organizados en temporadas (Murzi; Czesli, 2023).

El “quedar libre” implica un alto nivel de frustración para los deportistas, ya que además de sentir gusto por el deporte, como una de las pocas actividades que le generen esta sensación, lo consideran una futura inserción laboral. Esta libertad es en algún punto, no tener un “dueño” o un club de pertenencia, no firmar un contrato, cuestión anhelada en sus trayectorias deportivas. De este modo al futbolista se le extirpa la posibilidad identitaria de pertenecer a una institución, en tanto colectivo que le brinda cierto sostén en su ciclo vital, y en este caso, lejos de ser salarial en el momento formativo, es un traslado de responsabilidades al deportista, sobre la esperanza de vida, éxito y felicidad. Así lo afirman algunos técnicos de Maldonado entrevistados.

Ya desde el baby fútbol los vemos, niños que llegan con las expectativas de sus padres, los adultos le van sacando las ganas de jugar a los chiquilines. Aunque estas presiones hoy en día se han alejado de las canchas, porque algo se ha concientizado, tarde o temprano el reclamo recae en los entrenadores: ¿por qué juega tan poco?, ¿por qué juega “fulanito”? Siempre nos hace perder. A mi hijo le gusta jugar de delantero. Entre otras cosas que nos dicen los padres al no estar contentos con nuestras decisiones (comunicación personal, 24 de noviembre del 2022).

Es increíble la cantidad de niños que juegan al fútbol en Maldonado, y también es increíble la cantidad de familias que depositan toda la responsabilidad de felicidad en ellos. Desde que llegan al club ves que las familias depositan mucho y esperan mucho de ellos, desde presionar a los niños y entrenadores para que jueguen en determinada posición, utilizan los zapatos y las canilleras más caras, los peinados, la ropa, enojos y frustraciones. También la iniciación temprana con entrenadores personales y la realización de ejercicio “físico” extra al que ya hacen. Estamos diciendo que niños de 10 años, van 8 horas a la escuela, practican dos veces por semana en el club y además concurren con un entrenador personal 2 veces más en la semana, sin tener en cuenta otras actividades (inglés, piscina, música, etc.). En mi humilde opinión le estamos pidiendo mucho a los niños, los estamos “quemando” (comunicación personal, 24 de noviembre del 2022).

En los estudios recientes sobre las trayectorias deportivas, las problemáticas asociadas al traslado de responsabilidades y esperanzas de futuro depositadas en niños y jóvenes varones, se agrega la problemática de la clase social de la cual surgen algunos de estos deportistas, dado que en muchos de los casos provienen de lo que los autores denominan “clase pobres” (Guedes, 2018) o “populares” (Alabarces, 2002). Los estudios de estas clases en la región, afirman que existe una valoración positiva del esfuerzo en relación al trabajo, lo que reafirma discursivamente su condición de clase por dos lados: a la interna como “los trabajadores” y a la externa como “aquellos de su clase que trabajan”. Discursos que generan un reconocimiento valorado positivamente, pero que se ve acompañado de obediencias, autocontrol, respeto y sumisiones por la autoridad, para que se valide frente a otras clases sociales que ejercen ese rol (Chaves; Fuentes; Vecino, 2017) de técnico, jefe, gerente o político del deporte en este caso. Esto se agrega a las características actuales encontradas en los estudios sobre deporte, en el trabajo de Murzi y Czesli (2018), al exponer que las dos imágenes centrales que representan a estas clases como ser el “portero” y el “pibe”, han sido reemplazadas. El potrero, en tanto espacio territorial tradicional de formación de los futbolistas, fue reemplazado por las escuelitas de fútbol (de barrios, organizaciones, políticas públicas y/o colegios) o los clubes. El pibe como modelo etno-fenotípico de futbolista, caracterizado por la irreverencia y la creatividad, ha sido reemplazado por una visión del deportista asociado al trabajador sacrificado, como modelo de futuro profesional disciplinado.

A partir de los aportes de los entrenadores de fútbol de Maldonado, aparecen algunos aspectos que componen estas trayectorias, como son las charlas entre amigos, familiares o conocidos, la composición de los clubes, los videojuegos, la televisación de los espectáculos deportivos y las trayectorias de los futbolistas que están en la escena mundial, los clubes (comunicación personal, 25 de marzo del 2023), “para los gurises, los clubes son fundamentales, aprenden a ser jugadores de fútbol, por eso tenemos

que ser profesionales” (comunicación personal, 25 de marzo del 2023). Los futbolistas uruguayos son parte de un proyecto familiar en donde sus carreras como futbolistas profesionales, es una de las pocas alternativas que tienen para tener certezas de sus futuros y el de sus familias. Siendo los futbolistas considerados como proyecto a futuro, las trayectorias están sometidas a experiencias de éxito o fracasos, de lesiones, de trayectorias sugeridas, de una forma de vida, de exigencias y expectativas. Pensar las trayectorias deportivas configuradas por la cultura, presupone comprenderlas a través de mitos y leyendas deportivas, experiencias, logros y narrativas, significa entenderlas a partir de situaciones corporales y motrices, valores y patrimonios institucionales (Cachorro, 2010).

Si tomamos como fuente el proyecto de Institucionalización de los procesos de la selecciones nacionales y de la formación de futbolistas que comenzó en el 2006, encabezado por Oscar Washington Tabárez, tuvo como objetivo el establecimiento de políticas de selección a nivel nacional, para dar permanencia y continuidad a la organización formativa integral (incluyendo a los aspectos técnicos, los éticos y disciplinarios) de los futbolistas seleccionados, para elevar los rendimientos deportivos para assimilarlos a la élite (Tabárez, 2019).

De forma nativa, a este proceso pautado por las eliminatorias mundialistas (2006-2018) se le denominó “era Tabárez”, ya que fue redactor y responsable de la propuesta. Los objetivos 6 y 8 del proyecto, son los que proponen posibilidad de otorgarle mayor visibilización a la selección uruguaya masculina de fútbol y hacer más viable las trayectorias deportivas de los futbolistas, dotando a sus técnicos e instituciones de “planes, programas e implementos que permitan la competición significativa y la formación integral de los futbolistas jóvenes en su medio autóctono (Tabárez, 2019). Los aspectos señalados en relación a proponer ciertos valores y conductas a las prácticas en los espacios pertenecientes a los seleccionados, supuso generar una mayor la credibilidad en el proceso y definir condiciones que implicaron la producción de discursos dentro de determinados parámetros.

En este sentido se comprueba en esta era un cambio que los procesos formativos, con un sistema deportivo compuesto en conjunto con las reglamentaciones de las competencias, la estructura de las selecciones nacionales, los procesos de socialización, el reconocimiento de héroes, los vínculos y las relaciones de poder, configuran las nuevas identidades pretendidas para los futbolistas que atravesaron estos procesos. Implicó a su vez, pensar ciertas estructuras sociales, que permitieron estudiar las representaciones de los futbolistas juveniles en sus trayectorias deportivas con expectativa a ser futbolistas profesionales aspirantes a participar de los procesos de selección.

4 La formación deportiva: entre los clubes de barrio y las academias

El fútbol es considerado una de las manifestaciones sociales y culturales con mayor impacto para los uruguayos, y la posibilidad de ser futbolistas profesionales es el sueño de muchos jóvenes. Las trayectorias deportivas como políticas corporales, comprenden sensibilidades y particularidades que las ubican dentro de las reglas del mercado (Majul, 2018). El futbolista es una construcción social y cultural (Czesli; Murzi, 2016), por lo que somos una realidad histórica, somos aquellos cuerpos modelados por el sistema deportivo hegemónico (Quiroga, et al), es decir que el deporte, y por lo tanto lo que implican las trayectorias deportivas, curten el cuerpo (Mora, 2019). En este camino, otro de los elementos mencionados por los entrenadores, son los formatos de los clubes de fútbol infantil y juvenil, los cuales son clasificados por el formato “club de barrio” o formato “academia”. Esta división me permite problematizar las trayectorias deportivas dentro de los parámetros hegemónicos deportivos, lo que implica pensar los procesos formativos desde las intersecciones de género y clase social, y con ello, pensarlos como propuesta curricular.

Es necesario abordar esta diferencia, para comprender las estructuras deportivas por las cuales circulan los jóvenes en Uruguay. Los clubes de barrio son denominados como “aquellos clubes que los labura¹² su gente” (comunicación personal, 28 de febrero del 2023), son señalados como clubes humildes, inestables económicamente, con poca posibilidad de pagar salarios de profesionales, compuestos por jóvenes de los barrios, escasez de materiales deportivos e infraestructura adecuada para la práctica deportiva. Son clubes además que no cobran cuota social o cobran una cuota muy baja, que no es necesaria para ser parte del club; no tienen la posibilidad de hacer grandes inversiones, ni tampoco contratar demasiados profesionales, sino que realizan esfuerzos a partir de colectas con los familiares para pagar a los profesionales; realizan beneficios para sustentar parte de las economías necesarios para poder competir en la LMFM.

Por otra parte, están los clubes con formato “academia”¹³, los cuales son modalidades que han crecido estos últimos años, en donde clubes profesionales reconocidos venden sus franquicias que contiene el nombre del club, la indumentaria, un programa formativo, materiales deportivos, entre otros elementos que componen las estructuras de estos formatos de instituciones formadoras. “Estos clubes se llevan todos los guri-

12. En Maldonado se instalaron este formato de club a partir de la Academia del “Chispa Delgado” en el año del año 2017, la franquicia del Real Madrid, del Atlético Madrid y del Villareal (estas funcionan en los meses de verano en un formato de “colonia” o “guardería”) y por último la franquicia del Inter de Milán (esta con un formato de club que actualmente está compitiendo en la LMFM).

13. Historiador y politólogo, Doctor en Historia, uruguayo, docente de la Facultad de Ciencias Sociales, Udelar.

ses de los clubes, los desarman, porque tienen todo el color¹⁴ y venden algo fantástico” (comunicación personal, 23 de marzo del 2023). Estos lugares cobran cuotas sociales muy elevadas, lo que genera un mecanismo de exclusión y de selección complejo para las trayectorias deportivas. Lo que me permitió observar que genera un sistema de desigualdad en relación a las posibilidades económicas de las familias para acceder a estas propuestas y de la misma manera una exigencia muy grande para aquellos jóvenes que quieren seguir sosteniendo su lugar.

La diferencia se observa en la línea señalada de la “modernización” de los procesos de formación, en donde vemos instituciones que sostienen un poder discursivo que intenta transmitir un capital cultural hegemónico al cual se le inculca ciertas habilidades físicas y la educación corporal, bajo los parámetros de formación integral, mejora en la socialización, en las posibilidades de éxito y en la similitud con las expectativas (comunicación personal, 28 de febrero del 2023). El fútbol en Uruguay es una práctica que tiene un lugar especial en el imaginario social y la proyección de los colectivos. Sabemos que es una práctica a la cual se le atribuyen diversas expectativas, pero a contrapartida de ello se estima que menos del 1 % alcanzan la élite o la posibilidad profesional. De esta manera, podemos entender al fútbol como una tradición y cómo vehículo de integración nacional e internacional, donde convergen distintas representaciones en relación a las particularidades de los escenarios deportivos, el espacio público, de encuentro y de ideales y valores deportivos.

Hasta aquí, sostenemos que el SDH produce el sentido común deportivo, definido por un grupo particular de actores, del cual podemos describir tres características fundamentales: a) que es una operación que se manifiesta más allá de la conciencia de los sujetos; b) que sincroniza discursivamente con otros sistemas hegemónicos (biológico, económico, político, sanitario, social, etc.); c) que su dispositivo, acusado de mecánico fagocitador social, se denomina deportivización, cuya principal manifestación hegemónica –aunque no la única– es el deporte espectacularizado; y por ende, su principal producto encarnizado visibilizado es el héroe deportivo hétero-cis-normativizado (Quiroga et al, 2022, p. 260). Un sistema hegemónico que se organiza según las competencias, expresada en la posibilidad y la perfección individual entendida como el campeón-récord-espectacular. Se complementa con la idea de bienestar corporal (Altuve, 2018) mediante el consumo del cuerpo, por el cuerpo y para el cuerpo; a través de las técnicas y lo tecnológico, y la mercantilización de todos los aspectos que conforman el fenómeno deportivo (Quiroga et al., 2022).

14. https://www.180.com.uy/articulo/85474_fin-de-la-era-tabarez-el-maestro-que-devolvio-brillo-a-la-celeste.

De esta manera, la idea de biocontrol de los cuerpos asegura su mediatización y la mercantilización del fenómeno deportivo en su más amplio espectro, “obturando a los Estados a neoliberalizar al deporte, donde su único formato y producción pareciera que es la relación capitalista de sujetos capitalistas” (Quiroga *et al.*, 2022, p. 261). El argumento del SDH propone el consumo y el cuidado de los cuerpos, en relación a las políticas o disposiciones que entienden al deporte como salud o que aleja a los adolescentes del consumo de drogas y de la calle, desde esta perspectiva y al problematizar el deporte desde esta perspectiva, en estos procesos se preocuparon por la tecnificación, reglamentación y exclusión de aquellos que no logran ejecutar una determinada destreza o no son funcionales al sistema (Benítez, 2021).

Su fundamento era el vetusto modelo piramidal del SDH, aquel que nos indicaba que una gran base deportiva sería como consecuencia, un aumento de las posibilidades de tener más resultados en la élite deportiva. Si observamos más de cerca esta relación aparentemente porcentual y políticamente inocente, que ignora la captación de talentos en tanto serie de métodos científicos-técnicos para economizar el gasto y aumentar las probabilidades de éxito, podemos avizorar un vidrioso argumento que se traslada del campo de la economía política al campo del deporte y justifica a los «semilleros deportivos», aquel que nos anuncia desde la existencia de la plusvalía que la producción y la distribución no tienen porqué tener una relación equitativa (Quiroga *et al.*, 2022, p. 262).

A fin de cuentas, se materializa la filosofía de la educación física y el deporte vinculado a la comparativa de cuerpos objeto, cuerpos suficientes, insuficientes o deficientes. En donde las diferencias individuales se comprenden como una variable netamente técnica, que califican a los individuos a partir de los parámetros biológicos y las posibilidades técnicas, sin que haya una influencia sociocultural en relación al rendimiento. Estas técnicas, o “medios técnicos”, según Miguel Pedraz (2010) son construidos, concebidos y aplicados a la concepción del ciudadano, del deportista, de una calidad de vida y de la idea del héroe deportivo cómo viva imagen de cualquier proyecto deportivo. “El SDH tiene la capacidad de producir discursos sobre la hegemonía cultural, o dicho de otro modo, produce hegemonía” (Quiroga *et al.*, 2022, p. 262). Y más allá de plantear que es un mecanismo eficiente de control, como plantea el trabajo de Quiroga *et al.* (2022), permite pensar los procesos de subjetivación del fenómeno deportivo, es decir, y haciendo referencia a la idea de “club de barrio” / “club academia”, permite entender una forma de pensar el deporte y particularmente en este caso, permite modelar las trayectorias deportivas.

Y esto se vincula con la idea de la educación del cuerpo deportivo (Quiroga *et al.*, 2022), en donde los parámetros establecidos cómo válidos en el SDH, donde el cuerpo debe pasar por todas las transformaciones, tecnologías y experiencias, parámetros que implican un compromiso corporal total.

Es clasista y racista, cada vez que puede reafirma el discurso de las aptitudes físicas según la raza. Sanciona la gordura, excluye a las discapacidades y las clasifica; es meritocrático, promueve valores como la virilidad, el sacrificio y el esfuerzo individual; pero paradójicamente, siempre basa la justificación de sus políticas institucionales en la idea de la igualdad de oportunidades asegurada (Quiroga *et al.*, 2022, p. 262).

El SDH elige a los más aptos para la competencia deportiva, y dejan por fuera a las corporalidades abyectas o disidentes, o hacen más laborioso el camino hacia los mismos criterios, en este sentido la lógica del “club academia” permite traer la discusión de Benítez (2020) en relación a pensar la estructura estructurante del fútbol Infantil, y en mi caso el fútbol juvenil en vínculo directo con las organizaciones y con el fútbol profesional. El SDH va normalizando los procesos de inclusión y exclusión de las personas; las formas de relatar la historia y los ideales hegemónicos de héroe deportivo; las relaciones de poder; la organización política, a través de los parámetros de una masculinidad dominante, de una clase dominante y de una cultura dominante (Quiroga *et al.*, 2022). Los clubes con formato de academia de formación responden a cierta estructura vinculados a procesos de exclusión deportiva en base a los ejes económicos en relación a la cuota; a la infraestructura y a la lejanía del complejo deportivo de los centros urbanos, lo que implica una necesidad de tener transporte; en base a la contratación de profesionales y al presupuesto del club para comprar materiales y comprar publicidad y propaganda; tienen vínculo directo con futbolistas o ex-futbolistas profesionales, lo que posibilita mayor demanda en cuanto llegada a la población. “Se venden constantemente, ves en el pueblo los carteles de publicidad, hasta los escuchas en la radio, acaparan todo, todos los niños quieren jugar ahí” (comunicación personal, 28 de febrero del 2023).

Los clubes con formato academia responden a una franquicia de un club o de una licencia de un programa de entrenamiento, de esta manera ingresan a un mercado vinculado a los espacios de formación del fútbol, con la intención de llegar a más países y expandirse, y con la intención de establecer un semillero deportivo. En la línea de la noción del deporte para todos y el deporte como derecho humano (Benítez, 2020);

La UNESCO y UNICEF mantienen un papel central en el deporte y las prácticas corporales. Se propone referenciar algunos elementos centrales que ayuden a visualizar la relación del deporte con los objetivos priorizados por las diferentes agencias especializadas de la ONU que encuentran una sintonía discursiva con los organismos internacionales del deporte (FIFA y COI principalmente), aliados estratégicos tanto para promocionar la práctica deportiva como para promover el desarrollo humano (económico). Así, las políticas del deporte a partir de la legitimación de la ONU comienzan a mantener estructuras nucleadas bajo los objetivos promovidos por este organismo y sus agencias

especializadas. De este elemento puede emerger la naturalización educativa, saludable y vinculada con la paz y su más profunda relación con la economía en un contexto de revisión y profundización capitalista (Benítez, 2020, p. 135).

El discurso deportivo de la productividad pretende que los sujetos deban comprometerse y entregarse plenamente a su actividad profesional. Esto implica una construcción meritocrática e individual de las trayectorias deportivas, vinculando en este caso las etapas de formación inicial y juvenil directamente con el fútbol profesional, y en un formato de producción. Según Featherstone, somos parte de una era en la que existe un estrecho vínculo entre la cultura, la economía y la sociedad (1991). Por un lado, este formato de club asegura, al menos, que los y las entrenadoras sean personas con formación vinculada al fútbol, Licenciados/as en Educación Física y Técnicos/as Deportivos, “estos lugares tienen la posibilidad de contratar profesionales, profes y entrenadores, que no asegura ningún éxito, pero por lo menos sabes que el tipo o la tipa algo de idea de la cosa tiene, escuchó de un docente las cosas que no se deben hacer y las cosas que sí” (comunicación personal, 22 de marzo del 2023). Por otro lado, tienen dentro de su personal, ex jugadores de fútbol profesional, lo que provoca un factor de atención por parte de los niños y las niñas, que quieren ver y jugar con su héroes y heroínas. “Además estos clubes se alejan de los barrios de Maldonado y se ubican en complejos deportivos propios o alquilados en la periferia de Maldonado y San Carlos, lo que provoca que no todos puedan llegar tan fácilmente” (comunicación personal, 22 de marzo del 2023). Siguiendo esta misma idea, otro de los entrenadores mencionó “más allá que son cuotas elevadas para cualquier familia y las canchas están lejos, las familias están eligiendo este formato de club, cómo si les asegurara algo” (comunicación personal, 28 de febrero del 2023).

Estas lógicas, las cuales vienen configurando el contexto de los clubes deportivos, tiende a “despolitizarlos”, en el sentido que los alejan de los barrios, que las arenas sociales deportivas se vienen alejando de las zonas libres¹⁵ (Archetti, 1985) que veníamos problematizando, en donde actualmente se acercan a la lógica del consumo, a las relaciones configuradas en torno al deseo y el placer, y a parámetros morales y estéticos particulares (Featherstone, 1991). Es así que estos proyectos aumentan su valor, de tal manera que provocan una distinción social en relación a otros formatos de clubes, los cuales son parte de la lógica del barrio y de la vida de las familias. En este sentido, en los proyectos deportivos de los clubes “academia” se mencionan objetivos de formación integral de niños, niñas y adolescentes, así como atención personalizada y la contratación de profesionales del deporte y ex jugadores de fútbol. Esta posibilidad de controlar

15. <https://ladiaria.com.uy/deporte/articulo/2020/7/gerardo-caetano-lo-que-hizo-tabarez-fue-recuperar-la-historia/#:~:text=Y%20eso%20se%20asoci%C3%B3%20malamente,volver%20a%20ser%2C%20est%C3%A1%20fundido.>

los procesos formativos, de establecer un control personalizado de los progresos, establecer metas y competencias, marcar una diferencia de condición, y recuperar valores y conductas deportivas que tienden al rendimiento son las bases programáticas de estos proyectos deportivos. Los cuales conjugan la visión de la tradición de la cultura deportiva uruguaya, vinculado al concepto de garra, del compañerismo, de lo solidario, del compromiso y de la entrega en las actividades, con el modelo neoliberal de la vida actual.

Desde niños se busca una posibilidad de una trayectoria deportiva que logre hacer coincidir el ciclo competitivo con el ciclo de vida, lo que permite clasificar el mundo social en categorías de personas (Featherstone, 1991). Los cuales utilizan valoraciones, imágenes, signos y significados que permiten cubrir la proyección o los sueños familiares, y las fantasías y deseos de lograr el tan anhelado contrato profesional. Esta conceptualización permite entender las lógicas del consumo (comprendidas, en este caso particular, en relación a la elección de las familias de los clubes) a partir del predominio del valor de cambio (Featherstone, 1991), que posibilita visibilizar el espíritu emprendedor en un mismo nivel con el espíritu deportivo. En el sentido de la posibilidad de asumir un valor simbólico en los procesos formativos que buscan la lógica del rendimiento, del control corporal y de la recuperación de viejos valores deportivos que hacen a la vida en sociedad organizada.

Sigue siendo la expectativa de muchas familias, el éxito deportivo, la firma de un contrato profesional, emigrar a Europa, ser parte de un proceso de selecciones, tener reconocimiento a nivel mundial, y sobre todo tener la posibilidad de asegurarse de un rédito económico importante y en la mayoría de los casos mejorar la calidad de vida de toda la familia, en pocas palabras, los jóvenes pasan a ser un proyecto familiar con foco en el bienestar y la felicidad.

Estas expectativas en la era Tabárez, tuvieron que lidiar con la concepción neoliberal que hace de la sociedad una empresa conformada por empresas, en tanto nueva forma subjetiva que produce sujetos productivos de las sociedades industriales. Es decir, la era Tabárez fue en paralelo, un intento por recuperar ciertos aspectos de la identidad nacional, pero a su vez, la producción del deportista como sujeto neoliberal en formación como parte de un correlato de rendimiento y goce de condiciones flexibles, precarias y sumisas que hacen a la actualidad neoliberal, que en opinión de Dardot y Laval (2013), hacen a una economía psíquica que constituyen un dispositivo eficaz: porque transforma a sujetos que nunca se hubieran transformado espontánea o voluntariamente en sujetos neoliberales. Para ello fue necesario generar una “estrategia sin estrategias”, aplicables al control del cuerpo y mediante la organización de los ciclos vitales (nacimiento - infancia - trabajo - ocio - reposo - familia - otras relaciones) en ciclos productivos de control y producción de los individuos, en tanto recursos humanos necesarios para la actividad económica, es decir, cuerpos aptos para la sociedad de consumo, mediante un

adiestramiento de los cuerpos y una gestión de los espíritus autónomos pero serviles (Dardot; Laval, 2013). Para esto es necesario que las empresas generen una racionalización del deseo, que encuentra como fundamento a la “empresa de sí”. Así, el deporte neoliberal produce individuos competitivos y competentes de manera que busca maximizar su capital humano en los diversos dominios del sistema deportivo, el cual debería poder calcular sus gastos, ganancias y porvenires, pero además, debería poder transformarse de manera permanente para tornarse cada vez más eficaz, en un supuesto dominio de sí, por lo que, su proyecto personal se torna el proyecto de su empresa.

Reflexiones finales

El artículo tiene la pretensión de mostrar, a partir de un estudio de caso, un posible entramado conceptual para estudiar la formación deportiva dentro de las trayectorias deportivas. En síntesis, estudiar las trayectorias deportivas supone conocer la vida entera del deportista, tomando como principal referencia a la formación deportiva. Por su parte, para estudiar a la formación deportiva, debe tenerse en cuenta que tiene por objetivo general la formación de profesionales, amateurs y consumidores (Benítez; Falchi; Pesce, 2023), mediante un proceso de inscripción del deportista en los ciclos deportivos, que cuenta con dos facetas. La faceta subjetiva, es decir, cómo incorpora el deportista a la formación deportiva. Y la faceta instituyente, o cómo el sistema deportivo produce y reproduce herramientas (documentos, costumbres, prácticas, rituales, mitos, héroes, etc), para entre otras cosas, organizar esta formación.

Como conclusión general podemos afirmar, que el proceso Tabárez devino en la “era Tabárez” por generar un cambio de paradigma para la visión sobre las formativas de las selecciones nacionales, ya que articuló discursivamente el alto rendimiento deportivo, principal empresa neoliberal corporal, con la conexión identitaria a partir de ejercicios de añoranza sobre etapas pasadas, históricas y victoriosas que refuerzan una idea de comunidad imaginada como nacional, y la importancia por la educación de los futbolistas en tanto búsqueda de una supuesta “formación integral”, para la cual se incorporaron estrategias de gestión institucional, políticas (gol al futuro, entre otras) y actores profesionales de diferentes áreas a los procesos de formación (gestores, nutricionistas, médicos, asesores de marketing, publicistas, trabajadores sociales, etc). A su vez durante esta era, los procesos de formación en las trayectorias de futbolistas pertenecientes a las formativas de Maldonado, tuvieron que lidiar con discursos de arraigo identitario a un espíritu deportivo que remitió a la tradición futbolera nacional, con una actualización de los individuos al espíritu empresarial, por la influencia del neoliberalismo que toma al sistema deportivo como objeto de intervención.

Referencias

ACHUGAR, Hugo; CAETANO, Gerardo. **Identidad uruguaya: ¿mito, crisis o afirmación?** Montevideo: Ediciones Trilce, 1993.

ALABARCES, Pablo. **Fútbol y Patria: el fútbol y las narrativas de la nación en la Argentina.** Buenos Aires: Prometeo, 2002.

ALSINA, Diego; MORA, Bruno. Yo nací cantando gol. Fútbol y murgas en Uruguay: identidades y procesos colectivos en la ciudad de San Carlos de Maldonado. **Revista de Ciencias Sociales**, v. 27, n. 41, p. 5-31, 2018.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo.** Fondo de cultura económica, 2021.

ARCHETTI, Eduardo. Fútbol, violencia y afirmación masculina. **Revista Debates**, v. 3, n. 1, Aguilar, 1985.

ARENDT, Hanna. **La condición humana** (Vol. 306). Barcelona: Paidós, 1993.

BENÍTEZ, Líber. **El Fútbol Infantil cómo fenómeno educativo, social y cultural.** 1st ed., v. 1, CSEAM Udelar, 2021.

BENÍTEZ, Líber. **Fútbol infantil y gobierno de la infancia. De la Comisión Nacional de Baby Fútbol a la Organización Nacional del Fútbol Infantil en Uruguay (1968-2015).** Udelar: Montevideo, p. 224, 2020.

BENÍTEZ, Líber. La infancia entre el habitus y el ethos que se configura desde el deporte moderno. Apuntes para el debate respecto al fútbol infantil en Uruguay. **The Journal of the Latin American Socio-cultural Studies of Sport** (ALESDE), v. 11, n. 2, 85-102, 2019

BENÍTEZ, Líber; FALCHI, Inés; PESCE, Gonzalo. Reflexiones sobre los componentes centrales de la formación deportiva en el marco del Espacio de Formación Integral «El deporte como espacio para la formación integral». **Integralidad sobre ruedas**, v. 9, n. 2, 2023.

BETRÁN, Javier. Hacia una nueva comprensión del deporte. Factores endógenos y exógenos. **Apunts. Educación física y deportes**, v. 4, n. 86, 3-6, 2006.

BLOCH, Marc. **Introducción a la historia.** Editorial Fondo de Cultura Económica, Buenos Aires, Argentina, 1982.

BOURDIEU, Pierre, WACQUANT, Loïc. **Una invitación a la sociología reflexiva** (2nd ed.): Buenos Aires, Siglo XXI editores, 2005.

CACHORRO, Gabriel. Deporte, jóvenes y procesos de subjetivación. **VI Jornadas de Sociología de la UNLP.** Universidad Nacional de La Plata. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, 2010.

CASTILLO-GIRÓN, Víctor. Más allá del ring y del gimnasio: Trayectoria del boxeo profesional en Jalisco, México. **Revista de El Colegio de San Luis**, v. 12, n. 23, p. 1-33, 2022.

CHAVES, Mariana; FUENTES, Sebastián; VECINO, Luisa. **Experiencias juveniles de la desigualdad: Fronteras y merecimientos en sectores populares, medios altos y altos**. Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. Grupo Editor Universitario, 2016.

CORTES, José; GALAK, Eduardo. Trayectoria dual en Colombia: un estado de la cuestión entre la legislación, educación y competición. Universidade Federal do Paraná. Associação Latino-americana de Estudos Socioculturais do Esporte, **The Journal of the Latin American Socio-cultural Studies of Sport**, v. 13, n. 1, p. 17-38, 2021.

CZESLI, Federico; MURZI, Diego. De aprendices a profesionales. Un análisis comparativo de la formación de futbolistas en Europa y en América Latina. **International Centre for Sports Studies**, v.1, n. 1, p. 125. CIES-FIFA, 2016.

CZESLI, Federico; MURZI, Diego. El “sueño” de ser futbolista.: Consideraciones sobre las fantasías, motivaciones e imaginarios en las trayectorias de jugadores de fútbol de categorías formativas en Argentina. **Sociología del Deporte**, v. 4, n. 1, p. 75-86, 2023.

CZESLI, Federico; MURZI, Diego. Humildes, trabajadores y sacrificados. Treinta años de desplazamientos en las representaciones de ser futbolista en Argentina. **Antípoda. Revista de Antropología y Arqueología**, v. 30, p. 65-84, 2018.

FAURE, Jean.-Michelle; SUAED, Charles. Les footballeurs professionnels en France : l'éclatement d'une corporation. In Football, jeu et société. **Cahiers de l'INSEP**. p. 207-228, 1999.

FEATHERSTONE, Mike. **Consumer Culture and Postmodernism**. Goldsmiths, University of London: SAGE Publications, 1991.

GRIMSON, Alejandro; MERENSON, Silvina; NOEL, Gabriel. **Antropología Ahora, debates sobre la alteridad**. Buenos Aires, Siglo XXI editores, 2011.

GUBER, Rossana. **La etnografía: método, campo y reflexividad**. v. 11. Buenos Aires: Siglo XXI editores, 2001.

GUEDES, Simone. **O Brasil no campo de futebol**. EDUFF, 1998.

GUEDES, Simone. Proyectos sociales deportivos, carreras de deportistas y ex-deportistas y el don entre extraños. **Cuestiones de sociología**, 2018.

HARVEY, David; VARELA, Ana. **Breve historia del neoliberalismo**. Madrid: Ediciones Akal, 2007.

LAVAL, Christian; DARDOT, Pierre. **La nueva razón del mundo**: Ensayo sobre la sociedad neoliberal. Barcelona : Editorial Gedisa, 2013.

LÓPEZ, Horacio. **El camino es la recompensa**. 1st ed. Montevideo: Aguilar, 2012.

MATYEEV, Lev. **Teoría general del entrenamiento deportivo**. Barcelona: Editorial Paidotribo, 2001.

MORA, Bruno. “**De ir a cazar dragones te salen escamas**”. **Estudio etnográfico sobre la producción de ethos en los clubes de la pelea**. Maestría en Ciencias Humanas Opción: Antropología de la Cuenca del Plata Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación Universidad de la República, 2018.

MORA, Bruno. **Deporte y sociedad: encontrando el futuro de los estudios sociales y culturales sobre deporte**. Montevideo, Uruguay, 2018.

MURZI, Diego; HERBELLA, Juan; SUSTAS, Sebastián. Ser futbolista juvenil en Argentina. Orígenes, escolarización, vivienda, sentimientos y expectativas de los deportistas en formación de un club de fútbol profesional. **Dilemas Contemporáneos: Educación, Política y Valores**, v. 1, n. 1, 2020.

PEDRAZ, Miguel. Educación Física e ideología. Creencias pedagógicas y dominación cultural en las enseñanzas escolares del cuerpo. **Retos. Nuevas tendencias en Educación Física, Deporte y Recreación**, 2010.

QUIROGA, Andrea et al. Deporte, hegemonía y comunidad. Sistematizaciones de la práctica preprofesional de Educación Física en Bella Italia y Kilómetro 16. **Las formas de la desigualdad, los modos de lo común: experiencias universitarias desde el territorio**, p. 250-284. Tradinco SA, 2022.

RIGO, Luis; SILVA, Daniel; RIAL, Carmen. Formación de jugadores en clubes de una ciudad del interior de Rio grande do Sul (rs): Circulación, escolarización e inserción en el fútbol profesional. **Movimiento**, v. 24, p. 263-274, 2022.

SAJA, Juan. Tactical Periodization vs Tactical Periodization. Vitor Frade's clarifications. Ed: MBF, Madrid. **Educación Física y Ciencia**, v. 16, n. 1, 2014

SOTO-LAGOS, Roberto et al. Obstáculos para ser deportista de alto rendimiento en Chile, **Movimiento**, v. 28, 2022.



TABÁREZ, Oscar. **Institucionalización de los procesos de las selecciones nacionales y de la formación de sus futbolistas**. Versión actualizada. Asociación Uruguaya de Fútbol. Uruguay, 2019.



Os racismos nas legislações das federações de futebol sul-americanas: análise dos códigos de ética e regulamentos das primeiras divisões masculinas¹

Danilo da Silva Ramos²  
Universidade Federal de Minas Gerais

Bernardo Jordano Gomes³  
Universidade Federal de Minas Gerais

André Silveira Gomes⁴  
Universidade Federal de Minas Gerais

Alysson dos Anjos Silva⁵  
Universidade Federal de Lavras

Resumo

O presente artigo busca compreender como o racismo está sendo abordado pelas federações de futebol nos países da América do Sul. A partir de levantamento bibliográfico, foi possível notar que a discussão sobre o racismo no âmbito institucional desse esporte se mostra incipiente diante da significativa importância que essa temática carrega no atual contexto social. Como escolha metodológica delimitamos os doze países da América do Sul para o trabalho de campo, que foi realizado por meio de buscas documentais nas instituições regulamentadoras para posterior análise dos códigos de ética e os regulamentos de seus campeonatos das primeiras divisões masculinas. Como resultados, identificamos que existem diferenças no tratamento em cada federação/país e que há um conjunto de leis esportivas que visam variadas punições ao racismo no futebol. Algumas federações demonstraram notável avanço no combate ao racismo, ao passo que outras sequer o abordam em seus documentos oficiais. Acreditamos ser relevante salientar a necessidade de compreender de forma mais aprofundada como o racismo é tratado na realidade cotidiana do futebol nesses países, o que ressalta a importância de novos estudos se dedicarem a essa temática.

Palavras-chave

Futebol. Legislação Esportiva. Racismo.

1. Este trabalho foi financiado com recursos da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

2. Mestre e Doutorando pelo PPGIEL/UFMG. Bolsista da CAPES, Demanda Social (DS). Membro do Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT). Vice-líder do Grupo de Estudos sobre a História do Lazer (HISLA).

3. Mestrando em Estudos do Lazer pelo PPGIEL/UFMG. Graduado em Educação Física pela UFRJ e Licenciando em Educação Física pela PUC Minas.

4. Mestrando em Estudos do Lazer pelo PPGIEL/UFMG. Licenciado em Educação Física pela UFMG, membro do GEFuT, professor de Educação Física na rede municipal de Santa Luzia.

5. Doutorando pelo PPGIEL/UFMG. Bolsista da CAPES, Demanda Social (DS). Membro do Grupo de Estudos Núcleo de Estudos sobre Aprendizagem na Prática Social – NAPrática. Membro do HISLA.

Racism in the legislation of South American football federations: analysis of ethics codes and regulations of men's first divisions

Abstract: This article aims to understand how racism is being addressed by football federations in South American countries. Through a bibliographic survey, it was possible to note that the discussion about racism at the institutional level of this sport is still incipient, given the significant importance that this theme carries in the current social context. As a methodological choice, we delimited the twelve South American countries for fieldwork, which was conducted through documentary searches in regulatory institutions for subsequent analysis of the ethics codes and regulations of their men's first division championships. As results, we identified that there are differences in the approach taken by each federation/country and that there is a set of sports laws aimed at various punishments for racism in football. Some federations have shown remarkable progress in combating racism, while others do not even address it in their official documents. We believe it is relevant to emphasize the need to understand more deeply how racism is treated in the daily reality of football in these countries, which underscores the importance of new studies dedicated to this theme.

Keywords: Football. Sports Legislation. Racism.

Los racismos en las legislaciones de las federaciones de fútbol sudamericanas: análisis de los códigos de ética y reglamentos de las primeras divisiones masculinas

Resumen: El presente artículo busca comprender cómo el racismo está siendo abordado por las federaciones de fútbol en los países de América del Sur. A partir de un levantamiento bibliográfico, fue posible notar que la discusión sobre el racismo en el ámbito institucional de este deporte se muestra incipiente ante la significativa importancia que esta temática tiene en el contexto social actual. Como elección metodológica delimitamos los doce países de América del Sur para el trabajo de campo, que se realizó mediante búsquedas documentales en las instituciones reguladoras para posterior análisis de los códigos de ética y los reglamentos de sus campeonatos de las primeras divisiones masculinas. Como resultados, identificamos que existen diferencias en el tratamiento en cada federación/país y que hay un conjunto de leyes deportivas que apuntan a diversas sanciones por racismo en el fútbol. Algunas federaciones han demostrado un notable avance en la lucha contra el racismo, mientras que otras ni siquiera lo abordan en sus documentos oficiales. Creemos que es relevante destacar la necesidad de comprender de forma más profunda cómo se trata el racismo en la realidad cotidiana del fútbol en estos países, lo que resalta la importancia de que nuevos estudios se dediquen a esta temática.

Palavras-chave: Fútbol. Legislación Deportiva. Racismo.

Introdução

O futebol é um fenômeno social, conforme indicam diversos autores, como Wilson Rinaldi (2000), Francisco Rodrigues (2004), Waldenir Caldas (1986), Roberto DaMatta (1982), entre outros, que destacam este esporte a partir de sua inserção enquanto elemento da cultura nacional. DaMatta (1982), neste sentido, argumenta que o futebol é, para além de um fenômeno social, uma expressão da sociedade brasileira, enquanto Gabriel Sandodal, Luis Godoy e Alcides Scaglia (2023) apontam, em sentido aproximado, que o futebol é produto e produtor na sociedade.

Ampliando nosso campo geográfico da análise do futebol como parte da cultura nacional, percebemos similaridade neste cenário no que se refere aos outros países da América Latina, o que nos permite compreender este esporte a partir de diversas intersecções, como a política e a econômica. Sob esta ótica, Luciano Breitreitz (2012)

apresenta como as copas do mundo de futebol masculino de 1970 e 1978 sofreram a tentativa dos governos ditatoriais do Brasil e da Argentina, respectivamente, buscarem utilizar a imagem das conquistas das seleções nacionais em prol de uma construção imagética positiva dos regimes vigentes.

Em mesmo sentido, Marcos da Silva, Miriam Silva e Fábria Marucci (2012) mostram como o futebol influenciou a literatura, a pintura e a política. Um dos exemplos utilizados pelos autores é o quadro “El Equipo de Todos”, de autoria do pintor chileno Roberto Saavedra Walker, que homenageia os libertadores da América por meio da representação de uma formação inicial de futebol em tela. Poderíamos citar uma série de outros trabalhos para afirmar como o futebol está presente em nosso continente de maneira estruturada, parte da cultura, sociedade e como um fenômeno particular e complexo, integrante da sociedade, ou seja, não fluindo em uma imaterialidade da realidade, o futebol se constitui enquanto parte da vida cotidiana.

Na contemporaneidade, o futebol pode ser considerado um esporte de alcance mundial, e a economia gerada por ele movimentada grandes cifras. Tadeu Gasparetto (2013) faz um estudo comparativo entre os valores dos clubes do Brasil, da América Latina e da Europa em relação a grandes e médias empresas. Ele conclui que, apesar de estar em grande desvantagem quando comparado a grandes empresas em termos de capital financeiro e lucro, o futebol tem outra dinâmica quando comparado a empresas de médio porte. Além disso, o autor destaca que o futebol possui um funcionamento próprio em sua economia, com um público-alvo determinado, jogadores sendo contabilizados como ativos financeiros, rendas geradas por mercadorias e outros produtos relacionados e outros.

Todos esses elementos aqui fundamentados demonstram que o futebol é parte importante da sociedade e, por estar inserido nela, não foge das condições de vida reproduzidas no capitalismo. Dito isto, o futebol pode ser palco de disputas políticas e demonstrações de machismo, homofobia e racismo. Especificamente, neste trabalho abordaremos a questão étnico-racial. Mas, por qual motivo?

Antes de responder a esta pergunta, é necessário fazer um lembrete histórico sobre a constituição do processo de desenvolvimento dos territórios que convencionou-se denominar de América Latina. Lélia Gonzalez (2020) apresenta três características principais, sendo: Caráter exploratório do processo de invasão colonialista, relações sociais baseadas na hierarquia (sem espaço para trocas justas, em todos os níveis) e com distinções históricas das ideologias de classificação social (raça e gênero). Desta forma, levando em consideração as indicações da autora, podemos afirmar que o racismo é parte integrante da América Latina ao longo da história e que não existe possibilidade de tratarmos esse território sem pensarmos nas influências causadas pelo racismo.

Acrescentamos o pensamento de Eduardo Galeano (2010) às ponderações de Lélia Gonzalez, mencionadas no parágrafo anterior, o autor demonstra o longo processo de exploração e roubo sofrido pelo continente latino-americano ao longo do tempo, inicialmente por países como Espanha e Portugal, e posteriormente pelos Estados Unidos. E, dessa forma, suas consequências no presente do nosso continente, em vários âmbitos das sociedades que aqui (re)existem. Uma das marcas característica desse processo é a exploração da mão de obra indígena e de pessoas negras escravizadas.

Todo o processo da escravidão deixou marcas profundas na América Latina, perceptíveis até os dias atuais, sendo o racismo uma delas. Eumara Santos (2019) discute como a ancestralidade das pessoas negras está ligada à África, destacando a importância da decolonialidade. Além disso, Santos aponta a necessidade de manter viva essa memória, pois ela faz parte da história dos/as negros/as na diáspora, e esquecer esse fato é ferir mortalmente a ancestralidade africana. A construção argumentativa nos parágrafos anteriores demonstra, de forma breve, o caráter estrutural do racismo como parte do capitalismo, conforme assinalado por Silvio de Almeida (2018). Cabe destacar, segundo dados do relatório do Grupo Banco Mundial (2018) demonstram, que um a cada quatro latino-americanos se declaram como afrodescendentes, dando um quantitativo importante a esse grupo de pessoas em nosso continente. Acreditamos que todo esse processo influencia o futebol atual, manifestando-se, entre outras formas, nos atos racistas.

Recentemente, temos visto diversas manifestações racistas sofridas pelo jogador Vinícius Júnior, do Real Madrid da Espanha. Em um desses episódios, houve sanções civis, resultando na prisão de três infratores por oito meses⁶. No entanto, será que esses atos racistas no futebol seriam capazes de florescer na América Latina?

A realidade mostra que sim. Danilo Ramos, Joyce Corrêa, Raione Pedrosa e Christiane Machado (2022) fizeram um balanço sobre os casos de racismo ocorridos na Copa Libertadores da América em 2022, trazendo dados que demonstram como esse fenômeno esteve presente em diversos momentos da competição. As agressões racistas ocorreram em vários países e de diferentes formas, como exemplo podemos citar os relatórios de discriminação racial no futebol produzidos pelo Observatório da Discriminação do Futebol, que, no ano de 2022, apresenta 111 casos de discriminação racial praticadas no futebol (2023). Neste trabalho, fica evidente a falta de um padrão nas punições para os atos racistas.

6. Ver matéria completa em <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-espanhol/noticia/2024/06/10/racismo-contra-vini-jr-torcedores-do-valencia-sao-condenados-a-oito-meses-de-prisao.ghtml>. Acesso em: 15 jul. 2024.

As punições na Espanha demonstram como as leis podem auxiliar no processo antirracista no contexto do futebol. Em um ambiente com determinado nível de animosidade racista, como exemplificado pela Libertadores de 2022, é evidente a necessidade de que a legislação acompanhe a realidade. Nosso problema de pesquisa está nessa questão. Assim, fizemos a seguinte pergunta: como as federações de futebol da América Latina, especificamente dos países da América do Sul, legislam sobre o racismo em seus códigos de ética e regulamentos competitivos das divisões de elite?

Pretendemos responder a esse questionamento nos próximos parágrafos. Para isso, apresentaremos nossa metodologia a seguir.

1 Percursos metodológicos

Definido nosso tema de pesquisa e pergunta problema, buscamos refletir sobre quais seriam os caminhos tomados em nosso trabalho. A primeira definição foi a limitação do recorte territorial no que se refere à América Latina, focalizando os países que compõem a América do Sul. Esta região é composta por doze países independentes e um território ultramarino (país que ainda é colonizado), a Guiana Francesa. Nossa escolha está pautada pelo estado embrionário do estudo sobre a relação entre o racismo e as legislações no futebol, bem como no nível de desenvolvimento do futebol nesta região e na forma como ele integra a cultura desses países.

Em seguida, passamos para a fase de coleta de dados. Visitamos os sites das federações nacionais de futebol desses doze países e procuramos por seções dedicadas a documentos. Ressaltamos que não eram todos os sites que possuíam um espaço específico para esse tipo de arquivo. Assim, quando não encontrávamos essa seção, utilizávamos as caixas de busca, empregando os termos: “código de ética”, “reglamento” e “reglamento profesional de fútbol”. Informamos que essas palavras estão em espanhol, devido ao idioma dos países pesquisados, com exceção do Brasil. No caso de não obtermos êxito na busca, enviamos um e-mail para a respectiva federação solicitando o documento. Nesta fase, não conseguimos obter dados de nenhuma das federações desses países, o que exclui as federações de futebol da Guiana e Suriname das discussões.

O quadro abaixo demonstra nossos documentos obtidos para análise, sendo:

Quadro 1 – Lista de códigos de ética e regulamentos das competições de primeira divisão de futebol masculino catalogados como fontes

País	Federação	Ano	Documento
Argentina	Associação de Futebol Argentino	2017	Código de Ética
Bolívia	Federação Boliviana de Futebol	2023	Regulamento geral de campeonatos e torneios - divisão profissional 2023
Bolívia	Federação Boliviana de Futebol	-	Código Disciplinar
Brasil	Confederação Brasileira de Futebol	2023	Regulamento Geral das Competições
Brasil	Confederação Brasileira de Futebol	2017	Código de Ética e Conduta do Futebol Brasileiro
Brasil	Confederação Brasileira de Futebol	2014	Código Brasileiro de Justiça Desportiva
Chile	Associação Nacional de Futebol Profissional (ANFP)	2024	Campeonato Nacional de Primeira Divisão Temporada 2024
Colômbia	Federação Colombiana de Futebol	-	Código Disciplinar Único da Federação Colombiana de Futebol "FCF"
Equador	Federação Equatoriana de Futebol	2024	Código Disciplinar
Equador	Regulamento Geral de Competições da Federação	2024	Regulamento Geral de Competições da Federação Equatoriana de Futebol
Paraguai	Associação Paraguaia de Futebol	2024	Regulamento Geral de Competições
Paraguai	Associação Paraguaia de Futebol	2023	Código de Ética
Peru	Federação Desportiva Nacional Peruana de Futebol	2024	Regulamento Liga 1
Uruguai	Associação Uruguaia de Futebol	2021	Código Ético da Associação Uruguaia de Futebol
Venezuela	Federação Venezuelana de Futebol	2022	Estatutos

Fonte: Elaborado pelos autores.

Com este material em mãos, decidimos seguir com a análise documental deste conjunto de legislações catalogadas. A escolha da análise documental se justifica em nosso trabalho pela possibilidade de acessar documentos de instituições internacionais pela *internet*, com custo irrisório, proporcionando uma abrangência internacional às discussões aqui elencadas.

Menga Ludke e Marli André (1986) apontam que a pesquisa documental tem grande potencial nas ciências sociais, ao permitir que documentos sejam utilizados como fontes para pesquisas neste campo do saber. Eva Lakatos e Marina Marconi (2003) categorizam as legislações como fontes primárias contemporâneas, reconhecendo que, apesar de passíveis de modificação, elas refletem o espírito do tempo em que foram construídas. Uma importante consideração dessas autoras é que os documentos

possuem caráter de acesso público. Assim, em nosso estudo, tudo que for tratado sobre o racismo nos regulamentos terá caráter de acesso livre, refletindo ideias que, em certa medida, representam as intenções visíveis daqueles que legislam no futebol moderno. Esse fator confere ainda mais peso à maneira como as Federações tratam o racismo. Posteriormente, traremos um mapeamento sobre o que já foi produzido especificamente sobre o tema ou discussões relacionadas que consideramos necessário apresentar.

2 Mapeamento da discussão

A discussão sobre o racismo no futebol é ainda incipiente levando em consideração a importância que este esporte tem recebido a partir de outras intersecções no âmbito da pesquisa científica. Para tanto, em diálogo com o presente objeto de investigação, buscamos compreender o estado da arte – ainda que não se esgote nessas linhas – sobre o tema do racismo no futebol e outros esportes, em diferentes cenários e períodos.

Neste sentido, Beirith *et al.* (2024) sugere, a partir de uma revisão bibliográfica sobre o assunto, um aumento significativo de trabalhos a partir do ano de 2020, sugerindo ser esta uma tendência de pesquisa possivelmente relacionada ao aumento da veiculação de casos de racismo no Brasil⁷. Em sua revisão, no entanto, não é possível notar a presença de pesquisas que tenham a legislação e a institucionalização como objetos de análise centrais, o que nos leva a compreender também o ainda embrionário avanço no trato com estes objetos, como discutiremos nas próximas seções.

Indo de encontro às pesquisas que buscaram compreender o racismo a partir da institucionalização, nos deparamos com o artigo de Farias *et al.* (2020) que busca analisar a produção científica sobre o racismo no contexto esportivo internacional, a partir das categorias de “injúria racial” e “racismo institucional”. Sublinhamos que dentre as pesquisas apresentadas nesta análise, não foi elencada nenhuma que tratasse dos esportes em países latino-americanos além do Brasil, o que também pode ser explicado pelo fato de a maioria dos trabalhos encontrados terem sido produzidos em língua inglesa, em detrimento dos de língua portuguesa e, evidentemente, espanhola.

Neste sentido, apesar de certo avanço encontrado no que se refere à amplificação de ações antirracistas nos esportes a partir de fatores externos como as análises midiáticas acerca do racismo, foi encontrado ainda uma “dificuldade em estabelecer punições à altura para casos de discriminação racial” (Farias *et al.*, 2020, p. 05) em uma escala global.

7. Compreendida a acentuação desta discussão a partir de acontecimentos em eventos esportivos, evidencia-se a produção de trabalhos como consequência da prisão do atleta argentino Leandro Desábato após ofensa racista ao brasileiro Grafite, em 2005 (Abrahão; Soares, 2007; Tonini, 2012). Essa foi uma das primeiras – e mais marcantes – vezes que foram tomadas providências legais no Brasil no que se refere ao racismo no esporte, ainda que o argentino tenha sido solto após o pagamento de fiança.

Sob o ponto de vista institucional, os autores apresentam também uma vigente preocupação na literatura acerca dos programas de combate ao racismo criados pelas instituições responsáveis pelas diferentes modalidades esportivas. Para essas ações, no entanto, são encontradas barreiras como o aumento do conservadorismo ao redor do mundo, dificultando a arrecadação de fundos para os programas; e a falta de absorção do público acerca das campanhas. No mesmo sentido, não foram notados avanços acerca da presença de pessoas negras em cargos de prestígio como gestores ou treinadores, ou de atletas em posições importantes nos esportes, como os *quarterbacks* e *centers* no futebol americano.

Voltando ao Brasil, o artigo de Oliveira *et al.* (2021), a fim de compreender a ambiguidade do racismo no país – e conseqüentemente, no futebol –, teve como objetivo a problematização das denúncias de discriminação racial ocorridas no futebol profissional brasileiro entre os anos de 2014 a 2020. Neste recorte temporal havia uma média anual de aproximadamente 73 casos de discriminações raciais, partindo em sua grande maioria por torcedores, seguidos pelos próprios atletas. Já no que se refere às vítimas são os atletas as maiores vítimas, seguidos pelos torcedores, e foram os estádios e arenas os locais com maior ocorrência de casos de racismo, seguidos da internet.

Os autores, no entanto, apontam que apenas 49 (26%) dos 190 casos ocorridos em estádios foram registrados pelo Tribunal de Justiça Desportiva (TJD) e pelo Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD). Dentre os 49 casos, 30 (61%) contaram com punições e 19 (38,8%) tornaram-se casos com absolvição. No que se refere às punições, segundo os autores

as penas variaram entre multas de R\$ 400,00 (quatrocentos reais) a R\$ 50.000,00 (cinquenta mil reais); perda de pontos; perda de mando de campo; suspensão por prazo determinado do torcedor relativo ao ingresso na praça desportiva (Oliveira *et al.*, 2021, p. 253).

Chegando a uma análise acerca da legislação, trabalhos como os de Abrahão *et al.* (2021), Sampaio e Mota (2024) e Farias *et al.* (2024) buscaram analisar como as questões raciais se faziam presentes em regulamentos e leis relacionadas ao futebol brasileiro.

Sampaio e Mota (2024) fazem um levantamento, afirmando que os primeiros resquícios de legislação acerca do esporte no Brasil, em 1917, já diziam respeito a estratégias de exclusão de atletas negros, ainda que indiretamente. A partir deste momento, com a profissionalização da modalidade, leis foram elaboradas a fim de controlar a prática do esporte no Brasil, de forma que o futebol tenha recebido garantia legal enquanto prática desportiva garantida pelo Estado na Constituição Federal de 1988 (Sampaio; Mota, 2024). A partir do delineamento deste cenário, novas leis buscaram pautar

inovações no futebol, no entanto, “pautaram mais questões de ordem administrativa, voltadas principalmente aos atletas e a gestão dos clubes, tecendo raras menções aos torcedores e aos aspectos sociais” (Sampaio; Mota, 2024, p. 2.661). A partir do início da segunda década do século 21 que o racismo e diferentes tipos de discriminação passam a ser inseridos com maior notoriedade nas legislações.

O artigo de Abrahão *et al.* (2021) analisou o Estatuto de Defesa do Torcedor (EDT), o Código Brasileiro de Justiça Desportiva (CBJD) e os documentos oficiais da Fédération Internationale de Football Association (FIFA) e da Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Conforme os autores, o EDT, regulamentado em 2003, passou a mencionar atos racistas apenas no ano de 2010, a partir da Lei nº 12.299 que busca a prevenção e repressão da violência nos esportes, apresentando inclusive possíveis sanções aos torcedores (Abrahão *et al.*, 2021). Outro documento, o CBJD, também de 2003, passa a incluir medidas antirracistas a partir de uma resolução em 2009, além de apresentar possíveis punições como multas ou perda de pontos e exclusão da competição.

Os autores também discutem 5 documentos da FIFA: Código de Ética de 2012, Código de Conduta de 2017, Código Disciplinar de 2019, Código de Ética de 2020 e Código de Conduta para terceiros, de 2020. Sobre esta entidade, os autores indicam que

Na primeira década do século XXI, verificam-se ações mais voltadas para a conscientização sobre o tema. Já na segunda década, podemos observar modificações mais profundas nos documentos oficiais da entidade, bem como a indicação de sanções mais rígidas com o objetivo de coibir os atos racistas e discriminatórios no futebol (Abrahão *et al.*, 2021, p. 103).

No que se refere aos documentos da CBF, foram analisados o Regulamento Geral de Competições e o Código de Ética e Conduta do Futebol Brasileiro, de forma que o primeiro, naquele ano, apenas mencionava o racismo e outras formas de discriminação como comportamentos antidesportivos. Já no segundo, seria possível observar o combate aos atos racistas e discriminatórios enquanto dever de todos envolvidos com o esporte, além de indicar possíveis sanções aos que violam o código. No entanto, os autores ressaltam “que o documento não apresenta uma relação direta entre o tipo de infração cometida e quais sanções devem ser aplicadas” (Abrahão *et al.*, 2021, p. 104).

Já em 2023, foi sancionada a Lei nº 14.597/2023, que institui a Lei Geral do Esporte e

dispõe sobre a ordem econômica esportiva, a integridade esportiva, o Plano Nacional pela Cultura de Paz no Esporte, regulamenta a prática desportiva no país e consolida a atividade desportiva em um grande arcabouço jurídico com o intuito de respaldar legalmente a fiscalização, combate e punição de atos de discriminação relacionados ao esporte, inclusive criando a possibilidade de aplicação de multas e outras punições aos infratores (Sampaio; Mota, 2024, p. 2664).

Desta maneira, segundo os autores, foi possível notar um avanço, ainda que tardio, na legislação do futebol brasileiro, que “tem voltado seu foco para os debates raciais, na tentativa de encontrar formas de combater e erradicar a discriminação dos campos e estádios brasileiros” (Sampaio; Mota, 2024, p. 2666-2667). O avanço na legislação, contudo, não significa a erradicação deste problema social, que ainda é uma realidade (Farias *et al.*, 2024) e continua a se fazer presente no cotidiano futebolístico.

Por fim, um texto que dialoga com nossa pesquisa, todavia, o escopo de análise é diferente são as discussões propostas por Ramos, Rezende e Cornelsen (2024). Estes autores fazem um panorama das legislações de Confederações de Futebol como a Confederação Sul-Americana de Futebol e a Confederação Africana de Futebol (CAF), onde ponderam sobre as diferenças culturais que influenciam no combate ao racismo e discrepâncias punitivas entre confederações. A seguir, apresentamos nossas análises e considerações sobre esta temática, para identificar as similaridades e divergências em relação ao combate ao racismo, que não existe apenas no futebol, mas permeia toda a sociedade. Terminado nosso mapeamento passaremos a discussão dos dados.

3 Como as Federações de Futebol da América do Sul combatem os atos racistas em parte das respectivas legislações?

Indicamos que nossas análises serão realizadas a partir do conjunto de documentos supracitados (códigos de ética e regulamentos). Nosso enfoque não é legislativo, mas sim sociocultural. Nossa demarcação inicial é que não existe uma palavra única ou termo homogêneo para definir os atos racistas nessas legislações; nos deparamos com termos como raça, cor da pele e racismo. Entretanto, cabe destacar que, independentemente da palavra utilizada, todas as Federações estão, em certa medida, cientes e se movimentam quando o assunto é o combate ao racismo, seja qual for a velocidade. Um dos fatores que pode contribuir para a pluralidade epistemológica são as diferenças linguísticas e culturais. Além disto, nos ancoramos nas considerações de Roberta Baggio, Alice Resadori e Vanessa Gonçalves (2019) que indicam que o combate ao racismo nos Estados-nações na América do Sul estão legislados nos códigos penais, sendo o Paraguai a única nação da região que não se inclui, até o momento, neste tipo de combate ao racismo. Desta maneira, consideramos que o combate aos atos racistas de maneira legislativa é uma realidade, em nossa região continental e perceberemos que este movimento teve reflexo nas legislações das federações aqui analisadas.

Os atos racistas são atitudes que estão em algumas listas que os tornam passíveis de paralisar as partidas de futebol, tal finalidade está descrita em quatro federações sendo APF (Paraguai), CBF (Brasil), FBF (Bolívia) e FPF (Peru). Na FBF (Bolívia) existe

a indicação de que o delegado da partida tome a decisão de suspensão da partida devido ao racismo, inclusive na necessidade de buscar pelos infratores, como apresentado:

O delegado da FBF é responsável por informar ao árbitro sobre esta irregularidade e recomendar a suspensão da partida, além de comunicar à força pública e ao clube que atua como mandante sobre esta anormalidade, a fim de identificar os autores. O descumprimento desta determinação será sancionado de acordo com o Código Disciplinar da FBF.⁸

A APF (Paraguai) faz uma lista detalhada sobre a conduta que deve ser adotada pelas autoridades presentes nos estádios durante a partida para que exista a suspensão devido a um ato racista. Dentre as ações a serem observadas, está listado que a primeira ação é utilizar o sistema sonoro do estádio solicitando que cessem os atos racistas. Segundamente, caso continuem, o árbitro deve suspender temporariamente o jogo e convocar os capitães das equipes, o delegado do jogo e demais autoridades para discutirem o tema. Ao reiniciar a partida e caso persistam os atos racistas, pode-se tomar a decisão de suspender ou não a partida, tendo como base para a tomada de decisão o seguinte artigo:

A decisão do Árbitro de suspender a partida para evacuação do Estádio será tomada após ter sido devidamente revisado e avaliado, através de consulta completa e ampla discussão com o Delegado, se aplicável, de que todas as fases e medidas foram aplicadas de acordo ao protocolo e uma avaliação do impacto que a suspensão da partida teria nos jogadores e público.⁹

Nesta esteira de detalhamento de conduta diante de um ato racista por parte dos/ as torcedores/as a FPF (Peru) tem uma proximidade de ações com a APF (Paraguai), o que nos chama atenção é a proposta de um anúncio padrão a ser feito no sistema sonoro dos estádios, a mensagem deve ser:

Atenção, por favor! A Liga de Futebol Profissional informa: Devido à continuidade do comportamento discriminatório entre os espectadores, a partida foi suspensa e as equipes irão para os vestiários. Lembramos mais uma vez que a discriminação nos estádios de futebol não é tolerada. Se o comportamento discriminatório entre o público continuar, a partida será cancelada. Repetimos que a partida será cancelada se o comportamento discriminatório continuar entre os espectadores. Obrigado.¹⁰

8. Regulamento Geral de Campeonatos e Torneios da Divisão Profissional da Federação Boliviana de Futebol.

9. Regulamento geral das competições da Associação Paraguuaia de Futebol.

10. Regulamento Liga 1 da Federação Desportiva Nacional Peruana de Futebol.

Em nosso prisma, essas medidas apontam um avanço para o futebol sul-americano. Entretanto, a não observância da interrupção de jogos em casos de racismo por parte das torcidas pode indicar a necessidade de padronização das ações, já que essa atitude é prevista pela FIFA e CONMEBOL. Tal avanço não pode ser encarado como o fim das tratativas antirracistas no futebol. No Brasil, Gislene Santos (2015) demonstra que o judiciário brasileiro, em parte das denúncias de racismo, não aplica punições, e tal fato causa outros danos à saúde mental das vítimas. Esta realidade, em determinados momentos, também se reflete na cultura do futebol, onde alguns árbitros nem relatam os atos racistas na súmula, por exemplo. Ou seja, é crucial que essas medidas vigorem para quebra da cultura da não punição dos racistas nos estádios de futebol.

Em nossas leituras, percebemos que apenas a FBF (Bolívia) e a CBF (Brasil) determinam a perda de pontos e/ou eliminação de competições em caso de racismo. No caso brasileiro, ressaltamos a eliminação do Grêmio (RS) na Copa do Brasil de 2014, após atos racistas por parte de sua torcida em uma partida contra o Santos (SP)¹¹. Naquele período tínhamos outra legislação vigente no futebol brasileiro, ainda assim, a extensão e a repercussão do caso levaram o caso ao Superior Tribunal de Justiça Desportiva, que, após julgamentos, chegou àquela decisão. Contudo, esse tipo de medida não é unanimidade entre a comunidade do futebol. No caso do futebol boliviano, temos ainda a indicação que o nível da atitude discriminatória racial pode gerar, inclusive, o rebaixamento, ao passo que o código disciplinário da FBF (Bolívia) legisla:

Se os jogadores, espectadores, oficiais de associações ou de algum clube em particular observarem um comportamento que seja de alguma forma discriminatório ou que denigra o ser humano, conforme estabelecido anteriormente, estarão sujeitos à perda automática de seis pontos; se outras infrações forem cometidas, proceder-se-á ao rebaixamento para a categoria imediatamente inferior. Nos jogos que não concedem pontos, a equipe em questão será desclassificada, sempre que identificável.¹²

As multas por atitudes racistas estão descritas nas legislações da AUF (Uruguai), CBF (Brasil), FCF (Colômbia), FBF (Bolívia) e FEF (Equador). E dentre estas temos as divisões de multas individuais ou até mesmo do clube mandante, o código disciplinário da Federação Boliviana de Futebol irá, como outras, agregar as multas outras penalidades como proibição de acesso aos estádios e que o próximo jogo da equipe mandante seja realizado com portões fechados, trazemos a letra da lei relatada:

11. BENITES, Afonso. Grêmio é eliminado da Copa do Brasil por ato racista de torcedores. *El País*, 04 set. 2014. São Paulo. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/09/04/deportes/1409847233_297463.html. Acesso em: 15 jul. 2024.

12. Código Disciplinário da Federação Boliviana de Futebol.

Aquele que humilhar ou ultrajar publicamente outra pessoa de forma que constitua um atentado à dignidade humana por motivo de raça, cor, idioma, religião ou origem étnica será suspenso por cinco (5) partidas, e multado em US\$ 15.000 (Quinze mil dólares americanos), além de ser proibido de acessar o estádio pelo mesmo período. Se o autor da infração for um oficial, o valor da multa será de US\$ 25.000 (Vinte e cinco mil dólares americanos). Se durante uma partida os seguidores de uma equipe exibirem faixas com mensagens ou inscrições de conteúdo discriminatório e/ou que denigram o ser humano, a instância competente sancionará a Associação ou o clube em questão com uma multa de US\$ 25.000 (Vinte e cinco mil dólares americanos), e a obrigação de disputar a próxima partida oficial com portões fechados. Se os espectadores não puderem ser atribuídos a uma equipe representativa nem a um clube, a sanção será aplicada à Associação organizadora ou ao clube mandante em questão.¹³

Na FCF (Colômbia) temos a indicação de que a conduta racista será punida de forma automática, inclusive, registra que a provocação ao público também deve ser incluída no rol de práticas que podem surgir a partir do racismo.

Incluindo a suspensão automática, toda pessoa que incorrer nas seguintes condutas será sancionada com: Suspensão de um (1) a três (3) meses e multa de cinco (5) a dez (10) salários mínimos legais mensais vigentes no momento da infração por conduta antidesportiva contra um oficial de partida consistente em empurrar, apertar, dar peitadas ou boladas ou agredi-lo de forma parecida, sem prejuízo das disposições sobre incitação à hostilidade ou à violência, provocação ao público, as concernentes à honra, as de natureza racista e as infrações que atentam contra a liberdade.

Na legislação da AFA (Argentina) identificamos que a discussão da temática está concentrada em parágrafos mais genéricos sobre a punição, retratam que os atos racistas serão punidos, mas não conseguimos encontrar os encaminhamentos para tal. Desta forma, julgamos necessário trazer o texto descrito no código de ética da AFA.

As pessoas sujeitas ao presente código não atentaram contra a dignidade ou integridade de um país, de uma pessoa ou de um grupo de pessoas mediante palavras ou ações desrespeitosas, discriminatórias ou denegridoras, por razão de sua raça, cor da pele, etnia, origem nacional ou social, gênero, idioma, religião, posicionamento político ou de outra índole, poder aquisitivo, lugar de nascimento ou procedência, orientação sexual ou qualquer outro motivo.¹⁴

13. Código Disciplinário da Federação Boliviana de Futebol.

14. Código de Ética da Associação de Futebol Argentina.

Em nossas análises, a única federação que trata sobre as formas de prevenção é a FPF (Peru), ao passo que “A Liga Profissional de Futebol e os clubes aplicarão uma política contra o racismo e qualquer outro tipo de discriminação no futebol, realizando campanhas de consciência social nesse sentido.”¹⁵ Sobre este assunto, cremos que seja importante, à medida em que trata de maneiras de prevenção as ocorrências de atos racistas. Marcos Silva (2021) aborda a importância das ações de cunho educacionais antirracistas, como um balizador na construção de consciência coletiva sobre a necessidade de combater o racismo.

Todas as federações que punem com multas apontam que os casos de reincidências terão peso diferente no julgamento, podendo, por exemplo, incorrer em um aumento da multa, nestss casos. Mas, quando se trata das instituições, não fica evidente qual será a medida para tal, o que em nossa perspectiva pode auxiliar a tornar o processo das multas subjetivo. É importante destacar que durante nossas pesquisas, não visualizamos nenhuma das federações indicando o banimento por prática de ato racista.

Considerações finais

Ao ser concebido como um fenômeno social que é parte integrante da vida cotidiana e, conseqüentemente, das condições e mazelas induzidas pelo modo de produção capitalista, o futebol reverbera ações e disputas políticas inerentes aos processos de dominação e apagamento que constituem, dentre outras formas de discriminação pela cor da pele, o racismo. Neste sentido, a partir das legislações das federações de futebol dos países sul-americanos, buscamos compreender como o racismo é concebido nestas instituições e como são as propostas de punição aos atos racistas.

Tal como ainda são incipientes as ações efetivas no combate ao racismo no futebol, também é incipiente a produção científica acerca deste tema na literatura, que avança em consonância com novas decisões legais e o desenvolvimento de mais ações. Desta forma, não sendo possível encontrar pesquisas anteriores ao ano de 2021 que versassem sobre o racismo na perspectiva legal e institucional (Abrahão *et al.*, 2021) em nosso mapeamento, sinaliza-se que esse é um tema que deve ser ainda encarado pelos pesquisadores, tendo em vista os embrionários resultados aqui encontrados. Além disso, destacamos que a ausência de políticas públicas diretas para combater o problema do racismo no futebol é um ponto de semelhança entre as legislações dos países investigados, o que indica a necessidade de uma construção coletiva em nosso continente.

15. Regulamento da Liga 1 (futebol profissional masculino).

Punições como multas, eliminações e perda de pontos foram notadas na legislação de federações como a brasileira, a peruana, a paraguaia, a boliviana, a colombiana, a equatoriana e a uruguaia, ao passo que não foi possível identificar como a federação argentina penaliza os atos racistas/discriminatórios. Nas federações venezuelana e chilena, não foram encontrados elementos para alimentar nossa discussão. Existe um protagonismo em relação às legislações de combate ao racismo exercido pela Confederação Brasileira de Futebol, ao passo que detalha em vários momentos as formas e condições de punição ao racismo. E em relação à prevenção, podemos destacar a Federação Peruana de Futebol, que legisla, inclusive, sobre a importância de ações preventivas e de conscientização.

Sob uma perspectiva legislativa, foi possível notar avanços no trato com o racismo em alguns países sul-americanos, embora seja necessário compreender como isso é concebido nas realidades material e prática, que em determinados momentos não espelham o avanço de atos racistas em nosso continente, quando colocamos o futebol em perspectiva analítica. Além disso, compreendemos a necessidade de realização de outros estudos que abordem como o racismo e outras discriminações são concebidas em outros cenários como no futebol feminino e outros continentes e federações.

Referências

ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda *et al.* A discriminação racial e a legislação do futebol brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Física Esporte**, São Paulo, v. 35, p. 99-106, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/187915>. Acesso em: 15 jul. 2024.

ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. Uma análise sobre o caso 'Grafite x Desábato' à luz do 'racismo à brasileira'. **Esporte e Sociedade**, ano 2, n. 5, mar./jun., 2007.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte-MG: Letramento, 2018.

BAGGIO, Roberta; RESADORI, Alice e GONÇALVES, Roberta. Raça e Biopolítica na América Latina: os limites do direito penal no enfrentamento ao racismo estrutural. **Revista Direito e Práxis**, v. 10, n. 3, p. 1834-1862, jul. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdp/a/6f-T3PWXbJX6f6vmB3t4VvqK/#>. Acesso em: 01 ago. 2024.

BEIRITH, Mariana Klauck *et al.* Racismo no futebol brasileiro: revisão bibliométrica em periódicos científicos. **Retos**, v. 52, p. 261-269, 2024. Disponível em: <https://recyt.fecyt.es/index.php/retos/article/view/101660>. Acesso em: 15 jul. 2024.

BREITKREITZ, Luciano Anderson. A ditadura e o futebol na América Do Sul: A construção de um imaginário coletivo através das Copas Do Mundo de 1970 e 1978. **Semina - Revista dos Pós-Graduandos em História da UPF**, v. 11, n. 1, 2014. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/ph/article/view/4374>. Acesso em: 10 jun. 2024.

CALDAS, Waldenyr. O futebol no país do futebol. **Lua nova: cultura e política**, v. 3, n. 2, p. 24-30, 1986. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-64451986000300005>. Acesso em: 10 jun. 2024.

DA MATTA, Roberto *et al.* **O universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

FARIAS, Gabriel Cerqueira de Mello; SILVA, Andrey de Farias Martins.; LIMA, Paulo Ricardo Silva. O racismo dentro das quatro linhas: reflexões acerca das legislações e discriminação no futebol brasileiro. **Diversitas Journal**, v. 9, n. 1, p. 30-36, 2024. Disponível em: https://diversitas.emnuvens.com.br/diversitas_journal/article/view/2813. Acesso em: 15 jul. 2024.

FARIAS, Lennon Giulio Santos de *et al.* A institucionalização do racismo contra negros(as) e as injúrias raciais no esporte profissional: o contexto internacional. **Movimento**, v. 26, e26074, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/104354>. Acesso em: 15 jul. 2024.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Porto Alegre: L&PM, 2010.

GASPARETTO, Thadeu Miranda. O futebol como negócio: uma comparação financeira com outros segmentos. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 35, n. 4, p. 825-845, out. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/nQwxcCFYTPGQy5cyLCVTzrm/?lang=pt#>. Acesso em: 12 jun. 2024.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio Janeiro: Zahar: 2020. 375 p.

GRUPO Banco Mundial. **Afrodescendentes na América Latina: rumo a um marco de inclusão**. 2018. Disponível em: <https://dds.cepal.org/redesoc/publication?id=5034>. Acesso em: 20 jul. 2024.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo, SP: Atlas, 2003.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL. MUSEU DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL/PROEXT. **Relatório da discriminação racial no futebol 2022: 9º relatório da discriminação racial no futebol**. 1. ed. Porto Alegre: Observatório da Discriminação Racial no Futebol, 2023.

OLIVEIRA, George Roque Braga *et al.* O que dizem as denúncias de discriminação racial no futebol brasileiro? **Licere**, Belo Horizonte, v. 24, n. 4, dez., 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/37727>. Acesso em: 15 jul. 2024.

RAMOS, Danilo da Silva *et al.* Futebol e racismo: a Copa Libertadores de 2022. In: SILVA, Walesson Gomes da; TOMASI, Alessandro Rodrigo Pedroso; RAMOS, Danilo da Silva (Org.). **Caminhos e possibilidades para os estudos do lazer**. v. 2. Belo Horizonte: Editora Sarerê, 2022.

RAMOS, Danilo da Silva; REZENDE, Fábio Henrique França; CORNELSEN, Elcio Loureiro. Racismos e códigos disciplinares: uma breve análise dos atos raciais nas legislações das confederações internacionais de futebol. **Ludopédio**, São Paulo, v. 179, n. 16, 2024. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquibancada/racismos-e-codigos-disciplinares-uma-breve-analise-dos-atos-raciais-nas-legislacoes-das-confederacoes-internacionais-de-futebol/>. Acesso em: 15 jul. 2024.

RINALDI, Wilson. Futebol: manifestação cultural e ideologização. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 11, n. 1, p. 167-172, 2000. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/biblioteca/futebol-manifestacao-cultural-e-ideologizacao/>. Acesso em: 12 jun. 2024.

RODRIGUES, Franciso Xavier Freire. Modernidade, disciplina e futebol: uma análise sociológica da produção social do jogador de futebol no Brasil. **Sociologias**, n. 11, p. 260-299, jan. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/KNWRL45NFyxhynLWTxR7tsr/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 jul. 2024.

SAMPAIO, Micharlen Braga; MOTA, Guilherme Gustavo Vasques. Discriminação racial no esporte: o racismo e a legislação do futebol brasileiro. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 10, n. 3, p. 2653-2673, 2024. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/13423>. Acesso em: 15 jul. 2024.

SANDOVAL, Gabriel Orenge; GODOY, Luis Bruno de; SCAGLIA, Alcides José. O jogador-de-desempenho joga o futebol-obscuro: o futebol na sociedade de Byung-Chul Han. **Esporte e Sociedade**, ano 16, n. 38, jun. 2023.

SANTOS, Eumara Maciel dos. Ser negro na América Latina: sobre identidades plurais e dinâmicas dos afrodescendentes. **Revista Fórum Identidades**, Itabaiana-SE, n. 1, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/forumidentidades/article/view/11581>. Acesso em: 13 jun. 2024.

SANTOS, Gislane Aparecida Dos. Nem crime, nem castigo: o racismo na percepção do judiciário e das vítimas de atos de discriminação. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 62, p. 184-207, dez. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rieb/a/S5mQsNJQZ8YmqJKMqJkbMYS/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 02 jul. 2024.

SILVA, Marcos Antônio Batista Da. Educação antirracista no contexto político e acadêmico: tensões e deslocamentos. **Educação e Pesquisa**, v. 47, p. e226218, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/nhjpTjF8ftjZCYcBBPNqQmQ/#>. Acesso em: 01 de ago. 2024.

SILVA, Marcos Vinicius Oliveira da; SILVA, Miriam Barros Dias da; MARUCCI, Fábila dos Santos. A influência do futebol na cultura e na política da América do Sul. **Revista Semioses**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 1-12, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://apl.unisuam.edu.br/revistas/index.php/Semioses/article/view/453>. Acesso em: 11 jun. 2024.

TONINI, Marcel Diego. Racismo no futebol brasileiro: revisitando o caso Grafite/Desábato. **Revista de História Regional**, v. 17, n. 2, p. 438-468, 2012.

Legislações utilizadas

ARGENTINA. Asociacion Del Futbol Argentino. **Código de Ética**. 2017. Disponível em: <https://www.afa.com.ar/upload/reglamento/Estatuto%20AFA%20-%20Desde%2024.02.2017.pdf> Acesso em: 08 ago. 2024.

BOLÍVIA. Federación Boliviana de Fútbol. **Código disciplinario**. Disponível em: <https://www.fbf.com.bo/downloads/CODIGO-DISCIPLINARIO-FBF.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2024.

BOLÍVIA. Federación Boliviana de Fútbol. **Reglamento general de campeonatos y torneos - división profesional 2023 temporada 2023**. 2023. Disponível em: <https://www.fbf.com.bo/images/upload/C-2271c3915123e085952dd8bd191c25a2.pdf> Acesso em: 08 ago. 2024.

BRASIL. Confederação Brasileira de Futebol. **Código brasileiro de justiça desportiva**. 2014. Disponível em: https://www.gov.br/mds/pt-br/composicao/orgaos-colegiados/cne/arquivos/codigo_brasileiro_justica_desportiva.pdf Acesso em: 08 ago. 2024.

BRASIL. Confederação Brasileira de Futebol. **Código de ética e conduta do futebol brasileiro**. 2017. Disponível em: https://www.legiscompliance.com.br/images/pdf/codigo_cbf.pdf Acesso em: 08 ago. 2024.

BRASIL. Confederação Brasileira de Futebol. **Regulamento geral das competições**. 2023. Disponível em: https://www.fsf-se.com.br/wp-content/uploads/2023/03/20230214221219_73.pdf. Acesso em: 08 ago. 2024.

CHILE. Asociación Nacional de Fútbol Profesional. **Campeonato nacional de primera división temporada 2024**. 2024. Disponível em: <https://www.anfp.cl/documentos/8a39e04f489e954fc-046f5f9303fe585.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2024.

COLOMBIA. Federación Colombiana De Fútbol. **Código disciplinario único federación colombiana de fútbol**. 2018. Disponível em: <https://fcf.com.co/wp-content/uploads/2019/04/20180405MODIFICACIONCDUFCF.pdf> Acesso em: 08 ago. 2024.

EQUADOR. Federación Ecuatoriana De Fútbol. **Código disciplinário**. 2024. Disponível em: <https://www.fef.ec/estatutos-y-reglamentos> Acesso em: 08 ago. 2024.

EQUADOR. Reglamento General De Competiciones de La Federación Ecuatoriana De Fútbol. **Reglamento general de competiciones de la federación ecuatoriana de fútbol**. 2024. Disponível em: <https://www.fef.ec/wp-content/uploads/2023/03/REGLAMENTO-GENERAL-DE-COMPETICIONES-CR-CORREGIDO-FINAL-2.pdf> Acesso em: 08 ago. 2024.

PARAGUAI. Asociación Paraguaya de Fútbol. **Código de ética**. 2023. Disponível em: https://dcejgxca9s6qs.cloudfront.net/files/normativa/2023/codigo_de_etica_apf_2023.pdf. Acesso em: 08 ago. 2024.

PARAGUAI. Asociación Paraguaya de Fútbol. **Reglamento general de competiciones**. 2024. Disponível em: https://dcejgxca9s6qs.cloudfront.net/files/normativa/2024/reglamento_general_de_competiciones_2024.pdf. Acesso em: 08 ago. 2024.

PERU. Federación Deportiva Nacional Peruana De Fútbol. **Reglamento liga 1**. 2024. Disponível em: <https://cdn.ovacion.pe/Documentos/Reglamento%20Liga1%202024.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2024.

URUGUAI. Asociación Uruguaya De Fútbol. **Código ético asociación uruguaya de fútbol**. 2021. Disponível em: <https://www.auf.org.uy/codigo-de-etica-de-la-auf-version-aprobada-en-el-congreso-del-6-de-octubre-de-2021/> Acesso em: 08 ago. 2024.

VENEZUELA. Federación Venezolana De Fútbol. **Estatutos**. 2024. Disponível em: https://cdn.prod.website-files.com/647f617dd121284b6b936bda/660c80c4d75ba3b00eaada05_Estatutos%20Actualizados%20Registrados.pdf. Acesso em: 08 ago. 2024.



O futebol no Piauí: práticas de sociabilidade nos estádios Albertão e Lindolfinho^{1,2}

Mariane da Silva Pisani³  

Universidade Federal do Piauí

Marina de Mattos Dantas⁴  

Universidade do Estado de Minas Gerais

Resumo

O objetivo deste trabalho é contextualizar partes da história do futebol no Piauí e evidenciar questões que possibilitem discorrer sobre estádios, práticas de sociabilidades e os principais atores (torcedores, jogadores e clubes) envolvidos neste universo. O Piauí é um estado nordestino famoso pelos parques nacionais, sítios arqueológicos e pinturas rupestres pré-históricas. O que poucos sabem é que o Piauí possui vasta história no que diz respeito às práticas futebolísticas, sobretudo a dos homens. O presente trabalho é fruto das observações participantes de inspiração etnográfica realizadas pelas autoras, entre agosto de 2022 e janeiro de 2023, durante jogos das Série A e Série B do Campeonato Piauiense de Futebol jogado por homens. Ao perceber que o acompanhamento de jogos e equipes locais é parte das práticas cotidianas dos moradores da capital, produzimos algumas reflexões e interlocuções sobre as relações entre o jogar e o torcer para a população local, evidenciando como essas atividades fazem parte de um campo de negociações, tensões e barreiras. Ao mapear como esses espaços são utilizados e vivenciados, a pesquisa revelou diferentes camadas de significado atribuídas ao futebol e sua centralidade na vida social piauiense e, de maneira mais específica, teresinense.

Palavras-chave

Futebol. Piauí. Sociabilidades. Torcedores(as).

1. Este trabalho foi apresentado na XIV Reunião de Antropologia do Mercosul: Reconexões e desafios a partir do sul global, sediada em Niterói, Rio de Janeiro, no ano de 2023. Agradecemos aos coordenadores do Grupo de Trabalho 13, Antropologia das Práticas Esportivas e de Lazer, professor Dr. Edison Gastaldo (CEP/FDC) e Me. Nicolas Eduardo Cabrera Duran (CONICET), a acolhida e também os generosos comentários para melhoria do material.

2. Este trabalho recebeu financiamento do INCT Estudos do Futebol Brasileiro, a quem as autoras são imensamente gratas.

3. Doutora em Antropologia Social e professora na Universidade Federal do Piauí. Vice Coordenadora do INCT Estudos do Futebol. Atualmente pós-doutoranda na Universidad de Buenos Aires.

4. Psicóloga, Doutora em Ciências Sociais e Professora na Universidade do Estado de Minas Gerais. Pesquisadora e Vice-líder do Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT).

Football in Piauí: practices of sociability in the Albertão and Lindolphinho stadiums

Abstract: The aim of this work is to contextualize aspects of the history of football in Piauí and highlight issues that allow for discussions about stadiums, sociability, and the main actors (fans, players, and clubs) involved in this universe. Piauí, a northeastern state in Brazil, is renowned for its national parks, archaeological sites, and prehistoric rock paintings. However, few are aware of Piauí's rich history in football, particularly in the men's game. This study is based on participant observations, ethnographically inspired, conducted by the authors between August 2022 and January 2023, during Serie A and Serie B matches of the Piauí Men's Football Championship. Noting that following local games and teams is a regular practice among residents of the capital, we offer reflections and dialogues on the relationships between playing and supporting football within the local population, highlighting how these activities are embedded in a field of negotiations, tensions, and boundaries. By mapping how these spaces are used and experienced, the research revealed different layers of meaning attributed to football and its centrality in social life in Piauí and, more specifically, in Teresina.

Keywords: Football. Piauí. Sociability. Fans.

El fútbol en Piauí: prácticas de sociabilidad en los estadios Albertão y Lindolphinho

Resumen: El objetivo de este trabajo es contextualizar aspectos de la historia del fútbol en Piauí y evidenciar cuestiones que permitan discutir sobre estadios, sociabilidad y los principales actores (aficionados, jugadores y clubes) involucrados en este universo. Piauí es un estado del noreste de Brasil famoso por sus parques nacionales, sitios arqueológicos y pinturas rupestres prehistóricas. Sin embargo, pocos saben que Piauí tiene una vasta historia en lo que respecta a las prácticas futbolísticas, especialmente las masculinas. El presente trabajo es fruto de observaciones participantes de inspiración etnográfica realizadas por las autoras entre agosto de 2022 y enero de 2023, durante los partidos de la Serie A y Serie B del Campeonato Piauiense de Fútbol masculino. Al observar que seguir los partidos y equipos locales forma parte de las prácticas cotidianas de los habitantes de la capital, hemos producido algunas reflexiones e interlocuciones sobre las relaciones entre el jugar y el apoyar para la población local, destacando cómo estas actividades forman parte de un campo de negociaciones, tensiones y barreras. Al mapear cómo se utilizan y experimentan estos espacios, la investigación reveló diferentes niveles de significado atribuidos al fútbol y su centralidad en la vida social en Piauí y, más específicamente, en Teresina.

Palabras clave: Fútbol. Piauí. Sociabilidades. Aficionados(as).

Introdução

O Piauí é um dos nove estados que compõem a região nordeste do Brasil. De acordo com o último Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o Piauí apresentou crescimento da sua população passando de 3.195.000 milhões, em 2010, para 3.269.200 milhões de habitantes em 2022. São as duas cidades mais populosas, a capital Teresina com quase 900 mil habitantes, seguida da cidade litorânea, Parnaíba, com 162 mil habitantes (IBGE, 2022).

O estado é bastante famoso pelos seus parques nacionais, sítios arqueológicos e pinturas rupestres pré-históricas. Com destaque ao Parque Nacional Serra da Capivara, fundado em 1979 com o intuito de preservar os vestígios arqueológicos mais antigos do Brasil e da América do Sul. A partir dos esforços da pesquisadora e arqueóloga Niède-Guidon, junto do seu grupo de pesquisadores(as), a demarcação do parque foi concluída no ano de 1990. Atualmente o parque é subordinado ao Instituto Chico Mendes de

Conservação da Biodiversidade (ICMBio) e, em virtude da sua relevância, a Unesco o inscreveu na Lista do Patrimônio Mundial em 13 de dezembro de 1991, e também na Lista Indicativa brasileira como patrimônio misto (IPHAN, 2014).

O que poucos sabem, contudo, é que o Piauí também possui vasta história no que diz respeito às práticas futebolísticas, sobretudo aquelas protagonizadas por homens. Ainda no começo do Século XX, é possível identificar a partir de recortes de jornais, livros e pesquisas locais a ocorrência das primeiras partidas de futebol no estado na cidade litorânea chamada Parnaíba, onde foi fundada a Liga Parnaibana de Futebol. Nas palavras do historiador Fransuel Lima de Barros, “em 1905, se registraram os primeiros indícios do jogo de bola no Piauí, quando o jornal O Monitor, de Teresina, noticiou que ‘de Paranaíba, da redação do jornal A Tribuna, chega a informação sobre a nova brincadeira, chamada por alguns de foot-ball, e por outros de jogo de bola” (Barros, 2021, p. 140).

É imprecisa a data de chegada do futebol a Teresina, mas segundo o jornalista e pesquisador Piauiense Severino Filho, o primeiro clube teria surgido em 27 de julho de 1906, com o nome *TheresinenseFoot-Ball Club*, não havendo registro, entretanto de sua participação em amistosos e campeonatos (Lima de Barros, 2021, p. 142).

Logo em sequência, inaugurou-se a Liga de Teresina, na capital, e a Federação de Futebol local.

Em Teresina, a popularização da cultura física teve seu auge com a prática do futebol. Na década de 1910, a grande paixão esportiva dos teresinenses se reflete no aparecimento de vários times com suas respectivas datas de fundação: Theresinense Athletic Club (1917), Artístico (1918), Militar (1918), Comércio (1918), Tipográfico (1919), América (1924), Tiradentes (1924), Ypiranga (1927), 4 de Outubro (1930) e o Sport Club Guarany (1929). Na cidade de Parnaíba, destacam-se: o Parnahyba (1913), o Internacional (1917) e o Paysandu (1928). (Lima de Barros, 2021, p. 144).

A Federação Piauiense de Futebol foi fundada em 25 de novembro de 1941, a partir da promulgação do Decreto-Lei nº 3.199 de 14 de abril de 1941 (Said, 2021). O mesmo Decreto-Lei que proibiu as mulheres de jogarem futebol no Brasil até meados dos anos 1979 instituiu que cada capital brasileira deveria possuir sua própria federação de futebol com o intuito de regular os campeonatos locais e estaduais. Com a implantação do profissionalismo em 1963, a Federação mudou seu nome para Federação Piauiense de Desportos (FFP, 2023). E foi somente em 1991, na comemoração do cinquentenário da federação que esta mudou de nome para Federação de Futebol do Piauí (Severino Filho, 2014).

Desde 1964, a partir dos registros das cartas trocadas entre José de Atimathéa Tito Filho e Carlos Said, podemos perceber que a prática do futebol no Piauí já ocupava um local de destaque entre seus adeptos:

Nada há de mais ruidoso e trepidante do que um futebol brasileiro, jogado no Rio, em São Paulo, Belo Horizonte, Teresina, nas cidadezinhas mortas do interior ou nas ruas de propriedade da menina travessa - cada área populacional com seus clubes e seus ídolos, cada clube com seus legionários, cada legionário em função do seu bairrismo, - e para cada tento conquistado, uma urra da multidão, nos instantes de glória (Said, 1966, p. 13).

O trecho da carta de A. Tito Filho, integra o livro “O Piauí no futebol” (2021), escrito pelo jornalista e ex-atleta do River Atlético Clube ou River do Piauí, Carlos Said. O material foi publicado originalmente em 1966 e republicado, a partir de nova edição, no ano de 2021. Carlos Said, também conhecido como Magrão de Aço, é considerado o pioneiro da imprensa esportiva piauiense, começando na Rádio Pioneira, onde implantou e dirigiu os departamentos de esporte e jornalismo em 1962 e atuando posteriormente na Rádio Difusora de Teresina. É Said, portanto, quem melhor nos apresenta a evolução do futebol piauiense durante as décadas de 1970, 1980 e 1990:

No tempo em que o livro foi lançado, o futebol no Piauí era pouco conhecido no âmbito nacional [...]. A antiga Confederação Brasileira de Desportos desenvolveu o Campeonato Nacional a partir dos anos 1970, o que de certa forma fez com que a então Federação Piauiense de Desportos, hoje Federação de Futebol do Piauí, colocasse em evidência o livro que foi formatado por mim [...]. Coincidentemente, houve uma evolução fantástica no futebol piauiense, com a participação de clubes piauienses (Tiradentes, River, Flamengo, Piauí e, depois, Auto-Esporte) em campeonatos nacionais e com grandes clássicos nas decisões estaduais [...]. A partir de então, ampliando-se, sobretudo, nos anos 1980 e 1990, os clubes de interior (cidades como Campo Maior, Parnaíba, Picos, Floriano, altos, Piripiri, Barras, Oeiras) desenvolveram projetos que foram aprovados pela Federação de Futebol do Piauí, razão do progresso e da organização das equipes de futebol, em sintonia com a construção de estádios para prática o esporte (Said, 2021, p. 21).

O livro de Carlos Said também levanta algumas considerações importantes sobre as conexões entre o futebol regional, jogado no estado do Piauí, e um futebol global, praticado em outras localidades, especialmente no eixo Rio de Janeiro-São Paulo:

Muita gente tem falado que o futebol de nossa terra está sofrendo de um complexo de inferioridade determinado por reflexos psicológicos que estão atuando em detrimento da personalidade esportiva regional. O complexo de inferioridade que nos tem prejudicado é motivado pela desorganização que reina

em nosso futebol. (...) Os dirigentes da Federação Piauiense de Desportos preferiram, por muito tempo, ficar isolados do resto do Brasil, como se nossa região não pudesse melhorar material e financeiramente (Said, 2021, p. 37).

A partir deste resgate, ficamos sabendo que o futebol jogado por homens no Piauí existe, portanto, ao menos desde 1905, quando é inicialmente disputado em ligas estaduais e, desde 1963, quando se profissionaliza e passa a integrar o circuito nacional. A partir do ano de 1957, alguns times piauienses passaram a figurar, ainda que de maneira intermitente, na Série B do Campeonato Brasileiro.

Trabalhos acadêmicos sobre futebol no Piauí ainda aparecem de maneira escassa. Em uma busca nos repositórios das universidades públicas locais – Universidade Federal do Piauí (UFPI) e Universidade Estadual do Piauí (UESPI) –, pudemos encontrar quatro trabalhos. O primeiro é de Fransuel de Lima Barros, que analisou as crônicas jornalísticas de 1900 a 1930 em busca de pistas sobre as sociabilidades teresinenses na virada do século passado, dentre elas o futebol (2015). O segundo trabalho encontrado foi de Mayra Izaura de Moura, que também resgatou a partir das crônicas jornalísticas, agora entre 1971 e 1975, as representações sociais sobre futebol em Teresina (2017). O terceiro é de Ana Hilda Lima do Vale, autora que pesquisa as relações de sociabilidade e identidade na torcida Esporão do Galo em Teresina (2019). E o último trabalho encontrado foi o de Joaquim Kayk Breno Conrado, que analisou a partir das crônicas jornalísticas, no período de 1970 a 1980, as intersecções entre futebol, política e torcida (2020). Convém destacar que as dissertações de Barros, Moura e Conrado foram defendidas no Programa de Pós-Graduação de História do Brasil da UFPI, o que demonstra uma preponderância da área a respeito da temática. Já a dissertação de Vale foi produzida e defendida no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPI.

Nesse sentido, este artigo busca preencher parte da lacuna de pesquisas acadêmicas e científicas sobre o futebol piauiense no tempo presente. Assim, elegemos como problema de pesquisa apresentar os dois principais estádios de futebol em Teresina e como estes se configuram como espaços para práticas de sociabilidade para a população local. Neste artigo, emprestamos de Georg Simmel o conceito de sociabilidade:

A própria sociedade em geral se refere à interação entre indivíduos [...]. A importância dessas interações está no fato de obrigar os indivíduos, que possuem instintos, interesses, etc., a formar uma unidade - precisamente, uma “sociedade” [...]. Desse modo, a sociação é a forma (realizada de incontáveis maneiras diferentes) pela qual os indivíduos se agrupam em unidades que satisfazem seus interesses [...]. A sociabilidade não tem propósitos objetivos, nem conteúdo, nem resultados exteriores, ela depende inteiramente das personalidades entre as quais ocorre. Seu alvo não é nada além do sucesso do momento de sociação e, quando muito, da lembrança dele (Simmel, 1983, p. 165-168).

De uma perspectiva metodológica, este artigo origina-se a partir das observações participantes realizadas por ambas as autoras durante alguns jogos do Campeonato Piauiense de Futebol jogado por homens, Série A e Série B, disputado no final de 2022 e início de 2023. À época, como forma de se ambientar às vivências locais, as autoras-pesquisadoras foram juntas aos jogos e estádios para observar e participar das movimentações em torno do futebol piauiense.

Segundo Marconi e Lakatos (2017, p. 2010), a observação participante:

Consiste na participação real do pesquisador na comunidade ou grupo. Ele se incorpora ao grupo, confunde-se com ele. Fica tão próximo à comunidade quanto um membro do grupo que está estudando e participa das atividades normais deste [...] de modo que possa vivenciar o que eles vivem e trabalhar dentro do sistema de referência deles.

Desse modo, empenha-se uma pesquisa de tipo qualitativa e inspiração etnográfica. Para as autoras a etnografia se define como:

[...] um conjunto de técnicas utilizadas para a coleta de dados sobre valores, crenças, práticas sociais e religiosas e comportamento de um grupo social, ou levantamento de dados de determinados grupos e sua descrição, com a finalidade de conhecer-lhe melhor o estilo de vida ou sua cultura específica” (Marconi; Lakatos, 2017, p. 119).

É importante destacar que os dados apresentados neste artigo, bem como as reflexões advindas destes, se originam a partir de algumas etapas metodológicas. A primeira etapa diz respeito à observação participante entre os torcedores, comerciantes ou outros personagens que também acompanhavam os jogos. Ou seja, muitas vezes nos engajamos em conversas com as pessoas que estivessem por perto, sobretudo nas arquibancadas.

Uma segunda etapa envolveu o registro por escrito, seja de frases proferidas pela torcida, seja de trechos das conversas anteriormente mencionadas, em nossos aparelhos celulares. Optamos por não levar bloquinhos de papel ou mesmo o tradicional caderno de campo, por serem instrumentos que pareceriam um tanto quanto deslocados dentro dos estádios de futebol, embora não fossem proibidos. Aliás, o ato de digitar no celular, bastante usual na vida cotidiana, aparentava uma pausa para o envio de mensagens ou a consulta desinteressada nas redes sociais.

Uma terceira etapa desta pesquisa consistiu no uso de câmeras fotográficas e dos celulares para realização de registros fotográficos e até gravações de situações, detalhes ou acontecimentos que chamassem a atenção das autoras. Algumas dessas fotografias são utilizadas nesse artigo com o intuito de demonstrar os assuntos e as situações sobre as quais se fala.

Uma quarta etapa consistiu nas autoras se encontrarem para conversar e trocar impressões sobre o que foi visto, ouvido, conversado e vivido nas arquibancadas dos estádios durante os jogos. Assim, a partir das vivências e experiências das autoras, foi possível perceber que o ato de acompanhar os jogos e as equipes locais constitui parte das práticas de sociabilidades cotidianas dos moradores da cidade de Teresina. Dessa forma, é possível produzir algumas reflexões e interlocuções sobre as relações entre o jogar e o torcer para a população local. Essas atividades constituem um campo de negociações, tensões e barreiras durante o espetáculo futebolístico.

Este artigo está dividido em alguns tópicos. No primeiro momento, iremos apresentar algumas informações sobre os principais estádios que compõem esse cenário, evidenciando suas particularidades, diferenças e semelhanças. Em um segundo momento, apresentaremos os relatos e as observações participantes das pesquisadoras a partir dos jogos assistidos, propriamente ditos. Em um terceiro momento, faremos as discussões a partir da literatura mobilizada.

1 Albertão e Lindolfinho: os estádios de futebol da cidade de Teresina

Atualmente a cidade de Teresina possui dois estádios a sua disposição, o Municipal Lindolfo Monteiro e o Estádio Alberto Tavares Silva, conhecidos respectivamente como Lindolfinho e Albertão. O Lindolfinho foi fundado em 1944, logo após a criação da Federação Piauiense de Futebol, em 1941, fomentado pela regulamentação da modalidade do futebol jogado por homens pela CND.

Imediatamente, o grupo de velhos amantes do futebol rumou para o Palácio Krenak a fim de manterem entendimentos com o Interventor Federal sobre a cessão do terreno, sempre liderados por Sales e contando com o apoio descido do Senador Raymundo de Arêa Leão e do Major Abelardo do 25º BC, duas vigas mestras da implantação esportiva em nossa terra. Foram recebidos amavelmente e o antigo “Campo de Marte” foi entregue para construção da praça de esportes. O primeiro nome para o batismo do estádio veio à baila. Seria Lindolfo Monteiro (e continua a sê-lo). O Prefeito no Estado Novo trabalhara muito em prol do progresso em Teresina, capital política e cultural do Piauí (Said, 2021, p. 33).

O Lindolfinho possui capacidade oficial para 5.144 pessoas e integra um complexo esportivo com quadra de vôlei e outros equipamentos. Ele é administrado pela Secretaria de Municipal de Esporte e Lazer (SEMEL) da Prefeitura de Teresina. Convém destacar ainda que em dias de jogos, nos anos de 2022 e 2023, o preço dos ingressos variava entre R\$ 20 (vinte reais), para as cadeiras cobertas, e R\$ 10 (dez reais), para as cadeiras descobertas.

Já o estádio Albertão foi construído e fundado 29 anos depois do Lindolfinho, no ano de 1973, durante o Governo Estadual de Alberto Tavares Silva, em meio à ditadura civil-militar deflagrada pelo golpe de 1964. Os anos 1970 para o Piauí foi um momento de expansão econômica. Em meio a isso, a construção de estádios era incentivada pela intervenção estatal, entre outros motivos, pela aposta no potencial propagandístico e supostamente alienante do futebol. Contudo a construção de um novo estádio causou algumas discordâncias entre a população local:

A construção do Estádio gerou muitos conflitos entre favoráveis e desfavoráveis. Segundo uma coluna escrita pelo Advogado Flávio Teixeira de Abreu (1973), no jornal piauiense O ESTADO, muitos acreditavam que uma obra desse porte não seria útil, conveniente e nem oportuna, tendo em vista necessidades mais urgentes da época. No entanto, a maioria considerava a importância do estádio baseado no interesse nacional pelo esporte tanto no campo social como no cultural. Os governos estaduais estavam atendendo a esse chamamento nacional e vários estádios estavam sendo construídos ou sendo retomada a obra” (Feitosa; Santos, [s.d.], p. 5).

Em meados de 1970, o local escolhido para construção do novo estádio era inabitado. Contudo, após sua construção, o entorno começou a crescer, dando origem às principais vias da cidade teresinense: avenidas Castelo Branco, Gil Martins e Miguel Rosa (Negreiros; Afonso, 2010). Até o ano de 2023, o Albertão tinha capacidade oficial de receber 52.296 pessoas e sofria com o constante descaso do poder público no que diz respeito à manutenção das suas instalações. Cabe destacar que em abril de 2022, o Governo do Estado do Piauí foi acionado pelo Ministério Público do Piauí (MMPI), a partir do Inquérito Civil Público nº 02/2016, a fim de apurar as falhas estruturais que comprometiam as condições sanitárias, de higiene e segurança no estádio Albertão (MPPI, 2022). Aparentemente, para o desenvolvimento do Campeonato Piauiense Série B, no final daquele mesmo ano, as questões apontadas pelo MMPI foram devidamente sanadas.

As construções do Lindolfinho e do Albertão se situam no período em que a construção de estádios públicos de futebol se configurava como parte da produção social do espaço brasileiro, durante a sua revolução urbana, entre os anos de 1940 e 1970 (Malaia Santos, 2022). Na atualidade, ainda que estejam equipados para acolher a prática do futebol, é possível perceber que atendem, em partes, a públicos distintos. Essas diferenças se dão tanto pelas diferenças arquitetônicas quanto pela localização destes na cidade de Teresina. Além disso, a partir de uma perspectiva teórica e acadêmica, considerando o cenário nacional, os estudos sobre estádios emergem com mais intensidade após o anúncio do Brasil como sede da Copa do Mundo FIFA 2014 de Futebol Masculino, em 2007.

O trabalho de Christopher Gaffney (2008) e mais recentemente, os de Gilmar Mascarenhas (2013; 2014), situam os estádios como espaços importantes na configuração de territórios, sociabilidade, construção de identidades e disputas políticas Brasil afora. Isso se deve à medida que o futebol se difundiu pelo país, sobretudo no período de 1940 a 1970, incentivado pelo Estado e pelas indústrias. Assim o futebol brasileiro e seus estádios foram sendo conectados por pontos, inicialmente, desconectados entre si e transformando-se, paulatinamente, em elementos importantes para a integração nacional (Mascarenhas, 2014).

O estádio Lindolfinho está localizado na região Centro-Norte da cidade, logo, o local é de fácil acesso por meio de transportes públicos. Ao redor do estádio há uma rede de bares e comércios populares para que torcedores possam socializar, beber e comer antes e depois dos jogos. Já o Albertão localiza-se no bairro Redenção na Zona Sul da cidade de Teresina, que é considerada uma das mais violentas da cidade, sobretudo por conta da intensa presença de usuários de drogas consideradas ilícitas em seu entorno. O acesso ao estádio faz-se, quase que exclusivamente, através de carro e/ou motocicleta e ao seu redor são escassos os comércios para venda e consumo de alimentos e bebidas antes ou depois do jogo.

Desse modo, embora tenha sido possível nos jogos acompanhados, encontrar as mesmas pessoas – alguns vendedores, trabalhadores dos clubes, torcedores mais assíduos –, havia, a depender do local do jogo, um público específico de suas redondezas. Nesse sentido, as autoras acompanharam juntas quatro jogos da Série B, no ano de 2022 e um jogo da Série A, já no ano de 2023⁵.

Como de praxe em campeonatos estaduais, o campeão da Série B acessa a Série A na temporada seguinte, e o último colocado perde a vaga na liga. O campeonato estadual da Série B, em 2022, ocorreu a partir de três fases: na primeira, jogaram todos contra todos em cinco rodadas de turno único; na segunda, os mais bem colocados na primeira fase enfrentaram-se duas vezes nas semifinais (primeiro contra o quarto e segundo contra o terceiro colocado), definindo, assim, os finalistas e o acesso à Série A do Campeonato Piauiense de 2023. A final, terceira e última fase, foi disputada em jogo único.

Cinco clubes participaram da competição naquele ano: Ferroviário Atlético Clube, fundado na cidade Parnaíba no ano de 1946; Comercial Atlético Clube, da ci-

5. Os jogos foram assistidos foram: Tiradentes x Comercial, disputado no dia 28 de agosto de 2022 (Lindolfo Monteiro); Piauí x Tiradentes, disputado no dia 03 de setembro de 2022 (Governador Alberto Tavares Silva); Tiradentes x Ferroviário, partida jogada no dia 11 de setembro de 2022 (Lindolfo Monteiro); Tiradentes x Comercial, jogado em 17 de setembro de 2022 (Lindolfo Monteiro); e, por fim, o único jogo da Série A, Altos x Parnahyba, partida disputada em 15 de janeiro de 2023 (Governador Alberto Tavares Silva). Convém destacar que a equipe Sociedade Esportiva Tiradentes está sediada na cidade de Teresina, o que justifica, através dos mandos de campo, a quantidade de jogos assistidos da equipe em questão.

dade de Campo Maior, fundado em 1945; Sociedade Esportiva Tiradentes, da capital Teresina, criado em 1959; Sociedade Esportiva de Picos, da cidade de Picos, fundado em 1976; e o Piauí Esporte Clube, também da cidade de Teresina, criado em 1948. Dois destes, Tiradentes e Piauí, tiveram os mandos de campo em um dos estádios da cidade de Teresina.

2 Práticas de sociabilidades no futebol piauiense

Nesta seção apresentaremos algumas observações e dados que foram produzidos por ambas as autoras no período de agosto de 2022 a janeiro de 2023. Individualmente, ainda que não contempladas neste artigo, as autoras acompanharam outras partidas no período supracitado. A escolha de discorrer apenas sobre as partidas e jogos acompanhadas por ambas, vem com o intuito de condensar e facilitar as análises realizadas.

2.1 Lindolphinho e seus frequentadores na Série B

Das cinco partidas tratadas neste artigo, três foram assistidas no Estádio Lindolfo Monteiro, todas elas pelo Campeonato da Série B de 2022. O mesmo, como dito anteriormente, foi inaugurado em 1944 e serviu como palco para a primeira partida da Série B de 2022. Nos jogos da Série B, o Lindolphinho abria suas portas aos torcedores a partir de dois setores: cadeiras (R\$ 20) e arquibancadas (R\$ 10), geralmente, com o primeiro setor fazendo mais sucesso entre os assistentes por conta da cobertura do sol. Das cadeiras era possível escutar as transmissões das equipes de rádio que narravam as partidas da Série B (Figura 01).

Figura 1 – Tiradentes x Comercial, 28 de agosto de 2022. À esquerda, o campo, à direita parte das cadeiras cobertas e das cabines de transmissão.



Fonte: Acervo pessoal Marina de Mattos Dantas (2022).

Adentrar o estádio Lindolfinho era um procedimento simples: comprávamos os ingressos nas bilheterias, nos apresentávamos no portão de acesso, passávamos a catraca e buscávamos um lugar para nos sentar. Não havia policiamento ostensivo ou mesmo revista às bolsas e sacolas. Interessante destacar que dois anos após o anúncio do início da pandemia de Covid-19, algumas pessoas ainda utilizavam máscaras naquela ocasião, mesmo que o estádio fosse um espaço aberto.

No primeiro jogo assistido pelas autoras, Tiradentes x Comercial, em 28 de agosto de 2022, a maior parte do público presente era oriundo da cidade de Campo Maior, localizada a 80 km da capital Teresina, e constituíam a torcida do Comercial.

Ainda no perfilamento dos jogadores para cantar o hino e dar início à partida, as autoras repararam que o então goleiro do Tiradentes, Matheus, trazia no colo um cachorro de pequeno porte e, para a surpresa de ambas, cantou o Hino Nacional segurando-o. Ao procurar saber sobre a cena e as motivações, as autoras descobriram que Prince (Figura 02), o cachorro, fora resgatado de dentro de um bueiro, próximo ao centro de treinamento da equipe, pelos jogadores do Tiradentes e, desde então, era considerado o mascote do time. Após o Hino Nacional, Prince acompanhou a partida da arquibancada no colo do seu tutor.

Figura 2 – Prince, o mascote do Tiradentes, no colo do seu tutor.



Fonte: Acervo pessoal Mariane da Silva Pisani (2022).

Na arquibancada, com o Prince, homens e mulheres que assistiam à partida acompanhando o Tiradentes, equipe da cidade de Teresina, foi possível perceber a presença de torcedores com a camisa do River Atlético Clube, clube da primeira divisão do Estado do Piauí. Ainda na arquibancada, torcendo para o Comercial, de Campo Maior, foi possível ver torcedores, parte dos integrantes da comissão técnica do Comercial, familiares de jogadores e uma pequena torcida organizada.

Para além de torcedores, mascotes, comissão técnica da equipe e familiares dos jogadores, faziam-se presentes nas arquibancadas do estádio representantes da Federação de Futebol do Piauí, jornalistas e vendedores de lanches, cerveja, picolé e dindim⁶. Seu Gil⁷, vendedor de picolé Amazonas, era figura constante nos jogos, frequentemente conversando com as pessoas presentes nas cadeiras e arquibancadas e oferecendo seus picolés de frutos comuns na região como, por exemplo, Cajá, Bacuri, Buriti, Castanha e outras iguarias. Segundo o mesmo, quando ocorriam partidas simultâneas, os jogos no Lindolfinho eram melhores para as vendas do que os do Albertão.

O segundo jogo que acompanhamos no Lindolfinho foi Tiradentes x Ferroviário, partida jogada no dia 11 de setembro de 2022. Ainda no perfilamento dos jogadores de ambas as equipes, antes do Hino Nacional, foi possível notar que dois funcionários da Federação de Futebol do Piauí (FFP) seguravam uma faixa que trazia os dizeres “Dê cartão vermelho para a violência e faça a paz ganhar de goleada”. A ação, que pedia por paz no estádio, era fruto de uma parceria entre FFP e Ministério Público do Estado do Piauí.

Continuando as observações, agora já um pouco mais ambientadas no espaço, pudemos perceber que, logo após as catracas, que serviam para controlar a entrada dos torcedores(as), havia uma senhora, Dona Maria, que montava sua barraquinha para venda de pastéis, cachorro-quente, cerveja, água, suco e refrigerante (Figura 03). Durante o intervalo, entre o primeiro e o segundo tempo, todo material trazido por ela era rapidamente vendido.

6. Dindim é uma espécie de picolé de suco de frutas servido num saquinho de plástico comprido e estreito, sendo sinônimo de sacolé, geladinho ou chupe-chupe. No Piauí, os(as) vendedores(as) de dindim são chamados de dindinzeiros(as).

7. Todos os nomes utilizados neste artigo são fictícios.

Figura 03 - Tiradentes x Ferroviário, 11 de setembro de 2022. Barraquinha de Lanches durante o jogo.



Fonte: Acervo pessoal de Marina de Mattos Dantas e Mariane da Silva Pisani (2022).

Assim como Dona Maria, outro participante assíduo dos jogos no estádio Lindolfinho era o funcionário da FFP, sempre identificado por uma camisa verde fluorescente com o logo da FFP. Este funcionário postava-se sempre próximo à barraca de Dona Maria e controlava o acesso ao campo durante toda a partida. Ele abria e fechava o local com cadeado no início, no intervalo e após às partidas (Figura 03). Nesse mesmo estádio, esse funcionário da FFP levava café para os outros integrantes da Federação que acompanhavam a partida na beira do campo.

Foi na terceira partida acompanhada no Lindolfinho, entre Tiradentes x Comercial, disputada no dia 17 de setembro de 2022, que pudemos perceber que o mesmo era mais acessível para pessoas em cadeira de rodas e pessoas com dificuldades de mobilidade. Enquanto o estádio Albertão possui uma série de escadarias que os(as) torcedores(as) precisam descer e depois subir para alcançar as arquibancadas, o Lindolfinho foi recém-reformado e possui espaços bem delimitados para pessoas com deficiência (PcD) (Figura 04). Ainda nesse sentido, enquanto no Albertão os torcedores ficam separados do gramado por um fosso de mais de três metros de profundidade, no Lindolfinho os torcedores podem ficar mais próximos dos jogadores, uma vez que estão separados apenas por uma tela de proteção.

Figura 04 – Tiradentes x Comercial, 17 de setembro de 2022, torcedores acompanhando a partida



Fonte: Acervo pessoal de Mariane da Silva Pisani e Marina de Mattos Dantas (2022).

Algo que se repetiu nas três partidas acompanhadas era que de tempos em tempos o locutor do estádio Lindolfinho anunciava uma campanha antirracismo promovida pelo Ministério Público do Estado do Piauí: “Racismo não se tolera, racismo se combate...”. No mesmo campeonato, homens negros jogadores são chamados e reconhecidos pelo público como Pelé e Balotelli, em notória alusão e homenagem aos seus predecessores mais famosos que, ao mesmo tempo, expressa o “reconhecimento despersonalizado de homens negros” (Dantas; Silva, 2021) no futebol, que, se considerados habilidosos, são facilmente identificados como iguais a outros jogadores negros. Ainda que esses apelidos surjam como forma de destaque, abarcam um componente racista em suas concepções. Os jogadores mencionados não são apresentados como o próximo Pelé ou o próximo Balotelli, mas como mais um do mesmo.

Talvez o fato de sermos, as autoras-pesquisadoras, duas mulheres cisgênero, fez com que voltássemos nossas observações também à questão da presença de crianças e outras mulheres nas arquibancadas. Dessa forma, embora em menor número, foi possível registrar a presença de mulheres torcedoras e também de crianças (Figura 04). Esses personagens estavam sempre presentes nas cadeiras, arquibancadas e próximas ao alambrado tanto no Estádio Lindolfo Monteiro, quanto no Estádio Alberto Tavares Silva.

Sobre as crianças, é possível afirmar que as mesmas compareciam, evidentemente acompanhadas de seus pais e mães, mais aos jogos no Lindolfinho. As crianças de diversas idades, fossem elas filhos(as) de jogadores ou não, podiam ser vistas brincando no espaço existente entre as cadeiras e o alambrado do referido estádio. As brincadeiras eram, via de regra, futebol ou pega-pega. Já no estádio Albertão, as crianças apareceram em menor número e quando estavam presentes, permaneciam sentadas nas cadeiras ora assistindo a alguns lances da partida ora assistindo a vídeos nos celulares dos pais e mães.

Nos jogos da equipe Tiradentes uma mulher se destacou. Esta era integrante da comissão técnica da equipe e era a única mulher que, de vez em quando, assistia às partidas do lado de dentro do campo. Ela acompanhava atentamente todos os jogadores, sem-

pre gritando mensagens de incentivo. Ora para um jogador individualmente – “Faz seu nome, Luquinha!” –; ora interpelando todo o coletivo – “Cadê meu meio?!”. Essa mulher também fornecia informações aos torcedores que sentiam a ausência de algum jogador na partida. Algumas vezes foi possível ouvi-la reproduzindo discursos ainda comuns no futebol jogado por homens, que se utilizam de marcadores de gênero para depreciar a performance de jogadores, atribuindo a eles qualidades femininas em tom de crítica. Eram os momentos em que ela gritava aos jogadores: “Tá jogando igual moça!”.

2.2 Albertão e seus frequentadores na Série B (2022) e Série A (2023)

Das cinco partidas de futebol assistidas pela dupla de pesquisadoras, duas delas foram no estádio Albertão. A primeira foi entre Piauí x Tiradentes, disputada no dia 03 de setembro de 2022, pela Série B do campeonato piauiense. Já no acesso ao estádio, foi possível perceber as diferenças. Enquanto no Lindolfinho entrávamos por uma pequena porta lateral, sem a presença de guardas e policiais, no Albertão havia uma bilheteria e uma fila para acesso ao estádio, sendo que o mesmo só poderia ser feito a partir de uma catraca e depois uma inspeção nos bolsos e nas mochilas. Da mesma forma, enquanto o Lindolfinho era cercado por bares e comércios locais, nas portas do Albertão era frequente a presença de ambulantes e vendedores de espetinho.

Após passar pela inspeção da polícia e pelas catracas, os(as) torcedores(as) devem descer uma escadaria, ficando em um vão localizado embaixo da arquibancada. Seguindo a caminhada, os(as) torcedores(as) sobem uma outra escadaria e saem no meio das cadeiras, sendo brindados com uma vista ampla do estádio (Figura 05). Esse movimento, de descer e subir escadas, torna o Albertão inacessível para PcD e com mobilidade reduzida. Durante o trabalho de campo, não observamos elevadores ou rampas de acesso que pudessem facilitar a presença desses(as) torcedores(as).

Figura 05 – Piauí x Tiradentes, disputada no dia 03 de setembro de 2022. À esquerda, bilheteria do Albertão. À direita, vista panorâmica dentro do estádio Albertão para a parte descoberta do estádio.



Fonte: Acervo pessoal de Mariane da Silva Pisani (2022).

Assim como no Lindolfinho, os jornalistas ficam em suas cabines de transmissão localizadas na parte coberta do estádio. Alguns ficam na beira do campo tirando fotos e entrevistando jogadores e comissões técnicas. Diferente do Lindolfinho, que é um estádio Municipal, o Albertão é Estadual e ostenta cartazes que fazem referência ao Governo do Estado.

A segunda partida que acompanhamos no Albertão foi entre Altos x Parnahyba, disputada em 15 de janeiro de 2023, pela Série A do Campeonato Piauiense. A primeira diferença que pudemos notar é o preço dos ingressos que são mais altos. Se para Série B os valores desembolsados não ultrapassaram R\$ 20 (vinte reais), para adentrar ao estádio em jogos da Série A era preciso desembolsar o valor de R\$ 30 (trinta reais). Estudantes, professores e idosos podiam usufruir do benefício da meia-entrada.

Ainda que o aumento pareça irrisório em termos absolutos, há que se destacar que, para além do investimento no ingresso, para acessar o Albertão, os(as) torcedores(as) precisam arcar com a gasolina do transporte ou com o valor do táxi/Uber, uma vez que a região não é bem atendida pelo transporte público. Esses elementos tornam o ato de ir ao estádio, bem como o ato de torcer, mais restrito àqueles(as) que possuem mais condições financeiras. Em conversa com alguns membros de Torcidas Organizadas (TOs), foi relatado que muitas vezes aqueles que não possuem dinheiro para o ingresso e/ou para o Uber são auxiliados pelos companheiros de TO na cotização dos valores. Em dias de jogo do River Atlético Clube, mulheres pagavam R\$ 10 (dez reais) e homens R\$ 30 (trinta reais). Convém destacar que nos jogos a que assistimos no Albertão, tanto no Campeonato Piauiense da Série B em 2022, quanto da Série A em 2023, a parte descoberta não foi utilizada por torcedores. Mais uma vez a hipótese é que o sol piauiense afugenta os torcedores das cadeiras descobertas.

Dentro do estádio era possível acompanhar a movimentação dos ambulantes já conhecidos como, por exemplo, Gil, o vendedor do picolé Amazonas, figura habitual do estádio Lindolfinho. Contudo, outros vendedores também se fizeram presentes. Nos jogos da Série A de 2023, foi possível encontrar dentro do Albertão um *stand* vendendo chopp artesanal de uma cervejaria local da cidade de Teresina (Figura 06). Dessa forma, por três copos de chope, de 300 ml cada, pagava-se o total R\$ 20 (vinte reais). Já as cervejas como Skol e Brahma eram vendidas por R\$ 5 (cinco reais) a lata. Com relação às comidas vendidas dentro do estádio, podíamos encontrar os famosos arrumadinhos⁸, por R\$ 20 (vinte reais), cachorro-quente por R\$ 10 (dez reais) e os pastéis de carne e queijo, cada um por R\$ 5 (cinco reais).

8. Comida nordestina, bastante típica no Piauí, que leva: baião-de-dois, paçoca de carne-seca, creme de galinha e pedaços de carne de boi.

Já em relação à quantidade de torcedores, o jogo da Série A, disputado em 2023, trazia uma quantidade maior de pessoas. Portanto, foi no jogo entre Altos x Parnahyba que pudemos presenciar, pela primeira vez, a presença de uma Torcida Organizada. É o caso da TO Tubarões da COHAB, que se organiza em torno da equipe Parnahyba Sport Club. A equipe foi fundada no ano de 1913 e é considerada a mais antiga do estado do Piauí. Foi interessante perceber que, entre os membros da TO, era possível acompanhar a presença de mulheres, e estas, por sua vez, desempenharam papel ativo na torcida, puxando cantos e gritos para apoiar seu time.

3 Reflexões sobre as práticas de sociabilidade nos estádios Albertão e Lindolfinho

Neste tópico apresentaremos as discussões e as conclusões sobre as observações participantes realizadas durante a pesquisa; estas estarão organizadas a partir de dois eixos: “Estádios como espaços de prática territorializante” e “Futebol no Piauí: futebol regional vs. futebol nacional”.

3.1 Estádios como espaços de prática territorializante

Antes mesmo de iniciar nossas reflexões sobre práticas de sociabilidades no contexto dos estádios da cidade de Teresina, Albertão e Lindolfinho, é preciso apresentar algumas discussões sobre a importância dos respectivos estádios neste contexto de pesquisa. A partir das observações participantes das autoras, foi possível constatar que os estádios de futebol da cidade de Teresina, Lindolfinho e Albertão, são espaços complexos que abrigam sociabilidades multideterminadas. São locais propícios para a formação de redes de sociabilidades diversas entre grupos. Tanto no seu entorno, quanto na arquibancada (Campos, 2016). No encontro com os estádios, torcedores e outros agentes produzem diversas formas de apropriação desses espaços, constituindo territórios atravessados pelo torcer, mas também pelo trabalhar, onde operam marcadores sociais da diferença de raça, geração e gênero, que interseccionam as configurações possíveis na constituição de modos de ser, viver e habitar esses espaços.

Pudemos notar também que os estádios Lindolfinho e Albertão atuam como espaços de “prática territorializante para grupos populacionais na cidade” (Andrade; Castro; Ferreira, 2023, p. 6). Ou seja, são locais em que é possível conectar agentes, sujeitos e torcedores de lugares diversos – sejam oriundos da cidade teresinense, sejam de outras cidades do estado piauiense – por meio da produção do espetáculo futebolístico. O futebol no Piauí, portanto, é vivido por agentes, sujeitos e torcedores em momentos distintos de seus ciclos de vida, seja na infância, seja na vida adulta, seja na velhice.

Comprendemos que o espetáculo futebolístico nem sempre ocorre somente a partir de um megaevento esportivo, logo nossa concepção neste artigo extrapola esse significado. O espetáculo, no contexto piauiense, está pulverizado em territórios distintos, proporcionando o encadeamento de afetos e emoções, produzindo memórias coletivas em localidades diversas que podem ser traduzidas em futebóis igualmente diversos.

Os estádios de futebol Lindolfinho e Abertão podem ser considerados locais que propiciam a formação de vínculos e elos entre torcedoras(es), clubes e times piauienses. Ou seja, os estádios aqui focalizados podem produzir para seus frequentadores (sobretudo os torcedores) efeitos de maior proximidade e constituição de vínculos com jogadores, comissão técnica, dirigentes e outros agentes do futebol de modo que as grandes arenas, casas de megaeventos, não conseguem fazer. Os espaços desses estádios, por sua vez, aproximam os(as) torcedores(as) das entidades desportivas, jogadores e times; e abrigam espetáculos que muitas vezes são considerados regionais. O que nos leva ao próximo subtópico, em que empreendemos o esforço de tensionar a ideia de futebol e identidade regional com a, já desgastada e esgarçada, identidade futebolística nacional.

3.2 Futebol no Piauí: futebol regional vs. futebol nacional

As observações participantes aqui apresentadas nos ajudam a pensar na plasticidade e na aplicabilidade do conceito de região e, conseqüentemente, de regionalidades para pensarmos futebol, especialmente o futebol no Piauí.

A região é o que está em jogo como objeto de lutas entre os cientistas, não só geógrafos. É claro que estes, por terem que ver com os espaços, aspiram ao monopólio da definição legítima de região. Mas também historiadores, etnólogos e, sobretudo desde que existe uma política de ‘regionalização’ e movimentos ‘regionalistas’, economistas e sociólogos, passaram a fazer parte desse grupo (Bourdieu, 1989, p. 118).

Na definição do filósofo José Clemente Pozenato:

A ideia de região é antiga. Buscando a sua etimologia, Emile Benveniste (citado por Bordieu, 1989, p. 118) mostra que a palavra *regio* deriva de *rex (rei)*, a autoridade que, por decreto, podia circunscrever as fronteiras: *regere fines (controlar as fronteiras)*. A região não é pois, na sua origem, uma realidade natural, mas uma divisão do mundo social estabelecida por um ato de vontade. Tal divisão só não é totalmente arbitrária porque, por trás do ato de delimitar um território, há certamente critérios, entre os quais o mais importante é o do alcance e da eficácia do poder de que se reveste o autor da região (Pozenato, 2003, p. 1-2).

Uma coisa é certa, as regiões, sejam elas definidas por critérios econômicos, históricos, culturais, políticos e até mesmo futebolísticos, existem e são realidades. Logo, independente da área do conhecimento que se escolha, merecem análises e explicações científicas que abordem e desvelem os jogos de poder que as constituem. Ou seja, é preciso estar atento para saber quem, como, quando e por que se circunscreve uma ou várias regiões. E, sobretudo, quais são as relações entre diferentes regiões e seus sujeitos.

José Clemente Pozenato nos lembra que o conceito de regionalidade implica

na dimensão espacial de um fenômeno que deve ser tomado como objeto de observação e/ou estudo. Isto implica em admitir que um mesmo fenômeno, quando visto sob a perspectiva da regionalidade, pode adquirir outros contornos (Pozenato, 2003, p. 3).

O autor continua “a existência de uma rede de relações de tipo regional num determinado espaço ou acontecimento não os reduz apenas a esses espaços ou acontecimentos pensados como puramente regionais. Só serão regionais enquanto vistos em sua regionalidade” (Pozenato, 2003, p. 3). Partindo desse ponto percebemos que tanto as noções de região, quanto as noções de regionalidade, são na verdade construções históricas, sociais e culturais que indicam, via de regra, relações mais ou menos ordenadas por diferentes formas de poder – simbólico e até físico – e também pelo exercício destas a dominação de alguns sujeitos sobre outros.

As questões atreladas às noções de região e regionalidade, em nosso caso específico no futebol jogado no Piauí, não podem ser compreendidas de maneira isolada. É urgente então que se investigue e se compreenda melhor quais são as relações possíveis entre o que se considera enquanto centro e periferia, moderno-cosmopolita e tradicional-provinciano, global e local-regional na perspectiva do futebol brasileiro.

No Brasil, enquanto alguns futebolis são considerados regionais-locais, e situados fora das grandes metrópoles, outros são vistos como globais. Esses futebolis globais, caracterizados por sua alta visibilidade midiática e alcance internacional, impõem certas prescrições, regras, tendências e expectativas que moldam a compreensão de um sistema futebolístico mais amplo em todo o território brasileiro. O alcance midiático costuma ser a principal medida que distancia os circuitos célebres e de abrangência nacional ou global de um *futebol infame* ou *futebol menor*, como apresentado por Rigo *et al.* (2005) e Almeida e Jahnecka (2020), ou ainda que configuram um circuito de anonimato (Dantas, 2017) e de menor visibilidade para as mídias de difusão nacional.

Ainda nesse sentido, apregoa-se a necessidade dos futebolis regionais-locais de encontrarem “uma saída” de sua condição, ou seja, é preciso adaptar-se às dinâmicas globais, na busca por maior visibilidade, reconhecimento e sustentabilidade. Contudo,

ao retomarmos a discussão realizada no tópico anterior, percebemos que os estádios, eles próprios são como regiões delimitadas por certos exercícios de poder que ressignificam as noções de sociabilidade e torcer. Conseqüentemente, notamos que, na apropriação desses equipamentos por parte dos(as) torcedores, outras referências sobre o que é sociabilidade e torcer, tornam-se possíveis. Essas referências, por sua vez, reconfiguram o alcance desse futebol, erroneamente intitulado de regional.

Resgatamos, portanto, algumas cenas da Série B do Campeonato Piauiense disputado em 2022, em que as noções sociabilidade e torcer são reconfiguradas pelos agentes e torcedores envolvidos nesse universo. Em reportagem veiculada no portal Globo Esporte (GE), em 25 de setembro de 2022, o já mencionado campeonato foi intitulado de “raiz”. Como exemplo deste “futebol raiz” a redação GE destacou os seguintes eventos: o time (Tiradentes) que resgatou o cachorro (Prince) do bueiro; o zagueiro Lucão, que à época atuava pelo Picos, que ganhou no alambrado, após a vitória do seu time, R\$ 1.000 (mil reais) de um torcedor; os torcedores que improvisaram uma arquibancada no muro de estádio Deusdeth de Melo, em Campo Maior, uma vez que o estádio em questão, não obteve os laudos técnicos – Engenharia, Vigilância Sanitária, Corpo de Bombeiros e Polícia Militar – atualizados, assim todas as partidas seriam sem a presença da torcida; o presidente do Comercial, que entrou no jogo da final como goleiro, defendeu uma bola aos 50 minutos do segundo tempo e levantou a taça de campeão naquele ano (Redação Globo Esporte, 2022).

Essas estratégias, para um observador desatento, poderiam ser lidas como desdobramentos de um futebol regional, contudo estas autoras-pesquisadoras compreendem essas particularidades como elementos que tornam o futebol enquanto espaço de pluralidades e sociabilidades diversas. O futebol “raiz” da Série B do Campeonato Piauiense de 2022 representa o jogo autêntico, ligado às práticas de sociabilidades locais; essas dinâmicas, por sua vez, valorizam a conexão dos torcedores e das comunidades locais com seus clubes, estádios, jogadores e demais agentes. Em oposição, estaria o futebol “nutella”, o futebol “gourmetizado”, o futebol nacional do esporte, marcado pela comercialização midiática e a adaptação a tendências modernas que muitas vezes afastam os torcedores do jogo.

Conclusões

A escolha de explorar as práticas de sociabilidade nos estádios Albertão e Lindolfinho como problema de pesquisa se fundamenta na compreensão de que esses espaços transcendem a simples função de serem arenas esportivas. Albertão e Lindolfinho atuam como locais de congregação social, onde a população se engaja em práticas sociabilidade que vão além do jogo em si, facilitando interações sociais, construção de identidades e reforço de laços comunitários.

No contexto do futebol piauiense, muitas vezes lido como regional e/ou local, esses estádios se tornam ainda mais significativos, pois proporcionam que os(as) torcedores exerçam não apenas a paixão pelo esporte, mas criem vínculos mais profundos com os clubes e jogadores da região. Nesse sentido, o futebol no Piauí reflete as dinâmicas específicas, retratando a criatividade dos(as) torcedores(as) ante as dificuldades em acompanhar seus times, bem como capturando as particularidades culturais e sociais das cidades onde os jogos acontecem.

Discutir essas questões nos permitiu ampliar o escopo das análises sobre o futebol e as práticas de sociabilidade ensejadas por e através dele. Dessa forma, pudemos conectar as experiências futebolísticas piauienses a uma identidade futebolística nacional mais ampla. Por fim, analisar os estádios de futebol como espaços propícios para práticas de sociabilidades implica, portanto, reconhecer o futebol como um fenômeno cultural multifacetado que molda e reflete as dinâmicas socioculturais. Ao mapear como esses espaços são utilizados e vivenciados, a pesquisa revelou diferentes camadas de significado atribuídas ao futebol e sua centralidade na vida social piauiense e, de maneira mais específica, teresinense. A etnografia demonstra ser uma ferramenta importante para compreensão das práticas cotidianas, dos significados simbólicos e das dinâmicas sociais que permeiam o futebol em diferentes espaços. Pesquisas futuras podem revelar as múltiplas camadas sociais e culturais que fazem do futebol uma manifestação importante na vida das pessoas, especialmente em contextos periféricos, onde as práticas futebolísticas se conectam a questões mais amplas de mobilidade social, resistência cultural e expressão política.

Referências

ALMEIDA, Caroline Soares de; JAHNECKA, Luciano. As noções de carreira e de profissionalização no futebol “menor”: entre as fronteiras do termo e a perspectiva da circulação. **Novos Olhares Sociais**, v. 3, n. 1, p. 178-198, 2020.

ANDRADE, Julia Santos Cossermelli de; OLIVEIRA, Leandro Dias de; CASTRO, Demian Garcia; FERREIRA, Fernando da Costa. Gilmar Mascarenhas e sua geografia do futebol: breves aproximações e horizontes de pesquisa. **Revista do Departamento de Geografia**, São Paulo, Brasil, v. 42, p. e203851, 2023. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/203851>. Acesso em: 15 ago. 2024.

BARROS, Fransuel Lima de. **Teresina “moderna” e “civilizada”**: as sociabilidades teresinenses sob o olhar dos cronistas (1900-1930). Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí, Teresina. 2015.

BARROS, Fransuel de Lima. **Teresina moderna e civilizada**: as sociabilidades teresinenses sob o olhar dos cronistas (1900-1930). Teresina: Cancioneiro, 2021.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel/Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira. **As formas de uso e apropriação do estádio Mineirão após a reforma**. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, p. 313. 2016.

CONRADO, Joaquim Kayk Breno. **Discute-se futebol, sim**: futebol, política e torcidas (1970-1980). Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí. 2020.

DANTAS, Marina de Mattos. **Cartografias de um campo invisível**: os anônimos jogadores do futebol brasileiro. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, p. 251. 2017.

DANTAS, Marina de Mattos; SILVA, Roberta Pereira da. Gradim 1, 2, 3: o anonimato do homem negro no futebol. **Ludopédio**, São Paulo, v. 144, n. 4, 2021.

FEDERAÇÃO DE FUTEBOL DO PIAUÍ. **A Federação**. Disponível em: <https://www.ffp-pi.com.br/conteudo/62/11>. Acesso em: 10 jul. 2023.

FEITOSA, Ana Rosa Soares Negreiros; SANTOS, Livia Maria Macêdo. **Estádio Governador Alberto Tavares Silva**: patrimônio moderno dentro de um contexto urbanístico e histórico na cidade contemporânea. [s.d.]. Disponível em: <https://docomomobrasil.com/wp-content/uploads/2016/01/106.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2023.

GAFFNEY, Christopher. **Temples of the earthbound gods**: stadiums in the cultural landscapes of Rio de Janeiro and Buenos Aires. Austin, Texas, Estados Unidos: University of Texas Press, 2008.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo IBGE 2022**: Panorama Piauí - 22. 2023. Disponível em: https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/?utm_source=ibge&utm_medium=home&utm_campaign=portal. Acesso em: 10 jul. 2023.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Parque Nacional Serra da Capivara (PI)**. 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/42>. Acesso em: 10 jul. 2023.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MALAIA SANTOS, João Manuel Casquinha. Urbanização, estádios de futebol e ditadura civil-militar: Possibilidades de investigação no acervo digital do Sian. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 36, n. 1, 2023. Disponível em: <https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/1897/1806>. Acesso em: 14 ago. 2024.

MASCARENHAS, Gilmar. Um jogo decisivo, mas que não termina: a disputa pelo sentido da cidade nos estádios de futebol. **Cidades**, Rio Claro, v. 10, n. 17, p. 142-170, 2013.

MASCARENHAS, Gilmar. **Entradas e Bandeiras**: a conquista do Brasil pelo futebol. Rio de Janeiro: Eduerj, 2014.

MOURA, Mayra Izaura de. **No campo de jogo da memória**: as representações sociais do futebol na crônica esportiva em Teresina (1971-1975). Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí. 2017.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO PIAUÍ. Coordenadoria de Comunicação Social do Ministério Público do Estado do Piauí. **MPPI ajuíza Ação Civil Pública para regularização e adequação do Estádio Albertão**. 2022. Disponível em: <https://www.mppi.mp.br/internet/2022/03/mppi-ajuiza-a-caocivil-publica-para-regularizacao-e-adequacao-do-estadio-albertao/>. Acesso em: 14 ago. 2024.

NEGREIROS, Ana Rosa; AFONSO, Alcília. **Documentos de arquitetura moderna no Piauí**. Teresina: Halley S.A., 2010.

POZENATO, José Clemente. **Processos culturais**: reflexões sobre a dinâmica cultural. Caxias do Sul: Educ, 2003.

REDAÇÃO GLOBO ESPORTE. **Série B do Piauí é raiz**: presidente de clube no gol, patrocínio de Renê, voadora amiga e mais causos. 2022. Disponível em: <https://ge.globo.com/pi/futebol/piauiense-segunda-divisao/noticia/2022/09/25/serie-b-do-piaui-e-raiz-presidente-de-clube-no-gol-patrocinio-de-rene-voadora-amiga-e-mais-causos.ghtml>. Acesso em: 14 ago. 2024.

RIGO, Luiz Carlos; PARDO, Eliane Ribeiro; FIGUEIREDO, Michele Braun; RODRIGUES, Aline; SILVEIRA, Viviane Teixeira. Memórias de corpos esportivizados: a natação feminina e o futebol infame. **Movimento**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 131-146, maio/ago. 2005.

SAID, Carlos. **O Piauí no futebol (1966)**. Teresina: Editora e Livraria Nova Aliança, 2021.

SEVERINO FILHO. Severino Gomes de Oliveira Filho. **Memória do Futebol Piauiense**: volume 01. Coleção Severino Filho. Teresina, 2014.

SIMMEL, Georg. **Sociabilidade**: um exemplo de sociologia pura ou formal. *In*: MORAES FILHO, Evatisto (Org.). Georg Simmel: Sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

VALE, Ana Hilda Lima do. “Não é só futebol”: relações de sociabilidade e identidade na torcida Esporão do Galo em Teresina-PI. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Piauí. 2019.



Contradições narrativas, tradições inventadas: Clube do Povo x Clube de Elite na rivalidade Avaí x Figueirense em Florianópolis-SC¹

Vitor Henrique Tontini Steurer²  

Universidade Federal de Santa Catarina

Alexandre Fernandez Vaz³  

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo

O presente trabalho visa, por meio da confrontação entre passado-presente, analisar as origens dos dois principais clubes de Florianópolis, Avaí Futebol Clube e Figueirense Futebol Clube, buscando compreender as caracterizações de “Clube de Elite” e “Clube do Povo”, que lhes foram respectivamente atribuídos. Em seguida, essas generalizações são problematizadas, trazendo reflexões sobre a legitimidade dessas atribuições que, apesar de frequentarem o imaginário, são tradições inventadas, uma vez que ambos os clubes foram construídos ao longo de suas histórias contando com a atuação conjunta de indivíduos advindos de diferentes extratos sociais. Por fim, a intenção do trabalho também é evidenciar o que mudou no que diz respeito ao sentimento de *pertencimento clubístico* dos torcedores em relação a ambos os clubes no decorrer de sua longa história.

Palavras-chave

Avaí. Figueirense. Invenção das tradições. Florianópolis.

1. O trabalho é resultado parcial do Programa de Pesquisas Teoria Crítica, Racionalidades e Educação VI: estudos para a compreensão do tempo presente, financiado pelo CNPq (408324/2023-6, 312749/2021-0, bolsas PIBIC/UFSC/CNPq).

2. Graduando do curso de História da Universidade Federal de Santa Catarina, bolsista do programa PIBIC/UFSC/CNPq e membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea (UFSC).

3. Professor titular da Universidade Federal de Santa Catarina, onde atua no EED/CED, PPGE/CED e PPGICH/CFH, e dirige o Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea. É pesquisador CNPq.

Narrative Contradictions, Invented Traditions:

People's Club x Clube of Elits at Avaí x
Figueirense Antagonism in Florianópolis -
Brazil

Abstract: This paper aims, confronting past and present, to analyze the origins of the two main soccer clubs of Florianópolis, Brasil, Avaí Futebol Clube and Figueirense Futebol Clube, trying to understand the characterizations of “Club of Elits” and “Popular Club”, which are respectively attributed to them. Such generalizations are problematized, bringing up reflections on the legitimacy of these attributions that, despite attending the imaginary, are invented traditions, since both clubs were historical built with the joint presence of people from different social extracts. Finally, the intention of the article is also to highlight what has changed regarding to the sense of club belonging of the fans of both clubs throughout their long history.

Keywords: Avaí. Figueirense. Invention of Traditions. Florianópolis.

Contradicciones narrativas, tradiciones

inventadas: Club del pueblo x Club de la elite en
la rivalidad Avaí x Figueirense en Florianópolis -
Brasil

Resumen: El presente trabajo tiene como objetivo, por medio de la confrontación entre el pasado presente, analizar los orígenes de los dos clubes principales de Florianópolis, Brasil, Avaí Futebol Clube y Figueirense Futebol Clube, buscando comprender las caracterizaciones de “Clube de Elite” y “Clube del Pueblo”, que respectivamente se atribuyó a ellos. Luego, dichas generalizaciones son problematizadas, trayéndose reflexiones sobre la legitimidad de estas atribuciones que, a pesar de componer los imaginarios, son tradiciones inventadas, ya que ambos clubes se construyeron a lo largo de sus historias con la presencia conjunta de personas de diferentes extractos sociales. Finalmente, la intención del trabajo también es resaltar lo que ha cambiado con respecto al sentido de pertenencia de los hinchas de los dos clubes a lo largo de su larga historia.

Palabras clave: Avaí. Figueirense. Invención de las tradiciones. Florianópolis.

Introdução

Na cultura futebolística da cidade de Florianópolis, uma narrativa muito comum a respeito do Figueirense Futebol Clube, uma das duas grandes agremiações com sede no município, é a de que ele seria o “clube do povo”, devido às suas origens vinculadas às camadas subalternas oriundas do bairro da Figueira, à Oeste do Centro urbano da capital de Santa Catarina. Tal território “constituía um dos maiores bairros com presença de origem africana da cidade, sendo considerado pelas elites dirigentes um ‘antro da prostituição’ muito frequentado por marinheiros, habitado por pessoas extremamente pobres” (Cardoso; Rascke, 2016, p. 103). A prática do futebol nesse bairro, bem como a fundação do Figueirense, em 1921, como um clube que representaria seus moradores, inverteram a condição do futebol como esporte praticado apenas pelas elites, desenvolvendo um sentimento de pertencimento e representatividade significativos para os habitantes do “território negro da região central da cidade” (Cardoso; Rascke, 2016, p. 102).

Em contrapartida, o outro expoente do esporte bretão no município, o Avaí Futebol Clube, teve construída sua imagem em ligação com as camadas superiores locais. Entre elas, podemos citar a oligarquia Ramos, que há um século é uma das principais forças políticas de Santa Catarina, e a família Comelli, proprietária de importante gru-

po empresarial no estado. A narrativa mais repetida sobre a origem do clube não destoava muito dessa construção, uma vez que o Avaí teria sido fundado por iniciativa de um próspero comerciante, Amadeu Horn, ao supostamente observar alguns meninos da região onde morava, estudantes do Colégio Catarinense (uma instituição formadora das camadas dirigentes de Santa Catarina), jogando em um campo que lhe pertencia.

Horn, contagiado pela envolvente prática, teria então mandado confeccionar uniformes alvi-azuis, as mesmas cores da associação de remo da qual era diretor, o Clube Náutico Riachuelo. Diante disso, o nome “Avaí Foot-Ball Club”, escolhido em homenagem à batalha homônima da Guerra do Paraguai, pode ser entendido também como uma referência ao Clube Náutico Riachuelo (cujo nome também remete ao conflito no Paraguai, embora se trate de uma batalha naval) o que, dessa maneira, conversava com os elitizados praticantes do esporte (Machado, 2011).

No entanto, atribuir essas conotações a agremiações dotadas de grande pluralidade de sujeitos, como é o caso dos clubes de futebol, é de uma generalização que não resiste ao caráter complexo da realidade. Dificilmente um e outro clubes teriam tido como integrantes apenas indivíduos que pertencessem à determinada classe social. No caso do Avaí, por exemplo, esquece-se com frequência a presença de atletas e torcedores oriundos do Maciço do Morro da Cruz que ladeavam o Estádio Adolfo Konder, assim como, mais recentemente, o vínculo do clube com a população da Ressacada e de bairros próximos, o “povo do mangue”. Somado a isso, problematizaremos a atribuição de “clube do povo” ao Figueirense, evidenciando a participação de grandes empresários – como o Orlando Scarpelli, que dá nome ao estádio do clube – vinculados a organizações políticas dirigentes, na construção de sua história.

A problematização será realizada à luz do conceito de invenção das tradições, desenvolvido pelo historiador Eric Hobsbawm, e que aparece em livro organizado por ele e Terence Ranger (2017). Os autores se destacam que situações possivelmente ocorridas no passado foram elevadas ao posto de “tradição”, inventando-se uma relação passado-presente como continuidade e permanência histórica, caracterizando-se tal processo por

um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. (...) Contudo, na medida em que há referência a um passado histórico, as tradições “inventadas” caracterizam-se por estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial, (...) são reações a situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória (Hobsbawm; Ranger, 2017, p. 8).

Podemos com isso pensar em como o apegar-se a essas narrativas consolidadas na cultura local acaba por apagar histórias e trajetórias de sujeitos oriundos de camadas sociais distantes das elites, mas que foram essenciais para a constituição do Avaí como clube bem sucedido, assim como, no caso do Figueirense, como destaca Felipe Matos (2020a), contribui para a idealização da história do clube, de modo que faça parecer que nunca houve pessoas ou grupos de camadas sociais e políticas superiores – ou mesmo contradições – presentes em décadas de sua constituição.

Um fator crucial que impacta na consolidação das tradições inventadas é a ação da imprensa esportiva, que reforça e retroalimenta essas construções narrativas. Os aspectos geográficos também devem ser considerados na análise da solidificação desses estereótipos, já que o Figueirense tem sua sede na porção continental da cidade, enquanto o Avaí possui os seus aposentos fixos na Ilha (fração insular da cidade), região intensamente disputada pela especulação imobiliária e que possui o custo de moradia aumentado em relação ao continente, o que não ajuda a desinventar o Avaí como clube de elite. É oportuno destacar que os torcedores de ambos os clubes não necessariamente desgostam desses estereótipos, e muitas vezes acabam por reforçá-lo. Analisaremos um pouco desse aspecto no transcórre do artigo. Essa guerra de narrativas, vale ressaltar, é alimentada pela rivalidade que fomenta o cotidiano da cidade, e que contribui para o patrimônio cultural de Florianópolis.

O artigo estará organizado da seguinte maneira: primeiramente, abordaremos aspectos das narrativas comumente aceitas de Figueirense e Avaí, visando compreender onde a invenção das tradições encontra lugar. Doravante, problematizaremos esses estereótipos, apontando suas contradições ao longo da complexa história, já centenária, destes dois clubes florianopolitanos. Por fim, analisaremos não somente as relações de pertencimento dos torcedores para com seu clube de coração, mas também a de pertencimento dos clubes em relação ao bairro onde estão sediados e às pessoas que lá habitam. Em suma, trataremos das permanências e das inconsistências das tradições inventadas no que tange à história recente de ambos os clubes, assim como buscaremos compreender como e por que essas narrativas seguem sendo consolidadas.

1 Sobre as origens

Como mostram muitos autores clássicos e com diferentes abordagens, como Norbert Elias e Eric Dunning (2019), Peter Gay (1995) e o próprio Hobsbawm (1988), o futebol nasce e se desenvolve como prática das elites no sentido da formação dos homens, caracteristicamente no sentido da autocontenção das emoções, da promoção da virilidade e do ethos de classe. Concebido no seio da prosperidade da Grã-Bretanha do

século XIX, este esporte, em sua gênese, seguia a ideologia liberal da elite burguesa, e a sua uniformização visava controlar os excessos e disseminar os ideais de cavalheirismo e honestidade entre os jovens (Silva, 2019, p. 17). A prática do esporte não era difundida entre as camadas mais baixas da sociedade, permanecendo, portanto, restrita às elites, aos *sportsmen*, visto que o amadorismo era fator primordial para quem quisesse desempenhar o ludopédio, numa tentativa de impedir que os operários pudessem praticá-lo.

As narrativas oficiais do futebol no Brasil dizem de sua origem ligada a indivíduos de origem abastada, que iam até a Grã-Bretanha se dedicar aos estudos, por lá tinham seu primeiro contato com o esporte e, ao regressarem ao seu país natal, traziam bolas, chuteiras e livros de regras junto das bagagens, sendo precursores do esporte no país. O mais notório desses estudantes certamente foi Charles Miller, considerado o “pai do futebol” brasileiro, uma vez que foi ele quem arrebanhou os praticantes para que fosse realizado o primeiro *match* oficial de *foot-ball* no país, disputado em 1895 entre o selecionado do São Paulo Athletic Company e o escrete da São Paulo Railway Company. No entanto, há relatos de jogos que muito se assemelhavam ao futebol desde 1878, perdurando por toda a década de 1880 (Franco Jr., 2007). Ainda segundo o historiador,

estabelecer paternidades quase heroicas e datas oficiais não esclarece as relações entre o futebol e a sociedade brasileira. Pelo contrário, suas significações mais profundas residem no processo de apropriação pelos diversos setores sociais que o transformaram num fenômeno de massas (Franco Jr., 2007, p. 62).

Nesse sentido, para além das narrativas tradicionais, o ludopédio já era conhecido em solo nacional antes da chegada de seu patriarca, principalmente nas regiões portuárias, devido ao intenso fluxo de estrangeiros, sobretudo britânicos. Não é à toa que o Sport Club Rio Grande, fundado em 1900, e que ostenta o título honorário de clube em funcionamento mais antigo do Brasil, tenha nascido na região portuária do sul rio-grandense, também com alta influência platina.

Durante a Primeira República, em meio à disseminação do esporte pelo território nacional, ocorre um intenso êxodo rural, protagonizado por negros libertos da escravidão, que foram se amontoando em cortiços insalubres nas áreas centrais e portuárias das cidades, com destaque para o Rio de Janeiro, evidenciando uma série de problemas sociais. É diante desse cenário que o então prefeito Pereira Passos, juntamente do presidente da República à época, Rodrigues Alves, decide por “modernizar” a capital federal, livrando-a da “degeneração racial” através da “ampla abertura de espaços públicos, onde antes existiam ruas estreitas, becos mal iluminados e cortiços infestados de doenças” (Oliveira, 2012, p. 172). O modelo das Reformas Urbanas da capital deveria servir de referencial para as demais cidades brasileiras.

O futebol, dessa forma, era praticado em meio a esses ambientes extremamente desiguais, como uma prática das elites das grandes cidades. No entanto,

times improvisados pelos setores populares, que passavam da curiosidade às fronteiras sociais do futebol começaram a serem transpostas (...) com a formação de mimetismo. Sem equipamentos adequados e jogando com bolas desgastadas e mesmo improvisadas, em terrenos ainda não ocupados pelo processo de urbanização, o futebol dos grupos subalternos tornava-se um modo de representação da existência negada em outros campos sociais (Franco Jr., 2007, p. 62-63).

Esse processo ocorreu de maneira semelhante em Florianópolis que, inspirada nas reformas de Pereira Passos, decide também “modernizar” os seus ambientes urbanos, visando disciplinar os espaços e usos da cidade ao passo da ascensão socioeconômica de uma elite local de comerciantes. Essa modernização ocorreu, entre outros aspectos, com a construção de um novo mercado, aterramentos, dragagens, obras portuárias e reforma do Palácio do Governo (Silva, 2019). Todavia, as pretensões reformistas ficaram restritas a alguns espaços, enquanto as regiões periféricas da cidade permaneceram relegadas ao “atraso”, submetidas à falta de serviços de água e esgoto, ruas sem calçamento e iluminação à querosene (Cardoso; Rascke, 2014).

1.1 Figueirense Foot-ball Club

Nas primeiras décadas do século XX, o território da cidade de Florianópolis ainda era restrito aos limites da Ilha de Santa Catarina e, na borda oeste da cidade, na região central, ficava localizado o bairro da Figueira. Apesar de não consistir num bairro periférico sob o ponto de vista geográfico, foi preterido nas reformas urbanas no município.⁴ Repleto de trapiches, estaleiros, armazéns e boticas, o bairro era um reduto da classe trabalhadora, consistindo numa área

ativa e perigosa, “onde nem mesmo as forças de segurança pareciam estar a salvo”. Tal território constituía um dos maiores bairros com a presença de origem africana da cidade, sendo considerado pelas elites dirigentes um “antro da prostituição”, muito frequentado por marinheiros, habitado por pessoas extremamente pobres (Cardoso; Rascke, 2014, p. 103).

A década de 1920 começa a apresentar delicadas mudanças no que diz respeito à inserção do negro no futebol, uma vez que os clubes passam a aceitar, aos poucos, joga-

4. Somente “no dia 1º de janeiro de 1944, o então Interventor de Santa Catarina, Nereu Ramos, decidiu anexar à Florianópolis o subdistrito do Estreito” (Azevedo, 2024, [s.p.]), localizado na região continental, então pertencente ao município de São José.

dores afrodescendentes em seus plantéis, mesmo ainda sob a égide do amadorismo, que impunha um violento recorte de classe. O cenário avança e culmina com o profissionalismo, nos anos 1930. E são nessas circunstâncias que surge o Figueirense Foot-Ball Club, em 1921, sob a liderança de alguns nomes conhecidos na sociedade florianopolitana, entre eles, o poeta e fundador do Centro Cívico e Recreativo José Boiteux, Trajano Margarida.⁵ Trajano foi responsável pela composição do primeiro hino do clube, publicado seis meses após a sua fundação (*República*, 24 de dezembro de 1921, nº 947, p. 3).

Vale ressaltar que, embora o marco da profissionalização no Brasil seja o ano de 1933, pois dialoga com o período no qual o processo aconteceu no eixo Rio-São Paulo, ele não ocorreu de maneira uniforme no restante do país, sobretudo a região sul do Brasil: “A ideia de manter o futebol amador vai ao encontro da busca em conservar o seu caráter ‘genuíno’, vinculado à formação do *gentleman*, da ‘prática pela prática’, o que conserva o esporte como elitizado e não democrático” (Machado; Invernizzi; Vaz, 2024, p. 10), fazendo prevalecer seu caráter aristocrático. O *ethos* amadorista claramente ainda era pujante no estado, e isso era nítido nas ações protagonizadas pela Federação Catharinense de Desportos (FCD).

O futebol já era conhecido e praticado na cidade, porém, o surgimento do Figueirense, além de ser proeminente na inserção dos negros nos esportes, parece rivalizar com a dinâmica do esporte sob o domínio das elites locais, uma vez que os membros da primeira diretoria, assim como o plantel de jogadores, eram oriundos de um bairro popular. Diante desse cenário, é inegável a origem popular do Figueirense, clube criado por moradores do “malvisto” bairro, cujo nome presta homenagem:

O bairro malvisto, desmerecido pelos olhares higienistas, modernizadores e reformadores, possuía uma agremiação esportiva, até então fato comum às realidades das elites de remo e futebol do país, mas ainda pouco comum para as classes populares, pobres e oriundas da escravidão (Cardoso; Rascke, 2016, p. 110-111).

O clube também possuía a sua sede e local de treinamento, chamado de “pasto de vaca”, nas extremidades do mesmo bairro da Figueira. O cenário passa a mudar após o término da construção da Ponte Hercílio Luz, em 1926: as balsas, antes as responsáveis por fazer a ligação ilha-continente foram desaparecendo, ao mesmo tempo em que um impulso modernizador ganhava força, representado através do rodoviarismo e do avanço urbano, valorizando exponencialmente os territórios nas proximidades da região central da cidade.

5. O Centro Cívico e Recreativo José Boiteux, fundado em 1920, tinha como objetivo a congregação das famílias negras de Florianópolis em prol de proporcionar aos seus associados, majoritariamente “homens de cor”, instruções cívicas e literárias através de atividades recreativas. Entre outros objetivos, o Centro tinha como algumas de suas preocupações a alfabetização e a inclusão dos negros no contexto da pós-abolição em Florianópolis (Borges, 2021).

O bairro da Figueira, nesse sentido, rapidamente perde a sua identidade essencialmente popular, passando a receber saneamento básico e boa infraestrutura, contribuindo para que houvesse melhores condições de vida, ao mesmo tempo em que o custo de vida subia, no reboque do advento da especulação imobiliária na localidade. Devido a isso, os habitantes do bairro tiveram de se realocar em regiões periféricas, nos morros que cercam o centro da cidade, sob condições precárias de habitação (Vieira; Bandeira; Trajano, 2019, p. 20). Portanto, nesse processo, a população original foi desterritorializada, assim como a sede do clube que, em 1945, deixa o “pasto de vaca” e se muda para o bairro do Estreito, na região continental, que havia sido anexada à capital havia um ano.⁶ A mudança tem como destino um terreno doado pelo comerciante Orlando Scarpelli, que também patrocinou a construção do estádio que atualmente leva o seu nome, situado no mesmo local.⁷

1.2 O Avahy Foot-ball Club

Dois anos após a fundação do Figueirense, mas agora na borda noroeste da região central da Ilha de Santa Catarina, então bairro da Pedra Grande (atual Agronômica), um comerciante chamado Amadeu Horn costumava ceder seu terreno para garotos que moravam nas proximidades jogarem futebol. Amadeu era diretor do clube de remo Clube Náutico Riachuelo e contagiado pela alegria daqueles meninos que praticavam o ludopédio, encomendou a confecção de um uniforme nas mesmas cores do clube do qual já era diretor: azul e branco. Esta é a narrativa que perdura sobre a fundação do time.

O remo tinha destaque especial no cotidiano das cidades litorâneas no início do século XX, ressignificando o ato de banhar-se como prática de lazer e desempenhando, portanto, um papel fundamental no “processo civilizador” (Melo, 1999, p. 45). O esporte, neste sentido, consolidou a ascensão dos valores burgueses na “Belle Époque” brasileira, desempenhando um papel importante no interior da construção republicana, em que representava “o desenvolvimento econômico, político e social, diretamente ligado às novas práticas esportivas vindas da Europa e que se inseriram na cultura local como forma de status e culto à beleza”, permanecendo, dessa maneira, restrito às elites (Zanca, 2008, p. 32).

Em Florianópolis, o remo ganhou um caráter ainda mais elitista em relação aos demais centros urbanos brasileiros, devido ao atraso na sua urbanização, o que é evi-

6. Cf. nota 1.

7. O Estádio Orlando Scarpelli foi inaugurado apenas em 1961. Antes disso, Avaí e Figueirense dividiam o mesmo local de jogos, o Estádio Adolfo Konder, localizado próximo à Avenida Beira-mar Norte, na porção insular da cidade, localidade extremamente elitizada. Isso decorre do fato de o Adolfo Konder, até 1974, ter sido o campo da Liga Santa Catarina de Desportos Terrestres (LSCDT), a entidade regulamentadora do futebol no estado.

denciado no estudo de Fernando Henrique Cardoso e Octavio Ianni (1960), quando afirmam que o remo se configurava como uma prática restrita às elites brancas da cidade: “(...) Os clubes náuticos, onde se pratica o remo, não contam com negros ou mulatos escuros em seus quadros sociais e esportivos. Eles dizem que os brancos consideram o remo um esporte elegante e de brancos” (p. 218).⁸

Dessa maneira, numa reunião aberta com a comunidade, os uniformes foram entregues e o clube foi batizado como “Avahy Foot-Ball Club”, aludindo, como já destacado, à batalha homônima da Guerra do Paraguai (Machado, 2011, p. 22). Deste modo, tanto os uniformes alvi-azuis, quanto o nome da instituição e o local de sua fundação remetiam ao clube de remo presidido por Horn, conversando diretamente com uma porção mais elitizada e embranquecida da cidade, conforme os apontamentos de Cardoso e Ianni. Se o clube náutico tem seu nome em homenagem a uma batalha naval, o de futebol faria as honras de um conflito terrestre.

Todavia, da íntima ligação com as elites no momento de sua fundação, o Avaí seguiu angariando simpatizantes que habitavam os complexos habitacionais que bordeavam a sua sede, ao ponto de se considerar “um erro rotular o Avahy como um clube formado pela elite: ‘(...), o Avaí nunca esteve atrelado a nenhum grupo social, pois foi fundado por segmentos diversos da sociedade local” (Rosa, 2003, p. 45). Contudo, apesar das inúmeras contradições, a imagem do clube seguiu atrelada às elites da cidade, ao contrário do Figueirense que, devido às suas inquestionáveis origens populares, ficou conhecido como o “clube do povo”.

2 A problematização dos estereótipos

À medida que nos debruçamos sobre a trajetória de ambos os clubes, observamos que as tradições inventadas sobre eles vão perdendo sua radicação, uma vez que indivíduos dos mais diversos segmentos sociais têm a sua história atrelada a uma ou outra das agremiações. Diante disso, podemos citar, primeiramente, o caso

8. O estudo de Fernando Henrique Cardoso e Octavio Ianni sobre a população negra de Florianópolis teve sua primeira publicação em 1960. A obra, para além das teses já refutadas de uma “escravidão branda” no Sul do Brasil, apresenta o que hoje são problemas semânticos, refletindo os preconceitos da época. Um desses diz respeito ao uso do termo “mulato”, que teve o sentido pejorativo (a palavra é desdobramento de mulo, termo que designa o resultado estéril do cruzamento de um cavalo com uma jumenta) reconhecido à medida que os estudos raciais foram avançando no país. O termo possui conotação racista, pois quando não é utilizado para diferenciar pessoas negras a partir da gradação de cor da sua pele, sugere uma hipersexualização de mulheres negras. Embora tenhamos a ciência da conotação preconceituosa que o termo alastra, optamos por mantê-lo no texto desde que devidamente explicitado o que ele representa atualmente, pois avaliamos o trabalho de Cardoso e Ianni como importante documento que menciona a ausência da população negra dos clubes de remo nos anos 1950 em Florianópolis. A substituição adequada para o termo seria pardo(a).

do Figueirense, que teve seu percurso inicial “marcado pela presença das camadas populares, seja em sua fundação, em sua torcida ou em seus atletas. (...) Muitos homens de origem africana defenderam a camisa do clube. O esporte transbordou a presença africana na cidade” (Cardoso; Rascke, 2016, p. 114).

No decorrer dos anos, o clube e seus membros sofrem com os processos de modernização e valorização do bairro da Figueira, ocasionando o deslocamento da agremiação até o bairro do Estreito, onde recebeu o apoio financeiro de outro grande empresário da cidade, Orlando Scarpelli, que doou o terreno e patrocinou a construção do estádio que hoje carrega o seu nome. Apesar da mudança desvincular a sede da instituição do bairro da Figueira, o clube ainda permaneceu ligado às suas raízes populares, uma vez que a nova casa desde sempre se encontra na confluência entre os bairros Vila São João e Coloninha, tornando o diálogo com as populações periféricas quase que obrigatório (Vaz, 2020).

No entanto, à medida que o tempo foi passando e o Figueirense foi ascendendo nacionalmente (foi o primeiro clube catarinense no Campeonato Nacional, em 1975), sua marca também passou por reformulações. Em meados dos anos 1970, uma representação de figueira na cor verde foi incluída no escudo do clube, atribuindo à identidade da instituição a majestosa árvore⁹ da Praça XV de Novembro¹⁰, no centro da cidade de Florianópolis, situada nas proximidades dos limites do antigo bairro da Figueira.¹¹ O ato inventa um vínculo com a cidade de Florianópolis como um todo e, como isso, apaga a origens populares do bairro da Figueira. A teleológica relação do clube com a Praça XV de Novembro é problemática justamente devido ao fato de que até a década de 1960, a região tinha

uma forte demarcação territorial com relação aos seus frequentadores. (...) O *footing* que ocorria na Praça XV delimitava espaços e corpos a partir de critérios raciais. (...) As marcas da herança escravista passeavam por um lado da praça e da calçada, enquanto as elites figuravam nas calçadas do outro lado... (Cardoso; Rascke, 2016, p. 116-117).

Ou seja, tendo sido um clube que se orgulha de em as suas origens vincular-se à população negra do bairro da Figueira, o Figueirense passou a ligar sua imagem a um

9. A figueira em questão, nascida em 1871, é patrimônio cultural para a cidade. Ela foi transplantada para a Praça XV de Novembro aos 20 anos de idade, onde permanece até hoje.

10. É a praça mais famosa da cidade, existindo desde o período colonial. Ela se situa onde Nossa Senhora do Desterro (antigo nome de Florianópolis) foi fundada. Até os dias atuais ela é um ponto de grande circulação de pessoas e de mercadorias.

11. É interessante salientar que o bairro possui esse nome não devido à figueira da Praça XV de Novembro, mas sim à outra árvore que cresceu num morro existente atrás do atual Posto Rita Maria, que já foi uma pedreira, e onde agora existem dois grandes edifícios residenciais” (Culleton, 2020).

ambiente historicamente segregacionista, a Praça XV de Novembro, berço da grande figueira da qual o novo escudo parece remeter. A contradição se impõe.

Anos adiante, nas décadas de 1980-90, refletindo o cenário econômico e futebolístico em âmbito nacional, o Figueirense enfrentou grave crise financeira, tendo flertado, inclusive, com o encerramento das atividades (Silva, 2019, p. 39-40). Esse cenário de penúria dos alvinegros muda quando, em 1999, o clube passa por um processo de *empresarização*, responsável por devolver a competitividade que durante tanto tempo faltou ao time. Tal movimento possibilitou que o clube retornasse à elite do futebol brasileiro. Nesse processo de relativa prosperidade futebolística e financeira, o Figueirense angariou novos admiradores que passaram a frequentar o estádio e consumir em suas lojas. Todavia, apesar dos benefícios, a *empresarização* acabou fazendo com que o desempenho do clube passasse a ser visto como um produto e, o torcedor, por sua vez, como um cliente. Referindo-se não ao deslocamento específico do Figueirense, mas em análise que cabe para o caso, Ronaldo Helal e Cesar Gordon Jr. (2014) afirmam que

A transformação do futebol num produto, numa questão de *business*, portanto, ratifica sua dissociação com domínios mais totalizantes, e o mergulha num meio em que passa a fazer parte de uma miríade de produtos de entretenimento (e de consumo) no meio de tantos outros (com a difusão das redes de televisão, o aumento da produção de mídia) disponíveis no mercado (p. 51-52).

Diante disso, é evidente que a relação de pertencimento do torcedor para com seu clube de coração muda. O fã passa a ir ao estádio não mais por pura e simples paixão, isto é, porque se sente parte daquilo, mas sim para prestigiar um evento, um espetáculo e, caso o “produto” venha a não satisfazer às suas exigências, a consequência será que ele, como “consumidor”, deixará de comprar a mercadoria em questão. No caso do Figueirense, o cenário não foi diferente:

(...) ao imprimir uma gestão sob o domínio da lógica mercantil, mesmo considerando o torcedor como principal cliente e o futebol seu produto mais importante, [o Figueirense] pareceu demonstrar em determinados momentos um esquecimento das essências que movem a paixão do torcedor e que o fazem permanecer fiel ao seu clube de coração. (Silva, 2019, p. 55).

Três anos após o início do processo de *empresarização*, em 2002, foi criada a “Figueirinha”, uma mascote que representa uma figueira, contribuindo ainda mais para a controversa associação do clube com a figueira da Praça XV de Novembro. Em 2012, ela foi substituída pelo “Furacão”, um dos apelidos do time, datado dos anos 1950, quando passou a ser conhecido como o “Furacão do Estreito”. Em contrapartida, nos veículos de informação locais é notável a utilização de um personagem negro para a represen-

tação do Figueirense, atribuindo novamente ao clube as raízes do bairro da Figueira, e desvinculando-o do viés apagador que as mascotes recentes representavam (Messa; Pires, 2012; Cardoso; Rascke, 2016).

Atravessando a ponte Hercílio Luz até a porção insular da cidade, também podemos verificar as contradições oriundas das tradições inventadas sobre o Avaí. Nos mais de 50 anos (1930-1983) nos quais os azurra sediaram seus jogos no Estádio Adolfo Konder, com capacidade para poucos milhares de pessoas, o clube angariou muitos simpatizantes advindos dos complexos comunitários do Maciço do Morro da Cruz, nas beiradas do elitizado centro de Florianópolis, sobretudo após a migração do Figueirense ao bairro do Estreito.¹² Devido à proximidade do Adolfo Konder com as comunidades que margeavam o centro, o Avaí desenvolveu íntima ligação com elas, cujos habitantes desciam o morro para contemplar as partidas do “Leão da Ilha”. Esse apelido, inclusive, foi cunhado pelo torcedor Olímpio Silva, morador do Morro do Céu.¹³ Na década de 1970, o apelido seria eternizado no hino do clube: “Avaí, meu Avaí/ Da Ilha, és o Leão” (Klüser; Matos; Diamantaras, 2014., p. 79).

Por conseguinte, apesar de possuir seu nome atrelado às elites, durante as primeiras décadas de sua existência o Avaí cresceu como clube contando com a presença de admiradores dos mais diversos extratos sociais, que frequentavam o Estádio Adolfo Konder a fim de prestigiar os *matches* da equipe. Posteriormente, o território onde se localizava o estádio passou por gradativa elitização, principalmente graças aos avanços da especulação imobiliária na região, processo no qual o aterro da Avenida Beira-mar Norte desempenhara, anos antes, um papel importante. A valorização da área em nada afetou a relação dos segmentos populares do Centro com o Avaí, no entanto, o cenário passa a mudar a partir do final da década de 1970, quando por meio de um acordo junto ao consórcio Kobrasol (formado pelas empresas Koerich, Brasil Pinho e Cassol), ocorre a permuta do valioso terreno que delineava o “Pasto de Bode” por outro estádio, muito mais moderno, no bairro Carianos, na região Sul da Ilha de Santa Catarina.

O Leão permaneceu sediando seus jogos no já acanhado Adolfo Konder até 1983, ano em que o acordo é concretizado, e o Avaí recebe como sua nova casa o moderno Estádio Aderbal Ramos da Silva (a popular “Ressacada”).¹⁴ Apesar do estádio ter sido

12. Após a mudança, impôs-se uma evidente divisão entre os torcedores de ambos os times: os habitantes da região metropolitana e da parte continental tendiam a desenvolver sentimentos de afeto pelo Figueirense, enquanto os habitantes da parte insular de Florianópolis, optavam por torcer pelo Avaí.

13. “Na década de 70, assíduo frequentador do Estádio Adolfo Konder, onde o Avaí mandava seus jogos, e ele morava praticamente ao lado, no Morro do Céu, teve a ideia de caracterizar a garra azurra, chamando o Avaí de Leão da Ilha.” (Ribeiro, 2019, [s.p.]).

14. O apelido “Ressacada” faz alusão ao “termo utilizado na geografia para designar áreas de planícies alagáveis, como era o terreno onde foi construída a nova casa do Leão da Ilha” (Matos, 2020b, [s.p.]).

construído próximo ao aeroporto de Florianópolis, tratava-se de um local distante dos bairros mais populosos da cidade. Havia, ademais, apenas uma via de acesso até a nova sede, o que gerava grandes dificuldades ao acesso. Vale ressaltar que na época da mudança, o Carianos (assim como a maior parte dos bairros afastados do Centro de Florianópolis) era predominantemente rural, em região pantanosa muito distante da elitizada Avenida Beira-mar Norte. Sobre isso o historiador Felipe Matos (2020b) afirma:

De uma área nobre e de fácil acesso no Centro da cidade, os jogos passaram a ser realizados a cerca de quinze quilômetros do antigo campo, numa planície alagadiça circundada por um mangue, no coração de bairros como Carianos, Costeira do Pirajubaé, Rio Tavares e Tapera, áreas em que viviam populações tradicionais de pescadores, comerciários, alguma classe média e funcionários públicos, mas pouco frequentadas pela elite urbana da capital, a não ser como local de passagem, pois estão no caminho para a região sul da ilha e para o Aeroporto Hercílio Luz, vizinho ao estádio (Matos, 2020b, [s.p.]).

Ele complementa alegando que isso ocorreu devido aos dirigentes identificarem o Carianos como um local de valorização à medida que se acelerasse a urbanização de Florianópolis – a presença do aeroporto nas proximidades também era um fator que impulsionaria tal valorização. Todavia, a “modernização” tardou a chegar, uma vez que as obras para a duplicação das vias de acesso à Ressacada só iniciaram no fim dos anos 1990, tendo sido aprimoradas no ano de 2020 (Matos, 2020b, [s.p.]). No entanto, apesar das melhorias nas rodovias, os engarrafamentos ainda são uma constante na vida dos torcedores que frequentam o estádio, por conta das poucas opções de estradas, principalmente no momento de deixar o local. Justamente devido às excentricidades proporcionadas pelas características insulares da região, faltam vias para tantos veículos. Sobre isso, Alexandre Vaz (2020) ressalta:

Na década de 1950, Florianópolis começa a se verticalizar com a construção de prédios. Na década de 1970 há uma nova expansão, que vai na direção da UFSC (a Universidade Federal), da Eletrosul, enfim... vários bairros rurais, como era o caso da Trindade [onde se localiza a UFSC], se tornam bairros urbanos. É nesse contexto que o estádio do Avaí sai de uma área absolutamente valorizada, que é o primeiro shopping da ilha, o Beira-mar Shopping, e vai para a Ressacada, que era também uma área muito rural naquele momento, uma área de mangue, mas lá se torna um estádio de elite (Vaz, 2020, [s.p.]).

Diante do exposto, podemos evidenciar uma contradição na história do clube azulra: outrora um clube criado por um próspero comerciante local, sediava suas partidas no Adolfo Konder, um estádio que se tornou, ao longo dos anos, acanhado; localizado na área mais valorizada da cidade, possibilitava, no entanto, o acesso dos mais

diversos públicos às suas instalações, inclusive pessoas dos complexos habitacionais que margeavam a região central de Florianópolis. Por outro lado, a partir da mudança para o Estádio da Ressacada, inserido num bairro considerado “popular”, sobre o “mangue” (Carianos), o acesso aos jogos pareceu cada vez estar restrito aos mais privilegiados financeiramente, seja devido à dificuldade para o acesso ao estádio, seja pelo valor dos ingressos, que encareceram ao longo dos anos. Vaz (2020) complementa:

Então existe uma contradição interessante aí: quando se situava em um bairro central, era um estádio que atendia o Morro da Caixa D’água, que recebia um público muito popular. Inclusive, vários jogadores do Avaí saíram dali. Agora, o estádio vai para um bairro muito afastado e se transforma em um lugar de elite. É muito difícil, por exemplo, chegar na Ressacada de ônibus. Sair, então nem pensar (Vaz, 2020, [s.p.]).

Thalita Neves (2023) discorreu sobre as atribuições de “clube do povo” e “clube de elite” a várias rivalidades regionais no país. Sobre o confronto Avaí e Figueirense, sob a luz das contradições observadas ao longo do percurso empírico de sua pesquisa, a autora afirma que “a construção desses estereótipos de povo e elite – ou continente e ilha – por vezes deturpa a história dos clubes e perpetua trajetórias que não mais condizem com o contexto atual das agremiações” (p. 141).

Consonante a isso, Matos (2020b) afirma algo semelhante:

Eu não tenho dúvidas de que a origem do Figueirense é muito mais popular do que a origem do Avaí. O Avaí surgiu em 1923 como um grupo de jovens filhos da classe média, estudantes do Colégio Catarinense, que é o colégio das elites da cidade. [...] Mas a questão é: até quando o Figueirense foi popular? E por que o Avaí é considerado um time de elite mesmo quando o pessoal do Morro do Céu fazia história jogando pelo clube? [...] Até hoje, há muitas famílias tradicionais de Florianópolis que compram esse discurso estereotipado. Mas, ao longo de sua história, o Avaí não pode ser considerado um time de elite – pelo menos não o Avaí de muita gente da Costeira, do mangue, do Morro da Caixa, do Morro do Céu. Eu não gosto desse estereótipo porque ele apaga a história e a trajetória de muita gente que fez o Avaí ser o que o Avaí é hoje. É uma polarização que não me agrada e que eu não compartilho (Matos, 2020b, [s.p.]).

Matos (2020b) reconhece a origem mais popular do Figueirense, em comparação à do Avaí. Porém, problematiza a “continuidade artificial” que a atribuição de “clube de elite” estabelece com o Leão da Ilha, uma vez que indivíduos dos mais diversos extratos sociais participaram da sua constituição. Segundo o pesquisador “Ele [o Avaí] é um time muito mais plural, muito mais complexo do que esses estereótipos que se perpetuam”, ao mesmo tempo que se refere à pecha de “clube de elite” para o Avaí como um “uso do passado” (Matos, 2020b, [s.p.]).

Sobre os usos do passado, o historiador Fernando Nicolazzi, em entrevista a Marques (2021), afirma que “a relação com o presente é uma das principais características dos usos políticos do passado. Ou seja, o foco desse campo de pesquisa está nas escolhas dos distintos grupos sociais ao lembrar, dialogar e representar elementos pretéritos” (Marques, 2021, [s.p.]). Portanto, pode-se esperar que os usos do passado componham a invenção das tradições, pois utilizam de elementos do pretérito, ligando-os a ações no presente, com a intenção de justificar atitudes que representem algo importante num determinado contexto.

Ainda sobre as contradições nas atribuições de “clube de elite” e “clube do povo”, vale ressaltar que tanto o Estádio Orlando Scarpelli quanto a Ressacada eram dotados de setores populares, as “gerais”¹⁵, onde os torcedores acompanhavam o jogo em pé, no mesmo nível do gramado, pagando pelos ingressos valores muito mais baixos que os praticados nas arquibancadas e cadeiras numeradas. Os estádios não contavam com camarotes. Neste sentido, ambos os clubes sofreram com o fenômeno da modernização das praças esportivas, com o qual houve a implantação de assentos em todos os setores, ocasionando numa série de consequências, como a diminuição do número de torcedores presentes. Sobre esse fenômeno, aferimos que:

as práticas administrativas mudaram e os clubes adotam mecanismos de gestão que aprofundam sua dependência de empresários, patrocinadores e parceiros, bem como obrigam-se a operações de venda de seus direitos de imagem para empresas de comunicação e renovam seus estádios para atrair um público que exige mais conforto, o que aumentou sobremaneira os custos e tende a selecionar os torcedores capazes de arcar com preços de ingresso mais caros (Klüser; Matos; Diamantaras, 2014, p. 9).

Ao passo que se aumentava o conforto para o prestígio do “espetáculo”, o preço dos ingressos subia, contribuindo para uma certa gentrificação dos espaços, também na intenção de diminuir a grande onda de violência que permeou o futebol brasileiro na década de 1990, período no qual parte importante dos estádios do país passou por este processo. Sobre esse assunto, Arlei Damo (2018) afirma que

Este tipo de posição raramente é explicitada, mas o discurso em prol do conforto e da segurança não veio acompanhado da ideia de direitos ou de cidadania, mas da majoração dos preços – afinal, teríamos agora um espetáculo de “alto nível”. As “gerais” passaram a ser rotuladas como uma ameaça, e não

15. No Orlando Scarpelli, esse setor era chamado de “Coloninha”, fazendo alusão ao bairro da Coloninha, que fica nas imediações do estádio. O mesmo ocorria na Ressacada, com o setor popular sendo apelidado de “Costeirinha”, fazendo referência à Costeira do Pirajubaé, bairro essencialmente residencial e que dá acesso ao Carianos, onde se localiza a Ressacada.

como um espaço dinâmico e criativo. Aquela gente tão próxima do campo, à espreita de uma oportunidade para invadi-lo, haveria de ser civilizada; ou removida, como de fato aconteceu. Aliás, as “gerais” também se caracterizavam pela ausência de consumo ou por um gasto de coisas bastardas – as camisetas compradas dos camelôs, a cachaça trazida na garrafa de água mineral, etc – e não podendo expropriar ainda mais esta gente – não por escrúpulo moral, mas por impossibilidade econômica mesmo – a solução mais simples e eficaz foi eliminá-la sumariamente (Damo, 2018, [s.p.]).

Foi neste cenário que a “geral” do Figueirense, a “Coloninha”, deixou de existir no ano 2000, dando lugar a um corredor de circulação (Silva, 2019, p. 57).

Um estádio abarrotado de torcedores seria algo impossível atualmente, sobretudo após a promulgação do Estatuto de Defesa do Torcedor, que teve como um de seus mandatos a obrigatoriedade de mais segurança e comodidade ao espectador, sustentando a extinção das “gerais” dos estádios.¹⁶ Todavia, esse processo ocorreu por meio de certa restrição às camadas populares em sua presença nos estádios, consideradas culpadas pelas ondas de violência que assolaram o futebol brasileiro na década de 1990. Desta maneira, e como já foi sugerido, com a instalação de cadeiras nos setores populares, houve o encarecimento dos ingressos, acarretando na gradativa gentrificação dos estádios ao longo dos anos 2000, podando aos poucos o direito das camadas populares de frequentarem as praças esportivas (Amaral; Barros, 2022, [s.p.]).¹⁷ Eis, portanto, outra contradição a ser refletida na dicotomia “clube do povo” e “clube de elite” no futebol florianopolitano. Sobre isso, Felipe Matos (2020b) ressalta:

De 1983 até meados dos anos 90, o Avaí tinha um estádio bom, moderno, mas ainda acessível, porque tinha o setor da Costeirinha. Esse setor é equivalente a geral nos demais estádios brasileiros, onde os torcedores assistem aos jogos em pé. Quando chovia, os torcedores da arquibancada descoberta abriam o portão e iam lá para dentro da parte coberta. Havia essas coisas do tipo ‘somos todos avaianos, está chovendo, se não pode pagar, entra aqui’. Porém, isso vai mudando aos poucos. O ponto de ruptura é quando o Avaí consegue o acesso à Série A em 2008 e fazem uma reforma na Ressacada. O estádio realmente ficou muito bonito, mas começou a ter uma certa gentrificação, tornando-se menos acessível. Por exemplo: agora, se começa a chover, eles fecham o portão, não deixam mais passar para a parte coberta porque tem a setorização.

16. Lei nº 10.671, de 15 de maio de 2003, estabelece normas a serem cumpridas pelas instituições que organizam os eventos esportivos sob o intuito de preservar a integridade física dos torcedores, ao mesmo tempo em que define algumas condutas violentas dos torcedores, dentro e fora dos estádios, como criminosas. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.671compilado.htm. Acesso em: 23 jun. 2024.

17. No contexto da Copa do Mundo de 2014, sediada no Brasil, a exclusão das classes populares das imponentes arenas se intensificou. No entanto, a violência intramuros e nos arredores ainda está longe do fim, colocando em cheque a eficácia dessa exclusão.

Os ingressos se tornam mais caros, o torcedor começa a ser visto como um cliente, o futebol torna-se um produto, o preço da associação aumenta. As Costeirinhas – setor popular – não existem mais. (...) Começou a ter um nível de desinteresse daquele torcedor que sofreu tantos anos com o Avaí nas Séries C e B e, quando o clube chega na Série A, esse torcedor não pode mais assistir ao seu time porque está caro (Matos, 2020b, [s.p.]).

Por meio da fala de Matos (2020b), podemos supor, então, que o “Leão da Ilha” passou por desdobramentos semelhantes aos do rival continental, gerando um impacto inevitável no sentimento daqueles torcedores ditos “tradicionais”, movidos pela paixão, substituídos agora pelos “clientes”.

Considerando as tradições inventadas, seria como se as classes populares estivessem distantes do Avaí desde seus primórdios. O oposto ocorreria com o Figueirense, cuja narrativa soa como se o clube nunca tivesse ligação com as elites da cidade ou do estado. A “continuidade artificial”, descrita por Hobsbawm (2017, p. 8), que trata das tradições inventadas como “reações a situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória” faz todo o sentido nessa reflexão.

Não menos interessante é a maneira pela qual os dois clubes relacionam-se com essas tradições sobre eles inventadas. O Figueirense abusa da alcunha, tornando-a marca de si: o slogan de “time do povo” foi estampado nas mangas da camiseta oficial da temporada de 2023. Além disso, podemos observar contínuas referências à suposta característica popular do clube em seu website e nas publicações oficiais em redes sociais. Por outro lado, o Avaí parece evitar a característica sobre ele atribuída, nunca tendo referido a si mesmo como “clube da elite”. No entanto, o simples fato de o Figueirense não hesitar em afirmar-se na condição de “clube do povo” infere o oposto ao rival citadino – ao outro –, contribuindo para a solidificação dessas tradições.

Em contrapartida, quando se trata das torcidas de ambos os clubes, os sentimentos estão em sincronia: um e outro reivindicam para si a condição de “time do povo”. Ademais, notabilizamos um comportamento uniforme, tanto da principal torcida organizada do Figueirense, a Gaviões Alvinegros, quanto de sua homóloga insular, a Mancha Azul, no que tange a algumas questões contemporâneas, como a organização de ações sociais e a adoção ao movimento “Foot-Ball Belongs to People”. Este se opôs, entre outras questões, à prática do futebol durante o período pandêmico de 2020 e à sua cada vez mais próxima transformação em entretenimento puramente televisivo. Colocaram-se, assim, em oposição aos dirigentes que privilegiariam o lucro acima de tudo, responsáveis por impor medidas que lesariam funcionários e torcedores de condição financeira inferior de ambos os clubes. Ao mesmo tempo, as

duas agremiações possuem torcidas femininas e “antifa”, que representam o clube nos estádios e em manifestações políticas.¹⁸

Diante de tudo o que foi exposto, apesar de ser atribuída ao Figueirense a alcunha de “clube do povo”, num cenário de acalorada rivalidade, como é a que ocorre em Florianópolis, as provocações ao adversário consistem em algo intrínseco à atmosfera das partidas, ainda mais num contexto de ânimos aflorados. Daí, é curioso o fato de que já ter acontecido situações em que torcedores do clube do Estreito, em tom depreciativo, se referiam ao Avaí como o “time do mangue”, fazendo alusão aos manguezais (terreno sob o qual está a Ressacada) como um território “sujo, fedido, infestado de mosquito e frequentado por gente pobre, que serve para ser valorizada apenas no campo do simbólico na figura idealizada do ‘manezinho da ilha’” (Matos, 2020a, [s.p.]).

O fato escancara outra contradição em meio às tradições inventadas que permeiam a cultura futebolística da cidade: trata-se do “time do povo” buscando inferiorizar o rival menosprezando o bairro onde sua “casa” estaria. Em contrapartida, não parece haver qualquer iniciativa do Avaí no que diz respeito à identificação com o mangue e seus habitantes, o que indica a falta de intenção do clube em vincular a sua imagem à área suburbana, o que seria fruto do processo de elitização que perpassa o futebol: “É como se o Avaí saltasse a Costeira, saltasse o Carianos e chegasse ao Centro, direto. Por isso, por não ter perfil de torcida, o clube vai tomando um perfil de camadas médias e vai se afastando do elemento popular” (Vaz, 2020, [s.p.]).

Conclusão

Um estereótipo precisa forjar uma ligação, mesmo que mínima – e frequentemente particularizada –, com a realidade empírica. O problema avança quando narrativas generalizadoras são endossadas por meio do jornalismo esportivo ou mesmo do senso comum, atribuindo aos dois clubes expoentes do município as alcunhas de “clube de elite” e “clube do povo”, ao mesmo tempo que contribuem por invisibilizar histórias que foram fundamentais na constituição de cada um.

As raízes populares do Figueirense são inegáveis. Trata-se de clube fundado na porção de maior concentração de afrodescendentes da cidade, o bairro da Figueira, e

18. Podemos afirmar que a “AvaíXonadas e a “Torcida Elas Alvinegra” exercem influência significativa em meio aos clubes que representam, uma vez que contam com um montante de 9.376 e 2.176 seguidores (em 29/09/2024), respectivamente, somando os números das redes sociais *Facebook* e *Instagram*. Já a “Antifa Avaiana” (1.200 seguidores no *Facebook*, na data acima), participa frequentemente de manifestações de cunho político e está consideravelmente mais consolidada que a ainda incipiente “Figueira Antifa”, que somente possui uma página com pouco menos de 200 seguidores no *X* (antigo *Twitter*). Ao mesmo tempo, a Gaviões Alvinegros por vezes também adota uma postura combativa em suas manifestações (Oliveira, 2023).

que posteriormente mudou sua sede ao Estreito, ganhando novos contornos de popularidade. No entanto, com a modernização do futebol no Brasil, as exigências para o desempenho no alto nível passaram a ser outras e, nesse cenário, é quase impossível um clube permanecer alheio aos braços de grandes empresários. Com o Figueirense não foi diferente, tendo a sua história intrinsecamente ligada a Orlando Scarpelli e, mais recentemente, a Paulo Prisco Paraíso. Ambos, que contribuíram para angariar visibilidade e prosperidade dentro dos gramados para os “gaviões”, foram decisivos no que tange à mudança na identidade do clube, de modo que cada vez menos ele permanecesse atrelado às suas origens populares e negras.

Em contrapartida, o Avaí sempre permaneceu, nas tradições inventadas, ligado às elites do estado, sendo o clube adotado pela oligarquia da família Ramos, e tendo as suas origens atreladas às classes privilegiadas que estudaram no Colégio Catarinense. Porém, essa narrativa acaba por invisibilizar a intensa participação das camadas populares na constituição do clube ao longo de sua história, principalmente enquanto se localizava na área mais elitizada da cidade, no antigo Estádio Adolfo Konder, tendo sido importante o entretenimento de grande parte dos habitantes dos morros ao redor da região central de Florianópolis. Sobre essas contradições, Felipe Matos (2020b) é categórico ao defender seu clube do coração, evidenciando as inúmeras contradições presentes nessas narrativas idealizadas:

Fala-se muito da oligarquia Ramos no Avaí, mas se o Avaí tinha os Ramos do PSD, o Figueirense tinha a UDN. Tinha Thomas Chaves de Cabral, tinha o Charles Edgard Moritz, tinha a família Ferrari, a família Galotti. São família populares? O Avaí tinha a família Amin, o Figueirense tinha a família Bornhausen. O Avaí tinha o João Salum, o Figueirense tinha o Orlando Scarpelli, que não era um comerciante pobre, afinal, foi ele quem doou o terreno onde foi construído o estádio. Enfim, são os usos do passado. Eu gostaria muito de ter um time que pudesse ser chamado de time do povo, mas eu não tenho essa cara de pau. Eu concordo que a origem do Figueirense é mais popular, mas o que eu não aceito é que o Avaí seja o time da elite. O Avaí não é o time da elite. (...) O pessoal que descia do Morro da Caixa e jogava no Avaí é da elite? O pessoal do Morro do Céu, que fez história jogando no Avaí, é da elite? O meu bisavô, funcionário auxiliar da prefeitura, que assistia ao jogo em pé na Costeirinha, torcia para o time da elite? Eu acho que não (Matos, 2020b, [s.p.]).

Com a modernização do futebol, ambos os clubes passaram por processos de elitização de seus estádios, dificultando o acesso às camadas populares devido ao alto custo dos ingressos. Ou seja, cada dia mais os torcedores tradicionais são substituídos pelos clientes, ao passo que as instituições procuram desvincular-se de suas origens populares, não reconhecendo o mangue e seus habitantes como um elemento primordial

na sua história, no caso do Avaí, ou, no caso do Figueirense, buscando a identificação com elementos que não dizem respeito às origens populares do clube como, por exemplo, o estabelecimento do vínculo com a figueira da Praça XV de Novembro, em detrimento da ligação com o bairro da Figueira.

No entanto, segundo a narrativa tradicional, reforçada pelo jornalismo esportivo, é como se as classes populares jamais tivessem se relacionado com a história do Avaí. O oposto ocorreria com o Figueirense, que sempre teria possuído a sua memória vinculada ao bairro da Figueira, fazendo jus às raízes negras, populares e operárias do clube (Neves, 2023, p.147-148). Todavia, a realidade parece ser mais complexa, sobretudo atualmente. O Avaí costuma ser, pejorativamente, chamado de time do mangue pelos torcedores do Figueirense, fazendo alusão ao território suburbano onde se localiza a Ressacada e, além disso, mesmo o próprio clube não parece reivindicar o território em questão, preferindo que sua imagem permaneça vinculada às áreas de maior prestígio da cidade.

Apesar das tradições inventadas, reforçadoras das evocações de time do povo e time de elite atribuídas, respectivamente, para Figueirense e Avaí, essa conotação não é absoluta, uma vez que a história de ambos está intimamente ligada tanto às camadas superiores, como às populares. Todavia, a relação de pertencimento e de identificação do torcedor com o clube tende a mudar com o constante processo de elitização dos estádios e clientelização dos simpatizantes, afastando, portanto, os clubes de suas raízes fundadoras de origem popular, no caso do Figueirense, ou dos históricos simpatizantes das classes subalternas oriundos do Maciço do Morro da Cruz, que o Avaí angariou enquanto mandava seus jogos no antigo Adolfo Konder, ou da Costeira, a partir de 1983. Paradoxalmente, essa narrativa continua viva, apesar de todas as suas contradições, fomentada pela ferosa oposição entre as duas agremiações que, separadas pela Ponte Hercílio Luz, constituem, na clássica rivalidade, elemento primordial na cultura de Florianópolis.

Referências

AMARAL, Luca; BARROS, Adriana de. Violência entre torcidas: problema assombra o futebol brasileiro desde a década de 90. **UOL**, 01 ago. 2022. Disponível em: https://cultura.uol.com.br/esporte/noticias/2022/08/01/3887_violencia-entre-torcidas-problema-assombra-o-futebol-brasileiro-desde-a-decada-de-90.html. Acesso em: 23 jul. 2024.

AZEVEDO, Suyanne de. Afrânio propõe Sessão Comemorativa pelos 80 anos de anexação da parte Continental a Florianópolis. **Câmara Municipal de Florianópolis**. 2024. Disponível em: <https://www.cmf.sc.gov.br/imprensa/noticias/0/1/2024/5566#:~:text=No%20dia%201%20de%20janeiro,toda%20região%20Continental%20da%20cidade>. Acesso em: 15 jun. 2024.

BORGES, Elisa. **O Centro Cívico e Recreativo José Boiteux e sua atuação em Florianópolis na década de 1920**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, p. 73. 2019.

CARDOSO, Fernando Henrique; IANNI, Octávio. **Côr e Mobilidade Social em Florianópolis: Aspectos das Relações Entre Negros e Brancos Numa Comunidade do Brasil Meridional**. São Paulo: Brasiliense, 1960. 386 p.

CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco; RASCHE, Karla Leandro. Figueirense. O bairro da Figueira e o nascimento de um clube. *In*: VAZ, Alexandre Fernandez; DALLABRIDA, Norberto (Org.). **O futebol em Santa Catarina: Histórias dos clubes (1910-2014)**. Florianópolis: Insular, 2014. p. 17-45.

CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco; RASCHE, Karla Leandro. Cidadania e expectativas no bairro da Figueira: o surgimento do Figueirense Foot Ball Club (Florianópolis/SC, 1921-1951). **Vozes, Pretérito & Devir**, Piauí, v. 5, n. 1, p. 99-121, 2016.

CULLETON, Billy. O Bairro da Figueira, no Centro – O território negro, ao lado do antigo porto, onde nasceu o Figueirense. **Floripa Centro**. Disponível em: <https://floripacentro.com.br/bairro-da-figueira-no-centro-o-territorio-negro-ao-lado-do-antigo-porto-onde-nasceu-o-figueirense/>. Acesso em: 15 jun. 2024.

DAMO, Arlei Sander. Arenização, selfies e curtição. **Ludopédio**, São Paulo, v. 105, n. 29, 2018.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Ed. 70, 2019.

FRANCO JR., Hilario. **A Dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GAY, Peter. **O cultivo do ódio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HELAL, Ronaldo; GORDON JR., Cesar. A crise do futebol brasileiro: perspectivas para o século XXI. **Revista Eco-Pós**, [s.l.], v. 5, n. 1, 2009. DOI: 10.29146/eco-pos.v5i1.1155. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/1155. Acesso em: 15 ago. 2024.

HOBBSAWM, Eric. **A era dos impérios: 1875-1914**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

KLÜSER, Adalberto Jorge; MATOS, Felipe; DIAMANTARAS, Spyros Apóstolo. **O time da raça: almanaque de 90 anos do Avaí Futebol Club**. Blumenau, SC: Nova Letra, 2014.

MACHADO, Alessandra Pires. **Futebol na capital**: O Avahy Football Club em Seus Primeiros Anos. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, p. 38. 2011.

MACHADO, Fábio. Ressacada, 40 anos; quem esteve na inauguração do estádio do Avaí, jamais esquece esta data. **ND Mais**, 2023. Disponível em: <https://ndmais.com.br/futebol/ressacada-40-anos-quem-esteve-na-inauguracao-do-estadio-do-avai-jamais-esquece-esta-data/>. Acesso em: 26 mai. 2024.

MARQUES, Thaís Pio. O que são “usos políticos do passado”, segundo este historiador. **Café História**. 30 jun. 2021. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/o-que-sao-usos-politicos-do-passado/>. Acesso em: 22 jun. 2024.

MATOS, Felipe. A Ressacada e o “time do mangue”: futebol e comunidade. **Ludopédio**. 2020a. Disponível em: <https://ludopedio.org.br/arquibancada/a-ressacada-e-o-time-do-mangue/>. Acesso em: 28 maio 2024.

MATOS, Felipe. Ludopédio em Casa #30: Rivalidades Catarinenses: Avaí x Figueirense. **Ludopédio**. 2020b. Disponível em: https://youtu.be/67OIBT8_r_E. Acesso em: 26 mai. 2024.

MELO, Victor Andrade de. O mar e o remo no Rio de Janeiro do século XIX. **Esporte e Lazer**, [s.l.], v. 13, n. 23, p. 41-71, 1999.

MESSA, Fábio de Carvalho; PIRES, Giovani de Lorenzi. A trajetória do Avaí Futebol Clube no Campeonato Brasileiro 2009: leitura de charges jornalísticas. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, [s.l.], v. 34, n. 3, p. 589-613, set. 2012. FapUNIFESP (SciELO).

NEVES, Thalita. **Time do Povo versus Time da Elite**: “Disputa de Classes” e Construção de Estereótipos nas Narrativas de Rivalidades Clubísticas do Futebol Brasileiro. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, p. 260. 2023.

OLIVEIRA, Alex Fernandes de. Origem do futebol na Inglaterra no Brasil. **RBFF - Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 4, n. 13, p. 170-174, 24 nov. 2012.

OLIVEIRA, Tatiana. Movimento Antifa nas torcidas organizadas de SC. **Portal Brasil Criativo**. 2023. Disponível em: <https://portalbrasilcriativo.com.br/movimento-antifa-nas-torcidas-organizadas-de-sc/>. Acesso em: 29 set. 2024.

RIBEIRO, André Palma. Morre Olímpio Silva, Criador do Slogan Leão da Ilha. **Avaí F. C.** 15 fev. 2019. Disponível em: <https://avai.com.br/morre-olimpio-silva-criador-do-slogan-leao-da-ilha/>. Acesso em: 22 jun. 2024.

ROSA, André Luiz. **Da modernidade à fundação do Avahy Foot Ball Club**: A Relação do Clube com a Sociedade de Florianópolis da Década de 1920. 2003. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

SILVA, Jailson Gentil da. **Figueirense Futebol Clube (1999-2010)**: Da Identidade Popular à Mercantilização do Futebol. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, p. 72. 2019.

VAZ, Alexandre. Ludopédio em Casa #30: Rivalidades Catarinenses: Avaí x Figueirense. **Portal Ludopédio**. 2020. Disponível em: https://youtu.be/67OIBT8_r_E. Acesso em: 26 maio 2024.

VAZ, Alexandre Fernandez; MACHADO, Alessandra Pires; INVERNIZZI, Lisandra. O jornal como plataforma pública: amadorismo, pedagogia corporal, retórica futebolísticas (Florianópolis, 1920-1930). **Avatares de La Comunicación y La Cultura**, Buenos Aires, n. 27, p. 1-14, 8 jun. 2024. Universidad de Buenos Aires. DOI: <http://dx.doi.org/10.62174/avatares.2024.9498>.

VIEIRA, Bruno Martins; BANDEIRA, Leonardo Martins; TRAJANO, Matheus Krein; CATUTTI, Marco Antonio. A Produção de Territórios a Partir do Futebol. **PetGeo**, Florianópolis, v. 106, n. 12, p. 1-33, maio 2019. Disponível em: https://www.udesc.br/arquivos/faed/documentos/INFORMATIVO_MAR_O__ABRIL_E_MAIO_2019_15693350486759_3027.pdf. Acesso em: 12 maio 2024.

ZANCA, Gabrielli. A prática do remo em Florianópolis: retratos de uma sociedade em busca da modernidade. **Revista Santa Catarina em História**, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 30-38, 2008.

FONTES

ANTIFA AVAIANA. Florianópolis. **Facebook**: usuário do Facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/antifaavaiana/?locale=pt_BR. Acesso em: 29 set. 2024.

AVAÍXONADAS. Florianópolis. **Facebook**: usuário do Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/Avaixonadas/>. Acesso em: 29 set. 2024.

AVAÍXONADAS. Florianópolis. **Instagram**: @avaixonadas. Disponível em: <https://www.instagram.com/avaixonadas/>. Acesso em: 29 set. 2024.

ELAS ALVINEGRA. Florianópolis. **Instagram**: @elasalvinegra. Disponível em: <https://www.instagram.com/elasalvinegra/>. Acesso em: 29 set. 2024.

FIGUEIRA ANTIFA. X: @figueiraantifa. Disponível em: <https://twitter.com/figueiraantifa>. Acesso em: 29 set. 2024.

MARGARIDA, Trajano. Desporto. **República**. Florianópolis, 24 dez. 1921, p. 3.

TORCIDA ELAS ALVINEGRA. Florianópolis. **Facebook**: usuário do Facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/p/Torcida-Elas-Alvinegra-100078748105408/?locale=pt_BR. Acesso em: 29 set. 2024.



Apontamentos sobre o preconceito com o futebol feminino no Brasil

Geovana Silva Medeiros¹  

Universidade Estadual do Paraná

Isabella Caroline Belem²  

Universidade do Estado de Minas Gerais

Meire Aparecida Lôde-Nunes³  

Universidade Estadual do Paraná

Resumo

Este estudo tem por objetivo descrever o preconceito com o futebol feminino no contexto do esporte nacional. Caracteriza-se como uma revisão bibliográfica, qualitativa realizada por meio de livros e artigos científicos. O trabalho buscou enfatizar os diferentes estereótipos associados ao futebol feminino durante a história, os tipos de preconceitos sofrido pelas mulheres e a importância desta temática na Educação Física Escolar. O futebol se estabeleceu como um reduto da masculinidade e a entrada do público feminino nesse âmbito gerou diversas represálias pela sociedade machista, o que acabou dificultando a inserção das mulheres neste esporte. Este cenário, repleto de obstáculos e preconceitos, deixou marcas na modalidade, no entanto, o futebol feminino vem tendo grandes avanços e conquistas. E no âmbito escolar não apresenta muitas diferenças, o futebol também é masculinizado. Nesse sentido, a atuação do professor é fundamental por ter a possibilidade de ser a agente de transformações sociais. Os estudos analisados apontaram que a mulher, historicamente, sempre foi colocada como inferior, considerada como sexo frágil e sem lugar de fala. No entanto, as mulheres nunca ocuparam e se encaixaram nessa delimitação, mesmo enfrentando preconceitos e desigualdades sempre estiveram presentes no mundo futebolístico. Verificou-se com este trabalho que o futebol feminino tem um trajeto carregado de proibições e limitações e mesmo obtendo avanços o preconceito ainda está muito presente atualmente.

Palavras-chave

Futebol feminino. Preconceito. Esporte. Brasil.

1. Formação de Docentes (Colégio Estadual São Vicente de Paula – E.F. – E.M. – N. – E.P. – Nova Esperança); Licenciatura em Educação Física (Unespar, campus de Paranavaí).

2. Doutora em Educação Física (UEL); Docente do curso de Educação Física (UEMG, unidade de Ibirité).

3. Doutora em Educação (UEM); Docente do curso de Educação Física (Unespar, campus de Paranavaí); Docente do Programa de Pós-graduação Sociedade e Desenvolvimento (Unespar, campus de Campo Mourão).

Notes on prejudice against women's football in Brazil

Abstract: This study aims to describe prejudice against women's football in the context of national sport. It was constructed through a qualitative bibliographical review, using books and scientific articles. The work sought to emphasize the different stereotypes associated with women's football throughout history, the types of prejudice suffered by women and the importance of this theme in School Physical Education. Football has established itself as a stronghold of masculinity and the entry of female audiences into this field has generated several reprisals from sexist society, which has ended up making it even more difficult for women to enter this sport. This scenario full of obstacles and prejudices left its mark on the sport, however, women's football has been making great advances and achievements. And in the school context this scenario does not present many differences, football is also masculine. In this sense, the figure of the teacher comes into play, who has the possibility of being the main tool for social transformation. The studies analyzed showed that women, historically, have always been considered inferior, considered the weaker sex and without a place to speak. However, women never occupied and fit into this delimitation that they tried to place them, this is because, despite facing prejudice and inequality, they have always been present in the football world. It was verified through this work that women's football has a path full of prohibitions and limitations with the female public and even though it has made progress, prejudice is still very present today.

Keywords: Women's football. Prejudice. Sport. Brazil.

Apuntes sobre los prejuicios contra el fútbol femenino en Brasil

Resumen: Este estudio tiene como objetivo describir los prejuicios contra el fútbol femenino en el contexto del deporte nacional. Se construyó a través de una revisión bibliográfica cualitativa, utilizando libros y artículos científicos. El trabajo buscó enfatizar los diferentes estereotipos asociados al fútbol femenino a lo largo de la historia, los tipos de prejuicios que sufren las mujeres y la importancia de este tema en la Educación Física Escolar. El fútbol se ha consolidado como un reducto de la masculinidad y la entrada del público femenino en este campo ha generado varias represalias por parte de la sociedad machista, lo que ha acabado por dificultar aún más la entrada de las mujeres en este deporte. Este escenario lleno de obstáculos y prejuicios dejó huella en el deporte, sin embargo, el fútbol femenino viene logrando grandes avances y logros. Y en el contexto escolar este escenario no presenta muchas diferencias, el fútbol también es masculino. En este sentido entra en juego la figura del docente, quien tiene la posibilidad de ser la principal herramienta de transformación social. Los estudios analizados demostraron que las mujeres, históricamente, siempre han sido consideradas inferiores, consideradas el sexo más débil y sin lugar para hablar. Sin embargo, las mujeres nunca ocuparon y encajaron en esta delimitación que intentaron colocarlas, esto se debe a que, a pesar de enfrentar prejuicios y desigualdades, siempre han estado presentes en el mundo del fútbol. Se constató a través de este trabajo que el fútbol femenino tiene un camino lleno de prohibiciones y limitaciones con el público femenino y aunque ha avanzado, los prejuicios siguen muy presentes hoy en día.

Palabras clave: Fútbol femenino. Prejuicio. Deporte. Brasil.

Introdução

Atualmente, um dos esportes mais populares do mundo é o futebol, isto porque sua prática alcança com sucesso diferentes nações, todas unidas, muitas vezes, pela magia de ver a bola rolando no campo. A maior parte da humanidade se mobiliza com esse esporte e seu sucesso não pode ser negado, uma vez que é algo que faz parte do cotidiano das pessoas onde quer que estejam, no trabalho, na rua, na escola ou no lazer (Costa, 2016).

Segundo Souza e Ramalho (2020) o futebol pode ser praticado por homens e por mulheres, porém a visibilidade ainda é maior para o sexo masculino. Quando as

mulheres decidiram enfrentar a desigualdade e brigar por seus direitos, o futebol já estava bem enraizado pela sociedade machista, o que acabou dificultando a inserção das mulheres neste esporte.

No Brasil, há registros do futebol feminino na década de 1920. Nesta época, os jogos eram voltados apenas para exibição e causas beneficentes, ou seja, não obtinham caráter competitivo. Ademais, segundo Bonfim (2019), entre o período de 1920 e 1930, o futebol feminino acabou se tornando um espetáculo circense e era visto em festas esportivas. Em relação à formação de times, informações apontam para o início da década de 1940. No ano seguinte, um grande obstáculo acabou dificultando o desenvolvimento do futebol feminino no Brasil, o Decreto-Lei nº 3.199 de 14 de abril de 1941 proibiu o futebol para mulheres. Essa determinação foi reforçada por uma deliberação do Conselho Nacional de Desportos (CND), em 1965 (Araújo; Ventura, 2021).

Durante o período de proibição, as mulheres continuaram praticando a modalidade. As práticas clandestinas foram uma forma de resistência contra a legislação discriminatória baseada no gênero e contra os padrões de feminilidade e de comportamentos considerados naturais, visto que, para a sociedade, as mulheres que jogavam futebol eram homossexuais e seriam masculinizadas. Ademais, a prática era considerada violenta para elas devido aos seus corpos frágeis. Toda essa resistência trouxe consequências, uma vez que as mulheres que jogavam futebol eram presas. Após décadas de banimento, em 1979 as determinações que impediam o futebol feminino foram revogadas e com a pressão de times femininos e a luta por uma possibilidade de carreira no esporte, em 1983 o Conselho Nacional de Desportos (CND) regulamentou a modalidade (Araújo; Ventura, 2021).

A participação das mulheres no futebol ocorreu em diferentes áreas: torcedora, jogadora, árbitra, técnica e dirigente. Ao longo da trajetória, todos esses setores são repletos de conquistas e dificuldades (Souza *et al.*, 2019). Além disso, no século XXI surge o conceito de musa do time, o que acaba fugindo totalmente do papel de torcedora, uma vez que a imagem da mulher é explorada como símbolo sexual ignorando todos os aspectos importantes na construção do retrato de um torcedor, como o conhecimento técnico (Firmino; Ventura, 2013).

O futebol feminino no Brasil, no decorrer de sua história, é repleto de preconceitos de gênero, de proibições, de restritas divulgações midiáticas e de pouco incentivo financeiro. Assim, é possível observar que o futebol se estabeleceu como um reduto da masculinidade e a entrada do público feminino nesse âmbito gerou diversas represálias. Toda a trajetória de reivindicação das mulheres pela possibilidade de jogar futebol deixou marcas na modalidade no Brasil que, até hoje, é sublinhada pela luta em prol da profissionalização. No entanto, mesmo com todos esses obstáculos, este esporte teve

aparições internacionais e participações significativas em eventos esportivos como nos Jogos Olímpicos e na Copa do Mundo de Futebol Feminino.

E no âmbito escolar o cenário não apresenta muitas diferenças, o futebol é masculinizado e mais voltado para os meninos. Nesse sentido, a atuação do professor é essencial, pois tem a possibilidade de ser a principal ferramenta de transformação social ao trabalhar com seus alunos, meninos e meninas, a conscientização de que o futebol, ou qualquer outro esporte, pode ser praticado por homens e mulheres. Porém,

[...] os professores de educação física sentem dificuldades em se libertar de determinados preconceitos e propor uma prática que propicie as mesmas oportunidades a todos os alunos, meninos e meninas, respeitando as diferenças e os interesses de cada um (Daolio, 2003, p. 115).

Um importante aspecto neste contexto tanto para o professor quanto para o aluno seria a discussão dessa temática nas aulas, ao trazer essa questão do preconceito com o futebol feminino para dentro da sala de aula, assim possibilitando uma transformação social em ambas as partes.

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é descrever o preconceito com o futebol feminino no contexto do esporte nacional por meio de uma revisão de literatura qualitativa de textos publicados sobre essa temática. Para o desenvolvimento do objetivo, o estudo foi dividido em etapas que são apresentadas no texto em duas seções. A primeira seção tem como proposta investigar os aspectos gerais do futebol feminino e está dividida em três subseções denominadas respectivamente: “2.1 História do futebol feminino no Brasil”; “2.2 O preconceito com o futebol feminino”; “2.3 A visibilidade do futebol feminino na Educação Física Escolar”. A segunda seção se destina a apresentar o levantamento bibliográfico realizado em repositórios de busca de publicações acadêmicas sobre a temática.

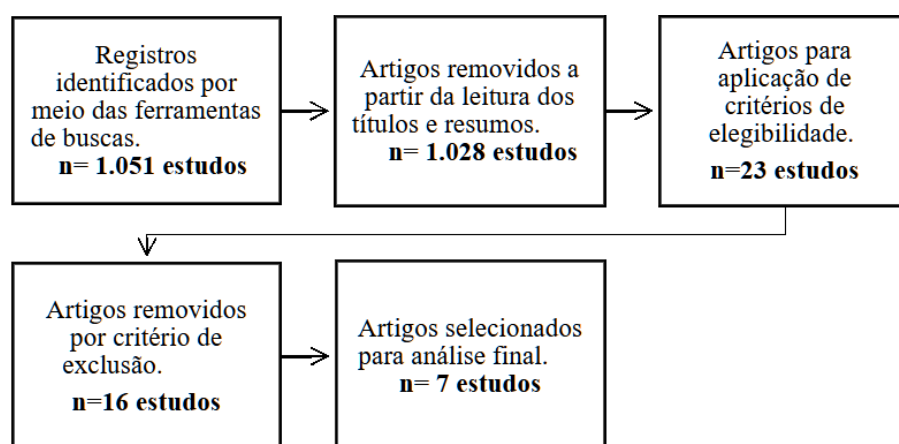
1 Métodos

Este estudo caracteriza-se como uma revisão bibliográfica, qualitativa, sendo uma pesquisa que se ocupa com um nível de veracidade que não pode ou não deveria ser quantificado, trabalha com o mundo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes, buscando compreender fenômenos, fatos e processos particulares e específicos (Brito *et al.*, 2021). Segundo Brito *et al.* (2021), a pesquisa bibliográfica pode ser entendida como uma revisão de literatura publicada acerca das principais teorias que orientam o trabalho científico e pode ser realizada em livros, periódicos, artigos de jornais, sites da internet, entre outras fontes. Dessa forma, o es-

tudo tem por objetivo descrever o preconceito com o futebol feminino no contexto do esporte nacional.

Para este estudo, foi realizada uma pesquisa entre os meses de agosto a novembro de 2023 nas plataformas: Google Acadêmico, Scielo e Lilacs. Os termos utilizados foram: “futebol feminino”, “preconceito”, “Brasil”, “gênero”, “esporte”, “visibilidade” e “Educação Física escolar” combinados com os indicadores booleanos “AND”, “OR” ou “NOT”. Para análise dos estudos a respeito do preconceito com o futebol feminino foram utilizados como critérios de inclusão: (a) nacional (língua portuguesa); (b) tratar sobre o preconceito com o futebol feminino no âmbito nacional. E os critérios de exclusão compreendem: (a) teses, dissertações, conferências e resumos; (b) artigos que não tratem sobre os assuntos elencados para a análise. Dessa forma, para uma melhor compressão dos estudos, os dados coletados foram dispostos em um fluxograma (Figura 1).

Figura 1 – Fluxograma da análise e inclusão dos artigos no estudo de revisão.



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

De acordo com o fluxograma (Figura 1), a busca nas bases citadas totalizou 1.051 resultados. Foram excluídos 1.028 estudos a partir da leitura dos títulos e resumos. Após, foram mantidos 23 artigos para a leitura completa. Assim, a partir da leitura e da análise, ocorreu a exclusão de 16 artigos que não estavam de acordo com os critérios, restando para análise e construção 7 artigos. Com isso, este trabalho consiste em uma pesquisa de três meses sobre o futebol feminino (fluxograma) e também uma descrição (revisão de literatura) sobre o preconceito e a prática durante a história, reforçando a importância dessa temática na Educação Física Escolar.

2 Revisão de literatura

2.1 História do futebol feminino no Brasil

Segundo Moura (2003) *apud* Souza e Ramalho (2020), no Brasil os primeiros registros do futebol feminino ocorreram na década de 1920, mais especificamente em São Paulo no ano de 1921 em uma partida entre senhoritas Tremembenses contra senhoritas Cantareirenses. Nesta época os jogos não obtinham um caráter competitivo, eram vistos como um espetáculo que acontecia em festas esportivas. Entre as décadas de 1930 e 1940 o crescimento dessa modalidade ainda era lento e os questionamentos sobre essa prática começaram a surgir, os quais já vinham camuflados de preconceito e incitavam a condenação da prática do futebol por mulheres. Como exemplo, ressalta-se o discurso do doutor Humberto Ballariny, em 1940, que considerou o futebol feminino como violento e “[...] exacerbador do espírito combativo e da agressividade, qualidades incompatíveis com a mulher” (Moura, 2003, *apud* Costa, 2016 p. 7-8).

A disseminação do futebol feminino pelo país e discursos como esse levaram à proibição da prática. Segundo Araújo e Ventura (2021), o Decreto-Lei nº 3.199 de 14 de abril de 1941, por meio da criação do Conselho Nacional de Desportos (CND), em seu artigo 54, estabeleceu a proibição de qualquer prática desportiva por parte das mulheres. Essa decisão foi reforçada em 1965 por meio de uma deliberação do CND. No entanto, durante esta temporada de proibição as mulheres não deixaram de praticar futebol. Elas realizavam partidas clandestinas como uma forma de resistência contra os padrões e modelos que a sociedade estava impondo.

Essa proibição durou por mais de três décadas e somente em 1979 as determinações que proibiam a prática do futebol feminino foram revogadas, por meio da Deliberação nº 10/1979. De acordo com Araújo e Ventura (2021), todo esse período de proibição trouxe fortes consequências para o desenvolvimento da modalidade que vão desde a falta de estímulo por parte das mulheres de continuar lutando pelos seus direitos até o seu crescimento no âmbito escolar, já que as meninas não eram incentivadas a praticar qualquer tipo de atividade física ou esporte que colocasse em risco sua feminilidade.

Após a revogação, o status do futebol feminino iniciou uma nova fase. Na década de 1980 surgiram iniciativas de criação e organização de equipes como, por exemplo, o Esporte Clube Radar do Rio de Janeiro. Esse time foi formado em 1932, mas apenas em 1981 ocorreu a criação da equipe feminina, com as práticas na quadra poliesportiva na areia. Foi no campo que a equipe obteve sua melhor fase, sendo assim diante da história considerado o mais importante time de futebol feminino (Carmona; Poll, 2006).

Um dos marcos desse período pós-proibição foi a regulamentação da modalidade em 1983 pelo Conselho Nacional de Desportos por meio da Deliberação nº 01/83 de 1º de abril 1983. Outro momento que merece destaque ocorreu em 1988, quando a Fe-

deração Internacional de Futebol (FIFA) criou um torneio experimental chamado “*Women’s Invitational Tournament*”, que ocorreu na China e teve a participação de 12 equipes. Nessa competição, o Brasil venceu a seleção chinesa nos pênaltis e levou o bronze.

Na década de 1990, o cenário do futebol feminino começa a se expandir, e esse período é marcado pelo início dos campeonatos regionais, estaduais, nacionais e a criação da Copa do Mundo de Futebol Feminino em 1991. Os resultados positivos das atletas em campeonatos Sul-Americanos e Olimpíadas, por exemplo, apareceram de forma mais interna, já que a modalidade não se mostrava atrativa para patrocinadores, mídia e torcedores. Isso porque a cultura enraizada em torno do futebol feminino era de caráter sexual, focando apenas o corpo das jogadoras e não na prática em si.

A década de 2000 trouxe resultados de extrema importância para a ascensão do futebol feminino, visto que nessa época houve a conquista do 4º lugar do Brasil nas Olimpíadas de Sydney na Austrália e no Sul-Americano a equipe Sub-19 se consagrou campeã. Em 2003, foram campeãs no campeonato Sul-Americano na categoria adulto e nos Jogos Pan-Americanos na República Dominicana. Apesar de diversos resultados positivos, as atletas enfrentavam duras realidades, principalmente, na questão do salário. Esse fato, é reforçado pelas falas das jogadoras:

“Jogar futebol no Brasil não é fácil. Não tem salário, tem ajuda de custo”, diz Grazielle Nascimento, 26 anos, que joga no Botucatu – SP” (Ribeiro, 2007, p. 27); “[...] experiência eu tenho. Só não tenho dinheiro”, fala Renata Diniz, que há 4 anos já faz parte do elenco da Seleção” (Ribeiro, 2007, p. 27).

Mesmo diante dessa situação, as atletas não desistiram e continuaram trazendo excelentes resultados para o Brasil como a Copa do Mundo de 2007, disputada na China, na qual a equipe se consagrou vice-campeã. Ademais, nesse mesmo ano, conquistaram a medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos no Rio de Janeiro. Em 2009, tem-se um novo marco histórico para o futebol feminino, com a realização pela Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) da primeira Copa Libertadores de Futebol Feminino com a participação de dez equipes, uma de cada país membro. Nesse campeonato, o time do Santos se tornou campeão tendo em sua equipe as jogadoras Marta e Cristiane. Vale ressaltar, que o Brasil se torna protagonista no futebol feminino, com a vitória da atleta Marta como melhor jogadora do mundo por seis vezes consecutivas (Aguiar; Maldonado, 2021).

Embora o futebol feminino tenha adquirido importantes conquistas, ainda é grande a lacuna em relação ao futebol masculino. Com o intuito de dar visibilidade a esta modalidade a CONMEBOL e a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), no ano de 2019, aprovaram um regulamento que determina medidas que buscavam, dentre outras questões, a igualdade de gêneros. Os times que necessitam de licenciamento da

CONMEBOL e da CBF e que não estivessem dentro das normas como, por exemplo, clubes da Série A do Campeonato Brasileiro, poderiam sofrer futuras punições. O intuito dessa medida foi garantir que as grandes equipes investissem no futebol feminino, proporcionando os mesmos recursos e direitos que o futebol masculino, ou seja, ações básicas que toda equipe necessita para se manter e disputar os campeonatos. Costa e Machado (2020) afirmam que é visível o preconceito com relação ao futebol feminino, sobretudo devido ao descaso com o papel desempenhado pelas mulheres no imaginário social. Neste esporte, mais especificamente, isso se evidencia pela falta de investimento, organização e cobertura da mídia.

Em 2019 o futebol feminino conquistou um espaço importante, com a transmissão pela TV Globo pela primeira vez da Copa do Mundo de Futebol Feminino realizada na França. Esse acontecimento foi de extrema importância para a trajetória da modalidade, já que teve recordes de audiência sendo a Copa Feminina mais acompanhada da história segundo o portal GloboEsporte.com. Em 2023 a visibilidade do futebol feminino alcançou outro patamar, o aumento de interesse dos torcedores resultou mais patrocínios e cobertura pelas mídias. Como destaca Mendes (2023), o número de ligas femininas com patrocinadores aumentou para 77% após 2021. Foi identificado, ainda, um aumento quanto a receita de transmissão, comerciais e prêmios em dinheiro.

Além de todos os meios de comunicação que transmitiram a última Copa Feminina de 2023, o canal de streaming Cazé TV, do influenciador Casimiro Miguel, desempenhou um papel importante nesse sentido, dando visibilidade para o futebol feminino (Mendes, 2023). Diante da trajetória descrita, fica evidente que o futebol feminino teve grandes avanços, contudo ainda há muito a ser conquistado.

2.2 O preconceito com o futebol feminino

Ao olharmos para a história do esporte veremos que ele sempre foi associado ao sexo masculino, desde o início a participação dos homens é valorizada e incentivada. Com o futebol não foi diferente e como consequência, durante a infância, o menino sempre é incentivado a esta prática enquanto as meninas não. Segundo Viana (2008) *apud* Souza e Altmann (1999), as meninas são muitas vezes consideradas fracas e sem habilidades para este esporte.

Na vida adulta, essas ideias permanecem, já que de acordo com diferentes discursos a mulher é colocada como sexo frágil e ao praticar o futebol coloca a sua feminilidade em risco, transformando seu corpo belo e sua delicadeza em músculos e agressividade se tornando uma mulher masculinizada. A seguir, um trecho que remete a este pensamento:

Não negamos à mulher os mesmos direitos concedidos ao homem, porém não compreendemos que a mulher interprete essa igualdade procurando imitá-lo física, moral e intelectualmente, testemunhando dessa maneira uma superioridade inexistente. Sim, porque só almejamos igualar o que nos supera. Quanto às qualidades morais que todos os esportes coletivos desenvolvem, achamos ser o futebol, pela sua natural violência, um exacerbador do espírito combativo e da agressividade, qualidades incompatíveis com o temperamento e o caráter feminino. Quanto ao desenvolvimento intelectual, facilmente concordaremos que o futebol não é dos mais eficientes. Portanto, não sendo aconselhado por motivos higiênicos, físicos ou morais, não será pelo seu reduzidíssimo valor intelectual que a mulher o vá praticar. Assim, pelas razões acima expedidas, que envolvem matéria de ordem técnica é nossa opinião ser o futebol, para a mulher, anti-higiênico e contrário à natural inclinação da alma feminina (Firmino; Ventura, 2013 *apud* Ballaryni, 1940).

Nesse discurso sobre a masculinização, outra questão é colocada em jogo, a sua sexualidade. Pois, se a mulher que joga futebol tiver uma aparência diferente do esperado como, por exemplo, o cabelo curto, esta já é considerada homossexual, sendo alvo de chacotas e apelidos como “mulher-macho” e “sapatão” (Trajano *et al.*, 2017). Dessa forma, a sociedade não enxerga que no futebol feminino o ponto a ser discutido não é a mulher provar que é heterossexual ou homossexual, mas sim ter o direito de realizar o esporte ou atividade que deseja.

De uma forma geral, no mundo do futebol, as mulheres em algum momento sofreram algum tipo de preconceito, seja como torcedora, jogadora, árbitra, técnica ou dirigente. No requisito torcedora, cada vez mais as mulheres vêm ocupando esse espaço e são aceitas como tal. No entanto, suas capacidades são questionadas no sentido da compreensão das regras, das técnicas, ou seja, do jogo em si. Nesse sentido, como forma de comprovar seus conhecimentos, as mulheres acabam passando por inúmeros questionamentos, que vão desde a história do clube até elementos e regras de jogo (Souza *et al.*, 2019). Ademais, outro fator que acabou dificultando a aceitação da mulher como torcedora foi a criação do conceito de musa do time, já que a imagem da figura feminina era passada como um símbolo sexual. Assim, mais uma vez, construindo a ideia de que a mulher não pode ocupar o espaço de torcedora.

No aspecto jogadora, depois de muitos empecilhos durante a história – por exemplo, o período de proibições –, o futebol de mulheres ainda acaba tendo dificuldades no seu desenvolvimento. E isso pode ser percebido na fase escolar, na qual Moura (2003) aponta que as meninas enfrentam dificuldades em praticar futebol nas aulas de Educação Física mesmo essa modalidade sendo apontada como uma manifestação corporal da nossa cultura. Essa situação acaba afetando diretamente as jogadoras que estão por vir. Assim, percebe-se que a ideia de que o futebol é somente para

os meninos ainda é forte, principalmente nesse ambiente que deveria ser de estímulo e quebra de barreiras.

No quesito de arbitragem, o Brasil foi pioneiro por meio de Asaléa Campos Michelli, que, em 1967, foi registrada como a primeira árbitra feminina do mundo. Outra mulher que merece destaque é Silvia Regina de Oliveira, que, no ano de 2003, foi a primeira árbitra a apitar um jogo da Série A do Campeonato Brasileiro, com outras duas assistentes, Aline Lambert e Ana Paula Oliveira. Stahlberg (2013) retrata que a arbitragem foi a área mais vitoriosa conquistada pelas mulheres dentro do futebol, ultrapassando até as profissionais dos outros países. No entanto, mesmo tendo grandes conquistas neste aspecto, as mulheres que ocupam essa função sofrem mais que os árbitros, já que a tolerância com erros é menor quando comparada aos homens.

Na função de técnica e dirigente, as mulheres ainda ocupam pouco espaço, os cargos são predominantemente masculinos. No entanto, no Brasil, houve importantes momentos que merecem destaque como no ano de 2000, no qual o time Andirá Esporte Clube do Acre foi o primeiro clube profissional brasileiro a ser liderado por uma mulher, Cláudia Malheiro, que repetiu esse fato em 2007, conquistando o inédito vice-campeonato estadual. Em relação a gestão de times, Patrícia Amorim foi a dirigente mais famosa, já que comandou o Flamengo durante o triênio 2010-2012. Mas, diante de conquistas tão importantes qual seria o real motivo para a ausência de mulheres nesses cargos? Segundo Rocha (2006), a falta de visibilidade e exclusão das mulheres em cargos de comando se dá por questões de gênero e não por falta de habilidade ou capacidade. Evidencia-se que em todas essas áreas a capacidade do público feminino é, o tempo todo, colocado a prova simplesmente por serem mulheres.

Além de todos esses tipos de preconceito, o futebol feminino também acabou sendo prejudicado por parte da mídia. Desde a sua popularização, a mulher foi colocada como objeto de consumo em fotos, reportagens e revistas que exibiam a figura feminina como um atrativo sexual para o público masculino. Nessas situações, as mulheres eram colocadas com roupas apertadas e curtas, com o intuito de mostrar o máximo possível o corpo, salientando que o papel da mulher no futebol é mais voltado para a exibição como objetos expostos em uma vitrine ou museu. Os meios de comunicação produziam matérias que davam mais importância para o padrão estético do que a técnica das mulheres. A ligação entre beleza e jogo aumentava os questionamentos sobre as reais capacidades das mulheres no esporte (Mourão; Morel, 2005). Mas, felizmente, esse cenário foi mais forte no início da propagação do futebol pelo país, recentemente a mídia afeta o futebol feminino por meio da falta de transmissão de jogos e matérias que exaltem a qualidade e a competência do público feminino na modalidade.

Por fim, o futebol feminino é acometido, também, pela desigualdade de gênero salarial, já que comparado ao futebol masculino os salários e os investimentos são visivelmente desiguais, o que acaba afetando diretamente o desenvolvimento da modalidade. De acordo com o jornal O Globo, Marta em 2021 ganhava o equivalente a 1% do salário que Neymar recebia no momento. Essa notícia acabou virando uma questão do ENEM, no qual sofreu críticas por parte do presidente do Brasil em exercício na época (O Globo, 2021). Portanto, mesmo diante de muitos avanços e conquistas durante a história, o preconceito com o futebol feminino é uma bagagem que acompanhou o seu desenvolvimento e infelizmente ainda é algo presente.

2.3 A visibilidade do futebol feminino na Educação Física Escolar

O âmbito escolar também acaba sendo palco de preconceito, já que nas aulas de Educação Física, muitas vezes, as meninas são excluídas de atividades ou esportes que são predominantemente praticados pelos meninos. Essa exclusão acontece pelos colegas da sala que trazem preconceitos do ambiente familiar e pelos professores que fazem divisão entre atividades para os meninos e para as meninas (Aguiar; Maldonado, 2021). Um dos motivos para isso pode estar relacionado à carência dessa temática na formação dos professores de Educação Física. Dessa forma,

[...] os programas de formação profissional devem estar atentos a estas problemáticas, incentivando e desenvolvendo, já na graduação, propostas de trabalho que envolvam a implementação e a discussão efetiva da coeducação. Deste modo os futuros professores passariam a conhecer as dificuldades e vantagens deste tipo de trabalho, podendo refletir e construir estratégias que efetivamente mostrem-se eficazes na sua prática (Júnior; Darido, 2002, p. 08).

Dentro do ambiente escolar, o futebol é voltado para os meninos, durante as aulas eles são encorajados a pegar a bola e chutar, e as meninas a ir jogar vôlei ou brincar com bambolês. Segundo Lopez e Alexandre (2019), os professores devem buscar formas para incluir todos em suas aulas, possibilitando a vivência de diferentes práticas e a compreensão de que meninos e meninas podem praticar o esporte que desejarem sem o perigo de serem julgados. Esse ponto é necessário principalmente pela questão de que a escola é um ambiente onde os alunos têm o primeiro contato com diferentes práticas corporais, ou seja, é o momento que eles têm a oportunidade de se conhecerem e, quem sabe, escolher futuramente uma área ou um esporte para praticar.

No caso do futebol, um maior incentivo aos meninos pode limitar a prática e o desejo das meninas em optar por uma carreira profissional. Diante disso, os professores de Educação Física devem buscar diferentes formas e recursos para discutir sobre a

igualdade de gênero, ou seja, trazer a temática do futebol feminino para dentro da sala de aula enfatizando o processo histórico, o preconceito e o desenvolvimento dessa modalidade no Brasil. Ao entrarem em contato com esses assuntos, os estudantes da Educação Básica debatem sobre discriminações, estereótipos e preconceitos contra o público feminino e também com as pessoas que possuem diferentes identidades de gênero, o que é fundamental para a mudança de mentalidades (Aguiar; Maldonado, 2021).

Os professores de Educação Física devem ter a consciência de que são importantes veículos de transformação social na vida dos alunos, na maioria das vezes são vistos como espelhos ou modelos a serem seguidos. Segundo Lopez e Alexandre (2019), a Educação Física acaba sendo um meio de reduzir as desigualdades de gênero, considerando que as aulas podem ser desenvolvidas de maneira mista, diminuindo o preconceito e as diferenças entre os alunos. Os educadores podem trabalhar diferentes experiências com ambos os sexos, mostrando e desafiando os educandos a vivenciar diferentes situações para que compreendem que tanto as meninas quanto os meninos podem praticar o esporte que desejarem. Dessa maneira, ao incluir todos na aula e transmitir a ideia de que não existe atividade somente para meninos ou meninas, os educadores podem estimular a formação de cidadãos críticos e reflexivos sobre as questões de gênero permitindo favorecer a igualdade, inclusão, união e o respeito às diferenças.

Portanto, o ensino do futebol no contexto escolar é de extrema importância, tanto para desmistificar a ideia de que é somente para os meninos quanto no desenvolvimento dos aspectos físicos, psicológicos e sociais. Os alunos, tanto as meninas quanto os meninos, devem ter dentro da escola oportunidade de vivenciarem as mais diversas experiências educacionais, sem sofrerem nenhum tipo de exclusão, preconceito ou discriminação.

3 Resultados e discussão

Diante da pesquisa de levantamento bibliográfico e da aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, foram evidenciados 7 artigos para análise, todos encontrados na base de dados do Google Acadêmico, visto que os demais registros achados no Lilacs e no Scielo foram excluídos pelos critérios estabelecidos pela aproximação da temática em estudo. Todos os artigos (n=7) foram publicados entre 2005 e 2022, sendo os estudos analisados de delineamento transversal (n=7; 100%) e com análises qualitativas (n=7; 100%). Nenhum estudo com análise quantitativo foi escolhido. Segue abaixo (quadro 1) os artigos selecionados para a pesquisa.

Quadro 1 – Análise dos artigos

Autor/Ano	Título	Objetivo	Resultados
Goellner (2005)	Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidade.	Evidenciar que há muito tempo as mulheres protagonizam histórias no futebol brasileiro ainda que tenham pouca visibilidade, seja na mídia, no cotidiano dos clubes e associações esportivas, na educação física escolar ou nas políticas públicas de lazer.	O artigo mostra que a relação mulher e futebol é vista durante as décadas como sinônimo de masculinização. Como se ao praticar este esporte a mulher perdesse sua feminilidade, já que o futebol é considerado violento e prejudicial a uma suposta natureza feminina, que deve ser preservada de acordo com a sociedade. Por isso, mesmo que alguns momentos as mulheres tenham saído das sombras a visibilidade ideal para o futebol feminino ainda está distante.
Teixeira e Caminha (2013)	Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática.	Identificar as condições de existência do preconceito de gênero no futebol feminino à luz da literatura científica e discutir os aspectos socioculturais que os fundamentam.	O presente artigo aponta que as diferentes situações de preconceito com o futebol feminino são recorrentes de questões históricas e culturais. Baseado na análise dos artigos os autores puderam identificar as formas de preconceito mais evidentes no contexto do futebol feminino como, por exemplo a erotização do corpo feminino. E os aspectos socioculturais que sustentam este preconceito como o mito do sexo frágil.
Lopez e Alexandre (2019)	O futebol feminino sob a perspectiva dos estudos de gênero: compreendendo as interfaces sociais.	Problematizar a respeito do futebol feminino em interface com as relações de gênero, no intento de estabelecer considerações sobre mulheres e o mundo futebolístico, desvelando as faces dos preconceitos pelas questões de gênero, da falta de incentivo, da visibilidade desigual da mídia e das diferenças salariais entre homens e mulheres que praticam o mesmo esporte.	O artigo apresenta as questões de preconceito com o futebol feminino que ainda ocorrem em pleno século XXI. Questões essas que vão desde sexualidade até desmotivação por parte das mulheres por se sentirem pressionadas. Ademais, neste estudo é destacado a importância da Educação Física para o futebol feminino, já que para muitos alunos é a forma de se obter o primeiro contato com os esportes, assim entra a figura do professor como uma ferramenta de transformação social.
Costa e Machado (2020)	Desvalorização do futebol feminino.	Mapear os artigos que tratam da modalidade, bem como discutir aspectos que ressaltam as características do futebol feminino quando comparado ao masculino.	Este estudo buscou enfatizar o preconceito com o futebol feminino, traçando uma linha desde a parte histórica, passando pela questão do investimento, enfatizando a desigualdade de gênero e o ambiente escolar, até como este esporte é tratado pela mídia. Dessa forma, os autores deixam claro que o preconceito com mulheres praticantes de futebol no Brasil é algo presente, que é evidenciado no ambiente familiar, escolar e durante a vida através da desigualdade de gênero. No entanto, com muita luta por parte das mulheres o futebol feminino vem adquirindo mudanças significativas, principalmente no universo da mídia.

Schimanski (2019)	Gênero, futebol e esportes: a sororidade como componente necessário para o empoderamento feminino.	Propor uma reflexão acerca da temática gênero e esportes evidenciando as dificuldades enfrentadas pelas mulheres no campo do esporte.	Este artigo buscou refletir sobre a relação entre gênero e esporte, enfatizando neste contexto o futebol feminino. A ideia da autora foi discutir sobre o preconceito e as desigualdades que as mulheres sofrem nessa área. Dessa forma, ela trouxe a sororidade como uma ferramenta de união, de igualdade e de quebra de barreiras, tanto na sociedade como um todo quanto no futebol feminino.
Souza et al. (2019)	Impedimento? Possibilidades de relação entre a mulher e o futebol.	Apresentar uma construção histórica acerca do futebol e da participação feminina no mesmo. E discutir os papéis e espaços das mulheres que torcem, jogam, arbitram, comandam e dirigem clubes de futebol.	Este artigo buscou discutir sobre a trajetória do futebol feminino, destacando e mostrando que a mulher e o futebol sempre tiveram ligação, seja por meio do ato de torcer, jogar, arbitrar, comandar e dirigir. No entanto, mesmo ocupando esses papéis as mulheres ainda acabam sendo desvalorizadas e subestimadas, assim não assumindo de forma real o seu lugar desejado no futebol.
Silva e Ribeiro (2022)	Futebol e futsal de mulheres: estigmas e avanços.	Verificar se ainda há relatos de preconceito com o futebol e futsal de mulheres e padrões determinados pela mídia, bem como avanços na divulgação do futebol e futsal de mulheres e identificar quais motivações a sociedade oferece para a prática dessas modalidades pelas mulheres.	Este estudo trouxe comprovações que o preconceito com o futebol/futsal feminino ainda está presente atualmente. Mesmo tendo evoluções nesta área como, por exemplo, no âmbito da mídia, o preconceito por meio de incentivos, oportunidades e motivações ainda é algo enraizado em nossa sociedade. E que acaba sendo manifestado principalmente dentro das escolas, um local onde apenas os meninos são encorajados a praticar o futebol/futsal. Dessa forma, os autores ressaltam a criação de políticas públicas como forma de desfazer o preconceito nessa área.

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Partindo da análise dos artigos (Quadro 1), é evidente que durante a história a mulher foi colocada como inferior, considerada como sexo frágil, sem lugar de fala, e para ser considerada ideal deveria seguir as doutrinas que a sociedade ditava. No entanto, as mulheres nunca ocuparam e se encaixaram nessa delimitação que tentaram colocá-las, lutaram pelos seus direitos e com o futebol não foi diferente, isto porque, mesmo enfrentando proibições e desigualdades estiveram presentes no mundo futebolístico. A partir disso, que se manifestou o preconceito com a prática do futebol feminino, já que, do ponto de vista machista, a relação mulher e futebol vai contra a natureza feminina, fazendo com que ela se torne masculinizada perdendo sua verdadeira essência.

No artigo de Goellner (2005), foram destacados os preconceitos sofridos pelas mulheres praticantes de futebol, são eles: a masculinização e a perda da feminilidade pelo fato de o futebol ser considerado violento e prejudicial a, suposta, natureza fe-

minina. Discursos que fazem apologia a beleza e erotização dos corpos das jogadoras também foram destacados neste estudo, ressaltando que esses aspectos são interessantes para atrair público e patrocínio para a modalidade. Ademais, outros tipos de preconceito foram evidenciados com relação a sexualidade e a mídia. O primeiro é colocado como um questionamento natural, já que a mulher ao criar algum vínculo com o futebol é considerada lésbica e o segundo é mais voltado para a falta de visibilidade nos meios de comunicação. Neste estudo é enfatizado que, ao longo dos anos, a ligação mulher e futebol é rodeada de discursos que procuram, o tempo todo, criar empecilhos para o desenvolvimento do futebol feminino. Dentro desse cenário, Aguiar *et al.* (2021), Ferreira *et al.* (2018) e Broch (2021) apontam recentemente que a confirmação dessa prática no Brasil ainda é rodeada de desigualdades de gênero.

Teixeira e Caminha (2013) indicaram as formas de preconceito mais evidentes no contexto do futebol feminino e são elas a falta de capacidade, a segregação, a restrição em determinadas práticas esportivas, preconceito de gênero no âmbito escolar, vigilância sobre a identidade de gênero, controle da aparência feminina, erotização do corpo feminino e o mito do sexo frágil. O intuito dessa pesquisa foi mostrar que de uma forma geral o preconceito com o futebol feminino é uma herança história e cultural, que baseia a relação mulher e futebol através da incompetência e fragilidade. Assim, neste caminho Souza e Ramalho (2021) *apud* Villanueva e Gallego (1994) apontam que é mais simples alterar leis do que tradições culturais, já que são mais relutantes a modificações.

No artigo de Lopez e Alexandre (2019) os autores destacaram os preconceitos de questões de gênero, objetificação sexual, perda da feminilidade, adoção de um corpo masculinizado, homofobia e desigualdade no ambiente escolar, sexualidade, a falta de visibilidade por parte da mídia, falta de incentivo e as diferenças salariais entre homens e mulheres. A finalidade deste estudo foi apontar os diferentes tipos de discriminação sofrida pelo público feminino que luta pela igualdade de gênero no futebol. Dessa maneira, Souza *et al.* (2019) destaca que desde criança a construção de discursos históricos e culturais reproduzem a ideia de que futebol é coisa de menino. Dificultando assim a inserção da prática feminina especificamente nesta modalidade.

Costa e Machado (2020) enfatizaram que por meio do percurso histórico do futebol feminino o preconceito com essa modalidade é decorrente principalmente pela desigualdade de gênero. Ademais, ocorre por meio da falta de incentivo e investimento no ambiente familiar e escolar, através da mídia e do salário. Dessa forma, observa-se que o preconceito é algo presente, sendo percebido nas diferentes esferas da vida social. Nessa situação, Daolio (2003) retrata que as heranças culturais construídas para homens e mulheres estão implantadas de forma tão resistente na sociedade, que in-

teresses de mudanças não seriam uma ferramenta suficiente de transformação social. Por outro lado, Schimanski (2019) enfatizou que os preconceitos mais sofridos pelas mulheres praticantes de futebol foram a masculinização, a erotização e a sexualização do corpo feminino pela mídia, a desigualdade de gênero, a preservação do corpo e do sistema reprodutor da mulher. Dessa forma, a autora apresenta como solução para essa desigualdade a sororidade, buscando assim por meio desta o empoderamento feminino. Afirmando esse contexto, Becker e Barbosa (2016, p. 246) mencionam que “[...] sororidade requer o reconhecimento pelas próprias mulheres das formas de opressão exercidas por elas sobre elas”.

Souza *et al.* (2019) evidenciaram que, no mundo do futebol, a mulher sofre preconceito de diferentes áreas, seja no ato de torcer, jogar, arbitrar, comandar e dirigir. Dessa forma, os preconceitos destacados dentro dessas esferas foram a falta de capacidade, falta de incentivo, de tolerância, de investimento, de incompetência, falta de espaço, erotização por parte da mídia e desigualdade de gênero salarial. Diante do estudo, observa-se que o público feminino de modo geral ocupa seu lugar no futebol, no entanto as suas capacidades ainda são questionadas e desvalorizadas. Nessa perspectiva, Costa (2016) destaca que, mesmo após a interdição, a ascensão do futebol feminino continua sendo um desafio. Os preconceitos enfrentados são decorrentes dos 30 anos de proibição, que desqualificaram e exaltaram a ideia de que mulher não combina com futebol.

Por fim, Silva e Ribeiro (2022) destacam que houve uma evolução no desenvolvimento do futebol feminino, no entanto isso não foi suficiente para impedir o preconceito por meio do machismo, da misoginia, da falta de incentivos, da invisibilidade, das oportunidades, e motivações. Ademais, com base na análise de estudos os autores destacaram que no âmbito da mídia houve um avanço significativo nas divulgações. No entanto, em contrapartida Neves (2019) enfatiza que a imprensa esportiva coloca a mulher em cargos secundários, seja no papel de torcedora, jogadora ou apresentadora de televisão. Dessa forma, pode-se constatar que o preconceito com essa modalidade ainda está presente, principalmente em relação à inserção a prática.

De forma geral, analisando todos esses artigos, o preconceito com o futebol feminino ocorre de diversas formas, em diferentes lugares e por meio de várias situações. É importante evidenciar que essa modalidade obteve grandes avanços e importantes conquistas, no entanto as meninas e as mulheres ainda sofrem diariamente com piadas, questionamentos e limitações na iniciação e participação no âmbito do futebol.

Conclusões

Verificou-se, com este trabalho, que o futebol feminino tem uma longa história, um trajeto carregado de proibições, limitações e principalmente preconceito com o público feminino. A mulher sofreu e ainda sofre diversos tipos de discriminação como torcedora, jogadora, árbitra, técnica e/ou dirigente. Os preconceitos vão desde a falta de incentivo, passando pela sexualidade e erotização do corpo até a falta de capacidade pelas quais são rotuladas pela sociedade.

A falta de investimento é outro ponto que deixa clara a diferença entre o futebol masculino e o feminino, que acaba afetando na estrutura física e técnica dos clubes. As restritas divulgações midiáticas também são uma importante ferramenta na desvalorização da mulher no futebol. No entanto, ao longo dos últimos anos, podemos perceber uma maior inserção do futebol feminino na mídia por meio das transmissões, jornais, propagandas e reportagens.

Dentro deste âmbito, a escola é importante ferramenta, para muitos alunos ela é o primeiro contato com o mundo dos esportes. No entanto, para as meninas esse ambiente pode ser um reforço de preconceitos quando professores priorizam o futebol apenas para os meninos, o que interfere no interesse pela prática e uma possível carreira profissional das meninas. O professor deve ser um agente de transformação social, ou seja, trazer para suas aulas a questão da igualdade de gênero mostrando que tanto os meninos quanto as meninas podem praticar aquilo que desejam.

Por meio dos estudos, ficou claro que independente da área que as mulheres ocupem no futebol o preconceito em todo o tempo esteve presente, questionando e desvalorizando as suas capacidades. O público feminino nessa modalidade enfrentou a falta de investimento, de espaço, de tolerância, a desigualdade de gênero e salarial, a invisibilidade e a erotização por parte da mídia. Ademais, as mulheres também tiveram a sexualidade, a feminilidade e a competência questionadas. Dessa forma, mesmo com muitos avanços, o preconceito com o futebol feminino ainda está muito presente nos dias atuais, algo que acaba enraizado no âmbito familiar e reforçado, muitas vezes, na escola com o apoio da sociedade.

Futuramente novos estudos podem abordar essa temática de forma mais profunda, procurando entender por meio de uma pesquisa de campo o preconceito com o futebol feminino desde o ambiente familiar, passando pelo âmbito da escola e na sociedade por meio de entrevistas em clubes de futebol, com mulheres e com a população em geral e específica, aquela que se sinta afetada de alguma forma ou que queira transformar essa realidade discriminatória. Dessa forma, contribuirá para um futuro no qual o futebol feminino tenha mais visibilidade e desenvolvimento sem nenhum tipo de limitação ou preconceito.

Referências

AGUIAR, D. S. N.; MALDONADO, D. T. Futebol feminino no Brasil: problematizando saberes de resistência nas aulas de educação física escolar. **Revista do Departamento de Educação Física**. Rio de Janeiro, v. 6, n. 3, p. 1-25, ago./dez. 2021.

ARAÚJO, Érica, A.; VENTURA, Mauro, S. **Misoginia no Futebol Feminino: Retratos Históricos no Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Intercom, 2021.

BECKER, M. R.; BARBOSA, C. M. Sororidade em Marcela Lagarde y de los Ríos e experiências de vida e formação em Marie-Christine Josso e algumas reflexões sobre o saber-fazer-pensar nas ciências humanas. **Revista de Estudos Feministas em Tecnologia e Religião**, v. 2, n. 2, p. 243-256, ago./dez. 2016.

BRITO, A. P. G.; OLIVEIRA, G. S.; SILVA, B. A. Importância da pesquisa bibliográfica no desenvolvimento de pesquisas qualitativas na área de educação. **Cadernos da Fucamp**, v. 20, n. 44, p. 1-15, 2021.

BONFIM, A. F. **Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941)**. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais) – Fundação Getúlio Vargas, Escola de Ciências Sociais, p. 213, Rio de Janeiro, 2019.

CARMONA, L.; POLL, G. **Almanaque do futebol**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.

COSTA, J. V. Z; MACHADO, T. S. **Desvalorização do futebol feminino**. [s.l.] 2020.

COSTA, Martina, G. B. Perspectivas para o futebol feminino: um estudo a partir do Pelotas/Phoenix. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol – versão eletrônica**. São Paulo, v. 8, n. 31, p. 379-386, jan./dez. 2016.

DAOLIO, J. A ordem e a (des)ordem na educação física brasileira. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 25, n. 1, p. 115-127, set. 2003.

DECRETO-LEI nº 3.199 de 14 de abril de 1941. **Planalto**, 1941. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del33199.htm. Acesso em: 19 dez. 2023.

FERREIRA, Mario Jordão Pessoa et al. Preconceito no futebol feminino no Brasil: uma revisão narrativa. *Revista Diálogos em Saúde*. v. 1, n. 2, p. 112-128, 2018. Disponível em: <https://periodicos.iesp.edu.br/index.php/dialogosemsaude/article/view/211/188>. Acesso em: 19 dez. 2023.

FIRMINO, Carolina, B.; VENTURA, Mauro, S. **Sou atleta, sou mulher: a representação da seleção brasileira de futebol feminino na cobertura dos Jogos Olímpicos em Londres (2012)**. São Paulo: Intercom, 2013.

GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.**, v.19, n.2, p. 143-51, abr./jun. 2005.

JÚNIOR, S. M. O; DARIDO, C. S. A prática do futebol feminino no Ensino Fundamental. **Revista Motriz**, v.8, n.1, p. 1-9, jan./abr. 2002.

LOPEZ, F. P; ALEXANDRE, B. P. **O futebol feminino sob a perspectiva dos estudos de gênero: compreendendo as interfaces sociais.** Jaciara: EDUVALE, 2019.

MENDES, K. M. A. **A influência dos fatores midiáticos no futebol feminino.** Trabalho de Conclusão de curso (Licenciatura em Educação Física) – Universidade Estadual Paulista (Unesp), Rio Claro, 2023.

MOURÃO, L.; MOREL, M. As narrativas sobre o futebol feminino: a diferença que faz uma medalha de prata. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 26, n. 2, p. 73-86, jan. 2005.

MOURA, E. J. L. **As relações entre lazer, futebol e gênero.** Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Faculdade de Educação Física, Campinas, SP, p. 135, 2003.

NEVES, T. Apresentadora, torcedora ou jogadora: Fernanda Gentil, Larissa Riquelme e Marta nas representações das mulheres pelo jornalismo esportivo. **Fulia/UFGM**, v. 4, n. 1, jan./abr. 2019.

RIBEIRO, F. Retorno zero. **Revista Placar**, p. 27, jun. 2007. Disponível em: https://issuu.com/placar/docs/placar_junho2007/17. Acesso em: 19 dez. 2023.

ROCHA, C. T. C. **Gênero em ação: Rompendo o teto de vidro?** (Novos Contextos da Tecnociência). Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, p. 244, 2006.

SILVA, G. H. A; RIBEIRO, V. B. Futebol e futsal de mulheres: estigmas e avanços. **Caderno De Educação Física E Esporte**, v. 20, e-28992, p. 1-7, jun. 2022.

SOUZA, Gustavo, L. P. ; RAMALHO, Carlos, S. S. **Futebol Feminino: espaço em construção.** Brasil, 2021.

SOUZA, L. M, *et al.* Impedimento? Possibilidades de relação entre a mulher e o futebol. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 25, n. 3, p. 282-293, mai. 2019.

SCHIMANSKI, E. Gênero, futebol e esportes: a sororidade como componente necessário para o empoderamento feminino. **UEPG Appl. Soc. Sci.**, Ponta Grossa, v. 27, p. 59-66, jan./abr. 2019.

STAHLBERG, L. T. **Mulheres em campo: novas reflexões acerca do feminino no futebol.** Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013.

TRAJANO, *et al.* Time amador juvenil de futsal feminino de Barra do Garças-MT: rompendo limitações na construção do gênero mulher. **Educ. Fís., Esporte e Saúde**, Campinas, v. 15, n.1, p. 65-91, jan./mar. 2017.

TEIXEIRA, F. L. S; CAMINHA, I. O. Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática. **Movimento**, v. 19, n. 01, p. 265-287, jan./mar. 2013.

VIANA, A. E. S.; Futebol: das questões de gênero à prática pedagógica. **Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP**. Campinas, v. 6, ed. especial, p. 640-648, jul. 2008.



O preço de estar na vitrine do futebol brasileiro: uma análise da Copinha sob a ótica do sacrifício

Laura Martins¹  

Universidade Federal de Pernambuco

Cristina Teixeira²  

Universidade Federal de Pernambuco

Resumo

A presente pesquisa propõe investigar os desafios enfrentados por quatro equipes participantes da Copa São Paulo de Futebol Júnior, decorrentes principalmente da falta de recursos para cobrir despesas básicas. Apoiados no conceito de pesquisa exploratória de Antônio Carlos Gil, buscamos questionar o preço de estar na vitrine do futebol brasileiro, considerando as particularidades financeiras, sociais e logísticas evidenciadas em matérias jornalísticas e em um vídeo publicado na plataforma YouTube. Os resultados das análises apontam para a fragilidade das condições de formação dos jogadores no Brasil por trás do reconhecimento de “país do futebol”.

Palavras-chave

Copa São Paulo de Futebol Júnior. Copinha. Categoria de base. Sacrifício.

1. Graduanda em jornalismo na Universidade Federal de Pernambuco.

2. Doutora em linguística pelo Unicamp e docente do Departamento de Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco.

**The price of being in the showcase of
Brazilian football: an analysis of Copinha
from the perspective of sacrifice**

Abstract: This research proposes to investigate the challenges faced by four teams participating in the Copa São Paulo de Futebol Júnior, resulting mainly from the lack of resources to cover basic expenses. Supported by Antônio Carlos Gil's concept of exploratory research, we seek to question the price of being in the showcase of Brazilian football, considering the financial, social and logistical particularities evidenced in journalistic articles and in a video published on the YouTube platform. The results of the analyzes point to the fragility of player training conditions in Brazil behind the recognition as a "country of football".

Keywords: Copa São Paulo de Futebol Júnior. Copinha. Base category. Sacrifice.

**El precio de estar en la vitrina del fútbol
brasileño: un análisis de Copinha desde la
perspectiva del sacrificio**

Resumen: Esta investigación se propone a investigar los desafíos que enfrentan cuatro equipos participantes de la Copa São Paulo de Futebol Júnior, derivados principalmente de la falta de recursos para cubrir gastos básicos. Apoyados en el concepto de investigación exploratoria de Antônio Carlos Gil, buscamos cuestionar el precio de estar en la vitrina del fútbol brasileño, considerando las particularidades financieras, sociales y logísticas evidenciadas en artículos periodísticos y en un video publicado en la plataforma YouTube. Los resultados de los análisis apuntan a la fragilidad de las condiciones de formación de los jugadores en Brasil detrás del reconocimiento como "país del fútbol".

Palabras clave: Copa São Paulo de Futebol Júnior. Copinha. Categoría base. Sacrificio.

Introdução

“Há alguns vilarejos e povoados no Brasil que não têm igreja, mas não existe nenhum sem campo de futebol”. Assim Galeano (2022, p. 135) definiu a relação do brasileiro com o principal esporte do país. De origem inglesa, o futebol se difundiu como ferramenta cultural e social ao redor do Brasil no século passado e alcança lugares inimagináveis, como descrito pelo escritor uruguaio, sobretudo em um país marcado por diversidades regionais e sociais. A difusão do futebol não se deteve somente ao fenômeno esportivo, mas também como um elenco de coesão social e cultural e, com isso, tornou-se um dos principais símbolos de ascensão (DaMatta *et al.*, 1982).

Por isso, esses mesmos locais citados por Eduardo Galeano são o berço para o sonho de muitas crianças que almejam a glória profissional e pessoal através do futebol. Para além do sucesso dentro de campo, DaMatta *et al.* (1982, p. 64) explicam que os jovens sonham com “tudo a que se tem direito, isto é, tornar-se um jogador da primeira divisão, num ‘clube grande’, ter salários elevados, fama e tudo que daí se deriva”. Isso graças à idealização de um sucesso esportivo amplamente difundido pela mídia, que não apenas motiva os jovens a buscarem carreiras no futebol, mas também perpetua a crença de que o esporte é uma via rápida para a mobilidade social, independentemente das adversidades enfrentadas.

É por isso que, frequentemente, os ídolos esportivos são transformados em heróis, conforme conceituado por Helal (2003, p. 19):

A explicação para este fato reside no aspecto agonístico, de luta, que permeia o universo do esporte. A competição é inerente ao próprio espetáculo. [...]. Esta característica do “ídolo-herói” acaba por transformar o universo do esporte em um terreno fértil para a produção de mitos e ritos relevantes para a comunidade.

Os jovens atletas muitas vezes se deparam com barreiras estruturais que desafiam o ideal de meritocracia presente nas narrativas esportivas. Diferente do idealizado, o caminho até o sucesso está longe de ser fácil e, naturalmente, pode não se concretizar. Antes mesmo da profissionalização, os atletas remam contra uma maré de dificuldades que colocam seus sonhos de infância à prova.

Assim como pontua Guimarães (2012, p. 89), a luta pela profissionalização é marcada por sacrifícios em todas as etapas, como treinamentos extenuantes, pressão por resultados e distância da comunidade de origem, e quando “elementos complexos são colocados sobre os ombros de garotos recém-saídos da infância” culmina em certa instabilidade e até em frustrações. Deste modo, o autor explica também os significados de fracasso, parte significativa na produção de jogadores de futebol. As histórias de fracasso, segundo o autor, servem “como uma forma de alertar os garotos das incongruências da vida dentro do futebol. Mas, também como forma de incentivo de que a oportunidade não deve ser abandonada no primeiro revés” (Guimarães, 2012, p. 91).

Nesse contexto, pela falta de conceituação acadêmica de sacrifício específica para a perspectiva do futebol, adotamos a definição através do viés da renúncia e da privação voluntária por motivos práticos³. Ao longo da pesquisa, a ideia de dar tudo de si pelo futebol será desenvolvida ao buscar compreender as diversas formas de compromissos e abdições que os jovens atletas enfrentam em sua trajetória em busca da profissionalização no esporte, como a dedicação intensa em detrimento de outros aspectos da vida pessoal e social.

É a partir desta visão que buscamos compreender os aspectos visualizados na Copa São Paulo de Futebol Júnior, ou somente Copinha, nosso objeto de estudo.

1 Copinha: um retrato histórico

Destinada à categoria sub-20, é um torneio nacional disputado em São Paulo ao longo do mês de janeiro quase que ininterruptamente desde 1969⁴. Inicialmente, foi uma ação da Secretaria de Bem-Estar Social e do Departamento Municipal de Esportes,

3. Disponível em: Sacrifício | Michaelis On-line. Acesso em: 16 set. 2024.

4. Em 1987, a competição, à época organizada pela prefeitura de São Paulo, não aconteceu por decisão do então prefeito Jânio Quadros. Já em 2021, a edição foi suspensa devido à pandemia de Covid-19.

da Prefeitura de São Paulo, em comemoração ao 415º aniversário da cidade, celebrado no dia 25 de janeiro. Naquele ano, quatro clubes paulistanos participaram da competição: Corinthians, Juventus, Nacional e Palmeiras. Só a partir de 1970 se permitiu a participação de clubes do estado de São Paulo e, no ano seguinte, para times de todo o país.

Em 1987, o então prefeito de São Paulo, Jânio Quadros, decidiu não dar continuidade ao torneio, e a competição não foi disputada naquela temporada. Por isso, em 1988⁵, a Copinha passou a ser organizada pela Federação Paulista de Futebol (FPF) e se popularizou nas duas décadas seguintes, com o objetivo de “incentivar o desenvolvimento e a formação de jovens atletas em âmbito nacional”⁶.

Ao longo de quase seis décadas, consolidou-se como o principal torneio de base do país e comumente recebe o reconhecimento de principal vitrine do futebol brasileiro ao revelar grandes nomes do cenário nacional, a exemplo de Neymar, Rogério Ceni, Cafu, Raí, Vinícius Júnior, entre outros.

Cabe pontuar que o período em que a competição é disputada também influencia no aspecto de audiência. Isso porque, nos primeiros dias de janeiro, as equipes profissionais do futebol brasileiro ainda não iniciaram a temporada. Portanto, a Copinha surge como uma alternativa para o público amante do futebol. Neste ano, quatro plataformas diferentes realizaram a cobertura dos jogos: o Futebol Paulista e Paulistão (canais no YouTube gerenciados pela FPF), a Cazé TV (canal de transmissão, também no YouTube, do streamer Casimiro Miguel) e o SporTV (emissora do Grupo Globo) realizaram a cobertura dos jogos. Nesta última plataforma citada, não existem dados abertos ao público sobre os quesitos de audiência, então, considerando apenas os três canais do YouTube listados, foram 200 transmissões com milhares de visualizações cada um⁷.

Nesse aspecto, associa-se também à ampla cobertura a imagem promovida pela mídia da principal competição do país como uma plataforma para revelar os futuros craques do futebol brasileiro. Na grande maioria das vezes, promovendo comparações com o sucesso de jogadores que brilharam em edições anteriores e alcançaram clubes de renome. É comum, pouco antes do início da competição, os portais esportivos publicarem matérias com nomes de possíveis apostas. Na edição de 2023, por exemplo, o GE publicou uma matéria⁸ com o título “Copinha 2023: saiba tudo sobre a maior com-

5. Disponível em: <https://futebolpaulista.com.br/Noticias/Detalhe.aspx?Noticia=341>. Acesso em: 14 ago. 2024.

6. Disponível em: https://futebolpaulista.com.br/Repositorio/Competicao/Regulamento/1268/1268_638406518913819199.pdf. Acesso em: 15 fev. 2024.

7. Playlists com as transmissões dos jogos disponíveis em: Jogos Completos | Copinha 2024 - YouTube. (Paulistão), Jogos Completos | Copinha Sicredi 2024 - YouTube (Futebol Paulista) e Jogos Completos | Copinha 2024 - YouTube (Cazé TV). Acesso em: 17 set. 2024.

8. Disponível em: Copinha 2023: saiba tudo sobre a maior competição de base do Brasil | copa sp de futebol júnior | ge. Acesso em: 17 set. 2024.

petição de base do Brasil” e, no subtítulo, introduz o termo *promessas* para se referir aos atletas que podem ser destaque da competição. É uma forma, também, de instigar o espectador à saga dos novos talentos em campo.

Em um cenário oposto à edição de estreia, são mais de uma centena de equipes participantes a cada edição da Copinha nos últimos anos. Os clubes se classificam através dos campeonatos estaduais sub-20, ao qual cada federação tem uma quantidade pré-estabelecida de vagas. No formato atual, todos os times são divididos em grupos na primeira fase.

Em 2024, recorte temporal adotado na pesquisa, foram 128 times de todos os estados do Brasil divididos em 32 grupos, sediados em cidades diferentes. Os quatro times da chave se enfrentam em turno único com os dois melhores classificados avançando à fase eliminatória⁹. Apesar da classificação sub-20, atletas nascidos entre 2003 e 2008 estavam aptos para atuar na competição nesta edição.

Dada a abrangência de participantes, o cenário visto a cada ano na Copa São Paulo de Futebol Júnior é de heterogeneidade, refletindo tanto as promessas quanto as frustrações inerentes ao esporte. Longe dos holofotes dos principais clubes do país, percebe-se como as equipes de menor porte partilham de dificuldades financeiras e de logística para garantir a presença no torneio, mesmo com o auxílio da FPF nas despesas de hospedagem e alimentação. Por isso, recorrem a medidas alternativas que culminam em exaustão física para os jovens jogadores que, apoiados na esperança de serem vistos e projetados como uma futura promessa do futebol, encaram situações discrepantes com o próprio objetivo da competição.

2 Metodologia

O presente estudo, portanto, tem como principal objetivo investigar os desafios enfrentados por equipes para participarem da Copa São Paulo de Futebol Júnior, bem como apresentar discussões acerca das condições do futebol de base no país. Portanto, a partir da percepção do fenômeno nos últimos meses de 2023, foi realizado, entre janeiro e fevereiro deste ano, um levantamento de matérias jornalísticas no principal portal esportivo do país, o GE, Globo Esporte, que pertence ao Grupo Globo. Assim, foram selecionadas aquelas que descrevem as medidas alternativas para levantar investimentos ou, ainda, durante o percurso. Sobre esses aspectos, destacaram-se as narrativas de três clubes – Carajás, do Pará; Cruzeiro, de Alagoas; e Picos, do Piauí; que foram assuntos em oito matérias. Detalhamos também o caso do Potyguar Seridoense, do Rio Grande

9. Disponível em: https://futebolpaulista.com.br/Repositorio/Competicao/Regulamento/1146/1146_638061115863920915.pdf. Acesso em: 15 fev. 2024.

do Norte, que não foi retratado na grande mídia, mas teve as dificuldades relatadas no vídeo no YouTube¹⁰ com o título “Acompanhei a viagem de três dias de ônibus de um time da Copinha”. Por meio da explanação dos quatro casos, buscamos questionar qual o preço de estar na vitrine do futebol brasileiro.

Antes, cabe pontuar que o torneio, apesar da relevância nacional, ainda carece de atenção acadêmica, aspecto que reflete nos obstáculos enfrentados na etapa de revisão bibliográfica para a produção do presente artigo. Os aspectos contraditórios e os desafios enfrentados pela formação de jovens atletas em competições de base, como a Copinha, permanecem subexplorados no que tange ao contexto acadêmico.

A escassez de pesquisas que abordam não somente a Copinha, mas também o contexto geral de futebol de base, pode ser atribuída à predominância de pesquisas sobre aspectos consolidados do futebol profissional. Este aspecto, aliás, influenciou na escolha pela metodologia exploratória de Gil (2008, p. 27) para “[...] proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato”, a fim de mapear e compreender as nuances da experiência dos atletas na Copinha, uma realidade ainda pouco discutida.

3 O preço de estar na vitrine do futebol brasileiro

Para o Carajás-PA e para o Cruzeiro-AL, os desafios foram, sobretudo, no transporte, uma vez que a entidade organizadora da competição não oferece suporte nessa questão. A delegação do time paraense enfrentou um percurso exaustivo de 2.100 km (dois mil e cem quilômetros) em 42 (quarenta e duas) horas dentro de um micro-ônibus com o ar-condicionado quebrado até a sede do Grupo 7 (sete), em Araraquara.

A equipe alagoana passou por uma situação semelhante ao percorrer mais de 2.700 km (dois mil e setecentos quilômetros) também num micro-ônibus. Viagem que, mesmo com a condição longe do ideal, só foi possível graças a uma rifa vendida a R\$ 0,10 (dez centavos) pelo clube com uma premiação de R\$ 10 mil (dez mil reais) para o vencedor. Na movimentação nas redes sociais, somente 13% das cotas foram vendidas até a eliminação, o valor arrecadado não foi suficiente para garantir o retorno. Na matéria de título “Cruzeiro-AL, que fez rifa para disputar a Copinha, recebe ajuda de adversário para voltar a Alagoas”, publicada pelo portal GE no dia 11 de janeiro, o diretor de marketing do clube, Alexsander Smith, garantiu que não recebeu auxílio da prefeitura ou do estado. Por isso, o Cruzeiro de Arapiraca dependeu da ajuda financeira¹¹ de um dos adversários do grupo, o Aster, e da prefeitura da cidade-sede, para retornar para Alagoas.

10. Disponível em: ACOMPANHEI A VIAGEM DE 3 DIAS DE ÔNIBUS DE UM TIME DA COPINHA!. Acesso em: 20 fev. 2024.

11. Disponível em: Cruzeiro-AL, que fez rifa para disputar a Copinha, recebe ajuda de adversário para voltar a Alagoas | copa SP de futebol júnior | ge. Acesso em: 17 set. 2024

O Picos-PI, por sua vez, também abriu uma rifa a partir da mobilização do lateral-esquerdo Renê, atualmente no Internacional, clube da Série A do Campeonato Brasileiro. Formado nas categorias de base do clube piauiense, o atleta doou ao clube camisas de ex-companheiros da equipe gaúcha e também do Flamengo. Com cada bilhete a R\$ 20 (vinte reais), o valor arrecadado financiou a viagem de avião até Ibrachina para a disputa do Grupo 5 (cinco).

Como já adiantado, há ainda casos de clubes que não chegam à grande mídia esportiva, como o Potyguar Seridoense. No levantamento dos principais portais, não encontramos vestígios dos desafios atravessados pela equipe na viagem de 63 (sessenta e três) horas do sertão do Rio Grande do Norte até Guarulhos para a primeira Copinha. Fato que destaca a lacuna entre a realidade vivida por esses clubes e a representação midiática predominante. Por isso, as dificuldades, como a falta de bolas para treinos breves e improvisados nas pausas da estrada, foram documentadas em um vídeo publicado no YouTube, no dia 9 de janeiro de 2024, com o título “Acompanhei a viagem de 3 dias de um time de Copinha”. No material, destaca-se para a discussão uma declaração do então presidente do clube, Suied Rusk, em conversa com os atletas.

A gente não mediu esforços para que fosse possível. Nós tivemos um trabalho que é social, achamos que ia ter mais apoio, mas o apoio foi muito pequeno. O esporte transforma vidas e nossa função aqui é essa: dar condições para ajudar não só vocês, como a família de vocês (Cartoloucos, 2024).

Em resumo, os materiais sobre a temática podem ser segmentados em dois aspectos. Primeiro, há aqueles que apenas discorrem sobre os meios alternativos utilizados pela equipe, como a matéria publicada pelo GE no dia 20 de dezembro de 2023 sobre o Cruzeiro-AL com o título “Clube de Alagoas pede ajuda para participar da Copa São Paulo e vende rifa a 10 centavos”; e também a matéria sobre o Picos-PI com o título “Picos realiza rifa para viabilizar viagem para a Copa São Paulo de futebol júnior 2024”¹², do dia 20 de novembro do mesmo ano. Do outro lado, estão materiais mais aprofundados, que buscam aprofundar os dilemas em torno das quatro equipes com questões como o desgaste físico e a influência disso durante a competição. Este segundo segmento é composto pela reportagem publicada no dia 7 de janeiro de 2024, que aborda a viagem de 42 horas do Carajás-PA; uma reportagem com um zagueiro também da equipe paraense, do dia 6 de janeiro¹³; e o vídeo sobre o Potyguar Seridoense. Reforça-se

12. Disponível em: Picos realiza rifa para viabilizar viagem para a Copa São Paulo de futebol júnior 2024. Acesso em: 17 set. 2024. | Disponível em: Rival do São Paulo viaja 42h de ônibus sem ar-condicionado para jogar Copinha: “Valeu a pena” | copa SP de futebol júnior | ge. Acesso em: 17 set. 2024.

13. Disponível em: Zidane da Copinha relembra zoação na escola: “Não vai dar cabeçada nos outros” | copa SP de futebol júnior | ge. Acesso em: 17 set. 2024.

também, com frequência, a definição da Copinha como o maior torneio de base do Brasil e também a chance de mudar de vida através do futebol. Com isso, fica evidente que o “preço” para participar da Copa São Paulo de Futebol Júnior não se resume a valores financeiros (reais), mas também envolve sacrifícios físicos, sociais e emocionais.

4 Estrutura e desigualdade nos clubes

Apresentadas as notícias, percebemos como a mobilização para arrecadar fundos e a busca por alternativas de financiamento refletem uma estratégia de sobrevivência comum entre clubes menores.

Além disso, reforçam um conjunto de dilemas estruturais que afetam o futebol de base no Brasil, ao qual abarcam também as desigualdades históricas na esfera do esporte. Desigualdades essas que, facilmente, ultrapassam o contexto da Copinha e englobam toda uma esfera mercantilizada de espetacularização na formação dos futebolistas, que envolve a seleção, as condições de treinamento e o desenvolvimento esportivo (Pinto; Drigo, 2021, p. 40).

[...] todo esse fascínio que o futebol promove é absorvido pelo mercado. O processo algeus apresentado é resultado de uma apropriação por parte do mercado que tornou espetáculos o que era apenas lazer. O mito da profissão milionária, a ideia da ascensão social facilitada, a procura de um ambiente de democracia racial tudo isso é uma construção do mercado do futebol (Guimarães, 2012, p. 101).

Nesse sentido, compreendemos que os jovens, sob a motivação de realizar o sonho profissional no futebol, se submetem a uma realidade dura, que vai de encontro ao ideal nos aspectos físicos e psicológicos para o desenvolvimento como atleta. O desempenho esportivo está diretamente associado aos aspectos de preparação física e mental e suporte técnico, conforme mencionado por Cavalcanti, Capraro e Cavichioli (2022, p. 8):

[...] embora o futebol de base seja baseado em duas perspectivas – a) preparar atletas para servir ao time principal e; b) agregar valor em futuras negociações – é necessário compreender o indivíduo a partir de sua fase de desenvolvimento, levando em consideração o seu bem-estar e preservando sua juventude.

No entanto, como certificam os mesmos autores (2022, p. 6), “nem todos os clubes têm condições de manter as suas atividades adequadamente, mas tentam como podem com vistas na realização de negócios nesse universo”. Concomitantemente, resulta em aspectos semelhantes aos vivenciados pelos quatro clubes e, também, conflitantes com as necessidades mínimas para a formação de um atleta de futebol de alto rendimento.

Desta forma, o que geralmente encontramos nos gramados do futebol brasileiro é o amadorismo; a falta de estrutura nos clubes prevalece e a maioria dos profissionais não é qualificada, contribuindo para uma influência externa dos veículos de comunicação de massa, os quais nem sempre veiculam ideologias compatíveis com o nível de necessidade dos esportes em evidência. (Guerra, Souza; 2008, p. 32).

À vista disso, é comum que os jovens, antes mesmo da profissionalização, encarem rotinas e vivências, por exemplo a alta concorrência no mercado, de um jogador profissional, sem considerar as implicações advindas para os atletas que nem sequer estão na vida adulta. Nesta edição da Copinha, por exemplo, meninos de 16 anos poderiam ser inscritos para a disputa. As experiências, assim como traz Damo (2007, p. 218), às quais são submetidos cobram uma maturidade de pessoa adulta.

Almeida (2021, p. 7) relembra que é nas categorias de base que os esportistas precisam associar a expectativa por um futuro brilhante através do futebol com uma série de desafios.

É também nesse momento (categorias de base) que, aliado às expectativas, surgem os empecilhos, como afastamento familiar, a evasão escolar, a falta de estrutura dos clubes, o estresse físico e psicológico precoces, a pressão (tanto familiar, quanto da instituição) por resultados, a cobrança interna cada vez maior pela obtenção do sucesso, dentre outros.

Como citado, a dificuldade em conciliar a rotina escolar com as atividades de um jogador em formação, dada a dedicação intensiva ao treinamento e às competições com demandas que exigem uma vida quase exclusiva ao esporte. Sales (2019) aponta que as competições de sede fixa, como a Copa São Paulo de Futebol Júnior, são as que causam um maior impacto em relação à perda de dias letivos.

O cenário se torna mais evidente quando contrastado com a realidade de um gigante nacional como o São Paulo, um dos adversários do Carajás-PA na Copinha neste ano. O clube paulista, que já revelou através da Copinha nomes notáveis como o meio-campista Kaká, o atacante Lucas Moura, o lateral-direito Cafu, o volante Casemiro e o goleiro Rogério Ceni ao longo da história, investiu mais de R\$ 128 milhões na categoria de base nos últimos cinco anos e, em 2023, foi considerada a melhor do país¹⁴. Embora números exatos sobre o investimento do Carajás-PA não estejam disponíveis, a disparidade no investimento e na infraestrutura entre clubes grandes e pequenos é uma realidade bem documentada no futebol brasileiro, que, nesse caso, pode ser percebida pela falta de recursos para custear o transporte até a Copinha.

14. Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/futebol/flamengo-e-o-time-que-mais-investe-nas-categorias-de-base-no-brasil-sao-paulo-se-destaca-nas-vendas>. Acesso em: 12 mar. 2024.

Sales (2019) explica o contraste entre os clubes mais ricos do país e times menores e/ou de estados mais periféricos do ponto de vista econômico e futebolístico: “Enquanto os maiores clubes possuem estruturas físicas sofisticadas, capazes de acomodar centenas de jovens em condições dignas, na outra ponta temos alimentação precária e ambientes muitas vezes insalubres e degradantes”.

[...] a falta de organização de alguns clubes implica em problemas que afetam diretamente a formação de jovens esportistas que devido a procura pela profissão são levados ao constante sacrifício, a superação da dor, a vida em método alojamentos e ao descaso com a escolarização em detrimento do esporte de alto rendimento (Cavalcanti, Capraro e Cavichioli; 2022, p. 7).

Esses fatores refletem lógica mercantilista na formação esportiva, na qual a busca por lucro muitas vezes se sobrepõe ao desenvolvimento humano dos jogadores. Em vez de um foco no crescimento integral dos jovens, que incluiria aspectos educacionais, emocionais e sociais, os clubes tendem a priorizar a formação acelerada de jogadores com o objetivo de garantir receitas rápidas e aumentar suas chances de lucrar com transferências futuras. Esse processo acaba por tornar os atletas somente como um ativo financeiro para os clubes.

Dentro desse contexto de diversas recompensas e regulações visando apenas a parte financeira e econômica dos clubes, podemos analisar que a função dos clubes de formar a parte “humana” dos jogadores acaba sendo deixada um pouco de lado e o foco se torna a mais rápida formação do jogador para que o dinheiro possa entrar nos cofres do clube (Almeida, 2021, p. 36).

Conforme enfatizado por Guimarães (2012, p. 102), a paixão pelo futebol é colocada em ênfase quando os futebolistas, na realidade, são envoltos por um processo que os molda em prol do espetáculo e, além de não os preparar para a realidade que ultrapassa o esporte, também os descarta quando não são mais úteis:

Motivados por esta ilusão dos sentidos, muitos candidatos chegam a abandonar seus estudos, deixar seus familiares e suas cidades, e tentam a sorte, acreditando que a realidade que se apresenta nos meios de comunicação é acessível a eles. Entretanto desistem do sonho, pois percebem, muitas vezes após vivenciar situações desumanas, uma realidade na qual não basta apenas o talento, e sim um conjunto de outros fatores que complementam as várias etapas desta busca (Guerra, Souza; 2008, p. 32).

Neste contexto, é relevante observar a perspectiva dos clubes, nos quais enxergam os atletas não apenas como futuros jogadores, mas também como oportunidades para a geração de recursos financeiros por meio de vendas futuras (Almeida, 2021).

Como uma tentativa de padronizar os critérios que devem ser atendidos para garantir a qualidade na formação de atletas, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) tem, desde 2012, o Certificado de Clube Formador (CCF), que pode se dizer é uma via de mão dupla para os clubes e a entidade. Dentro de certos critérios, o CCF dá a certificação de formador a determinado clube e, como “benefício”, o clube sai na frente na lista de preferência na assinatura do primeiro contrato profissional de jovens entre 14 e 16 anos que treinam na instituição (Sales, 2019).

Os requisitos para que o clube consiga a certificação como clube formador são dispostos em 5 artigos a serem observados para que a entidade de prática desportiva venha a ser reconhecida como formadora: 1. Apresentar a relação dos técnicos e preparadores físicos; 2. Comprovar participação em competições oficiais; 3. Apresentar programa de treinamento compatível com a faixa etária e atividades escolares detalhando os responsáveis pela elaboração; 4. Proporcionar assistência educacional; 5. Proporcionar assistência médica (Pinto; Drigo, 2021, p. 42).

Sales (2019) explica que a baixa adesão do CCF por parte dos clubes ainda é realidade. Na última lista divulgada pela CBF¹⁵, somente 54 dos 850 clubes profissionais do futebol brasileiro possuem o certificado.

Assim, como acrescentam Pinto e Digo (2021, p. 44), os fatores evidenciam a “fragilidade em relação aos direitos fundamentais das crianças e adolescentes inseridos em ambientes de formação de jogadores de futebol masculino no Brasil”.

[...] podemos notar que a “produção” do jogador nas categorias de base do clube faz parte da lógica e da cultura dos clubes para obtenção de uma notória fonte de renda, de forma que talvez não nos caiba criticar por completo o objetivo dos clubes em obter lucro com a possível venda futura do atleta, e sim, avaliar possíveis estratégias de melhor fiscalização com o intuito de garantir que as condições básicas e mínimas sejam fornecidas para que os menores pratiquem o esporte e mantenham seu foco e atenção que poderiam ser voltados a diferentes objetivos, direcionados para tal atividade sem prejuízo de que suas ambições profissionais e pessoais estejam abandonadas em um caminho sem volta (Almeida, 2021, p. 38).

Em contraposição à desigualdade, a chance de enfrentar um time grande no cenário do futebol brasileiro, como o São Paulo, naturalmente, aumenta a visibilidade midiática de um clube pequeno na Copinha, no qual pode influenciar significativamente a percepção pública e o valor de mercado.

15. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/registro-transferencia/certificado-de-clube-formador>. Acesso em: 17 abr. 2024.

Damo (2007, p. 170) e Pinto (2018, p. 24) explicam como o processo de massificação dos aparelhos televisivos e o posterior aumento das transmissões de eventos esportivos influenciaram no fenômeno espetacularização do futebol em paralelo à profissionalização no século passado.

Além disso, a cobertura da mídia também reflete um viés, conforme evidenciado pela forma como o Carajás é mencionado predominantemente como “rival do São Paulo” em notícias. A denominação é fruto de uma dinâmica midiática simplificar e categorizar clubes menores de certa maneira e, conseqüentemente, limitar o reconhecimento de suas realidades.

Dentro desse contexto, observamos como a oportunidade de jogar na Copa São Paulo de Futebol Júnior é a realização de um sonho para os atletas, de acordo com os materiais em estudo. Guimarães (2012, p. 82) pontua que as dificuldades são sustentadas pela crença de que “tudo é apenas um obstáculo a ser vencido e que no final tudo vai sair como o planejado”. Como é observado na declaração do meio-campista Valdívnia na reportagem publicada pelo GE no dia 7 de janeiro após a eliminação do Carajás na Copinha.¹⁶:

É bem difícil [sobre os fatores da viagem], mas a gente tem que passar por cima das dificuldades. A gente sabe que pra chegar no topo tem que ter sofrimento e sacrifício, passamos a virada de ano longe da família, mas tudo valeu a pena. A gente se emociona porque é um sonho jogar esse campeonato, todo sacrifício que fizemos também colocamos em campo, mas infelizmente não foi da vontade de Deus (Henrique, 2024a).

Companheiro de equipe, o zagueiro Zidanne, por outro lado, até reconheceu as desvantagens atravessadas, como o calor intenso no Pará e a falta de conforto, mas ainda assim enquadrrou os aspectos como “parte do futebol”:

A gente não imaginava que isso iria acontecer. Foi pior na região do Pará, que é uma parte mais quente. Conforme a gente foi descendo o Brasil ficou mais ameno, mas mesmo assim é uma experiência que você fica lá por muito tempo, tem a questão do calor, conforto e ia atrapalhando. Não tinha muito o que fazer e fomos (Henrique, 2024a).

Claro que não é a mesma coisa sair do Pará e ainda ter todos esses fatores contra para jogar dentro da casa deles [de Ferroviária e São Paulo, que têm mais torcedores e já conhecem o gramado] e a torcida ao lado. O futebol é isso, dentro de campo e a gente se prepara mentalmente, mas é uma desvantagem¹⁷ (Henrique, 2024b).

16. Disponível em: Rival do São Paulo viaja 42h de ônibus sem ar-condicionado para jogar Copinha: “Valeu a pena” | copa SP de futebol júnior | ge. Acesso em: 17 set. 2024.

17. Disponível em: Zidanne da Copinha relembra zoação na escola: “Não vai dar cabeçada nos outros” | copa SP de futebol júnior | ge. Acesso em: 17 set. 2024.

Percebe-se, nos discursos de Valdívia e Zidane, como o tom de resignação aparece como uma tentativa involuntária de relativizar as dificuldades – aspecto, diga-se, comum no ambiente futebolístico. Aliás, quantas vezes jogadores de sucesso foram personagens de reportagens para revisitar o passado que se contrapõe ao sucesso alcançado pelo esporte? Damo (2007, p. 189) enfatiza que o futebol acontece dentro de lógicas sociais que norteiam a prática e:

[...] capa, dota, potencializa um sujeito, mas cria uma relação de dependência que beira a subserviência. A imagem que se tem dos futebolistas é atravessada pelo recorte midiático e, nos últimos anos, pela publicidade. Isso corresponde à trajetória e ao estilo de vida de algumas vedetes, mas não reflete a pluralidade das carreiras, nem mesmo indica como sucedem a maioria delas.

Por isso, Damo (2007, p. 170) complementa que não cabe vitimizar, tampouco culpabilizar os atletas pela realidade, já que “eles são parte do processo (de formação e produção de futebolistas) e se movimentam de acordo com as estratégias que estão ao alcance”. As experiências relatadas pela dupla de jogadores e vividas por tantos outros refletem a resiliência necessária para lidar com as dificuldades e as expectativas associadas à competição, nas quais revelam o preço emocional e físico do sonho esportivo. Pelo que defende o autor, os dilemas estruturais encontrados revelam não apenas a luta individual dos atletas, mas também a fragilidade das instituições que sustentam o futebol de base no Brasil.

Assim, Helal (2003, p. 23), no estudo sobre a construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro, defende que os atletas, na posição de heróis, têm que preencher requisitos, “tais como ‘perseverança, determinação, luta, honestidade, altruísmo para se firmar no posto’”. Os discursos midiáticos reforçam a ideia de que o sucesso no futebol está ao alcance de todos que perseveram, mas na realidade, são poucos os que alcançam tal êxito. Assim, essas respectivas trajetórias alimentam o sonho de jovens que tentam a vida no esporte e acreditam que um dia poderão partilhar do mesmo percurso.

A história de vida de muitos jogadores profissionais bem sucedidos, difundida amplamente pelos meios de comunicação de massa, dá credibilidade ao sonho, na medida em que muitos deles originam-se das classes trabalhadoras urbanas (DaMatta *et al.*, 1962, p. 64).

A Copinha oferece visibilidade e a chance de se destacar em nível nacional, mas o sucesso na competição nem sempre seja garantia de uma carreira promissora no esporte, como já é de conhecimento os inúmeros exemplos de jogadores que não prosperaram no futebol após a disputa¹⁸. Nas últimas 10 edições, por exemplo, destaques

18. Disponível em: Adryan, Lulinha, Sérgio Mota... relembre destaques da Copinha que não vingaram | copa sp de futebol júnior | ge. Acesso em: 26 mar. 2024.

como Gabriel Jesus, do Palmeiras em 2015, e Antony, no São Paulo em 2019, alcançaram a principal liga do mundo – Premier League, da Inglaterra –, enquanto a maioria é formada por atletas de clubes de baixa expressão mundial. Há ainda o caso do meia Lucas Otávio, principal jogador na edição de 2014 pelo Santos, que se aposentou dos gramados precocemente, aos 26 anos, após ter uma carreira em equipes que podem ser consideradas da terceira prateleira do futebol brasileiro.

Entretanto, a realidade é ainda mais dramática ao enquadrar os quase 2000 atletas que competem em uma edição na Copinha. De acordo com dados da Folha de São Paulo¹⁹, dos 1925 atletas que disputaram a edição de 2010, 78% estão longe de ser uma estrela do esporte, dentre os quais 37% sequer atuou profissionalmente e os outros 41% tentam sobreviver do esporte, mas têm valor de mercado abaixo da Série D, a última divisão do Campeonato Brasileiro, no qual a marca é a “sazonalidade, baixos salários e falta de pagamento” (Sales, 2019). De acordo com Almeida (2021, p. 7), o fenômeno é causado, sobretudo, porque o “grande número de crianças que tentam a profissão no Brasil somado ao número desigual de oportunidades acarreta na alta competitividade e alta seletividade para esses jovens”.

Especialmente para a transição entre as categorias de base e o profissional – fase em que os atletas que disputam a Copinha estão inseridos –, Cavalcanti, Capraro e Cavichioli (2022, p. 14) afirmam que o controle das variáveis, como os fatores emocionais, é determinante. Assim, os autores complementam que o cenário competitivo explicitado culmina na seleção daqueles que conseguem equilibrar o desenvolvimento físico, técnico, tático e emocional, e, por isso, cobram aos atletas um processo de amadurecimento precoce.

Considerações finais

Bourdieu (1983), no texto “Como é possível ser esportivo?”, avalia que o que está em jogo no esporte moderno é a energia, a coragem e a vontade. Por outro lado, pontua a desigualdade entre as preocupações das diferentes classes sociais com os lucros que certos esportes proporcionam, no qual a luta é entre o amadorismo e a profissionalização. Assim, afirma que, ao responder a uma lógica social e política, o esporte representa “uma das únicas vias de ascensão social para crianças das classes dominadas”.

Para o contexto brasileiro, Damo (2007, p. 219) vai além ao destacar os mecanismos que estão em jogo na narrativa de jovens atletas que buscam uma carreira no futebol e que foram apresentados ao longo da pesquisa.

19. Disponível em: 78% dos jovens da Copinha deixam esporte ou têm valor de mercado abaixo da Série D. Acesso em: 07 mar. 2024.

Estado, multinacional esportiva, clubes de futebol, meninos, pedagogos, sonhos, desejos de redenção social e econômica, clubismo, cultura popular, agenciadores, mercado de profissão e de profissionais, são alguns dos dispositivos heteróclitos que se encaixam de maneira tal que o Brasil seja internacionalmente reconhecido como um celeiro de craques, abastecendo o mercado voltado à produção de bens simbólicos de vários países do mundo e, particularmente, da Europa ocidental (Damo, 2007, p. 219).

No âmbito futebolístico, conforme apresentamos sobre a análise da Copa São Paulo de Futebol Júnior, os jovens têm seus sonhos colocados à prova diariamente ao lutar contra condições adversas para o desenvolvimento do dom. Por isso, através da Copinha e dos métodos utilizados pelas equipes para participar da competição, revela-se a fragilidade nas configurações na fase que antecede a profissionalização por trás do reconhecimento como país do futebol e revelador de estrelas, dadas as dificuldades enfrentadas por jovens sonhadores. Essa consideração passa, sobretudo, por uma estrutura que preza pela espetacularização do talento e conta com inúmeros atores sociais, como os listados acima por Damo (2007) e endossados por Pinto (2018, p. 12).

O universo das categorias de base do futebol masculino do Brasil, no qual jovens jogadores iniciam sua caminhada no esporte de rendimento, ou o esporte espetáculo, “da mídia”, é um espaço de “sonhos improváveis”. Casos de sacrifício pessoal e familiar relatados pela imprensa dão uma ideia do que uma chance de brilhar nos grandes clubes do Brasil e do exterior significa para aqueles que buscam esse sonho.

É a partir disso que a experiência da Copa São Paulo de Futebol Júnior ilustra uma faceta do futebol brasileiro, marcada por desigualdades e desafios persistentes, frequentemente ocultada pelos holofotes da mídia e abordada de forma esporádica.

O contraste existente nesse círculo é grande: se por um lado atletas de grande referência nacional e internacional levam vidas milionárias e cheias de requintes, a grande maioria não alcança de fato o seu objetivo e vive uma realidade muito discrepante. Muito disso talvez, por falta de conscientização dos familiares, que geralmente possuem uma ideologia permissiva, do próprio Governo e da Sociedade Civil em si, bem como, por diversas omissões por parte das leis que deveriam proteger (Almeida, 2021, p. 8).

Cabe ressaltar que, apesar de a presente pesquisa se deter apenas às narrativas de quatro clubes desta edição e estes apareçam como uma parcela de menos de 10% dos clubes participantes nesta edição, diferentes equipes partilham de realidades semelhan-

tes todos os anos, a exemplo do Fluminense do Piauí por duas temporadas consecutivas²⁰²¹, e do CSP²², da Paraíba, na penúltima edição.

Outra observação entre os casos é que as dificuldades são divididas predominantemente por clubes menores das regiões menos favorecidas no cenário do esporte: norte e nordeste. Na lista dos times analisados que compõem o *corpus* do trabalho estão presentes um nortista e três nordestinos. Análises futuras, por exemplo, poderiam explorar as implicações das desigualdades regionais e econômicas na formação dos jovens atletas e, no contexto da Copa São Paulo de Futebol Júnior, mapear os desempenhos de cada equipe que sofreu com essas dificuldades.

Numa breve análise, além de serem os mais impactados pela distância, são clubes que também sofrem com eliminações precoces. Em busca de reconhecimento e estrelato, jovens entre 16 e 21 anos depositam todos os seus esforços para jogar numa competição que nem mesmo oferece premiação financeira ao vencedor, mas que, devido à cobertura midiática, torna-se um atrativo aos jovens espalhados pelo Brasil. No entanto, ainda que houvesse um retorno, os clubes em questão não seriam os favoritos ao triunfo final. Isso porque todas as equipes analisadas na pesquisa, por exemplo, se despediram da Copinha ainda na primeira fase após somente três jogos, enquanto os grandes clubes do eixo sul e do sudeste se alternam entre os campeões a cada ano. Tanto Carajás-PA, quanto Cruzeiro-AL, Picos-PI e Potyguar Seridoense nem sequer chegaram a conquistar pontos em seus respectivos grupos e terminaram a campanha com saldos de gols negativos. O conjunto desses fatos nos faz rememorar a pergunta que dá origem e nome à pesquisa: qual o preço de estar na vitrine do futebol brasileiro?

Através da análise, percebemos uma combinação de sacrifícios pessoais, familiares e estruturais que os jovens jogadores de clubes menores enfrentam, como a falta de recursos financeiros, as dificuldades logísticas, as eliminações precoces e a ausência de oportunidades reais de ascensão, mesmo em um torneio de alta visibilidade como a Copa São Paulo de Futebol Júnior.

Como conceituado por Gil (2003), a pesquisa de viés exploratório dá suporte para estudos posteriores, o que buscamos executar no presente artigo. Assim, apresentamos como possibilidade de análises com uma abrangência maior de objetos, bem como com intersecções de idade, raça e classe dos atletas que passam por esses sacrifi-

20. Disponível em: De ônibus, Fluminense-PI inicia viagem de 2,5 mil quilômetros para jogar a Copa São Paulo de Futebol Júnior. Acesso em: 14 ago. 2024.

21. Disponível em: Copinha 2023: Fluminense-PI deve repetir logística de viagem deste ano. Acesso em: 14 ago. 2024.

22. Disponível em: CSP embarca para a disputa da Copinha em São Paulo e passará réveillon dentro de ônibus. Acesso em: 14 ago. 2024.

cios na Copinha, tendo como uma possível base de dados os documentos das partidas divulgados pela FPF e o Sistema de Informativo Diário da CBF, método utilizado pela Folha de São Paulo na reportagem já mencionada ao longo do texto.

Referências

BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? *In*: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

CARTOLOUCOS. Acompanhei a viagem de 3 dias de ônibus de um time da Copinha. **YouTube**, 9 jan 2024. 23min24s. Disponível em: acompanhei a viagem de 3 dias de ônibus de um time da copinha!. Acesso em: 17 set. 2024.

CAVALCANTI, Everton. de Albuquerque; CAPRARO, André Mendes; CAVICHIOLLI, Fernando Renato. “Quero ser jogador de futebol”. Memórias sobre a formação nas categorias de base. **Esporte e Sociedade**, Niterói, n. 36, p. 1-21, 2022.

DAMATTA, Roberto. Universo do Futebol: **Esporte e Sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DAMO, Arlei Sander. Do dom à profissão: **uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França**. 2005. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: LP&M, 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: ED Atlas, 2008.

GUERRA, Rafael; SOUZA, M. J. Fatores que influenciam a não formação de jovens talentos no futebol. **Revista Brasileira de Futebol**, p. 30-37, 2008.

GUIMARÃES, Arthur Silveira. Além das quatro linhas: **estudo sobre a trajetória profissional de jovens atletas do futebol**. 2012.

HELAL, Ronaldo. A construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro. **Alceu**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 19-36, 2003.

HENRIQUE, Geovanni. Rival do São Paulo viaja 42h de ônibus sem ar-condicionado para jogar Copinha: “Valeu a pena”. **GE**, Araraquara, 7 jan. 2024. Disponível em: Rival do São Paulo viaja 42h de ônibus sem ar-condicionado para jogar Copinha: “Valeu a pena” | copa SP de futebol júnior | ge. Acesso em: 17 set. 2024.

HENRIQUE, Geovanni. Zidanne da Copinha relembra zoação na escola: “Não vai dar cabeçada nos outros”. **GE**, Araraquara, 6 jan. 2024. Disponível em: Zidanne da Copinha relembra zoação na escola: “Não vai dar cabeçada nos outros” | copa SP de futebol júnior | ge. Acesso em: 17 set. 2024.

PINTO, Arthur Sales; DRIGO, Alexandre Janotta. ECA, certificado de clube formador e treinadores do futebol masculino de base no Brasil – conflitos éticos. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 35, p. 39-46, 2021.

PINTO, Arthur Sales. Joia ou gente? **Opinião de treinadores brasileiros sobre jogadores de futebol da categoria masculino sub-15**. 2018. 109 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2018.

SALES, Arthur. **Relatório: educação e categorias de base**. 2019. Disponível em: <https://universidadedofutebol.com.br/2019/08/01/relatorio-educacao-e-as-categorias-de-base>. Acesso em: 20 fev. 2024.



Futebol como questão social: etnografia junto a coletivos LGBTQIA+ durante a pandemia

Wagner Xavier Camargo¹  

Universidade Federal de São Carlos

Resumo

Uma etnografia com coletivos de pessoas LGBTQIA+ que praticavam futebol *society* se converteu em uma 'etnografia digital' a partir da declaração da OMS sobre a pandemia do coronavírus, no início de 2020. A pesquisa antropológica então em curso, que ocorria em competições esportivas *in loco* desde 2017 acabou se tornando uma peregrinação pelo meio digital, que acompanhava perfis individuais e de clubes esportivos no intuito de entender como tais agentes lidavam com o futebol em tempos pandêmicos. A proposta deste texto é compreender os lugares possíveis de produção e aparecimento destes futebóis (as redes sociais), no período de quase dois anos, e discutir como se redimensionaram nestes 'não-lugares'. Além disso, este texto dialoga criticamente com a ideia de 'futebol como questão social', inaugurada no contexto brasileiro neste período pandêmico por eles como algo novidadeiro e inédito.

Palavras-chave

Futebóis. Coletivos LGBTQIA+. Pandemia. Etnografia. Antropologia.

1. Cientista social que pesquisa expressões dissidentes de gênero/sexualidade nas práticas esportivas de pessoas LGBTQIA+ e com deficiência. Tem Doutorado em Antropologia Social (UFSCar-2024) e em Estudos de Gênero (UFSC-2012). Atualmente é pesquisador colaborador do Centro de Educação e Ciências Humanas (CECH), da UFSCar.

Football as a social issue: ethnography with LGBTQIA+ groups during the pandemic

Abstract: An ethnography with LGBTQIA+ collectives who played five-a-side football was transformed into a ‘digital ethnography’ following the WHO’s declaration of the coronavirus pandemic in early 2020. The ongoing anthropological research, which had been taking place at in-person sports competitions since 2017, became a journey through the digital realm, following individual profiles and sports club accounts in an effort to understand how these agents dealt with football during pandemic times. The aim of this text is to understand the possible spaces of production and emergence of these ‘futebóis’ (in the social networks) over a period of almost two years and to discuss how they were reshaped in these ‘non-places’. Additionally, this text critically engages with the idea of ‘football as a social issue’, introduced in the Brazilian context during this pandemic period by them as something novel and unprecedented.

Keywords: Futebóis. LGBTQI+ people. Pandemic. Ethnography. Anthropology.

Fútbol como cuestión social: etnografía con colectivos LGBTQIA+ durante la pandemia

Resumen: Una etnografía con colectivos de personas LGBTQIA+ que practicaban fútbol 5 se convirtió en una ‘etnografía digital’ a partir de la declaración de la OMS sobre la pandemia del coronavirus, a principios de 2020. La investigación antropológica en curso, que se llevaba a cabo en competiciones deportivas in situ desde 2017, terminó convirtiéndose en una peregrinación por el medio digital, siguiendo perfiles individuales y de clubes deportivos con el fin de entender cómo estos agentes lidiaban con el fútbol en tiempos de pandemia. La propuesta de este texto es comprender los posibles espacios de producción y aparición de estos ‘futebóis’ (las redes sociales) durante un período de casi dos años, y discutir cómo se redimensionaron en estos ‘no lugares’. Además, este texto dialoga críticamente con la idea de ‘fútbol como cuestión social’, inaugurada en el contexto brasileño durante este período pandémico por ellos como algo novedoso e inédito.

Palabras clave: Futboles. Colectivos LGBTQIA+. Pandemia. Etnografía. Antropología.

Introdução

“LIII

A grande praga da cidade marítima,
não cessará até que a morte seja vingada.
Do sangue justo, tomado por maldição sem crime.
Da grande dama, nem ocultada, nem ultrajada.”

Nostradamus (2020, p. 40, tradução livre)²

Minha virada de ano entre 2019 e 2020 foi marcada por encontros entre amigos e confraternizações, com amigos e familiares. Na celebração de Réveillon, na casa de uma prima astróloga, conheci uma de suas amigas esotéricas, que dizia ter o dom da previsão do futuro. A cada gole de bebida e afirmação proferida, ríamos muitos minutos. Das muitas coisas premonitórias, fantasiosas ou irrealis que me lembro de ter

2. No original: “La gran peste de ciudad marítima/ No cesará hasta que a muerte sea vengada / Del justo sangre tomada por maldita sin crimen / De la gran dama por ocultación ni ultrajada”.

ouvido naquela noite de 31 de dezembro, esta profecia de Nostradamus sobre “a grande praga” estava entre elas.

Como antropólogo e estudioso da ciência que produzo, estou sempre aberto a explicações mágicas e sobrenaturais sobre o mundo e os seres humanos (Laburthe-Tolra; Warnier, 1997). Em outras palavras, gosto de ouvir versões não científicas de pessoas comuns, que em situação de pesquisa são consideradas “informantes” (antigamente “nativos”) por antropólogos/as. Mesmo ali, naquele momento íntimo entre amigos e família, dava vazão à autoilusão de que capturaria a visão autêntica daquele grupo sobre as premonições – uma presunção minha, pois como observa Vagner Silva (2000), tudo não passa de elaborações prévias, dado que temos pessoas que se observam e interpretam umas às outras, não havendo veredictos terminais além do que é jogado ao léu no fluxo dos diálogos interculturais.

No tocante às previsões de Nostradamus, eu já tinha ouvido falar que elas eram tão genéricas quanto inacreditáveis, ao ponto de que poderiam ser aplicadas a vários eventos e situações históricas, não necessariamente de uma ou outra época datada. Para mim, àquilo fazia parte da prerrogativa de ouvir outras pessoas e identificar outros (e possíveis) novos modos de explicar o mundo, a vida. Entretanto, acreditar que Nostradamus poderia prever lá por volta de 1550 um evento com exatidão em 2020 talvez fosse um absurdo ultrajante.

O fato é que em janeiro e fevereiro de 2020 proliferaram notícias sobre a “doença de Wuhan” (Agamben *et al.*, 2020), na China, um problema social (e de saúde) que não se resolvia em terras asiáticas e começava a assustar órgãos de controle epidemiológico no Ocidente. Mas como nos ensinou Edward Said (2007), a ideia de um Oriente exótico, atrasado e perigoso sempre pairou no imaginário ocidental, ao longo dos séculos, de modo a justificar formas de poder e dominação sobre sociedades orientais. Isto serviu para justificar o colonialismo e o imperialismo, permitindo ao Ocidente exercer controle político, econômico e cultural do chamado Oriente. Parecia, então, que a pandemia que se avizinhava não seria algo diferente.

De minha parte, desenvolvia uma pesquisa etnográfica em campeonatos futebolísticos sobre o que se considerava o “futebol gay” à época (Camargo, 2021).³ Esta pesquisa se desenrolava em eventos da *Champions LiGay*, uma *brand* criada pela LIGAY Nacional de Futebol, que promovia um circuito de competições esportivas baseadas no futebol *society* (ou futebol sete) praticado por homens autodeclarados *homo* e *bissexuais*.

3. Importante mencionar que Vanrochris Vieira (2023) defende que ao final de 2019 já se tinha um entendimento de que o futebol praticado por tais grupos era considerado “LGBT” e não mais “gay”. Contudo, sempre desconfiei que os termos não eram assim tão estanques e em recente pesquisa constatei que nunca houve um entendimento homogêneo sobre àquele futebol e nem o “futebol gay” tinha desaparecido (Camargo, 2024).

Ao ouvir a declaração da Organização Mundial de Saúde (OMS) que vivíamos uma pandemia no fatídico 11 de março daquele ano, lembrei-me das palavras hilárias da “mística do Réveillon”. E elas, então, não me pareceram tão engraçadas como no fim de ano:

Boa tarde! Nas últimas duas semanas, o número de casos de COVID-19 fora da China aumentou 13 vezes, e o número de países afetados triplicou. Atualmente, existem mais de 118.000 casos em 114 países, e 4.291 pessoas perderam suas vidas. Milhares estão lutando pela vida em hospitais. Nos próximos dias e semanas, esperamos ver o número de casos, mortes e países afetados aumentar ainda mais. (...) Portanto, fizemos a avaliação de que o COVID-19 pode ser caracterizado como uma Pandemia. (...) Deixe-me resumir em quatro áreas-chave [a gravidade disso]: primeiro, preparar e estar pronto. Segundo, detectar, proteger e tratar. Terceiro, reduzir a transmissão. Quarto, inovar e aprender. (...) Obrigado!⁴

Àquele 11 de março de 2020 era uma quinta-feira como outra qualquer. O anúncio da OMS foi velozmente distribuído por governos, cadeias de televisão, canais de notícias na internet e mesmo ratificado por outras entidades de extensão planetária, como a Organização das Nações Unidas (ONU). A pandemia do coronavírus afetará, indelevelmente, a vida de todas as pessoas em todo o mundo. Eu ainda lidava com as últimas informações do campo etnográfico da 5ª. *Champions LiGay*, do fim de 2019, quando essa situação se instaurou. De uma hora para outra, o mundo ficou em suspensão e o futebol e as práticas esportivas, vilões de uma possível transmissão do vírus, foram paralisados – não sem protestos, obviamente.

Com o distanciamento social imposto como medida pelos governos e situações de *lockdown* (fechamento total ou parcial de locais comerciais, administrativos e outros), minha pesquisa de campo começou a migrar para as plataformas digitais, como as redes sociais Facebook e Instagram, e aplicativo de troca de mensagens (Whatsapp) – nesse último principalmente com quem eu já tinha contato. Com a suspensão das atividades comuns de treinos e eventos esportivo-competitivos, eu ficava observando como as pessoas e os clubes de futebol lidariam com isso.

4. No original: “Good afternoon! In the past two weeks, the number of cases of COVID-19 outside China has increased 13-fold, and the number of affected countries has tripled. There are now more than 118,000 cases in 114 countries, and 4,291 people have lost their lives. Thousands more are fighting for their lives in hospitals. In the days and weeks ahead, we expect to see the number of cases, the number of deaths, and the number of affected countries climb even higher. (...) We have therefore made the assessment that COVID-19 can be characterized as a pandemic. (...) Let me summarize it in four key areas. First, prepare and be ready. Second, detect, protect and treat. Third, reduce transmission. Fourth, innovate and learn. (...) Thank You!” Trecho recortado do discurso original de Tedros Adhanon Ghebreyesus, chefe da Organização Mundial de Saúde (OMS), distribuído globalmente em canais de comunicação. Disponível em <https://www.who.int/director-general/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing-on-covid-19---11-march-2020>. Acesso em: 20 mar. 2020.

As *lives*⁵, as trocas de mensagens de textos, os áudios e as fotos compartilhadas passaram a ser os meios de comunicação com os jogadores interlocutores.⁶ Como Luiza dos Anjos e José Silva Jr. (2018) comentam acerca das redes criadas pelas comunidades de jogadores *gays* no meio digital, mesmo antes da pandemia:

As redes de sociabilidade criadas em torno de um mesmo objetivo aparecem como articuladoras fundamentais para divulgação e difusão da ideia de se criar times de futebol para homens *gays*. Os equipamentos e processos de informação, cada vez mais globalizados, oferecem os recursos necessários para suprimir as distâncias geográficas e promover a comunicação e interação entre os sujeitos conectados em rede, de maneira instantânea (Anjos; Silva Jr., 2018, p. 223).

Essa forma rápida de comunicação e interação foi potencializada pela pandemia e, inclusive, logo as plataformas de divulgação de notícias, eventos, ações e *status* dos times começam a migrar do *Facebook*, que segundo um entrevistado era “muito chato e estático”, para o Instagram, mais instigador e dinâmico, de fácil consulta (a rolagem mais rápida) e de maior abrangência.

Relegada ao universo digital, no entanto, minha pesquisa não migrou totalmente para uma análise de conteúdo da web e das mídias sociais, mas teve que resolver um impasse criado pela impossibilidade do presencial. Hoje, olhando em perspectiva, percebo que foi um caminho para driblar a falta de interação e contato com pessoas e clubes esportivos que eu acompanhava na realidade dos eventos. Portanto, um *hibridismo* etnográfico, se me permitem o termo: se a pesquisa em modo presencial oferece elementos fundamentais para a interpretação antropológica das práticas esportivas e seus significados, o digital proporcionou a chance de acompanhar os sujeitos de novos modos, em outras dimensões e, particularmente, em outros tempos (ou velocidades).

A pesquisa antropológica então começou a acompanhar perfis de indivíduos (em redes sociais como *insta*, *face* e apps de relacionamento) e também de clubes esportivos no intuito de entender como tais agentes lidavam com o futebol em tempos pandêmicos. À luz de uma produção que começa a descaracterizar o “virtual” para pensar o “digital”, tentei empreender um modo de fazer etnografia quase detetivesca, buscando detalhes e cruzando informações num tipo de *etnografia cross-media* (Parreiras; Pavesi,

5. *Lives* são transmissões simultâneas, geralmente realizadas pelo Instagram, que atestam a fluidez da passagem entre os estados on/off-line da vida e criam uma interlocução sujeitos interessados em um mesmo tema.

6. A partir da pandemia conseguirei mais seis contatos, perfazendo 8 jogadores que colaborarão até o final do estudo. Alguns deles aparecerão neste texto assinalados assim: J3, J5, J2 etc.

2024), para dar continuidade à pesquisa de doutorado.⁷ Portanto, a etnografia com coletivos de pessoas LGBTQIA+ que praticavam futebol *society* (o fut7) se converteria em uma “etnografia digital” (Lins; Parreira; Freitas, 2020), a partir da declaração da OMS sobre a pandemia do coronavírus.

A proposta deste texto é dialogar com os lugares possíveis de produção e aparecimento destes “múltiplos futebolis”⁸, no período de quase dois anos, e discutir como se ressignificaram nestes “não-lugares” (Augé, 2012) nas redes sociais. Além disso, este texto coloca em perspectiva a ideia de “futebol como questão social”, requerida por tais jogadores durante o período pandêmico e classificada como algo novidadeiro e inédito.

1 Do real ao digital: estratégias dos futebolis de coletivos LGBTQIA+

Até o término do campo etnográfico realizado no evento em Belo Horizonte em fins de 2019, na 5ª *Champions LiGay*, meus interlocutores eram informantes causais, encontrados nas canchas de fut7 em vários momentos e que concordavam em conversar sobre a emoção que os movia, ou seja, suas relações de amor e paixão pelos futebolis que jogavam. Desde 2017 crescia o “orgulho” de mostrar ao mundo que “gays também podiam jogar futebol” e com qualidade técnica. Na verdade, como identificado em algumas pesquisas, as participações em eventos e a entrenabilidade deixavam as equipes com níveis técnico-táticos cada vez mais elevados (Jesus, 2019; Camargo, 2021).

Dos interlocutores casuais, apenas dois futebolistas permaneceram no escrete de colaboradores da etnografia. Foi no período pandêmico que vieram outros seis jogadores e/ou dirigentes, e os quais passei a tratar como informantes privilegiados. A vinculação entre pesquisados e pesquisador foi possivelmente maior porque os canais que nos uniam, naquele momento, também uniam a todas as pessoas: o isolamento social provocava uma proliferação incontável de conexões digitais (Lins; Parreira; Freitas, 2020). Minha agenda de Whatsapp foi de meros 30 nomes para mais de 200 outros, isso em poucos mais de dois meses, comprovando o que mais tarde será problematizado como “plataformização da vida” a partir de um comunicador instantâneo ordinário (Parreiras, 2024).

7. Segundo as autoras, a *etnografia cross-media* seria um subtipo que se definiria por “atravessa[r] contextos e ambientes, podendo ser multissituada ou multilocalizada, criando locais de campos em diferentes plataformas e realidades locais” (Parreiras; Pavesi, 2024, p. 7).

8. Há uma longa discussão sobre estes “múltiplos futebolis”: eles são diversos, representam coletivos marginalizados das práticas futebolísticas convencionais e são signatários do futebol hegemônico por inúmeras razões. Para aprofundar esta discussão, consultar: Toledo e Camargo (2018), Camargo (2020), Camargo (2021).

Foi durante a pandemia que algumas/alguns antropólogos/os começaram a estudar com afincado o campo das tecnologias digitais na interface de suas pesquisas de campo. Na verdade, a nomeação “digital” ganhou propriedade nos últimos tempos (Lins; Parreira; Freitas, 2020), particularmente a partir de uma intensificação do uso da internet como artefato cultural (Hine, 2000).

Embora se afirme que a pesquisa em contextos digitais tenha certa proximidade com a investigação de caráter presencial (Miller; Slater, 2004), devido a certa porosidade da vida contemporânea entre as dimensões *on* e *offline*, é inevitável constatar que “a pandemia da Covid-19 deixou claro o quanto as tecnologias, representadas por seus múltiplos dispositivos e pelas redes de conexão, são fundamentais para as relações que estabelecemos uns com os outros e com o mundo” (Lins; Parreira; Freitas, 2020, p. 2).

Mesmo dentro de casa e em isolamento meus dias eram cheios de encontros, conversas e *meetings*, tanto com os sujeitos colaboradores da pesquisa, quanto com outros grupos acadêmicos de várias partes do país, numa profusão de propostas que iam de palestras remotas a congressos científicos. Certamente, isso não aconteceu apenas comigo. Além das atividades que migraram do presencial para o digital, os espaços da internet (igualmente nas redes sociais) se tornaram um campo fértil de engajamento para a ação.

E, por sua vez, não demorou muito para serem lançados livros sobre métodos de pesquisas online, inclusive sobre esportes (Cleland; Dixon; Kilvington, 2020). Como afirmam estes autores, “em pouco tempo, a internet revolucionou o que podemos pesquisar, quais métodos podemos empregar e as comunidades que podemos alcançar, além de ampliar as possibilidades de com quem podemos acessar e colaborar” (Cleland; Dixon; Kilvington, 2020, p. 3).

Para pensar as relações etnográficas no digital tentei refletir não apenas sobre as fotos e imagens postadas, recentes ou antigas (como os *Throwback Thursday* ou *#tbt*), e sim também nos longos áudios gravados em formas de depoimentos e nas mensagens cifradas ou de *status* (do Whatsapp), além dos *reels*, *stories* e *lives* (do Instagram). Não era apenas entender o contexto do texto na forma de comunicação (Rial, 2004), compreendida como um modo contemporâneo de expressão da subjetividade, capturada sim por antropólogo/as (como nas antigas pesquisas “em frente à televisão”), porém também envolvendo sua subjetividade na medida em que exige dele/a uma resposta imediata.

Ganhou maior concretude, inclusive, a proposta da netnografia, um tipo de etnografia que investiga interações sociais em espaços online (Kozinets, 2014), algo que até a pandemia se encontrava pouco desenvolvido. Parece que a netnografia aperfeiçoou-se para englobar formas de investigação etnográfica na internet:

É uma rede de redes que os netnógrafos investigam criticamente. O termo netnografia engloba métodos virtuais (pesquisas online, entrevistas online), métodos digitais (análise de hiperlinks, análise de conteúdo da web, pesquisa em mídias sociais) e nossa concepção de ciberespaço (o armazenamento, modificação e troca de dados). Sem a «rede», nada do mencionado acima seria possível, ou mesmo existiria. Netnografia é, portanto, a forma abreviada de abranger os conteúdos mencionados acima (Cleland; Dixon; Kilvington, 2020, p. 97-98).⁹

Por sua vez, o futebol real como expressão cultural de todo um país teimava em seguir uma normalidade que inexistia durante a pandemia. Em minhas conversas com jogadores dos coletivos LGBTQIA+, treinos e jogos de fut7 e futsal só pararam por um breve período – que, nas dimensões continentais brasileiras, não foi o mesmo em todos os lugares. Mais um discurso de muitas equipes, e talvez para justificar algumas ações extra quadra, àquele futebol então se tornava uma “questão social”.

Ora, desde Gilberto Freyre (1938) e seu “football mulato” que, de uma forma ou outra, o futebol é questão social: sua tentativa de explicar um estilo de jogo dos brasileiros afrodescendentes na Copa do Mundo de 1938 é um exemplo disso. Por sua vez, Mário Rodrigues Filho (1964), em sua obra magistral, vai problematizar o pensamento de Freyre para pensar o processo de democratização das relações raciais, dentro da sociedade, no qual o futebol exerce um papel relevante - afinal, a ascensão do corpo negro no futebol daqueles anos é, legitimamente, uma questão social. E apesar de não figurar com *status* privilegiado de investigação nos anos subsequentes, o futebol vai se tornar um objeto empírico no mundo acadêmico nos anos 1970-80 a partir de questões sociais relevantes (Guedes, 1977; DaMatta *et al.*, 1982).

Mas o que aquelas equipes postulavam era uma mudança de foco: de um futebol feito dentro do “cercado do time”, que se preocupava em acomodar questões de identidades de gênero e orientações sexuais frente às fobias sociais, para um futebol que se voltava à sociedade atingida pelas consequências nefastas de uma pandemia. E, neste sentido, este futebol vai aparecer preocupado com questões sociais mais imediatas, como a fome e a pobreza advindas da pandemia. No próximo subtópico registrei estratégias usadas por tais equipes para encampar suas preocupações.

Deste modo, a rede Instagram, que havia se consolidado como a forma prioritária de publicação de fotos e vídeos de treinos e competições, passará a compor também este mosaico de ações voltadas ao social. As equipes e jogadores acabam se utilizando cada vez mais deste recurso e do Whatsapp como comunicador instantâneo ordinário (Parreiras, 2024).

9. No original: “It is network of networks that netnographers critically investigate. the term netnography encompasses virtual methods (online surveys, online interviews), digital methods (hyperlink analysis, web content analysis, social media research), and our conception of cyberspace (the storage, modification, and exchange of data). Without the ‘net’, none of the above would be possible, or even exist. Netnography is thus the shorthand way of encompassing the above contenders”.

Destaco ainda que as publicações coletadas e apresentadas adiante não seguem um padrão ou tendência hegemônica durante o período da pandemia (2020-2021), justamente porque as equipes de futebol e mesmo os jogadores acabam se apropriando, vivenciando e se relacionando com esses dispositivos tecnológicos de forma bastante distinta ao longo deste.

2 Achados etnográficos e *insights* antropológicos

Nesse subtópico apresento alguns achados etnográficos relacionados às publicações dos coletivos LGBTQIA+ de futebol durante a pandemia e adianto alguns *insights* etnográficos. A ideia é mostrar como as equipes foram reagindo ao período pandêmico, por meio de suas publicações na rede Instagram, no sentido de manterem uma coesão grupal mesmo com assuntos extracampo – o que convencionaram chamar de “questões sociais”.

Como a pandemia atingiu de forma acachapante e de diversas maneiras a todo mundo, não foi diferente com tais grupos. Acompanhando suas redes durante algumas semanas, percebi tendências díspares e espalhadas ao longo dos meses. Alguns clubes talvez permaneceram na onda da “gripezinha”, que parte negacionista da população se encontrava; outros postaram comunicados bastante responsáveis no tocante ao momento vivido:

Figura 1 – Postagem do Instagram da equipe Bulls F.C. (20/03/2020)



Figura 2 – Postagem do Instagram da equipe Barbies (19/03/2020)



Figura 3 – Postagem do Instagram da equipe Bharbixas (12/05/2020)



Figura 4 – Postagem do Instagram da equipe Beescats (06/06/2020)



Os comunicados anteriores mostram, com diferentes modos e com linguagem visual bastante distinta, informações importantes quanto à pandemia, direcionada ao seu público interessado. Como observei mais pontualmente, a equipe carioca dos Bees-Cats apenas reagiu à pandemia e ao número de mortos (e no Rio de Janeiro se morria aos montes) em junho de 2020, bem depois da primeira grande onda de contaminação. O time Futeboys, de São Paulo, não postava nada muito explícito relacionado à pandemia, e sim fotos aleatórias e passadas (com os famosos #tbt). O Unicorns Brazil seguiu a tendência de postagens alegres, que evocavam a memória do grupo e demorou a se manifestar: seu primeiro *post* mais sério também foi em junho, com um vídeo compilado com depoimentos de vários membros, a fim de lançar a campanha Orgulho na Janela (#orgulhonajanela). Sua intenção talvez fosse mostrar que pessoas LGBTQIA+ estavam vivas e sentiam orgulho de si. A bandeira do arco-íris (ou outro objeto que lembrasse suas cores) deveria ser colocada na janela, do lado de fora da casa ou apartamento. Tal postagem atingiu perto de 11 mil visualizações.¹⁰

Além disso, era perceptível que algumas equipes não queriam imagens, mensagens, ou qualquer vinculação com a pandemia para não macular suas postagens e engajamentos. Esse era o proceder do Unicorns, mas também de outras, como o Bárbaros. Na época o Unicorns tinha o patrocínio da Adidas e engajamentos “positivos” do público eram eficientes para manterem o “clima up” (para cima). O Unicorns foi dos primeiros times a serem criados na concepção de mostrar o *futebol gay* como mercadoria, para um público diferenciado, que inclusive fala inglês. Suas postagens continham,

10. Fonte: Instagram Unicorns Brasil, dia 09 de junho de 2020.

por exemplo, *hashtags* como #gounicorn, #loveyourself, #playlikeanunicorn, #gaysports, #proud, #healthylifestyle, #gayrunners etc.

Figura 5 – Postagem do Instagram da equipe Unicorns (14/07/2020)



Outros clubes mais engajados na “causa social” (termo comum entre eles), como o Bulls F.C., começaram neste período a fazer campanhas de ações solidárias, como entrega de marmitas para pessoas de rua, macarronadas coletivas beneficentes, envio de cestas básicas e afins. Em alguma medida, tais ações começam a ser replicadas por outros grupos, como o Alcateia:

O que é legal do Bulls é esse trabalho social. Prestar atenção ao que está em volta de tudo isso que a gente chama de futebol LGBT. Há pessoas passando fora, sabe. Há gente que perdeu muita coisa com a pandemia. Há colegas que jogavam futebol que nem sei se jogarão mais... [reticências]. Uma loucura. De minha parte, tento fazer algo, porque ficar em casa assistindo vídeo no Youtube não é meu perfil. (Entrevista com Jogador 1, 18/07/2020).

Figura 6 – Postagem do Instagram da equipe Bulls F.C. (02/07/2020)



Figura 7 – Postagem do Instagram da equipe Alcateia E.C. (28/04/2020)



A partir de uma onda comum de isolamento social, com o passar do tempo, houve um relaxamento nas medidas de proteção, muito em função tanto da oscilação dos números de mortes causados pela Covid-19, quanto da propagação de *fake news*, isto é, relatos e notícias falaciosas, errôneas e mal-intencionadas, que grassavam pelas redes sociais. Isso fez com que os clubes começassem a retornar aos dias de treinos: alguns abruptamente, outros mais com cautela. Os *posts* eram acompanhados dos famosos “textões”, isto é, longas explicações que tentam justificar as ações tomadas perante a coletividade:

Figura 8 – Postagem do Instagram da equipe Ximangos, retorno aos treinos (17/10/2020)

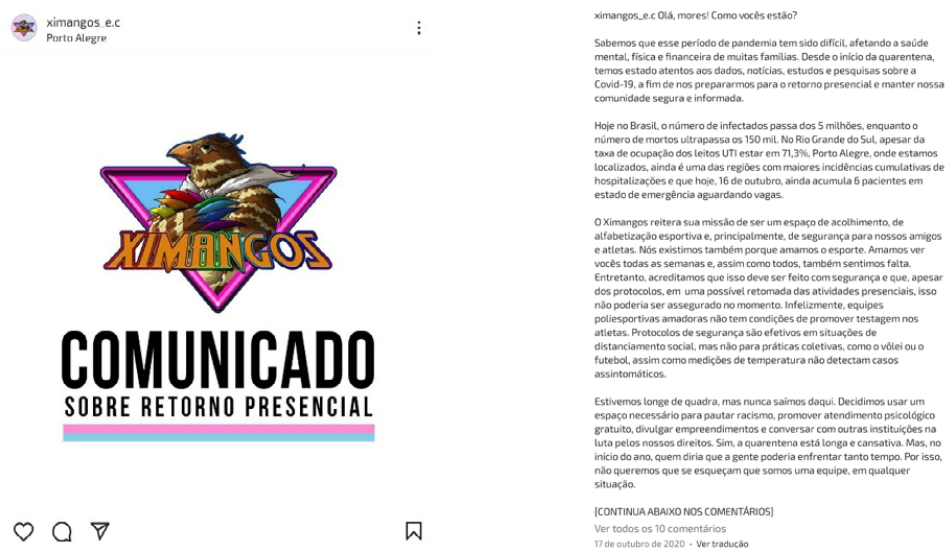


Figura 9 – Postagem do Instagram da equipe Bulls F.C., retorno aos treinos (15/10/2020)



Um jogador paulista com quem tinha contato teve grandes problemas relacionados ao isolamento social durante a pandemia. Eu percebi que uma comunicação entre nós ficou mais esparsa, havia poucos *posts* em sua rede social. De fato, mais tarde ele me contaria que teve crise depressiva e que o isolamento mexeu com sua saúde mental, deixando-o apartado do convívio com sua equipe esportiva. Disse-me que com a pandemia “os problemas eles continuaram, até pioraram em relação ao meu peso” (sic).

Para tentar driblar essa situação, o clube propôs que ele realizasse algumas falas sobre sua paixão pelo futebol e saúde mental naqueles tempos. E, seguindo me explicou, deu certo:

E a gente decidiu fazer essa sequência de *lives* e convidar outros jogadores negros de outros times, justamente para a gente fazer essa conexão devido à pandemia, aproveitar a pandemia que todo mundo está parado e automaticamente também atualizar a página, movimentar a página. Quando eu fiz a primeira e a repercussão foi super boa, vários *feedbacks* positivos, foi assim, olha, eu não lembrava que eu conseguia fazer isso. E isso foi muito importante, inclusive no meu trabalho (...). Então, assim, não é só futebol! (Entrevista com Jogador 6, 23/02/2023).

O clube BeesCats, do Rio de Janeiro, teve ideias bastante originais para driblar o tempo de isolamento e o não retorno presencial aos gramados. Uma delas foi o “Desafio dos Craques”, para escolher o melhor jogador daqueles tempos entre as equipes de futebol. A campanha começou no início de agosto de 2020 e se estendeu por três semanas,

nas quais os jogadores e seus clubes tinham liberdade para se inscrever. Depois de muita agitação nas mídias sociais, a votação *online* declarou Alexandre Campos, do Dendê Futebol Clube, de Salvador/BA, como o craque da vez:

Figura 10 – Postagem do Instagram da equipe BeesCats (30/07/2020)



No texto da postagem deste dia estava escrito assim:

Beesfãssss, estão preparaduxxx para um super Desafio?
Então, 3/8 (segunda-feira) começará nosso 1 Desafio dos Craques LGBTQIA+
Vai ser babado, SEM confusão e muita, mas muita GRITARIA.
Seu(sua) atleta querido(a), vai precisar muito do seu apoio. Como?
O DESAFIO é baseado nos voto[s] que VOCÊ dará no seu atleta, no seu CRAQUE.
Vamos deixar o bíceps de lado e malhar os DEDINHOSSS, meu Deus!
Confiram as MANAS participantes.
De antemão, já agradecemos a todos(as)!
Contamos com o apoio da @269chillipepper

Além deste desafio, logo no início de 2021, o mesmo clube teve a iniciativa de lançar uma competição *online* para eleger a melhor drag queen madrinha das equipes de futebol society. A proposta foi lançada ainda em janeiro e contou com participação massiva de seus seguidores. A primeira etapa dava a chance ao público de votar na chamada “favorita” nos *stories* do BeesCats:

Figura 11 – Postagem do Instagram da equipe BeesCats (01/02/2021)



Minhas conversas contínuas com jogadores e mesmo a assistência a algumas de suas *lives* eram momentos descontínuos que não formavam um todo. A pandemia, de igual forma, me atingiu de modo ímpar: sem circulação, sem idas à universidade, com pouca atenção para leituras (acadêmicas ou não), também tive momentos de prostração. Consegui reunir um bom agregado de dados e imagens, mas fui pensar sobre eles somente meses depois.

A proposta deste texto foi um primeiro momento analítico acerca da coleta nas redes destes times, agregados aos depoimentos e entrevistas que tinha dos jogadores. A partir disso penso que há três movimentos executados pelas equipes (engajamento/não engajamento, publicações compromissadas/aleatórias, reinterpretações sobre a pandemia) aos quais farei referência logo no início das considerações finais.

Considerações finais sobre uma etnografia digital

Entrevistador: Cara, vi que há fotos de vocês em quadra [*reticências*]. Deixa eu perguntar: vocês estão treinando? Já voltaram ao presencial?

Jogador 5: (...) olha, o que eu vou te dizer?

E: não sei, me diz você [*risos constrangidos*]

J5: Eu tô em isolamento social, mas sei que tá rolando treino, sabe como é a galera [*reticências*]. Os caras não se aguentam, querem jogar. Não sei se eles pensam na pandemia ou têm alguma preocupação em relação a isso ou a outros. O futebol sobe a cabeça, sabe como é? (...) E ninguém fala nem de Bolsonaro, nem de coronavírus. Tá osso (...)

(Entrevista com J5, 05/10/2020).

O período da pandemia foi um tempo de exceção para o mundo todo – possivelmente até para os negacionistas. Em minha vida e de meus interlocutores, os dois anos (2020 e 2021) trouxeram mudanças, ponderações e, sobretudo, inquietudes. Observei que os clubes desses múltiplos futebóis não seguiram um padrão e desenvolveram modos distintos de lidar com tudo o que acontecia. Assim como os sujeitos que deles participavam. Alguns mantiveram uma rotina “escondida” de treinos; outros pararam totalmente.

Eu estreitei laços com o Jogador 5 neste período, apesar de não nos conhecermos pessoalmente. As conversas eram bastante animadas e a gente se identificou de imediato. Ele tem interesses além do futebol, que passam por discussão sobre ciência, futuro do esporte, recordes e marcas de Jogos Olímpicos, curiosidades históricas e afins.

A partir do comunicado da OMS e da divulgação midiática em escala mundial sobre a pandemia do coronavírus, minhas incursões nas redes sociais desses clubes de futebol me fizeram supor *três movimentos* ou *tendências*, mais ou menos similares, seguidas por eles. Excetuando-se a importância nas redes sociais (ou impacto de abrangência) e número de seus seguidores (*followers*), tentei resumir tais movimentos segundo o quadro a seguir. Isso foi perceptível no conjunto de mais de 300 imagens que capturei, das quais postei algumas neste artigo.

Quadro 1 – tendências realizadas pelas equipes de futebol, a partir de suas postagens no Instagram

MOVIMENTOS		
1	2	3
Engajamentos sobre a pandemia ou não engajamento	Publicações compromissadas ou publicações aleatórias	Reinterpretações sobre pandemia ou publicação do nada

Num esforço de interpretação, vou esboçar um esquema adiante, tentando refletir na tríade que orientou as ações sociais destes grupos futeboleiros. Portanto, eles se inter-relacionaram com a realidade sociopolítica e epidemiológica vivida pelo Brasil naqueles meses fatídicos nas seguintes formas:

1) engajamentos sobre a pandemia ou não engajamento

Pelo meu acompanhamento, clubes como Bulls F.C., Beescats S.B., Ximangos, Alcateia, Barbies, Bravus, Diversus F.C., dentre outros, postaram cancelamentos de treinos e de eventos, além de mensagem atachada de “fiquem em casa”, algo que se tornou um mantra planetário. Vale ressaltar que não fizeram isso ao mesmo tempo: algumas equipes reagiram mais rápido do que outras e, possivelmente, algumas de modo mais incisivo do que outras.

Isso talvez tenha mostrado o reconhecimento de tais clubes em relação à importância do futebol para a vida dos indivíduos a eles vinculados, numa clara referência de vinculação (esporte – vida comum). Além de que, obviamente, as ações dos clubes demarcaram o quanto a ligação com o futebol poderia ser diferencial para as pessoas vinculadas.

Uma grande maioria dos clubes, no entanto, mostrou não engajamento nas redes com a pandemia. Talvez porque tais equipes já não tivessem/criassem engajamento, independente do momento vivido. Ou talvez o tivessem e o assunto não os favorecia.

2) publicações compromissadas com divulgação de informação ou publicações aleatórias

No acompanhamento que realizei não havia, nos perfis das equipes, divulgação de informações relacionadas diretamente com a pandemia. Já que não publicavam fotos de treinos ou jogos, os clubes preferiam publicações aleatórias ou #tbts.

O exemplo mais ilustrativo desta tendência é da equipe Unicorns Brazil, que pouco mencionou sobre a pandemia durante a maior parte dos meses (entre 2020 e 2021), fazendo uma série de postagens com jogadores/atletas e suas histórias de vida, sob a *hashtag* #PeopleofUnicorns. Apesar de serem mensagens veladas de apoio, parecia haver um esforço de desvinculação com o que ocorria na vida real. Talvez como salvaguarda, o clube gravou um vídeo, no dia 28 de junho de 2020, contendo uma série de depoimentos de membros, comentando sobre o período de isolamento social e do quanto dura estava sendo a pandemia.

O BeesCats, apesar de se enquadrar na categoria anterior, também pode ser listado aqui, particularmente pelos dois eventos aleatórios, de grande alcance, que planejou: o “Desafio dos Craques” e o “Bees Drag Race”. Numa *live*, organizada pelo Museu do Futebol no dia 10 de outubro de 2020, a drag queen Bárvarah Pah, do time carioca, disse que a iniciativa, além de “engraçada e icônica”, teve por função manter iniciativas de suporte para o “futebol identitário”, de modo que ele não acabasse em meio àquele horror de número de mortos.

Em equipes menores, como o Ball Cat’s de Manaus, que não ostentavam engajamento e não vendiam produtos ou atividades de serviço, a ausência de publicações compromissadas com o momento sanitário talvez seja um hiato, produto do impacto causado pela própria pandemia.¹¹ Outras ainda, que postaram sobre temas aleatórios (como o setembro amarelo, novembro azul, janeiro branco etc.), possivelmente caibam na mesma chave interpretativa. Os Predadores F.C., por sua vez, tentaram preencher o buraco causado pela ausência de jogos postando pequenos vídeos de seus treinos.

11. O Instagram do clube também foi descontinuado entre fins de 2019 (original @ballcats2014), e o outro, que vai de novembro de 2019 até abril de 2023 (@ballcats_oficial).

3) redimensionamentos sobre os conhecimentos da pandemia ou publicação do nada

Nesta categoria se encontram, notadamente, as equipes Futeboys F.C., Afronte F.C., Bárbaros e outras, que se omitiram acerca da pandemia, seja porque não reconheciam ou negavam o fenômeno, seja por não tinham uma frequência ativa de publicações e engajamento em seus perfis sociais. Ou ainda talvez porque não quisessem publicar nada, por algum motivo.

Uma ressalva deve ser feita em relação ao time do Futeboys, que, apesar de não publicarem sobre a pandemia, apareciam em fotos usando máscaras, algo que apenas os clubes que acolheram e lidaram com dados da pandemia faziam.

Neste movimento também estão os famosos “textões”, que é um fenômeno de novas gerações conhecidas como “lacradoras”, que escrevem textos grandes comentando criticamente uma realidade. Algumas equipes se lançaram a publicar “textões” porque eram contra o retorno dos jogos de futebol ainda num momento de insegurança relacionada à contaminação do Covid-19. Tais publicações têm cunho moral e são altamente diligentes (e beligerantes). Anteriormente citei um exemplo destes produzido pela equipe gaúcha Ximangos (figura 8).

Importante dizer que, independentemente da tendência de um ou outro clube, aqui não cabe julgamento de valor. O que tentei fazer foi uma espécie de “etnografia digital” focada especificamente nas redes sociais (e, particularmente, no Instagram), com interesse específico em entender como cada clube tratou de seus futebóis em tempos pandêmicos.

Realizei esse escrutínio durante alguns meses no sentido de transformar minha etnografia presencial em digital, já que eu estava impedido de comparecer nos campeonatos e para ver e falar com os jogadores. As poucas entrevistas remotas foram monotemáticas e muitas vezes nem aconteciam de modo padronizado, seja pela inação do entrevistado, seja porque eu também me encontrava sem tempo no sentido de manter uma conversa de maior duração em frente ao computador. Áudios de comunicação foram mais eficientes (via Whatsapp), particularmente porque podiam ser enviados para serem lidos em outro momento.

Sem dúvidas, o aplicativo Whatsapp se transformou no grande canal de comunicação entre mim e os sujeitos, de modo que muitas vezes nossas discussões iam além do futebol, e falávamos da vida, de nós, de nossas agruras, do mundo, da próxima pandemia, dos sonhos, das realizações impossíveis, de amores apartados ou não correspondidos pelo isolamento socioemocional e até do futuro de suas práticas boleras.

O período pandêmico consolidou outra visão da prática futebolística destes jogadores. Deixo o depoimento do Jogador 3, um dos que mais falou comigo nestes tempos:

Para mim, o futebol virou questão social. Agora sim, né. Entendo que tudo isso que a gente tá vivendo, viveu ou sei lá até quando vai viver, né. E assim, a gente tá aí, na luta, engajado. Eu pelo menos, tô. Entreguei quentinha com a convicção que o futebol fazia algo pelo mundo. Ou eu como jogador, né, de futebol, fiz algo pelas pessoas afetadas, pelas famílias afetadas (...) E o futebol não é mais aquele futebol que eu jogava até 2019. É outro, menos competitivo e mais humano. Menos excludente e mais inclusivo – ou sei lá (*risos*). (Entrevista com J3, 02/02/2021).

O entendimento de que o futebol virou uma “questão social” foi uma das apreensões mais interessantes que encontrei neste processo etnográfico. A pandemia inaugura para algumas destas equipes algo aparentemente inédito, isto é, a possibilidade de que seus futebolistas fossem além da quadra de jogo, servindo a um propósito “social”.

O futebol no Brasil vai além de um simples esporte: ele é uma questão social profundamente entrelaçada com culturas, identidades e dinâmicas relativas às desigualdades existentes. Torço para que esses futebolistas em suas existências consigam desvendar outras dimensões que os atravessam, como a hegemonia do gênero masculino, as transfobias, as tensões raciais e outras discriminações latentes, para que continuem enfrentando a marginalização que lhes é inerente e, com isso, encontrem motivos para se repensarem constantemente.

Referências

AGAMBEN, Giorgio *et al.* **Sopa de Wuhan**: pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias. Ciudad: ASPO, 2020.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Papirus Editora, 2012.

ANJOS, Luiza Aguiar dos; SILVA JÚNIOR, José Aelson da. Recusando armários: histórias de homens homossexuais no futebol brasileiro. **Mosaico**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 14, p. 214-231, 2018. Disponível em <https://periodicos.fgv.br/mosaico/article/view/74071/73212>. Acesso em: 11 jan. 2024.

CAMARGO, Wagner Xavier de. Dimensões de gênero e os múltiplos futebolistas no Brasil. **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Ed. Unicamp, 2020. p. 589-604.

CAMARGO, Wagner Xavier de. Gêneros em disputa: a LiGay Nacional de Futebol Society e o espaço de acontecimento. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, n. 2, p. e79423, 2021. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ref/a/bStFmpJKX4kKcjCcyjwxN3w/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 out. 2024.

CAMARGO, Wagner Xavier de. **Futebóis em movimento: sexualidades, subjetividades e tensionamentos no circuito esportivo da Champions LiGay**. Tese (Doutorado). Centro de Educação e Ciências Humanas. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2024. 233 p. Disponível em <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/20695/WagnerXavier-TESE-final2024.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 19 out. 2024.

CLELAND, Jamie; DIXON, Kevin; KILVINGTON, Daniel. Investigating the online world. In: **ONLINE Research methods in sport studies**. London/New York: Routledge, 2020. p. 92-112.

DAMATTA, Roberto *et al.* (Org.). **Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

FREYRE, Gilberto. Foot-ball mulato. **Diário de Pernambuco**, 17 jun. 1938, p. 4.

GUEDES, Simoni. **O futebol brasileiro: instituição zero**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 1977.

HINE, Christine. **Virtual ethnography**. London: Sage, 2000.

JESUS, Diego Santos Vieira. ‘Futebol é coisa para mano, mana e mona’? A LiGay Nacional de Futebol Society. **Periódicus**. n. 10, v. 1, 2019. Disponível em <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/26521/17159>. Acesso em: 13 abr. 2020.

LABURTHE-TOLRA, Philippe; WARNIER, Jean-Pierre. A eficácia da magia. In: **Etnologia – Antropologia**. Trad. Anna H. Cavalcanti; revisão de trad. Jaime A. Clasen; revisão técnica Antônio Carlos Lima. Rio de Janeiro: Vozes, 1997. p. 325-328.

LINS, Beatriz Accioly; PARREIRAS, Carolina; FREITAS, Eliane Tânia. Estratégias para pensar o digital. **Cadernos de Campo** (São Paulo-1991), v. 29, n. 2, p. e181821-e181821, 2020. Disponível em <https://revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/181821/168729>. Acesso em: 20 ago. 2024.

MILLER, Daniel; SLATER, Don. Etnografia on e off-line: cybercafés em Trinidad. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 10, n.21, p. 41-65, 2004. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ha/a/byXgK3hjvRs4snhb8MSbGy/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 30 ago. 2024.

NOSTRADAMUS, Michel de. **Centurias**. Trad. Yaité Ledesma. Madrid: Editorial Verbum, 2020.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online**. São Paulo: Penso Editora, 2014.

PARREIRAS, Carolina. Etnografia e uso de plataformas digitais: Aprendendo com o WhatsApp. **Novos Debates**, v. 10, n. 1, 2024. p. 1-18 Disponível em <https://novosdebates.abant.org.br/revista/index.php/novosdebates/article/view/421/333>. Acesso em: 19 out. 2024.

PARREIRAS, Carolina; PAVESI, Patrícia. Antropologia digital e imaginários etnográficos: Experimentações, dilemas e possibilidades. **Novos Debates**, v. 10, n. 1, 2024. p. 1-9. Disponível em <https://novosdebates.abant.org.br/revista/index.php/novosdebates/article/view/423/335>. Acesso em: 19 out. 2024.

RIAL, Carmen. Antropologia e mídia: breve panorama das teorias de comunicação. **Antropologia em primeira mão**, v. 9, n. 74, p. 4-74, 2004.

RODRIGUES FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1964.

SAID, Edward W. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. Editora Companhia das Letras, 2007.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **O antropólogo e sua magia**: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras. São Paulo: EDUSP, 2000.

TOLEDO, Luiz Henrique; CAMARGO, Wagner Xavier. Futebol dos futebóis: dissolvendo valências simbólicas de gênero e sexualidade por dentro do futebol. **FuLiA/UFMG**, v. 3, n. 3, p. 93-107, 2018. Disponível em <https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/14646/11843>. Acesso em: 19 out. 2024.

VIEIRA, Vanrochris Helbert. **O futebol das bichas e dos manos: manifestação de gênero e reflexividade na formação de times de futebol LGBTQIAPN+ de Belo Horizonte**. Tese (Doutorado) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2023. 381 p. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/251591/PICH0273-T.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 ago. 2024.



Da Lei Bosman ao *sportswashing*: a racionalidade neoliberal no futebol global

Renan Augusto Carvalho¹  
Universidade Estadual Paulista

Pablo Emanuel Romero Almada²  
Universidade Estadual Paulista

Resumo

O artigo investiga a relação entre a globalização, o neoliberalismo e o futebol contemporâneo, analisando como essas forças transformaram o esporte em um fenômeno transnacional que reflete e reproduz as desigualdades e contradições do capitalismo moderno. Baseando-se em uma abordagem teórica que considera a racionalidade neoliberal como uma lógica abrangente que permeia diversas esferas da vida social, o estudo explora os impactos econômicos, políticos e culturais dessa racionalidade no futebol global. Para tanto, são analisados dois casos emblemáticos: a Lei Bosman e a prática de *sportswashing* por clubes europeus, como Manchester City, Newcastle United e Paris Saint-Germain. Através desses casos, o artigo demonstra como o neoliberalismo reconfigura as dinâmicas de poder, subjetivação e governamentalidade no esporte, transformando jogadores em mercadorias e instrumentalizando o futebol para fins geopolíticos. Conclui-se que a racionalidade neoliberal, ao penetrar no futebol, não só redefine práticas sociais e culturais, mas também propõe desafios para a resistência e a manutenção dos vínculos locais e comunitários.

Palavras-chave

Futebol. Racionalidade Neoliberal. Lei Bosman. Sportswashing. Sociologia do Esporte.

1. Mestrando em Ciências Sociais pela FCLAr (UNESP).

2. Doutor em Democracia no Século XXI pela Universidade de Coimbra. Pesquisador do Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo (NEV/USP). Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da FCLAr (UNESP).

**From Bosman Law to sportswashing:
neoliberal rationality in global football**

Abstract: This article investigates the relationship between globalization, neoliberalism, and contemporary football, analyzing how these forces have transformed the sport into a transnational phenomenon that reflects and reproduces the inequalities and contradictions of modern capitalism. Drawing on a theoretical approach that considers neoliberal rationality as a pervasive logic permeating various spheres of social life, the study explores the economic, political, and cultural impacts of this rationality on global football. To this end, two emblematic cases are analyzed: the Bosman law and the practice of sportswashing by European clubs such as Manchester City, Newcastle United, and Paris Saint-Germain. Through these cases, the article demonstrates how neoliberalism reconfigures power dynamics, subjectivation, and governmentality in the sport, turning players into commodities and instrumentalizing football for geopolitical purposes. The conclusion is that neoliberal rationality, by penetrating football, not only redefines social and cultural practices but also presents challenges for resistance and the maintenance of local and community ties.

Keywords: Football. Globalization. Neoliberal Rationality. Sportswashing. Sociology of Sport.

**De la ley Bosman al *sportswashing*: la
racionalidad neoliberal en el fútbol global**

Resumen: Este artículo investiga la relación entre la globalización, el neoliberalismo y el fútbol contemporáneo, analizando cómo estas fuerzas han transformado el deporte en un fenómeno transnacional que refleja y reproduce las desigualdades y contradicciones del capitalismo moderno. A partir de un enfoque teórico que considera la racionalidad neoliberal como una lógica omnipresente que permea diversas esferas de la vida social, el estudio explora los impactos económicos, políticos y culturales de esta racionalidad en el fútbol global. Para ello, se analizan dos casos emblemáticos: la ley Bosman y la práctica del *sportswashing* por parte de clubes europeos como Manchester City, Newcastle United y Paris Saint-Germain. A través de estos casos, el artículo demuestra cómo el neoliberalismo configura las dinámicas de poder, la subjetivación y la gubernamentalidad en el deporte, convirtiendo a los jugadores en mercancías e instrumentalizando el fútbol con fines geopolíticos. La conclusión es que la racionalidad neoliberal, al penetrar en el fútbol, no sólo redefine las prácticas sociales y culturales, sino que también plantea desafíos para la resistencia y el mantenimiento de los lazos locales y comunitarios.

Palabras clave: Fútbol. Globalización. Racionalidad Neoliberal. Sportswashing. Sociología del Deporte.

Introdução

A globalização e a lógica neoliberal se estabeleceram como forças transformadoras que reconfiguraram profundamente o futebol contemporâneo, transmutando-o de um simples fenômeno esportivo a um espelho amplificado das desigualdades e contradições inerentes ao capitalismo moderno. Nosso estudo objetiva investigar como essas forças moldaram o futebol em um fenômeno transnacional e global, explorando implicações econômicas e políticas, e examinando alguns casos que elucidam essas dinâmicas.

A intensificação das relações sociais em escala mundial, onde eventos locais são influenciados por dinâmicas globais e vice-versa (Giddens, 1991), possibilitou que o capitalismo se edificasse sobre a compressão do tempo-espço e de avanços tecnológicos que alteraram a acumulação capitalista, intensificando a circulação e a valorização de capital a uma velocidade e escala sem precedentes (Harvey, 2014). Nesse contexto, o fu-

tebol, e em particular a formação da Premier League inglesa, pode exemplificar como o esporte foi integrado a um circuito global de acumulação por despossessão, tornando-se um instrumento de especulação financeira e de legitimação das estruturas capitalistas (Karak, 2016). Observar a Premier League como um caso específico de acumulação de capital permite que se compreenda como grandes clubes passaram a funcionar como veículos de especulação financeira, aproveitando-se das mudanças neoliberais e da desregulamentação dos mercados televisivos para maximizar lucros, e, com isso, converter o futebol a um espetáculo global.

Porém, ao relacionar globalização e o futebol, pode representar um distanciamento da base analítica da Sociologia do Esporte, a qual enfatiza as particularidades do mundo esportivo (Bourdieu, 2004) em detrimento de uma visão macroestrutural. Na visão sociológica do esporte, este é considerado como um processo de inculcação de normas e valores civilizatórios, cuja edificação ocorre em paralelo com o desenvolvimento das sociedades ocidentais, e o configura tanto como instrumento de controle emocional (Elias; Dunning, 2019), quanto um instrumento de controle social (Bourdieu, 1997). De acordo com o argumento basilar do “programa” de sociologia do esporte tal como concebido por Pierre Bourdieu, o esporte é um campo autônomo, todavia inter-relacionado com outros campos sociais, destacando suas lógicas próprias e estruturas de poder, conectado às lutas de poder mais amplas da sociedade (Bourdieu, 2004; Alvito, 2006).

As imbricações entre os esportes e a globalização apresentam desafios analíticos para a sociologia do esporte, que passa não apenas a abordar a relação entre esporte e sociedade, mas inclui em seu escopo de pesquisa questões acerca da identidade nacional, de resistência e da influência da globalização nos esportes (Bairner, 2015). Por sua vez, a elaboração de análises críticas das interações entre geopolítica e gestão esportiva, ao destacar a necessidade de um entendimento alargado sobre como as dinâmicas globais moldam as práticas do esporte, elucidam que a elaboração de uma nova economia do esporte está em curso (Chadwick, 2022). Esse ponto coloca em evidência as relações micro e macro do esporte, balizando os limites próprios ao campo dos esportes, e ampliando suas conexões com os campos econômico e político, adotando práticas e modelos de gestão que se distanciam das dinâmicas próprias do esporte.

O futebol, em especial, constitui-se em um domínio que sociologicamente elucidada a interdependência do local e do global, junto às identidades do jogo e das instituições (Giulianotti; Robertson, 2004). Esta perspectiva é essencial para se entender como o futebol e o neoliberalismo se aproximam e se imiscuem, constituindo um frutífero campo de pesquisa que renova a sociologia do esporte. A neoliberalização do futebol, tomada como um fenômeno social, impacta tanto as estruturas do próprio futebol quanto as

transformações de diversos atores, dentre eles os torcedores, suas identidades e dinâmicas de consumo (Dubal, 2010). No entanto, se por um lado tais estudos avançam ao se distanciar da análise “clássica” da sociologia dos esportes, por outro, comumente associam o neoliberalismo à mercantilização, a qual simplifica o futebol global à simples adoção de uma lógica econômica. Entendemos que tais perspectivas deixam à deriva um elemento que consideramos essencial para a elaboração de uma crítica consistente à representação do futebol global: a produção do sujeito neoliberal (Dardot; Laval, 2016).

Neste artigo, argumentamos que o neoliberalismo pode ser entendido não apenas como um conjunto de políticas econômicas, mas como uma racionalidade abrangente que permeia diversas esferas da vida social (Foucault, 2008). Essa racionalidade desempenha um papel central na transformação do futebol em um fenômeno global que produz e reproduz desigualdades e contradições do capitalismo contemporâneo. Buscamos, portanto, lançar uma luz sobre essa questão. Nossa hipótese é a de que, para uma compreensão crítica do futebol global, se faz necessário conectar as relações micro e macro que perpassam o esporte. Inicialmente, debatemos como o conceito de racionalidade neoliberal (Foucault, 2008; Brown, 2015; Dardot; Laval, 2016), oferece um caminho para a construção dessa mediação, justamente por estabelecer sua crítica na produção de subjetividades singulares ao tempo histórico do presente. Fundamentamos nosso argumento com a análise de dois casos: o do futebolista belga Jean-Marc Bosman e o do crescimento de expressão de clubes europeus através da prática de *sportswashing*. Ambos permitem identificar como a racionalidade neoliberal se estabelece no esporte, suscitando particularidades que não apenas são pouco partilhadas por outros esportes como tornam o futebol um espaço geopolítico de excelência na experimentação subjetiva para o controle social.

1 Repensando a racionalidade neoliberal

Embora o neoliberalismo seja um conceito elusivo, caracterizado por uma definição inconsistente, imprecisão empírica e controvérsias frequentes (Wacquant, 2012), suas dimensões sociais se fizeram mais complexas a partir da emergência de governos neoliberais, desde o final dos anos 1970, que ocasionaram desmontes do Estado de Bem-Estar Social, através da desregulamentação, da privatização e da redução do papel do Estado na provisão de serviços públicos. Ao contrário de um entendimento econômico e político do neoliberalismo, como esboçado pelas diversas vertentes marxistas, a conceituação como racionalidade, esboçada sobretudo nas aulas de Michel Foucault no Collège de France em 1979, revela significativas nuances sociais que merecem ser exploradas. Foucault (2008), ao se debruçar sobre o conceito de governamentalidade

para compreender a arte de governar, entende que este ultrapassa o exercício de poder da soberania, abrangendo também o poder exercido sobre as populações e sobre suas condutas individuais e coletivas. Assim, Foucault acaba por elaborar uma genealogia do neoliberalismo, ao constatar a presença de uma complexa forma de governamentalidade que se estende a partir do mercado para o Estado e outras instituições, envolvendo novas práticas regulatórias de intervenção e vigilância (Gane, 2012).

Essa forma de racionalidade, o neoliberalismo, é específica e distinta do pensamento liberal tradicional, conforme busca dar uma resposta à tensão estabelecida no interior do liberalismo, entre a consolidação da liberdade e o estabelecimento de controles e limitações (Madra; Adaman, 2013). Ao entender que o neoliberalismo propõe um “retorno ao homo oeconomicus”, e que este último é, sobretudo, “um empresário de si mesmo”, Foucault revela que o neoliberalismo se assenta sob uma lógica de produção de capital humano, ou seja, necessitando de um “conjunto de investimentos feitos no nível do próprio homem” (Foucault, 2008, p. 310-311, 318). O neoliberalismo é, sobretudo, a “racionalidade do mercado [ampliada] a campos tidos até então como não-econômicos” (Foucault, 2008, p. 445), podendo abranger domínios diversos da vida e das instituições, como a educação, a saúde e a segurança social. Portanto, Foucault não analisa o neoliberalismo de maneira normativa, mas como parte de um projeto maior de investigação sobre o governo e as formas de verdade, presentes na crítica à sociedade disciplinar e nos excessos de poder, presentes na legitimação e perpetuação de novas formas de controle (Audier, 2015).

Ao revisitar Foucault, Wendy Brown (2015) detalha a definição de neoliberalismo como a promoção de mercados livres, comércio livre e racionalidade empresarial como normas realizadas e normativas, implementadas através de leis, políticas sociais e econômicas, organizando as esferas política e social sob a lógica do mercado (Brown, 2015; Flew, 2014). Ao se edificar como uma forma distinta de razão normativa, a qual remonta os princípios econômicos do mercado e se constitui em uma arte geral de governo, seu objetivo unívoco é “facilitar a competição econômica e o crescimento e para economizar o social, ou, como diz Foucault, para ‘regular a sociedade através do mercado’” (Brown, 2015, p. 62), restringindo as liberdades individuais ao mesmo tempo que clama pela realização destas através dos desígnios do mercado.

Ao evocar o conceito de economização, Brown (2015, p. 30-31) destaca que a transformação de esferas e práticas anteriormente não econômicas em esferas regidas pela racionalidade econômica redefine o conhecimento, a forma, o conteúdo e a conduta adequados a essas esferas. Contudo, economização não significa necessariamente monetização das formas de vida: ela implica a criação de constantes incentivos para que os indivíduos adotem pensamentos e comportamentos orientados para o mercado,

mesmo em áreas onde a riqueza monetária não é a principal preocupação, como a educação, a saúde, a boa forma, a vida familiar ou o envolvimento comunitário. Em outras palavras, se o neoliberalismo propaga o modelo de mercado para todos os domínios da vida, ele reconfigura os seres humanos como atores perpétuos do mercado como “homo oeconomicus” – o que não necessariamente designa o ethos ou a subjetividade do sujeito neoliberal como guiada por interesses (como formulado por Foucault), mas sim o “subordinado ao objetivo superveniente do crescimento macroeconômico, cujo próprio bem estar é sacrificado por estes objetivos mais amplos” (Brown, 2015, p. 83). Na acepção de Brown, portanto, a racionalidade neoliberal assume uma forma predominantemente econômica em sua subordinação, a qual tem como finalidade afetar a democracia e suas instituições para além dos indivíduos.

Se o enfoque da racionalidade neoliberal orientada para o mercado apresenta uma significativa compreensão da subordinação econômica do indivíduo nas sociedades contemporâneas, a conceituação inicial de Foucault (2008) buscava entender o poder exercido pela governamentalidade, através de uma série de instituições e práticas, sobre os comportamentos e a organização da vida social. Em consonância com Foucault e com algum contraponto à lógica fundamentalmente econômica argumentada por Wendy Brown, Dardot e Laval (2016) consideram que a racionalidade neoliberal é, sobretudo, uma racionalidade política.

Essa percepção não desconsidera que há uma imposição da lógica de mercado a todas as esferas da vida social, mas enfatiza que há um sentido político, que gestiona e organiza as relações sociais de acordo com princípios de eficiência, competição e rentabilidade. O sucesso da racionalidade neoliberal se dá a partir de um direcionamento global, mas sem a presença de um artífice, convergindo para a elaboração e aceitação de um

conjunto de discursos, práticas, dispositivos de poder visando à instauração de novas condições políticas, a modificação das regras de funcionamento econômico e a alteração das relações sociais de modo a impor esses objetivos (Dardot; Laval, 2016, p. 191).

Essa nova lógica ergueu-se a partir das orientações disciplinares construídas pelos Estados no Pós-Guerra, gerando um “sistema disciplinar mundial” (Dardot; Laval, 2016, p. 197). A natureza desse sistema – que altera as relações entre os Estados, as empresas e as práticas individuais – provém de uma profunda mudança de mentalidades, assentada na “interiorização das normas de desempenho, a autovigilância constante para adequar-se aos indicadores e a competição com os outros” (Dardot; Laval, 2016, p. 317). Portanto, a racionalidade neoliberal é, antes de tudo, uma normatividade discursiva e prática, que apesar de ser claramente direcionada, é praticamente imperceptível.

A eficácia da racionalidade neoliberal se deve fundamentalmente ao processo de subjetivação: “o novo sujeito é o homem da competição e do desempenho. O empreendedor de si é um ser feito para ‘ganhar’, ser ‘bem-sucedido’. O esporte de competição [...] continua a ser o grande teatro social que revela os deuses, os semideuses e os heróis modernos” (Dardot; Laval, 2016, p. 353). A competição, tal qual concebida a partir do utilitarismo evolucionista e biológico de Herbert Spencer, é, para o sujeito neoliberal, uma norma social. Assim como para Friedrich Hayek e Milton Friedman, a competição é um elemento central na sociedade, uma vez que seus mecanismos permitem a seleção entre os aptos e inaptos, resultando na meritocracia como um processo aparentemente justo.

Em síntese, a racionalidade neoliberal, enquanto normatividade discursiva e prática, revela-se não apenas como um sistema de organização econômica, mas também como um poderoso mecanismo de subjetivação, capaz de moldar profundamente as mentalidades e os comportamentos individuais. Ao internalizar a lógica da competição e do desempenho, o sujeito neoliberal torna-se um empreendedor de si mesmo, continuamente ajustando-se às exigências de um mercado que permeia todos os aspectos da vida social. Essa forma de governamentalidade, transcende a simples imposição de uma lógica econômica, configurando-se como uma estratégia política e social que, de maneira quase imperceptível, reconfigura as relações de poder, influenciando não apenas as instituições, mas também as subjetividades e os modos de existir contemporâneos e, sobretudo, os esportes e o futebol.

2 A Lei Bosman e as consequências ao futebol global

Jean-Marc Bosman foi um meio campista do Standard Liège que, ao término de seu contrato, desejava se transferir para o time dinamarquês Dunkirk. Duas décadas após o acontecimento, entende-se que a postura do clube belga foi controversa e de considerável importância para que levasse o jogador a entrar na justiça, abrindo um processo que ocasionou uma transformação significativa nas relações contratuais entre clubes e jogadores. No entanto, a ação do Standard Liège não tinha nada de controverso: ela estava de acordo com os códigos políticos e jurídicos que organizavam o universo do futebol europeu até então. Conforme revela o próprio jogador em uma entrevista ao *The Guardian* em dezembro de 2015, o clube belga gostaria de negociá-lo pedindo um valor quatro vezes maior do que seu passe era avaliado; se Bosman ficasse no clube, passaria a receber quatro vezes menos.

A entrada na justiça não somente teve como alvo o clube, mas também a Federação Belga de Futebol e a própria UEFA, uma vez que o que estava em questão era a negação de um direito promulgado no Tratado de Roma de 1957: a livre circulação de

trabalhadores dentro do continente europeu (Bosman, 2018). Embora tenha retirado a categoria dos jogadores de futebol de uma espécie de “escravidão moderna” na forma do passe – os clubes eram detentores dos direitos federativos dos jogadores –, as consequências que ocorreram no futebol como um todo foram amplas e complexas.

A decisão histórica do Tribunal de Justiça da União Europeia em 1995, conhecida como Lei Bosman, impactou significativamente o mundo do futebol. A decisão permitiu que os jogadores de futebol se movessem mais livremente entre clubes na Europa, alterando fundamentalmente as regras de transferência e contrato no esporte (Binder; Findlay, 2012). Foi a partir da Lei Bosman que houve um aumento substancial no número de jogadores estrangeiros que puderam atuar nas ligas europeias de elite, transformando a dinâmica do mercado de trabalho no futebol (Ichniowski; Preston, 2014). Os efeitos da Lei Bosman revelam mudanças nas equipes nacionais e de clubes na Europa, com implicações na competitividade e na integração no mercado de trabalho do futebol (Radoman, 2015). Portanto, a liberdade de movimento dos jogadores após o término de seus contratos ocasionou um impacto profundo nas dinâmicas de formação de equipes e na qualidade do jogo nas ligas europeias (Binder; Findlay, 2012), pois, ao permitir um maior número de estrangeiros nas equipes, também se permitiu maior competitividade dos clubes.

Desvinculados da obrigação de permanecer em seus clubes após o término de seus contratos, os jogadores de futebol se tornam bens escassos no “mercado da bola”, que devem ser adquiridos a qualquer custo, seja por meio de iniciativas futebolísticas que vão além da mera perspectiva financeira, seja através de contratos atraentes com valores substanciais. A atratividade que é evidenciada na ida de jogadores – principalmente da periferia do globo – ao centro europeu, pode ser compreendida a partir dos projetos individuais que tais indivíduos perseguem para si e para seus familiares. Ao pertencerem a nações que o acesso a direitos sociais é debilitado, tal como a saúde e a educação, a migração para os centros europeus pode significar uma melhoria qualitativa de sua vida (Robertson; Giulianotti, 2006).

Contudo, essa capacidade de aquisição não é uma realidade de todos os clubes das do continente europeu. Ao apontar a realidade de seu clube de coração, o FC Lyn, o antropólogo norueguês Thomas Hylland Eriksen demonstra a situação de clubes e ligas que não possuem os meios necessários para alcançarem as “benesses” da globalização. Segundo o antropólogo, a realidade de jogadores como o nigeriano John Obi Mikel se estabelecendo por pouco tempo no futebol local era preferível tanto para os torcedores quanto aos dirigentes, e principalmente para o próprio jogador, dado que seu bom desempenho resultou na transferência para o Chelsea (Eriksen, 2007). O aspecto notável dessa relação mercadológica é que, à medida que a contrapartida é a entrada de uma quantia que o clube não possuía em caixa, isso poderia representar tanto a aplicação de novos projetos quanto a formação de novos jogadores.

Portanto, a Lei Bosman teve um impacto profundo no futebol, contribuindo não apenas para a globalização do esporte, mas sobretudo para a acentuação das desigualdades financeiras entre clubes. Com a livre circulação de jogadores, clubes mais ricos foram capazes de contratar talentos de todo o mundo, exacerbando a concentração de talentos e recursos em clubes de elite, principalmente nos campeonatos mais ricos, como a Premier League inglesa, La Liga espanhola e a Bundesliga alemã (Pizarro, 2021). O caso Bosman é particularmente relevante para entender essas relações. Não por acaso, em 26 de dezembro de 1999, em uma partida entre Chelsea e Southampton válida pela Premier League, inaugurou-se um fato que posteriormente se tornaria banal: uma equipe inglesa composta por onze estrangeiros. Bertozzi (2014) aponta que não apenas a Lei Bosman mas também a expansão da UEFA Champions League foram fatores que transformaram significativamente o futebol europeu, embora seja a Lei Bosman justamente o ponto de partida mais significativo para a atual configuração do futebol global em uma racionalidade neoliberal.

3 Manchester City, Newcastle United e Paris Saint-Germain: o “*sportswashing*”

A internacionalização da economia no âmbito esportivo induz a uma crescente necessidade de maximização da performance e desempenho de equipes e atletas, impactando em um cenário cada vez mais competitivo do esporte. Nesse contexto, o aporte de grandes cifras financeiras segue a lógica do capital fluído e globalizado, ao serem provenientes de espaços distantes do globo. Em particular, três grandes clubes têm representado uma nova fase da internacionalização do futebol, sendo eles: Manchester City, Newcastle United e Paris Saint-Germain.

No ano de 2008, o Manchester City recebeu um poderoso investimento oriundo da Abu Dhabi United Group, empresa árabe do sheik Mansour bin Zayed Al Nahyan, membro da família real de Abu Dhabi e Ministro dos Assuntos Presidenciais para os Emirados Árabes Unidos. Tal aporte financeiro representou um considerável salto qualitativo na realidade desportiva da equipe de Manchester, uma vez que passou a atrair grandes jogadores e um dos principais treinadores da atualidade e da história do futebol, o catalão Josep Guardiola. Segundo os periódicos da época, para a temporada de 2017/2018, a segunda no comando da equipe, Guardiola teria em mãos um valor próximo a R\$1 bilhão, disponível para reformular por completo o elenco (Ge, 2017). Em 15 anos, o clube deixou de figurar na parte debaixo da tabela da Premier League e alcançou feitos inéditos, como a conquista da UEFA Champions League na temporada 2022/2023, temporada que conquistou o também inédito *treble*, ao vencer o campeonato nacional e a FA Cup.

Recentemente, o Manchester City foi indiciado pela Premier League por violar mais de cem regras de *fair play* financeiro (Ge, 2023), o que resultou em uma crescente cobertura da mídia sobre a prática de *sportswashing* associada ao clube. Com o objetivo de reposicionar o país na geopolítica, os Emirados Árabes Unidos é alvo de alegações de organismos internacionais sobre sua inserção no esporte, que visa ocultar abusos de poder e violações sistemáticas de direitos humanos, como a ausência de liberdade de expressão, prisões arbitrárias e o abuso das relações de trabalho a imigrantes, que constituem 80% da população daquele país. Assim, enquanto o clube se consagra como campeão dos torneios mais prestigiados do mundo, as questões internas do país do Golfo Pérsico permanecem fora do foco da atenção pública.

O interesse de Estados e governos pelo esporte não é um fenômeno recente. Essa presença tem se manifestado de diversas formas ao longo do tempo, como exemplificado pela “diplomacia do pingue-pongue” na década de 1970, que contribuiu para o estreitamento de relações entre os Estados Unidos e a China, resultando na adesão deste último no Conselho de Segurança da ONU (Skey, 2023, p. 756). Da mesma forma, o uso de estratégias de *soft power*, caracterizado pela capacidade de influência dos países sem recorrer ao uso da força (Nye, 1990), é uma prática comum, mas requer credibilidade; quando a cobertura midiática escapa do controle dos organizadores, essas estratégias são fadadas ao fracasso. Ao considerarmos a crescente presença de países do Oriente Médio no esporte, em específico o clube da cidade de Manchester, o termo *sportswashing* tem sido aplicado na tentativa de mitigar algumas das ações e posicionamentos considerados negativos no âmbito político e de direitos humanos, em prol da produção de uma imagem integrativa produzida pelo esporte.

A princípio, haveria duas modalidades de *sportswashing*: a realização de megaventos esportivos em países com sérios problemas de direitos humanos, como demonstrado nas duas últimas edições da Copa do Mundo na Rússia, em 2018, e no Catar, em 2022; e o investimento financeiro de líderes políticos de regimes autocráticos em clubes ocidentais (Kearns *et al.*, 2024, p. 483). Além do Manchester City, exemplos desse último tipo incluem a aquisição do Paris Saint-Germain, em 2011, pelo grupo Oryx Qatar Sports Investments, do Catar, que também integra a Federação de Tênis do Catar e é CEO da beIN Media Group (Baranyi, 2017), bem como a aquisição do Newcastle United pelo Public Investment Fund (PIF) da Arábia Saudita, realizada em outubro de 2021. A partir de então, o debate sobre o *sportswashing* foi amplificado pelos diversos meios de comunicação. Crossley e Woolf (2024) ilustram essa discussão ao apontar a ocorrência de mais de 400 artigos que mencionam “Newcastle United” e “*sportswashing*” no banco de dados Lexis Nexis, enfatizando que essas correlações estabelecem o *sportswashing* como um senso comum, uma doxa, carecendo de maior esclarecimento e aprofundamento sobre o fenômeno.

As práticas de *sportswashing* são frequentemente associadas a um caráter negativo, uma vez que visam ocultar as problemáticas internas de um país a partir de seu envolvimento no esporte. Sendo um fenômeno relativamente recente na interseção entre política e esporte, essa questão carece de aprofundamentos analíticos. Contudo, Kearns *et al.* (2024) demonstram que o apoio dos torcedores do Manchester City diante das acusações de violações ao *fair play* financeiro, legitimando as práticas de *sportswashing*, introduz um novo elemento nos debates sobre a reação dos torcedores às mudanças promovidas pela neoliberalização do futebol, sintetizadas na expressão “ódio eterno ao futebol moderno”. Porém, é questionável se o binômio analítico hegemonia/resistência é suficiente para explicar o fenômeno das torcidas resistentes (Numerato, 2015), já que, na atualidade, um clube hegemônico e detentor de grandes feitos esportivos, pode ser compreendido como resistência por parte de seus torcedores (Kearns *et al.*, 2024). No entanto, para além dos limites esportivos, é fundamental posicionar esse envolvimento no âmbito do capitalismo globalizado e do neoliberalismo.

Segundo o cientista político Adam Hanieh (2018), os países do Golfo Pérsico são frequentemente situados à margem do processo de globalização. Devido à sua dependência econômica da produção e exportação de petróleo e aos seus regimes políticos autocráticos, com graves violações de direitos humanos, são inúmeras as desconfianças e críticas de caráter orientalista em relação ao seu envolvimento no esporte (Koch, 2020). Nesse contexto, uma preocupação recorrente é a inserção desses países em um cenário global, encontrando no esporte um locus ideal para tal intento, já que diversificar a economia através do esporte almeja uma maior aproximação desses países nas cadeias de integração global.

Com a globalização, a gestão neoclássica do esporte estabeleceu como princípio o capitalismo de livre mercado, priorizando os mecanismos individuais de produção e consumo, enquanto as questões governamentais eram relegadas a um segundo plano (Chadwick, 2022, p. 689). Esse modelo, que foi predominante durante boa parte do século XX, tem sido progressivamente substituído por uma “economia geopolítica do esporte”, a qual é definida pelo modo que países se envolvem no esporte por razões geográficas, políticas e econômicas distintas, com o objetivo de assegurar estratégias variadas (Chadwick, 2022, p. 693). Dessa forma, o investimento dos países do Golfo Pérsico no esporte deve ser compreendido à luz desse novo paradigma, desafiando, assim, o senso comum construído pelos meios de comunicação e pelas organizações internacionais em torno do fenômeno do *sportswashing*.

Ao analisar as estratégias geopolíticas do Catar no futebol, Almeida e Pereira (2022) apontam que a diversificação da economia realizada pelo país está inserida em um panorama de necessidade global de transição energética, ou seja, a busca de fontes

de geração de energia renováveis. Dada a dependência econômica do Catar em relação à produção de hidrocarbonetos, o país é diretamente afetado por essa tendência de mudança na utilização de recursos naturais, que estão no epicentro dos problemas relacionados às mudanças climáticas e a própria viabilidade do antropoceno. Nesse sentido, como um dos maiores produtores de gás natural do mundo, o Catar emprega o *soft power* como uma estratégia diplomática, uma vez que o futuro cenário de descarbonização representa uma ameaça à sua economia.

Nesse contexto, a criação de fundos soberanos atende a uma tentativa de proporcionar às gerações futuras o acesso à riqueza gerada pela exploração de hidrocarbonetos. O Catar e, por extensão, os demais países do Golfo Pérsico, têm adotado uma lógica que busca alternativas para um desenvolvimento econômico menos prejudicial ao meio ambiente. Isso se reflete na participação nas relações internacionais por meio da aquisição de clubes, da atração de grandes jogadores e da realização de megaeventos, como a Copa do Mundo de 2022. Porém, enquanto essa região do mundo foi dominada por potências europeias no passado, atualmente os mesmos países europeus observam a influência dos países do Oriente Médio nas decisões políticas e no estreitamento de relações com seus líderes, como evidenciado na renovação do atacante Kylian Mbappé com o Paris Saint-Germain ocorrida em 2022 (Almeida; Pereira, 2022, p. 9).

Embora o debate sobre as práticas de sportswashing tenha crescido nos últimos anos, especialmente com a cobertura da mídia que promove uma percepção negativa dessa prática, Skey alerta para uma questão fundamental. Com base na contribuição teórica do sociólogo Herbert Blumer, o autor argumenta que se trata de um “sensitizing concept” (conceito sensibilizante), pois “sugere onde procurar e o que é relevante” (Skey, 2023, p. 759, tradução nossa). Assim, a lógica adotada pela imprensa indica que o investimento de países considerados “outsiders” no processo de globalização (Hanieh, 2018) está diretamente relacionado à prática de sportswashing. Contudo, as práticas de sportswashing são usadas como uma estratégia de soft power, reverberando as mudanças qualificadas por Chadwick (2022) por “economia geopolítica do esporte”.

Nesse contexto, a presença de países do Golfo Pérsico no futebol resulta em um aumento significativo de receita para os clubes. À medida que a entrada de dinheiro nos clubes se torna cada vez mais incontrolável, faz-se necessária a implementação de normas que estabeleçam limites para tais atividades. Embora o fair play financeiro exista desde a década de 1960, ele passou a ser adotado pela UEFA em 2009, com o objetivo de controlar o orçamento dos clubes europeus (Grafietti, 2019). Apesar dessa medida vislumbrar o equilíbrio das contas dos clubes para evitar que eles fiquem incapazes de cumprir suas obrigações orçamentárias, o desenvolvimento do futebol na Europa demonstra uma dessincronização entre as esferas políticas e jurídicas dos clubes e da

UEFA. O conceito de dessincronização, presente na teoria da aceleração social de Hartmut Rosa (2019), permite identificar que a aceleração do capitalismo contemporâneo pode causar desnivelamentos, evidenciados no presente caso pela entrada acelerada de investimento global nesses clubes europeus e pela limitada capacidade do *fair play* financeiro em controlar e evitar irregularidades. Pressionado por esse mecanismo decorrente da recente transferência de Neymar Jr., o PSG precisou realizar negociações com o Monaco envolvendo o atacante Kylian Mbappé, com o objetivo de desviar tais imposições restritivas, uma vez que, caso não realizasse tal expediente, o clube poderia ser penalizado nos tribunais europeus (Ge, 2017).

A progressiva substituição de um modelo de gestão que destaca a origem dos investimentos em clubes de futebol, a chamada economia geopolítica do futebol (Chadwick, 2022), aprofunda o processo de neoliberalização do esporte, iniciado na década de 1970, mas que se torna mais evidente nos anos 1990, especialmente após o desastre de Hillsborough e a promulgação da Lei Bosman. Assim como o neoliberalismo político, o neoliberalismo no futebol emergiu em resposta a uma crise, refletindo as turbulências enfrentadas pelo esporte naquele período (Dubal, 2010). Frequentemente vista como uma janela de oportunidades para investimento econômico por parte de governantes dos países do Golfo Pérsico (England; Massoudi, 2020), a acusação contra o Manchester City por violar mais de 100 regras financeiras da Premier League exemplifica a dificuldade de conformidade às limitações jurídicas e orçamentárias a que os novos clubes globais devem se adequar (Ge, 2023), bem como sua inserção no meio do futebol.

Considerações finais

As dinâmicas neoliberais que buscamos elucidar neste artigo revelam não apenas o conflito entre direitos individuais e interesses econômicos, mas também, busca compreender como a racionalidade neoliberal se imbrica com o futebol contemporâneo. Embora pareça ser evidente que as gestões de grandes clubes adotem sincronicamente práticas que prescindem do comprometimento com a solidariedade social e com os direitos individuais e humanos, este é ainda um processo que apresenta muitas invisibilidades.

Consideramos que, para compreender a racionalidade neoliberal, é crucial analisar casos empíricos que ilustram como essa lógica se manifesta em contextos específicos, revelando suas implicações para as esferas social, política e econômica. O caso de Jean-Marc Bosman, cujo julgamento revolucionou as regras de transferência no futebol europeu, exemplifica como a racionalidade neoliberal penetra e reorganiza as instituições esportivas, transformando jogadores em mercadorias, onde a liberdade individual

é instrumentalizada em nome da eficiência econômica e competitividade global. Da mesma forma, a tentativa de diversificação da economia realizado por Arábia Saudita, Catar e Emirados Árabes Unidos ao adquirir clubes europeus de futebol, entendido o fenômeno do *sportswashing*, reflete a instrumentalização do esporte por Estados e corporações para reabilitar suas imagens e legitimar regimes autoritários, mostrando como a racionalidade neoliberal se estende para além da economia, afetando a geopolítica e as relações internacionais. Esses exemplos evidenciam como o neoliberalismo molda práticas sociais e culturais, revelando suas nuances como uma forma de governamentalidade que redefine as dinâmicas de poder e subjetivação no mundo contemporâneo.

O futebol, ao ser instrumentalizado pela racionalidade neoliberal, cria padrões de comportamento, subjetivações imperceptíveis e realizadas por meio de práticas que se diferem de uma ética civilizatória do esporte e afirmam sua perspectiva de controle social. Uma possível continuidade do estudo aqui presente é a análise da desconexão dos clubes com suas comunidades locais, o que pode evidenciar também estratégias de resistência ao neoliberalismo, com o objetivo de resgatar e fortalecer tais vínculos sociais e afetivos.

Referências

ALMEIDA, R. A.; PEREIRA, A. S. A. Ousadia e alegria: sportswashing e soft power do Catar através do futebol. **Revista do Departamento de Geografia**, v. 42, p. e203554-e203554, 2022.

ALVITO, M. "A parte que te cabe neste latifúndio": o futebol brasileiro e a globalização. **Análise Social**, v. 41, n. 179, p. 451-474, 2006. DOI: <https://doi.org/10.31447/AS00032573.2006179.08>.

AUDIER, S. Neoliberalism through Foucault's Eyes. **History and Theory**, v. 54, p. 404-418, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1111/hith.10768>.

BAIRNER, A. Assessing the sociology of sport: on national identity and nationalism. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 50, n. 4-5, p. 375-379, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1177/1012690214538863>.

BARANYI, L. De onde o Paris Saint-Germain tira tanto dinheiro? **GQ**, 18 jul. 2017. Disponível em: <https://gq.globo.com/Corpo/Esportes/noticia/2017/07/de-onde-o-paris-saint-germain-tira-tanto-dinheiro.html>. Acesso em: 25 maio 2021.

BERTOZZI, L. A Lei Bosman se consolidou, e mudou o futebol mundial. **Trivela**, 13 jan. 2014. Disponível em: <https://trivela.com.br/europa/a-lei-bosman-se-consolidou-e-mudou-futebol-mundial/>. Acesso em: 24 maio 2021.

BINDER, J. FINDLAY, M. The effects of the bosman ruling on national and club teams in europe. **Journal of Sports Economics**, v. 13, n. 2, p. 107-129, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1177/1527002511400278>.

BOSMAN, J-M. I think I did something good – I gave players rights. Entrevistador: James Riach. **The Guardian**, 12 dez. 2015. Disponível em: <https://www.theguardian.com/football/2015/dec/12/jean-marc-bosman-players-rights-20-years> . Acesso em: 24 maio 2021.

BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BOURDIEU, P. Programa para uma sociologia do esporte. *In*: BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004, p. 207-220.

BROWN, W. **Undoing the Demos. Neoliberalism's Stealth Revolution**. New York: Zone Books, 2015.

CHADWICK, S. From utilitarianism and neoclassical sport management to a new geopolitical economy of sport. **European Sport Management Quarterly**, v. 22, n. 5, p. 685-704, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1080/16184742.2022.2032251>.

CROSSLEY, S.; WOOLF, A. 'Fog on the tyne'? The 'common-sense' focus on 'sportswashing' and the 2021 takeover of Newcastle United. **International Journal of Sport Policy and Politics**, v. 16, n. 2, p. 307-322, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1080/19406940.2024.2342394>.

DARDOT, P. ; LAVAL, C. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DUBAL, S. The neoliberalization of football: Rethinking neoliberalism through the commercialization of the beautiful game. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 45, n. 2, p. 123-146, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1177/1012690210362426>.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação: desporto e lazer no processo civilizacional**. Coimbra: Edições 70, 2019.

ENGLAND, Andrew; MASSOUDI, Arash, 'Never waste a crisis': inside Saudi Arabia's shopping spree. **FT.com**, 25 maio. 2020. Disponível em: <https://www.ft.com/content/af2deefd-2234-4e54-a08a-8dbb205f5378>. Acesso em: 13 ago. 2024.

ERIKSEN, T.H. Steps to an ecology of transnational sports. **Global Networks**, v.7, n.2, p. 154-165, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1471-0374.2007.00162.x>.

FOUCAULT, M. **Nascimento da Biopolítica**. Curso dado no College de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FLEW, T. Six theories of neoliberalism. **Thesis Eleven**, v. 122, n. 1, p. 49-71, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1177/0725513614535965>.

GANE, N. The governmentalities of neoliberalism: panopticism, post-panopticism and beyond. **The Sociological Review**, v. 60, n. 4, p. 611-634, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1467-954X.2012.02126.x>.

GE. Manchester City é acusado de violar regras financeiras da Premier League. **Ge**, 06 fev. 2023. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-ingles/noticia/2023/02/06/manchester-city-e-acusado-de-violar-regras-financeiras-da-premier-league.ghtml>. Acesso em: 13 ago. 2024.

GE. Revolução? Guardiola prepara limpeza no City com R\$ 1 bilhão para reforços. **Ge**, 17 jan. 2017. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-ingles/noticia/2017/01/pep-guardiola-tera-quase-r-1-bilhao-para-investir-em-reforcos-diz-jornal.html>. Acesso em: 25 maio. 2021.

GE. PSG e Monaco fecham acordo para a transferência de Mbappé, diz jornal. **Ge**, Paris, 27 ago. 2017. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-frances/noticia/psg-e-monaco-fecham-acordo-para-a-transferencia-de-mbappe-diz-jornal.ghtml>. Acesso em: 26 maio 2021.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GIULIANOTTI, R.; ROBERTSON, R. The globalization of football: a study in the glocalization of the 'serious life'. **The British Journal of Sociology**, v. 55, n. 4, p. 545-568, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1468-4446.2004.00037.x>.

GRAFIETTI, C. O que é Fair Play Financeiro: para começar a conversa no bar. **InfoMoney**, 5 dez. 2019. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/colunistas/cesar-grafietti/o-que-e-fair-play-financeiro-para-comecar-a-conversa-no-bar/>. Acesso em: 25 maio 2021.

HANIEH, A. **Money, markets, and monarchies: The Gulf Cooperation Council and the political economy of the contemporary Middle East**. Cambridge: University Press, 2018.

ICHNIOWSKI, C. PRESTON, A. Do star performers produce more stars? peer effects and learning in elite teams. **NBER Working Paper Series**, 20478, 2014. Disponível em: <http://www.nber.org/papers/w20478>. Acesso em: 26 maio. 2021. DOI: <https://doi.org/10.3386/w20478>.

KARAK, A. Accumulation by Dispossession: A Marxist History of the Formation of the English Premier League. **Review of Radical Political Economics**, v. 49, n. 4, p. 615-632, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1177/0486613416635039>.

KEARNS, C.; SINCLAIR, G.; BLACK, J.; DOIDGE, M.; FLETCHER, T.; KILVINGTON, D.; LISTON, K.; LYNN, T.; SANTOS, G. 'Best run club in the world': Manchester City fans and the legitimization of sportswashing? **International Review for the Sociology of Sport**, v. 59, n. 4, p. 479-501, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1177/10126902231210784>.

KOCH, N. The geopolitics of Gulf sport sponsorship. **Sport, Ethics and Philosophy**, v. 14, n. 3, p. 355-376, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1080/17511321.2019.1669693>.

MADRA, Y. M.; ADAMAN, F. Neoliberal reason and its forms: De-politicisation through economisation. **Antipode**, v. 46, n. 3, p. 691-716, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1111/anti.12065>.

NUMERATO, D. Who says "no to modern football?" Italian supporters, reflexivity, and neo-liberalism. **Journal of Sport and Social Issues**, v. 39, n. 2, p. 120-138, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1177/0193723514530566>.

NYE, J. S. Soft power. **Foreign policy**, n. 80, p. 153-171, 1990. DOI: <https://doi.org/10.2307/1148580>.

PIZARRO, J. O. A globalização e o futebol: O processo da acentuação de desigualdade. [SYN] THESIS, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 39-59, jan./abr. 2021.

RADOMAN, M. Labor market implications of institutional changes in European football. *Journal of Sports Economics*, v. 18, n. 7, 651-672, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1177/1527002515594555>

ROBERTSON, R.; GIULIANOTTI, R. Fútbol, globalización y glocalización. **Revista Internacional de Sociología**, v. LXIV, n. 45, p. 9-35, 2006. DOI: <https://doi.org/10.3989/ris.2006.i45.14>.

ROSA, H. **Aceleração: a transformação das estruturas temporais na Modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

SKEY, M. Sportswashing: Media headline or analytic concept? **International Review for the Sociology of Sport**, v. 58, n. 5, p. 749-764, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1177/10126902221136086>.

WACQUANT, L. Três etapas para uma antropologia histórica do neoliberalismo realmente existente. **Caderno CRH**, v. 25, p. 505-518, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-49792012000300008>.



As fronteiras entre futebol e política nas ditaduras latino-americanas

Luiza Brazuna¹

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Pedro da Silva Costa Machado Milheiro²

Universidade Federal da Bahia

José Paulo Florenzano³

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Resenha de NEME, Fabiano; BELLÉ, Matheus. **Condor F.C.:** o uso político do futebol nas ditaduras da América Latina. Porto Alegre: Ed. dos Autores, 2022.

The borders between soccer and politics in Latin American dictatorships

Review of NEME, Fabiano; BELLÉ, Matheus. **Condor F.C.:** o uso político do futebol nas ditaduras da América Latina. Porto Alegre: Ed. dos Autores, 2022.

Las fronteras entre fútbol y política en las ditaduras latinoamericanas

Reseña de NEME, Fabiano; BELLÉ, Matheus. **Condor F.C.:** o uso político do futebol nas ditaduras da América Latina. Porto Alegre: Ed. dos Autores, 2022.

Introdução

O advogado Fabiano Neme e o arqueólogo Matheus Bellé são porto-alegrenses que compartilham, assim como muitos latino-americanos, duas grandes paixões: o futebol e a política. Por isso mesmo, o propósito do livro é explorar as interconexões entre esses dois elementos por meio da apresentação de histórias e fatos que demonstram a proximidade entre o futebol e as ditaduras da Argentina, do Brasil, do Chile e do Uruguai.

1. Graduanda em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

2. Graduando em Direito pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).

3. Atualmente é coordenador do curso de Ciências Sociais e professor do departamento de antropologia da PUC-SP, membro do Conselho Consultivo do Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CRFB) do Museu do Futebol, em São Paulo, e membro do Conselho Editorial das Edições Ludens do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre o Futebol e Modalidades Lúdicas da USP.

Para isso, os autores começam com uma breve contextualização da conjuntura política ditatorial nesses quatro países. O ponto em comum culminante entre todas essas ditaduras centra-se na Operação Condor, operação norte-americana clandestina iniciada em 1975 dentro do contexto da disputa político-ideológica que marcou os anos da Guerra Fria. A partir dos pactos firmados entre Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai, as ditaduras colaborariam entre si para manter a América Latina “presa a uma ideologia de exploração da força de trabalho e internacionalização do capital, e, pela repressão, livre do risco de seguir o exemplo de Cuba e se aliar ao bloco socialista capitaneado pela União Soviética” (Neme; Bellé, 2022, p. 24).

A fim de atingir, na presente resenha, a melhor exposição do conteúdo político-futebolístico dos episódios narrados no livro, decide-se separá-la em duas seções: uma primeira que demonstra a instrumentalização do futebol por parte e em prol dos regimes ditatoriais latino-americanos nos quatro países mencionados, e uma segunda que explicita o ambiente futebolístico enquanto um espaço de resistência latino-americana contra as ditaduras.

1 As ditaduras e a instrumentalização do futebol

Os autores nos contam alguns eventos do futebol latino-americano que acabam por escancarar a instrumentalização política desse esporte por parte das ditaduras nos quatro países por eles analisados. Tais eventos vão desde o uso da Copa de 1970 em favor da ditadura capitaneada por Emílio Garrastazu Médici até o desastroso Mundialito no Uruguai em 1980. Seguindo uma linha cronológica, comentemos primeiro sobre a Copa de 1970.

Sediada no México, a Copa de 70 foi de extrema importância para Médici, presidente do regime desde 1969, que encontrou no futebol “o elemento ideal para desviar o foco brasileiro do uso indiscriminado da violência de Estado” (Neme; Bellé, 2022, p. 65), já em um contexto de vigência do Ato Institucional 5, que marca o início dos chamados “anos de chumbo” da ditadura brasileira. Partindo desta premissa, Médici passa a agir enquanto uma figura íntima à seleção e não poupa esforços seja para acompanhar partidas e disponibilizar preparadores físicos ligados ao Exército para treinamento dos atletas, para interferir diretamente na Seleção.

As influências de Emílio Médici na seleção que representaria o Brasil na Copa de 70 significam as primeiras demonstrações de uma instrumentalização da Copa e do próprio futebol por parte do regime militar, que não estava disposto a aceitar quaisquer nomes ou elementos na seleção brasileira que não servisse para passar uma imagem positiva da ditadura. Por isso o técnico João Saldanha, ex-membro do Partido Comunista

Brasileiro, com quem Médici possuía claras divergências inclusive políticas, foi substituído por Zagallo, que passava uma imagem disciplinada, ordenada e aliada ao regime que agradava muito mais ao ditador. Outro marcante exemplo dessa ingerência, que ganhou capítulo próprio no “Condor F.C.”, foi o banimento da família Antunes da seleção brasileira. O irmão mais velho, Edu, teve seu nome riscado da lista convocatória de João Saldanha para as eliminatórias da copa de 70; Fernando, que havia sido professor no Programa Nacional Paulo Freire (PNA), foi perseguido pela ditadura durante toda a sua carreira, pendurando as chuteiras aos 26 anos; e o irmão mais novo da família, Zico, cortado da seleção olímpica de 1972.

Outro elemento que explicita essa instrumentalização desse esporte que significa tanto para os brasileiros é puramente imagético: Médici via na Copa, grande evento não só para o Brasil, mas para o mundo como um todo, uma oportunidade de passar uma imagem amigável do regime, aproveitando-se não só do futebol em si, mas do próprio sentimento de união e solidariedade que ele provoca no coletivo.

De modo muito parecido, Neme e Bellé descrevem a relação entre o ditador Pinochet, no Chile, com o time Colo-Colo. De acordo com os autores, “o regime realizou intervenções pontuais com o propósito de manejar o futebol em proveito próprio” (Neme; Bellé, 2022, p. 40), sendo a mais relevante delas, provavelmente, o ajuste do calendário para que o Colo-Colo, time com a maior torcida chilena, jogasse sempre no dia 11 de setembro, dia esse que celebra o golpe militar. Essas intervenções podem parecer meramente simbólicas, mas elas contêm, na verdade, forte conteúdo político, uma vez que significam, como já dito, aliar todo o sentimento e a festividade que circundam o futebol diretamente ao regime militar. Essa instrumentalização do futebol por parte do regime militar chileno, manifestada por sua interferência no gigante chileno Colo-Colo, materializa-se quando Augusto Pinochet é nomeado Presidente de Honra do Clube, título que permaneceu até 2015, quando, em votação histórica, os sócios do Colo-Colo optaram por removê-lo de seus quadros históricos.

O uso político da Copa do Mundo efetivou-se, novamente, na Argentina em 1978. A Copa de 1978 foi, assim como Médici fez com a Copa de 1970, uma chance de construir uma imagem positiva do regime militar argentino, dessa vez com a vantagem de poder fazer desse grande evento uma cortina de fumaça para as violências que assolavam o país, já que a Copa se realizaria em solo celeste. Como disseram Neme e Bellé (2022):

A utilização de Buenos Aires como palco da Seleção Argentina era de interesse do regime, tanto pela densidade populacional, que possibilitava estádios lotados de pessoas com bandeiras argentinas e cantando o hino a plenos pulmões, quanto pelo alto investimento em obras na cidade em comparação com as demais províncias (p. 32).

Na Copa de 78, as influências do regime militar no futebol se deram de forma ainda mais direta. Na segunda fase da Copa de 78, a definição das seleções que disputariam a final ficou para a última rodada. Na disputa estavam Brasil x Polônia e, do outro lado, Argentina x Peru, ficando estabelecido que, entre as quatro, quem obtivesse melhor desempenho enfrentaria a Holanda na final. O jogo entre Brasil x Polônia, que deveria acontecer no mesmo horário que Argentina x Peru foi antecipado, permitindo que a Argentina soubesse que precisaria de, no mínimo, uma goleada de 4 x 0 em cima da seleção peruana para se classificar. De acordo com Bellé e Neme, a Argentina ganhou de 6 x 0, avançando para a final, mas a partida entre a seleção argentina e a peruana foi “rodeada de elementos estranhos”:

O presidente peruano, Francisco Morales Bermúdez, ligou para Héctor Chumpitaz, capitão da sua seleção, e deu a entender que era importante que a Argentina se classificasse. Essa mensagem foi reforçada pelo chefe da delegação peruana e filho do presidente [...]. No dia do jogo, o ditador Videla, acompanhado do ex-secretário de Estado norte-americano Henry Kissinger, foi ao vestiário da seleção peruana, e informou a doação de trigo argentino para o País, que seria concretizada alguns dias após a partida, como um estímulo velado para que os peruanos cedessem a goleada necessária para a classificação da Argentina (Neme; Bellé, 2022, p. 33).

Mesmo em meio a tudo isso, os autores afirmam que a maior contradição da Copa de 78 ocorria nos porões da Esma, maior centro de tortura da ditadura argentina, onde, em dias de jogo, os torturadores convidavam seus presos para assisti-lo juntos e os abraçavam nos gols, cantando. Lívia Gonçalves Magalhães (2014), em seu livro “Com a taça nas mãos: sociedade, Copa do Mundo e ditadura no Brasil e na Argentina”, faz relato no mesmo sentido, indo além ao afirmar que, inclusive para a maioria dos presos, a época da Copa de 78 era um período de euforia, de torcer para a Seleção Argentina. Resta imaginar o que significou esse período para a minoria dos presos, que tiveram seus gritos abafados por uma narrativa político-futebolística que prejudicava o próprio povo argentino.

Por último, vale a pena mencionar o Mundialito no Uruguai em 1980 e 1981. No contexto do plebiscito que almejava tornar perene o regime ditatorial uruguaio, a copa de ouro dos campeões mundiais foi idealizada como comemoração aos 50 anos da primeira Copa do Mundo, mas, para o comando militar uruguaio, deveria atingir objetivos políticos que beneficiariam o regime, utilizando a seleção uruguaia como um símbolo nacional forte (Neme; Bellé, 2022, p. 121). No entanto, mesmo com o Uruguai campeão, a tentativa de sua instrumentalização não apenas fracassou como teve o efeito reverso: a comemoração da vitória reuniu, também, a felicidade pelo resultado do plebiscito que negava continuidade à ditadura, representado pela cantoria do hino nacional com ênfase no trecho “tiranos, temam”.

2 Futebol e resistência latino-americana

A despeito das tentativas e efetivas instrumentalizações do futebol para benefício dos regimes ditatoriais latino-americanos, o fenômeno sociocultural multifacetado que é o futebol, também foi campo de resistência e denúncia das ditaduras. As resistências que se deram no âmbito futebolístico foram dos mais diversos tipos e vieram dos mais diferentes atores de vários cantos do mundo.

Em 1973, logo no início da ditadura de Pinochet, a seleção chilena disputava uma vaga classificatória para a copa do ano seguinte contra a seleção da União Soviética (URSS), e viajou para Moscou para jogar uma partida decisiva. Embora não haja registros da partida, já que a mídia soviética, em um ato político, recusou-se a televisionar o jogo, sabe-se que a partida terminou no 0 x 0 e que o jogo de volta fora marcado para o 21 de novembro do mesmo ano, no Estádio Nacional do Chile.

Sabendo que esse estádio era utilizado para torturar presos e perseguidos pela ditadura chilena, a seleção soviética exigiu que se mudasse o lugar da partida, para que se pudesse jogar em um campo “neutro”. Após a confirmação de manutenção do Estádio Nacional chileno enquanto local da partida, a Federação de Futebol da União Soviética emite comunicado oficial, responsabilizando a própria Fifa pela falta de bom senso de deixar que uma partida importante tomasse palco em um lugar “sujo com o sangue de patriotas chilenos”, informa que, por questões morais, a URSS não jogaria.

Mesmo assim, a Fifa mantém o jogo, em que o Chile deveria marcar um gol apenas para se classificar para a Copa de 74 na Alemanha Ocidental. E foi assim que se deu o que ficou conhecido como “a partida da vergonha”: a seleção chilena entra em campo sem adversário e empurra a bola para uma goleira vazia. Em uma época que as ditaduras enxergavam no futebol uma forma de propaganda dos seus regimes, pode-se imaginar o simbolismo de uma partida tão vergonhosa.

Além desse ato político-futebolístico por parte da seleção soviética, tem-se o emblemático caso da volta olímpica ao contrário do Clube Atlético Defensor do Uruguai. O Clube chegou à última rodada do campeonato uruguaio de 1976 precisando realizar uma goleada em cima do Rentistas para ser campeão, já que o gigante uruguaio Peñarol havia vencido seu adversário por 3 x 1. No vestiário, o técnico De León, filiado ao Partido Comunista Uruguaio, abordou o jogador Beethoven Javier sobre a possibilidade de uma comemoração especial caso ganhassem o título, pois esta seria uma oportunidade ideal para demonstrar resistência ao regime militar de Bordaberry. Como afirmam Neme e Bellé (2022):

Nem todos os presentes eram torcedores violetas, mas todos estavam lá pela oportunidade de ver um clube médio fazer história ao ser o primeiro a furar

a tradição dos campeões uruguaios e, também, pelo que representava torcer pelo Defensor naquele momento: estar do lado oposto ao da ditadura militar, se opondo também à tortura, à morte e toda a opressão imposta pelo regime (Neme; Bellé, 2022, p. 108).

Em uma partida difícil, o Defensor consagra-se campeão do campeonato uruguaio daquele ano e leva a taça para dar uma volta olímpica ao contrário, “simbolizando a resistência ao regime de terror imposto pelos militares” (Neme; Bellé, 2022, p. 108). É justamente através de simbolismos como esse que reside uma das grandes frentes da resistência latino-americana contra regimes ditatoriais através do futebol.

Mas não é somente através de atos simbólicos que se deu a resistência política-futebolística na América Latina. Na famosa Copa de 78, na Argentina, importantes movimentos como, em especial, as Mães da Praça de Maio aproveitaram as atenções da mídia internacional voltadas ao país argentino naquele momento para denunciar os sequestros de seus filhos pela ditadura. Além disso, vale destacar a atuação do grupo guerrilheiro argentino Montoneros durante essa mesma copa, que enxergavam nela uma oportunidade de se fazerem vistos e ouvidos.

Foi nesse contexto que, no dia 6 de junho de 1978, no meio da partida entre Argentina e França, a transmissão do jogo foi interrompida pela voz do líder dos Montoneros para a emissão de um relato que revelava a dolorosa e cruel conjuntura argentina. Naquele momento, não havia lado definido no futebol. Esse esporte, tão caro para todos os latino-americanos, virou um campo de disputa de narrativas, em que, por um lado era instrumentalizado por aqueles que nada entendem sobre o sentimento de união e solidariedade que ele provoca, e, por outro, era visto como uma oportunidade de ecoar os gritos de resistência e dor de toda uma multidão.

Considerações finais

Um jogo. Uma bola. O campo é lugar do imprevisível, do indomável. Dois times com interesses irremediavelmente inconciliáveis. Para um ganhar, o outro tem que perder, e eventual empate apenas adia o resultado para o futuro. Por trás de cada time, uma multidão e, entre esses dois elementos, representante e representado, uma relação de necessidade: um precisa do outro e se reconhece nele.

Durante a leitura do livro “Condor F.C.”, somos colocados diante do “futebol” como vilão e do Futebol como resistência, ou melhor, diante, por um lado, do uso político do futebol e, de outro, do futebol encarado de forma política. As ditaduras latino-americanas, conforme a primeira parte da produção ilustra, atuaram alterando e intervindo diretamente no jogo, buscando no futebol a certeza do favorecimento de

suas seleções e, assim, desfigurando-o, transformando-o em outra coisa. A escolha do local dos jogos da seleção argentina e a garantia da vitória contra o Peru na Copa de 78, o financiamento especial do governo ditatorial chileno ao Colo-Colo e a intervenção na escalação e no comando técnico da seleção brasileira são exemplos disso.

Por outro lado, as denúncias encontraram no futebol uma plateia cheia. Não se tratou da instrumentalização do esporte; tratou-se, antes, de reconhecer que também há política no futebol, como em tudo que é social, em certo sentido, e que, portanto, ali era um legítimo e profícuo veículo de vozes importantes contra os regimes instaurados. Repleto de simbolismos como a volta olímpica ao contrário dada pelo Defensor do Uruguai, a recusa em jogar a Copa do Mundo – no fim se tratava disso – da seleção da URSS por ter que disputar a classificação no Estádio Nacional chileno, então utilizado como prisão, e a operação dos Montoneros ao invadir a transmissão dos jogos. Tudo isso faz parte, por assim dizer, do futebol como manifestação autêntica dos povos, ou, nas palavras de José Miguel Wisnik, “faz parte dos vários jogos que ele abarca” (Wisnik, 2008, p. 9).

Não à toa, os relatos dos prisioneiros como Tamburrini, que “tomado pela sensação de pertencimento” se juntou “não só às vozes contra a ditadura, mas também àquelas que comemoravam uma classificação no futebol” (Neme; Bellé, 2022, p. 93), ou de Graciela Daleo (Neme; Bellé, 2022, p. 35), que, enclausurada na Esma, “comemora a vitória da seleção Argentina”, deixam transparecer a impossibilidade do sequestro do futebol por interesses impopulares e autoritários.

Por fim, alinhados com a conclusão a que chegam os autores, o resgate da história política do futebol, principalmente em tempos de ressurgimento do autoritarismo no mundo, insere-se no contexto de luta para a “América-latina livre, democrática e soberana” (Neme; Bellé, 2022, p. 133). Afinal, no futebol, o pior cego é aquele que só vê a bola⁴.

Referências

MAGALHÃES, Livia Gonçalves. **Com a taça nas mãos**: sociedade, Copa do Mundo e ditadura no Brasil e na Argentina. Rio de Janeiro, RJ: Lamparina, 2014.

NEME, Fabiano; BELLÉ, Matheus. **Condor F.C.**: o uso político do futebol nas ditaduras da América Latina. Porto Alegre, RS: Ed. dos Autores, 2022.

WISNIK, José Miguel. **Veneno Remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2008.

4. Citação de Nelson Rodrigues, também utilizada no livro.



“O futebol coloca em pauta e dá visibilidade a temas importantes para o país”: conversa com Carmen Rial

Carmen Rial¹  

Universidade Federal de Santa Catarina

Cristiano Mezzaroba²  

Universidade Federal de Sergipe

Daniel Machado da Conceição³  

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo

Entrevista realizada com Carmen Rial, Coordenadora do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Estudos do Futebol Brasileiro, feita por Cristiano Mezzaroba e Daniel Machado da Conceição. Ao longo da entrevista, a pesquisadora aborda o seu envolvimento paralelo a sua trajetória com a temática do futebol, a ideia de criar o INCT, a sua principal característica – que é o seu caráter interdisciplinar e interinstitucional –, e a rede de pesquisadores e pesquisadoras vinculados a ele. Além disso, aborda a produção do conhecimento nas Humanidades a respeito do futebol e a importância desse objeto social a quem se dedica à dimensão investigativa e impactos nas políticas públicas e na educação.

Palavras-chave

Carmen Rial. INCT. Futebol brasileiro. Humanidades.

1. Doutorado em Sociologia e Antropologia pela Université Paris Descartes-Sorbonne; Professora Titular do Departamento de Antropologia da UFSC, atuando no Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas. Coordenadora Geral do INCT Estudos do Futebol Brasileiro.

2. Doutor em Educação (UFSC), Professor do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação (UFS). Bolsista Pós-Doutorado no Exterior (PDE/CNPq) e coordenador da Linha “Mídias, Torcidas e Movimentos antirracistas” (INCT/CNPq).

3. Doutor em Educação (UFSC), Coordenador Educativo do Instituto Abre (Maringá/PR) e Professor de História na Rede Municipal de Florianópolis/SC. Coordenador da Linha “Clubes, formação, carreira e migração” do INCT Estudos do Futebol Brasileiro/CNPq.

“Football puts on the agenda and gives visibility to important issues for the country”:
conversation with Carmen Rial

Abstract: Interview conducted with Carmen Rial, the National Institute of Science and Technology Studies of Brazilian Football Coordinator, made by Cristiano Mezzaroba and Daniel Machado da Conceição. Throughout the interview, the researcher addresses her involvement parallel to her trajectory with the theme of soccer, the idea of creating the INCT, its main characteristic – which is its interdisciplinary and interinstitutional character – and the network of researchers linked to it. In addition, it addresses the production of knowledge in the Humanities about football and the importance of this social object for those who are dedicated to the investigative dimension and impacts on public policies and education.

Keywords: Carmen Rial. INCT. Brazilian football. Humanities.

“El fútbol pone en la agenda y ofrece visibilidad a temas importantes para el país”: conversación con Carmen Rial

Resumen: Entrevista con Carmen Rial, Coordinadora del Instituto Nacional de Ciencia y Tecnología – Estudios del Fútbol Brasileño, realizada por Cristiano Mezzaroba y Daniel Machado da Conceição. A lo largo de la entrevista, la investigadora habla de su implicación paralela con el tema del fútbol, de la idea de crear el INCT, de su principal característica – que es su carácter interdisciplinario e interinstitucional – y de la red de investigadores vinculados a él. También discute la producción de conocimiento en las Humanidades sobre el fútbol y la importancia de este objeto social para los que se dedican a la dimensión investigativa y su impacto en las políticas públicas y en la educación.

Palabras clave: Carmen Rial. INCT. Fútbol brasileño. Humanidades.

1) O Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Estudos do Futebol Brasileiro – que vamos resumir, aqui nas questões, à sigla “INCT Futebol” – teve sua aprovação em dezembro de 2022 com a Chamada CNPq n. 58/2022. Como coordenadora geral, gostaríamos que contextualizasse a respeito da ideia de criação deste INCT, como ele foi pensado, estruturado, e as perspectivas ali presentes naquele momento. Qual o desafio de propor um projeto sobre futebol brasileiro?

Na verdade, foi tudo muito rápido. Eu estava participando da articulação de um INCT de Estudos de Gênero, que seria liderado pela Miriam Grossi (UFSC) e, quando faltava mais ou menos duas semanas para a data limite de apresentação de projetos, ela desistiu de apresentar o projeto e me incentivou a fazê-lo com o tema do futebol. Conversei com o Luís Carlos Rigo (UFPEL – que, na época, estava em pós-doc em Florianópolis) no bar do CFH [Centro de Filosofia e Ciências Humanas/UFSC], se ele ajudaria a estruturar o projeto. Ele achou uma boa ideia. E aí incluímos a Caroline Almeida (Carol, UFPE) e a Mariane Pisani (Mari, UFPI) no grupo (que foram minhas orientandas no passado) e começamos a responder ao formulário do CNPq.

Então o projeto acabou sendo escrito a oito mãos e ainda coincidiu a sua escrita com um congresso, um colóquio que estava ocorrendo no Museu do Futebol em São Paulo, do qual participavam a Mari e a Carol, e elas, portanto, só podiam intervir

quando retornavam ao hotel. Eu e o Rigo em Florianópolis, a Mari e a Carol em São Paulo, e fomos estruturando o projeto. E, de fato, o “acaso”, como diria o Marshall Sahlins, teve papel importante no projeto. Se não fosse o incentivo da Miriam, eu provavelmente não teria pensado em apresentar a proposta, porque os institutos nacionais de ciência e tecnologia, eles são projetos de excelência que abrangem todas as áreas do CNPq, e a área das humanidades é apenas uma delas. E bem pequena. E os estudos de futebol dentro da grande área de humanidades poderiam, à primeira vista, parecer algo menor – nós sabemos que não é, que através do futebol podemos abordar os principais temas que interessam ao país, mas um comitê multidisciplinar poderia ter outra visão.

Desde o início, nós pensamos que o projeto deveria contemplar o que já se fazia em pesquisas sobre futebol no país e nos diversos núcleos e grupos de pesquisa do CNPq existentes. Sabíamos que na Antropologia tínhamos vários, mantínhamos encontros periódicos desde o primeiro deles, em 2000, na Reunião Brasileira de Antropologia organizada na UNB. E também na Sociologia, na Comunicação, na História, pois nos encontrávamos nas reuniões da ANPOCS. O Rigo trouxe a rede da Educação e da Educação Física, que eram áreas onde o futebol também estava muito presente.

Pensamos numa articulação desses grupos em quatro linhas de pesquisa, em designar coordenadores para essas linhas com bastante autonomia dentro do Instituto, e assim foi feito.

Essas redes eram no Brasil, mas não apenas no Brasil – eu, particularmente, participava de redes do exterior, especialmente as de esporte e migração; Mari, Carol e eu conhecíamos também pesquisadores que se encontravam nas Reuniões de Antropologia do Mercosul, e nós tentamos incluir esses pesquisadores no projeto. Enviamos convites e a grande maioria respondeu positivamente. Houve caso até de um pesquisador bastante importante, brasileiro, que respondeu quando faltavam dez minutos para o encerramento do prazo final de entrega do projeto. Nós o entregamos com dois minutos antes do prazo, foi então bastante corrida a sua estruturação, mas ele agradeceu muito à comissão, nós tivemos a nota máxima dos pareceristas.

Fiquei na coordenação, mas queria ter alguém numa vice-coordenação e uma espécie de coordenação-geral. Isso não é um requisito do CNPq, pois para a Instituição só conta uma coordenadora e comitê gestor, mas eu achei importante. Pensamos que a pessoa a assumir como vice teria que estar ligada a uma universidade, ou seja, o Rigo ou a Mariane, pois a Carol ainda não era professora. O Rigo foi em quem pensamos primeiro, por ter estado na origem da ideia. Mas ele abriu mão para a Mari, o que foi ótimo, pois saímos do Sul – ela está na UFPI. E como Mari tem facilidade de interagir nas redes sociais, ficou coordenando o diálogo da coordenação geral com o comitê gestor pelo Whatsapp, as postagens do INCT, além de acompanhar o trabalho dos bolsistas que foram distribuídos entre as linhas.

2) Com quase dois anos de ações pelo INCT Futebol, qual sua avaliação, neste momento, em relação àquilo que já foi realizado e da tua visão em relação às limitações e dificuldades que têm aparecido, neste trabalho de pensar o futebol brasileiro a partir de perspectivas científicas multidisciplinares?

De fato, temos só um ano de atividades no INCT Futebol, pois iniciamos realmente em agosto de 2023. O resultado do edital foi publicado em dezembro de 2022. E, antes de agosto, nós “preparamos a casa”, realizamos reuniões para organizar o trabalho, as linhas, a distribuição das bolsas, enfim...

Os objetivos para o primeiro ano no projeto eram bastante modestos, pensávamos em estruturar um *website* e realizar um encontro interno dos coordenadores das linhas de pesquisa, que são quem compõem o Comitê Gestor. Excedemos em muitos desses objetivos. O *site* foi estruturado e ficou muito lindo, emitimos notas públicas, realizamos *webinários*, a reunião interna (*online*) e criamos um *blog*. O *site* está estruturado, funcionando muito bem, sob a responsabilidade do Cristhian Cajé, e temos também no ar o *blog* “Bate-Pronto”, editado pelo Antonio Soares (UFRN) e pelo Vanrochris Hebert Vieira (UFSC), com diversos textos publicados, ISSN, tudo certinho.

As linhas têm trabalhado com bastante autonomia de seus coordenadores, realizando encontros mensais ou semestrais internos e *webinários* cujas gravações são posteriormente disponibilizadas no *site* com participantes do INCT ou convidados(as). Elas são lideradas por pesquisadores(as) que coordenam importantes grupos de pesquisa e têm longa trajetória no campo específico: Caroline Soares de Almeida e Wagner Xavier de Camargo (UNICAMP, Futebol de mulheres, de indígenas, paralímpico e LGBTQIA+); Daniel Machado da Conceição (UFSC) e Antonio Jorge Gonçalves Soares (Clubes, formação, carreira e migração de futebolistas); Luiz Carlos Rigo e Mauro Myskiw (UFRGS, Futebol de Várzea e Comunitário) e por Silvio Ricardo da Silva (UFMG) e Cristiano Mezzaroba (UFS, Mídias, torcidas e movimentos antirracistas no futebol).

Em agosto de 2024, tivemos nosso primeiro grande encontro presencial, em Florianópolis⁴, que foi liderado pela Mari Pisani e reuniu mais de cento e quarenta expositores de trabalhos em Grupos de Trabalhos (GTs), mesas-redondas. Ele contou com conferências de dois colegas argentinos, o Pablo Alabarces (UBA) e a Veronica Moreira (UBA). Além desses encontros no Brasil, nós realizamos outros no exterior⁵.

4. I Encontro INCT Estudos do Futebol Brasileiro: Produções e Epistemologias Futebolísticas e IV Simpósio de Futebol do NAVI.

5. Um *online* com pesquisadores portugueses especialmente ligados à Universidade do Porto e à Universidade de Lisboa (2023), organizado pelo Fábio Pinto (UFPEL). Organizamos em outubro de 2024 um encontro em Montevideo com pesquisadores latino-americanos que atuam na América do Sul, organizado, entre outros, pelo Luís Carlos Rigo, pelo Fábio Pinto e pelo Luciano Jahnecka (UDELAR). E estamos organizando, para dezembro, outro

Esses encontros promovidos pelo INCT Futebol são a fonte de artigos publicados em dossiês, no blog *Bate-Pronto*, e serão de coletâneas. Em andamento, temos diversos dossiês (como este na *Ambivalência* e outro na *Interthesis*), organizados pelas linhas e a publicação dos Anais do I Encontro INCT Estudos do Futebol Brasileiro: Produções e epistemologias futebolísticas, organizado pela Mari. Tivemos também um livro coeditado com o Ludopédio, *Futebol Popular*, que se tornou um parceiro do INCT, organizado pela Caroline Almeida e os colegas do Ludopédio Enrico Spaggiari e Raphael Ribeiro. O Ludopédio tem um trabalho de vários anos na área do futebol. E temos outro da Linha de Futebol de Várzea, sendo editado, com mais de dez capítulos. Os dossiês posteriormente poderão resultar em livros.

Então, em termos do Brasil, o que se tem é uma rede que contempla o projeto, mas que está em expansão, estamos incluindo novos(as) pesquisadores(as) e parcerias institucionais. Mensalmente envio ao CNPq uma lista, com nunca menos de 15 novos nomes. Isso mostra o quanto esse campo, hoje, é abrangente. E ampliando também internacionalmente. Somos atualmente uns 162 pesquisadores(as), 24 dos quais de instituições no exterior.

De modo geral, acho que esse foi um ano muito produtivo.

3) Você é jornalista e antropóloga de formação. Gostaríamos que contasse sobre tua trajetória acadêmica e profissional no sentido de se compreender como a Carmen Rial, então, passa a pensar a constituição do INCT Futebol e a observar e tratar o futebol como fenômeno social e cultural na sociedade brasileira. Comente, por favor, sobre tua trajetória e relação com o futebol.

A minha relação com o futebol é longa, como é o caso da maioria de quem ama este esporte. Desde que eu me lembro como pessoa, gostei de futebol, isso por influência do meu pai. Ele assinava diversos jornais e, já na infância, eu lia as páginas esportivas de jornais dos lugares onde moramos: Porto Alegre, São Paulo, Campinas e Rio de Janeiro. *Correio do Povo*, *Diário de Notícias*, *Jornal do Comércio*, *Folha da Manhã*, *Folha da Tarde* e *Zero Hora*; *Estadão* e *Jornal da Tarde*; *O Globo* e o *Jornal do Brasil*. Então muito cedo construí uma razoável enciclopédia futebolística, que tem sido útil.

O primeiro texto sobre futebol, que eu lembre, foi escrito nos anos mil novecentos e setenta, como trabalho final de uma disciplina da professora Noemi Brito, e era sobre o Esporte Clube Internacional e sua proposta de ser um “clube empresa” de um

com pesquisadores franceses e brasileiros que tenham publicado na França artigos de relevância. Além disso, temos participado propondo GTs e participando de Mesas em alguns Congressos no exterior – um congresso em Granada (2024) que era sobre feminismo, outro em Lisboa (2024), em Buenos Aires, (2024) e da 34ª RBA, em Belo Horizonte (2024), e na Reunião de Antropologia do Mercosul (2023), além de encontros na área de Educação Física.

futebol “moderno”. Nada a ver com as SAFs atuais. Era o tempo de dirigentes modernos, que tinham iniciativas precursoras, de um grupo conhecido como “Mandarins” – um apelido que pegou depois do coloradíssimo Luis Fernando Veríssimo tê-lo chamado assim em uma de suas colunas. O grupo era formado por Ibsen Pinheiro (depois, deputado federal), Ivo Pires, Claudio Cabral, Luiz Guimarães Falcão, Paulo Pontanova, Otávio Pellegrini, Hugo Amorim e Aldo Rosa. Eles tinham a proposta de ter um futebol mais pragmático, que unia força, técnica e velocidade.

Foi a época do Gilberto Tim como preparador físico. No texto descrevia isso e procurei mostrar o quanto essa proposta diferia do que era considerado o estilo brasileiro de jogar (tal como descrito por Gilberto Freyre, por Roberto DaMatta), e que, na verdade, este “estilo brasileiro” era uma expansão para todo território nacional de um estilo carioca de jogar. O Brasil é bem mais heterogêneo do que o que se lê neles, e nossos estilos de jogar são múltiplos. Seja como for, a proposta dos Mandarins deu certo. O Inter até hoje é o único campeão nacional invicto, em 1975. Neste ano, sob o comando do técnico Rubens Minelli, o time excursionou pela Europa vencendo 12 e empatando uma das partidas amistosas que disputou.

Em 1978 eu passei a trabalhar no Departamento de Esportes da Rádio Gaúcha, época da Copa do Mundo da Argentina, e trabalhei ali até 1982, depois da Copa do Mundo da Espanha, quando me transferei para Florianópolis, porque passei no curso de Jornalismo na Universidade Federal de Santa Catarina. Eu gostava muito do trabalho na Rádio Gaúcha, nem considerava um trabalho de fato, pois, embora às vezes ficasse das 8h da manhã às 10h da noite (em dias de jogos muito importantes), se não estivesse ali, estaria, provavelmente, ouvindo a rádio em outro lugar. E nos dias normais podia fazer poucas horas, o que me permitia continuar estudando. Só deixei a Gaúcha porque a Antropologia e a pesquisa eram desafios maiores, já estava no mestrado e achei que a Antropologia era uma carreira mais incitante que o Jornalismo.

Em 1987 escrevi um segundo texto sobre futebol, e dessa vez publiquei-o. Era uma matéria pequena no jornal *Mulherio*, sobre a cobertura machista da mídia sobre os jogadores do Grêmio que tinham estuprado uma menina de 13 anos em Berna, na Suíça. Esse artigo, na época, não teve grande repercussão, pelo menos não fiquei sabendo de ecos – depois, soube que ele tinha sido republicado em dois jornais de sindicatos no Rio Grande do Sul. Porém, quarenta anos depois, a matéria reapareceu nas mídias sociais, e teve um grande impacto – fui procurada pelo Globo Esportes, pelo Redação do SportTV, ela foi citada por Djamilia Ribeiro, pela Flávia Oliveira, enfim.... Mais importante, foi propulsor de alguns movimentos contra a contratação tanto de um técnico que tinha participado desse estupro coletivo na Suíça, quanto de outro jogador que tinha sido condenado por estupro na Itália. E até hoje recebo pedidos para falar sobre

o caso – esta semana, de duas estudantes da PUC de Minas. Foi a primeira incursão ao modo como a mídia tratava o futebol.

Porém, nem em minha dissertação de mestrado, nem na minha tese de doutorado tratei do futebol. Ou seja, o futebol era para mim um prazer, não uma atividade vista como antropológica e séria, como acadêmica. Mas o futebol esteve sempre presente de algum modo no que fazia. O primeiro artigo que publiquei numa revista acadêmica (Rial, 1988), já falava em futebol. Tratava da globalização publicitária, analisando peças publicitárias que tematizavam o esporte. Globalização, nessa época, era um conceito bastante usado na publicidade, mas ainda raro nas Ciências Sociais, nas quais passou a ser usado a partir dos anos 1990. Ali já esbocei ideias que seriam desenvolvidas na tese de doutorado. As peças analisadas – publicidade da Coca-Cola – tinham como protagonistas Zico no Brasil, Maradona na Argentina, um jogador de cricket na Índia e um de beisebol nos Estados Unidos; ou seja, o enredo era basicamente o mesmo, mas respeitava especificidades locais. Globalização comportava um movimento de homogeneização e também de heterogeneização.

Em 1995 publiquei um artigo (Rial, 1995) no qual analisei anúncios veiculados no Brasil durante a Copa do Mundo de 1994, mostrando que era só em ocasiões especiais, como são os megaeventos esportivos, que os negros eram representados em situações iguais as em que os brancos apareciam. Em outros momentos, eram apenas trabalhadores braçais. Ou seja, quando o Brasil se representava como nação, em disputa com outras nações, aí eram acionados para atestar nossa diversidade – no esporte, na música. Claro que isso mudou muito, passados 30 anos.

Mais adiante, voltei a analisar a mídia e como representava o futebol (Rial, 2003). Comparei a retórica de uma transmissão televisiva de uma partida de futebol com a de um documentário cinematográfico. Estava em diálogo com a Antropologia Visual, com Marc-Henri Piau e Jacques Aumont. O futebol é um esporte agonístico (para pensar nos termos do Roger Caillois), mas nele há também muito de mímica, de performance, de teatro – e busquei mostrar como isso impacta a construção de uma identidade nacional e de gênero.

Só me dei a autorização para pesquisar futebol depois que defendi o doutorado e achei que tinha cumprido com todas as obrigações escolares. Então, foi com um projeto para o CNPq, sobre a emigração de futebolistas brasileiros, que eu realmente posso dizer que iniciei a minha trajetória nesse campo.

Iniciei com jogadores que tinham retornado do exterior. As perguntas preliminares desse projeto vieram das afirmações que lia na mídia e entre intelectuais da época que qualificavam esses jogadores como “mercenários”, que teriam ido para o exterior com o único objetivo de ter dinheiro; como “consumistas”, cuja meta na vida era ter

bens de luxo; e como “estrangeiros”, pois teriam perdido qualquer sentimento de pertencimento ao Brasil. Mercenários, consumistas, estrangeiros. Essas foram as perguntas iniciais da pesquisa: seriam eles mercenários, consumistas e estrangeiros? No Brasil se falava, portanto, de uma *perda*. Eu queria ver o que realmente estava ocorrendo. Hoje isso parece pouco credível, mas eram essas as qualificações que mais apareciam na mídia na época. É bom lembrar que não tínhamos, como agora, jornalistas brasileiros espalhados pela Europa – os correspondentes. Eram raros os que iam entrevistar os jogadores no exterior. Há uma gravação de uma mesa que organizamos na 58ª Reunião Anual da SBPC, ocorrida em 2006 em Florianópolis, na qual a querida Simone Guedes fala sobre como a mídia via esses jogadores – e intelectuais também – e logo em seguida eu apresento os primeiros resultados da minha pesquisa etnográfica com os futebolistas, no exterior, que contradiziam frontalmente essas representações.

Iniciei-a antes de ir pesquisar na Europa, comecei no Nordeste do Brasil, em Fortaleza e na Bahia, entrevistando jogadores com passagem pela Ásia e pelo norte da Europa. Essa pesquisa coincidiu com um convênio que nós estabelecemos com a Universidade de Cádiz⁶, então eu pude passar um tempo nessa universidade dando aula e fazendo pesquisa. Inicialmente, tinha pensado em pesquisar alimentação na Andaluzia, já que alimentação tinha sido o tema da minha tese de doutorado, mas, chegando lá, percebi que, nos clubes da cidade de Sevilla (Sevilla fica próximo à Cádiz), tinham contratado muitos jogadores brasileiros. Seis, na verdade. E um deles inclusive tinha sido a transação futebolística mais cara jamais realizada. Então eu decidi prosseguir a pesquisa que eu tinha iniciado no Nordeste, contatando os brasileiros dos clubes Betis e Sevilla. Estavam lá, na época, o Ricardo Oliveira, que foi o meu principal interlocutor, o Edu, o Marcos Assunção e o Denílson no Betis; o Daniel Alves, o Adriano, o Luiz Fabiano e o Júlio Batista no Sevilla. Foi uma pesquisa que durou vários meses, em que eu pude conversar com eles em mais de uma ocasião, encontrá-los fora do centro de treinamento e, com dois deles, o Ricardo Oliveira e o Edu visitar as suas casas e falar com as esposas – as outras esposas estavam no Brasil. E, a partir daí, desse momento inicial, resolvi pesquisar prioritariamente os *happy few*, os cerca de 500 futebolistas que atuavam na Europa.

Por conta de um outro convênio da CAPES, com a Universidade de Wageningen⁷, pude ficar nos Países Baixos por um tempo longo também. Lá fiz contato com o PSV Eindhoven, porta de entrada de muitos brasileiros famosos, e onde estavam o

6. Por iniciativa da Cláudia, que tinha feito seu “sanduíche” lá (e do Oscar Calávia Saez, meu colega então), hoje professora na Ecole des Hautes Etudes em Paris, que conhecia o grupo de professores de lá. Ela tinha defendido, em 2005, a tese no PPGAS intitulada “O véu que (des) cobre: etnografia da comunidade árabe-muçulmana de Florianópolis”.

7. Participei de Convênio CAPES/NUFFIC, coordenado pela minha colega Júlia Guivant.

goleiro Gomes e o zagueiro Alex. Estive também em Almelo, Groningen, Rotterdam, Alkmaar... E, além dos futebolistas brasileiros que atuavam em clubes nessas cidades, contatei seus familiares, técnicos, agentes, dirigentes. E, mais tarde, por conta de outro convênio, dessa vez com a Universidade Livre de Amsterdam, pude estar em Amsterdam em diferentes anos e visitar muitos desses clubes⁸.

E fui passando de um país a outro, colhendo o material que resultou num primeiro artigo publicado na Espanha. Esse artigo sobre a emigração de futebolistas brasileiros para a Espanha (Rial, 2006) até hoje é bastante acessado. Ele serviu de base para escrever o segundo artigo, *Rodar* (Rial, 2008), publicado no *Horizontes Antropológicos*, em 2008, que é o mais conhecido e, de certo modo, antecipa as questões que enfocaria com mais detalhes nos textos subsequentes. Já tem ali algo sobre a importância da religião para os futebolistas pesquisados, que analisaria com mais vigor no artigo da *Banal Religiosity* (Rial, 2012) e em capítulos de livros publicados no exterior (Rial, 2012). “Rodar” é uma categoria dos futebolistas, que remete a uma característica do movimento presente nessa emigração, que consiste em não se estabelecer em um país, senão passar de um país a outro.

Nesse momento foi muito importante o contato que eu tive com a Bela Feldman-Bianco e com o grupo dela, que tinha um projeto PRONEX sobre migração. O Brasil sempre foi um país que atraiu imigrantes e, a partir dos anos 1990, passou a enviar mais do que receber. Resultado de um momento da globalização (não apenas da crise econômica por que passou o capitalismo, mas também por outras motivações que o encurtamento do espaço e do tempo trouxeram). Muitas das questões que estavam sendo analisadas em termos de imigrantes brasileiros nos Estados Unidos, em Portugal, dentro desse projeto passaram a ser também minhas questões, buscando ver a especificidade da emigração dos futebolistas numa perspectiva que levava em conta a emigração de brasileiros de modo mais geral. Passei, inclusive, a questionar teoricamente as categorias que os estudos de migração utilizavam na época para tratar desses sujeitos deslocados.

Além das publicações, um dos modos de fazer redes e conhecer colegas que pesquisavam na área, sempre foi a participação em congressos internacionais. E o esporte fez parte disso mesmo antes de pesquisar futebol. Apresentei, por exemplo, o trabalho “Esporte e masculinidade” sobre rúgbi, em Quito, no Equador, em 1997, durante o 49º Congresso Internacional dos Americanistas.

8. Coordenei com Freek Colombijn (Univ. Livre de Amsterdam) o projeto CAPES/NUFFIC “Economia circular: antropologias do lixo/resíduos sólidos e experiências inovadoras entre Holanda e Brasil”, que envolveu 10 pesquisadores brasileiros e holandeses em missões no exterior e resultou em livro, dossiês, eventos, artigos e capítulos, no período e antes dele.

Também o fato de lecionar em outras universidades foi importante. A estadia no ICSTE, em Lisboa, me abriu portas para diversos congressos e publicações na Europa, passando a integrar a Foominet (rede internacional de pesquisadores sobre migração de futebolistas, liderada pela Sine Agergaard e pela Nina Tiesler). A Foominet, mais tarde, se transformou na atual *Sport Migration Network*, com a qual o INCT Futebol tem estreitos contatos.

Apresentar trabalhos em congressos no exterior, viajar para outros países, me possibilitava realizar trabalho de campo. Por exemplo, quando fui à Austrália para um congresso no leste do país, em Perth, aproveitei a longa viagem para ir a Melbourne, Adelaide e Sidney. Pude visitar estádios, observar treinos, conversar com jogadores (não muitos, pois infelizmente a maioria estava em férias) e passei algumas horas na casa de um deles, com sua esposa e filho.

A viagem rendeu observações valiosas para o texto “Black Kaká” (Rial, 2016), que publiquei num livro organizado pelo antropólogo inglês John Gledhill, que completaram as observações que tinha feito em outros clubes considerados menores na hierarquia do sistema futebolístico, especialmente em Marraqueche, no Marrocos, onde realizei a conversa com dois atletas brasileiros do Kawkab Athlétique Club, Jeferson e Kledson – este último foi quem deu origem ao título “Black Kaká”. Quer dizer, Kaká noir (Kaká negro) foi como chamei os jogadores que estão na África e na Ásia (Hong Kong, Tailândia, entre outros), fossem brancos ou negros, a partir do comentário dirigido por um futebolista marroquino ao Kledson. No Japão entrevistei três jogadores do Tokyo Verdy, que, como no Marrocos e em tantos outros lugares, não tiveram grande visibilidade no Brasil, mas tiveram uma espécie de contágio da imagem dos grandes jogadores brasileiros como Kaká. Isso os coloca no mercado do futebol, no sistema futebolístico, com algo mais, um *surplus* étnico. Na Espanha, costumava-se dizer: “Ponga un exótico em su club”, para dar mais visibilidade. E os exóticos são os sul-americanos, os *Sudacas*. Isso é algo que eu estava interessada em observar.

Na maioria das vezes, busquei ficar vários dias no lugar, mas, em alguns casos – como por exemplo, em Hong Kong, fiquei apenas um dia e ainda assim consegui realizar entrevistas e fazer observações. Isso foi possível dada a familiaridade com os tempos/espacos do futebol, adquirida nos meses que passei na Andaluzia observando o Betis e o Sevilla e em Eindhoven, observando o PSV. Grandes ou pequenos, os clubes inseridos no sistema futebolístico organizado pela FIFA têm uma organização e uma rotina muito semelhante, o que facilitava o trabalho de campo. Mudava a escala, mas não as práticas. E assim foi possível realizar uma etnografia multissituada (Marcus, 1995) geograficamente. O que não o seria sem a conjunção de duas condições: o conhecimento aprofundado do objeto de estudo por um tempo prolongado passado num local, tal

como preconiza uma Antropologia mais tradicional, e um objeto que tenha uma organização relativamente homogênea em termos de espaço (centro de treinamento, estádio, academia) e tempo (horário de treinamento, de concentração, dos jogos, de folgas).

Outro *atout* da pesquisa foram os pós-doutoramentos realizados no exterior. Foram muitos, e permitiram observações mais prolongadas em diversos países: na França, em Paris, que considero minha segunda casa, e para onde fui uma vez ao ano nos últimos 20 anos, mas também nos Estados Unidos, onde passei dois anos na costa Oeste, em Berkeley.

Para Nova York, tenho ido duas vezes por ano nos últimos 3 anos, por conta do meu trabalho no Conselho da *Wenner-Gren Foundation*, e, claro, aproveito para ver algo de futebol – o estádio em New Jersey é facilmente acessível por metrô, mas difícil conseguir ir por conta do trabalho, fui só uma vez para assistir a uma partida. Agora na Sexta Avenida, perto do hotel onde fico, há uma grande loja de esportes, com arquibancada e telão, onde passam ao vivo os jogos da *Premier League*, entre outros, e costumo dar uma passada lá para tirar a temperatura de quem é quem no cenário dos Estados Unidos. Uma camiseta do Messi do Inter Miami pode chegar a U\$D 400, mais de 2 mil reais! Chama-se Pelé, o que é significativo do que ele fez pelo *soccer* no país. Em Nova York, participo também de dois grupos de pesquisa da Columbia University, com os quais tive contato durante o pós-doc na City University of New York (CUNY), em 2017: o grupo do *Religion Seminar*, onde já fiz uma palestra em 2016, e o grupo do *Brazilian Seminar*, para o qual também já falei, mas não sobre futebol. E os dois vão ter uma sessão conjunta agora em final de outubro, onde farei uma palestra.

Também tive estadias bem produtivas em Toulouse, em Hradec-Králové (na República Tcheca), em Montevidéu... Sempre gostei muito de dar aulas no exterior, pois é um modo de experienciar diferentes academias e trazer bons exemplos para a UFSC. E, claro, elas têm sido também um modo de entrar em contato com meu campo de pesquisa. Continuei a ter uma intensa participação em congressos em países estrangeiros⁹, sem perder de vista os brasileiros¹⁰. Na verdade, não foram poucos os países visitados. Além dessas estadias acadêmicas – como professora, pesquisadora ou em congressos –,

9. Com o trabalho "Futebolistas brasileiros na Europa: migração ou circulação?", no Seminário de Estudos sobre Imigração Brasileira na Europa, em 2010. Também em Barcelona, apresentei o trabalho "International migration of women footballers: causes, subjective experiences and consequences", no Congresso de Feminismo na Universidade Autônoma Barcelona. E apresentei o trabalho "Rodar: the movements of Brazilian soccer player abroad" no Congresso da International Union of Anthropological and Ethnological Sciences (IUAES), the Australian Anthropological Society (AAS) and the Association of Social Anthropologists of Aotearoa / New Zealand (ASAANZ) Conference, em Perth (2011).

10. Apresentei o trabalho "Jogadores brasileiros na Espanha: emigrantes guetos sexuais globalizados" na IX Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM), ocorrida em 2011, em Curitiba. E, neste mesmo evento, com Wagner Camargo, apresentamos o trabalho Circulação de desejos: competições esportivas gays sob investigação.

fiz duas voltas ao mundo, literalmente, comprando a passagem “volta ao mundo”, que é algo muito interessante de se fazer, ainda que custe caro.

Mais recentemente, tenho pesquisado gênero e sexualidade – especialmente no Brasil pós-liberação. Tenho mostrado que o futebol foi praticado por mulheres de classes sociais subalternas, negras e lésbicas. O futebol de mulheres (e não apenas no Brasil) deve muito nos seus inícios às lésbicas negras, embora a orientação sexual tenha sido ocultada. Por meio dos regulamentos dos organizadores dos torneios, da mídia e até nos trabalhos acadêmicos. A temática apareceu nas etnografias da Caroline Almeida (sobre o clube Radar) e também na da Mariane Pisani, e depois no meu trabalho de campo e nas entrevistas que fiz com futebolistas.

A homofobia, ainda que presente hoje no futebol – e muito presente na história do futebol –, está diminuindo nos últimos anos. As jogadoras que “estavam no armário” (para usar uma categoria da Eve Sedgwick) agora aparecem com suas esposas, suas companheiras, dedicam gols abertamente a elas nas redes sociais e até na TV Globo, que é a maior máquina da mídia brasileira. O espaço ainda é muito homofóbico, mas há mudanças, e vimos isso durante os megaeventos, como as Copas do Mundo e as Olimpíadas.

Na estadia mais recente (2023-2024) no exterior, em que estive em Washington D.C., ocupando a cátedra Ruth Cardoso na Universidade de Georgetown, pude lecionar uma disciplina sobre o Brasil a partir do futebol, *Brazilian Society: Soccer & Culture in Brazil*. Era uma disciplina optativa, e nas optativas geralmente poucos alunos se matriculam, e esta teve 16 matriculados, entre graduandos e pós-graduandos, um número normal para nós, mas que foi tido como uma grande afluência. Foi muito interessante, eu tinha feito um certo ensaio no curso na graduação de Ciências Sociais no semestre anterior e foi muito prazeroso poder falar de temas centrais ao Brasil por meio do futebol¹¹.

Morar em Washington D.C. – que é uma cidade maravilhosa de se viver, com alguns dos melhores museus do mundo, muitos parques, bibliotecas, muitas universidades que oferecem concertos musicais variados, e um fabuloso centro cultural, o Kennedy Center, com teatros e salas para apresentações musicais – permitiu também levar adiante as pesquisas sobre o futebol de mulheres. Vou me deter um pouco mais nessa experiência, pois é a mais recente. Tratei da instituição de uma lei na educação que garantiu a igualdade de gênero e que incluiu umas poucas linhas com um enorme (e provavelmente inesperado) impacto no campo esportivo do país, o Title IX. O projeto *The struggle for gender equality on the pitch* teve este resumo:

11. Este é o início da ementa: “Entre as muitas maneiras de abordar a cultura e a sociedade brasileira, escolhemos analisar o futebol e seus praticantes. Usamos o futebol como uma lente para examinar questões centrais no Brasil, que também são importantes na região e em todo o mundo, incluindo: migração e mobilidade, raça e racismo, religião, gênero e sexualidade. A disciplina pode ser vista como um curso sobre a cultura brasileira, que usa o futebol como guia para iniciar a conversa.”

Os Estados Unidos foram um dos países pioneiros em legislações para promover a igualdade entre mulheres e homens no esporte, por meio do famoso Título IX, que foi “mais bem-sucedido do que outras leis contra discriminação de sexo, pelo menos em inserir mulheres em arenas tradicionalmente reservadas para homens e em mudar normas culturais no processo.” (Brake, 2010, p. 2) O esporte é uma dessas arenas. Quando a equipe feminina de remo da Universidade de Yale escreveu o Título IX em seus corpos nus em frente ao escritório do diretor de esportes em 1976, elas trouxeram essa lei federal que proíbe a discriminação sexual para o esporte. O Título IX se refere a programas educacionais financiados pelo governo federal, mas repercutiu em muitas outras áreas, melhorando cada vez mais as condições para as atletas nos EUA. O projeto de pesquisa que pretendo realizar examinará as medidas tomadas pela seleção nacional feminina de futebol dos EUA para alcançar a igualdade salarial com a equipe masculina.

A lei foi assinada por Nixon – ele não deve ter tido a menor ideia do impacto que teria nas relações de gênero, tanto é que quando a apresentou não fez nenhuma menção a esse parágrafo. Uma vez iniciada a pesquisa na Biblioteca do Congresso, nos arquivos da *Senate House* e da *House of Representatives*, o projeto mudou, pois encontrei dados preciosos e a questão da sexualidade revelou-se central. Isso porque a lei promulgada passou por diversas regulamentações. Originalmente, o texto prescrevia igualdade entre “os sexos”. “Gênero” não era uma categoria usada na época, ela foi incluída no lugar de “sexo” no governo de Obama. Atualmente, o debate, impulsionado por conservadores e feministas radicais, é para voltar a se usar a palavra “sexo”, o que retornaria o tema da igualdade para uma dimensão biológica e não social. E, assim, excluiria transmulheres de equipes femininas.

A estadia nos Estados Unidos permitiu falar sobre futebol também em palestras¹²; realizar observações no Audio Stadium do Washington Spirit (equipe de mulheres) e ver publicado um artigo que estava no prelo, “Football, lesbianism and feminism in Brazil: subversive acts” (coautoria com a Caroline Almeida), na revista *Soccer and Society*.

Publicar no exterior tem sido uma opção, pois penso que é importante internacionalizar o que produzimos no Brasil. Uma opção que tem como contrapartida negativa o fato de ser menos lida no Brasil – traduzir alguns desses artigos é uma tarefa que tenho adiado e adiado. O que tenho tentado, apesar do pouco tempo para escrever, é publicar textos para o nosso novo *blog* do INCT Futebol, o *Bate-Pronto*¹³.

12. Palestra “Football (and music about foot) in Brazil”, na aula de Bryan McCann (Georgetown University), e palestra “Kicking inequality: charting the path to gender equity in brazilian football” no evento promovido pelo Center for Latin American Studies (CLAS), Walsh School of Foreign Service (Georgetown University).

13. Publicação dos textos “À Daiana Muniz – e a todas as mulheres que não sabem ver” (com Miriam Grossi), “O bocejo da jovem em Roland Garros – o que isso tem a ver com o tempo no esporte”; “O Caribe do ‘menino Neymar’ e os marinheiros russos e E as Bets? Devemos proibir os pobres do Bolsa Família de apostar?” (<https://www.inct-futebol.com.br/batepronto>).

Nos últimos anos, por conta de minha inserção no Conselho Mundial de Associações Antropológicas (WCAA), continuei e até aumentei a frequência dessa participação em congressos estrangeiros, mas nem sempre apresentando trabalhos com o tema de futebol e mais sobre a política acadêmica e, especialmente, a política de publicações. Ainda assim, e como atualmente estamos em muitos lugares simultaneamente por conta do Zoom, Google Meet e Youtube, também participei *online* de colóquios sobre futebol em Coimbra, em Paris e aqui no Brasil¹⁴.

4) Um dos pressupostos de atuação do INCT Futebol é a perspectiva multi e interdisciplinar, agregando agentes do campo acadêmico-científico, mas também instituições diversas, como clubes esportivos, agentes políticos, entre outros(as). Gostaríamos que comentasse a respeito dessa perspectiva interdisciplinar no olhar e nas ações que envolvem o futebol brasileiro a partir do conjunto de ações do INCT Futebol. Além disso, perguntamos: como a academia pode contribuir para o campo do futebol e como os agentes do futebol podem contribuir com a academia? Ou, como é possível estreitar o diálogo entre academia e agentes do futebol?

Desde o início, a proposta era que o INCT Futebol fosse uma rede de pesquisadores(as) de diferentes inserções disciplinares. Incluindo as diferentes disciplinas nas quais os estudos de futebol estão bem enraizados hoje: Antropologia, Sociologia, Política, Educação Física, Comunicação e Geografia. Mas também – por que não? – Relações Internacionais e Filosofia, e até, como nós vimos no recente encontro, Museologia. Há grupos de pesquisa e há pesquisadores(as) em todos esses campos no INCT. Ou seja, a perspectiva interdisciplinar está plenamente enraizada entre nós.

Isso ainda não se pode dizer sobre o diálogo com os formadores de políticas públicas. Nossa ideia era também fazer com que o Instituto tivesse uma relação forte com agentes de políticas públicas. O futebol é um instrumento importantíssimo, não só por ser o evento mais assistido no planeta, a Copa do Mundo com uma audiência de bilhões, mas também porque ele acaba tendo um espaço na mídia brasileira que dificilmente se obtém quando se trata de outros temas. Então, desde o início, quisemos manter diálogos com o Ministério do Esporte e tivemos, inclusive, já uma reunião com esse Ministério, assim como Federações.

Na abertura do encontro em Florianópolis, contamos com a presença de um representante da Federação Catarinense de Futebol e participamos de uma primeira

14. No Encontro Internacional Futebol e Sul Global, em Coimbra, com a apresentação “Futebol em Portugal e no Brasil - estudos precursores”; no Encontro Histoire et Sociologie Critique du Football: études et perspectives scientifiques en France, Brésil et Uruguay, com apresentação “Football au Brésil et en France: histories parallèles” – os dois encontros organizados pelo Fábio Pinto, do INCT e da Universidade de Pelotas; e do I Seminário Interno INCT Futebol, organizado pela Mariane Pisani.

reunião na UFSC, onde o INCT, a convite da reitoria, discutiu com os clubes de futebol (embora apenas representantes do Avaí tenham comparecido) maneiras de prevenir o racismo nos estádios. Além disso, elaboramos um projeto propondo a construção de campos de futebol junto às escolas de ensino fundamental, para que esses espaços sejam abertos não apenas para os meninos, mas também para as meninas e para a comunidade LGBTQIA+, que frequentemente enfrenta grandes dificuldades para acessar os campos de várzea, há um certo constrangimento em entrar em um espaço tradicionalmente masculino. Esse projeto que se chama “Pelé pra Sempre” foi elaborado por uma arquiteta, teve o aporte de especialistas em gramados e tem um orçamento enxuto, mas que garante condições mínimas para essa prática, com vestuários previstos em contêineres, algo prático. Nós tentamos que fosse implementado utilizando um edital do Ministério do Esporte aberto aos municípios – isso nos foi aconselhado nessa reunião que tivemos com representantes do Ministério –, enviando para diversas prefeituras em Santa Catarina, mas não houve grande interesse das prefeituras em levar adiante. Vamos ver se agora, no Rio Grande do Sul (já temos contatos de assessores do Ministro Pimenta), haverá essa abertura. Seria muito importante para a democratização da prática ter esses campos implementados.

5) Do ponto de vista acadêmico-científico, como você analisa a produção bibliográfica brasileira dos anos 1980 para cá, considerando os primeiros textos que surgem com a obra “Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira”, organizada por Roberto DaMatta, Luiz Felipe Baêta Flores, Simoni Lahud Guedes e Arno Vogel?

É fácil comentar a produção dos anos 1980 e 1990 porque éramos poucos. E os nossos antecedentes, os clássicos, eram poucos (DaMatta, 1982; Leite Lopes, 1992). Cábamos numa sala – e era assim, nas salas do GT da ANPOCS, da ABA e da RAM, que eram os congressos de Ciências Sociais e de Antropologia que frequentávamos. Mas neste século... Multiplicou-se de tal modo que é difícil acompanhar.

E essa produção internacionalizou-se. Passamos, por exemplo, a participar dos congressos da IUAES (International Union of Anthropological and Ethnological Sciences), que agora tornaram-se congressos da WAU (World Anthropological Union). Eu participo deles desde 1993, mas eram poucos brasileiros então, e ainda que houvesse espaço para se falar de futebol em grupos ou mesas, não lembro de GTs e mesas especificamente sobre esporte. Isso mudou. A IUAES tem agora uma Comissão de Antropologia do Esporte, que foi iniciativa dos brasileiros, oficialmente instaurada no Congresso Mundial organizado aqui em Florianópolis, em 2018, e que foi inicialmente liderada por um brasileiro, o Luiz Rojo (agora está com o Thomas Carter e com a Livia Salvekova).

Na Índia já tivemos um GT de Futebol – iniciativa do INCT Estudos do Futebol Brasileiro – e outro sobre esporte. E na África do Sul, em Johannesburg, onde o Brasil estará com a maior entre as delegações presentes, teremos novamente dois GTs sobre o futebol, organizados pelo INCT Estudos do Futebol Brasileiro. Isso na Antropologia. Mas imagino que o mesmo movimento ocorra em outros campos, nos congressos de Sociologia, de Educação, de Educação Física, de Comunicação... O interesse é geral. Vejo isso pela diversidade de proveniência dos estudantes que tenho na disciplina sobre futebol, que estou oferecendo na graduação de Antropologia neste ano. Tenho alunos(as) de todas essas áreas e até da Biologia – o Daniel (Daniel Machado da Conceição, UFSC) fez uma palestra sobre racismo para esta turma recentemente.

Então, é difícil comentar a produção bibliográfica mais recente citando autores, pois incorreria em esquecimentos. Multiplicou-se. Diversificou-se. Por exemplo, adorei os trabalhos a que assisti sobre Museologia no Encontro de Florianópolis. O legal é que não se perdeu a relação com esses primeiros trabalhos do campo, que já se tornaram clássicos.

6) Considerando tua inserção nesse contexto que envolve Humanidades e futebol brasileiro, quais grupos de pesquisa e quais agentes (pesquisadores/as) você destacaria àqueles e àquelas que estão iniciando sua aproximação à temática e são leituras imprescindíveis para aprender sobre futebol brasileiro e Humanidades? Sob a perspectiva metodológica, como você analisa os estudos e investigações que têm sido feitas? Comente a respeito, procurando destacar o que tem sido feito e o que pode ser feito em relação às formas de se fazer pesquisas sob as lentes das Humanidades ao focar no objeto “futebol brasileiro”.

Esta é uma pergunta importante, talvez devesse ser a primeira. Leituras imprescindíveis para enfocar o “futebol brasileiro”? Olha, o futebol sempre foi para mim uma porta de entrada para abordar outros temas. Usando a famosa máxima do Geertz, eu não estudo o futebol, mas *no* futebol. E aparece na fala de Pablo Alabarces: “Não faço futebol, faço antropologia”. Então, minha preocupação inicial ao indicar as leituras sempre é a mesma que tenho: qual é o seu problema de pesquisa? E as leituras que indico são as relacionadas com o tema, não necessariamente de quem escreve sobre futebol. Isso vem num segundo momento. E há hoje uma ampla literatura sobre futebol acessível *online* – a biblioteca do Ludopédio é exemplar, assim como o *site* do Scielo e de outros repositórios.

Dou meu exemplo pessoal. Quando fui estudar o deslocamento para o exterior dos futebolistas brasileiros, busquei uma literatura sobre migração. E os trabalhos do grupo da Bela Feldman-Bianco foram importantes para entender a situação no Brasil, e me levaram a ler a Nina Glick-Schiller – depois a encontrei para um café em Nova York, por conta da amizade que tem com a Bela –, o Michael Kearney, sobre transnacionalismo, a Maxine Margolis – que participava do Seminário sobre Brasil na Columbia Uni-

versity que frequentei. Mas também mais clássicos, como o do Abdelmalek Sayad, e no Brasil o da Giralda Seifert. Ou recentes – na época eram – como o Gustavo L. Ribeiro, o Parry Scott, a Denise Jardim, a Glaucia Assis Brasil e até trabalhos da etnologia indígena. A ideia do transmigrante foi importante porque eu vi jogadores na Europa que nas férias podiam ir para onde quisessem e voltavam para uma cidade bem pequena, uma até na Amazônia, uma viagem bem longa, para passar as férias, e eles tinham isso, uma presença ausente (de sua comunidade original) o tempo todo.

Quando quis estudar o momento por que passava o futebol com o incremento de sua mediatização, da circulação de jogadores, de capital, fui ler sobre globalização: o Arjun Appadurai, a Saskia Sassen, o Ulf Hannerz, o David Harvey – e me inspiraram para pensar a escala dos clubes e o conceito de clubes-globais, o de sistema futebolístico. E hoje não dá para pensar globalização sem focar a colonialidade – o Quijano, o Mignolo, a Maria Lugones, mas também o Fanon, o Mbembe.

Mais perto do futebol propriamente dito, o Richard Giulianotti, que gosto muito de ler, o Eduardo Archetti. Mas a ideia de *circulação* veio da Claudia Fonseca que estudava adoção em camadas populares (*sorry*, Bourdieu, por usar popular aqui), ou seja, não tinha nada a ver com futebol. Para pensar o pertencimento nacional, fui ler sobre nação no Ruben Oliven, “A parte e o todo”, e claro, no Benedict Anderson e no Michael Billig (e aí já tem bastante esporte), o que me levou de volta a Weber. Ou seja, são leituras da Antropologia e da Sociologia, predominantemente, que completo com o que escrevem colegas sobre futebol mais diretamente. Mas não só desses campos de conhecimento.

Quando fui pensar as transações dos futebolistas entre os clubes, a ideia de fronteira se tornou importante – agora poderia dizer também “as transações das futebolistas”, mas como comecei pelos homens, uso o masculino aqui. O que é uma fronteira para eles? Recorri a Marc Augé, sim, mas foram os geógrafos que me trouxeram melhores definições que pude adotar para uma possível resposta. E a literatura – Glória Anzaldúa, que também ajudou na ideia da vida em uma bolha, pelo contraste, não pela similitude do contexto descrito. Fronteira para ela é um lugar dramático, uma *zona sangrenta*, onde há emoção, morte. Ora, os futebolistas passam de um país a outro com muita facilidade, sem qualquer drama – o momento dramático é o da troca de clubes.

No mais, vivem em uma *bolha*. Hoje muito se fala em bolha para se referir ao cotidiano de futebolistas (e de outros profissionais), mas na época não se falava. Encontrei a palavra “bolha” lendo reportagem de jornal sobre o trânsito de um presidente norte-americano! O fato de viverem em bolhas ficou muito claro quando estive em Atenas conversando com jogadores e, especialmente, visitando a secretaria do Panatinaikos, vendo o modo como se protegiam ali os brasileiros do clube, contratando um secretário, abrindo contas nos bancos, buscando moradia, enfim (Rial, 2015).

Quando fui pensar o consumo e o estilo de vida, recorri a Veblen, a Bourdieu, e a quem já tinha lido para a minha tese sobre alimentação. Religião? Weber, Durkheim, Mary Douglas, Geertz, Talal Asad (!), Kingsley, Novak, mas também Ricardo Mariano, Ari Oro, Peter Fry e, mais perto do futebol, Da Matta, Augé, Gmelch (os dois últimos também pelo contraste).

Gênero, masculinidade? Mead, Rubin, Scott, Butler, Tillion, Grossi, mas também Bourdieu, Wacquant, Pitt Rivers... E, mais perto do futebol, Jean Williams, Brenda Elsej, Sine Agegaard, Nina Tiesler, meus ex-orientandos Wagner Camargo, Caroline Almeida, Mariane Pisani, Vanrochris Vieira.

Vigilância, violência, estádios, torcidas? John Bale, Veena Das, Foucault, Didier Fassin, Mark Maguire e, por que não, Bakhtin; e, mais perto do futebol, Pablo Alabarces, Veronica Moreira, Kike Toledo, Eduardo Araripe de Souza.

Então, é difícil apontar quais seriam as leituras imprescindíveis, pois dependem do objeto com o qual o futebol está em diálogo e, como no meu caso, podem vir de lugares insólitos e inusitados, de um livro de Geografia ou uma reportagem de jornal. Claro que alguns autores estão na base, funcionando como um substrato inconsciente, mas guiando o olhar sempre: Marx, Mauss, Lévi-Strauss, Simmel, Elias, Foucault, Bourdieu, Gilberto Velho, a Escola de Chicago e a de Manchester – mesmo que não raras vezes se oponham nas suas perspectivas.

Uma parte importante da minha seleção sobre futebol é em língua estrangeira. Tento que não sejam só autores do Norte global, que são mais acessíveis, sim, pois suas publicações estão nas grandes revistas e os seus livros podem ser baixados pelos *sites*, mas buscando autores da América Latina e da África – mais difícil acessar a China, claro, que publica menos em inglês se comparada, por exemplo, ao Japão. Temos que ter em vista essa geopolítica das publicações e tentar valorizar outras fontes que, às vezes, aparecem como menos legítimas academicamente, dentro de uma lógica de olhar preferencialmente para o Norte para buscar referências teóricas.

Agora, no Brasil, nos últimos tempos, tem proliferado o número de artigos e teses sobre futebol e é até difícil manter uma leitura atualizada. Tenho receio de deixar de fora nomes, e, por isso, vou me restringir aos “clássicos” – o que sempre é controverso, pois como classificar nessa categoria? Entram só os que já não escrevem mais? Os do século passado?

Metodologicamente, penso que tivemos uma virada neste século. Os clássicos (no século XX) não interagiram diretamente com os protagonistas do futebol, usavam fontes secundárias para pensar o futebol. O trabalho da Simoni já foi com futebolistas, trabalhadores, e tivemos trabalhos sobre torcedores que foram etnográficos. Mas, em geral, se escreveu tendo como fonte a mídia ou sobre o que se observava nos estádios.

O trabalho do Arlei Damo foi importante porque colocou os futebolistas novamente no centro. E fiz o mesmo, assim como orientei meus orientandos a fazê-lo. Assim, meio que surgiu uma escola no Sul do Brasil, onde a etnografia no velho sentido do termo estava presente.

7) Roberto DaMatta indicou que o futebol representa o drama social brasileiro. Nessa perspectiva como a modalidade pode/deve contribuir para a superação da discriminação de gênero e raça em nossa sociedade? O futebol pode servir também para isso?

Claro! Pode servir e muito. Roberto DaMatta fazia essa relação entre o futebol e a sociedade de modo mais geral (que, aliás, também está presente em outros, antes, Gilberto Freyre, Lima Barreto...). Para DaMatta, o futebol tinha um potencial pedagógico, de ensinar democracia e igualdade. Segundo essa ideia, as pessoas aprenderam a respeitar a lei não ouvindo os políticos no parlamento, mas assistindo aos jogos de futebol. O futebol proporcionava um espaço onde se cumpria regras iguais para todos, sem distinção de classe. Isso não ocorria em outros espaços onde a distinção de classes predominava sobre uma igualdade *fake*, que estava só na letra da lei. É uma ideia sugestiva, mas que tem recebido críticas por seu excesso – dizem os críticos que também o supermercado, a igreja ou o boxe teriam que ser vistos como fatores de democracia, já que todos participam deles.

Bem, eu não coloco o futebol no mesmo patamar que os supermercados. É fato que o futebol poderia ser visto também como uma escola de competição (muito apropriada ao capitalismo), de disciplina (às regras do treinador, dos dirigentes), de corrupção (lavagem de dinheiro, compra de jogos e, mais recentemente, manipulação de apostas), de violência (com os *holligans*)... Enfim, o futebol é uma escola para muitas coisas no Brasil. E menos uma “escola” no sentido de transmitir um ensinamento, e mais um holofote. O futebol coloca em pauta e dá visibilidade a temas importantes para o país. E o racismo, a homofobia, a desigualdade de gênero estão entre eles.

Claro que só vai ter alguma eficácia na “superação da discriminação de gênero e raça em nossa sociedade” se estiver acompanhado de leis. Se esses atos forem criminalizados. Tivemos grandes transformações nesse sentido com a Constituição de 1988 e com legislações depois dela. Estamos bastante à frente de muitos países na criminalização do racismo no futebol – basta ver o que ocorre na Espanha atualmente. Mas ainda temos muito a fazer em termos de igualdade de gênero e homofobia (por isso fui estudar o Title IX).

8) Por último, aproveitando que na semana do dia 05 a 07 de agosto de 2024, com grande êxito, foi realizado na UFSC o IV Simpósio Futebol – NAVI & I Encontro INCT Estudos do Futebol Brasileiro: produções e epistemologias futebolísticas, perguntamos: Qual sua avaliação sobre as discussões e pesquisas sobre futebol apresentadas durante o evento?

O encontro mostrou que nossa produção é extensa, de boa qualidade e diversificada em suas temáticas. Foram mais de 150 trabalhos apresentados, pude assistir a diversas sessões dos grupos de trabalho. Estou com o rascunho dos anais do encontro e penso ler com calma os trabalhos. Aí conversaremos melhor.

Referências

DAMATTA, Roberto (Org.). **Universo do futebol: Esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

LEITE LOPES, José Sérgio. A morte da alegria do povo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 7, n. 20, 1992, p. 113-134.

RIAL, Carmen. O jogo sutil da publicidade ou como transformar um símbolo nacional em valor-signo da Coca-Cola. **Revista de Comunicação e Artes**, v. 18, 1988.

RIAL, Carmen. Japonês está para TV assim como mulato para cerveja: imagens da publicidade no Brasil. In: ECKERT, C.; MONT-MÓR (Org). **Imagem em Foco: novas perspectivas em antropologia visual**. Porto Alegre/Rio de Janeiro: UFRGS/UFRJ, 1999.

RIAL, Carmen. Futebol e mídia: a retórica televisiva e suas implicações na identidade nacional, de gênero e religiosa. **Antropolítica**, v.14, n. 2, p. 61-80, 2003.

RIAL, Carmen. Futebolistas brasileiros na Espanha: emigrantes porém... **Revista de Dialectología y Tradiciones Populares**, v. LXI, 2006, p. 163-190.

RIAL, Carmen. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. **Horiz. antropol.**, v. 14, n. 30, dez. 2008. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832008000200002>.

RIAL, Carmen. Banal Religiosity: Brazilian Athletes as New Missionaries of the Neo-Pentecostal Diaspora. **Vibrant – Virtual Brazilian Anthropology**, v. 9, n. 2, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://www.vibrant.org.br/issues/v9n2/carmen-rial-football-and-religion>. Acesso em: 01 out. 2024.

RIAL, Carmen. ‘Devil’s Egg’: Football Players as New Missionaries of the Diaspora of Brazilian Religions. In: ROCHA, Cristina Rocha; ARTURO VASQUEZ, Manuel (Org.). **Diaspora of Brazilian Religions**. Leiden: Brill, 2012. p. 66-91.

RIAL, Carmen. Circulation, Bubbles, Returns: The Mobility of Brazilians in the Football System”. *In*: ELLIOT, Richard Elliot; HARRIS, John (Org.). **Football and Migration**. London; New York: 2015, p. 61-75.

RIAL, Carmen. From ‘Black Kaká’ to Gentrification: the New Motilities of Expatriate Brazilian Football Players. *In*: GLEDHILL, John (Ed.) **Anthropologies in Practice: Situated Perspectives**, Global Knowledge. London: Bloombury Publish, 2016. p. 77-94.

VERISSIMO, Luís Fernando. **Internacional, auto-biografia de uma paixão**. Porto Alegre: Ediouro, 2004.